

Ensaaios

Michel Eyquem de Montaigne



Livro II



Índice

Prefácio	4
A vida de Montaigne	5
I – Sobre a inconstância das nossas atitudes	11
II – Sobre a embriaguez	13
III – Um costume da ilha de Ceos	16
IV – Amanhã é um novo dia	21
V – Sobre a consciência	22
VI – A perfeição adquire-se com a prática	24
VII – Sobre as recompensas honoríficas	27
VIII – Sobre a afeição dos pais pelos filhos	28
IX – Sobre as armas dos partos	35
X – Sobre os livros	36
XI – Sobre a crueldade	40
XII – Apologia de Raymond Sebond	46
XIII – Como julgar a morte de outros	112
XIV – O que nossa própria mente impede	114
XV – Os nossos desejos são estimulados pela dificuldade	114
XVI – Sobre a glória	117
XVII – Sobre a presunção	122
XVIII – Do hábito de mentir	135
XIX – Sobre a liberdade de consciência	137
XX – Que nós nada provamos de puro	138
XXI – Contra a ociosidade	139
XXII – Sobre os despachos	141
XXIII – Sobre os expedientes nefastos empregados com um bom propósito	142
XXIV – Sobre a grandeza de Roma	143
XXV – Não fingir estar doente	144
XXVI – Sobre os polegares	145
XXVII – A covardia é a mãe da crueldade	145
XXVIII – Todas as coisas têm o seu tempo	149
XXIX – Sobre a virtude	150
XXX – Sobre uma criança monstruosa	152
XXXI – Sobre a raiva	153
XXXII – Defesa de Sêneca e Plutarco	156
XXXIII – A história de Espurina	158
XXXIV – Observação sobre os meios para conduzir uma guerra de acordo com Júlio César	161
XXXV – Sobre três boas mulheres	164
XXXVI – Sobre os mais excelentes homens	167
XXXVII – Sobre as semelhanças entre as crianças e seus pais	169

PREFÁCIO

A presente publicação pretende suprir uma reconhecida deficiência em nossa literatura – a edição completa dos *Ensaïos* de Montaigne. Esse grande escritor francês é digno de ser considerado um clássico, não somente em sua terra natal, mas em todos os países e em todas as literaturas. Os *Ensaïos*, que são imediatamente a mais célebre e a mais permanente das suas produções, constituem um repositório ao qual mentes como as de Bacon e Shakespeare não desdenharam recorrer; e, realmente, como observa Hallam, a importância da literatura francesa é em grande medida resultado do compartilhamento em que a mente dele influenciou outras mentes, contemporâneas e subsequentes. Mas, ao mesmo tempo, calculando o valor e a categoria do ensaísta, não podemos deixar de levar em conta as desvantagens e as circunstâncias do período: o estado imperfeito da educação, a comparativa escassez de livros e as limitadas oportunidades de relacionamento intelectual. Montaigne livremente emprestou de outros e achava que os homens podiam emprestar livremente dele. Não precisamos nos maravilhar pela reputação que ele parece com facilidade ter alcançado. Montaigne foi, sem se dar conta disso, o líder de uma nova escola de letras e moralidade.

O seu livro era diferente de todos os outros que naquela época circulavam pelo mundo. Ele desviou as antigas correntes de pensamento em novos canais, transmitindo aos leitores a opinião do autor sobre os homens e as coisas com uma franqueza sem precedentes, lançando o que deve ter parecido um novo enfoque de um tipo estranho sobre muitos temas ainda obscuramente compreendidos. Acima de tudo o ensaísta descascou-se a si mesmo, tornando propriedade pública o seu organismo físico e intelectual. Ele levou ao mundo as suas confidências sobre todos os assuntos. Seus *Ensaïos* foram uma espécie de anatomia literária de onde obtemos um diagnóstico da mente do escritor, feito por ele mesmo a diferentes níveis e sob uma grande variedade de influências operacionais.

De todos os egotistas Montaigne foi, se não o maior, o mais fascinante, talvez porque fosse o menos afetado e o mais verdadeiro. O que ele fez, e tinha professado fazer, era dissecar sua mente e mostrá-la para nós, o melhor que conseguisse (como realmente fez), e a sua conexão em relação aos objetos externos. Ele investigou sua estrutura mental como um estudante que desmonta o próprio relógio em partes para examinar o funcionamento do mecanismo; e o resultado, acompanhado por ilustrações abundantes de força e originalidade, entregou aos confrades da raça humana na forma de um livro.

Eloquência, efeito retórico, poesia, nada se afastava do seu desígnio. Ele não escreveu por necessidade; talvez apenas pela notoriedade. Mas desejou deixar à França, não, ao mundo, algo para se lembrar, algo que pudesse contar que tipo de homem ele fora – o que sentia, pensava, sofria – e alcançou um êxito, receio, muito além das suas expectativas. Seria bastante razoável Montaigne esperar que seu trabalho obtivesse alguma celebridade na Gascônia, e até mesmo, com o tempo, através da França; mas é pouco provável que pudesse prever como o seu renome se espalharia pelo mundo; como ele haveria de ocupar uma posição praticamente única como homem de letras e moralista; como os seus *Ensaïos* seriam lidos em todos os principais idiomas da Europa por milhões de seres humanos inteligentes que nunca ouviram falar de Perigord ou da Liga; os quais, se forem interrogados, ficarão em dúvida se o autor viveu no século XVI ou no século XVIII.

Essa é verdadeira fama. O homem de gênio não pertence a nenhum período ou país. Ele fala a linguagem da natureza, que é sempre a mesma em toda parte.

O texto destes volumes foi retirado da primeira edição da versão de Cotton, impresso em três volumes entre 1685 e 1686, em oitavo, e republicado em 1693, 1700, 1711, 1738 e 1743, no mesmo número de volumes e com o mesmo formato. Nas primeiras publicações os erros de imprensa foram corrigidos somente até a página 240 do primeiro volume, e todas as edições seguem aquele padrão. A de 1685-6 foi a única que o tradutor viveu para ver. Ele faleceu em 1687, deixando para trás uma interessante e pouco conhecida coleção de poemas que veio à luz postumamente, em 1689, impressa em oitavo.

Foi considerado imperativo corrigir cuidadosamente a tradução de Cotton intercalada com o *variorum* da edição original (Paris, 1854, em 4 volumes) e empreenderam inserir ocasionalmente nos pés de página as passagens paralelas de Florim do texto primitivo. Também foi recuperada uma *Vida do Autor* e todas as suas Cartas, em número de dezesseis; mas, em vista da correspondência, é difícil duvidar que esteja num estado meramente fragmentário.

Fazer mais que fornecer um esboço dos principais incidentes da vida de Montaigne parecia, diante da encantadora e competente biografia de Bayle St. John, uma tentativa tão improvável quanto inútil.

O pecado de todos os tradutores que atacaram Montaigne parece ter sido uma tendência de reduzir o idioma e a fraseologia dele ao idioma e fraseologia da época e país aos quais pertenciam, e, além disso, a inserção de parágrafos e palavras, não somente aqui e ali, mas constante e habitualmente, por um evidente desejo e propósito de elucidar ou fortalecer o pensamento do autor. O resultado era geralmente desafortunado; sinto-me compelido, no caso de todas essas interpolações sobre as disposições de Cotton – onde não as cancelei – a descartar as notas, por julgar incorreto permitir que Montaigne seja responsabilizado por coisas que jamais escreveu; e relutante, por outro lado, de suprimir completamente essas matérias intrometidas, onde parecem possuir valor próprio.

Não é redundância ou paráfrase a única forma de transgressão em Cotton, pois há lugares na sua tradução que ele mesmo pensou em omitir, e certamente é desnecessário dizer que a restauração completa de todo o texto seja considerada essencial para sua integridade e perfeição.

O mais caloroso agradecimento é devido a meu pai, Mr. Registrar Hazlitt, autor da excelente e bem conhecida edição de Montaigne publicada em 1842, pela importante contribuição que ele fez na verificação e retradução das citações – que estavam no mais corrompido estado e das quais as versões inglesas de Cotton estavam singularmente desatadas e inexatas – e pelo zelo com que cooperou comigo no cotejo do texto em inglês, linha por linha e palavra por palavra, com a melhor edição francesa.

Pela gentileza de Mr. F. W. Cosens eu pude dispor, enquanto trabalhava neste projeto, do exemplar de 1650 do Dicionário Cotgrave, *in folio*, que pertenceu a Cotton. Ele está autografado e copiosamente anotado, e não é exagero presumir que tenha sido o mesmo livro empregado por ele em sua tradução.

W.C.H. Kensington, novembro de 1877.

A VIDA DE MONTAIGNE

Este anexo foi livremente traduzido e anteposto ao *variorum* da edição de 1854 (Paris, 4 volumes, em oitavo). Esta biografia é a mais proveitosa, contendo tudo o que é realmente interessante e importante no diário da Excursão à Alemanha e Itália o qual, como foi escrito somente sob ditado de Montaigne, está na terceira pessoa e mereceu escassa divulgação, como um todo, numa roupagem inglesa.

O autor dos *Ensaaios* nasceu, como ele próprio nos informa, no castelo de St. Michel de Montaigne, entre onze e doze horas do último dia de fevereiro de 1533.

O pai dele, Pierre Eyquem, escudeiro, foi sucessivamente primeiro Conselheiro da cidade de Bordéus em 1530, Sub-Prefeito em 1536, Conselheiro pela segunda vez em 1540, Procurador em 1546 e finalmente Prefeito de 1553 a 1556. Era um homem de austera probidade, dotado de uma “particular consideração pela honra e pelo decoro em sua pessoa e vestuário... uma vigorosa boa fé em sua palavra, uma consciência e um sentimento religioso inclinados à superstição e não a outro extremo” [*Ensaaios*, II, 2]. Pierre Eyquem deu grande atenção à educação dos filhos, especialmente quanto ao seu aspecto prático. Para associar intimamente o filho Michel ao povo e vinculá-lo àqueles que necessitavam de assistência, assegurou-se que ele fosse desde a infância influenciado por pessoas de condição humilde; subseqüentemente o colocou para alimentar-se com um aldeão pobre e então, num período posterior, fez com que se habituassem ao gênero de vida mais comum, tomando cuidado, não obstante, de cultivar sua mente e dirigir o seu desenvolvimento sem o exercício de constrangimento ou de rigor impróprio. Michel, que nos dá o mais minucioso relato dos seus primeiros anos, narra de modo encantador como era despertado ao som de alguma música agradável, e como aprendeu o latim antes do francês sem passar pela palmatória ou verter uma lágrima, graças ao professor alemão que o pai havia colocado próximo dele, o qual nunca se dirigiu a ele senão no idioma de Virgílio e Cícero.

O estudo do grego teve precedência. Aos seis anos o jovem Montaigne foi para o *College de Guienne* em Bordéus, onde teve como preceptores os mais eminentes estudiosos do século XVI: Nicolas Grouchy, Guerente, Muret e Buchanan. Aos treze anos ele havia passado por todas as classes e, como era destinado ao direito, deixou a escola para dedicar-se àquela ciência. Tinha então quase quatorze anos, mas esses anos precoces de sua vida estão envoltos em obscuridade. A próxima informação disponível é que em 1554 ele recebeu o cargo de conselheiro no Parlamento de Bordéus; em 1559 ele foi a *Bar-le-Duc* com a corte de Francisco II e no ano seguinte estava presente em Rouen para testemunhar a declaração de maioridade de Carlos IX. Não sabemos de que maneira ele estava envolvido nessas ocasiões.

Entre 1556 e 1563 ocorreu um importante incidente na vida de Montaigne: o começo da sua fantástica amizade com Etienne de la Boetie a quem encontrou, como ele mesmo nos diz, por mera casualidade, na celebração de alguma festividade na cidade. Desde esse primeiro encontro os dois se acharam irresistivelmente atraídos um pelo outro; durante seis anos essa aliança teve primazia no coração de Montaigne e permaneceu depois em sua memória, quando a morte os separou.

Embora em seu próprio livro [*Ensaaios*, I, 27] ele acuse severamente aqueles que, contrários à opinião de Aristóteles, contraem núpcias antes dos trinta e cinco, Montaigne não aguardou o período determinado pelo filósofo de Estagira e em 1566, aos trinta e três anos, casou-se com Françoise Chassigne, filha de um conselheiro do Parlamento de Bordéus. A história da sua vida de casado compete em obscuridade com a de sua fase juvenil. Os biógrafos de Montaigne não estão de acordo; na mesma medida em que esclarecem nossa visão de tudo aquilo concernente aos seus pensamentos mais secretos e aos mecanismos íntimos de sua mente, guardam muitas reticências a respeito de suas funções públicas e administrativas, bem como de suas relações sociais.

O título de Cavaleiro da Ordem do Rei, que é concedido por Henrique II em uma carta e ele assume num preâmbulo; o que conta sobre as comoções das cortes onde passou uma parte de sua vida; as Instruções que ele escreveu sob ditado de Catarina



de Médiçi ao Rei Carlos IX; e sua nobre correspondência com Henrique IV, contudo, não deixam nenhuma dúvida quanto ao papel que ele desempenhou nos negócios públicos daquela época e acatamos, como prova incontestável da profundidade da estima em que ele era considerado pelos personagens mais exaltados, uma carta que foi a ele endereçada por Carlos na ocasião em que foi agraciado com a Ordem de St. Michael, a qual constituía, como ele próprio nos informa, a honra mais elevada da nobreza francesa.

De acordo com Lacroix du Maine, depois da morte do seu irmão primogênito Montaigne renunciou ao cargo de Conselheiro para dedicar-se à carreira militar; porquanto, se pudermos dar crédito ao Presidente Bouhier, ele nunca desempenhou qualquer atividade ligada ao exército. Contudo, várias passagens nos *Ensaïos* parecem indicar que ele não somente assumiu o serviço militar, mas de fato participou de numerosas campanhas com os exércitos católicos. Deixe-me adicionar que em seu monumento ele é representado em cota de malha, com um elmo e manoplas do lado direito e um leão aos pés, tudo indicando, na linguagem dos emblemas funerários, que o falecido esteve engajado em algumas importantes proezas militares.

Sejam quais forem essas conjeturas é certo que nosso autor, chegando aos trinta e oito anos, resolveu dedicar o tempo de vida restante ao estudo e contemplação; em seu aniversário, no último dia de fevereiro de 1571, criou uma inscrição filosófica em latim para ser gravada em uma das paredes do castelo (onde ainda pode ser vista) e cuja tradução tem este sentido: “No ano de Cristo... no seu trigésimo oitavo aniversário, às vésperas das Calendas de março, Michel Montaigne, já cansado das funções na Corte e das honrarias públicas, retirou-se completamente para conversar com as virgens instruídas onde ele pretende despendar o quinhão restante que reservou para um tranqüilo recolhimento”.

Na ocasião de que tratamos, Montaigne era desconhecido para o mundo das letras, exceto como tradutor e editor.

Em 1569 Montaigne publicou uma tradução da *Teologia Natural* de Raymond de Sebonde, trabalho que havia empreendido apenas para agradar o pai. Em 1571, fez imprimir em Paris um certo ‘opúsculo’ de Etienne de la Boetie; essas duas realizações, inspiradas num caso pelo dever filial e noutro pela amizade, atestam que as razões afetivas predominavam sobre a mera ambição pessoal de um literato.

Podemos supor que Montaigne começou a compor os *Ensaïos* logo após seu afastamento dos compromissos públicos; pois, de acordo com sua própria avaliação, observa o Presidente Bouhier, ele não quis caçar, construir, o trabalho de jardinagem ou a atividade agrícola; ocupava-se exclusivamente em leitura e reflexão, dedicando-se com satisfação à tarefa de fixar no papel seus pensamentos assim que eles ocorriam. Esses pensamentos transformaram-se num livro cuja primeira parte, que haveria de conferir imortalidade ao escritor, veio à luz em Bordéus no ano de 1580. Montaigne tinha então quarenta e sete anos; no passado ele havia sofrido durante alguns anos de cólicas e cálculos renais; tinha necessidade de distrair-se de suas dores e a esperança de obter algum alívio das águas medicinais, e nessa época empreendeu uma grande viagem. Como os relatos dessas viagens através da Alemanha e da Itália compreendem algumas particularidades altamente interessantes de sua vida e de sua história pessoal, parece valioso fornecer um esboço ou análise deles.

“A Viagem de que regressamos teve um curso simples de descrever”; diz o editor do Itinerário, “de Beaumont-sur-Oise a Plombières, em Lorraine, nada foi suficientemente interessante para nos deter... devemos de ir mais longe, até Basle, da qual temos uma descrição, familiarizando-nos com sua situação física e política naquele período, bem como com o caráter de seus banhos. A passagem de Montaigne pela Suíça não é desprovida de interesse, pois ali vemos nosso viajante filosófico acomodar-se em todos os lugares aos costumes do país. Os hotéis, as provisões, a cozinha suíça, tudo lhe era agradável; parece como se ele realmente preferisse aqueles aos gostos e modos franceses nos lugares que estava visitando, e cuja simplicidade e liberdade (ou franqueza) concordava mais com seu próprio modo de vida e pensamento. Nas cidades onde ficou, Montaigne preocupou-se em observar os clérigos protestantes, para se familiarizar com todos os seus dogmas. Teve até mesmo algumas disputas ocasionais com eles.

“Deixando a Suíça ele foi para Isne, então um império sobre Augsburg e Munique. A seguir prosseguiu para até o Tirol, onde ficou agradavelmente surpreso, depois das advertências que havia recebido; as inconveniências superficiais que sofreu deram-lhe ocasião de observar que por toda a sua vida tinha desconfiado das afirmações de outros com respeito aos países estrangeiros, que os gostos das pessoas estão de acordo com as noções do local de nascimento de cada um; e que, por conseguinte, ele havia aproveitado muito pouco do que lhe foi contado anteriormente.

“De chegada a Botzen, Montaigne escreveu a François Hottmann para dizer que ficara muito satisfeito com a visita à Alemanha e que a deixava com grande pesar, conquanto fosse agora para a Itália. Então atravessou Brunsol, Trent (onde se hospedou na Rosa), indo dali para Rovera; e aqui ele primeiro lamentou a escassez de lagostim, mas compensou a perda compartilhando trufas cozidas em óleo e vinagre, laranjas, cidras e azeitonas; e com tudo se deliciou. Depois de passar uma noite inquieta, quando levantou pela manhã ele apostou que havia alguma cidade ou distrito novo para ser visto, e ficamos conversando, com prazer e vivacidade”.

O secretário, a quem Montaigne ditou o seu Diário, assegura-nos que nunca o viu interessar-se tanto pelas pessoas e cenas das vizinhanças, e acredita que a completa mudança ajudou a mitigar os seus sofrimentos, concentrando sua atenção em outros pontos. Quando havia alguma reclamação de que ele tinha conduzido o seu grupo para fora da rota batida e então voltava para muito perto do ponto onde começaram, respondia que não tinha nenhum trajeto determinado; somente se propunha a visitar os lugares que não havia visto, e desde que não pudessem convencê-lo a trilhar o mesmo caminho duas vezes ou voltar a um lugar já visitado, não podia perceber nenhum prejuízo no seu plano.

Quanto a Roma, ele não se preocupou menos de visitar, já que todo o mundo faz isso; disse que nunca houve laçao que não pudesse lhe contar tudo sobre Florença ou Ferrara. Também disse que se parecia com aqueles que estão lendo alguma história agradável ou um livro refinado, que temem acabar: ele sentia tanto prazer em viajar que antecipava com receio o momento de chegar ao lugar onde deveriam parar durante a noite.

Vemos Montaigne viajando, da mesma forma que ele descreveu, completamente à vontade, sem o menor constrangimento; trilhando, da maneira que imaginou, as estradas ordinárias e comuns tomadas pelos turistas. As boas hospedarias, as camas macias e os panoramas agradáveis atraíram a sua atenção em todos os lugares, e nas observações sobre os homens e as coisas ele se limita principalmente ao lado prático. A consideração da saúde estava constantemente diante dele; foi por causa disto que, enquanto em Veneza (que o desapontou) aproveitou a oportunidade para observar, em benefício dos leitores, que sofreu um ataque de cólica e expeliu duas grandes pedras depois da ceia. Ao deixar Veneza ele foi sucessivamente para Ferrara, Rovigo, Pádua, Bolonha (onde teve uma dor de estômago) e Florença; e em todos os lugares, antes de desembarcar, instituiu como regra enviar alguns dos criados para averiguar onde seria obtida a melhor acomodação. Ele manifestou que as mulheres florentinas são as melhores do mundo, mas não teve uma opinião igualmente favorável da comida, que era menos abundante que na Alemanha e não tão bem servida. Ele nos faz perceber que na Itália lhe serviram pratos insossos, enquanto na Alemanha foram muito melhor temperados e servidos com uma variedade de molhos e condimentos. Mais adiante observou que os copos eram singularmente pequenos e os vinhos insípidos.

Depois de jantar com o Grão-Duque de Florença, Montaigne ignorou o interior do país – que não teve nenhuma fascinação para ele – e chegou rapidamente a Roma no último dia de novembro, entrando pela Porta del Popolo e hospedando-se no *Bear*. Mas depois alugou, a vinte coroas por mês, quartos finamente mobiliados na casa de um espanhol, que incluía no preço a utilização do fogo da cozinha. O que mais o aborreceu na Cidade Eterna foi o número de franceses que encontrou, e todos o saudaram em sua língua nativa; mas quanto ao restante estava muito confortável e sua permanência estendeu-se por cinco meses. Uma mente como a dele, plena de elevadas reflexões clássicas, não deixou de ficar profundamente impressionada na presença das ruínas de Roma, e ele entesourou numa magnífica passagem do Diário os sentimentos do momento:

“Ele disse”, escreve o secretário, “que em Roma nada mais se vê que o céu debaixo do qual ela havia sido construída e um esboço do local onde se encontrava: que o conhecimento que dela tivemos era abstrato, contemplativo, não palpável aos sentidos atuais; que aqueles que disseram ter visto as ruínas de Roma foram pelo menos muito longe, pois a ruína de tão gigantesca estrutura deve ter inspirado maior reverência – nada mais era que o sepulcro dela. O mundo, invejoso dela e da sua prolongada dominação, foi compelido em primeiro lugar a quebrar em pedaços aquele corpo admirável; então, quando percebeu que os restos ainda atraíam adoração e temor, havia realmente enterrado a própria destruição. Quanto a esses pequenos fragmentos que ainda podiam ser vistos à superfície, apesar das agressões das intempéries e de todos os outros ataques, seguidamente repetidos, haviam sido favorecidos pela fortuna para constituir uma insignificante evidência daquela infinita grandeza que nada pôde extinguir completamente. Mas é provável que esses restos desfigurados tivessem menos direito a atenção e que os inimigos daquele renome imortal, em sua fúria, tenham se empenhado em primeiro lugar na destruição do que estava muito bonito e mais digno de preservação; e que os edifícios dessa Roma bastarda, erguidos sobre as antigas construções, embora pudessem estimular a admiração da era presente, traziam à sua lembrança os ninhos de corvos e pardais embutidos nas paredes e arcos das igrejas velhas, destruídas pelo Huguenotes. Novamente ele [o mundo] fica apreensivo, vendo o espaço que essa sepultura ocupa, que não seria capaz de recobrir inteiramente aquele poder, e que o próprio enterro havia sido enterrado. Além disso, ver um miserável monte de lixo com cacos de azulejo e cerâmica crescer (como faz desde a antiguidade) até a altura do Monte Gurson [em Perigord] e uma largura equivalente, parecia demonstrar uma conspiração do destino contra a glória e a preeminência daquela cidade, ao mesmo tempo propiciando uma prova moderna e extraordinária de sua passada grandeza.

Ele [Montaigne] observou ser difícil acreditar que tantos edifícios estivessem no local, considerando a área delimitada por quaisquer das sete colinas e particularmente pelas duas mais favoráveis, os montes Capitolino e Palatino. Julgando apenas pelo que restou do Templo da Concórdia, ao largo do *Forum Romanum*, cujo desabamento parece bem recente – como uma enorme escarpa de montanha em horríveis rochedos – não parece que mais de dois edifícios tais pudessem ter encontrado espaço no Capitolino, sobre o qual no período havia de vinte e cinco a trinta templos, além de habitações particulares.

“Mas, de fato, há pouquíssimas probabilidades de que as visões que temos da cidade estejam corretas: seu traçado e forma têm mudado infinitamente; por exemplo, o *Velabrum*, devido ao nível rebaixado, recebeu os esgotos da cidade, tornou-se um lago, foi elevado por acumulação artificial a uma altura similar à das outras colinas, e Monte Savello tem, a bem da verdade, simplesmente crescido sobre as ruínas do teatro de Marcellus. Ele acreditava que um romano antigo não reconheceria novamente o local. Acontecia freqüentemente que ao cavar a terra os operários descobrissem o capitel de alguma coluna alta que, embora enterrada, mantinha-se na vertical. As pessoas do povo não têm nenhum recurso além dos alicerces dos arcos e abóbadas das casas antigas sobre os quais, como em lajes de pedra, erguem os seus modernos palácios. É fácil constatar que várias das ruas antigas estão trinta pés abaixo daquelas em uso no momento”.

Embora céptico como se exhibe nos livros, Montaigne manifestou durante sua curta estada em Roma um grande respeito pela religião. Ele solicitou a honra de ser recebido para beijar os pés do Santo Padre, Gregório XIII e o Pontífice o exortou a prosseguir sempre na devoção até agora mostrados à Igreja e ao serviço do Mais Cristão dos Reis.

“Depois disto”, diz o editor do Diário, “vimos Montaigne despendendo todo o seu tempo em excursões pelas redondezas, a pé ou a cavalo, em visitas e observações de toda natureza. As igrejas, as estações, até mesmo as procissões e os sermões; e depois os palácios, os vinhedos, os jardins, as diversões públicas como o Carnaval, etc – nada foi negligenciado. Ele presenciou a circuncisão de uma criança judia e colocou no papel o mais minucioso relatório da operação. Ele se encontrou em San Sisto com o embaixador moscovita, o segundo que tinha vindo para Roma desde o pontificado de Paulo III. Esse ministro fez despachos de sua corte para Veneza, endereçados ao *Grande Governador de Signory*. Naquele momento a corte de Moscou tinha limitadas relações com as outras potências da Europa e eram muito incorretas as suas informações, pensando que Veneza fosse um território dependente da Santa Sé”.

De todos os particulares com que ele nos abasteceu durante sua permanência em Roma, a seguinte passagem em referência

aos *Ensaaios* não é a menos singular: “O Mestre do Palácio Sagrado devolveu-lhe os *Ensaaios*, corrigidos de acordo com os pontos de vista dos monges instruídos. ‘Ele só tinha conseguido formar um juízo deles’, disse Montaigne, ‘através de certo monge francês, não compreendendo o próprio idioma francês’” – deixemos que o próprio Montaigne relate a estória – “e recebeu com tanta complacência as minhas escusas e explanações sobre cada uma das passagens que tinham sido censuradas pelo monge francês que acabou por me dar liberdade para revisar o texto tranqüilamente, sujeito apenas à minha própria consciência. Pelo contrário, eu lhe implorei que cumprisse o parecer das pessoas que haviam me criticado, confessando entre outras coisas, como, por exemplo, o meu emprego da palavra fortuna ao citar os poetas históricos, em minha apologia de Juliano, em minha reprovação da teoria de que aquele que reza deve estar naquele período isento de inclinações viciosas; item, quanto à minha estimativa da crueldade como alguma coisa além da simples morte; item, sobre o meu ponto de vista de que uma criança deve ser levada a fazer de tudo, e assim por diante; que essas eram as minhas opiniões e eu não as considerava injustas; quanto às outras coisas, disse-lhe que o revisor não alcançou o meu propósito. O Mestre, que é um homem sábio, apresentou-me muitas desculpas e deixou-me a conjecturar se ele não concordava com as melhorias sugeridas; e chegou até mesmo a defender-me engenhosamente em minha própria presença contra outra pessoa (um italiano, também) que se opôs aos meus sentimentos”.

Tal foi o que se passou entre Montaigne e esses dois personagens naquele instante; mas quando o Ensaísta estava de partida e foi despedir-se, usaram linguagem muito diferente com ele. “Eles me pediram”, ele diz, “para não dar nenhuma atenção à censura passada sobre o meu livro, no qual outros franceses informaram que havia muitas coisas tolas; acrescentando que eles reverenciavam a minha inclinação afetuosa pela Igreja e minha capacidade; e tinham tão elevado conceito de minha integridade e consciência que iriam deixar-me fazer as tais alterações no livro como era apropriado, quando fosse reimprimi-lo; entre outras coisas, a palavra fortuna. Para se desculparem pelo que haviam dito contra o meu livro, mencionaram como exemplo os recentes trabalhos de cardeais e outros clérigos de excelente reputação que tinham sido acusados por falhas similares, as quais de forma alguma afetaram as reputações dos autores ou da publicação como um todo; eles me pediram que emprestasse à Igreja o apoio da minha eloqüência (foram suas palavras literais) e fizesse uma permanência mais prolongada no lugar, onde eu deveria ficar livre de qualquer intrusão adicional por parte deles. Pareceu-me que nos apartamos realmente como bons amigos”.

Antes de deixar Roma, Montaigne recebeu o seu diploma de cidadania, pelo qual se sentiu amplamente lisonjeado; e depois de uma visita a Tivoli ele partiu para Loretto, parando em Ancona, Fano e Urbino. No começo de maio de 1581 chegou a Bagno della Villa, onde se estabeleceu, disposto a tentar as águas. Lá, encontramos no Diário, por sua própria vontade o Ensaísta viveu na mais rígida conformidade com o regime e daqui em diante só ouvimos falar da dieta, do efeito gradualmente ocasionado pelas águas em seu organismo, da maneira como as utilizou; em poucas palavras, ele não omite uma vírgula quanto às circunstâncias ligadas à sua rotina diária, seus hábitos corporais, seus banhos e tudo o mais. Não era mais nenhum diário de viajante que ele mantinha, mas o relatório de um inválido, atento aos mínimos detalhes da cura que ele se empenhava em concretizar: uma espécie de caderno de memorandos no qual anotava tudo que fez e sentiu, para benefício do médico de casa, a cujos cuidados ficaria a sua saúde quando do seu retorno, bem como o atendimento das suas fraquezas subseqüentes. Montaigne dá isso como razão e justificativa para aqui detalhar essa expansão, que para o seu pesar havia omitido, fazendo assim suas visitas a outros banhos que poderiam tê-lo poupado da dificuldade de agora escrever com tal verbosidade; mas é talvez uma razão melhor aos nossos olhos do que ele dizer que escreveu para seu próprio uso.

Encontramos nesses relatórios, todavia, muitos detalhes que são valiosas ilustrações dos costumes locais. A maior parte das entradas no Diário, dando conta dessas águas e das viagens até a chegada de Montaigne à primeira cidade francesa, em sua rota para casa, está em italiano, porque ele desejou exercitar-se naquele idioma.

A minuciosa e constante vigilância de Montaigne sobre sua saúde e sua pessoa poderia levar à suspeita daquele excessivo medo da morte que se degenera em covardia. Mas não era suficiente o medo da cirurgia de cálculos, naquele tempo realmente formidável? Ou talvez ele tivesse o mesmo modo de pensar do poeta grego, de quem Cícero nos dá esta declaração: “Eu não desejo morrer; mas o pensamento de estar morto me é indiferente”. Vamos ouvir, porém, o que ele diz a si mesmo e muito francamente quanto a esse ponto: “Seria muito fraco e efeminado de minha parte se, certo como estou de sempre me achar em posição de dever sucumbir naquele caminho [para a pedra ou cálculo renal] e da morte que vem mais e mais próxima de mim, eu não fizer algum esforço, antes de chegar o momento, para suportar a provação com firmeza. Pois a razão prescreve que devemos aceitar com jovialidade o que apraza a Deus nos enviar. Então o único remédio, a única regra e a exclusiva doutrina para evitar os males pelos quais os seres humanos estão rodeados, sejam quem forem, é a resolução de agüentá-os até onde nossa permita a natureza, ou acabar pronta e corajosamente com eles”.

Montaigne ainda estava no balneário de La Villa quando, no dia 7 de setembro de 1581, soube por carta que tinha sido eleito Prefeito da cidade de Bordéus no 1º de agosto precedente. Essa informação o fez apressar sua partida; e de Lucca prosseguiu para Roma. Novamente permaneceu algum tempo naquela cidade e lá recebeu uma carta dos conselheiros de Bordéus, notificando-o oficialmente da sua eleição para a Prefeitura e convidando-o a retornar tão rápido quanto possível. Montaigne partiu para a França acompanhado pelo jovem D’Estissac e vários outros cavalheiros que o escoltaram por uma distância considerável; mas ninguém voltou para a França com ele, nem mesmo seu companheiro de viagem. Ele passou por Pádua, Milão, Monte Cenis e Chambery; dali foi para Lyons, e não perdeu nenhum tempo em refugiar-se em seu castelo depois de uma ausência de dezessete meses e oito dias.

Vimos há pouco que durante a sua ausência na Itália o autor dos *Ensaaios* foi eleito prefeito de Bordéus. “Os cavalheiros de Bordéus”, diz ele, “elegeram-me Prefeito de sua cidade enquanto eu estava distante da França e longe de pensar em tal coisa. Peço desculpas; mas eles deram a entender que eu estava fazendo algo errado em proceder assim, e que é também às ordens do rei que eu deveria ficar”. Esta é a carta que Henrique III escreveu a ele naquela ocasião:

Monsieur de Montaigne: – Visto que tenho grande apreço por sua fidelidade e zelosa devoção ao meu serviço, foi com prazer

que soube de sua escolha para a prefeitura da minha cidade de Bordéus. Tive o agradável dever de confirmar a nomeação, e o fiz com a maior boa vontade, vendo o que foi feito durante sua prolongada ausência; portanto é meu desejo, e eu solicito e ordeno expressamente que você proceda sem demora e assuma os deveres para os quais recebeu tão legítima convocação. E assim você agirá de modo que muito me agradará, enquanto o contrário será muito inapropriado. Rezo a Deus, M. de Montaigne, para conservá-lo em sua santidade.

“Escrito em Paris, 25 de novembro de 1581.

“Henrique.

“A Monsieur de Montaigne, Cavaleiro de minha Ordem, Cavalheiro Efetivo de minha Câmara, que no momento encontra-se em Roma”.

Montaigne, em seu novo emprego – o mais importante da província – obedeceu o axioma de que um homem não pode recusar um dever, embora absorva seu tempo e atenção e envolva até mesmo o sacrifício do seu sangue. Colocado entre dois partidos extremistas, já no ponto de exaustão, ele se mostrou na vida prática o que está em seu livro, um amigo da política moderada e mediadora. Tolerante por caráter e por princípio ele pertenceu, como todas as grandes mentes do décimo sexto século, àquela seita política que buscava melhorar as instituições sem destruí-las; e dele podemos dizer o que ele mesmo disse de La Boétie: “que possuiu aquela máxima indelével impressa em sua mente: obedecer e submeter-se religiosamente às leis sob as quais ele nasceu. Afetuosamente ligado à tranqüilidade do seu país e inimigo de mudanças e inovações, ele teria preferido empregar os meios de desencorajamento e supressão de que dispunha a promover o sucesso deles”. Tal era a plataforma de sua administração.

Montaigne aplicou-se de maneira especial à manutenção da paz entre as duas facções religiosas que naquele momento dividiam a cidade Bordéus; e ao fim dos dois primeiros anos de gestão (em 1583), seus reconhecidos concidadãos lhe outorgaram a prefeitura por outros dois anos, uma distinção que só havia sido desfrutada, como ele nos diz, em duas ocasiões anteriores. No término de sua carreira oficial, depois de quatro anos de exercício, ele bem poderia dizer que não deixou ódios para trás nem foi causador de injúrias.

Em meio às diligências de governo, Montaigne encontrou tempo para revisar e ampliar os *Ensaaios*, que desde o seu aparecimento em 1580, recebiam contínuos acréscimos na forma de capítulos ou apontamentos adicionais. Mais duas edições foram impressas em 1582 e 1587; durante esse tempo o autor, enquanto fazia alterações no texto original, havia composto parte do Terceiro Livro. Ele foi a Paris fazer os arranjos para a publicação do seu trabalho ampliado, resultando numa quarta impressão, em 1588. Nessa ocasião Montaigne permaneceu por algum tempo na capital e foi então que encontrou *Mademoiselle* de Gournay pela primeira vez. Dotada de um espírito ativo e inquisidor e, acima de tudo, possuindo um temperamento vivaz e saudável, em sua infância *Mademoiselle* de Gournay fora carregada para a controvérsia, a aprendizagem e o conhecimento por aquela maré iniciada no século XVI. Ela estudou latim sem um professor; e quando, aos dezoito anos, tornou-se acidentalmente possuidora de uma cópia dos *Ensaaios*, foi transportada com deleite e admiração.

Ela deixou o castelo de Gournay para vir vê-lo. Com relação a essa jornada de simpatia, não podemos fazer melhor que repetir as palavras de Pasquier: “Aquela jovem senhora, ligada a diversas das maiores e mais nobres famílias de Paris, propôs a si mesma nenhum outro casamento a não ser com sua honra, enriquecida pelo conhecimento obtido de bons livros e, acima de todos os outros, dos *Ensaaios* de M. de Montaigne, que no ano 1588 fez uma prolongada permanência na cidade de Paris, para onde ela foi com a finalidade conhecê-lo pessoalmente; sua mãe, *Madame* de Gournay, levou-os de volta consigo para o seu castelo onde, em duas ou três diferentes ocasiões, o autor passou três meses inteiros como a mais bem-vinda das visitas”. É dessa época que data a adoção de *Mademoiselle* de Gournay como filha de Montaigne, uma circunstância que tendeu a lhe conferir imortalidade numa medida muito maior que as próprias produções literárias dela.

Deixando Paris, Montaigne ficou em Blois por algum tempo para comparecer à conferência dos Estados-Gerais. Desconhecemos a sua participação naquela assembléia: mas é sabido que no período ele estava comissionado para negociar entre Henrique de Navarre (depois Henrique IV) e o Duque de Guise. Sua vida política é praticamente um espaço em branco, mas De Thou nos assegura que Montaigne desfrutou da confiança das principais personalidades do seu tempo. De Thou – que o chama sem constrangimento de homem honesto – conta-nos que entrando com ele e Pasquier na corte do Castelo de Blois, ouviu-o pronunciar algumas opiniões muito notáveis sobre eventos contemporâneos, e adiciona que Montaigne tinha previsto que as dificuldades da França não poderiam terminar sem testemunhar-se a morte de Henrique de Navarre ou do Duque de Guise.

Ele havia se tornado completamente senhor dos pontos de vista desses dois príncipes, tanto que disse a De Thou que o Rei de Navarre estaria preparado para abraçar o Catolicismo se não tivesse receio de ser abandonado por seu partido, e que o Duque de Guise, de sua parte, não tinha nenhuma particular aversão pela Confissão de Augsburgo, pela qual o Cardeal de Lorraine, tio dele, lhe havia inspirado alguma preferência, não fosse pelo perigo envolvido em abandonar a comunhão de Romish. Para Montaigne teria sido fácil maquirar – como nós hoje chamamos – uma grande influência na política e criar para si mesmo uma elevada posição, mas seu lema era: ‘*Otio et Libertati*’ [repouso e liberdade]; então voltou para casa tranqüilamente e compôs mais um capítulo para sua próxima edição, este sobre as inconveniências da Grandeza.

O autor dos *Ensaaios* tinha agora cinquenta e cinco anos. A enfermidade que o atormentava só fez evoluir cada vez pior com a idade; e ele ainda se ocupava continuamente em leitura, meditando e composição. Montaigne empregou os anos de 1589 a 1591 fazendo novas adições ao seu livro; e mesmo com a aproximação da velhice poderia razoavelmente prever muitos momentos felizes, quando então sofreu um ataque de amigdalite, privando-o da capacidade de expressão vocal. Pasquier, que nos deixou alguns pormenores das suas últimas horas, relata que ele permaneceu três dias em completa posse de suas faculdades, mas incapaz de falar, de forma que o compeliram a recorrer à escrita para tornar conhecidos os seus desejos; e como sentia o fim aproximar-se, implorou que a esposa chamasse certos cavalheiros que moravam nas imediações para possibilitar uma última despedida. Quando eles chegaram, Montaigne pediu que uma missa fosse celebrada no quarto; assim que o padre ergueu o

anfitrião da cama, este caiu para a frente com os braços estendidos adiante, e então expirou. Ele estava em seu sexagésimo ano. Era o dia 13 de setembro de 1592.

Montaigne foi sepultado perto de sua própria casa, mas alguns anos depois seus restos mortais foram removidos para a igreja de Santo Antônio em Bordéus, onde ainda hoje se encontram. Em 1803 o seu monumento fúnebre foi restaurado por um descendente.

Em 1595 *Mademoiselle de Gournay* publicou uma nova edição dos *Ensaïos*, a primeira com as últimas emendas do autor, retiradas de uma cópia a ela apresentada pela viúva de Montaigne e a qual não foi recuperada, embora se saiba que investigaram a existência dela alguns anos depois da data da impressão, realizada com autorização.

Friamente como as produções literárias de Montaigne parecem ter sido recebidas pela geração que sucede imediatamente a sua própria época, o gênio dele cresceu na avaliação no século XVII, quando surgiram grandes espíritos tais como La Bruyère, Molière, La Fontaine e *Madame de Sevigne*. “Oh”, exclamou Chatelaine des Rochers, “que companhia fundamental ele é, minha nossa! Ele é meu velho amigo; e ele é assim apenas pela razão, ele sempre parece novo. Meu Deus! Como aquele livro é cheio de sentido!” Balzac afirmou que ele tinha levado a razão humana tão longe e tão alto quanto poderia ir, tanto em política quanto em moral. Por outro lado, Malebranche e os escritores de Port Royal estavam contra ele; alguns repreendiam a licenciosidade dos seus escritos; outros a sua impiedade, materialismo e epicurismo. Até mesmo Pascal, que havia lido cuidadosamente os *Ensaïos* e não tinha obtido pouco aproveitamento deles, não poupou suas invectivas.

Mas Montaigne sobreviveu à difamação. Conforme o tempo passou, seus admiradores e ‘emprestadores’ aumentaram em número; e o Jansenismo, que o encareceu no século XVIII, pode não ser a sua menor recomendação no século XIX. Certamente temos aqui, no geral, um homem de primeira classe; e uma prova do seu gênio magistral parece ser que os méritos e as belezas dele são suficientes para nos induzir a desconsiderar os seus defeitos e falhas, que seriam fatais num escritor inferior.



Capítulo I

Sobre a inconstância das nossas atitudes

Os que se dedicam à crítica das ações humanas jamais se sentem tão embaraçados como quando procuram agrupar e harmonizar sob uma mesma luz todos os atos dos homens, pois estes se contradizem comumente e a tal ponto que não parecem provir de um mesmo indivíduo. Mário, o Jovem, ora parece filho de Marte ora filho de Vênus. Dizem que o Papa Bonifácio VIII assumiu o papado como uma raposa, conduziu-se como um leão e morreu como um cão. E quem diria que Nero, essa verdadeira imagem da crueldade, como lhe apresentassem para ser assinada, de acordo com a lei, a sentença contra um criminoso, observou: – Prouvera a Deus que eu não soubesse escrever! – tanto lhe apertava o coração condenar um homem à morte. Há tantos exemplos semelhantes, e tão facilmente os encontrará sozinho quem quiser, que estranho ver por vezes gente de bom senso procurando juntar tais contradições, mesmo porque a irresolução me parece ser o vício mais comum e evidente de nossa natureza, como o atesta este verso de Públio, o satírico:

“Malum consilium est, quod mutari non potest”

“Má opinião, a de que não se pode mais mudar”

É aparentemente possível julgar um homem pelos fatos mais comuns de sua vida; mas, dada a instabilidade natural de nossos costumes e opiniões, pareceu-me muitas vezes que os melhores autores erravam em se obstinar a dar de alguém uma idéia bem assentada e lógica. Adotam um princípio geral e de acordo com este ordenam e interpretam as ações, tomando o partido de as dissimular quando não as deformam para que entrem dentro do molde preconcebido. O Imperador Augusto escapou-lhes; deparamos nesse homem com uma tal flagrante diversidade de ações, tão inesperada e contínua no decurso de sua existência, que os mais ousados juízes, renunciando a julgá-lo em seu conjunto, tiveram de deixá-lo assim indefinido. Acredito que a constância seja a qualidade mais difícil de se encontrar no homem, e a mais fácil a inconstância. Quem os julgasse pormenorizadamente de acordo com seus atos, um por um, estaria mais apto a dizer a verdade a seu respeito.

Fora difícil encontrar em toda a antiguidade uma dúzia de homens que tenham orientado sua vida em obediência a determinados princípios, o que é o fim principal da sabedoria. A qual, segundo um autor antigo [Sêneca], se resume em uma frase que enfeixa, em uma só, todas as regras da vida: “querer e não querer são sempre a mesma e única coisa”. E poderia acrescentar: à condição de que o que queremos ou não queremos seja justo, pois, se não o é, impossível se faz que permaneça constantemente a mesma coisa. Efetivamente, sei de há muito que o vício nada mais é senão desregramento e falta de medida e por conseguinte não o podemos imaginar constante. Atribui-se a Demóstenes a seguinte máxima: a virtude, qualquer que seja, consiste de início em recolhimento e deliberação; a constância, a seguir, comprova-lhe a perfeição. Em refletindo seguimos sempre o melhor caminho, mas ninguém pensa antes de agir.

***“Quod petiit, spernit; repetit, quod nuper omisit;
Æstuat, et vitæ disconvenit ordine toto”***

“Desdenha o que pediu, volta ao que largou e, sempre hesitante, contradiz-se sem cessar” Horácio]

Nossa maneira habitual de fazer está em seguir os nossos impulsos instintivos para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, segundo as circunstâncias. Só pensamos no que queremos no próprio instante em que o queremos, e mudamos de vontade como muda de cor o camaleão. O que nos propomos em dado momento, mudamos em seguida e voltamos atrás, e tudo não passa de oscilação e inconstância.

“Ducimur, ut nervis alienis mobile lignum”

“Somos conduzidos como titeres que um fio manobra” [Horácio]

Não vamos, somos levados como os objetos que flutuam, ora devagar, ora com violência, segundo o vento:

***“Nonne videmus,
Quid sibi quisque velit, nescire, et quaerere semper
Commutare locum, quasi onus deponere possit?”***

“Acaso não vemos todo mundo indeciso; uns procurando sem descontinuar, outros mudando de lugar, como para largar uma carga pesada demais?” [Lucrecio]

Cada dia nova fantasia, e movem-se as nossas paixões de acordo com o tempo:

***“Tales sunt hominum mentes, quali pater ipse
Juppiter auctiferas lustravit lumine terras”***

“O pensamento dos homens assemelha-se na terra aos cambiantes raios de luz com que Júpiter a fecunda” [Cícero]

Hesitamos em tomar partido; nada decidimos livremente, de maneira absoluta, coerente. Se alguém traçasse e estabelecesse determinadas leis de conduta e regime político de vida, veríamos brilhar em seus atos e atitudes uma harmonia cabal e em seus costumes uma ordem e uma correlação evidentes. Empédocles observa a seguinte contradição entre os agrigentinos: alguns se entregam aos prazeres como se devessem morrer no dia seguinte e outros edificam como se a vida não tivesse de acabar jamais. O plano de vida fora entretanto fácil de se estabelecer, como se vê em Catão, o Jovem: quem nele toca uma tecla, toca todas, pois há nele uma harmonia de sons bem afinados que nunca se entrecrocaram. Não seguimos, nós outros, tão sábio exemplo e cada uma de nossas ações decorre de um juízo específico. E na minha opinião seria até melhor procurar-lhes as causas nas circunstâncias do momento sem mais aprofundada pesquisa e sem tirar delas quaisquer conseqüências.

Durante as desordens que agitaram nosso pobre país, disseram-me que uma jovem, bem perto do local onde eu me encontrava, se jogara pela janela a fim de escapar à brutalidade de um soldado que hospedava. Não teve morte instantânea e para se acabar tentou cortar o pescoço com uma faca, o que não a deixaram fazer. Nesse triste estado, confessou que o soldado nada mais

fizera do que lhe declarar seu amor, solicitá-la e presenteá-la, mas ela temera que chegasse a violentá-la. Daí seus gritos, sua atitude, o sangue derramado, como se se tratasse de uma nova Lucrecia. Entretanto, eu soube que antes e depois dessa ocorrência sempre se mostrou muito menos arisca. Como dizem por aí, "por mais belo e decente que sejas, se não és aceito pela tua amada, não conchas, sem mais amplas informações, ser ela de uma castidade a toda prova; isso não impede que o arriero tenha a sua possibilidade".

Antígono, que se afeiçoara a um de seus soldados por causa de sua valentia e coragem, mandou que o médico tratasse de uma doença que o atormentava havia muito. Observando, após a cura, que o homem se expunha muito menos nos combates, perguntou qual a razão dessa mudança que o tornara poltrão: "Vós mesmo, Sire, porquanto me libertastes dos males que faziam com que eu não apreciase a vida".

Um soldado de Lúculo fora roubado pelo inimigo. Para se vingar executou contra ele um golpe de mão notável, amplamente compensador de seus prejuízos. Lúculo, que ficara com excelente opinião dele, quis empregá-lo em uma arriscada expedição e, a fim de decidi-lo, usava todos os meios de persuasão,

"Verbis, quae tímido quoque possent addere mentem"

"Com palavras capazes de entusiasmar os mais tímidos" [Horácio]

Mas o soldado atalhou: "Mandai algum soldado miserável que tenha sido roubado". E recusou peremptoriamente. Como diz Horácio:

"Quantumvis rusticus, ibit,

Ibit eo, quo vis, qui zonam perdidit, inquit;"

"Irá quem tiver perdido a bolsa"

Maomé II admoestara violentamente Chasan, chefe de seus janízaros cuja tropa fora desfeita pelos húngaros, sendo que se conduzia ele próprio covardemente durante o combate. Como única resposta, Chasan, sozinho, sem precisar de ninguém, precipitou-se furioso, espada na mão, contra o primeiro pelotão inimigo que percebeu e desapareceu em poucos instantes como se fora por ele tragado. Nesse ato, parece que foi movido menos pelo desejo de se reabilitar do que em virtude de uma reviravolta em seus sentimentos: não agia sob o impulso da coragem moral e sim por despeito. Quem ontem vistes tão temerário, não vos espanteis em vê-lo poltrão no dia seguinte. A cólera, a necessidade, a companhia ou o vinho, ou o som de uma trombeta, terão feito de suas tripas coração. Não foi o raciocínio que lhe deu coragem: foram as circunstâncias. Não nos espantemos, pois, de ver que mudou ao mudarem elas. Essa variação e essa contradição, tão comuns em nós, levaram muitas pessoas a pensar que possuímos duas almas, ou duas forças que atuam cada qual num sentido, uma no sentido do bem e outra no do mal. Uma só alma e uma só força não poderiam conciliar-se com tão repentinas variações de sentimentos.

Não somente o vento dos acontecimentos me agita conforme o rumo de onde vem, como eu mesmo me agito e perturbo em conseqüência da instabilidade da posição em que esteja. Quem se examina de perto raramente se vê duas vezes no mesmo estado. Dou à minha alma ora um aspecto, ora outro, segundo o lado para o qual me volto. Se falo de mim de diversas maneiras é porque me olho de diferentes modos. Todas as contradições em mim se deparam, no fundo como na forma. Envergonhado, insolente, casto, libidinoso, tagarela, taciturno, trabalhador, requintado, engenheiro, tolo, aborrecido, complacente, mentiroso, sincero, sábio, ignorante, liberal e avaro, e pródigo, assim me vejo de acordo com cada mudança que se opera em mim. E quem quer que se estude atentamente reconhecerá igualmente em si, e até em seu julgamento, essa mesma volubilidade, essa mesma discordância. Não posso aplicar a mim mesmo um juízo completo, simples, sólido, sem confusão nem mistura, nem o exprimir com uma só palavra. 'Distinguo' é o termo mais encontrado em meu raciocínio.

Embora acredite sempre que é preciso falar bem do que é justo e interpretar com simpatia o que a tal juízo se presta, nossa condição é tão singular que não raro o próprio vício nos impele a bem fazer (se o bem não se julgasse unicamente pela intenção que o determina). Daí não se dever tirar de um ato corajoso a conclusão de que um valente o praticou. Valente será efetivamente quem o for sempre em todas as ocasiões. Se fosse um hábito e não um gesto imprevisto, a virtude faria que um homem mostrasse sempre igual resolução; seria o mesmo, só ou acompanhado, na justa como em campo raso; pois, diga-se o que se disser, a coragem não é uma na rua e outra no campo de batalha. Suportaria esse homem com igual atitude uma enfermidade em seu leito e um ferimento na guerra e não temeria mais a morte em seu lar do que em um assalto. Não o veríamos lançar-se através de uma brecha com insopitável bravura e em seguida chorar como uma mulher a perda de um processo ou de um filho; ser covarde diante da infâmia e resoluto na miséria, ter medo da navalha do barbeiro e desafiar a espada do adversário. Em tais casos, a ação é louvável, não o homem. Há gregos, diz Cícero, que tremem à vista do inimigo e se mostram tenazes quando enfermos, e tem-se o inverso nos cimbros e nos celtiberos:

"Nihil enim potest esse aequabile,

Quod non a certa ratione proficiscatur"

"Nada pode ser estável se não parte de um princípio sólido" [Cícero]

Não há maior valentia, no gênero, do que a de Alexandre, o Grande, e no entanto não se verifica em tudo. Por incomparável que seja, tem suas falhas, o que o faz perturbar-se à mais insignificante suspeita de conjuras e o leva a incrível e absurda crueldade na repressão e a temores em nada compatíveis com sua apreciação habitual das coisas. A superstição que lhe era peculiar participa também da pusilanimidade, e a exagerada penitência que se impõe a si mesmo após o assassinio de Clito prova igualmente a desigualdade de sua coragem. Somos um amontoado de peças juntadas inarmonicamente e queremos que nos honrem quando não o merecemos. A virtude vale por si mesma; se para outro fim tomamos a sua máscara, logo ela no-la arranca da cara. Quando nossa alma se impregna dela, forma ela uma espécie de verniz fortemente adesivo que só se tira com a própria pele. Eis por que para julgar um homem é preciso seguir suas pegadas, penetrar sua vida, e se não deparamos com a constância alicerçando os seus atos,

“Cui vivendi via considerata atque provisa est,”

“Com um plano de vida bem ponderado e previsto” [Cícero]

, se sua marcha, ou antes, seu caminho (pois é lícito acelerar ou diminuir o passo) se modifica segundo as circunstâncias, abandonemo-lo. Como a ventoinha gira de acordo com o vento, assim reza a divisa de nosso Talbot [general inglês que lutou contra os franceses e tornou-se muito querido dos camponeses por seu espírito de justiça e seu grande caráter; Montaigne provavelmente alude ao brasão de armas].

Não é de espantar, diz um autor antigo, que o acaso tenha tanta força sobre nós, pois por causa dele é que existimos. Quem não orientou sua vida, de um modo geral, em determinado sentido, não pode tampouco dirigir suas ações. Não tendo tido nunca uma linha de conduta, não lhe será possível coordenar e ligar uns aos outros os atos de sua existência. De que serve fazer provisão de tintas se não se sabe que pintar? Ninguém determina do princípio ao fim o caminho que pretende seguir na vida; só nós decidimos por trechos, na medida em que vamos avançando. O arqueiro precisa antes escolher o alvo; só então prepara o arco e a flecha e executa os movimentos necessários; nossas resoluções se perdem porque não temos um objetivo predeterminado. O vento nunca é favorável a quem não tem um porto de chegada previsto. Não estou de acordo com o juízo que se fez, ao assistir a uma tragédia de Sófocles, declarando-o, contra a opinião de seu filho, capaz de administrar seus bens. Não acho tampouco muito mais lógico o que fizeram os párias enviados com a missão de reformar o governo dos milésios. Depois de visitar a ilha, observando o cultivo cuidadoso da terra, a boa ordem das propriedades, e registrando os nomes dos proprietários, reuniram em assembléia os cidadãos e entregaram o governo a esses proprietários, considerando que a atenção e a eficiência demonstradas na administração de seus negócios particulares eram uma garantia de que de igual modo iam gerir os negócios do Estado.

Somos todos constituídos de peças e pedaços juntados de maneira casual e diversa, e cada peça funciona independentemente das demais. Daí ser tão grande a diferença entre nós e nós mesmos quanto entre nós e outrem:

“Magnam rem puta, unum hominem agere”

“Crede-me, não é coisa fácil conduzir-se como um só homem” [Sêneca]

Se a ambição pode impelir o homem a ser valente, sóbrio, liberal e mesmo justo; se a avareza pode dar coragem a um caixeiro criado no ócio e na indolência e infundir-lhe bastante confiança para que se lance à aventura em frágil navio, à mercê de Netuno, e lhe ensina a discrição e a prudência; se a própria Vênus arma de resolução e audácia o jovem ainda sob a autoridade paterna, e faz com que se mostre impudica a virgem de coração terno ainda sob a égide de sua mãe:

***“Hac duce, custodes furtim transgressa jacentes,
Ad juvenem tenebris sola puella venit:”***

*“Passando furtivamente entre os guardas que dormem, protegida por Vênus,
vai a jovem sozinha, dentro da noite, juntar-se a seu amante” [Tibulo]*

, se assim é, não deve um espírito refletido julgar-nos pelos nossos atos exteriores; cumpre-lhe sondar as nossas consciências e ver os móveis a que obedecemos. É uma tarefa elevada e difícil e desejaria por isso mesmo que menor número de pessoas se dedicassem a ela.

Capítulo II

Sobre a embriaguez

O mundo não é senão variedade e dessemelhança. Os vícios têm entretanto em comum o fato de serem vícios. Contudo, acrescentam os estoicos, embora igualmente vícios não são os vícios iguais entre si. Assim, quem ultrapassou de cem passos esse limite

“Quos ultra citraque nequit consistere rectum,”

“Além e aquém do qual o direito não mais existe” [Horácio]

, é sem dúvida mais culpado do que aquele que apenas deu dez passos. Nem se dirá que o sacrilégio não é pior do que o roubo de um repolho de nossa horta:

***“Nec vincet ratio hoc, tantumdem ut peccet, idemque,
Qui teneros caules alieni fregerit horti,
Et qui nocturnus divum sacra legerit”***

*“Nunca se poderá provar que seja igualmente condenável surripiar repolhos
da horta alheia e roubar, à noite, no templo dos deuses” [Horácio]*

Há tanta diversidade no vício quanto em qualquer outra coisa.

Não levar em consideração a escala de gravidade dos pecados, confundindo-os, é por certo perigoso, pois disso tirarão vantagem os assassinos, os traidores e os tiranos. Não é justo que sua consciência se alivie com a idéia de que Fulano é preguiçoso, lascivo ou pouco assíduo à missa. Todos têm tendência para agravar o pecado de outrem e atenuar o próprio. E não raro até as próprias pessoas encarregadas de os esclarecer os classificam mal, a meu ver.

Assim como para Sócrates o principal papel da sabedoria consiste em ensinar a distinguir o bem do mal, para nós, em quem o melhor ainda é vício, esse papel deveria consistir em estabelecer as diferenças existentes entre os diversos vícios, pois em não havendo exatidão confundem-se virtuosos e maus.

Entre outros vícios, o da embriaguez parece-me grosseiro e brutal. O espírito entra por alguma coisa nos demais vícios, alguns há que têm mesmo algo generoso; outros estão ligados à habilidade, à esperteza, à coragem, à prudência, à finura: a embriaguez é bestial e avilta tão-somente. Por isso mesmo é na nação menos civilizada [a Alemanha, provavelmente] que em nossos dias é esse vício mais comum. Os outros vícios alteram o nosso bom senso; esse o aniquila, perturbando-nos igualmente o físico:

***“Cum vini vis penetravit...
Consequitur gravitas membrorum, praepediuntur
Crura vacillanti, tardescit lingua, madet mens,
Nant oculi; clamor, singultus, jurgia, gliscunt”***

”Quando o vinho nos penetra, os membros tornam-se pesados, as pernas vacilam, a língua engrola, embota-se o espírito, os olhos amortece; em seguida vêm os berros, os soluços, os insultos” [Lucrécio]

A pior das condições humanas é aquela em que o homem não tem mais consciência de si, não mais se domina. E dizem que assim como o mosto a ferver faz subir à superfície do tonel tudo o que estava no fundo, o vinho faz transbordar os mais íntimos segredos de quem o bebeu exageradamente:

***“Tu sapientum
Curas et arcanum jocoso
Consilium retegis Lyaeo”***

”Ó Baco, é teu alegre vinho que arranca aos sábios seus mais secretos pensamentos” [Lucrécio]

Conta Josefo que, em o fazendo beber além da medida, induziu certo embaixador enviado por seus inimigos a confiar-lhe tudo o que tinha interesse em saber. Entretanto Augusto, que se abria com Lúcio Piso, o conquistador da Trácia, nunca teve a oportunidade de se arrepender; nem Tibério foi jamais traído por Cássio a quem tudo contava; e sabemos de fonte segura que Piso e Cássio gostavam tanto de beber que mais de uma vez foi preciso retirá-los do Senado por estarem inteiramente embriagados:

“Hesterno inflatum venas ut semper, Lyaeo”

”Inchados, como de costume, pelo vinho bebido na véspera” [Virgílio]

Com igual confiança Cássio, bebedor de água, comunicou a Amber, que se embebedava continuamente, sua intenção de acabar com César. Ao que respondeu o bêbedor: “como queres que vença o tirano quem não pode sequer vencer o vinho?” E vemos os alemães saturados de vinho lembrarem-se de seus quartéis, da palavra de ordem e de seus lugares nas fileiras:

***“Nec facilis victoria de madidis, et
Blaesis, atque mero titubantibus”***

”E não é fácil vencê-los, ainda que embriagados, gaguejantes e titubeantes” [Juvenal]

Nunca acreditara que pudesse haver embriaguez tão profunda e aniquiladora, se não houvesse lido na história que Átalo convidou Pausânias a ceiar, no intuito de cometer com ele grave indignidade, esse mesmo Pausânias que pelo mesmo motivo matou mais tarde Filipe da Macedônia, notável pela educação que recebeu de Epaminondas e de sua família. Átalo deu tanta bebida a seu conviva que pôde converter-lhe insensivelmente o corpo no de uma prostituta de baixa extração a entregar-se aos criados e mais abjetos arrieiros da casa. Da mesma ordem de idéias é o fato que me foi referido por uma senhora que muito honro e aprecio: perto de Bordéus, para o lado de Castres onde tem propriedade, uma viúva da aldeia, de uma castidade a toda prova, sentindo alguns sintomas estranhos dizia a sua vizinha que se fosse casada acreditaria estar grávida. Os sintomas, dia a dia mais precisos, tornaram-se afinal evidentes, levando-a a declarar ao cura do lugar que a quem se confessasse culpado de a ter posto naquele estado, não somente ela perdoaria como o desposaria se concordasse. Um de seus lacaios, encorajado pela proclamação, confessou então que de uma feita, ao vê-la bêbada e profundamente adormecida, e em posição indecorosa, dela abusara sem a acordar. Casaram e continuam casados.

É sabido que na antiguidade esse vício não era muito condenado. Chegam mesmo alguns filósofos a referir-se com muita indulgência à embriaguez; e entre os próprios estóicos houve quem recomendasse beber de vez em quando à vontade, até a embriaguez, a fim de alegrar o espírito:

***“Hoc quoque virtutum quondam certamine, magnum
Socratem palmam promeruisse ferunt”***

”Dizem mesmo que nessa nobre justa venceu por vezes o grande Sócrates” [Pseudo Galo]

Ao severo Catão, censor dos demais, censurou-se a tendência para este vício:

***“Narratur et prisci Catonis
Saepe mero caluisse virtus”***

”Conta-se também que Catão, o Ancião, aquecia sua virtude no vinho” [Horácio]

Ciro, príncipe de tão grande renome, cita entre outras provas de superioridade sobre seu irmão Artaxerxes, o fato de suportar melhor a bebida. Nas nações mais bem administradas e governadas era habitual exercitar-se em beber. E ouvi de Sílvio, excelente médico parisiense, que a fim de conservar a eficiência do estômago é útil acordá-lo e estimulá-lo uma vez por mês com excessos dessa natureza. Diz-se ainda que os persas discutiam seus negócios depois de beber.

Mais por gosto e temperamento do que pela razão, sou inimigo de tais excessos, pois, conquanto de bom grado acomode minhas opiniões à autoridade dos antigos e considere a embriaguez um vício vergonhoso e estúpido, acredito-o menos perverso e nefasto do que os outros, os quais prejudicam diretamente a sociedade. Se, como afirmam, não há prazer que não nos custe algum sacrifício, é esse vício o menos pesado à nossa consciência; é, por outro lado, o de mais fácil realização, o que precisa ser ponderado. Um senhor já de idade e de certa condição social dizia-me contá-lo entre os três prazeres principais de que ainda podia gozar na vida. E, de fato, onde encontrar satisfações preferíveis às que a própria natureza nos oferece? Mas essa pessoa não agia com bom senso, pois o requinte não é de rigor em tais circunstâncias e é supérfluo escolher vinhos finos para tanto. Se gostais de saborear o que bebeis, experimentareis no caso em apreço o desgosto de beber em condições diferentes, porquanto para ser beberrão é necessário um paladar mais grosseiro, menos requintado. Os alemães bebem qualquer vinho com igual prazer, não pensam senão em engolir. Têm-no assim mais barato, mais copioso e fácil.

Beber como os franceses somente às refeições e moderadamente é restringir demasiado os favores de Baco. A tal exercício

cumpra consagrar mais tempo e constância. Os antigos consagravam-lhe noites inteiras e às vezes os dias também; é preciso, pois, dar-lhe lugar mais importante na vida cotidiana. Conheci um grande senhor ao qual missões de responsabilidade foram confiadas e cujos êxitos são conhecidos, que bebia regularmente e sem incômodo às refeições seus cinco lots [cerca de 20 litros] de vinho e que ao levantar da mesa não se mostrava menos clarividente e precavido nos negócios, o que nos foi dado comprovar em nosso detrimento. É necessário dedicar-se mais a esse prazer, se se deseja que conte na vida; é necessário fazer como esses caixeiros e operários que nunca recusam uma oportunidade de beber e têm esse desejo sempre em mente.

Dir-se-ia que o prazer da mesa vai diminuindo dia a dia em nossa terra; parece-me que no meu tempo de infância os almoços, os jantares, as ceias, eram mais freqüentes e mais comuns do que hoje. Estaremos, em algo pelo menos, nos corrigindo? Por certo que não, mas talvez nos inclinemos mais do que nossos pais para a libertinagem, e o vinho e as mulheres são coisas que levadas ao exagero se prejudicam mutuamente. A libertinagem debilita o estômago. Por outro lado a sobriedade faz-nos mais galantes, mais requintados no amor.

É admirável o que ouvi de meu pai acerca da castidade de seu século. E cabia-lhe dizê-lo pois tudo tinha, por natureza e educação, para ser muito querido das mulheres. Falava pouco e bem, e entremeava sua conversação com reminiscências dos livros mais afamados, principalmente espanhóis, entre os quais Marco Aurélio [de Antônio de Guevara] era o que mais prezava. Era de uma gravidade suave, discreto, muito modesto, de uma polidez esquisita, sempre bem vestido e cuidado, a pé como a cavalo. Escravo de sua palavra, e tão devoto em matéria religiosa que tendia para a superstição. De estatura pequena, bem proporcionado, andava sempre bem aprumado e era muito vigoroso. Agradável de rosto, moreno de pele, era hábil e sobressaía em todos os exercícios a que se entregam as pessoas de categoria. Para fortalecer os braços fazia esgrima, lançava pedras e erguia barras de ferro. Ainda cheguei a ver os bastões chumbados que serviam para o treinamento e os sapatos de solas de chumbo com que se exercitava na corrida e no salto. A esse respeito deixou a lembrança de feitos espantosos. Vi-o aos sessenta anos, desafiando nossa agilidade, saltar num cavalo com suas vestimentas forradas de pele e fazer a volta da mesa sobre as mãos. Quando se retirava para seus aposentos, amiúde subia a escada de três em três degraus. Quanto à boa opinião que tinha das mulheres, dizia que em uma província inteira havia apenas uma senhora distinta de reputação duvidosa, e narrava também casos singulares de galanteria, seus em geral, em que andara na companhia de mulheres honestas, sem se comprometer de modo algum. E jurava que se casara virgem, embora muito depois de ter tomado parte nas guerras além Alpes, guerras a respeito das quais deixou um diário em que relata ponto por ponto tudo o que ocorreu e que testemunhou. No entanto tinha trinta e três anos em 1528 quando em voltando da Itália se casou.

Tornemos agora às nossas garrafas...

Os incômodos da velhice, que exigem de nós algum alívio, podiam com razão excitar em mim o desejo de beber, último dos prazeres de que nos privam os anos. O calor natural, dizem os galhofeiros, sente-se primeiramente nos pés, durante a infância; daí sobe para a parte média do corpo onde permanece longo tempo, dando-nos os únicos verdadeiros prazeres da vida animal e ao lado dos quais os outros são insignificantes; finalmente, como o vapor que sobe sempre e se exala, chega à garganta onde faz a última parada.

Não consigo, entretanto, compreender como se encontra ainda satisfação em beber sem ter sede e a criar pela imaginação um desejo artificial contrário à natureza. Meu estômago não resistiria, pois já tem dificuldade em dar cabo do que toma dentro dos limites de suas necessidades. Minha constituição faz que só tenha vontade de beber depois de comer, por isso mesmo é o gole final o mais copioso. Na velhice o nosso paladar se vicia com defluxos e corrompe-se com outras deficiências de nosso organismo; parece-nos então melhor o vinho na medida em que vai desobstruindo e lavando os nossos poros; é pelo menos a sensação que tenho e raramente percebo o gosto do vinho quando começo a bebê-lo. Anacárisis espantava-se com ver os gregos beberem ao fim da refeição em copos maiores do que no início. Creio que isso provém da mesma causa que leva os alemães a agirem da mesma maneira, porque é no fim que se põem a ver quem bebe mais.

Platão determina que não bebam as crianças antes dos dezoito anos; e aos homens que não se embriaguem senão aos quarenta. Aos que ultrapassam esta idade admite que se comprazam nisso e que reservem maior parte a Baco em suas refeições, essa boa divindade que devolve a alegria ao homem, e ao ancião, a mocidade; que suaviza as paixões da alma, tira-lhes a agudeza como o fogo amolece o ferro. Em suas leis, concorda em que reunir-se para beber tem sua utilidade, conquanto sejam as reuniões presididas por alguém que as regule e as mantenha dentro dos limites do razoável, sendo a embriaguez, diz ele, uma maneira eficiente de ressaltar a natureza do indivíduo, e também eminentemente adequada a dar às pessoas idosas a coragem de participar dos prazeres da dança e da música, recreações úteis que não ousarão buscar se não estiverem algo excitadas. Platão reconhece igualmente a virtude que tem o vinho de temperar as agitações da alma e conservar a saúde do corpo. Aprova contudo as seguintes restrições copiadas em parte dos cartagineses: proibição de vinho aos soldados na guerra ou em expedição: aos magistrados quando no exercício de seus cargos; durante o dia a todo mundo, bem como nas noites em que pretendam unir-se a suas mulheres no intuito de procriar. Dizem que o filósofo Estíplon, acabrunhado pela velhice, apressou voluntariamente seu fim bebendo vinho puro. Agindo de igual maneira, embora não deliberadamente, o filósofo Arcesilau viu abaladas as poucas forças que ainda lhe restavam.

É antiga e graciosa pergunta a que indaga se o espírito do sábio é capaz de resistir à força do vinho, "no caso em que o vinho ataque o sábio" [Horácio]. A vaidade incita-nos por demais a ter boa opinião de nós mesmos. A alma mais ponderada, mais perfeita, já precisa esforçar-se muito para se sustentar de pé e evitar de ser derrubada pela sua própria fraqueza. Não há uma só em mil que durante um minuto de sua existência se mantenha estável e a prumo; a julgar pela nossa própria natureza, podemos duvidar de que isso aconteça; e se acontecesse, e de modo constante, seria o supremo grau de perfeição. Mas para tanto fora necessário que nenhum choque a abalasse, coisa que mil acidentes podem provocar. Que adiantou a Lucrécio, esse grande poeta, filosofar e observar-se? Um filtro amoroso enlouquece-o. A apoplexia tanto pode atingir um carregador como Sócrates.

Há quem esqueça o próprio nome em consequência de uma doença, outros em virtude de um ferimento perdem a razão. Por mais sábio que seja, o sábio não passa afinal de um homem; e haverá algo mais caduco, mais miserável, mais insignificante do que um homem? Não é capaz a sabedoria de melhorar nossas condições naturais:

“Sudores itaque, et pallorem existere toto Corpore, et infringi linguam, vocemque aboriri, Caligare oculos, sonere aures, succidere artus, Demque concidere, ex animi terrore, videmus”

“Sob a influência do medo o corpo torna-se lívido e molhado de suor, a língua embaraçada; extingue-se a voz, perturba-se a vista, zumbem os ouvidos, todo o organismo se relaxa e desmantela” [Lucrécio]

Não pode o sábio, mais do que qualquer um, impedir que instintivamente se fechem os olhos à ameaça de um golpe, nem que lhe tremam as pernas à beira de um precipício, tal qual ocorreria com uma criança. A natureza quis reservar para si esses pequenos sinais de seu poder a que não escapam nossa razão nem a virtude dos estóicos, e assim o quis porque nos lembra que somos mortais, e pouco pesamos. O medo fá-lo empalidecer, a vergonha corar, a cólica gemer ao menos em surdina, senão desesperadamente:

“Humani a se nihil alienum putet”

“Jamais poderia imaginar que está livre de qualquer acidente” [Terêncio]

Os poetas que tudo acomodam à sua fantasia não ousam cantar heróis incapazes de chorar:

“Sic fatur lacrymans, classique immittit habenas”

“Assim falava Enéias debilhado em lágrimas enquanto a frota vogava a toda vela” [Virgílio]

Que o sábio se contente, pois, com conter e moderar seus instintos; aniquilá-los não está em seu poder.

O próprio Plutarco, juiz perspicaz, ao considerar que Bruto e Torquato mandaram matar os próprios filhos, duvida que a virtude possa levar a tanto e pergunta se alguma paixão não os terá movido. Todos os atos humanos que saem fora do comum prestam-se a más interpretações, tanto mais quanto não admitimos nem o que se acha acima nem o que se coloca abaixo do que aprovamos.

Sem buscar nossos exemplos nessa seita que professa expressamente a altivez [os estóicos], atentemos para a outra que dizem mais fraca [os epicuristas] e ouçamos as fanfarronadas de Metrodoro: “Dominei-te, ó destino, e te reduzi à impotência, barrei todas as avenidas pelas quais podias chegar a mim”. Quando Anaxarco, por ordem de Nicocreonte, tirano de Chipre, deitado em leito de pedra, esmagado a marteladas repete sem cessar: “Batei, quebrai, não é Anaxarco que estais macetando, é seu invólucro”; quando vemos o mártir proclamar na fogueira: “este lado já está bem assado, passemos ao outro agora”; quando Josefo assinala aquela criança que, com o corpo rasgado pelas torqueses e traspassado pela sabela de Antíoco, o desafiava ainda clamando com voz firme: “Tirano, perdes o teu tempo; sinto-me à vontade. Onde essa dor de que me ameaçavas? Onde os tormentos? É tudo o que sabes fazer? Minha tenacidade aborrece-te mais do que me causa pena a tua crueldade. Covarde imbecil! Cansas-te e eu estou cada vez mais decidido. Faze com que me queixe, me lamente, me renda, se o podes. Reanima a coragem de teus satélites e de teus carrascos. Não podem mais. Carecem de nervos. Dá-lhes novos instrumentos de tortura e que se encarnicem”; quando vemos semelhantes fatos, somos por certo levados a reconhecer que essas almas têm algo errado e estão presas de uma espécie de frenesi, o qual, por santo que seja, continua sendo frenesi.

Quando deparamos com essas saídas da escola estóica: “prefiro ser louco furioso a ser voluptuoso”, como diz Antístenes, ou como observa Sêxtio: “prefiro o abraço da dor ao abraço da volúpia”; quando Epicuro parece deleitar-se com a gota e recusando alegremente repouso e saúde desafia o mal que pode atingi-lo, e desdenhando as dores que suporta não as combate, antes as conclama maiores e mais dignas dele,

“Spumantemque dari, pecora inter inertia, votis

Optat aprum, aut fulvum descendere monte leonem:”

“Não se preocupando com esses animais tímidos, desejaria que um javali furioso

o atacasse ou que um leão de ruiva juba descresse das montanhas” [Virgílio]

, logo percebemos que tais invectivas provêm de uma coragem exasperada pela própria superexcitação.

Nossa alma em condições normais não poderia erguer-se tão alto. É preciso que ela saia de seu estado habitual, que se eleve e, tomando o freio nos dentes, arraste o seu homem tão longe que, em voltando a si, ele próprio se espante do que fez. É o que ocorre na guerra onde o calor do combate empurra os valentes soldados a tão ousadas aventuras que, voltando a si, são os primeiros a tremer de susto. Fato análogo se observa nos poetas que, transportados de admiração por suas próprias obras, não compreendem como puderam produzi-las, o que se denomina neles estro e entusiasmo poéticos. Um homem sério, diz Platão, baterá em vão à porta da poesia. Por seu lado Aristóteles pretende que, por perfeita que seja, a alma não está isenta de uma pitada de loucura, e chama com razão loucura a esses vãos que, embora louváveis, ultrapassam nossa inteligência e nossa razão. A sabedoria não é outra coisa senão uma orientação regular dada à nossa alma, a fim de a conduzir com medida e equilíbrio. E assim sustenta Platão a sua tese: “Sendo a faculdade de profetizar superior às nossas luzes, necessário se faz que nos encontremos fora de nós quando a praticamos; o sono, a doença, paralisam então nossa inteligência ou uma inspiração divina a domina”.

Capítulo III

Um costume da ilha de Ceos

Dizem que filosofar é duvidar. Com maior razão ainda fantasiar e divagar. Cabe porém aos aprendizes inquirir e indagar; e só aos mestres resolver. O meu mestre é a autoridade da vontade divina, a qual sem contestação possível nos rege,

pairando acima das vãs indagações humanas.

Tendo Filipe entrado no Peloponeso com seu exército, disse alguém a Damidas que os lacedemônios muito iriam sofrer se não pedissem mercê. "Poltrão", exclamou Damidas, "que podem sofrer os que não temem a morte?" Perguntaram a Ágis como devia fazer um homem para viver livre: "desprezando a morte", respondeu. Tais palavras, e outras semelhantes, que se ouvem a esse respeito, implicam evidentemente outra coisa que não apenas aguardar a chegada da morte, pois há na vida numerosos acidentes que fazem sofrer mais do que a morte. Haja vista aquele menino da Lacedemônia feito prisioneiro por Antígono e vendido como escravo. Instado a um trabalho abjeto, respondeu: "Vais ver quem compraste; seria uma vergonha fazê-lo, tendo a liberdade a meu alcance". E precipitou-se do alto da casa. Antípatro ameaçava duramente os lacedemônios a fim de os obrigar a atender a uma de suas exigências: "Se tu nos ameaças", responderam eles, "com coisas piores do que a morte, preferimos morrer". A Filipe, que os advertia de que faria malograr tudo o que empreendessem, observaram: "Quererás impedir-nos de morrer?" Eis por que se diz que o sábio vive quanto deve e não quanto o poderia; e o que de melhor recebemos da natureza e que nos tira todo direito de queixa, foi a possibilidade de desaparecer quando bem quisermos. Criou ela um só meio de entrar na vida, mas cem de sair. Podemos carecer de terras para viver; não faltam para morrer, como diz Boiocatus em sua resposta aos romanos:

"Ubique mors est; optime hoc cavet deus.

Eripere vitam nemo non homini potest;

At nemo mortem; mille ad hanc aditus patent"

"Por que te queixas deste mundo? Não te convém? Vives infeliz? Culpa apenas a tua covardia. Para morrer basta desejá-lo; a morte está em toda parte, devemos-la à bondade dos deuses; podem tirar a vida a um homem: não lhe podem tirar a morte. Mil caminhos abertos a ela conduzem" [Sêneca]

E não se trata de receita para uma só doença. A morte é um remédio para todos os males, é um porto de inteira segurança que não é de se temer jamais e sim de se procurar não raro. Tudo consiste nisto: que o homem decida acabar, que corra à frente de seu fim ou o aguarde, é sempre ele que está em causa: em qualquer ponto que se rompa o fio, ei-lo fora do jogo. É a extremidade do rojão que arrebenta ao ser atingida pelo fogo. A morte voluntária é a mais bela. Nossa vida depende da vontade de outrem; nossa morte, da nossa. Em nenhuma coisa, mais do que nesta, temos liberdade para agir. A reputação não atinge tal empresa, é tolice pois qualquer respeito. Viver é ser escravo, sem a liberdade de morrer.

De costume a cura só se obtém em detrimento da vida; fazem-nos incisões, cauterizam-nos, privam-nos de alimento, tiram-nos sangue; um passo a mais e eis-nos curados para sempre. Por que não teríamos a liberdade de nos cortar a garganta, como temos a de proceder a uma sangria? Quanto mais grave a doença tanto mais exigente de remédio enérgico. Sérvio, o gramático, sofrendo de gota, não achou solução melhor do que tomar um veneno que lhe paralisou as pernas. Conquanto se tornassem insensíveis, pouco lhe importava ficassem impotentes. Deus muito faz por nós em nos dando a possibilidade de agir como entendemos desde que julgemos ser a vida pior do que a morte. Ceder ao mal é sinal de fraqueza, mas entretê-lo é loucura. Consideram os estóicos que o sábio obra de acordo com a natureza quando abandona a vida, ainda que se sinta feliz, desde que a deixe no momento oportuno; e é próprio do louco aferrar-se à existência quando ela é insuportável. Assim como não violo as leis contra os ladrões quando carrego meus haveres e tomo minha bolsa a mim mesmo; nem as leis contra os incendiários quando queimo a minha lenha; não desobedeço tampouco às que punem o assassínio quando me tiro a vida. Hegésias dizia que, dependendo de nós as condições de nossa vida, devemos dispor igualmente das condições de nossa morte. Diógenes, ao encontrar de liteira o filósofo Espeusipo de há muito atacado de hidropisia, exclamou: "Não te desejo nada, já que desejas viver no estado em que estás". Algum tempo depois, cansado de tão penosa existência, Espeusipo suicidou-se.

Mas quantas objeções a isso! Alguns consideram que não podemos abandonar este mundo em que estamos aquartelados, sem ordem expressa de quem nele nos colocou; e a Deus, que para cá nos enviou não apenas para nosso prazer mas para Sua glória e serviço de nossos semelhantes, cabe despedir-nos quando Lhe agradar e não quando nós o desejarmos. Não nascemos apenas para nós, mas também para a nossa terra. As leis, em seu próprio interesse, exigem que prestemos contas de nós e podem punir-nos como homicidas; por outro lado, no outro mundo seremos castigados por deserção:

"Ubique mors est; optime hoc cavet deus.

Eripere vitam nemo non homini potest;

At nemo mortem; mille ad hanc aditus patent"

"Além, mantêm-se acabrunhados de tristeza os que, embora não hajam cometido crime nenhum, se deram a morte por ódio à luz e para rejeitar o fardo da vida" [Virgílio]

Há mais coragem em esperar que caiam por aí, roídos pelo uso, os ferros de nosso cativo, do que em os quebrar nós mesmos. Régulo foi mais forte de ânimo que Catão. São a falta de discrição e a impaciência que nos induzem a apressar o momento fatal. A virtude realmente digna desse nome não cede ante nenhum acidente, qualquer que seja; males e doenças são por assim dizer seu alimento; ela os procura. As ameaças dos tiranos, os tormentos, os carrascos animam-na e a fortalecem:

"Duris ut ilex tonsa bipennibus

Nigrae feraci frondis in Algido,

Per damma, percmdes, ab ipso

Ducit opes, animumque ferro"

"Assim o carvalho nas negras florestas do Algido; desbastado pelo machado, apesar de suas perdas e chagas, recobra novo vigor sob o ferro que o talha" [Horácio]

Pode-se ainda dizer com esses autores:

***“Non est, ut putas, virtus, pater,
Timere vitam; sed malis ingentibus
Obstare, nec se vertere, ac retro dare”***

”A virtude, meu pai, não consiste como pensas em temer a vida,
mas em nunca fugir dela e em enfrentar a adversidade” [Sêneca]

***“Rebus in adversis facile est contemnere mortem
Fortius ille facit, qui miser esse potest”***

”Na desgraça é fácil desprezar a morte; e há mais coragem em saber ser infeliz” [Marcial]

É sinal de covardia, e não de virtude, ir agachar-se em um buraco sob o túmulo maciço, a fim de escapar aos golpes do destino. Por maior que seja a tempestade, a virtude não modifica seu caminho nem seu passo:

***“Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae”***

”Que o universo partido se desmantele, sem temor ela ficará sob as ruínas” [Horácio]

O mais comum é que cheguemos à morte para fugir de outros inconvenientes; por vezes mesmo é para fugir desta que vamos a ela:

“Hic, rogo, non furor est, ne moriari, mori?”

”Digam-me, peço, morrer de medo de morrer não será loucura?” [Marcial]

Assim fazem os que com receio do precipício nele se atiram:

***“Multos in summa pericula misfit
Venturi timor ipse mali: fortissimus ille est,
Qui promptus metuenda pati, si cominus instent,
Et differre potest”***

”O pavor do perigo faz que nos atiremos ao perigo. O homem corajoso
é o que enfrenta o perigo se preciso e o evita se possível” [Lucano]

***“Usque adeo, mortis formidine, vitae
Percipit humanos odium, lucisque videndae,
Ut sibi consciscant moerenti pectore lethum
Obliti fontem curarum hunc esse timorem”***

”O homem temeroso da morte desgosta-se da vida, fica com horror à luz; mata-se
ele próprio, esquecido de que a fonte dos males é o medo de morrer” [Lucrécio]

Platão em suas leis ordena que uma sepultura ignominiosa se reserve a quem prive da vida seu parente mais próximo e seu melhor amigo, em outras palavras, ele próprio, e assim interrompa o curso do destino, sem a tanto ser constrangido pela opinião pública, por algum triste e inevitável acidente da sorte, por uma insuportável vergonha, tendo tido apenas como móvel a covardia ou a fraqueza de um espírito temeroso. Desdenhar a vida é ridículo, porque afinal de contas a vida é nosso ser, nosso tudo. As coisas de essência mais rica e nobre podem acusar nossa vida; é porém ir de encontro à natureza desprezar-se a si mesmo e odiar-se; é uma doença de gênero especial que não se depara em nenhuma outra criatura senão o homem. É também vaidade desejarmos ser diferentes do que somos; um tal desejo não leva a nada: contradiz-se e traz em si o obstáculo à sua realização. Quem deseja que o homem se faça anjo, não trabalha por si; se seu desejo se realizasse, não o aproveitaria, pois não mais existindo não poderia regozijar-se com a transformação e sentir-lhe os efeitos.

***“Debet enim, misere cui forti, aegreque futurum est,
Ipse quoque esse in eo turn tempore, cum male possit
Accidere”***

”Nada há que temer de um mal futuro, se não devemos existir quando esse mal ocorrer” [Lucrécio]

A segurança, a indolência, a impassibilidade, a isenção dos males da vida, que compramos pelo preço da morte, não se nos tornam de nenhuma vantagem. É por nada que evita a guerra quem não pode gozar a paz; por nada que foge da pena quem não pode saborear o repouso.

Entre os que pensam seja lícito suicidar-se, um ponto é controvertido: quando as circunstâncias justificam suficientemente que um homem se mate? Embora admitam que causas insignificantes possam muitas vezes motivar semelhante resolução, tendo tudo na vida importância relativa, cabe estabelecer uma medida. Há disposições de espírito inteiramente desprovidas de sentido e lógica que levaram não somente homens, mas também povos, à autodestruição. Citei exemplos, mas eis mais outro: em seguida a um entendimento nascido de loucura furiosa, as jovens de Mileto puseram-se a enforçar-se umas após outras, o que só terminou quando o magistrado, intervindo, determinou que arrastassem pela cidade, inteiramente nuas e com a corda ao pescoço, as que assim haviam morrido.

Tericião instava junto a Cleômenes para que se matasse, dado o mau estado de seus negócios. Visto que escapara a uma morte honrosa no combate perdido, aceitasse outra, a qual, embora o sendo menos, privaria o vencedor de lhe impor uma morte – ou uma vida – vergonhosa. Cleômenes, com uma coragem bem lacedemônia e realmente estóica, recusou o conselho por considerá-lo covarde e efeminado: “eis” disse “um recurso que não me faltará nunca e de que não me valerei enquanto houver a menor parcela de esperança; viver é por vezes dar prova de ânimo e valentia; quero que minha própria morte seja útil a meu país, seja um ato que testemunhe minha coragem e me honre”. Tericião, coerente com suas idéias, matou-se. Cleômenes também, mais tarde, mas somente depois de ter tentado até o fim vencer a sorte. Nenhum dos males da vida justifica que nos suicidemos para o evitar. Ademais, as coisas humanas estão sujeitas a tais reviravoltas, que se faz difícil julgar

em que momento nos cumpre renunciar a qualquer esperança:

***“Sperat et in saeva victus gladiator arena,
Sic licet infesto pollice turba minax”***

“Estendido na arena, o gladiador vencido espera ainda viver, quando já a multidão ameaçadora faz o gesto da morte” [Pentádio]

O homem tem o direito de tudo esquecer enquanto vive, diz um aforismo antigo. Sim, atalha Sêneca, mas por que dizer que a sorte tudo pode para quem está vivo, em vez de afirmar que ela nada pode contra quem sabe morrer? Conhecido é o caso de Josefo que, achando-se em grave perigo por se haver sublevado o povo inteiro contra ele, não podia, razoavelmente, esperar qualquer salvação; aconselhado por alguns de seus amigos a matar-se, seguiu o caminho de se obstinar na esperança. Contra toda previsão humana, a sorte mudou e Josefo se viu salvo sem ter sofrido dano algum. Não perderam Cássio e Bruto os últimos restos da liberdade romana, de que eram os sustentáculos, pela precipitação que mostraram em se matar antes que as circunstâncias o exigissem realmente?

Na batalha de Ceríssoles, o Senhor de Enghien tentou por duas vezes atravessar a garganta com sua espada, no desespero de ver o combate perder-se no lugar em que se encontrava. E com essa precipitação quase deixou de gozar uma bela vitória. Vi cem lebres fugirem quando estavam quase nos dentes dos cães.

“Aliquis carnifici suo superstes fuit”

“Há quem tenha sobrevivido ao seu carrasco” [Sêneca]

***“Multa dies, variusque labor mutabilis nevi
Rettulit in melius; multos alterna revisens
Lusit, et in solido rursus fortuna locavit”***

“O tempo, os diversos acontecimentos podem acarretar mudanças felizes; não raro em seus jogos a sorte caprichosa volta àqueles que enganou e os eleva” [Virgílio]

Plínio disse que há três espécies de doença em virtude das quais temos o direito de nos matar para as evitar, e cita como a mais dolorosa de todas a pedra quando obstrui a bexiga e ocasiona retenções de urina. Sêneca só admite as que comprometem durante muito tempo as funções do espírito. Outros são de parecer que para abreviar uma morte dolorosa podemos matar-nos quando o julgamos conveniente. Demócrito, chefe dos etólicos, levado em cativeiro para Roma, descobriu certa noite um meio de fugir; perseguido pelos guardas e a ponto de lhes cair nas mãos, atravessou o próprio corpo com a espada. Antínoo e Teódoto, cidadãos do Epiro, vendo sua cidade prestes a ser destruída pelos romanos, aconselharam a todos que se matassem. Tendo vencido a idéia da rendição, decidiram-se eles pela morte e, a fim de a buscar, atiraram-se contra o inimigo, esforçando-se unicamente por atacar, sem se preocuparem com a própria segurança. Quando há poucos anos a ilha de Gozo caiu em poder dos turcos, um siciliano que aí se achava e tinha duas belas filhas em idade de casar, matou-as com as próprias mãos, bem como a mulher que acorrera para as socorrer; isso feito, saiu à rua com uma besta e um arcabuz e, ao se aproximarem os turcos, descarregou suas armas matando os dois primeiros. Em seguida, de espada na mão, precipitou-se contra os outros. Imediatamente cercado, foi picado em pedaços, escapando da escravidão depois de haver livrado os seus do mesmo risco. As mulheres judias, a fim de fugir à crueldade de Antíoco, jogavam-se em um precipício com os filhos depois de os mandar circuncidar. Contaram-me que estando na prisão certo senhor de elevada condição social, seus parentes, avisados de que seria seguramente condenado à morte, para obviar a vergonha do suplício pediram a um padre que lhe transmitisse o meio certo de se libertar: que se recomendasse a tal ou qual santo com tal ou qual promessa e que ficasse oito dias sem tomar o menor alimento, por mais fraco que se sentisse. Acreditou ele nisso e assim, sem pensar, libertou-se da vida e do perigo em perspectiva. Escribônia aconselhou seu sobrinho a suicidar-se antes que se desse a intervenção da justiça, mostrando que era precisamente ir ao encontro da vontade dos outros conservar a vida para a entregar nas mãos dos que dentro de três ou quatro dias o viriam buscar. E que guardar seu sangue para que o bebessem seus inimigos era em verdade servi-los.

Lê-se na Bíblia que Nicanor, perseguindo os fiéis, mandou alguns guardas se apoderarem de Razias, ancião de grande virtude, por todos respeitado e apelidado o ‘Pai dos judeus’. Vendo-se perdido, queimada a sua casa e quase em mãos do inimigo, esse homem de bem procurou matar-se com sua espada, preferindo morrer nobremente a sofrer um tratamento indigno de sua condição. Com a pressa o golpe falhou e ele correu a jogar-se de cima de um muro sobre os assaltantes e, em tendo estes se afastado, caiu de ponta cabeça. Conservando entretanto um resto de vida, mediante terrível esforço levantou-se e, ensangüentado e ferido, forçou o cerco a fim de alcançar um rochedo a pique. Mas exausto, obrigado a parar, arrancou com as mãos as entranhas por um dos ferimentos, despedaçando-as e as jogando à cara dos perseguidores. E invocava o testemunho dos céus para a justiça de sua causa, apelando para a vingança divina.

Entre as violências perpetradas contra a consciência, as que mais se devem evitar, a meu ver, são as que dizem respeito à castidade das mulheres, tanto mais quanto envolvem o prazer físico, razão pela qual a resistência não pode ser total, unindo-se necessariamente à força certa aquiescência inconsciente da vítima. A história eclesiástica venera a memória de muitas santas que preferiram a morte aos ultrajes que os tiranos infligiram à sua religião e à sua consciência. Pelágia e Sofrônia, ambas canonizadas, mataram-se, a primeira jogando-se ao rio com sua mãe e suas irmãs a fim de evitar a brutalidade dos soldados, e a segunda, para escapar à insistência do Imperador Maxêncio.

Talvez os séculos vindouros venham a louvar esse sábio parisiense [Henri Estienne, autor de ‘Apologia de Heródoto’] que se esforça por persuadir as mulheres de não tomarem tão desesperada resolução em casos análogos. Lamento que esse autor não tenha conhecido, a fim de reforçar sua argumentação, as palavras que ouvi de uma senhora de Tolosa, a qual passara pelas mãos de alguns soldados: “Louvado seja Deus, pois ao menos uma vez em minha vida me fartei sem pecar”. Matar-se por causa de semelhante aventura é, em verdade, uma crueldade indigna da doçura dos costumes franceses. Graças a Deus, depois de tais

conselhos vemo-nos vingados dessas crueldades, pois basta que as mulheres digam ‘não’ enquanto sofrem a violência, segundo a regra do bom Marot [Clement Marot, poeta francês contemporâneo de Montaigne, autor de epístolas muito espirituosas]:

*“Un doux nenny, avec un doux sourire
Est tant honneste”*

A história está cheia de exemplos de pessoas que trocaram pela morte uma vida difícil de se suportar. Lúcio Arúncio matou-se, dizem, “a fim de fugir do passado tanto quanto do futuro”. Grânio Silvano e Estácio Próximo, a quem Nero perdoara, mataram-se para não dever a vida a um homem tão cruel, e não se expor a um segundo perdão, em virtude da facilidade com que esse indivíduo desconfiado ouvia as acusações aos homens de bem. Spargapizes, filho da Rainha Tômiris, feito prisioneiro por Ciro, aproveitou a primeira oportunidade que lhe deu o monarca, para se matar, pois da liberdade não queria senão a possibilidade de punir-se pelo fato de se ter deixado aprisionar. Boges, governador de Eione, no tempo de Xerxes, estando sitiado pelos atenienses sob as ordens de Címon, recusou as propostas de retirada em segurança, não podendo resignar-se a sobreviver à perda daquilo que seu senhor lhe confiara. Depois de defender a cidade até esgotar os últimos recursos, e já sem víveres, mandou jogar no rio Estruma o ouro e tudo o que pudesse ser aproveitado pelo inimigo. Acendeu em seguida imensa fogueira em que jogou suas mulheres, seus filhos, suas concubinas e seus servidores previamente degolados e na qual se precipitou então ele próprio.

Ninachetuen, senhor indiano, tendo ouvido que o vice-rei português, sem motivo aparente, premeditava destituí-lo do cargo que ocupava em Málaca a fim de dá-lo ao rei de Campar, tomou a seguinte resolução: mandou erguer um palanque mais comprido do que largo, sustentado por colunas, ricamente atapetado, ornamentado de flores e impregnado de perfumes. Vestiu uma túnica bordada de ouro, guarnecida de pedras preciosas, saiu à rua e subiu ao tablado a uma das extremidades do qual ardia uma fogueira de madeiras aromáticas. Acudiu o povo para ver a que se destinavam tais preparativos inesperados, e Ninachetuen expôs então, com semblante corajoso, mas sem esconder seu ressentimento, os serviços prestados por ele à nação portuguesa. Disse da eficiência com que desempenhara os cargos que tivera e acrescentou que tendo demonstrado sempre de armas na mão ser para ele a honra mais preciosa do que a vida, não falharia agora. E tendo-lhe a sorte recusado qualquer outro meio de se opor à injúria que lhe era feita, sua coragem ordenava-lhe não sobreviver à desonra, não constituir motivo de mofa para o povo nem colaborar para o triunfo de gente de pouco valor. E, assim dizendo, precipitou-se na fogueira.

Sextília, mulher de Escauro, e Páxea, mulher de Labeo, a fim de encorajar os maridos a evitar, com a morte, os perigos que os ameaçavam e cujas conseqüências elas só sentiriam como esposas, sacrificaram voluntariamente a vida, querendo com isso não somente dar o exemplo, mas ainda acompanhá-los. O que essas heroínas fizeram com seus consortes, fê-lo por sua pátria Coceio Nerva, menos utilmente por certo mas com igual determinação. Esse grande jurisconsulto, que tinha saúde, riqueza, reputação e prestígio junto ao imperador, matou-se unicamente por considerar lamentável a situação do governo de Roma. Nada porém pode ultrapassar em estranheza a morte da mulher de Fúlvio, que era amigo de Augusto. Tendo este percebido que Fúlvio divulgara um segredo importante, acolheu-o muito mal certa manhã. Fúlvio voltou para casa desesperado e disse à mulher que ante tão grande desgraça estava resolvido a suicidar-se, ao que ela respondeu de imediato: “Fazes bem, pois já tendo verificado várias vezes que eu não sei calar, não tomaste nenhuma precaução; mas deixa que me mate em primeiro lugar”. E sem nada acrescentar mergulhou uma adaga no seio.

Quando do cerco de Cápua pelos romanos, Víbio Viro, descrente de salvar a cidade bem como da generosidade do inimigo, depois de discutir longamente no Senado as medidas possíveis de defesa, chegou à conclusão de que a morte era o melhor meio de lutar contra a má sorte; que os inimigos os respeitariam mais e Aníbal compreenderia melhor quão fiéis eram os amigos que abandonara. Convidou os que o aprovavam para um festim em sua casa, onde, depois de lauto banquete, beberiam algo que livraria seus corpos dos tormentos físicos, suas almas das aflições, seus olhos e ouvidos do espetáculo que aos vencidos seria imposto por vencedores cruéis e despeitados. “Providencieí, acrescentou, para que logo depois de nossa morte nossos corpos sejam queimados diante de minha residência”. Muitos concordaram com essa resolução de um grande caráter, mas poucos a seguiram. Vinte e sete senadores somente juntaram-se a ele, os quais, após buscarem no vinho o esquecimento, acabaram por tomar a bebida fatal. Abraçando-se então, e lamentando o destino do país, retiraram-se alguns e ficaram os demais com o anfitrião a fim de serem incinerados. A morte de todos foi lenta, pois o vinho perturbou o efeito do veneno e muitos correram o risco de ver o inimigo entrar em Cápua, no dia seguinte, e de suportar as misérias que procuravam evitar.

Voltando o cônsul Fúlvio da terrível carnificina em que por sua causa pereceram duzentos e vinte e cinco senadores, foi orgulhosamente interpelado por Táurea Jubélio, cidadão de Cápua, o qual lhe disse: “manda trucidar-me como os demais, e depois poderás vangloriar-te de teres matado alguém mais valente do que tu”. Fúlvio desdenhou essas palavras que se lhe afiguravam de um louco, e também porque acabava de receber de Roma uma censura à sua crueldade ordenando que sustasse a matança. Mas Jubélio continuou: “Visto que meu país já está vencido, que meus amigos morreram, que matei minha mulher e meus filhos para lhes evitar as calamidades que acarreta a nossa ruína, e que não posso morrer como meus concidadãos, que a coragem me ajude a deixar esta vida odiosa”. E puxando a espada que escondera enfiou-a no peito, vindo a morrer aos pés do cônsul.

Assediava Alexandre uma cidade indiana. Vendo-se sem mais recursos, os sitiados resolveram privá-lo do prazer da vitória mediante um gesto viril. Incendiaram a cidade e pereceram todos nas chamas, apesar do sentimento de humanidade que reconheciam no vencedor. E viu-se o fato inédito de uma batalha em que os assaltantes se esforçavam por salvar os sitiados, os quais para não serem salvos tudo puseram em prática como se lutassem pela vida.

Não tendo a cidade de Ástapa, na Espanha, fortificações sólidas nem meios de defesa contra os romanos, juntaram os habitantes os seus móveis e riquezas na praça pública, colocaram em cima suas mulheres e filhos, cercando tudo de lenha e outros materiais combustíveis. Encarregando cinquenta jovens da execução de seus projetos, saíram todos para o ataque, jurando morrer desde que não lhes era possível vencer. Enquanto isso os cinquenta jovens procediam à matança dos seres vivos

que encontravam, precipitando-se em seguida no fogo. Sua liberdade chegava ao fim e assim não se impressionavam com essa perspectiva, graças ao ato generoso que lhes poupava a dor e a vergonha de perdê-la, ato pelo qual mostravam que, se a sorte não lhes tivesse sido contrária, poderiam ter tido a coragem de tirar-lhes a vitória, como também torná-la frustrada e horrenda, e até mortal, pois numerosos eram os adversários que, atraídos pela isca do ouro em fusão, se aproximavam demasiado das chamas sufocando-se e se queimando, porquanto não podiam recuar sob a pressão dos outros que vinham atrás.

Os habitantes de Abido, em idêntica situação, tomaram igual resolução. Tarde demais, porém. O Rei Filipe, a quem repugnava assistir a tão cruel e precipitada carnificina, depois de apreender todos os tesouros e móveis que queriam queimar ou deitar ao mar, retirou seus soldados e concedeu-lhes três dias para que pudessem pôr em execução com mais ordem e serenidade o projeto de matança em massa. Durante esses três dias o sangue correu e verificaram-se cenas que ultrapassaram tudo o que o mais cruel inimigo poderia cometer. Ninguém sobreviveu.

A história relata bom número de resoluções análogas, tomadas por populações inteiras. Impressionam tanto mais quanto atingem todos sem exceção, e no entanto são menos difíceis de ocorrer com multidões do que com indivíduos isolados, pois o raciocínio que não fariam sozinhos aceitam-no quando coletivo. A febre que nos agita, reunidos, obnubila a razão de cada um em particular.

No tempo de Tibério os condenados à morte, quando executados pelo carrasco, perdiam seus bens e eram privados de sepultura. Os que se adiantavam e se matavam a si próprios, eram inumados e podiam, mediante testamento, dispor de suas riquezas.

Deseja-se às vezes a morte, na esperança de um bem futuro: o desejo de morrer, disse São Paulo, "para estar com Jesus no outro mundo". E de outra feita: "quem me romperá os laços que aqui me retêm?" Tendo lido o Fedon, de Platão, Cleômbroto de Ambrácia viu-se presa de tal desejo da vida futura que, sem motivo, se precipitou no mar. Vemos por esses exemplos quanto erramos em atribuir ao desespero certas mortes voluntárias, a que nos induz por vezes uma esperança radiosa e que também são, não raro, conseqüência de determinações tomadas com calma, maduramente refletidas.

Jacques de Chatel, Bispo de Soissons, que acompanhara São Luís em uma de suas expedições de além-mar, vendo que a volta do rei com seu exército era coisa decidida, quando os interesses religiosos que a fizeram empreender não tinham sido ainda atendidos, resolveu apressar sua entrada no Paraíso. Disse adeus aos amigos e sozinho, às vistas de todos, caminhou contra o inimigo, sucumbindo. Em um reino desse continente recém-descoberto, em certos dias de procissão solene o ídolo que adoram é levado em triunfo sobre enorme carro. Durante a procissão numerosas pessoas cortam pedaços de sua carne para os oferecer em homenagem, enquanto outras, prosternando-se, deixam-se esmagar sob as rodas, a fim de conquistar uma reputação de santidade que as torne veneradas depois da morte. A morte desse bispo comparada a tais sacrifícios demonstra mais grandeza, porém o sentimento religioso parece menor, mascarado em parte pelo entusiasmo na luta.

Houve governos que estabeleceram os casos em que a morte voluntária era justificável e oportuna. Em nosso país mesmo, em Marselha, conservava-se outrora à custa do tesouro e sempre à disposição do público um pouco de cicuta para os que quisessem abreviar seu fim. Era necessário que antes o conselho dos seiscentos, que representavam o Senado, aprovasse as razões do suicida. Não era permitido matar-se sem a autorização do magistrado ou sem motivos legais. Esta lei existiu também alhures.

Sexto Pompeu, a caminho da Ásia, passava pela ilha de Ceos no Negropono. Aí, relata um membro de seu séquito, aconteceu que uma senhora da alta sociedade, que advertira seus concidadãos de seu suicídio, explicando-lhes os motivos, solicitou de Pompeu que a honrasse com sua presença. Ele aceitou o convite e depois de ter longamente e em vão tentado demovê-la, empregando todos os recursos de sua maravilhosa eloqüência, consentiu em que ela agisse como decidira. Tinha ela mais de noventa anos e se achava em pleno gozo de suas faculdades físicas e mentais. Estendida sobre um leito magnificamente ornamentado, apoiando-se sobre o cotovelo, assim falou: "a Sexto Pompeu, que os deuses, antes os que deixo nesta terra do que os que vou encontrar, te protejam por não teres desdenhado ser meu conselheiro dos últimos instantes e testemunha de minha morte. Sempre fui favorecida pela fortuna, mas com receio de que me abandone em se prolongando demasiado a minha vida, renuncio em circunstâncias felizes aos poucos dias que ainda poderia viver; e parto, deixando duas filhas e uma legião de sobrinhos!" Isso dito, deu alguns conselhos aos seus, exortando-os a viverem unidos e em paz, procedeu à partilha de seus bens, recomendou seus deuses domésticos à sua filha mais velha, e, segurando com mão firme a taça, solicitou de Mercúrio que a conduzisse a algum lugar agradável do outro mundo e, de uma só vez, engoliu o veneno. A partir de então, não cessou de se entreter com os presentes acerca da marcha da intoxicação, indicando as diferentes partes do corpo que se iam finando até o momento em que, sentindo os efeitos nas entranhas e no coração, chamou suas filhas para os derradeiros ritos e a fim de lhe cerrarem os olhos.

Conta Plínio que em certa nação hiperbórea o clima é tão ameno que a vida dos habitantes só termina por vontade própria. Cansados de viver, fartos da existência, ao alcançar uma idade avançada, depois de um bom jantar, arrojaram-se ao mar do alto de um rochedo destinado a esse uso.

Somente a insuportável dor ou a certeza de uma morte pior do que o suicídio se me afiguram motivos justificáveis para abandonar a vida.

Capítulo IV

Amanhã é um novo dia

Entre todos os nossos escritores franceses, coloco em primeiro lugar, e com razão, creio, Jacques Amyot. Não somente pela simplicidade e clareza de seu estilo (no que ultrapassa os demais), não apenas pela persistência que precisou ter para levar a cabo tão longo trabalho como a tradução de Plutarco, mas também pelos conhecimentos aprofundados que lhe permitiram,

com tamanha felicidade, exprimir um amor tão difícil e conciso, pois digam o que disserem, embora eu nada entenda de grego, vejo sua tradução apresentar um sentido tão adequado e seguro, que sou impelido a concluir que, ou ele lhe apreendeu admiravelmente as idéias ou praticou tão amiudadamente o autor que delas se impregnou – e tão fortemente – que nada lhe acrescenta suscetível de o desmentir ou contradizer. E lhe sou grato ainda por ter escolhido, entre muitas, uma obra de tal mérito e atualidade.

Nós outros, ignorantes, estaríamos perdidos se esse livro não nos houvesse arrancado do tremedal em que andávamos mergulhados. Graças a ele, ousamos hoje falar e escrever, e até as mulheres podem dar lições aos mestres-escola. É nosso breviário. Se esse excelente homem ainda vivesse, eu lhe indicaria Xenofonte como igualmente digno de ser traduzido. Seria tarefa mais fácil e mais adequada à sua idade avançada. E depois, parece-me que, apesar da facilidade e da precisão que evidencia nos trechos difíceis, seu estilo é mais pessoal e natural quando não tem pressa e escreve à vontade.

Estava naquele trecho em que Plutarco, falando de si mesmo, conta que Rústico, assistindo em Roma a uma de suas conferências, recebeu uma mensagem do imperador e aguardou o fim da palestra para abri-la, discrição que valeu a esse personagem a calorosa aprovação da assistência. A anedota é contada a propósito da curiosidade, essa paixão ávida e insaciável de notícias, de novidades, que nos impele a tudo abandonar com indiscrição e impaciência, para nos entretermos com o recém-chegado; e que nos induz a abrir sem mais demora as cartas recebidas, onde quer que estejamos. Plutarco tem razão em louvar a reserva de Rústico; podia ter acrescentado o elogio de sua polidez e cortesia, porquanto assim agiu com o fim de não perturbar o conferencista. Não creio, porém, que lhe devesse elogiar a prudência, pois quando se recebem cartas inesperadas e em particular do imperador, diferir a leitura talvez se torne realmente grave.

O defeito contrário é a displicência, a que me inclino por temperamento, e conheci quem a levasse a ponto de guardar no bolso, sem abrir, as cartas que recebera três ou quatro dias antes. Quanto a mim, nunca abri as que me confiaram nem as que o acaso me pôs nas mãos, e perturba-me a consciência deitar sem querer o olhar sobre algum escrito de importância que porventura alguém leia perto de mim. Nunca houve quem se preocupasse menos com as coisas alheias.

No tempo de nossos pais, M. de Boutières quase perdeu Turim porque, jantando em boa companhia, adiou a leitura de uma advertência que lhe entregaram acerca da traição tramada na cidade sob seu comando. Plutarco afirma que Júlio César se houvera salvo se, a caminho do Senado, no dia em que foi morto pelos conjurados, tivesse lido o relatório que lhe apresentaram. O mesmo autor nos conta que na noite em que se executou o projeto arquitetado por Pelópidas para matar Árquias, tirano de Tebas, e devolver a liberdade à sua pátria, um ateniense homônimo lhe escreveu uma missiva relatando o que se tramava. Árquias recebeu a carta durante a ceia e deixou de abri-la, dizendo estas palavras que se tornaram proverbiais em Atenas: "fiquem para amanhã os negócios".

A meu ver um homem prudente, por educação, a fim de não cometer uma descortesia para com as pessoas em cuja companhia se encontra, como fez Rústico, ou a fim de não interromper algo importante de que se ocupe no momento, pode adiar para mais tarde o conhecimento de uma notícia que lhe enviam. Mas será indesculpável se não o fizer por interesse ou prazer pessoal, principalmente quando ocupa um cargo público, caso em que lhe cabe até interromper seu repouso e seu sono. Outrora em Roma, havia, à mesa, o lugar dito consular, considerado o mais honroso, e era o de mais fácil acesso ou retirada, o que bem demonstra que, embora à mesa, não se desinteressava o seu ocupante dos demais negócios nem dos acontecimentos que pudessem ocorrer. Mas pode-se ter dito tudo acerca das ações humanas, sempre será difícil traçar uma regra de conduta que obvie às surpresas do acaso, por mais justa que pareça do ponto de vista da razão.

Capítulo V

Sobre a consciência

Achando-nos certa vez em viagem durante as nossas guerras civis, meu irmão, Senhor de la Brousse, e eu, encontramos um fidalgo de boa aparência. Era do partido contrário mas eu não o sabia, porquanto simulava ser dos nossos. Aí está um dos maiores percalços dessas guerras: as cartas tanto se misturaram que o inimigo não se distingue do amigo de um modo visível, nem pela língua nem pela conduta; condicionam-se a idênticos costumes e leis, têm igual aparência, sendo assim difícil evitar a confusão e a desordem. Isso me levava mesmo ao receio de encontrar os nossos exércitos em um lugar em que eu não fosse conhecido, do que resultaria ter dificuldade em provar minha identidade e expor-me assim aos piores vexames, como me aconteceu de uma feita, quando perdi homens e cavalos e um pajem, morto estupidamente, fidalgo italiano que eu vinha educando cuidadosamente e muito prometia.

Nosso companheiro de jornada estava tão apavorado, eu o via tão desnordeado cada vez que deparávamos com alguns grupos de cavaleiros ou que atravessávamos cidades do partido do rei, que acabei por adivinhar que seus temores provinham de uma consciência intranquã. Parecia-lhe que, em sua fisionomia e através das cruzes que trazia ao casaco, se liam seus mais íntimos pensamentos, tal o efeito maravilhoso e irresistível da consciência. Obrigá-nos a nos denunciarmos, a combatermo-nos a nós mesmos e, na ausência de outra testemunha, depõe contra nós:

“Occultum quatiens animo tortore flagellum”

“Servindo ela própria de carrasco e fustigando-nos com látigo invisível” [Juvenal]

Eis uma anedota que está sempre na boca das crianças: um Senhor Besso, da Peônia, a quem censuravam por ter destruído, sem motivo plausível, um ninho de pardais e matado os filhotes, respondeu que não o fizera sem razão, pois as avezinhas não cessavam de acusá-lo erroneamente do assassinio de seu pai. Esse parricida permanecera até então ignorado, mas as fúrias vingadoras da consciência fizeram que fosse denunciado por quem devia arcar com a punição, isto é, por ele mesmo. Diz Platão que o castigo segue de perto o pecado. Hesíodo assim retifica o aforismo: nasce o castigo no momento mesmo em que

nasce o pecado. Quem quer que receie o castigo já o está recebendo. E quem o merece o apreende. A maldade engendra os próprios tormentos:

“Malum consilium consultori pessimum”

“O mal recai em quem o faz” [Aulo Gélío]

Assim a vespa, ao picar, perde o ferrão e com este as suas forças, para sempre:

“Vitasque in vulnere ponunt”

“Deixa a vida no ferimento que provoca” [Virgílio]

As cantáridas trazem em si o contraveneno de seu veneno. É o que também ocorre com quem se compraz no vício; engendra um desprazer que lhe atormenta a consciência, na vigília como no sono:

***“Quippe ubi se multi, per somnia saepe loquentes,
Aut morbo delirantes, protraxe ferantur,
Et celata diu in medium peccata dedisse”***

“Numerosos culpados revelam durante o sono ou o delírio
da febre, crimes de há muito escondidos” [Lucrecio]

Apolodoro via em sonhos os citas esfolarem-no, jogarem-no dentro de uma marmita, enquanto sua alma murmurava: sou a causa desses suplícios. O mau, diz Epicuro, não tem onde se esconder, porque não tem certeza de estar escondido, pois que sua consciência o denuncia a si próprio:

***“Prima est haec ultio, quod se
Judice nemo nocens absolitur”***

“O primeiro castigo do culpado está em não poder absolver-se a seus próprios olhos” [Juvenal]

Se a consciência nos inspira temor, dá-nos igualmente segurança e confiança. Posso afirmar que me conduzi em várias circunstâncias difíceis com muito maior decisão em virtude da convicção íntima em que estava da pureza de minhas intenções e de minha vontade de não desistir:

***“Conscia mens ut cuique sua est, ita concipit intra
Pectora pro facto spemque metumque suo”***

“Enche-se a alma de esperança ou temor segundo o
testemunho que damos de nós a nós mesmos” [Ovídio]

E há mil exemplos disso. Contentar-me-ei com três.

Estava Cipião certa vez sob grave acusação contra ele lançada diante do povo romano. Em vez de se desculpar ou procurar enternecer os juízes, disse-lhes: “Não vos cabe, em verdade, julgar uma acusação capital contra quem vos deu o poder de julgar o mundo inteiro”. Outra vez, em lugar de se defender contra as imputações de que era alvo por parte de um tribuno do povo, exclamou: “Cidadãos, como resposta, iremos render graças aos deuses pela vitória que me deram contra os cartagineses e cujo aniversário se festeja hoje”. Tendo Catão incitado Petílio a pedir-lhe que prestasse contas dos dinheiros postos à sua disposição para administrar a província de Antioquia, Cipião, no Senado, apresentou seu caderno de notas afirmando que receita e despesas aí se inscreviam com fidelidade. E como o instassem para que o depositasse no arquivo, recusou observando que não desejava impor a si mesmo semelhante humilhação; e o rasgou em pedaços. Não penso que alguém com a consciência suja pudesse demonstrar igual confiança em si. Cipião tinha naturalmente um belo caráter e estava habituado à fortuna, escreve Tito Lívio, para se rebaixar à defesa de sua inocência.

A tortura é uma invenção perigosa que parece antes pôr à prova a resistência à dor do que a sinceridade. Quem a não pode suportar esconde a verdade tanto quanto quem a suporta; pois por que a dor o levaria a confessar o que é mais do que o que não é? E, inversamente, se quem não cometeu o que lhe recriminam é bastante resistente para suportar a tortura, por que não o há de ser o culpado que em tal circunstância joga a vida? Penso que o emprego desse processo tem sua origem na ação da consciência; dir-se-ia que no culpado em a enfraquecendo ela colabora com a tortura e o induz à confissão, enquanto fortalece a determinação do inocente. Em verdade, trata-se de um meio cheio de incertezas e perigos, pois que não se há de dizer e fazer a fim de obviar a tais suplícios?

“Etiam innocentes cogit mentiri dolor”

“A dor obriga o próprio inocente a mentir” [Públio Siro]

Daí ocorre que aquele a quem o juiz inflige a tortura para não se expor a condenar um inocente, na realidade morre inocente e torturado. Muitos acusados sob os efeitos da tortura confessam o que não fizeram. Entre esses incluo Filotas, a julgar pelas circunstâncias do processo que lhe moveu Alexandre e os resultados das torturas a que foi submetido. Como quer que seja e embora se diga que é o que de menos falho encontrou o homem em sua fraqueza, para chegar à verdade, considero a tortura um processo inumano e bem pouco útil.

Muitos povos, menos bárbaros a esse respeito do que os gregos e os romanos que assim os chamavam, achavam horrível e cruel torturar alguém cuja culpabilidade não estivesse estabelecida. Que culpa terá ele de nossa ignorância? Não somos injustos em obrigá-lo a suportar coisa pior do que a morte, a fim de não matá-lo sem razão? E não se negará que assim seja, pois vemos muitos inocentes preferirem a morte a submeter-se a tal meio de informação mais penoso do que a execução e que pela sua violência não raro acarreta de antemão a morte. Não me lembro onde deparei com este caso; mas ele mostra bem como encarar esse processo justiceiro: diante de um general de exército muito rigoroso, uma camponesa acusava um soldado de ter roubado a seus filhos o pouco de sopa que lhes restava. Não havia prova. O general, depois de advertir a mulher acerca do alcance do que dizia e de chamar sua atenção para a responsabilidade que assumia, mandou abrir o ventre do soldado a fim de verificar o fundamento da acusação. E aconteceu que a camponesa tinha razão. Condenação instrutiva.

Capítulo VI

A perfeição adquire-se com a prática

É difícil que o raciocínio e o conhecimento, se bem que nossa convicção nos ajude, sejam assaz poderosos para nos levar à ação se, ademais, não nos exercitamos, e pela prática não adaptamos a alma ao que queremos. De outro modo, no próprio momento de agir ela se encontrará em dificuldade. Eis por que os filósofos que visaram à perfeição não se contentaram com aguardar na serenidade do repouso os rigores da sorte. De medo de que ela os achasse desprevenidos e inexperientes para a luta, foram-lhe ao encontro, enfrentando riscos e tormentos de moto próprio, renunciando uns a suas riquezas, a fim de se acostumarem a uma pobreza voluntária, exercitando-se outros por meio das mais duras tarefas e austeridades de uma vida de privações, em se calejarem. Outros ainda se mutilaram, privando-se de seus órgãos mais preciosos, como os olhos ou as partes genitais, com receio de que, sentindo exagerado prazer em seu uso, tivessem enfraquecido a alma.

Mas não nos é possível exercitar-nos a morrer, o que constitui entretanto a mais árdua tarefa que nos cumpre enfrentar. Podemos, pelo hábito e a experiência, fortalecer-nos contra a dor, a vergonha, a indignação, etc. No que concerne à morte só a podemos experimentar uma vez, e quando chega não passamos todos nós de aprendizes.

Houve outrora homens tão ciosos de bem empregar seu tempo, que procuraram, ao passarem da vida à morte, fixar suas impressões e analisá-las. Mas nenhum deles voltou para nos comunicar o que pôde aprender:

“Nemo expēgitus exstat,

Frigida quern semel est vitai pausa sequuta”

”Jamais acorda quem, uma vez, adormeceu no frio repouso da morte” [Lucrécio]

Um nobre romano, Cânio Júlio, dotado de notável coragem e caráter, entre outras provas espantosas de sua resolução, deu a seguinte: condenado à morte por esse monstro que se chamou Calígula, ao ser executado pelo carrasco e ouvindo de um filósofo seu amigo: “Então, Cânio, qual o teu estado de alma neste momento? Em que pensas?”, respondeu: “Penso em estar preparado para morrer e em procurar com todas as minhas forças, neste instante tão curto, verificar o que sentirá minha alma, se experimentará algum tremor ao separar-se do corpo, e se eu conseguir algo hei de voltar, em podendo, para dizê-lo a meus amigos”. Eis um filósofo que continuou filósofo até durante a morte. Quanta coragem, quanta firmeza de ânimo em desejar que ela servisse de lição, em conservar uma tal liberdade de espírito, em poder pensar assim noutra coisa em semelhante ocasião!

“Jus hoc animi morientis habebat”

”Que domínio tinha sobre a alma na hora da própria morte!” [Lucano]

Parece-me contudo que haja possibilidade de nos familiarizarmos com a morte, de apreciá-la de perto. Podemos tentar a experiência, se não inteira e perfeita, ao menos em condições em que nos seja proveitosa, fortalecendo nossa coragem e dando-nos alguma segurança. Se não podemos alcançá-la, podemos aproximar-nos dela, reconhecê-la. Se não podemos penetrar no edifício, podemos palmilhar as avenidas de acesso. Não sem razão, comparam-na ao sono, que mui parecidos são. Com que facilidade adormecemos, perdemos a noção da luz e de nós mesmos, quase sem nos apercebermos. Talvez esse sono que nos priva momentaneamente de movimento e sensação, se nos afigurasse inútil e inexplicável se não víssemos nisso uma lição da natureza, a de que estamos destinados tanto a morrer como a viver. Para que nos acostumemos e não tenhamos receio, ela nos mostra no decurso da vida o estado que nos reserva para quando deixarmos a existência.

Quem, em conseqüência de algum acidente, desmaiou e perdeu por completo o conhecimento das coisas, esteve, imagino, bem perto da morte natural. Quanto ao instante preciso da passagem da vida à morte não há como temer que comporte esforço ou dor. Pois nada podemos sentir sem a presença do tempo. Nossas sensações precisam de tempo para serem sentidas e o tempo é demasiado curto no momento da morte. É a aproximação da morte que cabe temer, e essa aproximação é passível de estudo.

Muitas coisas parecem maiores quando pensamos nelas do que quando com elas deparamos. Passei boa parte de minha existência em perfeita saúde, não somente ignorando a doença, mas ainda cheio de vida e atividade. Esse estado de verdor e alegria fazia-me temer a tal ponto a enfermidade que, ao experimentá-la, a achei menos horrível do que imaginara. Eis um fato que se repete cotidianamente comigo: se me encontro comodamente aquecido no meu quarto durante uma noite de tempestade, tremo pelos outros e me apiedo deles. No entanto, se me acho eu próprio na tempestade não procuro sequer um refúgio. Estar constantemente fechado dentro de um quarto, parecia-me insuportável. Uma doença que muito me aborreceu, mudou-me e me enfraqueceu a ponto de me obrigar a guardar o leito durante cinco semanas. Verifiquei então que, quando estava com saúde, os doentes me pareciam muito mais dignos de pena do que eu em idêntica circunstância e que minha apreensão dobrava quase a desgraça real. Espero que ocorra o mesmo quanto à morte e que ela não valha em verdade todo o esforço que faço para me preparar a recebê-la dignamente, nem todos os recursos que tento juntar a fim de resistir a seu ataque. Em todo caso não convém negligenciar nenhum de seus aspectos.

Quando da terceira, ou segunda (não me lembro exatamente) guerra de religião, estando um dia a passear a uma légua de minha casa situada no centro do teatro das guerras civis e julgando-me em segurança, pensei não me ser necessário mais do que um cavalo ágil mas pouco resistente. Ao voltar, uma circunstância inesperada fez que me visse forçado a exigir dele mais do que podia dar. Procurando auxiliar-me, um de meus homens, grande e forte e que cavalgava um atlético rocim duro de boca, quis mostrar sua habilidade e chegar antes de seus companheiros, de modo que se precipitou a todo galope diante de mim e caiu com seu peso colossal sobre o homenzinho e o cavalinho que éramos nós, jogando-nos ambos de pernas para o ar. Assim ficou o cavalo atordoado e eu sem sentidos, a doze passos, de costas para o chão, todo machucado e esfolado, a espada ao longe, a cinta em pedaços. Foi, até agora, o único desfalecimento que tive. Os que me acompanhavam, depois de tudo fazer para que

voltasse a mim, acreditaram-me morto. Tomando-me então nos braços, transportaram-me com muita dificuldade durante cerca de meia légua francesa até a minha casa. No caminho, após duas horas durante as quais estive como morto, comecei a fazer alguns movimentos e a respirar. Tamanha quantidade de sangue se expandira em meu estômago que a fim de aliviá-lo teve a natureza de provocar uma reação. Puseram-me em pé e eu expeli em grandes golfadas um balde cheio de sangue puro. Várias vezes durante o caminho o fato ocorreu. Graças a isso comecei a recuperar minhas forças, mas aos poucos, e tanto tempo foi preciso que a princípio o que eu sentia participava mais da morte que da vida:

***“Perche, dubbiosa ancor del suo ritorno,
Non s’assicura attonita la mente”***

“Porque ainda incerta de sua volta, a alma atônita não pode afirmar-se” [Tasso]

Essa recordação, que se gravou fundamente em meu espírito, de um acidente em que a morte me apareceu por assim dizer com o aspecto que deve realmente ter, causando-me a impressão que devemos sentir, essa recordação reconcilia-me até certo ponto com ela. Quando comecei a ver de novo, minha vista estava tão turva, tão fraca, extinta, que não discerni a princípio senão um pouco de luz:

***“Come quel ch’or apre, or’chiude
Gli occhi, mezzo tra’l sonno e l’esser desto”***

“Como alguém que, meio acordado meio dormindo, ora abre os olhos e ora os fecha” [Tasso]

Quanto às funções do espírito, voltavam à vida juntamente com o corpo. Vi-me ensangüentado, com o gibão empapado de sangue perdido. O meu primeiro pensamento foi o de haver recebido um tiro de arcabuz na cabeça, pois ouviam-se tiros de quando em quando nos arredores. Parecia-me que a vida estava suspensa a meus lábios e eu fechava os olhos a fim de ajudá-la a desprender-se de mim, comprazendo-me nesse estado de langor e também em me sentir esvaír. Em meu espírito ocorria a sensação vaga da volta da faculdade de pensar, mal definida ainda, mais suspeitada do que percebida, sensação terna e doce como tudo o que experimentava, não somente isenta de desprazer mas ainda lembrando a quietude que se apodera de nós ao sermos dominados pelo sono. Creio que é nesse estado que se devem sentir os que na agonia desfalecem de fraqueza. E julgo que deles nos apiedamos sem razão, pois imaginamos erroneamente que sua agitação provém de dores excessivas ou de pensamentos penosos. Sempre fui de opinião, contrariamente a outros, inclusive La Boétie, que os vemos assim perturbados e acabrunhados nos seus últimos instantes, seja em consequência de longa enfermidade, seja de ferimentos, de apoplexia ou epilepsia.

***“Vi morbi saepe coactus
Ante oculos aliquis nostros, ut fulminis ictu,
Concidit, et spumas agit; ingemit, et tremitt artus;
Desipit, extentat nervos, torquetur, anhelat,
Inconstanter, et in jactando membra fatigat;”***

“Muitas vezes um infeliz tomado de mal súbito cai repentinamente diante de nós como que fulminado: a boca espuma, o peito geme, os membros tremem; fora de si, retesa-se, torce-se ofegante, exaure-se em toda espécie de movimentos convulsivos” [Lucrécio]

Fui sempre de opinião que os que vemos engrolar as palavras suspirando fundamente, sem que nada indique que ainda estão conscientes nem que estejam privados de qualquer movimento, já tinham então a alma e o corpo adormecidos e como que amortalhados:

“Vivit, et est vitae nescius ipse suae,”

“Vivem sem ter consciência de que estão vivos” [Ovídio]

E não creio que, dada a fraqueza dos membros, o embotamento dos sentidos, possa o nosso espírito conservar força suficiente para sentir o que quer que seja. Portanto, esses moribundos não estão sujeitos a pensamentos que os atormentem e lhes revelem a triste condição em que se acham. Por conseguinte não nos devem inspirar piedade.

Quanto a mim, não sei de nada tão insuportável e horrível como ter uma alma aflita sem poder expressá-lo; assim os que são enviados ao suplício após se lhes cortar a língua (se bem que nesse gênero de morte uma atitude silenciosa e uma fisionomia severa e grave sejam o que melhor convém), e do mesmo modo os que caem nas mãos dos soldados transformados em carrascos e que são torturados cruelmente a fim de pagarem um resgate impossível, e que enquanto não o fazem permanecem presos em condições e locais ignóbeis, sem possibilidade de tornarem conhecidos os seus pensamentos. Os poetas inventaram alguns deuses favoráveis à liberação dos que arrastam desse modo uma morte lenta: “executo as ordens que recebi”, diz Íris,

***“Hunc ego Diti
Sacrum jussa fero, teque isto corpore solvo”***

“E liberto o teu corpo cortando o fio de cabelo louro consagrado ao deus dos infernos” [Virgílio]

As palavras, as respostas breves e sem nexos que lhes arrancam em lhes gritando aos ouvidos, os movimentos que fazem e parecem ter alguma relação com o que se lhes pergunta, não são provas de que vivem. Acontece o que se verifica quando adormecemos e que o sono ainda indeciso não se assenhoreou completamente de nós: temos, como em sonho, alguma idéia do que ocorre em torno de nós, acompanhamos o que se diz, mas o percebemos apenas vagamente e de maneira imperfeita que mal toca o espírito. Assim as nossas respostas participam mais do acaso que da lógica.

Agora que tive uma experiência, não duvido da exatidão de minhas idéias. Antes de mais nada, embora desmaiado trabalhava com as unhas (pois estava desarmado) para abrir o meu gibão e no entanto não tinha a impressão de haver sido ferido. Mas temos muitas vezes movimentos inconscientes:

“Semianimesque micant digiti, ferrumque retractant;”

“Os dedos agonizantes contraem-se e se cerram sobre a lâmina que lhes escapa” [Virgílio]

Quando caímos, estendemos os braços, em um impulso natural de nossos membros que se prestam mútuos serviços e se movimentam com autonomia:

***“Falcíferos memorant currus abscindere membra...
Ut tremere in terra videatur ab artubus id quod
Decidit abscissum; cum mens tamen atque hominis vis
Mobilitate mali, non quit sentire dolorem”***

”Dizem que, nos combates, os carros armados de foices decepam com tamanha rapidez os membros dos combatentes que os vemos ainda palpantes no chão, antes que a dor de tão súbito golpe lhes atinja a alma” [Lucrecio]

Estava com o estômago oprimido por esse sangue coalhado. Minhas mãos o procuravam espontaneamente como fazem, sem intervenção de nossa vontade, quando sentimos coceiras. Há animais – e isso também se vê entre os homens – cujos músculos se contraem e mexem mesmo depois da morte. E todos sabem que certas partes do nosso corpo se agitam, se retesam e se relaxam sem que haja qualquer intenção de nossa parte. Ora, esses sofrimentos que mal nos roçam não nos pertencem; para que fossem nossos seria necessário que nos tomassem por inteiro. Assim, as dores que enquanto dormimos nos tomam o pé ou a mão, não nos pertencem.

Quando me acerquei de casa, onde já chegara a notícia do acidente e minha família me acolhia com os gritos comuns a tais circunstâncias, não somente respondi com algumas palavras, mas ainda, ao que soube depois, dei ordens também para que arranjassem um cavalo para minha mulher que eu via em dificuldades no caminho íngreme e penoso. Dir-se-á que semelhante preocupação era prova de ter eu recuperado a razão, mas assim não era. Eram rasgos de lucidez, confusos, provocados pelo que percebi meus olhos e meus ouvidos e que não provinham de dentro de mim. Eu não sabia nem de onde vinha nem para onde ia; não podia tampouco entender o que me perguntavam, nem refletir; o pouco que então me era possível fazer ou dizer decorria de meus sentidos agindo maquinalmente; o espírito não participava disso. Este se encontrava como em um sonho, ligeiramente impulsionado pela débil impressão dos sentidos. Contudo a sensação que tinha era de calma e de doçura; não pensava em mim nem em ninguém, estava em um estado de languidez e de fraqueza extremas, sem sentir dor alguma. Vi a minha casa mas não a reconheci. Quando me deitaram, o repouso causou-me infinito bem-estar. Fora terrivelmente sacudido e abalado pelos pobres diabos que se haviam revezado no transporte de meu corpo durante a longa e extenuante caminhada. Deram-me inúmeros remédios que eu recusei, certo de que estava mortalmente ferido na cabeça. Teria sido, sem mentira, uma morte muito agradável, impedindo-me o enfraquecimento da razão de perceber o do corpo. Deixei-me ir ao léu, tão suavemente, de maneira tão indolente e fácil que nada sei de menos penoso.

Quando principiei a viver de novo e a recuperar minhas forças:

“Ut tandem sensus convaluere mei,”

”Quando meus sentidos enfim recobriram algum vigor” [Ovidio]

, o que ocorreu duas ou três horas depois, senti-me tomado de dores por todo o corpo, com os membros moídos pela queda. Sofri tanto durante as noites que se seguiram, que pensei morrer novamente mas de morte extremamente dolorosa então, e até hoje me ressinto do choque causado pelo acidente. É de se observar que a última coisa que pude recordar foi a maneira por que se verificou o caso. Tive que fazer com que me repetissem várias vezes para onde eu ia, de onde vinha, a hora da ocorrência, antes de o conceber nitidamente. Quanto à queda mesma, escondiam-me os pormenores dela, inventando outros, por comiseração para com o culpado. No dia seguinte, em me voltando aos poucos a memória, quando me revi no estado em que estava ao ver o cavalo jogar-se contra mim (pois eu o percebera no momento em que ia cair-me em cima e me considerava morto, mas o pensamento fora tão rápido que não tivera medo), essa reminiscência foi como um clarão galvanizante e pareceu-me que voltava do outro mundo.

Essa narrativa de acontecimento de tão pequena importância seria prova de vaidade, não fosse a lição que dele tirei, pois para se acomodar ao pensamento da morte creio ser preciso ter-se aproximado dela. Ora, como diz Plínio, cada qual é para si mesmo excelente objeto de estudo, desde que tenha qualidades suficientes para se observar. O que exponho aqui não é doutrina, mas experiência; não é lição dada por outrem e sim por mim a mim mesmo; por conseguinte não me devem censurar se a comunico, pois o que me é útil pode ocasionalmente ser útil aos outros. Ademais não prejudico ninguém e, se é tolice, somente em mim repercutirá; e em morrendo comigo não terá conseqüências. Não conhecemos senão dois ou três filósofos antigos que assim tenham agido, e como os conhecemos apenas de nome ignoramos se o fizeram do mesmo modo [Montaigne refere-se a Alceu e Arquilóquio, entre os gregos, e a Marco Aurélio e Lucílio entre os autores latinos]. Desde então ninguém os imitou. É mais difícil do que parece acompanhar o espírito na sua marcha insegura, penetrar-lhe as profundezas opacas, selecionar e fixar tantos incidentes miúdos e agitações diversas. É uma ocupação inédita e excepcional, mas das mais recomendáveis, que nos afasta das ocupações habituais a que se entrega em geral a gente.

Há vários anos, somente a mim mesmo tenho como objetivo de meus pensamentos, somente a mim é que observo e estudo; se atento para outra coisa logo a aplico a mim ou a assimilo. E não creio seguir caminho errado se, como fazem com as outras ciências incontestavelmente menos úteis, comunico a outrem minhas experiências, embora me considere pouco satisfeito com meus progressos. Não há descrição mais difícil do que a de si próprio, nem mais aproveitável, mas é necessário enfeitar-se, arranjar-se para se apresentar em público. Assim, enfeito-me sem descontinuar, por isso que me descrevo constantemente.

Costuma-se condenar quem fala de si mesmo; o uso o proíbe de modo absoluto por causa da tendência para nos vangloriarmos, que sempre parece apontar-nos testemunhos que damos de nós mesmos. É como se, para não assoar uma criança, lhe arrancássemos o nariz:

“In vitium ducit culpae fuga”

“Não raro o medo de um mal conduz a outro maior” [Horácio]

Um tal remédio se me afigura mais prejudicial do que eficaz. Ainda que fosse verdadeiro, que houvesse necessariamente presunção em entreter o público acerca de si mesmo, não poderia, querendo manter-me fiel à regra que me impus, passar em silêncio o que pode revelar em mim essa disposição doentia, desde que existo. É um erro que não devo esconder, pois, não somente o cometo, como escolhi por profissão cometê-lo. Entretanto, para dizer o que penso, julgo errado esse costume, pois é como se condenassem o vinho porque há quem se embriague. Só se abusa das coisas boas e não falar de si é uma regra que condena apenas o abuso em que podemos cair. São tolices que não embaraçaram nem os santos nem os filósofos; a mim tampouco me apoquentam, embora esteja tão longe de uns como de outros. Se não proclamam que falarão de si, não deixam contudo de o fazer quando se apresenta uma oportunidade. De que fala Sócrates mais abundantemente que de si próprio? Para que encaminha suas conversações com seus discípulos, senão para as suas pessoas? E nunca para uma lição dos livros mas para os movimentos da alma e do ser. Nós, católicos, nos confessamos a Deus e ao nosso confessor, e os protestantes fazem-no em público. Sim, dirão; mas confessamos unicamente os nossos pecados. Ora, confessando-os, tudo dizemos, pois até em nossa virtude podemos falhar e ter motivos para arrependimento.

Meu ofício, minha arte, é viver; quem me censura falar disso segundo meu sentimento, a experiência que tenho e o emprego que dou, proíba a um arquiteto referir-se às suas próprias construções, obrigando-o a comentá-las de acordo com as de outrem. Se é vaidade falar das coisas que nos valorizam, por que Cícero não elogia a eloquência de Hortênsio e este a de Cícero? Talvez desejem, para me julgar, que eu apresente atos e não palavras. Mas são sobretudo os pensamentos que me agitam e, em sua forma mal definida, não podem traduzir-se por atos, que procuro reproduzir. Já me custa muito traduzi-los pela voz, que é coisa aérea e sem consistência. Os homens mais sábios e prudentes, e os mais devotos, passaram a vida evitando qualquer ato exterior. Tais atos emanam mais da sorte que de mim; evidenciam o seu papel e não o meu, a não ser de maneira conjectural e incerta; são amostras de uma parte do indivíduo e não de sua totalidade. Eu me mostro por inteiro, como uma peça anatômica, cujas veias, músculos, tendões, divisamos em seus lugares ao primeiro golpe de vista, ao passo que a tosse indica apenas o que ocorre em certo ponto de nosso ser, a palidez e a pulsação o que se verifica em outro ponto, e tudo isso de modo duvidoso. Não são apenas meus gestos que escrevo, sou eu mesmo, é a minha essência.

Devemos ser prudentes quando nos observamos e com a mesma consciência nos apreciar quanto ao bem e quanto ao mal. Se me acreditasse bom e avisado, ainda que mais ou menos, proclamá-lo-ia em altos brados. Colocarmo-nos abaixo do que realmente somos, considero-o torpeza e não modéstia; diminuir-se é covardia e pusilanimidade, segundo Aristóteles. Não há virtude que acompanhe a falsidade e a verdade jamais será objeto de terror. Dizer mais do que somos, nem sempre é presunção: é por vezes ingenuidade; comprazer-nos em ultrapassar a medida é cair no indiscreto amor a nós mesmos, o que a meu ver constitui o fundamento desse vício. O único remédio consiste em fazer exatamente o contrário do que nos ordenam os que nos proíbem falar de nós mesmos e portanto pensar em nós mesmos. O orgulho está no pensamento; bem pequena é a participação da língua.

Preocupar-se consigo parece aos outros admirar-se. Consideram que observar e sondar a alma é amá-la exageradamente. Mas este excesso só se verifica naqueles que se analisam superficialmente, nos que se estudam após seus negócios, nos que denominam delírio e ociosidade a expressão das sensações próprias, nos que acham que trabalhar em prol do desenvolvimento cultural é construir castelos na Espanha, nos que são estrangeiros e indiferentes a si próprios. Quem se embriaga com sua ciência ao olhar para baixo, erga os olhos para cima e contemple os séculos passados. Baixará o tom vendo milhares de espíritos aos pés dos quais não poderia elevar-se. Se se sente envaidecido com a própria valentia, pense no que realizaram Cipião, Epaminondas e tantos exércitos e povos! De nenhuma circunstância particular se orgulhará quem tenha sempre na memória a debilidade, a imperfeição e a miséria inerentes à natureza humana. Somente Sócrates pôs em prática o preceito que recebera de Apolo: conhece-te a ti mesmo. O que o levou ao desprezo por si próprio e também a ser julgado pela posteridade digno do epíteto de sábio. Quem assim se conhecer, ouse tornar-se conhecido dos outros.

Capítulo VII

Sobre as recompensas honoríficas

Observam os historiadores do Imperador Augusto que quando se tratava de serviços militares, tinha ele como norma ser exageradamente pródigo em presentes diversos para com quem os merecia, enquanto era muito mais parcimonioso em matéria de recompensas puramente honoríficas. Talvez por lhe ter o seu tio prodigalizado todas as recompensas militares antes mesmo que conhecesse a guerra. É uma bela invenção que perdura na maior parte dos países, essa de se terem criado, a fim de honrar e recompensar a virtude, certas distinções visando à satisfação da vaidade e sem valor em si, tais como coroas de louros, de carvalho, de murta, vestimentas de formas particulares, privilégios de circular de carro nas cidades ou à noite com tochas, lugar reservado nas cerimônias públicas, sinais específicos nos brasões, e coisas semelhantes, variáveis segundo o país.

Entre nós e entre certos povos vizinhos existem ordens de cavalaria que não têm outro objetivo.

Idéia útil e boa, essa de recompensar o mérito de reduzido número de homens de valor excepcional, contentá-los e satisfazê-los com prêmios que não pesam no tesouro público e nada custam ao príncipe. E prova a experiência que as pessoas de qualidade sempre se mostraram mais desejosas dessas recompensas que das que lhes dão proveitos pecuniários. O que explica e realça o amor que lhes dedicam. Se a um prêmio que deve ser puramente honorífico atribuem vantagens particulares, ou remuneração importante, essa mistura em vez de aumentar o apreço em que o têm, o diminui e o envilece. A Ordem de São Miguel, que foi tão ambicionada durante algum tempo entre nós, tinha como maior vantagem a de não conferir nenhuma. Por isso, outrora, não havia cargo ou situação a que mais aspirasse a nobreza; nada outorgava maior respeito e consideração,

aceitando a virtude de preferência uma recompensa que constitui seu apanágio exclusivo por ser mais gloriosa do que útil.

Quaisquer outras recompensas são com efeito menos honrosas, tanto mais quanto servem para tudo. Com dinheiro remuneram-se os serviços de um laçao, a diligência de um estafeta, o talento de um dançarino ou de um cavaleiro, ou de um orador. Todos os serviços que nos prestam, mesmo os mais vis, mesmo os vícios, assim se pagam: adulação, traição, luxúria. Não é pois de espantar que a virtude não aceite de bom grado essa espécie de moeda corrente e opte pela outra, a que não mancha o caráter nobre e generoso que lhe é peculiar. Augusto tinha razão no poupá-la, tanto mais quanto a honra é um privilégio cuja característica essencial está na raridade, a qual é também inerente à virtude:

“Cui malus est nemo, quis bonus esse potest?”

“Para quem não enxerga os maus não existem os bons” [Marcial]

Não se distingue um homem que se ocupa da educação de seus filhos; não é um título de recomendação, por louvável que seja o ato, pois é coisa corriqueira. Distingue-se uma árvore grande em uma floresta em que todas são iguais? Não creio que jamais um cidadão de Esparta se haja vangloriado de sua valentia, virtude praticada por todos. Nem de sua obediência às leis e de seu desprezo pelas riquezas. Não cabe recompensa para a virtude, por grande que seja, quando ela participa dos costumes. E não creio mesmo que a consideraríamos grande se fosse comum.

Assim, não tendo as recompensas honoríficas significação real, senão porque são conferidas a um pequeno número de pessoas, o meio mais fácil de as destruir está em as conceder profusamente. Ainda que houvesse hoje maior número de pessoas merecedoras dessa ordem – e reconheço que isso possa ocorrer porquanto nenhuma virtude tende a expandir-se mais do que a coragem militar – não é razão suficiente para que, em a multiplicando, a desacreditem. Além da valentia que aqui qualifico como virtude, empregando este vocábulo em sua acepção corrente, existe a virtude propriamente dita, que constitui a perfeição e é a única que reconhecem os filósofos. De natureza mais elevada do que a valentia, ao contrário desta estende-se a tudo. E consiste nessa força de caráter e nessa firmeza de ânimo que tornam a alma indiferente a todas as ocorrências felizes ou infelizes; igual, uniforme, constante é ela, e dela só minimamente participa a valentia.

Nossos costumes, nossas tradições, os exemplos, fazem que a valentia nos seja familiar e acessível e a tornam bastante comum como se pode ver em nossas guerras civis. Se alguém pudesse, nesta hora, conseguir a paz e dirigir os esforços de todos para um mesmo objetivo, veríamos reflorescer com ela nosso renome militar. É certo que em outras épocas a atribuição dessa ordem não visava apenas a virtude da valentia; exigia-se mais e ela nunca foi conferida a um soldado unicamente por esse motivo. Outorgavam-na aos chefes que se tivessem particularmente distinguido. Saber obedecer não justificava então tão honrosa distinção. Eram necessários também conhecimentos militares evidentes, abarcando a maior parte e a mais importante das disciplinas da carreira militar:

“Neque enim eadem militares et imperatorix artes sunt,”

“Pois os talentos do soldado e do general não são os mesmos” [Tito Lívio]

Ademais era imprescindível ser de uma condição social digna de tão alta recompensa. Como quer que seja, ainda que maior número de indivíduos a merecessem não se devia ter sido tão liberal. Melhor fora não a conferir a todos os que a mereciam que a desacreditar definitivamente, como aconteceu em virtude do abuso com que a distribuíram. Nenhum homem de bem há de querer ostentar o que tem em comum com tantos outros. E em nossos dias os que menos mereceram essa ordem honorífica são os que mais afetam desdenhá-la, a fim de se colocar à altura dos que justamente a receberam e aos quais a liberalidade dos que a conferem prejudica.

Depois de ter suprimido essa recompensa, criar outra na esperança de vê-la de imediato apreciada, é empresa arriscada nestes tempos perturbados em que vivemos, e é de imaginar que a nova ordem esbarre desde o início nas dificuldades que acarretaram a desmoralização da primeira. Para que se imponha, devem as condições em que será atribuída ser muito severas e rigorosamente observadas. Ora, neste momento confuso não parece possível um freio bem ajustado em contar que antes de lhe conceder algum crédito será preciso esquecer a precedente e o desprezo em que caiu.

Poderia acrescentar aqui algumas considerações acerca da valentia e da diferença entre essa virtude e as demais. Mas é assunto de que Plutarco tratou mais de uma vez e não me caberia senão repeti-lo. É de se notar entretanto que entre nós dá-se à valentia o primeiro lugar como o testemunha seu nome, o qual vem de valor; e quando dizemos de um homem ‘que tem muito valor’ ou que é um homem de bem, isso significa na linguagem da Corte e da nobreza que é um homem valente. Assim o entendiam igualmente os romanos. Entre eles a palavra virtude na sua acepção mais ampla queria dizer força. Em França somente o serviço militar concede título de nobreza. É condição essencial e exclusiva. É provável que essa virtude que primeiro assinalou a superioridade de um homem sobre o outro fosse a princípio a que mais impressionou. Através dela os mais fortes e corajosos dominaram os mais fracos e assim granjearam reputação e situação especial, o que lhe valeu o lugar tão elevado e honroso que ocupa em nossa língua. Pode ter acontecido também que nossos antepassados, de temperamento belicoso, tenham dado preeminência a essa virtude que lhes era familiar, designando-a por isso por um vocábulo à altura da estima que por ela nutriam. É um sentimento análogo ao que, na nossa paixão pela castidade da mulher, faz que ao dizermos uma mulher boa, uma mulher de bem, honrada ou virtuosa queiramos apenas referir-nos a uma mulher casta, como se a fim de obrigá-la a ser casta pouca ou nenhuma importância dêssemos às outras qualidades e lhe perdoássemos quaisquer faltas contanto que continue pura.

Capítulo VIII

Sobre a afeição dos pais pelos filhos

Senhora, se a originalidade e a novidade que em geral valorizam as coisas não me salvarem, nunca sairei com honra desta tola empresa. Mas ela é tão fantástica e se apresenta sob uma forma tão diferente da comum, que talvez por isso mesmo seja

aceita. Uma melancólica disposição de espírito, inimiga de meu temperamento natural, mas provocada pelas tristezas da solidão em que vivo sumido há alguns anos, engendrou em mim a idéia de escrever. Achando-me inteiramente desprovido de qualquer assunto específico, tomei a mim mesmo como objeto de análise e discussão. Concebido nessa ordem de idéias, extravagante e fora de todas as regras convencionais, meu livro tornou-se o único do mundo no gênero. A parte esse aspecto estranho, não merece ele atrair a atenção, pois a tão magro e insosso tema não daria relevo o melhor artesão da terra. E, senhora, em sendo minha intenção pintar-me com a possível exatidão, omitiria um fato importante se calasse a homenagem que sempre prestei a vossos méritos. Essa homenagem eu a quis confirmar de maneira especial na dedicatória deste capítulo, tanto mais quanto, entre as vossas excelsas qualidades, ocupa o primeiro lugar a afeição que dedicais a vossos filhos. Quem souber da idade em que o Senhor d'Estissac vos deixou viúva, dos grandes e honrosos partidos que se vos ofereceram, como grande dama de França que sois, da constância e da resolução com que durante muitos anos e em meio a dificuldades inúmeras administrastes os bens e negócios de vossos filhos percorrendo sem cessar o país, bens e negócios que ainda agora vos absorvem, dos felizes resultados que alcançastes graças à vossa prudência e que alguns atribuirão à vossa sorte, quem souber disso tudo dirá comigo por certo que não há entre nós nestes tempos mais admirável exemplo de afeição materna. Louvado seja Deus que consentiu fosse essa afeição tão bem empregada. As brilhantes esperanças que dá de si vosso filho são a garantia de que na idade certa tereis dele a gratidão e a obediência de um excelente menino. Por ora não pode ainda compreender os esclarecidos e incessantes cuidados que lhe prodigalizais. Espero que estas linhas se por acaso lhe caírem sob os olhos, quando minha boca se houver cerrado e minha palavra calado, sejam o testemunho desta verdade, a qual lhe será melhor comprovada pelos preciosos resultados que, se aprouver a Deus, terá então alcançado. Não há fidalgo em França que mais deva à sua mãe e ele não poderá mais tarde dar melhor prova de seu bom coração e de sua virtude senão reconhecendo o que fizestes.

Se alguma lei natural existe, isto é, algum instinto que se manifeste sempre em todos, bichos e gente (embora haja quem diga o contrário), é, a meu ver, a da afeição que quem engendra dedica ao engendrado, sentimento esse que vem logo após o cuidado que cada qual tem com sua conservação e com evitar o que lhe pode ser nocivo. A própria natureza o parece ter desejado, a fim de que as diferentes peças da máquina por ela criada se desenvolvam e progridam. Daí não ser de se estranhar que a afeição da criança pelos pais se revele menor. A isso se acrescenta a afirmação de Aristóteles de que quem faz bem a outrem ama-o mais do que é por ele amado; que aquele a quem devem ama mais a seu devedor do que este ao seu protetor. Todo operário aprecia mais a obra que criou do que por ela seria apreciado se ela fosse capaz de ter sentimento.

O que temos de mais caro é a vida; esta consiste em movimento e ação. Daí uma certa compensação geral. Quem dá cumpre um ato belo e honesto; quem recebe apenas faz obra útil a si próprio. Ora, o útil agrada menos do que o honesto. O honesto é estável e permanente e proporciona a seu autor uma recompensa que se perpetua, enquanto o útil se perde e a recordação que fica é menos agradável e doce. As coisas boas nos são tanto mais caras quanto mais nos custam. E dar é mais precioso do que receber.

Posto que aprouve a Deus dotar-nos de alguma capacidade de raciocínio a fim de que não nos assemelhássemos aos animais, sujeitos às leis comuns, e nos foi permitido aplicá-las judiciosamente de acordo com o nosso arbítrio, devemos atentar para os desígnios da natureza, sem contudo nos escravizarmos a ela, pois somente a razão deve regular as nossas inclinações.

Quanto a mim, não sinto nenhuma simpatia por essas inclinações que surdem em nós independentemente da nossa razão. Por exemplo, a respeito do que estou comentando, não posso conceber que se beijem as crianças recém-nascidas ainda sem forma definida, sem sentimento nem expressão que as tornem dignas de amor. Por isso mesmo foi com desagrado que as tive educadas ao meu lado. Uma afeição sincera e justificável deveria nascer do conhecimento que nos dão de si e com esse conhecimento crescer, a fim de que então, se o merecerem, e desenvolvendo-se de par com o bom senso essa disposição para as amar, cheguemos a uma afeição realmente paternal. Se não forem dignos desta, nós o perceberemos dando sempre ouvido à razão, apesar das sugestões em contrário da natureza. Amíúde é o inverso que ocorre. Em geral sentimo-nos mais comovidos com os trejeitos, os folguedos e as bobagens das crianças do que mais tarde com seus atos conscientes, e é como se delas gostássemos à maneira de símios e não de homens. Há quem as encha então de brinquedos e se neguem, quando já grandes, a efetuar a menor despesa em seu benefício. Dir-se-ia mesmo que o ciúme de as ver em boas condições na sociedade, na hora em que já nos cabe abandoná-la, torna-nos mais parcimoniosos e avaros; como se temêssemos tê-las aos nossos calcanhares a nos empurrarem para fora. Isso em verdade não nos deveria comover tanto, ou então não deveríamos pensar em ter filhos, pois está na ordem das coisas não poderem eles existir, nem viver, senão a expensas de nossa própria existência.

Acho cruel e injusto não repartirmos com nossos filhos o gozo de nossos bens, não os associarmos aos negócios domésticos, em se tornando capazes, nem nada sacrificarmos das nossas comodidades para prover as deles quando para tanto é que os pomos no mundo. Não é justo ver um ancião alquebrado, semi-morto, gozar sozinho em um canto do lar os bens que dariam para o bem-estar de vários filhos, deixando-os perder-se em seus melhores anos de vida sem que tenham a oportunidade de entrar para o serviço público e de aprender a conhecer os homens. Forçando-os ao desespero, levam-nos a tomar qualquer caminho, por pior que seja, a fim de se sustentarem; e conheci muitos, de boa família, que se habituaram ao roubo, a ponto de não mais o abandonarem, mesmo sendo severamente punidos. Conheço um, de excelente aparência, a quem, a pedido do irmão, mui honesto e valente fidalgo, interroguei a respeito. Confessou-me francamente que fora levado a isso pela avareza de seu pai e já estava tão habituado a essa vida que não a podia mais deixar. Acabava de ser surpreendido roubando as jóias de uma senhora a cujo despertar assistira com outras pessoas. Isso me traz à mente o que me contaram de outro fidalgo, tão condicionado a esse belo ofício que exercera na mocidade que, entrando na posse de seus bens e decidido a renunciar à paixão do roubo, não o conseguia entretanto e se porventura passava por algum armazém em que via algo desejável o roubava, mandando pagá-lo depois. E vi outros muitos que por impulso e hábito roubavam objetos das pessoas de sua sociedade com a intenção de os devolver mais tarde. Sou gascão e no entanto é esse um dos vícios que menos compreendo, e o detesto mais ainda por

temperamento do que por razão; mesmo em pensamento não sou tentado a tirar o que quer que seja de alguém. Minha terra [a Gasconha: os gascões tinham fama de ladrões] é a esse respeito um pouco mais desacreditada do que as outras terras de França, bem o sei, e contudo temos visto ultimamente nas mãos da justiça gente de condição elevada de outras províncias, acusada de roubos cometidos em circunstâncias abomináveis. Creio que essa depravação pode ser imputada, até certo ponto, ao vício que assinali como peculiar aos pais.

Poderão responder-me, como o fez certa vez um senhor de bom senso e mui correto, que me disse que, "se economizava, fazia-o apenas a fim de poder continuar a ser honrado e procurado pelos seus, pois tendo-lhe a idade sonogado qualquer outro meio de ação era esse o único que lhe restava para conservar sua autoridade junto à família e para não ser desprezado por todos". Isso talvez se justifique, mas não é somente a velhice que predispõe à avareza; é, principalmente, como observa Aristóteles, a imbecilidade. Eis uma explicação, porém o mal é que convém extirpar. Infeliz será o pai se a afeição (se é que assim se pode chamar) de seus filhos se subordina à necessidade que têm dele. É pela virtude e a capacidade que impomos o respeito, pela bondade e a cordura dos costumes que somos amados. As próprias cinzas de uma matéria preciosa têm valor e está em nossas tradições respeitar e honrar os ossos e os restos das pessoas que se tornaram ilustres. Por mais caduco e decrépito que se mostre na velhice, um personagem cuja vida foi respeitável não será menos venerável, sobretudo para seus filhos cuja alma terá sido formada no sentimento do dever, sob a égide da razão e não da necessidade ou do constrangimento e da autoridade:

"Et errat longe mea quidem sententia

Qui imperium credat esse gravius, aut stabilius,

Vi quod fit, quam illud, quod amicitia adjungitur"

"Engana-se a meu ver quem imagina ter sua autoridade mais solidamente assegurada pela força do que pela afeição" [Terêncio]

Sou inteiramente contrário a qualquer violência na educação de uma alma jovem que se deseje instruir no culto da honra e da liberdade. O rigor e a opressão têm algo de servil e acho que o que não se pode obter pela razão, a prudência, ou a habilidade, não se obtém jamais pela força. Fui educado assim, dizem-me, desde a minha primeira infância. Só duas vezes me bateram e ainda assim com muito cuidado. Teria agido da mesma forma com meus filhos, mas todos morreram cedo demais. Leonor, a única filha que não tive a infelicidade de perder em semelhantes circunstâncias, chegou à idade de seis anos – e mais – sem que se empregasse para puni-la de seus pequenos erros infantis (de que a mãe, na sua indulgência, era até certo ponto culpada), senão palavras, e bem anódinas. Se as esperanças que pus nela viessem a ser desmentidas, a outras razões o poderíamos atribuir sem incriminar o meu sistema de educação que, estou certo disso, é justo e natural. Com um menino teria observado ainda mais fielmente tais princípios, pois os rapazes se destinam menos a obedecer aos outros e são mais livres; gostaria de desenvolver em seu coração a ingenuidade e a franqueza. O único resultado que pude constatar no emprego da vara ou do chicote foi tornar as almas mais covardes e mais obstinadas no mal.

Queremos ser amados de nossos filhos? Evitar que sejam tentados a desejar a nossa morte, embora em nenhuma circunstância um tal desejo se desculpe ou justifique, pois

"Nullum scelus rationem habet"

"Nenhum crime tem justificativa" [Tito Lívio]

Demo-lhes uma vida tão razoável quanto possível. Para tanto não deveríamos casar muito jovens, a fim de que nossa idade não se confunda quase com a deles, do que podem decorrer graves inconvenientes. Digo isso tendo principalmente em vista a nobreza que vive na ociosidade e tão-somente de suas rendas, pois nas outras classes da sociedade são forçados a trabalhar para viver e o número de filhos constitui uma fonte de rendimento, porque são verdadeiros instrumentos de enriquecimento.

Casei com trinta e três anos, mas acho que deveríamos fazê-lo aos trinta e cinco, como sugere Aristóteles. Platão não quer tampouco que casemos antes dos trinta, mas caçoa com razão dos que contratam núpcias após os cinqüenta e cinco, declarando que sua progenitura é indigna de viver. Tales fixou melhor ainda os limites da idade. Na mocidade, à sua mãe, que instava para que casasse, respondeu que "ainda não era tempo". Mais tarde, já maduro, objetou "que não era mais tempo". Cada coisa tem sua hora; o que não chega no momento certo deve ser afastado. Os antigos gauleses consideravam muito repreensível tivesse o homem relações com a mulher antes dos vinte anos e recomendavam expressamente aos que queriam seguir a carreira das armas que se conservassem virgens durante longos anos, pois a energia diminui e se altera ao contato da mulher:

"Ma, or congiunto a giovinetta sposa,

E lieto omai de' figli, era invilito

Negli affetti di padre et di marito"

"Ele é agora o marido de uma jovem, e é pai, essa dupla felicidade diminui-lhe a coragem" [Tasso]

Muley Hassem, rei da Tunísia, a quem Carlos Quinto devolveu o trono, censurava a memória de Maomé, seu pai, pelo abuso que fizera das mulheres e o considerava pesadão e efeminado, capaz tão-somente de fazer filhos. A história grega relata que Jecus de Tarento, Crisson, Ástilo, Diopompo e outros, a fim de se manterem em boa forma para os jogos olímpicos, se privavam de quaisquer relações com as mulheres durante todo o tempo do treinamento. Em certas regiões das Índias espanholas não autorizavam o casamento dos homens antes dos quarenta anos, embora as mulheres pudessem casar aos dez. Um fidalgo de trinta e cinco anos não pode oferecer um lugar na sociedade a seu filho de vinte; o pai é que está na idade de guerrear e freqüentar a Corte; precisa de todos os seus recursos e se algo deve ceder não o fará em detrimento de seus interesses. E com razão dirá isso que costumam dizer os pais: não quero despir-me antes de ir dormir.

Mas um pai acabrunhado pelos anos e as enfermidades, obrigado a viver afastado de tudo em virtude de sua saúde e da carência de forças está errado, e prejudica aos seus, se conserva sem a usar uma fortuna acima de suas necessidades. Em sendo bem-avisado e tendo meios, sem se despojar da própria camisa na hora de dormir, e conservando ainda um bom roupão bem

quente, será levado a dar o resto, que só serve para uma representação fora de suas possibilidades, àqueles que, por direito natural, o deverão herdar. É razoável que lhes entregue tais bens, pois que deles não pode gozar. Agir de outro modo é sem dúvida agir mal e obedecer a um sentimento mesquinho. O mais belo gesto de Carlos Quinto foi ter sabido, a exemplo de alguns antigos de seu quilate, reconhecer que a própria razão nos manda despojar-nos das vestimentas que pesam demasiado sobre nossos ombros e deitar-nos quando as pernas fraquejam. Abdicou a glória e o poder, entregando-os ao filho no momento em que viu se enfraquecerem a tenacidade e a força necessárias para dirigir os negócios públicos com a grandeza que alcançara:

***“Solve senescentem mature sanus equum, ne
Peccet ad extremum ridendus, et ilia ducat”***

**“Já é tempo de abandonares teu cavalo velho, se não queres vê-lo
ofegante, tropeçando ao fim da corrida, e ridicularizado” [Horácio]**

Esse erro de não saber reconhecer em tempo oportuno o enfraquecimento e a profunda alteração que a idade acarreta às nossas faculdades físicas e morais, e talvez mais ao espírito do que ao corpo, deu por terra com a reputação de quase todos os grandes homens do mundo. Conheci pessoalmente personagens de elevada condição social que souberam conquistar reputação e autoridade em seu bom tempo e que na decadência as perderam; para o brilho de sua fama houvera querido vê-los retirados em suas casas, tranqüilamente, livres dos encargos públicos por demais pesados e deveres militares que já não podiam cumprir. Tive outrora grande intimidade com um fidalgo viúvo e muito idoso, mas bastante conservado. Tinha várias filhas em idade de casar e um filho no ponto de ingressar na sociedade. Isso redundava para ele em uma fonte de despesas assaz pesadas e o obrigava a receber muita gente, o que não lhe agradava nada, não só porque contrariava a sua inclinação para a poupança, mas ainda – e em particular – porque em razão da sua idade levava uma vida diferente da nossa. Disse-lhe um dia, o que era ousado de minha parte mas muito dos meus hábitos, que se por causa de seus filhos não podia evitar os aborrecimentos que lhe causávamos fora mais inteligente que entregasse a casa a seu filho e se retirasse em uma de suas propriedades onde ninguém lhe perturbaria o repouso. Assim fez mais tarde e não se arrependeu.

Isso não quer dizer que devamos tudo abandonar a nossos filhos sem possibilidade de voltar atrás. Eu lhes deixaria o gozo da casa e dos bens, mas com a condição de revogar essa disposição caso me dessem motivo para tanto. Dar-lhes-ia o usufruto porque me seria cômodo e quanto à direção geral de meus negócios conservaria o que me apetecesse. Sempre pensei que deve ser grande satisfação para um pai, em sua velhice, ter iniciado os filhos na gestão de seus negócios e poder assim, ainda em vida, julgar sua maneira de agir, ajudando-os com os conselhos de sua experiência. Entregando ele próprio nas mãos de seus sucessores, com as tradições do passado, a honra e a direção de sua casa, verifica assim que esperanças pode alimentar acerca de seu destino. Não evitaria sua companhia e gozaria com eles, na medida do possível, das alegrias e festividades. Sem viver com eles, o que não poderia fazer sem os perturbar com o gênio melancólico decorrente de minha idade, e com os incômodos de minhas enfermidades, bem como sem mudar o gênero de vida e regime a que estaria adstrito, gostaria de viver perto deles, em algum recanto da residência que não seria o mais em evidência e sim o mais cômodo. Não faria como o decano de Samt-Hilaire de Poitiers que vi há tempos confinado em uma tal solidão pela melancolia de que fora contaminado que, quando entrei em seu aposento, havia vinte e dois anos que não saía dele, e no entanto tinha os movimentos livres e fáceis e somente sofria de um defluxo que lhe passara ao estômago. Estava sempre só, fechado no quarto. Uma vez por semana permitia que entrassem para visitá-lo; um criado trazia-lhe a refeição uma vez por dia, mas devia entrar e sair apenas. O resto do tempo passeava no quarto e lia, pois era versado no estudo das letras. Disposto a assim continuar até a morte, faleceu pouco depois.

Com boas maneiras procuraria desenvolver em meus filhos uma afeição sincera e impregnada de benevolência para comigo, o que não é difícil conseguir com gente de bons sentimentos. Mas se fossem animais furiosos como nosso século produz aos milhares, trataria de odiá-los e fugir deles.

Sou inimigo desse costume que proíbe às crianças chamarem a seus pais, “pai e mãe”, e impõe como mais respeitosa uma denominação que não acentua o parentesco, como se a natureza não coadjuvasse nossa autoridade. Damos o nome de pai a Deus Todo-Poderoso e não queremos que nossos filhos o empreguem conosco. Eis um erro que corrigi em casa.

É igualmente estultice e injustiça não tratar os nossos filhos, quando em idade conveniente, com certa familiaridade, e desejar manter em relação a eles uma altivez austera e desdenhosa, na esperança de assim os educar no respeito e na obediência. É uma farsa inútil que torna os pais aborrecidos e, o que é pior, ridículos. Tem os filhos por si a mocidade e a força, por conseguinte a aprovação da sociedade. As atitudes altivas e tirânicas de um velho já sem sangue nas veias fazem sorrir; são espantelhos para afugentar os pássaros do jardim. Mas ainda que me fosse possível tornar-me temido preferiria ser amado. Há tantos defeitos na velhice, tanta impotência, ela presta-se tão bem ao desprezo, que o que de melhor pode juntar a seu ativo é a afeição, o amor dos seus. O mando e o terror já não são armas em suas mãos.

Conheci alguém que foi muito autoritário na mocidade. Atingiu-o a idade, mas ele ainda se conserva em boas condições; bate, morde, invectiva, mostra-se o senhor mais difícil de França; esgota-se em cuidados e vigilância. Tudo isso não passa de comédia. Em torno dele há uma verdadeira conjura de que participa sua própria família. A maior parte do que existe em sua adega, no seu celeiro, na sua bolsa é para os outros, embora ele guarde as chaves consigo e delas cuide mais que dos próprios olhos. Enquanto se contenta com viver de poupanças e com uma mesa mesquinha, em todos os recantos de seu lar impera o desregramento; divertem-se, esbanjam, motejam das quimeras que criam sua cólera vã e sua previdência. Todos estão de sentinela; se por acaso algum insignificante servidor se revela dedicado a ele, excitam contra o importuno as desconfianças do patrão, o que é coisa fácil, porquanto tendência natural dos velhos. Muitas vezes jactou-se ele junto a mim da firmeza com que segura as rédeas da casa, da obediência absoluta e do respeito que lhe devotam. Em verdade enxerga muito mal os seus negócios!

“Ille solos nescit omnia”

“Só ele ignora o que ocorre em sua casa” [Terêncio]

Não conheço ninguém com maiores recursos naturais e de experiência para dirigir uma casa e nenhum outro mais enganado; foi o que me fez escolhê-lo como exemplo típico de casos semelhantes que conheço. Será melhor assim ou não? Eis uma questão escolástica que daria margem a muito devaneio. Aparentemente cedem sempre, mas trata-se de concessão de nenhum alcance; não lhe resistem, escutam-no, temem-no, respeitam-no quanto quer. Despede um criado? Este arranja seus trapos e se vai, mas tão-somente para fora de sua presença. A velhice é tão vagarosa, seus sentidos perturbam-se tão facilmente que dito criado continuará a seu serviço durante um ano ainda sem que ele o perceba. Ao fim de um lapso de tempo suficiente, começam a chegar cartas de longe implorando mercê e prehes de promessas, e ei-lo novamente nas boas graças do amo. Fecha algum negócio ou escreve alguma carta desagradável, suprimem-nos e posteriormente se encontra uma desculpa para a não execução de suas ordens. Nenhuma carta de fora lhe é entregue de imediato; vê apenas as que não são de recear que tome conhecimento. Se por acaso põe a mão em alguma que se tenha interesse em esconder, como tem por hábito passá-la a outrem para que a leia, lêem-lhe o que bem entendem. Assim é que não raro quem o insulta parece pedir-lhe perdão. Em suma, todas as coisas se oferecem a seus olhos sob um aspecto satisfatório, regrado de antemão, a fim de que não se desperte sua cólera nem seu mau humor. Com variantes conheci muitas casas em que os negócios domésticos se regulavam de maneira igualmente fantasista.

As mulheres têm sempre uma tendência natural para contrariar os maridos; não perdem uma só ocasião de fazer o contrário do que eles querem e a mais tola desculpa basta para justificá-las plenamente aos próprios olhos. Conheci uma que roubava quantias importantes para, como dizia a seu confessor, dar esmolas maiores. Ide confiar-vos nessas obras pias! Nenhum prazer se lhes afigura digno se com ele concorda o marido; para que lhes seja agradável e o considerem, é preciso que dele se apropriem com habilidade e autoridade e nunca da maneira por que deveriam fazê-lo. Quando acontece, como no caso acima citado, que a mulher tem a ver com um pobre ancião e age em benefício dos filhos, isso se torna uma verdadeira paixão de que se jacta. E para libertar-se ela e os seus da servidão comum, chega facilmente a conspirar contra o domínio e a administração do marido. Se os filhos já são grandes, não hesitam em subornar pela intimidação ou a corrupção o mordomo, o agente de negócios e os outros. Quem não tem nem mulher nem filhos está mais do que os outros ao abrigo dessas desgraças, mas, quando nelas cai, é de maneira mais cruel e indigna. Dizia Catão, de sua época: "tantos criados quantos inimigos". Não pensais que, dada a relativa pureza de seu século, comparativamente ao nosso, ele diria hoje: "mulher, filhos, criados, todos inimigos"? Felizmente a decrepitude traz consigo um defeito de clarividência, uma ignorância do que se passa em torno de nós, uma facilidade em nos deixar enganar que são verdadeiros favores dos deuses. Se assim não fosse e quiséssemos protestar, que nos aconteceria nestes tempos em que os juizes chamados a intervir nas dissensões tendem eles próprios a dar razão aos filhos interessados na questão. Se não percebo tais artes domésticas não quero com isso dizer que me sinta livre de riscos. Por isso nunca se encarecerá demasiado a superioridade de um amigo sobre essas relações sociais. O que vejo na sociedade dos animais inspira-me maior respeito pela sua pureza. Se os demais me enganam, ao menos não me engano a mim mesmo, não forjo a ilusão de me acreditar tão forte que possa evitar uma armadilha, nem dou tratos à bola para alcançar esse privilégio. Consolo-me com meus recursos interiores, não com curiosidade inquieta e sempre alerta, mas com diversões que invento e resoluções que tomo. Quando ouço contar o que acontece a alguém, não me apiedo: volto-me para mim mesmo e observo em que medida o fato poderia aplicar-se a mim. Tudo o que diz respeito ao próximo me diz respeito igualmente; qualquer acidente que lhe ocorra é uma advertência para a qual atento. Todos os dias e a todas as horas dizemos de outrem o que mais justamente poderíamos dizer de nós, se nos soubéssemos observar tão bem quanto aos outros. Muitos autores prejudicam sua causa entregando-se irrefletidamente a ataques contra o adversário, lançando-lhe censuras e motejos que podem ser devolvidos.

O falecido Marechal de Monluc, tendo perdido um filho na ilha da Madeira, jovem fidalgo que muito prometia, contava-me sua tristeza insistindo principalmente sobre o fato de nunca ter tido maior intimidade com ele. Para conservar em relação a ele a gravidade e a distância de que as mais das vezes se reveste a autoridade paterna, privara-se voluntariamente do prazer de apreciar e conhecer melhor o seu filho e também de lhe revelar a profunda afeição que lhe votava e a estima que lhe dedicava por suas qualidades: "esse pobre rapaz, dizia, nunca me viu senão carrancudo e aparentemente desdenhoso; levou consigo a crença de que eu não o soube amar nem lhe apreciar os méritos. A quem deveria eu, senão a ele, demonstrar a ternura de meu coração? Com ele sem dúvida devia abrir-me para que tivesse alguma alegria e gratidão. Esforcei-me, torturei-me para conservar essa máscara vã de indiferença; isso me fez perder o prazer de sua companhia, bem como de sua afeição, pois nunca foi senão maltratado e por vezes tiranicamente". Acho tais sentimentos justos e razoáveis. Bem o sei, por experiência, que nada suaviza mais a tristeza que sentimos com a perda de um amigo quanto a certeza de não havermos omitido o que quer que fosse do que cumpria dizer-lhe, e de ter estado com ele em comunicação perfeita de idéias e emoções.

O meu amigo, essa permuta de idéias entre nós terá sido um bem para mim? Ou um mal? Foi um bem, sem dúvida; a saudade que conservo de ti honra-me e me consola. É dever piedoso e agradável de minha vida rememorar constantemente os fatos que passaram, mas cuja privação nenhum gozo compensa.

Abro-me aos meus o quanto posso e lhes mostro de bom grado a disposição de espírito em que me acho; assim faço aliás com todos. Apresso-me em me apresentar como sou, porque não quero que se enganem.

Lê-se em César que entre os costumes peculiares aos nossos antepassados gauleses os filhos não se apresentavam aos pais, nem ousavam aparecer em público com eles, enquanto não atingiam a idade de se armarem, como se com isso sugerissem que então chegara o momento para os pais de os receberem e se mostrarem familiares.

Tenho observado ainda outro gênero de abuso em alguns pais de família. Não satisfeitos com ter privado seus filhos de sua parte na renda que naturalmente lhes devia caber – e isso durante longo tempo – deixam a suas mulheres a posse de todos os bens com o direito de disporem deles a seu bel-prazer. Conheci um fidalgo que ocupava um dos cargos mais importantes de França e que pelos seus direitos tinha a esperança de receber mais de cinqüenta mil escudos de renda e morreu aos cinqüenta

anos em dificuldades, crivado de dívidas, com a mãe inteiramente decrépita desfrutando toda a fortuna por vontade do pai, o qual vivera cerca de oitenta anos. Isso não me parece razoável. E no entanto não vejo vantagem em que alguém, em boa situação financeira, procure aliar-se a uma mulher que lhe traga bom dote; de todas as dívidas que podemos ter não há nenhuma mais suscetível de causar a ruína de uma casa. Meus pais muito judiciosamente o evitaram. E eu também. Contudo os que se afastam das mulheres ricas com receio de que sejam orgulhosas e dominadoras, não procedem tampouco ajuizadamente, pois perdem uma vantagem real e tangível de medo de uma conjectura duvidosa. Uma mulher insensata, não a detém a fortuna nem a pobreza: o que gosta é de seus próprios erros; o mal a atrai como a virtude atrai as boas. As mais ricas são muitas vezes as mais cordatas, como não raro as mais belas são as mais castas.

É justo que se entregue a gerência dos bens dos menores às mães; mas os terá muito mal educado o pai se na maioridade não puder contar mais com eles do que com a mulher, dada a fraqueza inerente ao sexo. Concordo entretanto em que é ainda mais antinatural deixar a mãe dependente dos filhos. É preciso provê-la de quanto necessite para manter sua posição social, tanto mais quanto a indigência é muito mais penosa para a mulher do que para o homem. Que sofram antes os filhos, portanto, que a progenitora.

Em geral a melhor partilha que podemos fazer de nossos bens ao morrer consiste em obedecer aos costumes do país, e as leis os levaram em conta melhor do que o faríamos, e é preferível que elas se enganem na escolha a incorrerem nós mesmos no erro agindo inconsideradamente. Nossos bens, em verdade, não nos pertencem, por isso que os dispositivos legais determinam, sem ponderar a nossa vontade, os que os devem possuir depois de nós. Embora tenhamos alguma liberdade de escolha, acho que é preciso um motivo sério, indiscutível, para que tiremos de alguém o que os fados lhe reservaram e as leis lhe autorizam a possuir. E é abusar dessa liberdade pô-la a serviço de nossas fantasias pessoais e por vezes fúteis. O destino não me deu oportunidade para que me sentisse tentado a desviar minha afeição daqueles a quem devia legitimamente dedicá-la, mas vejo muita gente com a qual perdemos tempo em nos afeiçoarmos. Uma simples palavra mal interpretada destrói o mérito de dez anos. Feliz então quem tem a sorte de se aproveitar dos últimos momentos! A derradeira ação é a vencedora, não a melhor nem a mais constante; a mais recente e presente é que produz efeito. Assim, pois, há pessoas que usam seu testamento como se se tratasse de doces ou chicotes a fim de premiar ou punir os interessados nele. O testamento exige porém reflexão e é coisa demasiado importante para que se modifique ao sabor da hora. Os homens sensatos fixam sua vontade de um modo definitivo, sem que os movam senão a razão e a obediência às leis. Também nos preocupamos demais com fazer cair a herança nas mãos dos varões, na esperança de dar a nossos nomes uma eternidade ridícula. De igual maneira ponderamos exageradamente as conjecturas incertas do futuro que vislumbramos nos filhos. Não fora injusto me postergarem em benefício de meus irmãos por ter sido eu o mais lento, lerdo, e embotado na infância, e não somente quanto aos exercícios físicos mas também intelectuais? É loucura estabelecer distinções baseadas no que pensamos adivinhar e que raramente se confirma. Se podemos infringir essa lei e corrigir a sorte reservada a nossos herdeiros, só devemos fazê-lo a fim de atender a uma situação especial, uma deformidade física, por exemplo, o que constitui vício insanável e para mim, grande apreciador da beleza, causa de grave prejuízo.

Aqui transcrevo, para dar maior brilho à minha prosa, o divertido diálogo do legislador de Platão com seus concidadãos: "Como, dizem-lhe, sentindo nosso fim próximo não poderemos dispor do que nos pertence em favor de quem nos apeteça? Ó deuses! Que crueldade! Tirai-nos a possibilidade de dar mais ou menos, segundo a nossa vontade, àqueles que nos prodigalizaram seus cuidados quando estávamos doentes, durante a nossa velhice, ou que geriram nossos bens!" Ao que responde o legislador: "Meus amigos, sem dúvida não tardareis a morrer e – assim se inscreve no templo de Delfos – como vos é difícil conhecer-vos e conhecer o que é vosso, eu que faço as leis julgo que não vos pertenceis e aquilo que desfrutais tampouco vos pertence. Vós e vossos bens pertenceis à vossa família passada e futura. Mais ainda, vós, vossa família e vossos bens pertenceis ao povo. Eis porque, de medo que algum adulator esperto, durante a vossa velhice ou a vossa doença, ou alguma paixão vos inspirem um testamento iníquo, eu vos preservarei do risco. E como respeito o interesse comum da República, e de vossa casa, farei leis em que, como é natural, o interesse público primará sobre o particular. Ide, pois, onde o destino comum vos chama; a mim, que não me apaixono nem por uma coisa nem por outra e que na medida do possível só me preocupo com o interesse de todos, cabe cuidar do que deixardes".

Voltemos ao nosso tema. Parece-me, qualquer que seja o nosso ponto de vista, que poucas mulheres nascem com aptidões bastantes para que sua autoridade se imponha ao homem, fora da autoridade materna e da influência que por sua própria natureza exercem. Somente os temperamentos fracos, os que são incapazes de opor um dique à febre amorosa, se submetem, para sua desgraça, voluntariamente a elas; mas isso não diz respeito às velhas de que aqui falamos. Por esse motivo certamente se estabeleceu essa lei, tão favoravelmente acolhida e cujo texto nunca se viu, que priva as mulheres do direito à coroa. Não há soberania no mundo em que a questão não tenha sido discutida em virtude dos motivos que justificam o princípio, mas em verdade certos países a resolveram diferentemente.

É perigoso permitir que a mulher disponha à vontade de seus bens, pois a escolha que faz entre seus filhos é sempre iníqua e fantasista, porquanto os apetites estranhos e os gostos depravados que se manifestam durante a gravidez ficam gravados em sua alma. Não raro as vemos dar preferência aos filhos mais doentios e aleijados ou ainda aos que trazem ao colo. Não possuindo uma inteligência bastante forte para apreender e compreender as coisas segundo seu valor próprio, entregam-se comumente às impressões e intuições como os animais que só reconhecem os filhotes enquanto os amamentam.

É de resto fácil julgar por experiência quão pouco profundas são as raízes dessa afeição natural a que outorgamos tamanha autoridade. Mediante ínfimo salário, arrancamos-lhes os filhos dos braços para que cuidem dos nossos. Entregam os seus a alguma desprezível companheira, a quem não daríamos as crianças, ou a uma cabra, e ainda por cima são obrigadas a não tratar delas a fim de empregarem todo o seu tempo em atender aos nossos. Vemo-las em sua maioria, e sem dúvida por hábito, nutrir uma afeição bastarda pelos intrusos que aleitam, não raro mais viva do que a natural, demonstrar mais solicitude do que o

fariam com seus próprios filhos. Se falei de cabra é porque em nossa terra quando as mulheres não podem amamentar seus filhos recorrem às cabras. Estas acostumam-se rapidamente a aleitar as crianças, conhecem-nas pela voz e acorrem quando gritam. Se lhes apresentam uma estranha, recusam-na; por seu lado a criança aborrece um animal que não o habitual. Sei de um menino a quem retiraram a cabra que o pai pedira emprestada a um vizinho: não quis de jeito nenhum a substituta e morreu, provavelmente de fome. Entre os animais a afeição natural se altera e se abastarda tão facilmente quanto entre os homens. Aquilo que, segundo Heródoto, se praticava em certas partes da Líbia onde homens e mulheres se uniam indiferentemente e onde a criança ao principiar a andar reconhecia o pai entre os demais homens e corria ao seu encontro naturalmente, devia provocar inúmeros enganos, a meu ver.

Se consideramos como única razão de amar os nossos filhos o fato de os termos engendrado, o que nos leva a enxergá-los como parte de nós mesmos, outras coisas emanam igualmente de nós, que não me parecem menos dignas de ser amadas. O que nossa alma engendra, o que nasce de nosso espírito, de nossa coragem, de nossa capacidade, provém da parte mais nobre do nosso corpo e são mais nós mesmos do que os nossos filhos, pois são a um tempo pai e mãe. Essas criações custam-nos muito mais caro, mas também quando dão certo nos honram muito mais. Nossos filhos valem pelo que são, nossa parte neles é pequena; nessas outras emanações de nós, ao contrário, a beleza, a graça, tudo o que as valoriza é de nossa exclusiva autoria. Por isso nos representam melhor do que os filhos e mais do que estes chamam a atenção dos outros para nós. Platão acrescenta que elas é que alcançam a imortalidade, imortalizando seus genitores até fazer deuses deles: Licurgo, Sólon, Minos bem o exemplificam.

Estando a história cheia de fatos que comprovam a afeição dos pais pelos filhos, parece-me não ser fora de propósito citar alguns casos dessa afeição que devotamos às vezes às criações de ordem imaterial.

Heliodoro, esse bom bispo de Trica, preferiu perder a dignidade, os proveitos de tão venerável cargo, a renegar a autoria de uma novela de amor intitulada Teagenes e Charicléia, filha [a novela] ainda viva e mui gentil mas porventura demasiado picante, e amorosa, para um pai eclesiástico.

Em Roma houve um personagem de alto valor e prestígio chamado Labieno, que se distinguia como escritor. Era, creio, filho do grande Labieno, o primeiro dos lugares-tenentes de César, na guerra da Gália e que posteriormente abraçou o partido de Pompeu no qual se conduziu muito bem, sendo afinal derrotado pelo próprio César, na Espanha. O Labieno a que me refiro granjeou inúmeros invejosos, por causa de sua virtude, e provavelmente, também, muitos inimigos entre os cortesãos e favoritos dos imperadores, graças à sua franqueza e seu espírito de oposição à tirania, que herdara do pai e devia transparecer em seus escritos. Seus adversários processaram-no e conseguiram que fossem alguns de seus livros, que o haviam tornado ilustre, queimados por sentença judicial. Com Labieno iniciou-se em Roma a destruição de escritos e obras dos grandes, o que ocorreu não raro posteriormente. Sem dúvida era reduzido o campo de nossa crueldade e precisávamos levá-la às coisas que a natureza isentou de dor e sofrimento, como as criações de nosso espírito. Tínhamos necessidade de submeter aos rigores da disciplina e da tortura a inspiração das musas. Labieno não pôde suportar a destruição de suas obras, nem sobreviver à perda das filhas a que dera vida e fez-se enterrar vivo no monumento funerário de seus antepassados, onde encontrou morte e sepultura. É difícil deparar com afeição paternal mais veemente. Cássio Severo, amigo de Labieno, ao ver queimarem-se os livros gritou que igual sorte devia ter ele próprio, pois conservava na memória todo o conteúdo das obras. Análogo acidente ocorreu com Cremúcio Cordo, acusado de haver elogiado Bruto e Cássio. O miserável senado, servil e corrupto, digno de um monarca pior do que Tibério, condenou à fogueira as suas obras. Cremúcio Cordo, a fim de acabar juntamente com elas, deixou-se morrer de fome.

Lucano, esse homem de bem, condenado pelo monstro que foi Nero, mandara cortar as veias pelo seu médico. Agonizava e já perdera quase todo o sangue, já o frio lhe invadia os membros e atingia os órgãos essenciais quando se pôs a recitar certos versos de seu poema sobre a batalha de Farsália. Extinguiu-se recitando-o. Era uma terna e paternal despedida a seus filhos, à semelhança dos adeuses e abraços que damos aos nossos ao abandonarmos o mundo, a par da tendência natural que temos para nos lembrarmos na hora suprema das coisas que nos foram mais caras em vida.

Ao morrer Epicuro, atormentado por terrível cólica, sentia vivo consolo à idéia da beleza da doutrina que dera ao mundo. Teria sentido igual satisfação se houvesse deixado uma prole numerosa e sadia? E se tivesse de optar entre deixar um filho contrafeito e doentio ou um livro tolo e inepto, não escolheria a primeira desgraça?

Se, por exemplo, houvessem proposto a Santo Agostinho a destruição dos escritos que tantos frutos deram à nossa religião ou a perda dos filhos que porventura tivesse; não seria uma impiedade sacrificar os primeiros? Não sei em verdade se não preferiria ter engendrado um filho [livro, neste caso] perfeito, nascido de um comércio com as musas, a um produto das minhas relações com minha mulher. A este que sou forçado a aceitar tal qual é, o que dou, dou-o simplesmente e de maneira irrevogável como tudo o que damos a nossos filhos de carne e osso; o bem que lhe faço deixa de imediato de ser meu. Ele pode saber coisas que já não sei mais e ter recebido de mim coisas de que não recordo. Se devesse emprestar-lhe algo, precisaria um contrato como se fora um estranho; se sou mais prudente do que ele, ele é mais rico.

Poucos homens que cultivam a poesia teriam preferido ser autores da Eneida a engendrar o mais belo rapaz de Roma e mais sofreriam com a perda daquela, tanto mais quanto, segundo Aristóteles, de todos os criadores é o poeta o que mais facilmente se apaixona pelas próprias obras. Dificilmente acreditaríamos que Epaminondas, que se vangloriava de deixar como descendência apenas duas belas filhas capazes de honrar o pai (referia-se às vitórias contra os lacedemônios), consentisse em as trocar pelas mais belas mulheres da Grécia; ou que Alexandre e César tenham jamais desejado sacrificar a celebridade granjeada com suas conquistas, à vantagem de alguns filhos que lhes sucedessem, por perfeitos que fossem.

Duvido também que Fídias ou qualquer outro escultor de gênio houvesse preferido a conservação dos filhos naturalmente concebidos à das obras que à força de trabalho e estudo teria levado à perfeição.

Mesmo essas paixões contrárias à natureza que nada detém, e que impeliram por vezes o pai a amar a filha e a mãe a se

enamorar do filho, se encontram nesse parentesco espiritual. Assim é que Pigmalião; tendo esculpido uma estátua de singular beleza, por ela se apaixonou tão perdida e violentamente que, cedendo ante sua angústia, os deuses lhe sopraram a vida.

***“Tentatum mollescit ebur, positoque rigore,
Subsidit digitis”***

“Toca o marfim e o marfim, esquecendo sua dureza natural, cede e amolece” [Ovídio]

Capítulo IX

Sobre as armas dos partos

Considero um erro e um hábito efeminado o de não se decidir, a nobreza de nossa terra, a pegar em armas enquanto a tanto não a obriga uma necessidade urgente, e que as deponha tão logo se esboce a menor probabilidade de desaparecer o perigo. Nasce disso grande confusão: cada qual se põe a gritar e correr em busca de suas armas no momento mesmo da batalha e, enquanto alguns ainda se ocupam com ajustar à couraça, já outros estão derrotados. Nossos pais entregavam unicamente aos servidores, para que os carregassem, o capacete, a lança e a manopla, conservando o resto do equipamento enquanto durava a guerra. Hoje entre as nossas tropas reina a desordem em consequência da confusão das bagagens e dos lacaios que precisam caminhar ao lado de seus senhores, cujas armas transportam. Falando de nossos antepassados, já dizia Tito Lívio:

“Intolerantissima laboris corpora vix arma humeris gerebant”

“Incapazes de resistir à fadiga mal podiam carregar suas armas aos ombros”.

Muitos povos vão entretanto para a guerra – e iam na antiguidade – sem armaduras, protegendo-se apenas com armas defensivas pouco eficientes:

“Tegmina queis capitum, raptus de subere cortex”

“Cobrindo a cabeça com capacetes de cortiça” [Virgílio]

Alexandre, o mais ousado capitão de todos os tempos, quase nunca revestia a armadura. Os que entre nós a desdenham, não correm em verdade maior risco, pois se há quem morra por não a usar, menor não é o número dos que se perderam em virtude do peso da couraça e da dificuldade em com ela se movimentarem. Na realidade, ante a espessura e o peso das nossas couraças, dir-se-á que com elas buscamos unicamente defender-nos. O incômodo é maior do que a garantia que nos oferecem. E, tão só a fim de as carregar, já temos trabalho demais para as nossas forças; e é como se o combate se limitasse a um choque de armaduras e não tivéssemos a mesma obrigação de defendê-las que elas têm de nos proteger. Tácito pinta de modo pitoresco os guerreiros gauleses, a tal ponto armados que mal se mantinham de pé e não podiam atacar nem ser atacados, e quando caíam não mais se erguiam.

Vendo Lúculo os soldados medos que formavam a vanguarda do exército de Tigranes, pesada e incomodamente armados, e como que encerrados em prisões de ferro, pensou vencê-los sem dificuldade e contra eles iniciou o ataque, o que constituiu o prelúdio de sua vitória. Agora que preponderam os mosqueteiros em nossos exércitos, inventarão sem dúvida uma muralha atrás da qual estaremos ao abrigo dos tiros, e iremos para a guerra embutidos em baluartes semelhantes aos que os antigos ajustavam a seus elefantes.

Essa maneira de combater está longe da que praticava Cipião, o jovem, o qual censurava amargamente a seus soldados terem semeado de armadilhas o fundo do fosso da cidade que sitiava, no lugar em que os sitiados podiam executar sortidas, pois, dizia, os sitiados devem preocupar-se com atacar e não com se defender; e supunha que uma tal precaução pudesse enfraquecer a vigilância. E a um soldado que lhe exibiu um belo escudo, observou: “Magnífico, com efeito, mas um soldado romano deve confiar mais na mão direita do que na esquerda”.

Somente o costume de não as usar constantemente faz que não lhes suportemos o peso;

***“L’usbergo in dosso haveano, et l’elmo in testa,
Due di questi guerrier, de’ quali io canto;
Ne notte o di, d’ appoi ch’ entraro in questa
Stanza, gl’haveano mai messi da canto;
Che facile a portar come la vesta
Era lor, perche in uso l’havean tanto:”***

“Dois dos guerreiros que aqui canto, tinham couraça e capacete; nem de dia nem de noite, desde que haviam entrado o castelo, despiam essa armadura que carregavam com a mesma desenvoltura com que usariam suas vestimentas, a tal ponto se haviam acostumado a elas” [Ariosto]

O Imperador Caracala marchava a pé, e inteiramente armado, à testa de suas tropas. Os infantis romanos usavam não somente o morrião, a espada e o escudo como também víveres para quinze dias e certo número de estacas para edificar as fortificações (cerca de setenta libras). E diz Cícero que estavam tão habituados a carregar suas armas, que eram para eles como braços e pernas: “dizem que as armas do soldado são como seus membros”. Assim carregados, os soldados de Mário faziam cinco léguas em cinco horas, e até seis léguas se necessário. Sua disciplina militar era muito mais rude do que a nossa e os resultados melhores, portanto. Cipião, o jovem, ao reformar o exército em operações na Espanha, determinou que seus soldados só comessem de pé e nada cozido. Eis a propósito um fato espantoso: a reprimenda feita a um soldado lacedemônio que, estando em campanha, se abrigara em uma casa; que era vergonhoso procurasse outro refúgio senão à abóbada celeste, por pior que fossem as condições climatológicas. Nossos soldados seriam incapazes de suportar tais provações.

Marcelino, homem afeito às guerras romanas, relata como se armavam os partos e insiste tanto mais no assunto quanto a

maneira por que o faziam diferia muitíssimo da dos romanos: "Tinham", diz, "armaduras como que tecidas de pequenas plumas (provavelmente escamas metálicas entrosando-se umas nas outras, em uso entre os nossos antepassados), as quais não lhes tolhiam os movimentos e eram tão resistentes que nossos dardos não as penetravam e se viam rechaçados ao tocá-las". Em outro trecho, comenta: "tinham cavalos vigorosos e calmos, com caparazões de couro espesso; eles próprios se armavam dos pés à cabeça com grossas lâminas de ferro entrelaçadas e flexíveis nas articulações, de maneira a facilitar os movimentos. Pareciam homens de ferro. A parte da cabeça adequava-se às formas do rosto e era tão bem ajustada que não havia possibilidade de se atingir a cara senão pelos buraquinhos redondos dos olhos, ou através das fendas correspondentes às narinas pelas quais respiravam penosamente. O metal flexível parece animado pelos membros que recobre".

***"Flexilis inductis animatur lamina membris,
Horribilis visu; credas simulacra moveri
Ferrea, cognatoque viros spirare metallo.
Par vestitus equis: ferrata fronte minantur,
Ferratosque movent, securi vulneris, armos"***

"É horrível de se ver: dir-se-iam estátuas de ferro em movimento, incorporando-se o metal ao guerreiro que o usa. Assim também os corcéis, testa escondida sob o ferro, flancos resguardados contra os ferimentos" [Cláudio]

Não lembra esta descrição o equipamento de um guerreiro nosso, com sua armadura completa?

Plutarco conta-nos que Demétrio mandou fabricar para si e para Alcino, seu primeiro capitão, duas armaduras pesando cento e vinte libras cada uma. As que usavam geralmente não ultrapassavam sessenta.

Capítulo X

Sobre os livros

Bem sei que me ocorre não raro falar de coisas que são melhor e mais precisamente comentadas pelos mestres do ofício. O que escrevo resulta de minhas faculdades naturais e não do que se adquire pelo estudo. E quem apontar algum erro atribuível à minha ignorância não fará grande descoberta, pois não posso dar a outrem garantias acerca do que escrevo, não estando sequer satisfeito comigo mesmo. Quem busca sabedoria, que a busque onde se aloja; não tenho a pretensão de possuí-la. O que aí se encontra é produto de minha fantasia; não viso explicar ou elucidar as coisas que comento, mas tão-somente mostrar-me como sou. Talvez as venha a conhecer a fundo um dia, ou as tenha conhecido, se por acaso andei por onde elas se esclarecem. Mas já não as recordo. Embora seja capaz de tirar proveito do que aprendo, não o retenho na memória: daí não poder assegurar a exatidão de minhas citações. Que se veja nelas, apenas, o grau de meus conhecimentos atuais.

Não se preste atenção à escolha das matérias que discuto, mas tão-somente à maneira por que as trato. E, no que tomo de empréstimo aos outros, vejam unicamente se soube escolher algo capaz de realçar ou apoiar a idéia que desenvolvo, a qual, sim, é sempre minha. Não me inspiro nas citações; valho-me delas para corroborar o que digo e que não sei tão bem expressar, ou por insuficiência da língua ou por fraqueza dos sentidos. Não me preocupo com a quantidade e sim com a qualidade das citações. Se houvesse querido tivera reunido o dobro. Provêm todas, ou quase, dos autores antigos que não de reconhecer embora não os mencione. Quanto às razões, às comparações e aos argumentos que transplanto para meu jardim, e confundo com os meus, omiti muitas vezes, voluntariamente, o nome dos autores, a fim de pôr um freio nas ousadias desses críticos apressados que se espojam nas obras de escritores vivos e escritas na língua de todo mundo, o que dá a quem queira o direito de as atacar e insinuar que planos e idéias sejam tão vulgares quanto o estilo; e eu quero que dêem um piparote nas ventas de Plutarco pensando dar nas minhas, e que insultem Sêneca de passagem. Preciso esconder minha fraqueza sob essas grandes reputações, mas de bom grado veria alguém, clarividente e avisado, arrancar-me as plumas com que me adornei, distinguindo simplesmente pela diferença de força e beleza as minhas das alheias. Se por falta de memória não consigo deslindar-lhes as origens, sei reconhecer entretanto que minha terra é pobre demais para produzir as ricas flores que entre elas se acham desabrochadas e que apesar dos maiores esforços não as igualaria jamais.

Respondo porém pela confusão e erros de meus escritos, quando, por mim mesmo, por vaidade ou insensatez, me mostro incapaz de corrigi-los porque não os percebo ou não os sinto, ainda que mos apontem. Efetivamente, às vezes certos erros nos escapam; o mal está em não os admitir quando no-los mostram. A verdade e a ciência podem alojar-se em nosso espírito, embora sem que as saibamos julgar e discernir, como pode a razão nele habitar sem a companhia daquelas qualidades. Saber reconhecer nossa ignorância é mesmo uma das mais belas e seguras garantias de que não carecemos da faculdade de julgar. Só o acaso guia meus passos na escolha de meus assuntos. Na medida em que meus devaneios tomam corpo eu os agrupo: ora chegam aos magotes, ora de um em um. Quero que me contemplem ao natural, na atitude que assumo habitualmente, por desordenada que seja, sem esforço nem artifício. Não falo senão de coisas que ninguém ignora e de que é lícito tratar com liberdade e sem preparação especial.

Gostaria por certo de possuir, acerca do que comento, um conhecimento completo, mas, para o adquirir, não quero pagar o elevado preço que custa. Tenho a intenção de viver tranqüilamente, sem me aborrecer, durante o tempo que me resta, e não desejo quebrar a cabeça com o que quer que seja, nem mesmo com a ciência que muito prezo.

Não busco nos livros senão o prazer de um honesto passatempo; e nesse estudo não me prendo senão ao que possa desenvolver em mim o conhecimento de mim mesmo e me auxilie a viver e morrer bem,

"Has meus ad metas sudet oportet equus"

"Essa meta para onde deve correr o meu corcel" [Propércio]

As dificuldades com que deparo lendo, não me preocupam exageradamente; deixo-as de lado após tentar resolvê-las uma ou duas vezes. Se me detivesse nelas, perder-me-ia e perderia meu tempo, pois meu espírito é de tal índole que o que não percebe de imediato menos entende em se obstinando. Não sou capaz de nada que não me dê prazer ou que exija esforço, e atardar-me demasiado em um assunto, ou nele me concentrar demoradamente, perturba minha inteligência, cansa-a e me entristece. Embacia-se-me a vista e se enfraquece, de modo que tenho de interromper a leitura e repeti-la, como quando queremos perceber o brilho de certos tecidos, e precisamos olhá-los várias vezes e de vários modos. Se um livro me entedia, pego outro e só me dedico à leitura quando não sei que fazer; e o enfado me domina. Quase não leio livros novos; prefiro os antigos que me parecem mais sérios e bem feitos; não procuro tampouco os autores gregos, porque meu espírito não pode tirar partido do conhecimento insignificante que tenho da língua grega.

Entre as obras de mero passatempo, agradam-me entre os modernos o Decamerom de Boccaccio, Rabelais e Os Beijos de Jean Second, se é que este último, escrito em latim, pode incluir-se entre os modernos. Quanto aos Amadis e outros romances do gênero, não me interessaram sequer quando os li em criança. Direi mesmo, o que há de parecer ousado ou temerário, que meu espírito envelhecido não aprecia mais a leitura, não somente de Ariosto mas ainda do bom Ovídio. Sua imaginação, sua facilidade, que outrora me encantavam, não me distraem mais agora.

Exprimo livremente minha opinião acerca de tudo, mesmo daquilo que, por ultrapassar meus conhecimentos intelectuais, considero fora de minha alçada. O meu comentário tem entretanto por fim revelar meu ponto de vista, e não julgar do mérito das coisas. Se digo que o Axioco de Platão me enfada, por se tratar de obra fraca, dado o valor e a força do autor, não o faço convencido da infalibilidade de meu juízo; não tenho a pretensão de contestar a autoridade de tantos outros juízes de renome da antiguidade, que considero meus mestres, diante dos quais me inclino e com os quais desejava enganar-me. A mim mesmo me condeno, pois, ou terei julgado superficialmente, não penetrando profundamente a obra, ou a terei encarado de mau ângulo. Contento-me com não me deixar perturbar, nem ser impelido ao devaneio; quanto à fraqueza de meu juízo, reconheço-a e a confesso. Penso dar uma interpretação justa às aparências que apreendo, mas como são enganosas, imperfeitas! Em sua maioria as fábulas de Esopo apresentam vários sentidos e significações. Os que as interpretam mitologicamente palmilham por certo um terreno bem adequado à fábula; mas é permanecer à superfície; há outra interpretação mais viva, essencial e interior, a que não puderam chegar os eruditos.

Prossigamos, porém. Sempre pensei que, entre os poetas, Virgílio, Lucrécio, Catulo e Horácio se situam longe dos outros, em primeiro plano. Em particular, Virgílio, cujas Geórgicas são a meu ver a obra poética mais perfeita; se a compararmos com a Eneida, percebemos que há neste poema certos trechos que o autor houvera retocado se tivesse tido tempo. O livro quinto da Eneida é o que considero mais acabado. Gosto também de Lucano e o leio com grande prazer, menos pelo estilo do que pelo alcance de suas opiniões e juízos. Quanto ao bom Terêncio, em quem deparo com todas as elegâncias e as graças da língua latina, julgo-o admirável quando trata dos sentimentos e descreve com vivacidade os nossos costumes. A todo instante eu o recordo e por mais que o leia sempre descubro nele alguma beleza nova.

Lamentavam os contemporâneos de Virgílio que o comparassem, alguns, a Lucrécio. Também eu acho a comparação infeliz, mas não a considero tão desacertada quando me detenho em algum trecho mais belo de seu êmulo. Se se contrariavam com o paralelo, que diriam dos que hoje o comparam tola e ignorantemente a Ariosto? E que pensaria o próprio Ariosto?

“O seclum insipiens et inficetum!”

“Ó século grosseiro e sem gosto!” [Catulo]

Sou de parecer que mais razão tinham ainda os antigos de lamentar os que equiparavam Plauto a Terêncio (este muito mais nobre). Para julgar do mérito de Terêncio e da preferência que lhe devemos dar, devemos atentar para o fato de Cícero, pai da eloquência romana, o citar constantemente, o que não faz com ninguém mais. E também a crítica severa que Horácio, o maior crítico dos poetas latinos, dirige a Plauto.

Muitas vezes pude constatar quanto, em nossa época, os que escrevem comédias (como os italianos, felizes no gênero) se inspiram em Terêncio e Plauto, a quem tomam de empréstimo três ou quatro enredos para arquitetar um dos seus. E assim procedem igualmente com Boccaccio, reunindo em uma só comédia cinco ou seis contos seus. O receio de não poder sustentar o interesse das peças com seus próprios recursos é que os leva a procurar algo sólido em que as assentar. E não o podendo tirar de si próprios, querem que nos divirtam as peripécias. O contrário ocorre com Terêncio: a perfeição e a beleza de seu estilo nos induzem a esquecer o tema; sua delicadeza e sua graça cativam-nos em todas as cenas; é um autor tão agradável,

“Liquidus, puroque simillimus amni,”

“Tão fluido e semelhante a uma água límpida” [Horácio]

; e nos seduz a tal ponto com seu donaire que mal percebemos o assunto de suas comédias.

Estas observações levam-me ainda a notar que os bons poetas da antiguidade evitaram a afetação e o rebuscamento, não somente das fantasias exageradas que se encontram nos espanhóis e nos petrarquistas, mas também das graças mais atenuadas que se deparam nas obras poéticas dos séculos seguintes. Assim o crítico competente lamenta observá-las porventura nos antigos, e admira mais a perfeição do acabado, a doçura perpétua, e a beleza florida dos epigramas de Catulo que todos os sarcasmos das sátiras de Marcial. E o que disse acima também o disse Marcial de si próprio:

***“Minus illi ingenio laborandum fuit,
In cujus locum materia successerat:”***

“Não era mister que se esforçasse; o assunto substituiu o espírito”

Os antigos poetas, os que brilham pela imaginação, logram o efeito visado sem se agitar exageradamente nem se picar para se excitarem; têm com que provocar o riso sem necessidade de cócegas; os outros precisam de ajuda estranha; quanto menos espírito têm, mais precisam de corpo e montam a cavalo porque não podem sustentar-se sobre as pernas. Assim, em nossos

bailes públicos, esses cavalheiros de baixa extração e que ensinam a dançar, na impossibilidade de exibir uma nobre e decente atitude, tentam valorizar-se com saltos perigosos e outros movimentos extravagantes, à maneira dos acrobatas. E as damas mostram-se mais desvoltas nas danças que comportam figurações e balanceios do que nas cerimônias em que lhes cumpre apenas andar, conservando sua atitude e graça naturais. Observa-se igualmente que os palhaços que exercem sua profissão com talento tiram todo partido possível de sua arte, mesmo quando vestidos com seus trajes cotidianos, enquanto os aprendizes, de menor competência, precisam enfarinhar a cara, mascarar-se, gesticular e fazer caretas para nos obrigar a rir. Minha opinião se esclarecerá melhor se compararmos a Eneida com Orlando Furioso. No primeiro poema mantém-se o poeta nas alturas, em vôo reto, poderoso e firme; no segundo o autor borboleteia saltitante, de episódio em episódio, como se, não confiando em suas asas, pulasse de galho em galho, de medo de perder o fôlego, de carecer de forças, como diz Virgílio:

“Excursusque breves tentat”

“Tenta apenas pequenas corridas”.

Eis os autores que mais me agradam nesses gêneros.

Quanto às minhas demais leituras, as que me instruem e deleitam ao mesmo tempo, as que me ensinam a pensar e a conduzir-me, tiro-as de Plutarco, na tradução francesa, e de Sêneca. Ambos apresentam a vantagem, dado o meu temperamento, de me oferecer os ensinamentos que neles busco, de um modo fragmentário e por conseguinte não exigente de leituras demoradas de que sou incapaz. Os opúsculos de Plutarco e as epístolas de Sêneca constituem a parte mais formosa de seus escritos, e também a mais proveitosa. Para empreender tais leituras não se faz mister um grande esforço, e posso sustá-las quando quero, pois nenhuma ligação existe entre os capítulos dessas obras. Esses dois autores, que concordam na maioria de suas idéias fundamentais, têm ainda outros pontos em comum: viveram no mesmo século, foram ambos preceptores de imperadores romanos, nasceram ambos em países estrangeiros, foram ambos ricos e poderosos. Suas lições são da melhor filosofia e se apresentam da maneira mais simples, com competência. Plutarco é em geral mais igual, Sêneca, mais variado. Este se esforça, se retesa, tenta defender a virtude contra a pusilanimidade, o temor, o vício; o outro não parece preocupar-se com esses inimigos, não apressa o passo para fugir do perigo. Plutarco é da escola de Platão; suas idéias estão isentas de exagero e se acomodam à sociedade tal qual é. No outro, que é da escola dos estóicos e dos epicuristas, elas se afastam mais do que se admite na vida comum, mas são ao meu ver mais cômodas para o indivíduo e impregnadas de firmeza. Sêneca parece ter feito algumas concessões à tirania dos imperadores de sua época, pois creio que foi por imposição que condenou a causa desses homens generosos que mataram César. Plutarco conserva sempre sua independência. Sêneca abunda em comentários e críticas, ao passo que em Plutarco predominam os fatos. O primeiro comove mais e entusiasma; o segundo dá mais satisfação e compensa melhor o tempo que lhe consagramos; este nos guia, o outro nos empurra.

Quanto a Cícero, as obras que mais convêm ao fim que me propus, são as obras filosóficas que tratam da moral. Mas, para dizer a verdade, e por mais ousado que se afigure, sua maneira de escrever, bem diferente da dos precedentes, parece-me aborrecida. Seus prefácios, suas definições, suas classificações, suas etimologias, ocupam efetiva e inutilmente quase toda a obra; o que nesta há de vivo e nervoso é abafado por esses excessos preliminares. Se passo uma hora a lê-lo – o que já é demais para mim – e recapitulo tudo o que dele tirei de substancial e nutritivo, não encontro a maior parte das vezes senão vento, pois ainda não cheguei nem às razões, nem aos argumentos relativos ao fundo do problema. Para mim, que não procuro ampliar o meu saber ou a minha eloquência, essa exposição lógica, obediente às regras de Aristóteles, é inadequada; gostaria que começasse pelo fim. Sei muito bem em que consistem a morte e a volúpia, para que se divirtam em as analisar minuciosamente em minha intenção. Procuo de imediato as razões sérias e certas que me reconfortem pelo esforço que me cabe suportar. Nem as sutilezas caras aos gramáticos, nem o engenhoso arranjo das frases e da argumentação me ajudam a gostar. Quero pensamentos que desde o início ataquem o ponto principal do problema, e os seus se arrastam em torno da questão. São bons para a escola, o tribunal, o púlpito onde temos tempo de cochilar e ainda reatar o discurso ao despertarmos um quarto de hora depois. Assim é que se fala aos magistrados quando se deseja ganhar uma causa, com ou sem razão; ou às crianças, ou à multidão, às quais é preciso tudo dizer e repetir para que entendam alguma coisa. Mas eu não quero que me grem cinqüenta vezes: “ouça bem isto”.

Os romanos diziam em suas orações litúrgicas: hoc age e nós sursum corda. São palavras inúteis para quem, como eu, está disposto a escutar. Condimentos e molhos não me agradam pois gosto de carne crua. E em vez de provocar o apetite, esses preâmbulos me cansam e me desencantam. Será a licença de nossa época uma desculpa para que ache igualmente tediosos, exaustivos os diálogos do próprio Platão? Lamento o tempo que perde em vãs interlocuções preparatórias, um homem que tinha tanta coisa importante a dizer. Minha ignorância justificará sem dúvida o desprazer que me causa seu estilo. Em geral prefiro os livros em que me encontro com o conhecimento daqueles que o explanam. Plutarco, Sêneca, Plínio, o Velho, e outros não nos dizem hoc age; têm eles por leitores os que se advertem a si mesmos. E, se chamam porventura a nossa atenção, é para pontos essenciais.

Leio de bom grado as epístolas a Ático, de Cícero, porque nos fornecem muitos pormenores acerca da história de seu tempo e mais ainda porque nos esclarecem a respeito de seu caráter e, como disse alhures, é grande em mim a curiosidade pela alma e o espírito dos autores que leio. Somente sua capacidade, e não seus costumes nem ele próprio, podemos julgar pela leitura de suas obras.

Mil vezes lamentei que a obra de Bruto sobre a virtude não tenha chegado até nós; fora admirável aprender a teoria com quem tão bem a praticou. Contudo como quem prega, e o que prega, são coisas diferentes, prefiro ainda ver Bruto pintado por Plutarco a vê-lo assinalado por si mesmo, mas gostaria antes saber exatamente de que assuntos se entretinha com seus amigos íntimos, na véspera de uma batalha, do que os discursos feitos ao exército depois do combate; e antes o que fazia em seu quarto e em seu gabinete do que na praça pública e no Senado.

Quanto a Cícero, participo da opinião geral: fora de seu saber, seu caráter, de muitos pontos de vista, não era perfeito. Era bom cidadão, indulgente, como a maioria dos homens gordos e alegres, mas no fundo havia nele certa carência de fibra, muita vaidade e ambição. Não posso explicar de outro modo o apreço em que tinha sua poesia, pois, se não constitui defeito grave escrever versos maus, era fraqueza sua não sentir quanto os que fazia eram indignos de seu renome. Sua eloquência era incomparável e, creio, ninguém jamais poderá ombrear com ele na arte de falar. Cícero, o Jovem, seu filho, que do pai só tinha o nome, comandava um exército na Ásia. De uma feita reuniu à sua mesa vários estrangeiros, entre os quais Céstio, que se achava em uma das pontas, como um intruso. Cícero indagou quem era; mas, distraído, não ouviu a resposta e tornou a perguntar duas ou três vezes. O criado, para não repetir sempre as mesmas palavras e a fim de fixar a atenção do anfitrião em alguma particularidade, acrescentou:

***“Ego vero me minus diu senem mallem,
Quam esse senem, antequam essem”***

**“É aquele Céstio de quem já nos disseram que não faz grande caso
da eloquência de vosso pai comparada à dele mesmo” [Cícero]**

Irritado, Cícero ordenou que prendessem Céstio e o açoitassem na presença de todos. Eis um anfitrião bem pouco delicado! Mesmo entre os que julgavam sua eloquência incomparável, alguns houve que não deixaram de apontar certas imperfeições. O grande Bruto, seu amigo, dizia que era uma eloquência descosida e sem vigor. Os oradores posteriores censuraram-lhe o curioso afã de certa cadência exagerada no final dos períodos, bem como as palavras ‘de efeito’ que tão seguidamente empregava. Apesar disso, embora raramente, não era muito eufórico como pude verificar nesta frase: “em verdade, quanto a mim, preferiria envelhecer durante menos tempo do que antes do tempo”.

Os historiadores constituem meu passatempo predileto. Sua leitura é-me fácil e agradável. Em seus livros encontro o homem que procuro penetrar e conhecer, apresentado com maior nitidez e mais completamente do que alhures. Sua maneira de ser neles se projeta com mais relevo e verossimilhança, tanto nos pormenores como no conjunto. Assim, também, seu caráter formado por um complexo de qualidades e defeitos, bem como pelos acidentes a que se expõem. Entre os historiadores, os que se atêm menos às ocorrências do que às causas, e ponderam mais os móveis a que obedecem os homens do que lhes acontece, são os que me agradam particularmente. Eis por que, em todos os pontos de vista, Plutarco é meu autor predileto.

Sinto muito não termos uma dúzia de Diógenes Laércio ou que sua obra não seja mais extensa ou mais inteligentemente composta, pois me interessa tanto pela vida dos grandes educadores quanto por seus dogmas e suas idéias. Quando nos dedicamos a estudos históricos desse gênero, precisamos folhear inúmeros autores, velhos ou novos, escritos em bom ou mau francês, a fim de conhecermos os diferentes pontos de vista sob os quais cada coisa se apresenta.

Mais do que os outros, César merece ser estudado, a meu ver, não somente pela história mas por si mesmo. Tão grandes são a sua perfeição e superioridade que o colocam acima de todos os outros, mesmo de Salústio. Eu o leio com um respeito e uma concentração de espírito maiores do que em geral se dedicam às obras humanas, atentando para a pureza e a inimitável correção de seu estilo superior ao de todos os demais historiadores, como diz Cícero, e por vezes ao do próprio Cícero.

Com tanta sinceridade julga seus adversários que, salvo as falsas aparências de que reveste a causa que defende e a pestilência de sua ambição, só se lhe pode criticar o fato de não falar bastante de si mesmo, pois tão grandes coisas não podiam ter sido realizadas, se sua parte não fosse maior do que afirma ter sido.

Entre os historiadores, aprecio os que são muito simples – ou os excelentes. Os que são simples, não podendo acrescentar algo de seu ao que contam, recolhem com cuidado e exatidão tudo o que chega a seu conhecimento, tudo registram de boa-fé, sem selecionar, sem nada fazer que possa influir no nosso julgamento, na descoberta da verdade. Assim é, por exemplo, o bom Froissart, o qual em sua obra se mostra tão franco e ingênuo que, se comete algum erro, não deixa de o reconhecer, retificando o trecho assinalado. Todos os boatos em curso, ele os anota com as possíveis variantes: consigna todas as versões que obtém; são material bruto e informe que colige e servirá a quem lhe suceder.

Os historiadores perfeitos têm a inteligência necessária para discernir o que merece passar à eternidade. São capazes de distinguir, entre dois relatos, o mais verossímil. Da situação em que se encontram os príncipes e de seu caráter, induzem os móveis que ditam suas determinações e põem em sua boca as palavras adequadas às circunstâncias. São levados a impor-nos sua maneira de ver, mas isso é peculiar tão-somente a um pequeno número deles.

Os que ocupam um lugar intermediário – a maioria – estragam tudo. Querem mastigar os fatos para nós; pretendem julgar e falseiam a história de acordo com o que dela pensam; pois uma vez que se julgou num dado sentido não há como deixar de deturpar os fatos ou os apresentar de maneira a comprovarem a idéia preconcebida. Selecionam o que imaginam se deva conservar e escondem muitas vezes tal ou qual palavra, tal ou qual ação particular que esclareceriam a situação; eliminam, por incrível que pareça, o que não compreendem e mesmo o que não sabem exprimir em francês ou em latim. Que desenvolvam tão ousada e eloqüentemente quanto puderem suas deduções, que julguem como pensam dever fazê-lo, mas que nos deixem a possibilidade de também julgarmos depois deles! Que nada alterem nem suprimam a pretexto de serem concisos e exatos e que nos apresentem seu material sem falsificação, na íntegra.

Escolhem-se, geralmente, para historiógrafos – sobretudo em nossa época – indivíduos medíocres, somente porque sabem falar bonito como se fosse para aprender gramática que precisássemos de suas obras. Quanto a eles, tendo sido escolhidos unicamente por causa de sua tagarelice com isto se preocupam; e, recheadas de belas frases e boatos ouvidos nas praças das cidades, compõem as suas crônicas.

As únicas histórias valiosas são as que escreveram os que dirigiam os negócios por eles relatados, ou outros do mesmo gênero. É o caso de quase todos os historiadores gregos ou romanos, pois se várias testemunhas oculares escrevem sobre o mesmo assunto (ocorria freqüentemente, então, encontrarem-se reunidos altos cargos e saber) e que haja erro, este tem que ser

de somenos ou referir-se a algum incidente duvidoso. Que esperar de um médico que fala de guerra ou de um estudante que disserta acerca dos desígnios do príncipe? Um só exemplo bastará para mostrar a que ponto os romanos eram exigentes nesse domínio.

Asínio Pólio assinala nos próprios comentários de César alguns erros que seriam devidos ao fato de não ter ele podido ver pessoalmente tudo o que acontecia nos exércitos, ou ter acreditado em pessoas que lhe narravam coisas insuficientemente verificadas, ou ainda não estar, no momento, a par dos relatórios de seus lugares-tenentes a respeito das manobras realizadas durante a sua ausência. Por aí se percebe quanto essa procura da verdade é delicada, porquanto não podemos confiar sequer em quem dirigiu, organizou, fez, nem nos soldados, a menos de confrontar os testemunhos e ouvir as objeções, antes de admitir como provados os menores detalhes de cada fato. O conhecimento do que se passa em nossa época é bem mais vago ainda, mas o assunto foi muito bem tratado por Bodin, e de acordo com o meu ponto de vista.

A fim de remediar um pouco as traições de minha memória, tão fraca que me aconteceu mais de uma vez voltar, como se não os conhecesse, a livros lidos anos antes com atenção e anotando, habituei-me de uns tempos para cá a escrever, no fim dos volumes que não pretendo tornar a consultar, a data do término da leitura, e, em grandes caracteres, a impressão sentida, ao menos para ter a qualquer momento uma idéia geral do que li. Eis algumas dessas anotações.

Há dez anos mais ou menos em meu Guichardin (qualquer que seja a língua dos livros, eu lhes falo na minha), eu escrevia: Historiógrafo cuidadoso, no qual se pode, melhor do que em qualquer outro, colher a verdade acerca dos negócios de seu tempo, na maior parte dos quais desempenhou um papel honroso. Não me parece que, por ódio, condescendência ou vaidade, tenha deturpado alguma coisa. Pode-se vê-lo pela imparcialidade de seus juízos sobre os grandes, particularmente os que, como o Papa Clemente VII, o empregaram e o promoveram nos cargos que ocupou. Prevaecem em sua obra as digressões e os discursos, e os há muito bons e enriquecidos com belas tiradas, mas neles se compraz demasiado. E a fim de nada esquecer, embora o assunto em si já seja muito amplo, ele o dilui ainda ao infinito e seu estilo degenera em falatório escolástico. Observei também que, embora aprecie muito homens e coisas, acontecimentos e resoluções, nunca atribui nada à virtude, à religião, à consciência, como se isso tudo não existisse neste mundo. Todas as ações, por mais belas que sejam na aparência, ele as atribui sempre a alguma causa viciosa ou ao partido que o autor pode tirar delas. É entretanto impossível admitir que nessa infinidade de fatos nenhum se depare cuja causa seja louvável. A corrupção não deve ter sido tão generalizada que ninguém lhe escapasse. Isso me induz a crer que carece de senso crítico e talvez haja julgado os outros por si mesmo.

No meu Commines, escrevi: Eis uma linguagem doce e agradável e extremamente simples. A narração vem isenta de circunlóquios, a boa-fé do autor é manifesta. Fala de si mesmo sem vaidade, e dos outros sem parcialidade nem inveja. Seus relatos e comentários evidenciam uma autoridade e seriedade que demonstram tratar-se de um homem de família ilustre, familiarizado com negócios importantes.

Nas memórias dos Srs. Du Bellay: É sempre agradável ler coisas escritas pelas pessoas que por experiência viram como manejá-las. Mas é evidente que nesses senhores observa-se uma falta grande de franqueza e da liberdade que fora de desejar como a que brilha nos antigos cronistas – em Joinville, por exemplo, da Corte de São Luís, Eginard, ministro de Carlos Magno, e mais recentemente Filipe de Commines. A obra em questão é mais uma defesa do Rei Francisco I contra o Imperador Carlos Quinto do que uma história. Não quero crer que, quanto ao fundo, tenham os autores modificado os fatos que relatam, mas os apresentam não raro erroneamente, sob um aspecto favorável a nós, omitindo tudo o que há de particularmente delicado na vida de seu senhor. Trata-se sem dúvida alguma de trabalho encomendado. As desgraças dos Srs. de Montmorency e de Brion não são mencionadas, nem se lê o nome de Madame d'Etampes. Pode-se admitir que se silencie as coisas secretas, mas calar acerca do que todo mundo conhece, ignorar o que tamanha importância teve nos negócios públicos é indesculpável. Em suma, se me acreditam, convém que se dirijam a outros se quiserem ter um completo conhecimento do Rei Francisco I e das ocorrências de sua época. O que se lê com proveito é a narrativa das batalhas e feitos de guerra a que assistiram esses fidalgos, algumas palavras e atos da vida privada de certos príncipes, as gestões e negociações levadas a efeito pelo Senhor de Langeais em que se consignam muitas coisas que merecem divulgação e se acompanham de reflexões notáveis.

Capítulo XI

Sobre a crueldade

Parece-me que a virtude é coisa diferente, e mais nobre, do que as inclinações para a bondade que nascem em nós. As almas bem-nascidas e naturalmente bem equilibradas seguem caminhos idênticos e apresentam em suas ações fisionomia igual à das virtuosas. Mas a virtude revela não sei que de maior, mais ativo, do que deixar-se, sob a influência de uma feliz compleição, serenamente conduzir pela razão. Quem, por doçura e inclinação natural, esquece as ofensas recebidas, comete uma bela ação, digna de louvores; mas quem, profundamente ferido e irritado, luta contra um terrível desejo de vingança e pela razão consegue dominar-se, faz melhor sem dúvida. Aquele age certo; este virtuosamente. O ato do primeiro é de bondade, o do segundo de virtude. Dir-se-ia que a virtude pressupõe dificuldade e oposição e não pode existir sem luta. Talvez seja por isso que qualificamos Deus como bom, liberal, justo, mas não 'virtuoso', porquanto tudo o que faz é natural, não necessitando nenhum esforço para realizá-lo.

Os filósofos, e não apenas os estóicos, mas também os epicuristas, julgam que não basta seja a alma animada por bons sentimentos, veja com justiça e se ache predisposta à prática da virtude, nem que por palavras e resoluções se eleve acima das vicissitudes da sorte; é preciso ainda que procure as oportunidades de prová-lo. Vão assim ao encontro da dor, da miséria, do desprezo a fim de os combater, mantendo sua alma nas alturas: "a virtude consolida-se na luta", diz Sêneca. Eu disse não somente os filósofos estóicos mas também os epicuristas, seguindo assim a opinião comum que coloca os primeiros acima dos

segundos, erroneamente aliás, em que pese à saída espirituosa de Arcesilau respondendo a alguém que lhe perguntava por que tantas pessoas passavam de sua escola para a de Epicuro, sem que se observasse o contrário: "muito simples; com galos fazemos capões, mas com capões não se fazem galos". Na verdade, a seita dos epicuristas, pela inteireza e rigidez de seus princípios e preceitos, não fica atrás da seita de Zenão. E um estóico que discutia com mais seriedade do que aqueles que, para combater Epicuro, lhe emprestam palavras que jamais disse, ou as deturpam, armando-se de regras gramaticais para o interpretar de má fé e apontar idéias contrárias às que o filósofo professava e praticava. Um estóico afirmava ter deixado de seguir Epicuro, entre outras razões, porque o caminho lhe parecia demasiado elevado e inacessível, pois "aqueles a quem chamamos amigos do prazer, são na realidade amigos da honestidade e da justiça, respeitando e praticando todas as virtudes" [Cícero].

É porque a virtude se fortalece na luta que Epaminondas, adepto, entretanto, de uma terceira seita, recusa as riquezas que muito legitimamente lhe oferecem os fados, pois quer, diz, lutar contra a pobreza, e a sua era grande e nunca o abandonou. Sócrates, parece-me, submetia-se a prova mais rude ainda, conservando sua mulher que era má, e se empenhava em o atormentar, verdadeira e permanente armadilha em seu caminho. Em Roma, Metelo, escutando apenas a voz da virtude, só entre os senadores, resistia às violências do tribuno do povo, Saturnino, o qual se batia pela aprovação de uma lei injusta em favor da plebe. Tendo assim incorrido na pena de morte, que Saturnino estabelecera para quem se opusesse a seu projeto, dizia aos que o acompanhavam ao lugar da execução: "é fácil fazer mal; isso não exige muita coragem. Fazer o bem sem correr riscos é coisa vulgar. Mas fazer bem, quando há perigo em o fazer, é próprio do homem virtuoso". Essas palavras comprovam o que eu quis demonstrar: que a virtude recusa a companhia da facilidade; e que esse caminho cômodo, de declive suave, pelo qual nos deixamos levar naturalmente, não é o da verdadeira virtude. O caminho desta é árduo e espinhoso. A virtude exige luta para se realizar, ou contra os obstáculos exteriores como no caso de Metelo, cujas penas o destino se comprouve em abolir, ou contra as dificuldades íntimas provocadas em nós por nossos desordenados apetites e as imperfeições da nossa natureza.

Até aqui minha tese se defende bem, mas percebo de repente que, a ser justa, a alma de Sócrates, a mais perfeita a meu ver, não se recomendaria particularmente, pois não concebo que tenha sido algum dia presa de desejos condenáveis. Sua virtude, não creio que experimentasse jamais alguma dificuldade em praticá-la, ou tivesse para tanto que entrar em luta consigo mesmo. Seu raciocínio era tão perfeito, e tal seu domínio sobre si mesmo, que nunca deve ter nascido nele o menor apetite repreensível. Sua virtude era tão elevada que não posso admitir alguma coisa censurável tenha existido nele, e o vejo andando sempre com passo vitorioso e triunfante; solene, sem embaraço; sem nada que o detenha ou perturbe.

Se, para existir, precisa a virtude de lutas contra as paixões contrárias, deveremos concluir que ela não pode prescindir da colaboração do vício e que este lhe é indispensável a fim de que alcance a honrosa reputação em que é tida? Que seria então dessa corajosa e generosa volúpia que propugna Epicuro, a qual exhibe sentimentos maternais pela virtude, essa virtude que ela embala, anima e diverte com os brinquedos da febre, da vergonha; da pobreza, da morte, das prisões? Se eu admitir que a virtude perfeita se reconhece pela maneira por que combate a dor; a paciência com que suporta a violência da gota sem se comover; se a rispidez e as dificuldades são condições essenciais à sua existência, como se definirá então essa virtude elevada a um tal diapasão que não somente despreza o sofrimento mas com ele goza, deleitando-se sob o peso de uma cólica extenuante? Essa virtude, em obediência a cujos princípios, estabelecidos por eles próprios, os epicuristas moldaram seus atos e que muitos outros, como Catão, ultrapassaram?

Quando penso em Catão a arrancar-se as entranhas para morrer, não posso crer que o haja feito simplesmente porque sua alma estava isenta de medo e inquietação, nem que assim tenha agido unicamente para obedecer às regras dos estóicos, os quais exigiam que o ato executado o fosse deliberadamente, sem emoção e sem que a impassibilidade se desmentisse. Creio que devia haver em sua virtude um excesso de energia, que ela era de uma têmpera excepcional. E penso que encontrava prazer e volúpia na realização de tão nobre gesto, comprazendo-se nele mais do que em qualquer outro de sua existência:

"Sic abiit a vita, ut causam moriendi nactum se esse gauderet"

"Saiu da vida, feliz por ter encontrado uma razão para morrer" [Cícero]

E tanto assim o creio, que duvido tivesse ele desejado que tão boa oportunidade para um tal feito não se apresentasse. E eu estaria convencido disso, não fosse a elevação de sentimento que o levava a colocar o bem público acima do seu próprio; e estou persuadido de que foi grato ao destino, o qual, em favorecendo um bandido inimigo das liberdades de sua pátria, lhe reservara tão bela provação. Parece-me ver em sua conduta, nessa circunstância, sua alma, a qual devia experimentar um prazer extraordinário, uma volúpia viril ao considerar a nobreza e a elevação do que ia fazer,

"Deliberate morte ferocior,"

"Tanto mais orgulhosa de si quanto ia morrer" [Horácio]

, e sustentado não pela vontade de conquistar glórias, como pretenderam alguns que o julgaram como julgam as massas, pelo lado mesquinho – o que fora indigno de tão generoso e escrupuloso espírito –, mas pela beleza do gesto, cuja sublimidade apreciava melhor do que nós, porquanto mais do que ninguém lhe conhecia os móveis. Os filósofos, felizmente, acharam que esse ato tão belo em ninguém melhor do que em Catão se aceitaria, e que somente a ele cabia acabar assim. E, no entanto, teve ele igualmente razão em ordenar a seu filho e aos senadores que o acompanhavam resolução bem diferente:

***"Catoni, quum incredibilem natura tribuisset gravitatem,
Eamque ipse perpetue constantia roboravisset, semperque in
Proposito consilio permansisset, moriendum potius, quam
Tyranni vultus aspiciendus, erat"***

"Catão, que recebeu da natureza uma severidade incrível; que, pela sua constância e a imutabilidade de seus princípios, consolidara ainda mais seu caráter, tinha que morrer de preferência a suportar a presença de um tirano" [Cícero]

Toda morte deve estar de acordo com a vida a que põe fim. No momento de morrer, não devemos ser diferentes do que fomos. Sempre julgo a morte pela vida e se aludem a alguém cuja morte revela energia em contraste com uma vida de fraqueza, penso que se trata apenas de uma aparência, que na realidade essa morte foi provocada por uma causa fraca e adequada à vida do morto.

Diante da satisfação e da facilidade com que Catão suportou a morte, a que atingiu pela força de caráter, deveremos imaginar que em algo se ofusca o brilho de sua virtude?

Quem tem em seu cérebro algumas noções, embora sucintas, de filosofia, poderá representar-se Sócrates em sua prisão, acorrentado e condenado, livre unicamente de seus temores? Quem não percebe nele, além da firmeza de ânimo e da tenacidade que possuía normalmente, algo mais, uma espécie de contentamento, de alegria, nas palavras que pronunciou e nas atitudes que teve nos últimos momentos? O estremecimento de prazer que sentiu ao passar a mão nas marcas dos ferros, não será um reflexo da felicidade que lhe inundava a alma por se libertar dos incômodos do passado e por se achar tão próximo o momento em que o futuro lhe seria revelado? Catão há de perdoar-me, espero: sua morte é mais trágica e impressiona mais, mas a de Sócrates, não sei por que, é ainda mais bela. Aristipo, respondendo aos que dela se apiedavam, exclamou: "Quissem os deuses dar-me uma igual". Depara-se nas almas de Catão e Sócrates, e nas dos que os imitaram (pois duvido que alguém os haja igualado), uma prática tão perfeita e constante da virtude que se diria ter ela se incorporado à natureza deles. Não é uma virtude nascida de um esforço, nem ditada pela razão; a própria essência de suas almas, sua vida normal e cotidiana elevaram-na a tal altura, mercê do prolongado exercício da filosofia, a qual encontrou neles um esplêndido e rico temperamento. E desse modo as paixões nefastas, que em nós germinam e crescem, não acharam brecha por onde penetrar seus espíritos. A rigidez e a firmeza de seus caracteres afogou e extinguiu a concupiscência, tão logo tentou inquietá-los. Ora cumpre reconhecer que é mais belo, em conseqüência de uma elevada e divina resolução, impedir as tentações de nascerem e edificar a virtude abafando o vício em embrião do que se esforçar por detê-lo em sua evolução e contra ele triunfar após se ter entregue às suas primeiras seduções. E esta segunda maneira de se conduzir é por sua vez mais meritória do que ser senhor de um temperamento bondoso e fácil, por natureza alheio ao vício e à devassidão. Nesta terceira e última hipótese, o homem, ao que me parece, pode permanecer inocente, mas não será virtuoso. Não faz o mal, mas não tem energia suficiente para fazer o bem. E isso constitui uma condição vizinha da imperfeição e da fraqueza, cujos limites são tão difíceis de se estabelecerem quanto as próprias palavras 'bondade' e 'inocência', as quais já então só despertam desprezo em nós.

Observo que várias virtudes, como a castidade, a sobriedade, a temperança, podem desenvolver-se em nós em conseqüência de um enfraquecimento de nossas faculdades físicas. A energia diante do perigo (se é que se há de chamar energia), o desprezo pela morte, a resignação na desgraça podem provir – e provêm muitas vezes – do fato de não saber o homem julgar os acidentes e não os conceber tal qual são; por isso, por não compreender ou por tolice, por vezes parece alguém virtuoso, e vi elogiarem certas pessoas por atos que lhes deviam censurar. Um senhor italiano disse-me de uma feita o seguinte, que não depõe em favor de seus patrícios: "a sutileza de espírito dos italianos e a vivacidade de suas concepções são tão grandes, prevêm com tal antecedência os perigos e acidentes, que não há como estranhar que, na guerra, tratem de sua segurança antes mesmo de surgir o risco". Os franceses e os espanhóis, acrescentava, que não têm tão bom olfato, o que os torna temerários; precisam ver o perigo e tocá-lo com as mãos para se atemorizarem. Quando ocorre o acidente, não o sabem enfrentar. Quanto aos alemães e aos suíços, concluía, mais grosseiros e embotados, nem sequer se dão conta do perigo antes de serem abatidos pelo golpe. Em verdade tal opinião pode não passar de piada, mas uma coisa é certa: na guerra os estrepantes arriscam-se não raro com uma imprudência que não mais demonstram depois de escaldados:

"Haud ignarus

Quantum nova gloria in armis,

Et praedulce decus, primo certamine possit"

*"Bem sabemos quanto podem sobre um guerreiro a sede
de glória e a doce honra de um primeiro embate" [Virgílio]*

Eis por que, quando se julga uma ação particular, é necessário ponderar as circunstâncias em que se verificou, e, em seu todo, o homem que a praticou, antes de se pronunciar acerca de sua classificação.

A propósito, uma palavra a meu respeito. Ouvi meus amigos denominarem prudência o que em mim era sorte, e considerarem resultante de minha coragem e de minha tenacidade o que decorria de minha clarividência na análise da situação, atribuindo-me assim ao acaso qualidades más ou boas. Aliás estou tão longe daquele grau de perfeição em que a virtude se torna hábito, que nunca dei provas de haver sequer alcançado o grau precedente, não me tendo nunca esforçado de fato para conter os meus desejos. Minha virtude não passa de inocência, ou melhor, ela é acidental e fortuita. Se tivesse vindo ao mundo com um temperamento mais desordenado, creio que meus sofrimentos houberam sido grandes, pois quase nunca sei opor uma vontade firme ao assalto das paixões. Por um pouco violentas que se tivessem mostrado, houvera-me rendido. Não sei alimentar querelas e conflitos dentro de mim. De sorte que não tenho grandes méritos em não exibir muito vícios:

"Si vitiis mediocribus et mea paucis

Mendosa est natura, alioqui recta, velut si

Egregio impersos reprehendas corpore naevos:"

*"Se minha natureza é boa, se tenho apenas uns leves defeitos,
um belo rosto também pode ter algumas manchas" [Horácio]*

E o devo menos à razão que ao destino. Este fez-me nascer de uma raça reputada por sua honradez, e de um pai excelente. Não sei se herdei em parte o seu caráter, se os exemplos de minha família, a boa educação que recebi na infância para isso contribuíram insensivelmente, ou se nasci com tais predisposições:

***“Seu Libra, seu me Scorpius adspicit
Formidolosus, pars violentior
Natalis hors, seu tyrannus
Hesperive Capricornus undae:”***

“Seja porque a Balança me viu nascer, ou o Escorpião temível e funesto na hora do nascimento, ou o Capricórnio que impera tiranicamente sobre os mares do Ocidente” [Horácio]

O que é certo é que aborreço os vícios. As palavras de Antístenes, a alguém que lhe indagava qual o melhor aprendizado da vida, parecem aplicáveis a meu caso: “desaprender o mal”. A repulsa que sinto por ele parte de um sentimento tão natural e pessoal que esse instinto, essa impressão que remonta aos meus primeiros anos se perpetuaram sem que nenhuma circunstância os modificasse, embora, por não obedecer a princípios rigorosos, me ocorra perpetrar atos que no íntimo reprovos. Pode isso parecer uma enormidade, não é menos certo porém que meus costumes são mais morigerados do que minha inteligência, minha concupiscência menos desregrada do que minha razão. Aristipo professava idéias tão ousadas em prol das riquezas e dos prazeres, que revoltaram todos os filósofos; era no entanto muito diferente na vida privada. Tendo-lhe Dionísio, o Tirano, apresentado três belas jovens para que escolhesse, respondeu que as levava todas, porquanto Páris errara ao preferir uma às outras. Em chegando em casa, porém, mandou-as embora intactas. Queixava-se o seu criado certa vez em viagem do peso do dinheiro que carregava; sugeriu Aristipo que tirasse o excesso e o deixasse à beira do caminho.

Epicuro, cujos dogmas não são religiosos e nos incitam a gozar a vida, viveu muito preso às práticas religiosas e ao trabalho. Assim é que escreve a um de seus amigos dizendo que vive somente de pão preto e água e pedindo-lhe que lhe envie um pedaço de queijo a fim de ter a possibilidade de uma refeição abundante.

Será verdade que, para sermos completamente bons, tenhamos de o ser por disposição natural e inconsciente, independentemente de leis, raciocínios e exemplos?

Meus desregramentos não foram, graças a Deus, dos mais repreensíveis; condenei-os como mereciam, porque não chegaram a perturbar o meu discernimento. Reprovos-os mesmo mais acerbamente em mim do que em outrem. É tudo, porém, pois lhes oponho resistência diminuta e deixo-me levar facilmente por eles, conquanto saiba evitar abusos e impedir que degenerem em excessos, porque, se não tomamos cuidado, novos vícios nascem dos vícios antigos e acabam por atuar simultaneamente. Esforcei-me por restringir os meus, isolá-los e atenuá-los na medida do possível.

***“Nec ultra
Errorem foveo”***

“Afora isso, não sou viciado” [Juvenal]

Afirmam os estóicos que, quando o sábio age, todas as suas virtudes participam da ação, embora uma delas, segundo a natureza do ato, pareça predominar. Vemos algo semelhante no corpo humano, o qual não pode, por exemplo, entregar-se à cólera sem que todos os humores se ponham em movimento. Daí a conclusão de que, se nos abandonamos a um vício, todos os outros se apossam de nós. Não creio que assim aconteça, pois percebo em mim o contrário. São, tais coisas, sutilezas sem fundamento, em que se comprazem por vezes os filósofos. Se sou vítima de certos vícios, fujo de outros como fugiria um santo.

Os peripatéticos negam essa união indissolúvel e Aristóteles é de opinião que um homem pode ser avisado e justo apesar de imoderado e incontinente. Sócrates confessava, a quem lhe observava que sua fisionomia revelava uma tendência para o vício, que, efetivamente, se sentia inclinado para o desregramento mas se corrigira por considerar um dever fazê-lo. Os amigos do filósofo Estílpon diziam que, tendo nascido com um gosto acentuado pelo vinho e pelas mulheres, chegara, pela força de vontade, a abster-se de ambas as coisas.

Ao contrário, as boas qualidades que tenho, devo-as à boa estrela que presidiu ao meu nascimento; não as obtive por decreto, preceitos ou aprendizado. Minha inocência é inata e ingênua; tenho pouca vontade e pouca malícia.

Entre os vícios, um há que detesto particularmente: a crueldade. Por instinto e por reflexão: considero-o o pior de todos; e cheguei mesmo a esta fraqueza de não poder ver matarem um frango sem que me seja desagradável, nem posso ouvir uma lebre gemer nos dentes dos cães, apesar de adorar a caça.

Os que combatem a volúpia, a fim de mostrar que é viciosa e absurda, alegam que, “quando levada ao paroxismo, nos domina a ponto de destruir-nos a razão”; e em apoio de sua tese invocam o que sentimos ao nos unirmos à mulher

***“Quum jam praesagit gaudia corpus,
Atque in eo est Venus,
Ut muliebria conserat arva”***

“Quando, à aproximação do prazer, o sexo vai fecundar o sexo” [Lucrécio]

, momento em que a satisfação dos sentidos como que nos destrói e destrói a razão enlevada pela volúpia.

Acho que pode ocorrer coisa diferente e que nos é possível, em querendo, ter outros pensamentos nesse instante, mas para tanto há que fortalecer a alma. Acho, por experiência, que podemos conter o efeito desse prazer e não penso que Vênus seja uma deusa imperiosa, como afirmam alguns mais castos do que eu. Nem considero milagre, como diz a rainha de Navarra em um conto de seu Heptameron (livro muito agradável no gênero), nem excessivamente difícil passar noites inteiras, com calma e tranqüilidade, ao lado da mulher desejada durante longo tempo, cumprindo a promessa feita de nos contentarmos simplesmente com beijos e presença palpável. Creio que a caça nos dá melhor exemplo da impotência momentânea da razão; o prazer é menor, mas as surpresas são maiores, e nossa razão maravilhada perde a faculdade de agir quando, inopinadamente, após demorada espera, surge o animal onde menos o aguardamos. O incidente, os gritos, comovem-nos de tal modo que seria difícil, para quem aprecia a caça, dela desviar o pensamento. Por isso os poetas representaram Diana indiferente às chamas do amor e às flechas de Cupido: pois

***“Quis non malarum, quas amor curas habet,
Haec inter obliviscitur?”***

“Como não esquecer então as malícias do amor?” [Horácio]

Volvamos ao nosso tema. Entristecem-me grandemente as misérias alheias. Quando, por uma circunstância qualquer, me encontro com alguém em lágrimas, choraria facilmente junto, se alguma coisa me arrancasse lágrimas. Nada me comove mais do que ver chorar, de verdade ou fingidamente, e até em pintura. Não me apiedo dos mortos; antes os invejaria, mas tenho dó – e muito – dos agonizantes. Os selvagens, que assam e comem o corpo dos mortos, provocam em mim uma impressão menos penosa do que os que os atormentam e torturam quando ainda em vida; não posso sequer assistir calmamente às execuções capitais impostas pela justiça, por mais razoáveis que sejam.

Alguém, querendo dar uma prova da demência de Júlio César, dizia: “era suave em suas vinganças. Tendo forçado alguns piratas a se renderem, piratas que o haviam aprisionado antes exigindo resgate, contentou-se com os mandar estrangular, só os crucificando depois de mortos. E tendo Filêmon, seu secretário, tentado envenená-lo, mandou-o simplesmente executar, sem antes o torturar”. Sem dizer quem foi esse historiador latino [Suetônio, na biografia de César] que se atreve a considerar demência o fato de apenas mandar matar o ofensor, fácil é adivinhar que estava sob a impressão dos horríveis e repugnantes exemplos de crueldade que os tiranos de Roma puseram em voga.

Quanto a mim, parece-me cruel, mesmo nos atos de justiça, tudo o que vai além da simples morte. E mais cruel ainda de nossa parte, a nós que deveríamos cuidar de fazer com que as almas abandonem a terra serenamente, o que se torna impossível se as submetemos a tormentos intoleráveis e atrozes suplícios.

Ultimamente um soldado preso, percebendo do alto da torre em que se achava, que a multidão se reunia e carpinteiros construía um patíbulo, imaginou que se tratasse dele. Resolveu então matar-se; e, como não encontrasse senão um prego enferrujado, vibrou dois golpes na garganta. Vendo que não obtinha o resultado desejado, deu novo golpe no ventre, deixando o prego no ferimento. O primeiro guarda a entrar na cela encontrou-o nesse estado, ainda vivo mas quase sem forças. Com receio de que falecesse, sem perda de tempo – e às pressas – leu-lhe a sentença. Ao saber que estava condenado apenas a ser degolado, o preso como que recobrou o ânimo, aceitou o vinho antes recusado e louvou seus juízes pela brandura da pena, declarando que resolvera suicidar-se de medo de sofrer mais dolorosamente, pois pensara que os preparativos a que assistira fossem para ele. E parecia ter-se livrado da morte, tão-somente porque trocara a maneira de morrer.

Acho que esses exemplos de rigor, pelos quais procuram impor respeito ao povo, só deveriam ser praticados com os despojos mortais dos criminosos. Vê-los privados de sepultura, queimados, esquartejados produziria o mesmo efeito nas pessoas quanto os suplícios que lhes infligem em vida, embora na realidade pouco signifiquem, pois como se diz nos Evangelhos: “matam o corpo; nada mais podem fazer depois” [São Lucas].

Mas os poetas ressaltam muito bem o horror que essas sevícias acrescentam à morte:

***“Heu! reliquias semiustas regis, denudatis ossibus,
Per terram sanie delibutas foede divexarier”***

**“Ah! que se arrastem desonrosamente por terra, gotejando sangue,
os restos de um rei semiqueimado, ossos à mostra” [Cícero]**

Encontrei-me um dia em Roma, no momento em que executavam Catená, ladrão famoso. Estrangularam-no primeiramente, sem que os assistentes manifestassem nenhuma emoção, mas quando o começaram a esquartejar, já não dava o carrasco um só golpe sem que o povo o acompanhasse com gemidos e exclamações, como se cada qual atribuísse os próprios sentimentos àquela carniça. Tais atrocidades devem exercer-se não no que ainda vive e sim na carcaça. Inspirado em pensamento análogo é que Artaxerxes temperava o rigor das antigas leis persas e determinava que os fidalgos que faltassem ao seu dever, em vez de serem açoitados, fossem despojados de suas roupas, as quais seriam açoitadas em lugar deles, e que, em vez de lhes arrancar os cabelos, lhes tirassem simplesmente os chapéus. Os egípcios, tão devotos, achavam que atendiam às exigências da justiça divina sacrificando-lhe porcos, vivos ou em efígie. Idéia ousada, essa de querer pagar com pinturas e simbolicamente a Deus, que é substância essencial!

Vivo em uma época em que, por causa de nossas guerras civis, abundam os exemplos de incrível crueldade. Não vejo na história antiga nada pior do que os fatos dessa natureza, que se verificam diariamente e aos quais não me acostumo. Mal podia eu conceber, antes de o ver, que existissem pessoas capazes de matar pelo simples prazer de matar; pessoas que esquartejam o próximo, inventam engenhosos e desconhecidos suplícios e novos gêneros de assassinios, sem ser movidos nem pelo ódio, nem pela cobiça, no intuito único de assistir ao espetáculo dos gestos, das contorções lamentáveis, dos gemidos, dos gritos angustiados de um homem que agoniza entre torturas. É o último grau a que pode atingir a crueldade:

“Ut homo hominem, non iratus, non timens, tantum spectaturus, occidat”

**“Que um homem mate um homem, sem ser impelido pela
cólera ou o medo, e unicamente para o ver morrer” [Sêneca]**

Quanto a mim, nunca pude sequer ver perseguirem e matarem um inocente animal, sem defesa, e do qual nada temos a recear, como é o caso da caça ao veado, o qual, quando sem fôlego e sem forças, e sem mais possibilidade de fuga, se rende e como que implora o nosso perdão com lágrimas nos olhos:

***“Questuque cruentus,
Atque imploranti similis,”***

“Gemendo, ensangüentado, pede mercê” [Virgílio]

Um tal espetáculo sempre me pareceu muito desagradável. Se pego algum animal vivo, dou-lhe liberdade. O mesmo fazia Pitágoras que comprava peixes e pássaros para os soltar:

***“Primoque a caede ferarum,
Incaluisse puto maculatum sanguine ferrum”***

“Foi, creio, com o sangue dos animais que o ferro se tingiu pela primeira vez” [Ovídio]

Os que são sanguinários com os bichos, revelam uma natureza propensa à crueldade. Quando se acostumaram em Roma com os espetáculos de matanças de animais, passaram aos homens e aos gladiadores. A própria natureza, a meu ver, agrega ao homem certa tendência para a inumanidade: ninguém se compraz em ver os bichos brincarem e se acariciarem, mas todos se excitam ante suas lutas ferozes. Para que não riam desta simpatia que demonstro pelos animais, observarei que a própria teologia os recomenda à nossa benevolência. Considerando que o Criador nos pôs na terra para servi-Lo e que eles são como nós da mesma família, anda bem a teologia em recomendar algum respeito e afeição pelos animais.

Pitágoras foi buscar nos egípcios o dogma da metempsicose. Posteriormente essa idéia foi aceita por outros povos, entre os quais os nossos druidas:

***“Morte carent animae; semperque, priore relictis
Sede, novis domibus vivunt, habitantque receptae”***

“As almas não morrem; após abandonarem suas primeiras residências passam a outras, e assim é eternamente” [Ovídio]

A religião dos antigos gauleses admitia que a alma é imortal e deduzia que mudava sempre de lugar transportando-se de um corpo para outro. A esta idéia juntava-se a da justiça divina, pois, segundo a conduta da alma durante a sua permanência em dado corpo, Deus lhe designa outro em condições mais ou menos semelhantes:

***“Muta ferarum
Cogit vincla pati; truculentos ingerit ursis,
Praedonesque lupis; fallaces vulpibus addit:
Atque ubi per varios annos, per mille figuras
Egit, Lethaeo purgatos flumine, tandem
Rursus ad humanae revocat primordia formae:”***

“Aprisiona as almas em corpos de animais: a que foi cruel no urso, a do ladrão no lobo, à do velhaco na raposa... e depois de ter assim passado por mil metamorfoses, purificadas enfim no rio do Esquecimento, são devolvidas às suas primitivas formas humanas” [Claudiano]

A alma valente, encarnavam-na em um leão: concupiscente, em um porco; covarde, em um veado ou uma lebre; maliciosa, em uma raposa; e assim por diante, até que, purificada pela penitência, voltasse para o corpo de um homem”:

***“Ipsae ego nam memini, Trojani, tempore belli
Panthoides Euphorbus eram”***

“Eu mesmo, recordo-me, quando da guerra de Tróia, era Eufórbio, filho de Panteu” [Ovídio]

Não concordo com esse parentesco entre os animais e nós. Não compartilho a maneira de ver de certos povos, entre os mais antigos e civilizados, que não somente admitiam os animais na sociedade dos homens, mas ainda os colocavam muito acima de si mesmos. Encaravam-nos uns como familiares privilegiados dos deuses e por eles demonstravam maior respeito e consideração do que por qualquer ser humano; outros, indo mais longe, reconheciam-nos por deuses e não adoravam outras divindades:

“Bellux a barbaris propter beneficium consecratae”

“Os bárbaros divinizaram os bichos porque deles tiravam proveito” [Cícero]

***“Crocodilon adorat
Pars haec; illa pavet saturam serpentibus ibin:
Effigies sacri hic nitet aurea cercopitheci;
Hic piscem flumints, illic
Oppida tota canem venerantur”***

“Uns adoram o crocodilo, outros contemplam com santo terror a íbis alimentada com serpentes. Aqui brilha no altar a imagem em ouro de um símio de cauda comprida... além, adora-se um peixe do Nilo; alhures, cidades inteiras prosternam-se diante de um cão” [Juvenal]

A interpretação muito aceitável que dá Plutarco desse erro é também honrosa para os animais; não era o gato ou o boi, por exemplo, que os egípcios adoravam e sim os atributos divinos que simbolizavam: no boi a paciência; no gato a vivacidade; ou como entre os borguinhões e os alemães, o gosto pela liberdade que eles colocavam acima de tudo o que vinha de Deus.

Quando encontro em autores muito sensatos dissertações tendentes a provar certa semelhança entre os animais e nós, quanto participam de nossos próprios privilégios e quanto temos em comum, torno-me muito menos presunçoso e abduco sem dificuldade essa realza imaginária do homem sobre as demais criaturas.

Mas, ainda que tudo isso seja discutível, cumpre-nos ter certo respeito não somente pelos animais, mas também por tudo o que encerra vida e sentimento, inclusive árvores e plantas. Aos homens devemos justiça; às demais criaturas capazes de lhes sentir os efeitos, solicitude e benevolência. Entre elas e nós existem relações que nos obrigam reciprocamente. Não me envergonho de confessar que sou tão inclinado à ternura e tão infantil a esse respeito que não sei recusar a meu cão as festas intempestivas que me faz, nem as que me pede.

Os turcos possuem estabelecimentos em que recolhem os animais e hospitais em que os tratam. Os romanos alimentavam a expensas do tesouro os gansos que tinham salvo o Capitólio. Os atenienses haviam decidido que as mulas e os burros empregados na construção do templo de Hecatompedon seriam deixados em liberdade e pastariam onde quisessem sem que ninguém os pudesse impedir. Os agrigentinos tinham por costume corrente enterrar cerimoniosamente os animais queridos,

cavalos dotados de alguma qualidade rara, cães e pássaros úteis ou simplesmente divertidos. A riqueza e a quantidade dessas sepulturas, que se admiraram ainda séculos depois, não ficavam atrás das que lhes eram peculiares em tudo. Os egípcios enterravam os lobos, os ursos, os crocodilos, os cães e os gatos em lugares sagrados. Embalsamavam-nos e usavam luto em sua memória. Címon deu honrosa sepultura às éguas com que ganhou três vezes consecutivas as corridas olímpicas. Xantipo, o Antigo, enterrou seu cão em um promontório, no mar que desde então teve seu nome. E o próprio Plutarco teve escrúpulos, diz-nos, em vender com algum lucro, e enviar ao matadouro, um boi que lhe fora útil durante muito tempo.

Capítulo XII

Apologia de Raymond Sebond

É em verdade a ciência coisa importante e útil. Os que a desprezam dão prova de estupidez. Não considero entretanto seu valor tão elevado quanto o imaginam alguns, como o filósofo Herilo, por exemplo, que a encara como o soberano bem e lhe atribui o poder que não tem, a meu ver, de nos tornar sensatos e satisfeitos. Ou como outros que nela vêem a mãe de todas as virtudes, resultando da ignorância todos os vícios.

Se assim é, cabe interpretá-lo.

Minha casa esteve sempre aberta aos homens de ciência, e eles a conhecem bem. Meu pai, que a dirigiu durante mais de cinqüenta anos, animado por esse entusiasmo do Rei Francisco I pelas letras, procurou sempre com cuidado e grande interesse a companhia dos doutos. Recebia-os como se fossem santos, inspirados na sabedoria divina. Recolhia seus preceitos e discursos como oráculos e com tanto maior reverência e fé quanto não estava à altura de os julgar, não tendo tido, como não tiveram seus avós, íntimo contato com as letras. Eu também os aprecio muito, mas não os adoro.

Entre os que recebeu meu pai figura Pierre Buñuel, homem de grande reputação e que se demorara alguns dias em Montaigne [no castelo], com outros sábios. No momento de partir presenteou-nos com uma obra intitulada Teologia Natural ou Livro das Criaturas, de Raymond Sebond. Meu pai conhecia perfeitamente o italiano e o espanhol, e sendo a obra escrita nesta última língua, embora mesclada com terminações latinas, pensava Buñuel que, com alguma ajuda, ele a pudesse ler e dela tirar proveito. Recomendou-lhe o livro por ser muito útil e apropriado às circunstâncias, pois estávamos na época em que a Reforma de Lutero começava a expandir-se e a abalar em muitos países as antigas crenças. A esse respeito Buñuel mostrava-se clarividente, prevendo, simplesmente pelo raciocínio, que esse princípio de doença degeneraria logo em execrável ateísmo, e isso porque o vulgo, não sendo capaz de julgar as coisas em si, se atém às aparências. Quando se tem a temeridade de, por uma vez que seja, incitá-lo a desprezar e controlar as opiniões ante as quais respeitosa e inclinada, porquanto implicam em sua salvação; quando se põem em dúvida certos pontos de sua religião, submetendo-os a seu julgamento, ele acaba muito rapidamente por sentir a mesma incerteza para com todas as suas demais crenças, pois as que ficam têm menos autoridade e fundamento do que aquelas de que o despojaram. Liberta-se, então, como de um jugo tirânico, de todos os princípios que recebera com apoio nas leis ou nos antigos costumes,

”Nam cupide conculcatur nimis ante metutum”

”Pois calcamos aos pés de bom grado aquilo que mais veneramos” [Lucrécio]

, e decide desde logo não mais aceitar o que não tenha antes examinado e aprovado.

Dias antes de morrer, tendo meu pai por acaso encontrado o livro sob um monte de papéis abandonados, pediu-me que o vertesse para o francês. É tarefa das mais fáceis traduzir autores como esse, em quem o fundo é tudo; já o mesmo não ocorre com os que sacrificam muito à graça e à elegância do estilo, principalmente quando nos devemos expressar em uma língua mais pobre que a do original. Para mim tratava-se de trabalho inédito, mas ocorrendo, por felicidade, ter então alguns lazeres, e nada podendo recusar ao melhor dos pais, fiz o possível e terminei a tradução. Meu pai ficou satisfeitíssimo e quis que a obra se imprimisse, o que se fez depois de sua morte.

Achei belas as idéias do autor, sólida a estrutura da obra e piedosa a sua inspiração. Como muitas pessoas se distraem em sua leitura, entre as quais senhoras a quem devemos obrigações, não raro me foi dado ajudá-las, destruindo as duas principais objeções que fazem ao livro.

O objetivo deste é ousado e corajoso, pois se propõe estabelecer e provar, contra os ateus, todos os artigos de fé da religião cristã, baseando-se unicamente em razões humanas e naturais. E, em verdade, acho-o tão firme e tão brilhante desse ponto de vista, que não creio seja possível conseguir mais, nem penso que alguém o tenha conseguido. Parecendo-me a obra demasiado rica e bela para autor tão pouco conhecido e de quem nada sabemos, senão que era médico, espanhol, e residira em Tolosa há cerca de duzentos anos, indaguei de sua importância junto a Adrian Tournebus que tudo sabe. Este respondeu-me que, a seu ver, podia muito bem tratar-se de uma quinta-essência tirada de Santo Tomás de Aquino, cuja infinita erudição e sutileza de espírito eram as únicas capazes de tais idéias. Como quer que seja (e a hipótese de Tournebus não basta para despojar Sebond), trata-se por certo de um homem eminente que escreveu belíssimas páginas.

A primeira objeção ao livro é que os cristãos se enganam em querer sustentar com argumentos puramente humanos uma crença que só se concebe pela fé e por intervenção particular da graça divina. Parece-me que tal objeção provém de uma exagerada piedade, por isso mesmo convém refutá-la com tanto maior delicadeza e respeito. E é neste espírito que gostaria de responder. Seria tarefa para alguém mais versado em teologia do que eu, que a ignoro. Entretanto, julgo que em uma coisa tão elevada e divina, que sobreexcede a inteligência humana, como essa verdade com que a bondade de Deus houve por bem iluminar-nos, cumpre que Ele nos continue a auxiliar, e que só por um favor especial de Sua parte podemos concebê-la e penetrá-la. Abandonados unicamente à nossa inteligência, não seremos capazes, pois se assim não fosse, muitos espíritos superiores e privilegiados como os que floresceram nos séculos passados teriam chegado à fé por intermédio da razão. É

somente a fé que nos revela os inefáveis mistérios de nossa religião e nos confirma a sua verdade; o que não significa não seja bela e louvável empresa pôr a serviço dessa fé os meios de investigação que o homem recebeu de Deus. E não há como duvidar um momento sequer seja este o emprego mais digno que nos caiba dar a nossas faculdades mentais, nem exista ocupação e objetivo mais elevados para um cristão do que os de orientar seus estudos e meditações no sentido de embelezar, estender e ampliar os alicerces de sua crença. Não nos contentemos com colocar ao serviço de Deus nosso espírito e nossa alma; devemos também prestar-Lhe uma homenagem física, pois todos os nossos órgãos, todos os atos e atitudes concorrem para a Sua glorificação. Nossa razão deve agir do mesmo modo e dedicar-se a amparar nossa fé, sempre porém sob a reserva de não imaginar que por si só, pela força que pode alcançar, Lhe seja dado adquirir essa ciência sobrenatural que provém de Deus.

Se essa ciência não nos penetrasse por extraordinária graça, se não entrasse em nós senão pela força do raciocínio e outros processos humanos, não ocuparia o lugar nem teria o esplendor que deve ter. Creio, porém, que assim é que nos penetra. Se estivéssemos unidos a Deus por uma fé ardente, se a Ele nos prendéssemos por Ele próprio e não por nós, se nossa fé assentasse em fundamento divino, as tentações humanas não teriam o poder de nos abalar como têm; resistiríamos sem dificuldade a tão fracos assaltos. O amor à novidade, a tirania dos príncipes, a sorte de um partido, as mudanças temerárias e fortuitas de nossas opiniões, não conseguiriam estremecer ou alterar as nossas crenças; não nos deixaríamos perturbar por argumentos novos e nenhuma retórica no mundo nos impressionaria. Resolutos e serenos, enfrentaríamos esses golpes:

***"Illis fluctus rupes ut vasta refundit,
Et varias circum latrantes dissipat undas
Mole sua"***

**"Assim um vasto rochedo opõe sua massa ao furor das
ondas que rugem e se quebram de encontro a ele" [Virgílio]**

Se esse raio divino nos atingisse ainda que de leve, em tudo o veriam. Nossas palavras e nossos atos Lhe refletiriam o clarão, tudo o que emana de nós seria iluminado por tão nobre claridade.

Deveríamos envergonhar-nos. O adepto de qualquer seita humana, por estranha que seja, a ela adapta rigorosamente sua conduta, e nós outros cristãos só nos unimos à nossa divina doutrina por palavras. Quereis a prova? Comparai nossos costumes aos dos maometanos e pagãos e vede quanto os nossos são inferiores, mesmo quando devido à superioridade de nossa religião deveríamos brilhar extraordinariamente. Cumpriria que dissessem: são justos, caridosos, bons, logo devem ser cristãos. O resto é comum a todas as religiões: a esperança, a confiança, os acontecimentos que fortalecem, as cerimônias, as penitências, os mártires. O que deveria distinguir a nossa verdade fora a virtude, o mais celestial distintivo, o mais digno e mais árduo produto da verdade. É porque não somos o que deveríamos ser, que nosso bom São Luís insistia em desaconselhar o rei tártaro que se convertera a vir a Lião beijar os pés do papa e admirar a pureza de nossos costumes, pois temia que, ao contrário, nossos desregramentos Lhe esgotassem a admiração por nossas crenças. Isso, entretanto, não se verificou com aquele que, visitando Roma com idênticas intenções e observando a dissolução do clero e do povo, mais entusiasta se tornou de nossa fé, considerando quanto devia ser forte e divina para manter sua dignidade e seu esplendor em meio a tamanha corrupção.

Se tivéssemos um pingo somente de fé, removeríamos montanhas, dizem os Evangelhos. Nossas ações, inspiradas pela divindade que presidiria igualmente à sua execução, não se incluíam apenas entre as que o homem pode cumprir, mas participariam do milagre, como nossas próprias crenças:

"Brevis est institutio vite honeste beatæque, si credas"

"Crê, e o caminho que te conduzirá à virtude e à felicidade será curto" [Quintiliano]

Uns se empenham em fazer crer que crêem, e não crêem; os outros – a maioria – persuadem-se a si próprios e não sabem o que seja crer. Achamos estranho, nas guerras que atualmente assolam nosso país, que os acontecimentos flutuem na indecisão; é que não pomos nossa fé nessas lutas. Um dos partidos tem por ele a justiça, mas faz dela apenas uma bandeira e uma máscara; ostenta-a mas não Lhe obedece. Não é ela que impele a ação; não a desposou realmente o partido, o qual não a traz no coração mas tão-somente nos lábios, como faria um advogado. Ora, Deus deve Seu apoio extraordinário à fé e à religião e não a nossas paixões. E nessa luta são os homens que a orientam. Para eles a religião é um meio, quando deveria ser um fim. Atentai para os acontecimentos e vereis como acomodamos a religião, tal qual uma cera mole, a nossos caprichos, obrigando-a a assumir as formas que queremos. Jamais se viu em França semelhante abuso. Que a puxem para a esquerda ou para a direita, que digam branco ou preto, todos a colocam igualmente a serviço de suas ambições, e agem de maneira tão idêntica em seus desregramentos e injustiças que tornam difícil acreditarmos na divergência de opiniões que alegam para justificar seus atos, porquanto nossa opinião é que deve inspirar nossa conduta e regular nossa vida. Uma só e mesma escola, com os mesmos princípios, não produziria costumes mais homogêneos, mais uniformes.

Vede a horrível impudência com que jogamos com a palavra divina, a irreligiosidade com que acolhemos ou rejeitamos, segundo o lugar que nos assinam os fados nessas tempestades públicas. Que partido, há um ano, sustentava solenemente ser permitido ao cidadão revoltar-se e armar-se contra seu rei em defesa de sua religião? Que defendia o partido contrário? E vede de que lado se situam um e outro agora, e se as armas se entrechocam menos por se terem invertido as posições! E queimamos as pessoas que afirmam ser preciso modificar a verdade de acordo com os interesses de nossa causa! Sejamos francos: se seleccionássemos no exército, mesmo no exército da legalidade, os que servem unicamente para defender sua fé, e até os que querem o império da lei e do príncipe, não se constituiria com eles uma companhia sequer. Como se explica que sejam tão poucos os que permanecem fiéis à sua fé, qualquer que seja o desenvolvimento dos sucessos, e tão numerosos os que ora vão a passo e ora a galope, e malbaratam os nossos interesses passando da violência à moleza e à indiferença? Não será porque a massa obedece a considerações pessoais e ocasionais, cuja diversidade a impulsiona?

É evidente, para mim, que somente nos conformamos com os deveres que se coadunam com nossas paixões. Não há

hostilidade mais eficaz que a dos cristãos. Nosso zelo é capaz de maravilhas quando secunda nossa inclinação natural para o ódio, a crueldade, a ambição, a avarizia, a intriga, a rebeldia. Ao contrário, só por milagre, ou temperamento especial, nada nos induz à bondade, à benevolência e à moderação. Nossa religião tem por objetivo extirpar os vícios; mas fazem com que os dissimule, os alimente e os incentive. É preciso não trapacear com Deus. Se acreditássemos n'Ele – não chego a dizer se tivéssemos fé –, se tão-somente acreditássemos n'Ele, e com vergonha o digo, se O tivéssemos em nós como um amigo, por exemplo, nós O amaríamos acima de tudo pela Sua infinita bondade, e pela beleza que n'Ele resplende. Ao menos ocuparia Ele o mesmo lugar que ocupam as riquezas, os prazeres, a glória, os companheiros. O melhor dentre nós, que receia magoar seu vizinho, seus parentes, seu mestre, não teme ultrajá-Lo. Haverá alguém, por mais simples de espírito que seja, que não queira trocar um desses prazeres que nos oferecem os vícios pela esperança de uma glória eterna? E no entanto quantas vezes renunciamos a essa glória por simples desdém, pois, que nos induz à blasfêmia senão o próprio desejo de ofender?

Quando iniciavam o filósofo Antístenes nos mistérios de Orfeu, disse-lhe o sacerdote que os que praticavam essa religião receberiam, ao morrer, as mais admiráveis recompensas. "Por que então não morres?", observou o filósofo.

Diógenes, mais grosseiramente ainda, como de hábito, respondeu ao sacerdote que lhe recomendava que abraçasse sua religião a fim de alcançar a felicidade eterna: "Queres que acredite que grandes homens como Agesilau e Epaminondas serão miseráveis enquanto tu, que és um burro e nada fazes, serás um bem-aventurado somente porque és sacerdote?"

Se acolhêssemos essas grandes promessas de beatitude eterna com o mesmo respeito que demonstramos pelas doutrinas filosóficas, não teríamos tanto medo da morte:

***"Non jam se moriens dissolvi conqueretur,
Sed magis ire foras, vestémque relinquere ut anguis
Gauderet, praelonga senex aut cornua cervus"***

"Em vez de lamentarmos a desagregação de nosso ser, nos alegraríamos com partir e abandonar nossa carcaça mortal, como a serpente muda de pele, como o veado se desfaz de seus velhos cornos" [Lucrecio]

Quero desaparecer, diríamos, para estar com Jesus. A eloqüência de Platão no que concerne à imortalidade da alma não impeliu alguns de seus discípulos ao suicídio, a fim de gozar mais cedo a recompensa que o filósofo prometia?

Tudo isso é sinal muito evidente de que não compreendemos nossa religião, senão a nosso modo e a nosso bel-prazer, como compreendemos qualquer outra religião. Se é nossa, é porque o destino nos fez nascer em um país onde ela existe, porque é muito antiga, ou porque os homens que a estabeleceram merecem nosso respeito, ou porque tememos os castigos com que ameaça os que não a seguem, ou ainda porque nos seduzem suas promessas. Todas essas considerações podem pesar em nossas crenças, mas são secundárias; são laços de ordem puramente humana. Em outras regiões, outras influências, promessas e ameaças poderiam igualmente impor-nos outras crenças. Somos cristãos como somos perigordinos ou alemães.

Diz Platão que poucos ateus o são a ponto de não apelaarem para o poder divino nos momentos de perigo. O aforismo não se aplica ao verdadeiro cristão. Isso diz apenas respeito às religiões criadas pelo homem. Que espécie de fé será essa que se desenvolve com a covardia e a pusilanimidade? Linda fé, a que existe somente porque não se tem mais a coragem de deixar de crer! Sentimentos tão falhos quanto a inconstância e o medo poderão provocar em nossa alma uma influência sadia? Há quem pretenda provar, diz ainda Platão, que a razão ordena que consideremos puras invenções tudo o que se afirma do inferno e dos castigos futuros. Mas, apresente-se a oportunidade de serem coerentes, surja a velhice, apareçam as enfermidades e com elas a ameaça do túmulo, logo veremos que o receio do futuro lhes modificará as convicções. E é porque tais impressões enfraquecem o ânimo, que o filósofo proíbe em suas leis as alusões a essas ameaças e procura persuadir os homens de que dos deuses não receberão jamais o mal, a não ser quando necessário ao bem, como remédio para as afecções morais.

Diz-se de Bion que, adepto fervoroso do ateísmo de Teodoro, durante muito tempo caçoou dos devotos, mas, surpreendido pela morte, entregou-se às práticas mais supersticiosas, como se os deuses existissem ou deixassem de existir segundo as suas conveniências. Platão conclui – e os exemplos o confirmam – que pela razão ou pela força somos sempre levados a crer na existência de Deus. O ateísmo é uma concepção monstruosa e antinatural, e difícil de ser aceita pelo espírito humano, ainda que insolente e anárquico, embora se encontre quem a ostente, seja por rebeldia, seja pela vaidade de emitir opiniões originais e reformadoras; mas se esses ateus são bastante loucos para se dizerem ateus, não são suficientemente fortes para implantar tal convicção em sua consciência. Uma boa estocada no peito e ei-los de mãos postas a implorar o céu. E quando o medo e a doença tiverem abatido esse licencioso e volúvel ardor, voltarão a si e mui discretamente farão como os outros, acreditando naquilo em que todos acreditam. Uma coisa é um dogma seriamente estudado e aceito por todos, outra coisa essas impressões passageiras que, nascidas de espíritos desequilibrados, vão alimentando as mais temerárias idéias e as mais fantasistas. Pobres loucos que se esforçam por ser piores do que está em suas forças.

Os erros do paganismo e a ignorância de nossa santa verdade, fizeram ainda que a grande alma de Platão, grande na medida da humana grandeza, caísse em outro absurdo da mesma ordem, a saber, a afirmação de que as crianças e os velhos são mais acessíveis à religião, como se esta resultasse de uma fraqueza de espírito. O laço que deveria unir nosso julgamento à nossa vontade, envolver nossa alma e ligá-la ao Criador, não deveria decorrer de nossas considerações, nem de nossos raciocínios e sim de um abraço divino e sobrenatural sob uma só forma, um só aspecto, um só brilho emanado da autoridade de Deus e de Sua graça. Ora, sendo nosso coração e nossa alma regidos pela fé, esta deve poder valer-se de todas as demais partes de nosso ser de acordo com o que cada uma pode dar. Não é crível, portanto, que esse conjunto que constitui o mundo, que essa admirável máquina não revele vestígios denunciadores da presença do grande arquiteto que a construiu e que não se perceba em algumas de suas peças algo suscetível de lembrar o artesão que as fez e juntou. E, efetivamente, Suas obras principais denotam o caráter de Sua divindade, o qual somente a nossa fraqueza impede de perceber. Pois, como diz Deus, Suas obras invisíveis manifestam-se pelas visíveis. Sebond dedicou-se a esse estudo digno de nossa atenção, mostrando-nos que nada neste

mundo desmente a grandeza do Criador. Aliás seria contrário à bondade divina que o universo não oferecesse apoio à verdade de nossa fé: o céu, a terra, os elementos, nosso corpo e nossa alma, tudo concorre para justificá-la. Cabe-nos encontrar o meio de utilizarmos tudo isso. Confiam-nos o seu segredo com a condição de que o saibamos compreender, pois o mundo é por excelência o templo sagrado a que o homem tem acesso a fim de contemplar monumentos que não foram construídos pela mão humana, mas sim erguidos pela divina sabedoria, a qual no-los tornou sensíveis como o sol, as estrelas, as águas, a terra, que representam as coisas inteligíveis. As invisíveis, diz São Paulo, nós as concebemos pelo que vemos desse mundo que Ele criou, testemunho de Sua eterna sabedoria e de Sua divindade.

***”Atque adeo faciem coeli non invidet orbi
Ipse Deus, vultúsque suos corpúsque recludit
Semper volvendo : séque ipsum inculcat Et offert,
Ut bene cognosci possit, doceátque videndo
Qualis eat, doceátque suas attendere leges”***

”Não sonhando à terra o espetáculo do céu, desenrolando-o sem cessar sobre nós, Deus se descobre em todos os seus aspectos; oferece-se a nós e em nós se inculca; desejando ser claramente percebido em Sua obra, mostra-nos como é e nos convida a meditar as Suas leis” [Manílio]

Ora, todos os raciocínios humanos são inertes e estéreis, e só tomam forma na medida em que Deus, por meio da graça. Lhes dá tal oportunidade e Lhes determina o valor. Os gestos de Sócrates e Catão permaneceram vãos e inúteis porque não tinham por objetivo o amor e a obediência que devemos a Deus, verdadeiro criador de tudo e que eles não conheciam. O mesmo se verifica com nossos raciocínios e discursos: parecem possuir uma forma, mas na realidade não passam de massas confusas e condenadas à impotência sem a fé e a graça. A fé, colorindo e dando brilho aos argumentos de Sebond, dá-lhes consistência e solidez e os torna capazes de servir de guia a um neófito e conduzi-lo pelo caminho que leva ao conhecimento da verdade, moldando-o até certo ponto e o predispondo a receber a graça de Deus que Lhe fortalece a fé e a faz perfeita. Conheço um senhor de categoria, versado no estudo das letras, que me confessou ter sido afastado da incredulidade pelos argumentos de Sebond. E ainda que os despojássemos do ornamento, ajuda e aprovação da fé, e os encarássemos como fantasias puramente humanas destinadas a combater as idéias dos que se precipitaram nas pavorosas e temíveis trevas da irreligiosidade, seriam contudo tão valiosos e eficientes quanto quaisquer outros que se lhes oponham. De sorte que podemos dizer com razão aos seus adversários:

”Si melius quid habes, accerse, vel imperium fer”

”Se tendes melhores argumentos, apresentai-os; se não, concordai” [Horácio]

Reconheçam a validade de nossas provas ou nos dêem outras mais substanciais. E eis-me, sem dar por isso, a discutir a segunda objeção que me proponho refutar em nome de Sebond.

Há quem ache seus argumentos fracos, insuficientes para provar o que desejam provar e facilmente refutáveis. Essa gente merece que Lhe responda com mais energia, pois é mais perigosa porque mais maliciosa. Deturpam de bom grado as palavras alheias no intuito de valorizar as próprias: para o ateu tudo o que se escreve tem alguma relação com o ateísmo e ele envenena com seu próprio veneno o mais inocente pensamento. Uns têm escrúpulos que os levam a achar insossos os argumentos de Sebond; acham que favorece os ateus e permite-lhes que combatam nossa religião com armas humanas, essa religião que não ousariam atacar se ela Lhes aparecesse em todo o seu esplendor, na plenitude da autoridade e do mando.

O meio que emprego para rebater essa objeção – e me parece o mais adequado – é o de humilhar e espezinhar o orgulho e a arrogância do homem; o de Lhe fazer sentir sua inanidade, sua vaidade, seu vazio; de Lhe arrancar das mãos as armas mesquinhas que Lhe fornece a razão; de o forçar a inclinar-se e beijar o chão ante a autoridade e imponência da divina majestade. Só a esta pertencem a ciência e a sabedoria; só ela pode avaliar sozinha alguma coisa e dela tiramos aquilo com que nos enfeitamos e tanto prezamos em nós.

”Deus superbis resistit : humilibus autem dat gratiam”

”Deus não permite que ninguém se orgulhe, senão Ele” [Heródoto]

, deitamos pois por terra nossa orgulhosa pretensão, ponto de partida da tirania que sobre nós exerce o diabo: “Deus enfrenta os soberbos e perdoa os humildes” [São Pedro]. A inteligência é apanágio dos deuses, diz Platão; os homens pouca ou nenhuma têm. Por isso é de grande consolo para o cristão ver nossos instrumentos mortais e frágeis se adaptarem tão bem ao que exige nossa fé santa e divina, que, quando os utilizamos nos atos mortais e frágeis como eles próprios não se revelam mais adequados nem mais poderosos.

Vejamos se o homem dispõe de argumentos mais eficazes que os de Sebond, e se Lhe é possível chegar a uma certeza mediante provas e raciocínio. Refutando os incrédulos, censura-lhes Santo Agostinho a injustiça de considerarem falso tudo aquilo que, em nossas crenças, a razão não consegue provar. E a fim de mostrar que muitas coisas são, ou podem ter sido, sem que nossa inteligência Lhes desvende a natureza e as causas, cita-lhes fatos conhecidos e indiscutíveis que o homem confessa não poder explicar. Nisso, como em tudo o que faz, aliás, Santo Agostinho demonstra muita sutileza e engenho. É preciso ir mais longe e ensinar-lhes que para que se convençam da debilidade de sua razão, não há necessidade de recorrer a exemplos singulares e peregrinos. Ela apresenta tantos pontos fracos, é tão cega que não há verdade, por luminosa que seja, que assim Lhe pareça. O fácil e o difícil são para ela uma só coisa. Tudo enfim o que ela pretende julgar e a natureza em geral se sonega à sua jurisdição e competência.

Que nos prega a verdade quando nos convida a fugir à filosofia deste mundo? E quando nos adverte de que nossa sabedoria é simples loucura diante de Deus? Quando nos diz que de todas as vaidades o homem é a mais vã; e que quem se vangloria de seu saber não sabe o que é o saber; e que o homem não é nada quando pensa ser alguma coisa; e que se exalta e se engana a

si próprio? Estas sentenças que emanam do Espírito Santo exprimem tão claramente e de um modo tão vivo o que pretendo demonstrar, que não precisaria lançar mão de nenhuma outra prova contra pessoas que se inclinassem diante de sua autoridade; mas estas a que nos referimos aqui se obstinam em pagar o açoite com que serão açoitados e não admitem que se combata sua razão, senão com a própria razão.

Consideremos, pois, um momento o homem isolado, abandonado a si próprio, armado unicamente de graça e conhecimento de Deus, o que constitui sua honra e toda a sua força, e o fundamento de seu ser; e vejamos o de que é capaz com esse equipamento. Que me explique pelo raciocínio em que consiste a grande superioridade que pretende ter sobre as demais criaturas. Quem o autoriza a pensar que o movimento admirável da abóbada celeste, a luz eterna dessas tochas girando majestosamente sobre sua cabeça, as flutuações comoventes do mar de horizontes infinitos, foram criados e continuem a existir unicamente para sua comodidade e serviço? Será possível imaginar algo mais ridículo do que essa miserável criatura, que nem sequer é dona de si mesma, que está exposta a todos os desastres e se proclama senhora do universo? Se não lhe pode conhecer ao menos uma pequena parcela, como há de dirigir o todo? Quem lhe outorgou o privilégio que se arroga de ser o único capaz, nesse vasto edifício, de lhe apreciar a beleza? E de poder sozinho render graças ao arquiteto, e de lhe computar os recursos e os valorizar? Que nos dê as provas de tão grande e admirável faculdade, nem mesmo aos mais sábios concedida! Bem poucos a possuem e seriam dignos dela os loucos e os perversos? Seriam os piores preferidos aos demais? E deveremos acreditar em quem disse:

Quorum igitur causa quis dixerit effectum esse mundum?

”Eorum scilicet animantium, quæ ratione utuntur.

Hi sunt dii et homines, quibus profectó nihil est melius”

”Para quem diremos que o mundo foi criado? Sem dúvida para os seres animados dotados de razão, isto é, os deuses; e os homens que são as criaturas mais perfeitas” [Cícero]

Não, nunca estigmatizaríamos suficientemente a impertinência de semelhante emparelhamento. Que terá, então, em si, o pobrezinho, para se tornar digno de uma tal distinção?

Consideremos a vida incorruptível dos corpos celestes, sua beleza e grandeza, seu movimento contínuo e regulado com tamanha exatidão:

”Cum suspicimus magni coelestia mundi

Templa super, stellisque micantibus Æthera fixum,

Et venit in mentem Lunæ Solisque viarum”

”Quando contemplamos, no espaço celeste do vasto mundo, o éter imóvel com suas cintilantes estrelas, e meditamos nas sendas do sol e da lua” [Lucrécio]

; consideremos o domínio e o poder que esses corpos exercem não somente sobre nossas existências e nosso destino,

”Facta etenim et vitas hominum suspendit ab astris”

”Pois todos os atos e a vida dos homens dependem da influência dos astros” [Manílio]

, mas também sobre nossas tendências, nossos raciocínios, nossas vontades, que governam e perturbam segundo o sentido dessa influência como no-lo demonstra a razão:

”Speculatáque longè

Deprendit tacitis dominantia legibus astra,

Et totum alterna mundum ratione moveri,

Fatorúmque vices certis discernere signis”

”Percebendo o secreto império que tão longínquos astros têm sobre os homens, as leis fixas que regulam os movimentos periódicos do universo e os sinais que determinam o curso dos acontecimentos” [Manílio]

Se não somente o homem isolado, mas também os reinos e os impérios, tudo neste mundo sofre a influência dos mais insignificantes movimentos celestes

”Quantáque quàm parvi faciant discrimina motus:

Tantum est hoc regnum quod regibus imperat ipsis:”

”As maiores revoluções são provocadas por esses movimentos insensíveis, tão grandes são as leis que comandam os próprios reis” [Manílio]

; se nossa virtude, nossos vícios, nossas faculdades, nosso saber, essa intuição que temos da influência dos astros, essa compreensão das relações existentes entre nós e eles, se tudo nos vem deles e resulta de sua ação, como somos induzidos a crer:

”Furit alter amore,

Et pontum tranare potest et vertere Trojam,

Alterius sors est scribendis legibus apta,

Ecce patrem nati perimunt, natosque parentes,

Mutuáque armati coeunt in vulnera fratres,

Non nostrum hoc bellum est, coguntur tanta movere,

Inque suas ferri poenas, lacerandáque membra,

Hoc quoque fatale est sic ipsum expendere fatum”

”Um, louco de amor, atravessa o mar e vai destruir Tróia; outro tem por destino escrever leis; aqui os filhos matam os pais, além os pais matam os filhos, ou os irmãos lutam contra os irmãos e se trucidam. Não cabe acusar os homens; o destino, mais forte do que eles, os arrasta, os obriga a se castigarem e se espartejarem mutuamente. Tudo precisa acontecer como o quer o destino” [Manílio]

; se é afinal ao céu que devemos a parcela de razão que possuímos, como pode essa parte equiparar-se ao todo? Como poderemos submeter ao nosso saber seu princípio e as condições em que este existe?

Tudo o que vemos desses astros é mistério e maravilha:

***”Quæ molitio, quæ ferramenta, qui vectes,
Quæ machinæ, qui ministri tantæ operis fuerunt?”***

”Que instrumentos, que alavancas, que máquinas, que operários ergueram tão vasto edifício?” [Cícero]

Por que os julgaremos privados de alma, vida, razão? Deram-nos porventura provas de estupidez e insensibilidade, a nós que não temos outras relações senão de dependência? Diremos que nunca constatamos em nenhuma criatura outra que o homem o testemunho de uma alma dotada de razão? E que provaria isso? Nada vemos que se assemelhe ao sol, mas do fato de nada termos visto de semelhante concluiremos que não existe, como não existiriam seus movimentos de rotação porque não conhecemos coisa equivalente? Se tudo o que não vemos não existisse, nossa ciência se acharia muito empobrecida:

”Quæ sunt tantæ animi angustia?”

”Tão estreitos são os limites de nosso espírito?” [Cícero]

Não é um sonho da vaidade humana fazer da lua uma terra celeste; pensar, como Anaxágoras, que nela haja montanhas e vales, imaginar como Platão e Plutarco que aí se encontram residências para colônias de seres humanos; e ainda que nossa terra é um astro luminoso?

***”Inter cætera mortalitatis incommoda, et hoc est, caligo mentium:
nec tantum necessitas errandi, sed errorum amor.***

”Entre outras doenças da natureza mortal há que apontar a cegueira da alma que não somente induz o homem ao erro mas ainda a amar o seu erro” [Sêneca]

***Corruptibile corpus aggravat animam, et deprimit terrena
Inhabitatio sensum multa cogitantem”***

”O corpo corruptível entorpece a alma e essa morada terrena a deprime no próprio exercício do pensamento” [Santo Agostinho].

A presunção é doença natural e inata em nós. De todas as criaturas, a mais frágil e miserável é o homem, mas ao mesmo tempo, como diz Plínio, a mais orgulhosa. Ele se sente e se vê colocado na lama e no esterco do mundo, amarrado, pregado à pior parte do universo, à mais morta, à mais afastada dos céus, junto com os animais da mais baixa categoria das três existentes, e ei-lo que pela imaginação se alça acima da órbita da lua e supõe o céu a seus pés!

Pela vaidade mesma dessa imaginação, iguala-se a Deus, atribuindo-se a si próprio qualidades divinas que ele mesmo escolhe. Separa-se das outras criaturas; distribui as faculdades físicas e intelectuais que bem entende aos animais, seus companheiros. Como pode conhecer com sua inteligência os móveis interiores e secretos deles? Em virtude de que comparações entre eles e nós chega à conclusão de que são estúpidos? Quando brinco com minha gata, sei lá se ela não se diverte mais do que eu. Distraímos-nos com macaquices recíprocas, e se tenho o meu momento de iniciar ou terminar o folguedo, ela também o tem.

Platão em sua idade de ouro, sob Saturno, inclui entre os principais privilégios do homem de então o de se comunicar com os animais. Assim, questionando-os e os estudando, conhecia exatamente as faculdades de cada um bem como as diferenças, o que tornava mais agudo seu raciocínio, mais perfeita sua prudência e mais eficiente sua conduta na vida. Haverá melhor prova da insensatez do homem em querer julgar os animais? Esse grande filósofo crê que, quanto à forma corporal de que os dotou a natureza, esta só atendeu aos prognósticos possíveis naquela época.

Essa falha que impede nossa comunicação recíproca tanto pode ser atribuída a nós como a eles, que consideramos inferiores. Está ainda por se estabelecer a quem cabe a culpa de não nos entendermos, pois se não penetramos o pensamento dos animais, eles tampouco penetram os nossos e podem assim nos achar tão irracionais quanto nós os achamos. E nada há de extraordinário em que não os entendamos, pois o mesmo ocorre em relação aos bascos e aos trogloditas. Alguns entretanto pretenderam entendê-los: Apolônio de Tiana, Melampo, Tirésias, Tales, etc. E se nos dizem, os que se ocupam com a descrição do mundo, que há povos que têm um cão por monarca, é de se admitir que seus súditos entendam algo de seus latidos e atitudes.

Observemos ademais algumas semelhanças existentes entre o homem e os animais. Conhecemos alguma coisa de seus sentimentos, pouco mais ou menos o que conhecem dos nossos, pois nos fazem festa, nos ameaçam ou nos pedem o que querem, quase da mesma maneira por que nos conduzimos com eles. De resto, entendem-se entre si perfeitamente e não só entre os da mesma espécie, mas também entre os de espécie diferente.

***”Et mutæ pecudes, Et denique secla ferarum
Dissimiles suerunt voces variâsque cluere
Cum metus aut dolor est, aut cum jam gaudia gliscunt”***

”Os animais domésticos, como os bichos ferozes, emitem sons diferentes segundo o medo, a dor ou o prazer que sentem” [Lucrécio]

Pelo latido do cão, sabe o cavalo de sua cólera; não o receia quando outra é a modulação da voz.

Quanto aos animais que não têm voz, podemos verificar facilmente, pela comunicação e inteligência que entre eles se observam, que possuem outros meios de se compreender, valendo-se de movimentos com significações específicas.

***”Non alia longè ratione atque ipsa videtur
Protrahere ad gestum pueros infantia linguæ”***

”Pelo mesmo motivo vemos as crianças suprirem por gestos a palavra que lhes falta” [Lucrécio]

E por que não acreditar nisso? Não é assim que os mudos discutem, conversam, contam histórias? Eu conheci alguns, tão hábeis e afeitos aos gestos que de nada careciam para se exteriorizar. Os amorosos brigam, reconciliam-se, imploram, agradecem,

marcam encontros unicamente com olhares:

***”E’l silenzio ancor suole
Haver prieghi e parole”***

”O próprio silêncio tem sua linguagem” [Tasso]

E não nos exprimimos com as mãos? Pedimos, prometemos, chamamos. despedimo-nos, ameaçamos, suplicamos, rezamos, negamos, interrogamos, admiramos, recusamos, contamos, confessamos, manifestamos nosso arrependimento, nossos temores, nossa vergonha, nossas dúvidas; informamo-nos, comandamos, incitamos, encorajamos, blasfemamos, testemunhamos, exprimimos nosso desprezo, nosso despeito; caçoamos, adulamos, desafiamos, injuriamos, aplaudimos, benzemos, humilhamos, reconciliamo-nos, exaltamo-nos, regozijamo-nos, queixamo-nos, entristecemos-nos; demonstramos nosso desânimo, nosso desespero, nosso espanto; exclamamos e calamos, e que mais não externamos, unicamente com as mãos, cuja variedade de movimentos nada fica a dever às inflexões da voz? Com a cabeça convidamos, aprovamos, reprovamos, desmentimos, saudamos, honramos, veneramos, desprezamos, solicitamos, lamentamos, acariciamos, censuramos, concordamos, desafiamos, exortamos, ameaçamos, asseguramos, inquirimos. E com as sobranceiras? E com os ombros? Não há gesto ou movimento em nós que não fale de uma maneira inteligível que não é ensinada e todos entendem. Tudo isso faz que, em se atentando para a variedade das línguas e o trabalho que exigem para que as aprendamos, possamos considerar essa comunicação por meio de sinais a linguagem natural do homem. Deixo de lado o que a necessidade ensina em certos casos, bem como o alfabeto dos dedos, a gramática inculcada por gestos, as artes assim executadas, os povos que, segundo Plínio, não falam senão por esse meio.

Um embaixador da cidade de Abdera, depois de ter falado longamente com Ágis, rei de Esparta, perguntou-lhe que resposta devia dar a seus concidadãos. “Dize que te deixei falar quanto quiseste, e tudo o que quiseste, sem pronunciar uma palavra”. Eis um silêncio que fala de modo muito claro.

Que faculdade teremos ainda que não encontremos nos animais? Haverá organização social mais perfeita que a das abelhas? A divisão do trabalho e dos encargos é tão bem regulada entre elas, que a não podemos imaginar sem supormos esses insetos dotados de inteligência:

***”His quidam signis atque hæc exempla sequuti,
Esse apibus partem divinæ mentis, et haustus
Æthereos dixere”***

**”Por esses sinais, e exemplos, julgaram alguns sábios que as abelhas
possuíam uma parcela de espírito divino e tinham uma alma” [Virgílio]**

As andorinhas que, na primavera, vemos esquadriharem os recantos todos de uma casa, escolherão por acaso sem discernimento e ponderação o mais cômodo dentre mil lugares? Quando constroem seus ninhos, tão admiráveis pela textura, podem os pássaros adotar a forma quadrada ou redonda, o ângulo obtuso ou reto, sem conhecimento das condições e efeitos de cada uma dessas formas? Ao misturarem a água com a argila, ignorarão que aquela amolece esta? Atapetando seus palácios de musgo ou de plumas, não estarão prevendo a conveniência da moleza, para os membros delicados dos filhotes? Será que se resguardam do vento e da chuva e instalam seus ninhos voltados para o oriente sem conhecerem as condições climáticas e atentarem para as mais favoráveis? Por que faz a aranha sua teia mais espessa em certos lugares e por que a tece diferentemente, ora de um jeito ora de outro, se antes não pensou, e decidiu?

Constatamos que na maior parte de seus trabalhos e obras os animais nos são superiores e que nossa arte não consegue imitar-lhes com grande êxito as realizações, e no entanto no que fazemos, inferior ao que fazem os bichos, pomos toda a nossa alma e apelamos para todas as nossas faculdades. Por que não acreditarmos que agem de igual maneira? Que motivo nos leva a atribuir a não sei que instinto natural e servil tais obras que somos incapazes de levar a cabo, nem por instinto nem com a ajuda da razão? Com isso, sem pensar, outorgamo-lhes grandes vantagens, pois admitimos que a natureza, em virtude de uma afeição especial, os acompanha e guia nos atos e situações da existência, enquanto nos abandona ao acaso e à sorte, obrigando-nos a recorrer à arte para obtermos as coisas necessárias à nossa conservação e recusando-nos sempre os meios de alcançarmos, nem mesmo mediante a mais violenta concentração de espírito, a habilidade natural dos animais. Assim a estupidez deles seria mais admirável do que a nossa divina inteligência! Teríamos portanto motivo de sobra para considerar a natureza uma injusta madrasta. Entretanto erraríamos, porquanto nossa maneira de ser não é tão desordenada nem absurda.

A natureza cuida igualmente de todas as suas criaturas. Não há nenhuma que ela não tenha abundantemente provido de meios necessários à sua conservação. E as recriminações que ouço (pois a licença de nossas opiniões ora nos eleva acima das nuvens ora nos rebaixa aos antípodas) carecem de fundamento. Dizem essas queixas que o homem é o único animal abandonado nu sobre a terra nua. Chega amarrado, arrojado, e para se armar e se defender precisa recorrer aos despojos de outrem. A natureza revestiu todas as criaturas de carapaças, casca, pelos, lã, espinhos, couro, escamas, seda, segundo suas necessidades; armou-as de garras, dentes e chifres para o ataque e a defesa, ensinando-lhes ainda nadar, correr, voar, cantar, ao passo que o homem não pode, sem aprendizado, andar, falar, comer. Apenas sabe chorar.

***”Tum porro, puer ut sævis projectus ab undis
Navita, nudus humi jacet infans, indigus omni
Vitali auxilio, cum primum in luminis oras
Nexibus ex alvo matris natura profudit,
Vagitúque locum lugubri complet, ut æquum est
Cui tantum in vita restet transire malorum:
At variæ crescunt pecudes, armenta, feræque,
Nec crepitacula eis opus est, nec cuiquam adhibenda est***

***Almæ nutricis blanda atque infracta loquela:
Nec varias quæerunt vestes pro tempore cæli:
Denique non armis opus est, non moenibus altis
Queis sua tutentur, quando omnibus omnia largè
Tellus ipsa parit, naturáque dædala rerum”***

”Como o marinho lançado à praia pelas ondas furiosas, jaz a criança na terra, nua, sem palavra, privada de quaisquer socorros para a vida, desde o momento em que a natureza a arranca do ventre materno a fim de a expor à luz. Enche então o ar de gemidos, e com razão, tantos são os males que aqui a esperam. Ao contrário, os animais domésticos e os bichos ferozes crescem sem cuidados; não precisam nem de chocalho nem de carícias, nem da linguagem infantil de uma ama; a diferença de temperatura não os obriga a trocar de roupas; não necessitam enfim de armas, nem de torreões para sua segurança, porquanto a natureza amplamente os provê de tudo” [Lucrécio]

Tais queixas não são justas. Há na organização do mundo maior equidade e uniformidade.

Nossa pele, como a dos animais, pode opor resistência suficiente às injúrias do tempo. Provam-no numerosos povos que não usam roupas. E nossos antepassados gauleses pouco se cobriam, tal qual os habitantes da Irlanda [Escócia, mais provavelmente], cujo clima é tão frio. Julgamo-lo melhor ainda por nós mesmos, pois todas as partes do corpo que nos comprazemos em expor ao sol e ao vento, como o rosto, os pés, as mãos, os ombros, a cabeça, suportam-no muito bem. E se há uma parte em nós que parece dever recear o frio é o estômago, no qual se efetua a digestão. Nossos pais expunham-no ao ar e as senhoras de hoje, tão frágeis, tão delicadas, usam por vezes vestidos abertos até o umbigo. O enfaixamento das crianças, as precauções que tomamos para sustentar-lhes o corpo, não são tampouco indispensáveis: as mães lacedemônias criavam seus filhos, deixando-lhes inteira liberdade de movimentos, não lhes arrocando os membros.

Se choramos, também choram os animais. Há bem poucos que não fiquem a gemer e lamentar-se durante muito tempo ainda após o nascimento, o que é inerente ao seu estado de fraqueza. Quanto a alimentar-se, é coisa natural neles como em nós; não há como ensiná-la, pois

”Sentit enim vim quisque suam quam possit abuti”

”Todo animal sabe de suas forças e necessidades” [Lucrécio]

Atingida a idade em que o peito já não lhe basta, a criança pede comida. E a terra produz espontaneamente, e oferece ao homem, em quantidade suficiente, o que necessita para sua alimentação, sem que seja preciso cultivo ou preparação. Nem sempre, é certo; mas os animais como nós – comprovam-no as formigas – sabem fazer provisões para as estações estereis do ano.

Esses povos que acabamos de descobrir [Montaigne refere-se aos índios do Brasil], tão copiosamente providos de carnes e bebidas naturais, sem que as cultivem ou fabriquem, mostram-nos que o pão não é nosso único alimento e que, sem cultivo, nos fornece a natureza tudo o que nos é indispensável, provavelmente com maior abundância e variedade do que depois que intervimos na produção:

***”Et tellus nitidas fruges vinetaque læta
Sponte sua primum mortalibus ipsa creavit,
Ipsa dedit dulces foetus, et pabula læta,
Quæ nunc vix nostro grandescunt aucta labore,
Conterimúsque boves et vires agricularum”***

”No princípio criou a terra, por si própria, as mais ricas messes e os mais risonhos vinhedos; ela mesma formou seus mais doces frutos e alegres pastagens, o que agora só obtemos com suor, exaurindo os bois e os lavradores” [Lucrécio]

Mas as exigências desregradas dos nossos apetites crescem mais do que a nossa possibilidade de satisfazê-los.

Quanto às armas, a natureza nos deu maior número do que aos animais. Nossos membros são capazes de mais movimentos e deles tiramos melhor partido, sem mesmo nos termos exercitado antes. E os homens que se habituaram a combater nus enfrentam os mesmos perigos que nós; e se alguns animais levam vantagem sobre nós, em relação a muitos outros a vantagem é nossa. E a precaução de aumentar nossa força e de nos proteger por meios artificiais é em nós instintiva.

O elefante afia os dentes que emprega na luta (tem-nos especialmente para tal fim); o touro envolve-se em uma nuvem de pó que levanta raspando o solo com os cascos; o javali aponta suas defesas; quando o mangusto resolve atacar o crocodilo, cobre o corpo com uma camada de lama bem compacta e amassada, que forma uma espécie de couraça. Será menos natural o fato de fabricarmos armas de madeira e ferro?

Quanto à linguagem, pode-se dizer que se não é natural tampouco é imprescindível. Penso que uma criança entregue a si mesma e criada em pleno isolamento, sem relações com outros seres humanos (experiência difícil de se realizar) inventaria uma espécie de palavra para se exprimir. Não é admissível que a natureza nos tenha negado esse instrumento que deu a muitos outros animais, pois que outra coisa será, senão uma linguagem, isso que lhes permite queixar-se ou manifestar sua alegria, chamar por socorro, ou para o amor, o que fazem por meio da voz? Por que não falariam conosco? E não falamos com eles? Quantas coisas dizemos nós aos cães, que eles compreendem e a que respondem! A linguagem que com eles empregamos não é a mesma que nos serve para falar aos pássaros, aos porcos, aos bois, aos cavalos. Mudamos de idioma segundo o animal a que nos dirigimos.

***”Cosi per entro loro schiera bruna
S’ammusa l’una con l’altra formica,
Forse à spiar lor via, et lor fortuna”***

"Assim no meio de negro batalhão uma formiga chega-se a outra,
talvez para saber de seu caminho ou de seus tesouros" [Dante]

Parece-me até que Lactânncio atribui aos animais não somente a faculdade de falar mas também de rir, e a diferença de línguas que se observa entre os homens, segundo sua terra de origem, igualmente se constata entre os animais de uma mesma espécie. Aristóteles cita como exemplo o canto da perdiz que varia segundo esteja em região plana ou montanhosa.

***"Variæque volucres
Longè alias alio jaciunt in tempore voces,
Et partim mutant cum tempestatibus unà
Raucisonos cantus"***

"E as aves mudam de voz em diversas épocas e algumas
há que, ao mudar a estação, mudam de gorjeio" [Lucrécio]

Resta saber que linguagem falaria a criança, mas nenhuma conjectura apresenta possibilidades de verossimilhança. Se me alegarem que os surdos de nascimento não falam, responderei que a única razão não está em que não lhes ensinaram com sons, mas sim porque existe uma correlação natural entre o ouvido e a voz, de sorte que o que dizemos, dizemos principalmente a nós mesmos, fazendo-o soar aos ouvidos antes de transmiti-lo aos estranhos.

Disse tudo isso para estabelecer a semelhança que há entre os seres da criação e recolocar-nos entre as demais criaturas. Não estamos acima nem abaixo delas. Tudo o que existe sob os céus está sujeito à mesma lei e às mesmas condições:

"Indupedita suis fatalibus omnia vincis"

"Tudo se prende ao destino" [Lucrécio]

Há diferenças, ordens e graus diversos, mas de um modo geral os caracteres essenciais são os mesmos:

***"Res quæque suo ritu procedit, et omnes
Foedere naturæ certo discrimina servant"***

"Cada coisa tem sua organização própria, e todas conservam
as diferenças estabelecidas pela natureza" [Lucrécio]

É preciso limitar o homem e colocá-lo entre as barreiras dessa ordem universal. Na realidade não poderia o infeliz assaltar, preso que está pelos entraves que o retêm e o amarram a todas as outras obrigações das criaturas de sua espécie, e isso sem nenhuma prerrogativa essencial. A que se atribui, ou por crença real ou por fantasia, não existe e nem sequer tem a aparência da realidade. E ainda que a tivesse, que sozinho entre os outros animais tivesse a liberdade de imaginação, ou a desordem de pensamento, que lhe permitem representar-se a um tempo o que é e o que não é, seria uma vantagem muito cara de que não deveria envaidecer-se, pois é a fonte principal dos males que o acabrunham: o pecado, a doença, a indecisão, a inquietação, o desespero.

Eis por que eu não digo que não haja razão para pensar que os animais fazem instintivamente e determinadamente o que nós mesmos fazemos por vontade e invenção próprias. Os mesmos resultados decorrem de idênticas faculdades, e quanto mais ricos os resultados mais ricas as faculdades, o que nos leva a concluir que raciocínios e meios idênticos aos que acompanham nossos atos acompanham os atos dos animais, os quais têm, ocasionalmente, faculdades superiores às nossas.

Por que imaginar que neles a ação é maquinal e em nós mesmos não? Além do que, é muito mais fácil ser obrigado a agir acertadamente, por natural e inevitável constituição, o que nos aproxima ainda mais de Deus, do que agir acertadamente por livre e espontânea vontade, exposto a erros e temeridades. Nestas condições, o melhor seria abandonarmos à natureza o cuidado de orientar nossa maneira de fazer. Mas somos tão presunçosos que preferimos dever o que somos capazes de fazer a nossas forças a dever à liberalidade divina nosso valor e nossas possibilidades. E enriquecemos os animais com bens naturais a que renunciamos, achando mais honrosos e nobres os que nos cumpre adquirir; e isso, a meu ver, por simplicidade de espírito, pois apreciaria muito mais prendas inatas e pessoais do que as que precisasse mendigar e exigissem aprendizado. Não está ao nosso alcance obter melhor recomendação que a de ser favorecido por Deus e pela natureza.

Os habitantes da Trácia, quando têm que atravessar um rio gelado, servem-se de uma raposa que caminha à sua frente. Vê-se o animal aproximar o ouvido do gelo, até tocá-lo para verificar se a água corre perto ou longe. E verificada a espessura do gelo, avança ou recua. Não somos levados a pensar que em seu cérebro se observa um processo racional semelhante ao que se processaria no nosso? "O que faz barulho, mexe; o que mexe não é gelo; o que não é gelo é líquido; e o que é líquido afunda sob o peso de um fardo". Atribuir o ato da raposa à acuidade de seu ouvido, sem reflexão de sua parte, é uma quimera que nosso espírito não pode aceitar. Igual opinião devem merecer todas as invenções e astúcias a que recorrem os bichos para se verem livres de nossa perseguição.

Se, em prol de nossa superioridade, quisermos argumentar com o fato de os aprisionarmos, empregá-los à vontade a nosso serviço, direi que o mesmo podemos fazer com outros homens. Assim é que temos escravos e as 'climácides' eram, na Síria, mulheres que se punham de quatro para servirem de estribo às senhoras a fim de que estas subissem em seus carros. E em sua maioria as pessoas livres entregam sua vida e seu ser a outrem em troca de insignificantes vantagens. Na Trácia, as esposas e as concubinas disputavam entre si a honra de serem imoladas sobre o túmulo do senhor. Aos tiranos nunca faltaram homens que lhes fossem inteiramente devotados, e os arrastaram à morte quando quiseram. E exércitos inteiros não se acham presos por idêntico dever a seus chefes? A fórmula de juramento na rude escola dos gladiadores comportava as seguintes promessas: "juro deixar-me acorrentar, queimar, bater, morrer pela adaga e suportar todos os sofrimentos que os gladiadores leais concordam em sofrer por seu senhor". E religiosamente lhes consagravam o corpo e a alma:

***"Ure meum si vis flamma caput, et pete ferro
Corpus, et intorto verbere terga seca"***

"Queima minha cabeça se quiseres, traspassa-me o corpo com o ferro, e corta-me as costas com o látigo" [Tíbulo]

Constituía o juramento uma obrigação sagrada, contraída certos anos por mais de dez mil indivíduos, os quais, todos, morriam. Os citas, à morte de seu rei, estrangulavam sobre o corpo do defunto sua concubina predileta, seu copeiro, seu escudeiro, seu camareiro, seu porteiro e seu cozinheiro. No aniversário da morte matavam cinquenta cavalos montados por cinquenta pajens empalados do ânus à garganta, e assim os dispunham em volta do túmulo para maior glória do morto.

Os homens que nos servem, fazem-no mais barato e em condições menos agradáveis e menos vantajosas que as de nossos pássaros, cavalos e cães. Quantos sacrifícios não aceitamos em prol do bem-estar desses animais? E nem os mais abjetos servidores fariam de bom grado por seus senhores o que os príncipes se vangloriam de fazer por seus bichos.

Diógenes, vendo seus parentes em dificuldades para resgatá-lo, dizia: "É loucura desesperar-se; quem cuida de mim e me sustenta é meu criado". Os que sustentam bichos deveriam dizer também que são seus servidores e não que se servem deles. Os animais são ainda mais generosos do que nós, pois nunca se viu um leão escravo de outro leão, nem um cavalo de outro cavalo.

Assim como vamos à caça dos animais, os tigres e leões vão à caça do homem. Esse exercício praticam-no também reciprocamente: os cães correm as lebres, a solha caça a tenca, as andorinhas perseguem as cigarras, os gaviões procuram melros e cotovias.

***"Serpente ciconia pullos
Nutrit, et inventa per devia rura lacerta,
Et leporem aut capream famulae Jovis, et generosae
In saltu venantur aves"***

"A cegonha alimenta seus filhotes com serpentes e lagartixas caçadas nos campos incultos; a águia, servidora de Júpiter, caça nas florestas as lebres e os cabritos" [Juvenal]

Repartimos o produto da caça com nossos cães e as aves que nos auxiliam [os falcões]. Na Trácia, além de Anfípolis, caçadores e falcões selvagens repartem pela metade os despojos. Às margens dos pantanais Meótides os lobos, se não lhes deixam os pescadores sua parte, destroem-lhes as redes. Há caçadas em que empregamos mais a habilidade do que a força, a caçada com laços e a pesca com vara, por exemplo; assim as têm igualmente os animais.

Aristóteles diz que a siba projeta do pescoço uma membrana semelhante a um caniço de pesca, que estica e encolhe à vontade, quando percebe aproximar-se algum peixinho. Deixa-o morder, escondida no lodo, e aos poucos puxa a membrana até trazer a presa ao seu alcance.

Quanto à força, não há animal no mundo mais exposto a riscos do que o homem. Sem falar da baleia, do elefante, do crocodilo, e outros animais que sozinhos podem dar cabo de muitos homens, os simples piolhos bastam para destruir a ditadura de Sila, um animalzinho qualquer, um verme, pode comer ao almoço o coração e a vida de um imperador no apogeu de sua glória.

Dizemos que graças à ciência e à razão, o homem obtém os conhecimentos necessários para distinguir as coisas úteis à sua alimentação, e ao tratamento de suas enfermidades, das que lhe são nocivas. Assim pode saber quais as virtudes do ruibarbo e do polipódio. Mas quando vemos que as cabras de Cândia, ao se ferirem, escolherem entre mil ervas o ditamno para sua cura; a tartaruga que comeu víbora, procurar o orégão para se purgar; o dragão limpar os olhos com funcho; a cegonha ministrar-se clisteres de água do mar; os elefantes retirarem do seu próprio e dos corpos de seus companheiros, e até dos de seus donos (como temos o exemplo no Rei Porus vencido por Alexandre) os dardos e flechas, com uma destreza sem igual; como não atribuir tais fatos igualmente à ciência e à sabedoria dos animais? Alegar, para amesquinhá-los, que obedecem simplesmente à natureza, sua orientadora, realmente não significa que careçam de saber e discernimento, significa, isso sim, que possuem essas qualidades em mais alto grau do que nós, graças a tão admirável professora.

Crisipo, que desdenhava a inteligência dos animais, como desdenhava de tudo e mais do que qualquer outro filósofo, quando reflete acerca dos movimentos do cão à procura do dono ou de uma caça, deparando com uma encruzilhada de três caminhos, farejando um sem resultado, e o outro também sem êxito e afinal escolhendo resolutamente o terceiro, convém em que o animal fez o raciocínio seguinte: "segui as pegadas de meu dono até esta encruzilhada; necessariamente tomou um desses caminhos; ora, não foi este nem aquele, logo, forçosamente, foi o outro". E apoiado nessa dedução não hesita em seguir o terceiro caminho sem mais pesquisa, sem mesmo o verificar antes pelo faro, obedecendo apenas à força de sua razão. Esse esforço dialético, esse emprego de proposições examinadas separadamente e em conjunto, valerá menos por fazê-lo o cão instintivamente do que se o fizera em consequência de lições de Jorge de Trebizonda [lógico grego do século XV]?

Não podemos tampouco afirmar que os animais são incapazes de se instruírem como nós homens. Ensinamos a falar aos melros, às pegas, aos papagaios. E com tanta facilidade se ajeita a sua voz aos sons que lhes ensinamos, às sílabas que lhes comunicamos, que é evidente a existência neles de um processo de raciocínio.

Todos viram sem dúvida, e estão fartos de ver, as inúmeras macaquices que os pelotiqueiros ensinam a seus cachorros, danças em obediência ao ritmo da música, saltos e movimentos de acordo com as ordens recebidas. E o que fazem os cães que servem de guia aos cegos, nos campos como nas cidades? Vede como se detêm diante de determinadas casas, como evitam os veículos ao passarem por certos lugares onde, aparentemente, teriam tempo para atravessar. Vi um cão que, ao longo de um fosso, abandonou o caminho cômodo para tomar por uma trilha difícil a fim de afastar o seu dono do perigo a que se arriscava. Como se ensinou a esse animal que lhe cumpria preocupar-se exclusivamente com a segurança do dono, sem levar em conta a própria comodidade? Como podia saber que o caminho, bastante largo para ele, não o era para o cego? Explicar-se-á isso sem a interferência do raciocínio?

Não é de se esquecer o que nos conta Plutarco de um cão que viu em Roma, no Teatro Marcelo, onde se encontrava o Imperador Vespasiano. O cachorro pertencia a um pelotiqueiro e desempenhava o papel em certa peça teatral. Entre outras

coisas, cabia-lhe fingir de morto, durante algum tempo, por ter engolido determinada droga. Depois de comer o pão com que simulava o veneno, punha-se a tremer, a vacilar, como se tomado de tonturas, e afinal deitava-se no chão, esticado, morto, deixando-se arrastar de um lado para outro de acordo com as exigências do enredo. Em seguida, quando calculava que era chegado o momento, principiava a mexer-se devagar, como se despertasse de um longo sono, erguia a cabeça e olhava para todos os lados de um modo que pasmava os espectadores.

Os bois, empregados na irrigação dos jardins reais de Susa, faziam girar grandes rodas com baldes ou tinas, como se vêem no Languedoc. Esses bois deviam dar cem voltas cada um e conheciam tão bem esse número que ao ser atingido, era impossível, por quaisquer meios que fosse, obter mais deles. Cumprida a tarefa, paravam imediatamente. Ora, nós alcançamos a adolescência sem saber contar até cem e certos povos recém-descobertos não têm idéia dos números.

Ensinar os outros exige maior raciocínio do que aprender. Mas deixemos de lado o que Demócrito afirma e prova, a saber, que a maior parte das artes nós as aprendemos com os animais: a tecer e a coser com a aranha, a edificar com a andorinha, a fazer música com o rouxinol e o cisne, e a curar com certos bichos. Aristóteles acha que os rouxinóis ensinam os filhos a cantar e a tanto dedicam tempo e desvelos, daí o fato de perderem muito de seu encanto os que criamos em gaiolas e não aprendem com os pais. Podemos, portanto, deduzir que esses passarinhos melhoram seu canto pelo estudo e a disciplina, e mesmo entre os que estão em liberdade não há dois cujo canto seja idêntico. Cada qual aproveitou a lição segundo sua capacidade. Mostram-se ciosos de seu talento e competem por vezes com tal ardor que chegam alguns a morrer por falta de fôlego, não se resignando a parar nem a se considerar vencidos. Os mais jovens ruminam pensativos e tentam imitar as árias que ouvem; o aluno escuta com muita atenção seu mestre; ora um ora outro pára de cantar e percebe-se que o preceptor lhe corrige os erros e, mesmo, que o repreende.

Árrio conta ter visto um grupo de elefantes entre os quais um tocava címbalos. Trazia-os amarrados às coxas e à tromba. Ao som da música dançavam os outros, obedecendo à medida; o conjunto agradava pela harmonia. Em Roma, nos espetáculos de circo, viam-se elefantes ensinados a se movimentar e dançar com figuras complicadas e ritmos diversos. Outros havia que se exercitavam sozinhos, recordando os passos para não serem castigados por seus donos.

A história da pega que Plutarco assegura ser verdadeira é muito curiosa. Era seu dono um barbeiro de Roma, e o pássaro fazia maravilhas, imitando quantos sons ouvia. Aconteceu em certa ocasião que se detiveram diante da casa uns trombeteiros, tocando durante longo tempo. Depois de os ter ouvido, passou a pega o dia seguinte inteiro tristonha, pensativa e muda. Todo mundo se espantou e pensou que o som das trombetas a aturdira e que com o ruído se lhe extinguiu o canto. Mas, afinal, descobriram que na realidade a pega estava afundada em profunda meditação, recolhida em si mesma, exercitando seu espírito e preparando a voz para imitar a música dos tais instrumentos. E a primeira vez que voltou a cantar após esse silêncio, foi para arremedar perfeitamente o toque das trombetas com todos os seus matizes; e desde então desprezou totalmente o que antes aprendera.

Não quero tampouco esquecer o caso de um cão que Plutarco diz ter visto (não procedo com muita ordem na apresentação de meus exemplos, mas é preciso considerar que assim ocorre com o próprio livro). Achava-se Plutarco em um navio e viu um cão que se esforçava vigorosamente por beber o azeite de uma vasilha. Não o podendo alcançar com a língua por ser o orifício do gargalo muito estreito, pôs-se a catar pedras e a jogá-las na vasilha até que o azeite subiu a uma altura acessível. Haverá raciocínio mais sutil? Dizem que os corvos da Berberia assim agem também quando o nível da água que querem beber está muito baixo.

Esses casos se assemelham ao que Juba, um dos reis dessas regiões, conta dos elefantes. Para pegá-los, cavam-se fossos profundos que se cobrem de galhos e capim. Quando um deles cai na armadilha, acorrem os outros com pedras e troncos a fim de encher o fosso e facilitar a saída. Mas os atos desses animais parecem-se tanto com os dos homens, que se relatasse tudo o que sei facilmente provaria a minha tese, a de que há maior diferença entre um homem e outro do que entre um dado animal e o homem.

O guarda de um elefante pertencente a um senhor sírio, sonegava-lhe a cada refeição a metade da ração. Quis um dia o dono tratar pessoalmente do animal. Encheu a manjedoura com a quantidade exata de cevada que cabia ao elefante. Este, olhando com raiva para o guarda, dividiu em duas partes a cevada e deixando uma de lado revelou o prejuízo de que era vítima. Outro elefante tinha um guarda que punha pedras em sua comida, para aumentar a medida; pois o animal aproximando-se da marmitta em que o homem fazia sua própria sopa encheu-a de cinzas.

São casos especiais, sem dúvida, mas o que todo mundo sabe, o que todos ouviram dizer, é que outrora, em todos os exércitos do Oriente, os elefantes constituíam um dos elementos mais importantes, e nas batalhas davam resultados melhores do que os que obtemos hoje com a artilharia, a qual ocupa mais ou menos o espaço antes ocupado pelos elefantes (como o sabem os que conhecem a história antiga):

***”Siquidem Tyrio servire solebant
Annibali, et nostris ducibus, regique Molosso
Horum majores, Et dorso ferre cohortes,
Partem aliquam belli, et euntem in praelia turmam”***

”Seus ancestrais tinham sido utilizados pelo cartaginês Aníbal, pelos generais romanos e pelo rei do Epiro; transportavam no lombo coortes e torres para a batalha” [Juvenal]

Era necessário que confiassem nesses animais e em seu raciocínio, para colocá-los à frente do exército, em lugar em que a menor parada, o mais insignificante incidente que os fizesse recuar, bastava para tudo deitar a perder por causa de seu tamanho e peso. E, efetivamente, poucos exemplos se viram de elefantes se lançarem contra as próprias tropas, ao passo que nos ocorre mais amiúde jogar-nos uns contra os outros e nos matarmos a nós mesmos. No entanto, cumpria-lhes executar não somente movimentos simples mas ainda evoluções complicadas. Análogos serviços prestaram os cães aos espanhóis na conquista das

Índias, e eles lhes pagavam soldo, além de lhes darem parte dos despojos do combate. Esses cães mostravam grande destreza e discernimento na perseguição do inimigo e na consecução da vitória, avançando e recuando segundo os casos, distinguindo amigos e adversários e lutando com valentia e tenacidade.

Admiramos e apreciamos mais as coisas estranhas e singulares do que as que vemos diariamente, sem o que não me teria dado o trabalho de tão longa enumeração, pois creio que, simplesmente em examinando de perto os animais que vivem junto de nós, já depararíamos com fatos tão notáveis quanto os que vamos buscar em outros países e outras épocas. Idêntica é a natureza e inalterável o seu curso; e quem haja penetrado suficientemente o presente poderá com segurança conhecer as leis do passado e do futuro.

Vi outrora homens vindos por mar de longínquos países [índios do Brasil]. Como não compreendíamos sua língua e seus costumes, suas atitudes e suas vestimentas não se assemelhavam aos nossos, consideramo-los selvagens e estúpidos. Atribuímos à sua estupidez o fato de não falarem francês e se calarem, de ignorarem o beija-mão, nossas reverências requintadas, nossas maneiras, tudo isso a que, sob pena de incorreção, desejaríamos se moldasse toda a humanidade. Condenamos tudo o que nos parece estranho e também o que não compreendemos. E por esse prisma julgamos os animais. Sob certos aspectos têm alguma semelhança conosco e podemos, então, por comparação, formular algumas hipóteses. Mas que sabemos do que lhes é peculiar? Os cavalos, os cães, os bois, as ovelhas, os pássaros e a maioria dos animais vivem a nosso lado, reconhecem nossa voz e atendem ao nosso chamado, o que também fazia a moréia de Crasso e o que fazem as enguias da fonte Aretusa. E isso não é difícil de comprovar, pois vi muitas vezes viveiros em que os peixes acorriam para comer quando os chamavam de certo modo:

***”Nomen habent, Et ad magistri
Vocem quisque sui venit citatus”***

”Cada qual tem seu nome e acorre ao chamado do dono” [Marcial]

Podemos dizer igualmente que os elefantes têm certo sentimento religioso. Vemo-los efetivamente, após suas abluções e purificações, erguerem a tromba para o céu, de olhos postos no sol nascente e assim permanecerem em contemplação durante algum tempo, a certas horas do dia, entregues à meditação, e isso sem terem sido instruídos nem forçados. Quanto aos outros animais, por não sabermos de coisa semelhante não devemos deduzir que não tenham religião, não nos sendo possível manifestar-nos pró ou contra o que ignoramos.

O fato seguinte, citado pelo filósofo Cleantes, apresenta alguma analogia com o que nós mesmos praticamos. Viu ele formigas carregarem para outro formigueiro o corpo de uma companheira morta. Deste segundo formigueiro saíram várias formigas que foram ao encontro das primeiras como a parlamentar. Depois de uns instantes juntas, voltaram as últimas, talvez para conferenciar com as companheiras de seu próprio formigueiro. Assim fizeram duas ou três vezes, provavelmente em conseqüência de dificuldades nas negociações. Finalmente trouxeram uma minhoca, dir-se-ia a fim de resgatar o corpo da morta. As primeiras carregaram então o verme, deixando o pequeno cadáver às outras. Cleantes vê nisso uma prova de que, embora certos animais não tenham voz, não são desprovidos de meios de comunicação. E considera uma inferioridade nossa não podermos participar dessas relações, e uma tolice arvorarmo-nos em juízes.

Os animais fazem ainda muitas coisas que ultrapassam de muito aquilo de que somos capazes, que não conseguimos imitar e que nossa imaginação não nos permite sequer conceber.

Vários historiadores relatam que na última e grande batalha naval que Augusto perdeu para Antônio, a galera almirante foi detida em sua marcha por esse pequeno peixe a que os romanos chamam rêmora, por causa da propriedade que lhe é peculiar de deter os navios aos quais se gruda. Esse mesmo peixe sustou repentinamente a marcha da galera de Calígula que vogava com uma grande frota pelas costas da Rumânia. O imperador mandou retirá-lo do casco e ficou muito despeitado por ver que tão pequeno animal, preso apenas pela boca ao navio (pois trata-se de um peixe de concha), pudesse enfrentar o mar, os ventos e o impulso dos remos. Espantou-se também de que, fora da água, perdesse o bichinho toda a sua força. Um cidadão de Cizico adquiriu outrora a reputação de muito bom matemático por ter observado os costumes do ouriço. Esse animal cava o seu covil com vários orifícios diversamente orientados. Segundo a direção prevista do vento, fecha o buraco que a ela corresponde. Guiando-se pelo ouriço, o nosso homem predizia aos seus a direção futura dos ventos. O camaleão toma a cor do meio em que se encontra. O polvo vai mais longe: colora-se da cor que bem entende segundo as circunstâncias, seja para fugir a um animal que teme, seja para atingir o que deseja pegar. No camaleão, a mudança não se subordina à sua vontade; no polvo, sim. Nosso rosto também muda por vezes de cor sob a influência do terror, da cólera, da vergonha e outras emoções e sentimentos; resulta de uma causa que a impõe, como no caso do camaleão. Sob o efeito da icterícia tudo amarelece, independentemente de nossa vontade.

Essas coisas que os animais podem fazer e que não conseguimos igualar são uma prova de que, em certos pontos, eles possuem meios mais desenvolvidos do que os nossos, e de nós ignorados. E é possível – e provável – que outros haja cuja existência nada nos revele.

De todos os meios de previsão empregados no passado, os mais antigos e seguros eram os que se tiravam do vô dos pássaros. Nada temos tão admirável. A maneira de bater as asas, pela qual se tem a noção do futuro, devia provir de algo intimamente ligado a essa ciência de caráter tão nobre. Atribuir resultado tão peregrino ao instinto, sem o concurso da inteligência e do raciocínio, e tomar as coisas demasiadamente ao pé da letra sem se deter na interpretação, é uma suposição absolutamente falsa. E que dizer da raia que tem a propriedade de entorpecer os membros que a tocam e, mesmo através das linhas do anzol e das redes, transmitir esse entorpecimento às mãos dos que as manejam? Essa faculdade maravilhosa não é inútil à raia; ela tem consciência dela e a emprega: afundada no lodo à espera da presa, aguarda que os outros peixes deslizando por cima dela sejam paralisados e caiam em seu poder. Os grouns, as andorinhas e outros pássaros migratórios demonstram que podem adivinhar o tempo e exercem à vontade essa faculdade. Asseguram os caçadores que a melhor maneira de escolher entre vários cachorrinhos

os que se devem considerar superiores aos demais, é colocar a cadela em condições de proceder ela mesma à seleção. Apartando dela os filhotes, o primeiro que ela vai buscar é o melhor. E se simularem uma fogueira em torno do ninho, o que primeiro for salvo será o mais forte. Infere-se disso que os animais sabem prever o que nós não prevemos, ou são senhores de alguma virtude singularíssima de julgar as qualidades de seus filhos que nos é desconhecida.

Os bichos nascem, reproduzem-se, alimentam-se, movem-se, vivem e morrem como nós. As vantagens que atribuímos à nossa condição, em menoscabo das suas, são gratuitas; a nossa razão é incapaz de demonstrar sua superioridade. Para nos conservar em boa saúde, aconselham os médicos a vivermos como os animais e o seguinte ditado está na boca do povo: "Resguarda os pés e a cabeça e quanto ao resto faze como os bichos".

O principal ato a que nos incita a natureza é o de engendrar; para executá-lo certas posições de nosso corpo são preferíveis às outras, pois os médicos consideram que a posição dos animais é a que melhor convém:

***"More ferarum,
Quadrupedumque magis ritu, plerumque putantur
Concipere uxores : quia sic loca sumere possunt,
Pectoribus positis, sublati semina lumbis"***

"Julga-se comumente que para ser fecunda a união dos esposos deve fazer-se na posição dos quadrúpedes, porque então a posição horizontal do peito e a elevação dos rins favorecem a direção do fluido gerador" [Lucrecio]

Os movimentos indiscretos e provocantes que a mulher imaginou acrescentar são considerados prejudiciais e se devem proibir. Que ela atente para o exemplo dos animais entre os quais a fêmea se conduz com mais modéstia e calma:

***"Nam mulier prohibet se concipere atque repugnat,
Clunibus ipsa viri venerem si leta retractet,
Atque exossato ciet omni pectore fluctus.
Ejicit enim sulci recta regione viaque
Vomerem, atque locis avertit seminis ictum"***

"Os movimentos lascivos pelos quais a mulher excita o marido são um obstáculo à fecundação; afastam o arado do sulco e desviam os germes de seu objetivo" [Lucrecio]

Se, para sermos justos, devemos dar a cada um o que lhe é devido, diremos que os animais servem, amam, e defendem seus benfeitores; perseguem e agredem os estranhos e os que os ofendem, praticando uma justiça igual à nossa. E vemos também que tratam com equidade perfeita seus filhos. Quanto à amizade, praticam-na os animais, sem dúvida alguma, de maneira mais constante e viva do que o homem. Hircano, o cão do Rei Lisímaco, não quis abandonar o leito de seu dono quando este morreu, nem comer nem beber, e no dia em que o cremaram atirou-se à fogueira. O cão de um indivíduo chamado Pirro assim fez igualmente; não quis sair do leito quando seu dono morreu e, ao transportarem o corpo, deixou-se levar igualmente, jogando-se afinal ao fogo no momento em que se queimavam os restos mortais de Pirro.

Nascem por vezes no homem certas afeições que nada devem ao raciocínio e resultam de uma causa fortuita a que chamam simpatia. Os animais são, como nós, capazes de as ter. Assim é que se vêem cavalos se afeiçoarem uns aos outros, a ponto de se tornar difícil fazê-los viverem e viajarem separadamente. Outros se apaixonam pelos de tal ou qual cor, como nós por certo tipo de fisionomia, e quando divisam algum de sua cor predileta logo se aproximam e fazem festa e demonstram sua alegria; ao passo que hostilizam os de outro matiz e só os aceitam de má vontade. Os animais têm como nós preferências em amor e sabem escolher a fêmea. Não são isentos de ciúme, o qual os pode levar a atos de violência.

Os apetites são naturais e necessários como beber e comer, ou, embora naturais, não exigem satisfação absoluta, como o comércio entre machos e fêmeas. Há finalmente os que não são naturais nem necessários. Esta última categoria compreende a maioria dos apetites humanos que objetivam quase exclusivamente coisas supérfluas e necessidades fictícias. É, com efeito, maravilhoso ver como a natureza se contenta com pouco e como nos incita a pouco desejar. A arte de nossos cozinheiros não é de sua alçada. Uma azeitona por dia, dizem os estóicos, basta para alimentar um homem. Não é ela, a natureza, quem nos incita aos vinhos mais ou menos delicados nem ao que acrescentamos aos prazeres do amor:

***"Neque illa
Magno prognatum deposcit consule cunnum"***

"A volúpia não lhe parece mais viva nos braços da filha de um cônsul" [Horácio]

Esses desejos supérfluos, introduzidos em nós pela ignorância do bem e a predominância das idéias falsas, são tão numerosos que rechaçam quase todos os apetites naturais. Verificou-se a esse respeito nem mais nem menos do que o que ocorreria em uma cidade onde os estrangeiros fossem tão numerosos que acabassem expulsando os autóctones, destruindo-lhes a autoridade e usurpando-lhes o poder.

Os animais são muito mais ordenados do que nós e se mantêm com mais moderação dentro dos limites que lhes impõe a natureza, não a ponto, entretanto, de não serem por vezes impelidos a desregramentos análogos aos nossos. E assim como há homens que premidos por desejos loucos são induzidos a amar animais, há animais que procuram o amor do homem, observando-se desse modo afeições monstruosas entre espécies diferentes. Prova-o o elefante rival de Aristófanes, o gramático, que se enamorou da mesma jovem vendedora de flores de Alexandria, desempenhando seu papel como o mais apaixonado dos amantes. Passeava pelo mercado de frutas, colhia-as com a tromba e as levava à sua amada; procurava não perdê-la de vista, acariciava-lhe familiarmente os seios por baixo da blusa. Citam-se também um lagarto amoroso de uma moça, um ganso apaixonado por uma criança em Acopa, um carneiro que amava Glúcia, cantora de rua. Diariamente vêem-se macacos apaixonados por mulheres, bem como certos animais se entregarem a carícias amorosas com indivíduos do mesmo sexo e espécie.

Opiano e outros autores dão-nos alguns exemplos do respeito que os bichos têm pelos laços de parentesco, mas a experiência mostra-nos amiúde o contrário:

***”Nec habetur turpe juvencæ
Ferre patrem tergo: fit equo sua filia conjux:
Quasque creavit, inquit pecudes caper : ipsaque cujus
Semine concepta est, ex illo concipit ales”***

”A novilha entrega-se sem pudor ao pai; a égua ao cavalo de que nasceu;
o bode às cabras que engendrou e o pássaro à fêmea que procriou” [Ovídio]

Em matéria de sutileza maliciosa, haverá mais evidente que a do asno do filósofo Tales? Carregado de sal, atravessava um riacho quando por acaso deu um passo em falso. Os sacos que carregava molharam-se, o sal dissolveu-se e a carga ficou mais leve. Percebeu-o o asno, e desde então, cada vez que deparava com um córrego, entrava na água com sua carga, até que, descobrindo a malícia, seu dono passou a carregá-lo com lâ. Não produzindo mais o banho o resultado almejado, deixou o asno de entrar na água.

Há animais que revelam, em seu modo de ser, sinais característicos de avareza. Vemo-los procurar constantemente apoderar-se de tudo o que podem e o esconder com cuidado, embora não tirem proveito disso. Em matéria de economia doméstica, os animais nos ultrapassam não somente pela sua previdência, que os leva a acumular e poupar para o futuro, mas ainda em muitos outros pontos de importância. As formigas expõem ao ar, arrastando-os para fora de seus subterrâneos, os grãos de toda espécie que armazenam, a fim de arejá-los e refrescá-los e fazê-los secar quando percebem que estão mofando e se tornando rançosos, de medo que se estraguem ou apodreçam. Sua precaução em roer uma das extremidades de cada grão de trigo sobreexcede o que possa imaginar a prudência humana. Como o trigo não permanece sempre seco e bem conservado, mas amolece e desfaz-se em uma pasta leitosa ao germinar, perdendo então suas qualidades nutritivas, as formigas roem a ponta do grão por onde se inicia a germinação.

Quanto à guerra, a maior e mais pomposa das ações humanas, e de que tanto nos vangloriamos, quisera saber se prova a nossa superioridade ou ao contrário demonstra a nossa imperfeição. Em verdade, a ciência de nos entrematarmos. concorrendo para a destruição da espécie, não me parece uma prerrogativa que os bichos nos possam invejar:

***”Quando leoni
Fortior eripuit vitam Leo, quo nemore unquam
Expiravit aper majoris dentibus apri”***

”Quando se viu um leão mais forte matar o mais fraco? E quando na floresta morreu algum javali das dentadas de um javali mais vigoroso?” [Juvenal]

Nem todos os animais estão entretanto isentos desse mau espírito, como se vê pelas furiosas lutas em que se digladiam as abelhas e pelos duelos singulares entre suas rainhas:

***”Sæpe duobus
Regibus incessit magno discordia motu,
Continuoque animos vulgi Et trepidantia bello
Corda licet longè præsciscere”***

”Muitas vezes um combate se verifica entre duas rainhas;
é de se ver então o furor guerreiro de seus povos” [Virgílio]

Nunca leio essa magnífica narrativa sem quem me venham ao espírito a inépcia e a vaidade do homem. Esses movimentos guerreiros, que nos empolgam pelo horror e o pavor, essa tempestade de sons e gritos:

***”Fulgur ubi ad cælum se tollit, totaque circum
Ære renidescit tellus, subtérque virum vi
Excitur pedibus sonitus, clamoréque montes
Icti rejectant voces ad sidera mundi”***

”Aqui, em um clarão que brilha até nos céus pelo choque do bronze, a terra fulgura e treme sob
o passo dos soldados, e as montanhas enviam às estrelas os ecos dos clamores” [Lucrécio]

; essa terrível refrega de milhares de homens armados, combatendo com tamanho denodo, ardor e coragem, quase sempre decorre de causas vãs, e cessa em circunstâncias insignificantes:

***”Paridis propter narratur amorem
Græcia Barbariæ diro collisa duello”***

”Conta-se que pelo amor de Páris a Grécia deflagrou funesta guerra contra os bárbaros” [Horácio]

; toda a Ásia se esgotou nessa guerra provocada pelo adultério de Páris; o desejo de um só homem, o despeito, um momento de prazer, o ciúme de um marido, coisas que não justificariam a briga de duas peixeiras, eis a causa de toda essa enorme anarquia. Ouçamos, a propósito, os autores de tão grave ocorrência. Ouçamos o que diz o imperador mais poderoso e mais vitorioso que jamais houve, divertindo-se em ridicularizar com muito espírito os acontecimentos que abarcam várias batalhas por mares e terras, nas quais, a fim de atender a seus interesses, quinhentos mil homens se expuseram aos azares da guerra e esgotaram os recursos e riquezas dos dois continentes:

***”Quod futuit Glaphyran Antonius, hanc mihi poenam
Fulvia constituit, se quoque uti futuam.
Fulviam ego ut futuam ? quid si me Manius oret
Pædicem, faciam ? non puto, si sapiam.***

***Aut futue, aut pugnemus, ait : quid si mihi vita
Charior est ipsa mentula ? signa canant”***

”Porque Antônio se apaixonou por Gláfira, Fúlvia se empenha agora em me forçar a amá-la. Eu amar a Fúlvia? E se Mânio o quiser também, deverei amá-lo? Sejamos prudentes! Guerra ou cama, diz ela. Como! Melhor pensar em algo mais agradável. Soem as trombetas” [epigrama de Augusto, conservado por Marcial]

Talvez abuse de meu latim mas vós me permitistes, senhora, que o usasse [admite-se que este capítulo seja dedicado a Margarida de Valois].

Um exército, esse grande corpo de tantas cabeças e movimentos, que parece ameaçar céus e terras:

***”Quam multi Lybico volvuntur marmore fluctus,
Sævus ubi Orion hybernis conditur undis,
Vel cum sole novo dense torrentur aristæ,
Aut Hermi campo, aut Licie flaventibus arvis,
Scuta sonant, pulsuque pedum tremit excita tellus”***

”Como as ondas que rolam pelo mar da Líbia quando o fogueiro Órion mergulha em suas águas, ou como as espigas que o sol de verão doura nos campos de Hermo ou nos ruivos prados de Lícia, o solo pisado treme e os escudos ressoam” [Virgílio]

; esse monstro furioso com tantos braços e cabeças é o homem, sempre o homem, frágil, calamitoso, miserável. Não passa de um formigueiro agitado e excitado,

”It nigrum campis agmen:”

”Negro batalhão em marcha pela planície” [Virgílio]

; um vento contrário, um grasnido de corvos, o passo em falso de um cavalo, o vôo fortuito de uma águia, um sonho, uma palavra, um sinal, a neblina da manhã bastam para dar com ele por terra. Que um raio de sol o ofusque, e eis o inimigo aturdido; que o vento nos sopra um pouco de poeira nos olhos, como as abelhas do poeta, e eis no mesmo instante nossas bandeiras e nossas legiões, ainda que com o grande Pompeu à frente, destroçadas e impotentes, pois se não me engano, na Espanha, Sertório empregou com êxito essas armas que haviam usado Êumenes contra Antígono e Surena contra Crasso. Jogueem contra um exército um enxame de abelhas e estes animaizinhos acabarão com sua força e arrojo.

Sitiando os portugueses a cidade de Tamly, no território de Xiátima, transportaram os habitantes para as muralhas grande número de colméias, as quais abundam entre eles, e com um pouco de fumaça expulsaram as abelhas na direção do inimigo. Este viu-se forçado a desistir do empreendimento, não podendo suportar as picadas. Com tão engenhoso expediente defenderam a cidade e conquistaram a liberdade e a sorte fez que, terminada a batalha, não faltasse uma só abelha nas colméias.

As almas dos imperadores e as dos sapateiros provêm do mesmo molde. Encarando apenas os atos dos príncipes e suas conseqüências, imaginamos que tenham outras causas e também mais peso e alcance. É um erro. Eles se movem impelidos pela mesma mola que nos impulsiona. O mesmo motivo que nos leva a disputar com o vizinho, impele os príncipes à guerra; a razão que nos induz a açoitar um laçao é bastante para que o príncipe devaste uma província. Sua vontade se exerce tão levemente quanto a nossa, mas ele tem maior poderio. Os mesmos apetites existem no verme e no elefante.

No que concerne à fidelidade, não há no mundo animal mais traçoeiro do que o homem. Numerosos são os fatos que se citam de cães que encarniçadamente procuraram vingar a morte de seus donos. Tendo o Rei Pirro encontrado um cão que velava o cadáver do dono, mandou enterrar o corpo e levou o animal. Dias depois, passando em revista o seu exército, ao deparar o cão com os assassinos correu-lhes atrás a ladrar furiosamente, demonstrando violenta irritação. Foi o primeiro indício que levou à descoberta dos culpados, logo após punidos pela justiça. O mesmo se verificou com o cão de Hesíodo que denunciou os filhos de Ganistor, de Naupacto, como autores do assassinio de seu dono. Outro cão, que guardava o templo de Atenas, viu o ladrão sacrílego que carregava as mais valiosas jóias. Pôs-se logo a latir mas os guardas não acordaram. O cão seguiu então o gatuno; de dia mantinha-se à distância, mas sem o perder de vista. Se lhe dava de comer, recusava, ao passo que dos demais transeuntes o aceitava, abanando a cauda. Quando o ladrão parava para dormir, o cão fazia o mesmo. Tendo chegado essa conduta estranha ao conhecimento dos guardas, indagaram eles das características do animal, seguiram-lhe as pegadas e o alcançaram afinal em Crômion, bem como o ladrão, que trouxeram de volta a Atenas onde foi condenado. Como recompensa pelo serviço prestado, ordenaram os juizes que se alimentasse o cão à custa do tesouro e ficasse ele a cargo dos sacerdotes. Plutarco, que narra o fato, garante-nos a sua autenticidade. Teria ocorrido em seu tempo.

Quanto à gratidão, virtude que em nossos dias anda muito precisada de reforçar o seu crédito, um só exemplo bastará. É-nos contado por Apio, que se encontrava entre os espectadores. Uma dia, em Roma, dava-se ao povo em espetáculo um combate de feras, principalmente de leões de tamanho respeitável, em meio aos quais havia um cujos rugidos e musculatura atraíam a atenção geral. Entre os escravos que compareceram para serem entregues às feras, figurava um certo Ândrocles da Dácia, pertencente a um personagem consular de Roma. Ao vê-lo, deteve-se o leão imediatamente, como que tomado de espanto; aproximou-se em seguida, passo por passo, como se procurasse reconhecê-lo. Tendo verificado quem era, começou a abanar a cauda como fazem os cães e a beijar as mãos e as pernas do pobre miserável transido de medo. Recobrando a calma, Ândrocles reconheceu por sua vez o leão e ambos se puseram a festejar-se mutuamente, e o povo dava gritos de alegria. O imperador mandou chamar o escravo para que lhe explicasse as razões de tão extraordinária ocorrência e esta admirável história lhe foi contada: ”Quando meu amo e senhor era procônsul na África, vi-me forçado a deixá-lo, tal a crueldade com que me tratava. Todos os dias era eu açoitado e precisei fugir. A fim de escapar às buscas de um personagem de tão grande autoridade na província, pareceu-me mais fácil ganhar o deserto. Foi o que fiz, resolvido a morrer de uma maneira ou outra, caso nessas regiões arenosas e inabitáveis não conseguisse alimentar-me. Por volta de meio-dia, estando o sol violentíssimo e o calor

insuportável, descobri uma caverna de difícil acesso e aí me abriguei. Pouco depois chegou um leão; estava ferido na pata, que trazia ensangüentada. A dor provocava-lhe gemidos. Ao vê-lo eu ficara apavorado, mas ele, deparando comigo encolhido a um canto, achegou-se e me estendeu a pata como para pedir auxílio. Tomei-a, arranquei uma lasca de madeira que nela se espetara, limpando a ferida como pude. Aliviado, começou a dormir, descansando a pata em minhas mãos. Desde então vivemos juntos, os dois, na caverna, comendo as mesmas carnes, pois me trazia sempre os melhores pedaços de suas caças; eu as assava ao sol e com elas me alimentava. Isso durou três anos, mas eu já andava cansado dessa vida selvagem e certa vez em que o leão fora à caça como de hábito, abandonei o abrigo. Três dias mais tarde, surpreendido pelos soldados, fui preso e entregue aqui a meu dono, que logo me condenou às feras. Segundo me parece, o leão deve ter sido aprisionado mais ou menos na mesma época; reconhecendo-me, quis testemunhar sua gratidão pelos cuidados que lhe prodigalizei”. A história, contada ao imperador, propagou-se rapidamente entre os espectadores e, a pedido geral, concedeu-se graça a Êndrocles, em nome do povo. O escravo conquistou sua liberdade e recebeu como presente o leão. Depois disso, conta ainda Ápio, viram-no passear pela cidade com o animal. Ia de taverna em taverna recolhendo o dinheiro que lhe davam e o leão deixava-se cobrir de flores. E quem os encontrava dizia: eis o leão que deu hospitalidade a esse homem e o homem que foi o médico do leão!

Choramos por vezes a perda de um animal querido; os bichos também nos choram:

***”Post bellator equus positus insignibus Æthon
It lacrymans, guttisque humectat grandibus ora”***

***”Vinha em seguida, despojado de arreios, Êton, seu cavalo
de guerra, cujos olhos se enchem de lágrimas” [Virgílio]***

Há povos entre os quais as mulheres pertencem a vários homens e outros em que cada um tem a sua. É o que se verifica também entre os animais, e a fidelidade conjugal é igualmente observada. Quanto à associação e união que mantêm entre si para se defenderem e auxiliarem, vêem-se bois, veados e outros animais, os quais acodem ao chamado dos companheiros. Quando o escarvo engole o anzol que lhe estende o pescador, juntam-se os outros e roem a linha. Quando por acaso um deles cai na rede, pegam-no os de fora pelo rabo e puxam com força para fazê-lo sair. Os barbos, quando um deles é fígado, raspam a corda do arpão com as costas, as quais são armadas de um osso em forma de serra, e se esforçam por cortá-la.

Quanto aos serviços pessoais que nos prestamos na vida, o mesmo fazem animais de várias espécies. Dizem que a baleia não anda sozinha: precede-a por toda parte um peixinho a que chamam piloto. Acompanha-o a baleia, deixando-se orientar por ele como o navio se orienta pelo marujo do leme. Em compensação, enquanto tudo o que (bicho ou barco [creditava-se então que a baleia pudesse engolir um barco]) entra na boca do monstro é logo engolido, o guia, ou piloto, penetra-a sossegadamente e nela dorme, sem que a baleia se mexa; mas quando ele volta à água o cetáceo segue-o sem hesitação e, se porventura o perde de vista, principia a errar de um lado e de outro chegando a chocar-se contra os rochedos como um barco sem timoneiro. Plutarco afirma ter observado o fato perto da Ilha de Antícira. Semelhante associação existe entre o pássaro chamado corruíra e o crocodilo. A corruíra serve-lhe de sentinela e quando o mangusto, seu inimigo, se aproxima, a corruíra desperta o crocodilo com cantos e bicadas, prevenindo-o do perigo. Em compensação vive dos restos do monstro, o qual a recebe familiarmente na goela e a deixa bicar entre os dentes para comer as parcelas de carne aí remanescentes. Quando o crocodilo quer fechar a goela, avisa o pássaro, para que saia, cerrando-a a pouco e pouco sem o magoar. A concha conhecida por madreperola vive com uma espécie de siri, que lhe serve de porteiro. Estacionando à entrada da concha, mantêm-na aberta até que algum pequeno peixe a penetre. Entra ele então igualmente e belisca o animalzinho, forçando-o a fechar-se; e assim comem ambos a presa. A maneira de viver dos atuns demonstra um conhecimento singular dos três ramos da matemática. Quanto à astronomia podem ensiná-la aos homens, pois detêm-se onde os surpreende o solstício do inverno e não se mexem mais até o equinócio seguinte, razão pela qual Aristóteles lhes atribuíra o conhecimento dessa ciência. Revelam também conhecer a geometria e a aritmética, porquanto se reúnem em cardumes da forma de um cubo quadrado por todos os lados, de sorte que formam um batalhão sólido de seis faces iguais. Nadam nessa ordem de dimensões idênticas atrás e na frente, de modo que quem os encontra e conta uma fileira tem idéia precisa do todo, porquanto a largura do cardume é igual à profundidade e ao comprimento.

Em matéria de magnanimidade será difícil deparar com mais belo exemplo que o do enorme cão enviado de presente a Alexandre. Apresentaram-lhe primeiramente um veado para que lutasse, em seguida um javali e depois um urso; não se dignou sequer sair do lugar, mas quando o puseram diante de um leão, ergueu-se imediatamente, considerando-o assim o único adversário de porte.

Como prova de arrependimento e reconhecimento de seus erros, citemos um elefante que, dizem, tendo matado seu guia em um acesso de raiva, lamentou-o tanto que não aceitou mais alimento e morreu de fome.

A clemência dos animais é atestada por este caso que atribuem a um tigre, o mais inumano dos bichos. Haviam-lhe dado um cabrito; durante dois dias passou fome por não querer fazer-lhe mal; no terceiro dia quebrou a jaula para buscar outra coisa, não desejando atacar o hóspede de que se tornara familiar.

A familiaridade e as relações que nascem da convivência podem existir entre os animais. Acontece efetivamente que vivam juntos, e muito bem, cães, gatos e lebres. Porém o que a experiência revela aos que viajam por mar – no mar da Sicília em particular – acerca dos alciões ultrapassa tudo quanto o homem possa imaginar. Nunca a natureza atentou tão protetoramente para o parto e o nascimento de nenhum outro animal. Dizem os poetas que a Ilha de Delos, outrora flutuante, foi tornada imóvel a fim de permitir que Latona desse à luz a Apolo, mas no caso em apreço Deus é quem quer que o mar suste seu movimento, permaneça estável e calmo, sem ondas, nem ventos, nem chuvas enquanto o alcião põe seus filhotes no mundo, exatamente na época do solstício, no dia mais curto do ano. Graças a esse privilégio de que goza o pássaro, não há perigo para a navegação nesse período, em pleno coração do inverno. Entre os alciões a fêmea tem um só macho; com ele vive a vida inteira sem nunca o abandonar. Se ele se enfraquece ou se inutiliza, carrega-o às costas e o serve até a morte. Ninguém conseguiu

ainda compreender de que modo maravilhoso constroem os alciões os seus ninhos. Plutarco, que os viu e os teve nas mãos, pensa que são feitos com espinhas de um certo peixe que o pássaro junta, liga e entrelaça, dispondo umas em um sentido e outras noutra, curvando-as e arredondando-as de maneira a formar uma espécie de esfera capaz de flutuar. Quando terminado, expõe-no às ondas, as quais chocando-o devagar revelam os pontos fracos, não suficientemente aglutinados e que precisam ser rebocados, pois tais pontos cedem ao choque da água e o alcião verifica que os deve consolidar. Ao contrário, os que nada deixam a desejar, comprimem-se ainda mais e se fortalecem a ponto de não se desfazerem a pauladas ou pedradas, senão à custa de ingentes esforços. As proporções e os dispositivos internos do ninho são extraordinários. É construído de tal maneira e com tais dimensões que só pode receber o pássaro que o edificou e que só esse nele pode entrar. Inacessível a qualquer outro, fechado e firme, nem mesmo a água do mar o penetra. Por mais clara que seja esta descrição, a qual provém de boa fonte, parece-me que não esclarece bastante as dificuldades da construção. É portanto inexplicável a nossa vaidade de querer considerar inferior e interpretar desdenhosamente o que não somos capazes nem de imitar nem de entender.

Levemos um pouco mais longe este estudo comparativo acerca dos pontos comuns ou análogos entre nós e os bichos. Nossa alma vangloria-se de elevar a seu nível tudo o que concebe; de despojar todo ser que se apresente a ela de tudo o que tem de material e mortal; de considerar as coisas que preza, dignas de sua atenção independentemente do que nelas é passível de alteração, deixando de lado, como acessórios supérfluos e vis, a espessura, a largura, a profundidade, o peso, a cor, o odor, a rugosidade, o polimento, a dureza, a moleza, em uma palavra, tudo o que é tangível e perecível, para se acomodar à sua condição que é a de ser imortal e espiritual; de tal maneira que se Paris ou Roma ocupam meu pensamento, Paris, por exemplo, eu a imagino e a represento em mim mesmo abstraindo suas dimensões, sua localização, a pedra, o gesso, a madeira que nela se encontram, suas construções em suma. Não me parece que essa faculdade seja privilégio exclusivo de nossa alma; é evidente que a possuem também os bichos. Um cavalo habituado às trombetas, aos tiros, aos combates, e que vemos agitado, comovido no seu sono, mexendo-se e tremendo como se estivesse em plena ação, tem em sua alma, sem dúvida, a concepção de um som mudo de tambor, de um exército sem armas e sem soldados:

***”Quippe videbis equos fortes, cum membra jacebunt
In somnis, sudare tamen, spirarêque sæpe,
Et quasi de palma summas contendere vires”***

”Vereis generosos corcéis, embora adormecidos, suarem, resfolegarem e se retesarem como se disputassem uma corrida” [Lucrecio]

A lebre que em seu sonho o cão de caça imagina perseguir, arquejante, cauda esticada e tendões tesos, é uma lebre sem pelo nem ossos:

***”Venantúmque canes in molli sæpe quiete,
Jactant crura tamen subito, vocesque repente
Mittunt, et crebas reducunt naribus auras,
Ut vestigia si teneant inventa ferarum:
Experge factique, sequuntur inania sæpe
Cervorum simulacra, fugæ quasi dedita cernant:
Donec discussis redeant erroribus ad se”***

”Por vezes em meio a profundo sono, os cães de caça se agitam de repente, latem e farejam como se estivessem correndo um animal; às vezes mesmo, ao despertarem, continuam a perseguir o vão simulacro de um veado que imaginam em fuga, até que, acordando definitivamente, se apercebem do erro” [Lucrecio]

Vemos também os cães de guarda grunhirem durante o sono, ladrarem enfim e despertarem como se vissem algum estranho. Esse estranho que vêem em imaginação é um homem sem corpo, imperceptível aos sentidos, sem dimensões nem cor. Não existe.

***”Consueta domi catulorum blanda propago
Degere, sæpe levem ex oculis volucrêmque soporem
Discutere, et corpus de terra corripere instant,
Proinde quasi ignotas facies atque ora tueantur”***

”Não raro o hóspede fiel e carinhoso da casa, o cão, ergue-se repentinamente em meio a um sono leve, porque pensou ver uma forma estranha, um rosto desconhecido” [Lucrecio]

Quanto à beleza do corpo, dever-se-ia, antes de falar, saber se estamos de acordo acerca daquilo em que consiste. Não me parece que de uma maneira geral concordemos a respeito. Não sabemos ao certo como e de que se constitui, pois ao que consideramos beleza no homem damos as formas mais diversas. Se alguma regra natural houvesse, nós todos a reconheceríamos como nos entendemos quando aludimos ao calor produzido pelo fogo, ao passo que em relação à beleza todas as fantasias se admitem:

”Turpis Romano Belgicus ore color”

”A tez dos belgas não conviria a um rosto romano” [Propécio]

Os índios pintam essa beleza negra e queimada de sol, lábios espessos e carnudos, nariz chato e largo, a cartilagem das narinas ornada de argolas que a esticam até a boca, o lábio inferior enfeitado com anéis incrustados de pedrarias e caído até o queixo a mostrar os dentes e as gengivas. No Peru a orelha quanto maior tanto mais bonita. Alguém diz ter visto em um país do Oriente aumentarem-na e carregarem-na de jóias pesadas e a furarem com buracos tão amplos que podiam por eles passar o braço sem levantar a manga. Há povos que enegrecem os dentes cuidadosamente, porque os dentes brancos são desprezíveis; outros, pintam-nos de vermelho. Entre os bascos, as mulheres pensam desenvolver seus encantos raspando a cabeça; em outros lugares o mesmo se verifica e, o que é mais estranho, nas regiões boreais, segundo Plínio. As mexicanas acham bela uma testa

estreita, por isso arrancam os pelos do corpo e se esforçam por fazer com que nasçam na frente. Os seios grandes são tão apreciados, que há mulheres que dão de mamar aos filhos por cima dos ombros. A isso chamaríamos horror. Entre os italianos o ideal de beleza está em ser gorda e atarracada; entre os espanhóis em ser magra e esbelta; entre nós em ser loura para uns e morena para outros; mole e delicada ou rija e vigorosa; há quem exija dela graça e doçura e quem a queira altiva e majestosa. Platão acha que nada é mais belo do que a forma esférica, ao passo que Epicuro prefere a pirâmide e o cubo, e não admite um deus à semelhança de uma bola.

Como quer que seja, a natureza não nos beneficiou, a esse respeito, mais do que qualquer ser vivo e se há animais menos favorecidos do que nós, há outros, em maioria, que o são mais:

"A multis animalibus decore vincimur"

"Muitos animais nos sobreexcedem em beleza" [Sêneca]

, mesmo entre os que, como nós, vivem na terra. Quanto aos que vivem no mar, deixamos de os considerar porquanto suas formas diferem demasiado das nossas para que se comparem, mesmo porque já pela cor, a limpeza, o brilho, lhes somos inferiores, como o somos em relação aos que vivem no ar.

A prerrogativa que invocam os poetas de nos sustentarmos verticalmente sobre os pés, olhando para os céus, de onde vimos, não passa de uma licença poética:

"Pronáque cum spectent animalia cætera terram,

Os homini sublime dedit, coelúmque videre

Jussit, et erectos ad sydera tollere vultus"

"Deus curvou os animais e prendeu-lhes o olhar ao solo; dando ao homem uma cabeça reta, quis que contemplasse os céus e os astros" [Ovídio]

Mas vários animaizinhos olham para o céu e os camelos e os avestruzes têm o pescoço mais comprido e reto do que nós. Existirão animais que não tenham a cabeça colocada no alto e na frente do corpo, podendo como nós, na sua posição normal, perceber certa extensão do céu e da terra? Que qualidades físicas teremos nós, entre as descritas por Cícero e Platão, que não sejam igualmente apanágio de numerosos animais? Entre estes, com os feios e abjetos é que temos maior semelhança: o macaco, por exemplo, quanto ao aspecto e forma do rosto:

"Simia quam similis, turpissima bestia, nobis!"

"Por mais disforme que seja o macaco se parece conosco" [Ênio]

; o porco, no que concerne à nossa organização interna e partes vitais.

Quando atento para o homem nu (mesmo esse sexo a que se atribui a maior parte da beleza), para suas taras e imperfeições, acho que mais do que nenhum outro animal temos razão de nos cobrirmos. E somos desculpáveis por termos aproveitado os despojos daqueles aos quais a natureza favoreceu, usando a lã, a pena, o pêlo e a seda para nos vestirmos.

Observemos ainda que o homem é o único animal cuja imperfeição se afigura chocante aos seus semelhantes, o único que se esconde dos demais de sua espécie a fim de satisfazer suas necessidades naturais. E não é igualmente fato digno de consideração que os mestres no assunto ordenem como remédio contra as paixões eróticas o espetáculo total e livre do corpo que ambicionamos? Pois basta, para extinguir o desejo, contemplar sem peias o que se deseja:

"Ille quod obscoenas in aperto corpore partes

Viderat, in cursu qui fuit, hæsit amor"

"Há quem, por ter visto a descoberto as partes secretas do objeto amado, sentiu extinguir-se a paixão no momento mesmo de sua realização" [Ovídio]

E embora tal receita possa provir de alguém de temperamento delicado e já serenado, não deixa de ser uma prova manifesta de nossa imperfeição desgostarmo-nos uns dos outros pela freqüentação e a intimidade.

Não é propriamente o pudor, mas a prudência que torna as nossas mulheres tão circunspectas e as leva a proibir-nos a entrada em seus tocadores enquanto se maquilam e se enfeitam para aparecerem em público:

"Nec veneres nostras hoc fallit, quo magis ipsæ

Omnia summopere hos vitæ post scenia celant,

Quos retinere volunt adstrictoque esse in amore"

"Defendem-se as nossas beldades – e com razão – evitando o acesso dos bastidores da vida aos amantes que pretendem conservar sob o seu jugo" [Lucrécio]

Ora, nada há, em muitos animais, de que não gostemos, que não agrade a nossos sentidos, a ponto de tirarmos de seus próprios excrementos e secreções manjares requintados, ornatos valiosos e perfumes suaves. Claro está que isso diz respeito tão-somente ao homem e às mulheres comuns; não sou tão sacrílego que o estenda a essas belezas divinas, sobrenaturais, que vemos por vezes resplandecer entre nós como astros caídos na terra e que dissimulam mal as formas humanas tomadas de empréstimo.

Quanto ao resto, a parte mesma dos benefícios da natureza que concedemos aos animais é vantajosa a estes. Atribuimo-nos bens imaginários e sobrenaturais, bens futuros e remotos, e de cuja posse o homem é incapaz de se assegurar; ou bens que em virtude do desregramento de nosso espírito pretendemos falsamente possuir, como a razão, a ciência, a honra. Aos outros seres deixamos, em compensação, os que são materiais e palpáveis: a paz, o repouso, a segurança, a inocência, a saúde, o mais admirável e rico presente que podemos receber da natureza, pois até a filosofia estóica declara que se Heráclito e Ferecides tivessem podido trocar sua sabedoria pela saúde e livrar-se com isso, um da hidropisia e outro da doença cutânea que o atormentava, houberam-no feito de bom grado. Do que se deduz que dão maior valor ainda a essa sabedoria, que comparam à saúde, do que nesta outra proposição igualmente deles filósofos: se Circe tivesse apresentado a Ulisses dois filtros com a propriedade, um deles,

de tornar um louco sábio e o outro um sábio louco, devia Ulisses preferir a loucura a ver-se metamorfoseado à semelhança de um animal, pois a própria sabedoria teria dito: "deixa-me, abandona-me, de preferência a alojar-me em um corpo de asno". E eis nossos filósofos a darem menor importância à grande e divina ciência que à carcaça de nosso corpo nesta terra!

Não são pois a razão, a reflexão ou a alma que nos tornam superiores aos animais; são nossa beleza, nossa linda tez, a harmônica disposição de nossos membros, ao lado do que nossa inteligência, nossa prudência e o resto são de pouca valia. Tomo nota de tão ingênua e franca confissão, pois significa que reconhecem que as prendas de que tanto nos vangloriamos não passam de fantasia. E assim, ainda que os animais tivessem todas as virtudes, a ciência, a sabedoria, a inteireza dos estóicos, continuariam animais e não poderiam ombrear com um homem miserável, mau e insensato! A meu ver, em suma, tudo o que não se nos assemelha nada vale. Deus mesmo, e é um ponto a que tornaremos, vale somente porque é feito a nosso modo. Disso se conclui que não é em virtude de um raciocínio judicioso, mas unicamente por orgulho e obstinação que nos sobrepomos aos animais e nos afastamos de sua companhia.

Voltemos ao nosso assunto. Somos vítimas da inconstância, da irresolução, da incerteza, do luto, da superstição, da preocupação com o futuro, inclusive o de depois da morte, da ambição, da avareza, do ciúme, da inveja, dos apetites desregrados e insopitáveis, da guerra, da mentira, da deslealdade, da intriga, da curiosidade. Pagamos pois bem caro a tão decantada razão de que nos jactamos, e a faculdade de julgar e conhecer, se a alcançamos, é à custa do número infinito de paixões que nos assaltam sem cessar. E nem sequer contamos, por não apreciá-la mais do que Sócrates, a prerrogativa que temos do prazer sexual a qualquer momento, quando aos bichos impôs a natureza limites e épocas razoáveis.

***"Ut vinum ægrotis, quia prodest raro, nocet sæpissime,
Melius est non adhibere omnino,
Quam, spe dubiæ salutis,
In apertam perniciem incurrere:
Sic, haud scio, an melius fuerit humano generi motum istum celerem,
Cogitationis acumen, solertiam, quam rationem vocamus,
Quoniam pestifera sint multis, admodum paucis salutaria,
Non dari omnino, quam tam munifice et tam large dari"***

"Assim como é preferível não dar vinho aos enfermos, porque, sendo-lhes normalmente nocivo, raramente proveitoso, com duvidosa esperança de melhoria incorre-se em risco manifesto, assim também seria preferível que não se houvesse outorgado ao homem a faculdade de pensar, a compreensão, a perspicácia, a razão em suma, a qual a todos foi liberalmente concedida mas a poucos beneficia e prejudica a muitos" [Cícero]

Que vantagens tiraram Varro e Aristóteles dessa sua inteligência peregrina? Isentou-os dos incômodos inerentes à natureza humana? Eximiu-os dos acidentes a que se expõe um carregador? A lógica consolou-os da gota? Sentiram-na menos por saberem como ela se aloja nas articulações? E por não ignorarem que entre certos povos a morte é recebida com alegria, foi-lhes ela mais suave? E por saberem que em alguns países as mulheres pertencem a todos, consolaram-se das infidelidades das suas? Por outro lado, embora pelo seu saber tenham ocupado o primeiro lugar, um entre os gregos, outro entre os romanos, em uma época em que a ciência florescia, não nos consta que suas vidas se tivessem aproximado da perfeição. A de Aristóteles, em particular, apresenta algumas manchas importantes que com dificuldade se limpiam. Estará demonstrado que o prazer e a saúde tenham mais sabor nos que conhecem a astronomia e a gramática?

"Illiterati num minus nervi rigent?"

"Sustenta o ignorante com menos vigor os combates do amor?" [Horácio]

Cem artesãos conheci, e cem lavradores, mais prudentes e felizes do que professores universitários. Com os primeiros gostaria de me parecer. A meu ver, a erudição deve incluir-se entre as coisas necessárias à vida, como a glória, a nobreza, a grandeza, a dignidade, a beleza e a riqueza. Talvez, mas não de um modo essencial.

Os princípios de moral e as leis não nos são muito mais indispensáveis para vivermos em comum do que seriam aos grous e às formigas, muito organizados embora careçam de erudição. Se o homem fosse sensato, a cada coisa daria um valor, segundo sua utilidade e sua adequação à vida. Quem nos julgasse por nossos atos e nossa conduta, observaria maior número de indivíduos perfeitos entre os ignorantes do que entre os sábios e isso em relação a quaisquer virtudes. A antiga Roma parece-me ter sido muito superior, na paz como na guerra, à Roma sábia que se arruinou por suas próprias mãos; e ainda que admitíssemos terem sido iguais, a probidade, a pureza predominariam na primeira em consequência da simplicidade que aí reinava.

Para encerrar esta dissertação que nos levaria muito longe, limitemo-nos a constatar que só a humildade e a submissão engendram homens de bem. Não é possível deixar ao livre arbítrio de cada um a escolha de seu dever; é preciso prescrever-lho. De outro modo, dada a variedade infinita de opiniões e inteligências, forjaríamos deveres que nos impeliriam a nos destruirmos uns aos outros, como diz Epicuro.

A primeira lei que Deus impôs aos homens foi obedecer; uma ordem simples, sem complicações, poupando o trabalho do conhecimento e do raciocínio. A obediência é, aliás, a condição natural de uma alma que reconhece em Deus seu superior e benfeitor. Obedecer e submeter-se são o princípio de todas as virtudes, como a presunção é o princípio de todos os pecados. Foi indo de encontro a esse princípio que o homem experimentou sua primeira tentação e que o diabo pôde inocular-lhe seu primeiro veneno, prometendo-lhe ciência e saber: "Serás como os deuses quando conheceres o bem e o mal" [Gênesis]. Em Homero, as sereias, a fim de enganar Ulisses e atraí-lo a seus perigosos recantos, oferecem-lhe a ciência. O mal no homem está em pensar que sabe, por isso nossa religião recomenda-nos com tanta insistência a ignorância como meio adequado a determinar em nós a fé e a obediência: "cuidai de que ninguém vos iluda com a filosofia, nem com as vãs seduções das doutrinas do mundo" [São Paulo]. Todos os filósofos de todas as seitas concordam em que o soberano bem reside na serenidade da alma e do

corpo. Mas como alcançar essa serenidade?

***"Ad summum sapiens uno minor est Jove, dives,
Liber, honoratus, pulcher, rex denique regum:
Præcipue sanus, nisi cùm pituita molesta est"***

"O sábio só é inferior a Júpiter; sente-se rico, livre, honrado, belo,
rei do mundo enfim, a menos que o defluxo o atormente" [Horácio]

Dir-se-ia em verdade que para nos consolar de nossa condição miserável e doentia a natureza só nos deu presunção. É a opinião de Epicteto: "Nada existe no homem que lhe pertença integralmente, a não ser sua opinião; somente vento e fumaça constituem nosso patrimônio. Os deuses têm a saúde, pelo próprio fato de serem deuses e só conhecem a doença porque lhes é dado saber tudo. O homem, ao contrário, traz em si o princípio do mal; o bem é uma miragem. Temos muita razão para nos vangloriarmos da força de nossa imaginação, pois nossos bens só existem em sonho".

Ouvi um exemplo do orgulho desse pobre e calamitoso animal: "Nada é tão suave (Cícero é quem fala) quanto nos dedicarmos às letras; a essas letras, digo, que nos revelam o conhecimento da infinidade de coisas existentes; da natureza no que tem de maior; dos céus enquanto ainda somos deste mundo de terras e águas. Por elas fomos instruídos na religião, conhecemos a moderação e a coragem no que têm de mais nobre. Por elas nossa alma foi tirada das trevas para ser iniciada em todas as coisas, tanto as de ordem superior como as de ordem inferior, as que ocupam o primeiro como o último lugar. E assim envelhecemos sem desprazer nem sofrimento". Não vos parece que de Deus e de Deus vivo e Todo-poderoso é que fala o autor? Na realidade, mil camponeses viveram em suas aldeias uma existência mais sossegada, doce e tranqüila do que a de Cícero.

***"Deus ille fuit Deus, inclute Memmi,
Qui princeps vitæ rationem invenit eam, quæ
Nunc appellatur sapientia, quique per artem
Fluctibus è tantis vitam tantisque tenebris,
In tam tranquillo et tam clara luce locavit"***

"Foi um Deus, ilustre Mêmio, quem primeiro descobriu esse gênero de vida a que chamam sabedoria, graças à qual a calma e a luz sucederam à agitação e às trevas" [Lucrécio]

Lindas, magníficas palavras! Entretanto, apesar desse deus tão decantado e de sua divina sapiência, um simples acidente bastou para que a inteligência de quem as disse caísse ao nível da de um pobre pastor.

Tão impudente quanto esses devaneios é o que promete Demócrito quando diz: "Vou falar de todas as coisas"; e o ridículo título que Aristóteles dá aos homens, "deuses mortais"; e a opinião de Crisipo a respeito de Díon cuja virtude "o elevava à altura de Deus"; e esta asserção de Sêneca de que "a Deus deve a vida mas a si mesmo o fato de bem viver"; e esta outra que se assemelha à precedente:

***"In virtute veeè gloriatur:
Quod non contingeret,
Ai id donum a Deo non a nobis haberemus"***

"Com razão nos jactamos de nossa virtude, o que não deveríamos fazer
se proviesse de um deus em vez de provir de nós mesmos" [Cícero]

; e esta ainda, igualmente de Sêneca: "o sábio alia à fraqueza humana uma força de alma semelhante à de Deus e nisso ele lhe é superior". Nada é tão comum como encontrar exemplos de análoga ousadia. Nenhum homem se ofende com se ver comparado a Deus, mas deprime-se se o nivelam aos animais, prova evidente de que prezamos mais a nós mesmos do que a glória do Criador.

É preciso dominar tão tola vaidade e solapar ousada e energicamente os fundamentos ridículos sobre os quais se erguem as opiniões errôneas. Enquanto o homem imaginar alguma força e meios de ação próprios, nunca reconhecerá o que deve a seu Senhor. Suas ilusões serão infinitas. Eis por que é preciso despi-lo, reduzi-lo à indigência.

Vejam alguns exemplos dos resultados de sua filosofia. Possidônio, torturado por uma doença tão cruel que seus braços se torciam e seus maxilares se contraíam, pensava demonstrar seu desprezo pela dor, invectivando-a: "Faze o que quiseres, não direi jamais que és um mal". Sofria tanto quanto um lacaios, mas acreditava-se corajoso porque falava uma linguagem obediente aos preceitos de sua seita:

"Re succumbere non oportebat verbis gloriantem"

"Não devia sucumbir ante a realidade, quem se jactava com palavras, de sua coragem" [Cícero]

Achando-se Arcesilau atacado de gota, Carnéades que o fora visitar quis retirar-se, embargado pela piedade. Chamou-o o paciente e, mostrando-lhe os pés e o peito, disse: "Nada sinto aqui do que sofro lá". Isto me parece mais honesto, pois reconhecia que sofria e quisera livrar-se do sofrimento, mas não se abatia nem se enfraquecia ao passo que Possidônio, penso, afetava uma serenidade que não possuía. E Dionísio de Heracléia, sofrendo cruelmente dos olhos, viu-se forçado a desprezar suas resoluções estoicas.

Mas ainda que a ciência produzisse os resultados que os filósofos lhe atribuem, ainda que atenuasse a violência dos males a que estamos expostos, que poderia fazer a mais do que faz a ignorância, e melhor? O filósofo Pirro, vítima de uma tempestade no mar, não achou coisa melhor para animar seus companheiros de infortúnio senão incitá-los a imitar a serenidade de um porco que estava a bordo e contemplava o fenômeno sem se apavorar. A filosofia, como último recurso, apresenta à nossa consideração os exemplos do atleta e do arrieiro que, em geral, não temem a morte nem os tormentos e são capazes de maior resolução do que a ciência pôde jamais impor a nenhum homem não predisposto naturalmente à resistência física. Que é que faz, se não a ignorância, que se amputem os membros delicados de uma criança, ou os de um cavalo, mais facilmente do que

os nossos? E quanta gente fica doente unicamente por efeito da imaginação! É freqüente vemos quem se faça sangrar, purgar, medicar para curar males que só existem porque os imagina ter. Quando nos faltam males verdadeiros, a ciência no-los fornece. Pela cor de nosso rosto devemos estar sob a ameaça de alguma doença catarral; o calor da estação predispõe-nos a um acesso de febre; a linha de vida de nossa mão esquerda apresenta um aspecto que pressagia séria e próxima indisposição. A ciência ataca mesmo de frente a saúde: temos uma vitalidade, uma força que não pode continuar, é preciso que nos tirem algum sangue e nos enfraqueçam, sem o que a saúde poderá voltar-se contra nós mesmos.

Compare-se a existência de um homem escravizado a essas idéias imaginárias com a de um lavrador que se entrega ao fluxo normal da vida, levando em conta as coisas no momento em que ocorrem e sem se preocupar com o que diz a ciência, sem se prender às conjeturas; que só adocece quando a doença chega, ao passo que outros já trazem os cálculos na alma antes que alcancem a bexiga, antecipando-se pela imaginação aos sofrimentos reais, correndo ao seu encontro como se não lhes sobrasse tempo para sofrer na hora certa.

O que digo dos efeitos nefastos da medicina aplica-se igualmente a qualquer outra ciência. Daí a opinião de certos filósofos antigos que consideravam como felicidade suprema termos consciência da fraqueza de nosso julgamento. Quanto a mim, minha ignorância tanto me induz a esperar como a temer: para regular minha saúde, guio-me pelos exemplos dos outros e pelo que vejo verificar-se alhures nas condições em que me acho. Essas observações são de toda espécie e decido de acordo com a comparação que estabeleço entre elas, escolhendo o que me parece conveniente. Recebo com a maior cordialidade a saúde, por julgá-la coisa essencial e que nos torna livres. Subordino-lhe o resto e procuro gozá-la tanto mais quanto já se vai fazendo menos comum, mais rara. Por isso evito perturbar-lhe o repouso e a cordura com os aborrecimentos de uma nova e forçada maneira de viver.

Os animais que devem à sua quietude uma saúde mais robusta do que a nossa, mostram-nos a que ponto a inquietação de espírito pode ser causa de doença. Dizem que no Brasil as pessoas só morrem de velhice, o que se atribui à pureza e à calma do ar que respiram, e que, a meu ver, provém antes da serenidade e da tranqüilidade de suas almas isentas de paixões, de desgostos, de preocupações que excitam e contrariam. Ignorantes, iletrados, sem lei nem rei, nem religião alguma, sua vida desenvolve-se numa admirável simplicidade.

Como explicar que os indivíduos mais grosseiros, de espírito mais curto, sejam os mais dados ao amor? E que o amor de um arriero seja mais desejável por vezes que o de um fidalgo? Não será porque neste último as agitações do espírito influem nos meios físicos, desequilibram-nos, cansam-nos, enfadam-nos, como cansam e enfadam a própria alma? Que é que torna essa alma desregrada e a impele à loucura, senão a vivacidade e a agilidade que constituem sua força? Que diferencia a loucura mais sutil da mais sutil sabedoria? Das grandes amizades nascem as grandes inimizades; as saúdes vigorosas são o ponto de partida das doenças mortais; assim também as mais notáveis e belas inteligências podem conduzir às mais sublimes loucuras e extravagâncias. De umas a outras vai apenas um passo. Pelo que são capazes de fazer os loucos, podemos julgar quão próxima da generosidade da alma se encontra a loucura. Quem ignora quanto é imperceptível a linha de demarcação entre a loucura e as inspirações mais ousadas de um espírito completamente livre, ou as resoluções que pode tomar, em dadas circunstâncias, uma virtude excepcional?

Diz Platão que os melancólicos [designava-se assim os esquizóides] são os mais aptos à disciplina e os melhores, mas não há também mais propensos à loucura. Inúmeros espíritos se consomem pela sua própria força e brilho. Assim vimos que, pela fulgurante excitação de seu espírito, se consumiu o mais judicioso, engenhoso e superior de todos os poetas italianos [Tasso, encerrado em um manicômio e que provavelmente Montaigne viu em sua viagem à Itália], na tradição da antiga e pura poesia. Sim, tem de ser grato realmente à vitalidade que o matou! À claridade que o cegou! Ao acertado e constante exercício de suas faculdades que lhe destruiu a razão! À curiosa e laboriosa investigação científica que o levou à loucura! À rara aptidão para os trabalhos do espírito que o deixou sem espírito e sem possibilidade de trabalhar! Ao vê-lo em Ferrara, em tão lamentável estado, não se reconhecendo nem reconhecendo as suas obras que se publicaram sem que as pudesse rever, embora vivo, senti mais despeito pela fragilidade da natureza humana do que compaixão pela sua infelicidade.

Quereis que um homem seja sadio, ponderado em seus atos, com atitudes seguras e firmes? Envolvei-o nas trevas, na ociosidade e evitai que seu espírito trabalhe. Para sermos sensatos, precisamos atoleimarmo-nos; para nos guiarem devem cegar-nos. Dirão que a vantagem de ser pouco sensível às dores e aos males traz consigo o inconveniente de tornar menos requintado o gozo dos bens e prazeres. Com efeito, mas a miséria de nossa condição é causa de que nos cabe fugir mais do que gozar e um prazer total nos impressiona menos do que uma ligeira dor:

"Segnius homines bona quàm mala sentiunt"

"Os homens são menos sensíveis ao prazer do que à dor" [Tito Lívio]

Mal percebemos o bem-estar que acompanha a perfeita saúde, tortura-nos porém a mais insignificante enfermidade.

"Pungit

In cute vix summa violatum plagula corpus,

Quando valere nihil quemquam movet. Hoc juvat unum,

Quód me non torquet latus aut pes : cætera quisquam

Vix queat aut sanum sese, aut sentire valentem"

"Somos sensíveis ao menor arranhão e no entanto a plenitude da saúde deixa-nos indiferentes. Alegriamo-nos com não sermos atormentados pela pleurisia ou a gota, porém mal percebemos que somos sadios e vigorosos" [La Boétie]

Nosso bem-estar consiste em não sentir dores, por isso a seita filosófica que colocou o prazer acima de tudo definiu-o pela ausência do sofrimento. Como dizia Ênio:

"Nimium boni est, cui nihil est mali"

"É este o maior bem que o homem pode esperar".

Essa comichão, essa excitação que nos causam certos prazeres, afiguram-se a um tempo excesso de saúde e de mal-estar. Essa volúpia que nos atrai e a que cedemos, apesar do que comporta de irritante, não terá por objeto aplacar em nós a sensação? O impulso que nos leva às mulheres, obedece tão-somente à necessidade de aplacar o mal-estar que produz em nós o desejo ardente e excessivo; e não visa a outra coisa senão saciá-lo, extinguindo a febre e devolvendo-nos a calma. O mesmo acontece com os demais prazeres. Parece-me, pois, que se a simplicidade de espírito nos induz a preservar-nos do mal, conduz-nos a um estado de felicidade, dada a nossa natureza. Mas que não seja entretanto tão total que se dispa de toda sensibilidade, e Crantor tinha razão em combater essa indiferença preconizada por Epicuro, que a exagerava a ponto de não confessar a existência do mal, mesmo quando por ele atingido: "Não aprovo uma insensibilidade elevada a esse grau, a qual em verdade não existe e não é desejável. Alegro-me não estar doente, mas se o estou quero sabê-lo, e se me cauterizam ou me operam quero sentir". Efetivamente, quem nos tirasse a sensação da dor nos privaria ao mesmo tempo do prazer. Seria em suma o aniquilamento do homem.

"Istud nihil dolere,

***Non sine magna mercede contingit immanitatis in animo,
Stuporis in corpore"***

"Essa indiferença não se conquista sem grande dureza de coração e insensibilidade do corpo" [Cícero]

O mal e o bem revezam-se no homem; a dor não o persegue sem descontinuar e ele não corre sem cessar atrás do prazer. Constitui argumento poderoso em prol da ignorância o fato de a própria ciência nos jogar em seus braços quando não encontra o meio de nos tornar superiores ao sofrimento demasiado intenso. Pois a ciência vê-se forçada a transigir recomendando-nos a ignorância e entregando-nos à proteção dela a fim de nos resguardar contra os golpes e insultos da sorte. Não significa outra coisa o que nos diz a ciência quando nos incita a não pensar em nossos sofrimentos e a recordar os prazeres de outros tempos; quando nos consola dos males presentes com a lembrança das alegrias idas; quando opõe, ao que nos oprime hoje, o que ontem nos deu satisfação:

***"Levationes ægritudinum in avocatione a cogitanda molestia,
Et revocatione ad contemplandas voluptates ponit"***

"Epicuro diz que é preciso obviar aos pensamentos tristes e atentar para os alegres" [Cícero]

Carecendo de força, recorre a ciência à esperteza. E mediante trejeitos e peloticas supre o vigor dos braços. Mas recordar a doçura dos vinhos da Grécia não somente a um filósofo mas simplesmente a um homem sensato em luta contra a febre, eis um estranho remédio bem capaz de piorar a situação:

"Che ricordar si il ben doppia la noia"

"A recordação da felicidade passada duplica a desgraça presente" [Tasso]

De igual natureza é este outro conselho da filosofia: "guarde-se na memória apenas a lembrança das alegrias tidas e apague-se a recordação das tristezas". Como se de nosso arbítrio dependesse o esquecimento! Outra prova de nossa insignificância.

"Suavis est laborum præteritorum memoria"

"Doce é a lembrança das tristezas idas" [Eurípedes]

Então a filosofia que me deve dar armas para combater os azares do destino, que deve temperar-me o carácter para que possa desprezar as adversidades humanas, confessa sua impotência, recorrendo a escapatórias ridículas e covardes? Sim, porque a memória não fixa o que queremos e sim o que lhe apraz. Mais ainda: nada imprime mais profundamente alguma coisa na memória do que o desejo de esquecer. Este é mesmo o melhor meio de gravar em nós alguma coisa. É errado pretender que

***"Est situm in nobis, ut et adversa quasi perpetua oblivione obruamus,
Et secunda jucunde et suaviter meminerimus"***

"Depende de nós enterrar para sempre no olvido as nossas desgraças passadas e lembrar unicamente as alegrias" [Eurípedes, citado por Cícero]

Mas é certo dizer:

"Memini etiam quæ nolo:

Oblivisci non possum quæ volo"

"Lembro-me das coisas que quisera esquecer, e esqueço as que desejava lembrar" [Eurípedes]

E de quem é este princípio? Daquele que

***"Qui genus humanum ingenio superavit, et omnes
Prætrinxit stellas, exortus uti ætherius sol"***

"Superou com seu gênio a raça humana e eclipsou todos os homens, como o sol ao surgir apaga as estrelas" [Lucrecio]

, do "único que entre todos ousou dizer-se sábio" [Cícero]. Esvaziar a memória não será seguir o verdadeiro caminho da ignorância?

"Iners malorum remedium ignorantia est"

"A ignorância que tudo aceita sem discussão é um remédio para os nossos males" [Sêneca]

Outros preceitos há, em virtude dos quais nos é permitido tomar de empréstimo ao vulgo certas aparências frívolas que nos sirvam de consolo. Quando não podem curar a chaga satisfazem-se com atenuar a dor. Creio que ninguém recusaria aceitar, ainda que em troca de certa simplicidade de espírito, uma existência agradável e tranqüila cuja ordem e continuidade se lhe assegurassem:

***”Potare, et spargere flores
Incipiam, patiárque vel inconsultus haberi”***

”Começaria por beber e jogar flores, embora pudesse passar por louco” [Horácio]

Por certo encontraríamos muitos filósofos da opinião de Licas. Este, aliás, de costumes morigerados, vivia calmamente com sua família, cumprindo seus deveres para com os seus e os estranhos, sabendo muito bem evitar o que lhe era prejudicial. Um transtorno qualquer de seus sentidos induziu-o a imaginar que se encontrava sempre no teatro assistindo às mais belas peças. Tendo-o curado os médicos, pouco faltou para que os processasse, a fim de lhe devolverem as delícias da imaginação:

***”Pol me occidistis amici,
Non servastis, ait, cui sic extorta voluptas,
Et demptus per vim mentis gratissimus error”***

”Ah! meus amigos, que fizestes! Salvando-me, vós me matastes, pois me privastes de toda a volúpia extirpando o erro que me encantava a vida” [Horácio]

Trasilau, filho de Pitodoro, sofria de mania semelhante. Imaginava que todos os navios que tocavam no Pireu trabalhavam por conta dele. Alegrava-se quando não se verificavam avarias e acolhia com júbilo a chegada dos barcos. Curando-se, graças a seu irmão Críton, lamentava o passado em que vivera feliz. É o que exprime este verso de um autor grego da antiguidade: ”Há grande vantagem em não ser demasiado sensato” [Sófocles]. E no Eclesiastes se diz: ”Muita sabedoria é fonte de desprazer; quem adquire saber adquire ao mesmo tempo trabalho e tormento”.

Admite geralmente a filosofia, como último remédio para os nossos males, que ponhamos fim à vida, desde que não a possamos suportar:

”Placet? pare: Non placet? Quacumque vis exi”

”Agrada-te a vida? Suporta-a. Estás cansado dela? Sai como quiseres” [Sêneca]

***”Pungit dolor? vel fodiat sane: si nudus es, da jugulum:
Sin tectis armis Vulcaniis, id est fortitudine, resiste”***

”A dor te molesta ou te inferniza? Se não tens defesa, estende o pescoço; mas se trazes as armas de Vulcano, isto é, se és forte, resiste” [Cícero]

E este ditado: ”que beba ou que se vá”, com que costumavam os gregos saudar seus convivas e aplicavam às situações críticas mudando o b em v, como fazem os gascões, que significa senão a confissão da impotência da filosofia? Pois não somente apela para a ignorância, mas também para a estupidez humana, preconizando o abandono de todo sentimento e até da existência:

***”Vivere si rectè nescis, decede peritis.
Lusisti satis, edisti satis, atque bibisti:
Tempus abire tibi est, ne potum largius æquo
Rideat, Et pulset lasciva decentius ætas”***

”Se não sabes como empregar a vida, cede o lugar aos que sabem. Já te divertiste bastante, já comeste e bebeste; está na hora de te aposentares, pois poderias embriagar-te e te tornares alvo do escárnio dos jovens, nos quais o desregramento é mais desculpável do que em homem da tua idade” [Horácio]

***”Democritum postquam matura vetustas
Admonuit memorem, motus languescere mentis:
Sponte sua letho caput obvius obtulit ipse”***

”Demócrito, vendo que os anos lhe haviam enfraquecido as faculdades, matou-se voluntariamente” [Lucrecio]

Antístenes exprime a mesma idéia: ”Fazer provisão de bom senso para viver tranqüilo ou arranjar uma corda para se enforçar”. E Crisipo assegura, a propósito de um verso de Tirteu, que ”é preciso chegar à virtude ou morrer”. Crates dizia igualmente: ”o amor cura-se com a fome ou com o tempo; àqueles a quem nem um nem outro desses meios satisfaz resta o recurso da corda para o pescoço”. Sexto, de quem Sêneca e Plutarco falam com tanta consideração, tudo abandonara para estudar a filosofia. Progredindo lentamente e se prolongando seus estudos, resolveu precipitar-se ao mar. Não podendo alcançar a ciência, matava-se.

Eis os termos da lei dos estoicos: ”se porventura ocorrer alguma desgraça para a qual não tenhamos remédio, o porto está próximo; podemos salvar-nos a nado, abandonando o corpo, como um barco que faz água. É o medo de morrer e não o desejo de viver que retém o louco amarrado ao corpo”.

A simplicidade torna a existência mais agradável e a alma mais pura e melhor. Os simples e os ignorantes, diz São Paulo, elevam-se e conquistam o reino dos céus; nós, com todo o nosso saber, afundamos nos abismos do inferno. Não lembrarei nem Valentiniano, inimigo declarado da ciência e das letras, nem Licínio, ambos imperadores e que as consideravam nocivas como a peste; nem Maomé que, ao que ouvi dizer, proibia o ensino da ciência; mas invocarei o exemplo de Licurgo. A autoridade do legislador merece todo o nosso respeito, como o merece também a divina legislação que ele deu à Lacedemônia, onde durante tanto tempo reinaram a virtude e a felicidade sem que se admitissem o conhecimento e a prática das letras.

Os que voltam desse Novo Mundo que os espanhóis descobriram no tempo de nossos pais, podem testemunhar como esses povos, que não possuem leis nem magistrados, são mais bem governados do que nós com nossos tão numerosos funcionários e leis tão abundantes que ultrapassam em quantidade os atos a serem julgados:

***”Di cittatorie piene et di libelli,
D’esamine et di carte, di procure
Hanno le mani et il seno, et gran fastelli***

***Di chiose, di consigli et di letture,
Per cui le faculta de poverelli
Non sono mai ne le citta sicure,
Hanno dietro et dinanzi et d'ambi i lati,
Nota i procuratori et advocati"***

"Têm as mãos cheias de convocações, requerimentos, informações, procurações e também maços de comentários, pareceres, processos. Com tais indivíduos os infelizes nunca se acham em segurança na sua cidade. São assaltados por todos os lados por uma multidão de escrivães, procuradores, advogados" [Ariosto]

Um senador romano dos últimos séculos do império exprimia a mesma idéia: "nossos antepassados recendiam fortemente a alho, mas tinham o estômago perfumado por uma boa consciência, ao passo que em nossa época as pessoas exalam bom odor, mas por dentro o cheiro é nauseabundo e provém da fermentação de seus vícios". Em outras palavras, com muito saber e capacidade, careciam totalmente de consciência. A falta de educação, a ignorância, a simplicidade de espírito, a franqueza aliam-se em geral à ingenuidade. A curiosidade, a sutileza, o saber acarretam a malícia. A humildade, o temor, a obediência, a bondade elevada até a fraqueza e que constitui o alicerce sobre o qual assenta a conservação da sociedade humana, são peculiares a uma alma vazia, dócil, e presumindo pouco de si.

Os cristãos mais do que os outros sabem a que ponto a curiosidade é um mal natural e original no homem. O desejo de aumentar sua ciência foi a causa primeira da queda do homem, que lhe acarretou a danação eterna. O orgulho perdeu-o e corrompeu-o. É o orgulho que expulsa o homem dos caminhos batidos e o induz a abraçar as novidades, a preferir ser chefe de um bando errante, desviado em uma senda de perdição e professor de erros e mentiras, a ser aluno de uma escola em que se ensine a verdade, e a marchar sob a direção de outrem pela estrada larga que leva direito à meta. É sem dúvida o que exprime esta antiga máxima grega: "a superstição segue o orgulho e lhe obedece como a um pai". Ó presunção, quanto nos prejudicas!

Quando Sócrates foi avisado de que o Deus da sabedoria lhe outorgara o epíteto de sábio, espantou-se. Sondando-se, analisando-se, nada achava suscetível de motivar a declaração da divindade, pois conhecia muitos justos, corajosos, sábios como ele, e mais eloqüentes, mais belos, mais úteis a seu país. Acabou por concluir que o que fazia que fosse sábio era o fato de ele próprio não se considerar sábio; que seu Deus devia encarar como tolice do homem a opinião que este tem de sua ciência e de sua sabedoria; e que a melhor doutrina está na ignorância, como na simplicidade de espírito está a verdadeira sabedoria.

Nossos Evangelhos consideram bem miseráveis os que se superestimam: "És barro e cinza, podes em verdade vangloriar-te?" E ainda: "Deus fez o homem semelhante a uma sombra; que se pode ver dele quando, em se afastando a luz, desaparece a sombra?" Na realidade nada somos.

Muito falta para que possamos atingir as alturas em que paira a divindade, e as obras do Criador que mais evidenciam a Sua presença são as que menos podemos alcançar. Deparar com algo incrível é para o cristão uma oportunidade de crer; tanto mais se aproxima da razão quanto mais escapa à inteligência humana. Se esta o pudesse entender, deixaria de ser milagre, e se fosse análogo a qualquer outra coisa não seria incrível.

"Melius scitur Deus nesciendo"

"Conhece-se melhor Deus não O procurando compreender" [Santo Agostinho]

"Sanctius est ac reverentius de actis Deorum credere quam scire"

"É mais nobre e respeitoso crer que aprofundar os desígnios dos deuses" [Tácito]

Platão igualmente acha até certo ponto irreverente interessar-se alguém, demasiado curiosamente, por Deus, o mundo e as causas primeiras das coisas. E finalmente lemos em Cícero que

***"Atque illum quidem parentem hujus universitatis invenire difficile:
Et, quem jam inveneris, indicare in vulgus, nefas"***

"É difícil conhecer o criador deste universo; e se conseguirmos descobri-lo será impossível torná-lo compreensível ao vulgo".

Deus é poder, verdade, justiça, dizemos nós. Estas palavras sugerem uma idéia de grandeza, mas o que representam realmente nós não o vemos, não o concebemos. Dizemos que Deus tem medo ou está zangado, ou, segundo Lucrecio, que ama

"Immortalia mortali sermone notantes"

"Exprimindo o divino em termos humanos"

São emoções, essas, de que somos suscetíveis mas que não podem existir em Deus como as concebemos, do mesmo modo que não concebemos o que Ele possa sentir. Só Deus tem a possibilidade de Se conhecer e de explicar Seus atos, que não se traduzem senão impropriamente em nossa linguagem, a qual Ele emprega entretanto para, abaixando-Se, descer até nós que jazemos na terra. Como a sabedoria, que constitui um ponto de equilíbrio entre o bem e o mal, poderia ser-Lhe inerente, se nem o bem nem o mal O atingem? Que Lhe importam essa razão e essa inteligência que nos permitem deduzir das coisas que mal conhecemos outras nitidamente definidas, a Ele para quem nada é obscuro?

A justiça que tem por objetivo dar a cada um o que lhe cabe, foi engendrada pelos homens em sociedade e não pode figurar entre os atributos divinos. A temperança, que consiste em moderar o gozo dos prazeres materiais, não tem nenhuma relação com a divindade. A coragem, que nos induz a suportar e enfrentar a dor, o trabalho, os perigos, nada tem tampouco com Deus: as três coisas Lhe são estranhas. São considerações idênticas que levam Aristóteles a julgar que Deus está isento de vícios e virtudes:

***"Neque gratia neque ira teneri potest,
Quód quae talia essent, imbecilla essent omnia"***

"Não é suscetível nem de amor, nem de ódio, porque tais coisas são inerentes aos seres frágeis" [Cícero]

A participação grande ou pequena que temos no conhecimento da verdade, não a obtemos com nossas próprias forças; demonstrou-nos Deus, escolhendo no povo gente simples e ignorante para nos revelar Seus admiráveis segredos. Nossa fé, não a adquirimos; é um presente puríssimo de liberalidade alheia. Não foi pelo raciocínio, pela inteligência, que acolhemos nossa religião; foi porque assim o quis uma autoridade situada fora de nós. Ajuda-nos a fraqueza mais do que a força de nosso juízo, e nossa cegueira mais do que nossa clarividência. Graças à nossa ignorância, mais do que ao nosso saber, temos conhecimento das coisas divinas. Não é de espantar aliás que nossos meios, que são os que recebemos da natureza e se aplicam às coisas da terra, não nos permitam conceber as coisas sobrenaturais e celestes. Tudo o que podemos fazer é submeter-nos e obedecer, pois está escrito: "destruirei a sabedoria dos sábios e deitarei por terra a prudência dos prudentes". Onde está o sábio do século? E o censor? Não reduziu Deus a zero a ciência humana? Pois em não chegando o mundo ao conhecimento de Deus pela ciência, prouve a Deus que, pela prédica dos ignorantes e dos simples, fossem salvos os crentes.

Examinemos, portanto, se está ao alcance do homem encontrar o que procura e se essa procura a que se vem entregando há séculos lhe trouxe alguma força nova, alguma verdade sólida. Creio que reconhecerão, se falarmos honestamente, que tudo o que tirou de tão longa busca foi a certeza de sua impotência. Nesse longo estudo, a ignorância, que nos é naturalmente inerente, ficou confirmada e demonstrada. Aconteceu aos verdadeiros sábios o que se verifica com as espigas de trigo, as quais se erguem orgulhosamente enquanto vazias e, quando se enchem e amadurece o grão, se inclinam e dobram humildemente. Assim esses homens, depois de tudo terem experimentado, sondado e nada haverem encontrado nesse amontoado considerável de coisas tão diversas, renunciaram à sua presunção e reconheceram a sua insignificância. É o que Veleio Patérculo censura a Cota e a Cícero, quando diz: "Aprenderam com Fílon que não aprenderam nada". Ferecidas, um dos sete sábios da Grécia, às vésperas da morte, escrevia a Tales: "Determinei aos meus que, depois de me enterrarem, te entregassem meus escritos. Se te agradarem, a ti e aos outros sábios, publica-os; se não, destrói-os. Nenhuma certeza contém que a mim mesmo satisfaça; aliás não pretendo conhecer a verdade, nem mesmo atingi-la. Entrevejo as coisas mais do que as penetro". Sócrates, o homem mais sábio que já houve, respondeu ao lhe perguntarem o que sabia: "uma coisa – e muito bem: que nada sei". Sua resposta confirma o que se diz comumente, isto é, que por mais que saibamos nada sabemos ao lado do que ignoramos. Em outras palavras, aquilo mesmo que pensamos saber não passa de uma ínfima parcela do que ignoramos.

Conhecemos as coisas, diz Platão, em sonho, mas as ignoramos na realidade,

***"Omnes pene veteres nihil cognosci,
Nihil percipi, nihil sciri posse dixerunt:
Angustus sensus, imbecilles animos, brevia curricula vitae"***

"Porque todos os autores antigos nos disseram que nada podemos conhecer, nada compreender, nada saber, eis que nossos sentidos são limitados, nossa inteligência demasiado frágil, a vida exageradamente curta" [Cícero]

O próprio Cícero, que aufere todo o seu valor de seu saber, principiava, em sua velhice (segundo Valério Máximo) a desprezar as letras. Quando as cultivava, fazia-o sem optar por nenhuma solução, tendendo ora para uma seita ora para outra, segundo o que lhe parecia mais certo, sem contudo se afastar da dúvida da Academia:

***"Dicendum est, sed ita ut nihil affirmem,
Queram omnia, dubitans plerumque Et mihi diffidens"***

"Vou falar, mas sem nada afirmar; tudo investigarei, sempre desconfiado de mim mesmo" [Cícero]

Não teria dificuldade em considerar o homem em sua maneira habitual de ser, mas, se o fizesse, o estaria imitando, julgando a verdade não pelo valor das testemunhas e sim pelo seu número. Deixemos de lado o povo

***"Qui vigilans stertit,
Mortua cui vita est, prope jam vivo atque videnti"***

"Que dorme acordado, e agoniza embora viva e tenha os olhos abertos" [Lucrécio]

, que não se sente, não se julga, e deixa na ociosidade suas faculdades naturais; e vejamos o que de melhor existe na humanidade. Estudemos nessa reduzida plêiade de homens excelentes, selecionados com carinho e que, naturalmente dotados de um espírito particularmente belo, ainda o temperaram e requintaram pela erudição e a arte, elevando-se tão alto quanto o permite a sabedoria humana. Esses indivíduos trabalharam seu espírito de todas as maneiras, por todas as suas facetas, preparando-o para tudo, buscando em todas as fontes suscetíveis de auxiliá-los o que podiam assimilar; enriquecendo-o, enfeitando-o com tudo o que poderia concorrer para seu aperfeiçoamento interior e exterior. Neles a natureza humana alcançou seu mais alto grau de perfeição. Deram ao mundo leis e instituições, desenvolveram as artes e as ciências e ofereceram-lhe os exemplos admiráveis de sua conduta e de seus costumes. Desses invocarei o testemunho e a experiência. Vejamos até onde foram, onde pararam. As enfermidades e falhas que observarmos nessa elite, deveremos julgá-las comuns a todos nós.

Quem procura alguma coisa acaba por declarar, ou que a encontrou ou que não a pôde descobrir, ou que continua a busca. Toda a filosofia tende a uma dessas três conclusões; seu objetivo é procurar a verdade, penetrá-la e vencer-se dela. Os peripatéticos, os epicuristas, os estóicos e outros pensam tê-la encontrado; estabeleceram o rol dos nossos conhecimentos e os consideraram indiscutíveis. Clitômaco, Carnéades e os acadêmicos em geral desesperam de encontrar a verdade e julgam que nossas faculdades são incapazes de descobri-la; daí concluírem pela fraqueza e ignorância do homem. Sua doutrina foi a que mais se expandiu e conta entre seus adeptos os mais nobres espíritos.

Pirro e os outros céticos, cujos dogmas, dizem alguns autores antigos, são tirados de Homero, dos sete sábios, de Arquíloco, de Eurípedes, escola a que se filiam Zenão, Demócrito, Xenófanos, acham que a verdade ainda está por se encontrar. Acham que os que acreditam tê-la descoberto laboram em profundo erro, e os que afirmam não serem as nossas forças capazes de alcançá-

la são, embora em menor grau, demasiado temerários ainda em sua asserção, pois determinar em que medida podemos conhecer as coisas e ajuizar da dificuldade de um tal conhecimento é ciência tão elevada. ultrapassando a tal ponto qualquer outra que duvidam esteja o homem em condições de possuí-la:

***”Nil sciri quisquis putat, id quoque nescit,
An sciri possit, quo se nil scire fatetur”***

”Quem quer que pense que o homem nada pode saber, não sabe sequer se sabemos algo suscetível de afirmarmos que não sabemos nada” [Lucrécio]

A ignorância que se conhece, se julga e se condena não é uma ignorância completa. Para que o fosse, fora necessário que se ignorasse a si mesma, de sorte que a tarefa dos pirrônicos consiste em duvidar das coisas, investigá-las sem afirmar nem assegurar. O espírito concebe, deseja, admite; destas três impressões, aceitam as duas primeiras e mantêm a última em situação ambígua, sem a aprovar por pouco que seja, nem a negar. Essas três faculdades do espírito, representa-as Zenão por gestos: a mão estendida e aberta significaria a aparência das coisas; a mão entreaberta e com os dedos ligeiramente recurvados, o desejo de aprofundar; a mão fechada, a compreensão; a mão esquerda apertando o punho representava a ciência. Essa atitude reta e inflexível de seu espírito, considerando os objetos sem aplicação nem consentimento, encaminha-os para a ataraxia, estado de alma sereno e tranqüilo, inatingível às agitações que nos causam o sentimento e o conhecimento que podemos ter das coisas e que provocam o temor, a avareza, a inveja, os desejos imoderados, a ambição, o orgulho, a superstição, o amor à novidade, a rebeldia, a desobediência, a obstinação, e a maior parte dos males a que está exposto o nosso corpo. Um tal estado de espírito os liberta mesmo da intransigência em relação à sua doutrina, que defendem apenas, não receando ser vencidos em suas discussões. Se sustentam que os corpos buscam o centro de gravidade, aborrece-os nossa aquiescência, pois preferem a contradição para que se engendre a dúvida e se adie o julgamento, o que constitui seu objetivo. Só apresentam proposições no intuito de as opor às que supõem se encontrarem na mente dos adversários. Se adotamos seu ponto de vista, defendem de bom grado a tese contrária: não têm preferência. Se dizemos que a neve é preta, afirmam que é branca; se achamos que não é nem preta nem branca, sustentam logo que é de ambas as cores; se concluímos que não sabemos ao certo o que seja, esforçam-se por demonstrar que o sabemos muito bem. E ainda que pelo raciocínio estabeleçamos de maneira evidente a nossa dúvida, eles discutirão a fim de provar que a dúvida não existe em nós ou que não poderíamos demonstrar que uma tal dúvida tenha fundamento e subsista realmente.

Graças a essa dúvida levada às últimas conseqüências, os pirrônicos dividem-se e se separam quanto às opiniões acerca das questões que tratam, inclusive a respeito da própria dúvida e da ignorância. Por que não lhes seria permitido duvidar, perguntam, quando se concorda em que entre os dogmáticos um possa dizer verde e outro amarelo? Poderá alguém propor-nos que aceitemos ou neguemos alguma coisa, sem que nos seja lícito optar pela dúvida? E enquanto os demais são levados pelos costumes de seu país, sua família, o acaso, como por uma tempestade, sem reflexão nem escolha, às vezes mesmo antes da idade da razão, a tal ou qual opinião, a favor da seita estóica ou da epicurista, às quais se escravizam sem possibilidade de se libertar,

***”Ad quamcumque disciplinam, velut tempestate,
Delati, ad eam, tanquam ad saxum, adhærescunt”***

”Presos a uma qualquer doutrina como se jogados sobre um rochedo pela tempestade” [Cícero]

, por que não lhes dar a eles, pirrônicos, o direito de se conservarem livres, encarando as coisas sem entraves em seu julgamento? Não será muito mais vantajoso ver-se desligado das necessidades que detêm os outros? Não será mil vezes preferível evitar um julgamento a se meter em discussões fantasistas e puramente polêmicas? Que escolher? Se pouco importa e se se trata apenas de escolher, seria grande tolice. É no entanto ao que impele o dogmatismo, o qual não nos autoriza a ignorar o que ignoramos.

Ainda que se adote o melhor partido, nunca será ele tão seguro que não se faça necessário, para defendê-lo, atacar e combater centenas de partidos contrários. Não será melhor ficar fora da confusão? Se a qualquer pessoa se permite defender como a honra e a vida a crença de Aristóteles na eternidade da alma; se se admite que se discuta o ponto de vista de Platão a respeito, por que se há de impedir que duvidem os céticos? Se Panécio se abstém de opinar acerca do conhecimento do futuro pelas entranhas, os sonhos, os oráculos, os vaticínios em que acreditam os estóicos, por que não ousaria um sábio, em relação aos demais assuntos, o que ousa Panécio acerca dos pontos que seus mestres aceitam e aprovam? Se é uma criança que emite um juízo, dizem que o faz por ignorância; se é um sábio, está sendo vítima de suas preocupações.

Assim os pirrônicos levam grande vantagem nas discussões, pois pouco lhes importam os ataques dos adversários, desde que possam atacar também. Tudo lhes serve de argumento; se vencem, nossas razões não têm valor; se ganhamos, as deles é que não prestam; se erram, fica demonstrado que a ignorância existe; se nos enganamos, nós é que fornecemos a prova de sua existência; se conseguem convencer de que nada é certo, confirmam a tese que defendem; se não o conseguem, ei-la naturalmente confirmada:

***”Ut quum in eadem re paria contrariis in partibus momenta inveniuntur,
Facilius ab utraque parte assertio sustineatur”***

”Encontrando a propósito de um mesmo assunto razões idênticas a favor ou contra, é-lhes fácil suspender seu julgamento em um sentido ou noutro” [Cícero]

Consideram que é mais fácil encontrar argumentos para provar que uma coisa é falsa do que para provar que é verdadeira; provar o que não é do que o que é; o que não crêem do que o que crêem. Suas expressões habituais são: ‘não pretendo ter estabelecido que’, ‘não há mais razões para que seja assim do que de outro jeito’, ‘não percebo’, ‘as aparências são iguais em um caso como noutro’, ‘não há como falar mais a favor do que contra’, ‘nada parece verdadeiro que não possa parecer falso’. Sua palavra sacramental é ‘sustento’, isto é, ‘argumento, mas não vou além e não julgo’. Eis seus estribilhos. Disso resulta que,

eludindo decididamente e de maneira absoluta a obrigação de se pronunciar, adiam o julgamento. Só usam a inteligência a fim de descobrir pontos suscetíveis de discussão e de debater, sem jamais optar ou tomar uma decisão. Imagine-se uma contínua confissão de ignorância, um juízo sempre indeciso acerca de todos os assuntos, e ter-se-á a escola de Pirro. Se tento descrever como me é possível esse estado de espírito, é porque muitos não o percebem e mesmo os que escrevem a respeito fizeram-no com obscuridade, de diversas maneiras.

Na vida comum procedem os pirrônicos como todo mundo. Deixam-se levar por seus instintos, tanto quanto pela tirania das paixões; acomodam-se às leis e aos costumes e seguem a tradição das artes.

”Non enim nos Deus ista scire, sed tantummodo uti voluit”

”Pois Deus não quis que penetrássemos o sentido dessas coisas, mas tão-somente que as usássemos” [Cícero]

São guiados pelo que guia os outros, sem externar suas preferências nem emitir juízos. Por isso não me parece muito verossímil o que contam de Pirro, apresentando-o estúpido e inerte, a viver uma existência de selvagem insociável, caminhando sem desviar dos carros ou dos buracos e recusando-se a atentar para as leis. Pintá-lo assim é exagerar. Não quis ele transformar-se em pedra ou tronco; quis ser um homem vivo para discutir, argumentar, gozar as comodidades postas à nossa disposição pela natureza, fazer uso de todas as suas faculdades físicas e mentais honestamente e na medida do permitido. Ao que renunciou, desprezando-o, foi o direito absurdo, imaginário e falso que o homem se arrogou de decretar, ordenar e administrar a verdade. Não há seita filosófica que não seja forçada a praticar e seguir infinidade de preceitos que não compreende nem aceita, se quer viver no mundo. Quando por exemplo quer viajar por mar tem que o fazer sem saber se terá êxito ou não; calcula que o navio é bom, o piloto experimentado, favorável o vento. São probabilidades apenas a que precisa entregar-se, confiando nas aparências. Tem um corpo e uma alma, impelem-no os sentidos, agita-o o espírito. Ainda que não sinta em si essa competência especial de julgar e reconheça que não pode pronunciar-se com segurança, porquanto tudo pode ser falso embora pareça verdadeiro, não deixa de conduzir sua vida nas condições mais cômodas e melhores.

Quantas artes há que assentam em conjeturas mais do que na ciência! Quantas em que a questão do verdadeiro e do falso importa pouco e nas quais o que parece é a única regra! O verdadeiro e o falso existem, dizem os pirrônicos, e temos em nós os meios de o pesquisar, mas não estamos em condições de averiguar o valor do que descobrimos. É melhor para nós não nos entregarmos a buscas vãs e atentarmos tão-somente para a ordem estabelecida neste mundo. Um espírito isento de preconceitos é uma vantagem preciosa para a nossa tranqüilidade. Quem julga e controla seus juízos não se submete jamais convictamente.

Como são mais dóceis e obedientes às leis da religião e às leis políticas os simples de espírito e sem curiosidade, do que os que investigam e dogmatizam acerca das coisas humanas e divinas! Nada do que concerne ao homem apresenta mais incontestável utilidade do que essa simplicidade. Nessa filosofia pirrônica ele aparece nu e vazio, consciente de sua fraqueza natural e suscetível de receber de cima, até certo ponto, a força de que carece. Estranho a todos os conhecimentos humanos, acha-se tanto mais preparado a se tornar um domicílio para a ciência divina; faz abstração de sua própria inteligência a fim de dar maior espaço à fé; crê e não propõe nenhum dogma contrário às leis e aos costumes; humilde, obediente, disciplinado, estudioso, inimigo declarado da heresia, está portanto livre dessas vãs opiniões contrárias à religião e introduzidas pelas seitas dissidentes; é uma página em branco, preparada para receber tudo o que apraz a Deus nela traçar. Valemos tanto mais quanto mais nos submetemos e nos encomendamos a Deus, renunciando a nós mesmos: “Aceita de bom grado e cotidianamente”, diz o Eclesiastes, “as coisas com o aspecto que a teus olhos oferecem; tudo o mais ultrapassa os limites de teu conhecimento”. E reza o salmo:

”Dominus novit cogitationes hominum, quoniam vanæ sunt”

”Deus sabe que os pensamentos dos homens não são senão vaidade”.

Eis como entre as três seitas gerais da filosofia, duas professam expressamente a dúvida e a ignorância; quanto à terceira, a dos dogmáticos, é fácil verificar que, em sua maioria, seus adeptos optaram pela certeza por presunção. Pensaram menos em estabelecer princípios indiscutíveis do que em mostrar a que ponto chegaram na investigação da verdade: “os sábios a imaginam mais do que a conhecem”.

A fim de iniciar Sócrates no que sabe dos deuses, do mundo e dos homens, Timeu propõe-lhe conversar de homem para homem, bastando assim que seus argumentos constituam probabilidades, pois os exatos não estão ao seu alcance nem tampouco nas mãos de nenhum mortal. O que imitou um filósofo da mesma escola:

”Ut potero, explicabo:

Nec tamen, ut Pythius Apollo, certa ut sint et fixa, quæ dixerò:

Sed, ut homunculus, probabilia conjectura sequens”

”Explicar-me-ei como puder; não tomem minhas palavras como oráculos, como se saíssem da boca de Apolo. Frágil mortal, não viso senão ao provável” [Cícero]

Alhures, esse mesmo filósofo traduz o próprio texto de Platão:

”Si forte, de Deorum natura ortuque mundi disserentes,

Minus id quod habemus in animo consequimur, haud erit mirum

Æquum est enim meminisse, et me, qui disseram, hominem esse, et vos qui judicetis:

Ut, si probabilia dicentur, nihil ultra requiratis”

”Se discorrendo sobre a natureza dos deuses e a origem do mundo, eu me explico imperfeitamente, não se espantem; lembrem-se de que eu que lhes falo e vocês que me escutam somos homens e nada mais podemos exigir senão probabilidades”.

Quanto a Aristóteles, apresenta-nos em geral um punhado de opiniões que compara com as suas, a fim de nos mostrar quanto

estas ultrapassam as outras, aproximando-se mais da verossimilhança. Mas não é sobre o testemunho e a autoridade de outrem que a verdade se afirma. E quanto a Epicuro, é de se observar que em seus escritos evita religiosamente qualquer citação.

Aristóteles é o príncipe dos dogmáticos e no entanto por ele ficamos cientes de que muito saber nos leva a duvidar mais ainda. Não raro vemos-o envolver-se, voluntariamente, em uma obscuridade espessa e inextricável, a ponto de não podermos discernir sua opinião. Trata-se na realidade de um pirrônico dissimulado.

Ouçã-se a palavra de Cícero, expondo a idéia essencial dessa escola e a fazendo sua:

***"Qui requirunt, quid de quaque re ipsi sentiamus:
Curiosius id faciunt, quam necesse est. Hæc in philosophia ratio,
Contra omnia disserendi, nullamque rem aperte judicandi, profecta à Socrate,
Repetita ab Arcesila, confirmata a Carneade, usque ad nostram viget ætatem.
Hi sumus, qui omnibus veris falsa quædam adjuncta esse dicamus,
Tanta similitudine, ut in iis nulla insit certe judicandi et assentiendi nota"***

"Os que querem saber o que pensamos de cada coisa são por demais curiosos... Esse princípio, em filosofia, de tudo discutir sem nada afirmar, estabelecido por Sócrates, aceito por Arcesilau, adotado por Carnéades, floresceu até os nossos dias... Somos da escola que diz que o falso por toda parte se mistura ao verdadeiro e a isto se assemelha tanto, que é impossível distingui-lo de um modo preciso".

Por que, não somente Aristóteles, mas também a maioria dos filósofos requintaram em apresentar todas as questões obscuramente, senão para ressaltar a que ponto são ociosas e distrair a nossa curiosidade, dando-nos como pitéu ossos vazios e sem carne para roer? Clitômaco afirma nunca ter conseguido saber qual a opinião de Carnéades pelos seus escritos. É também por esse motivo que Epicuro evitou a clareza nos seus e que os de Heráclito lhe granjearam o apelido de 'Tenebroso'. A obscuridade é moeda que usam os sábios, como os prestidigitadores que ocultam com destrezas e peloticas a inanidade de sua arte, pois com isso o público se acomoda de bom grado:

***"Clarus ob obscuram linguam, magis inter inanes:
Omnia enim stolidi magis admirantur amanti,
Inversis quæ sub verbis latitantia cernunt"***

"É pela obscuridade de sua linguagem que Heráclito conquistou a veneração dos ignorantes. Os tolos, com efeito, só estimam e admiram o que se lhes apresenta em termos enigmáticos" [Lucrécio]

Cícero censura a alguns de seus amigos consagrarem à astronomia, ao direito, à dialética e à geometria mais tempo do que merecem tais ciências, o que os desvia dos deveres da vida a um tempo mais proveitosos e sutis. Os filósofos cirenaicos desprezam também a física e a dialética. Zenão, no início de seus escritos sobre a República declara inúteis todos os ramos da educação liberal.

Crisipo diz, do que Platão e Aristóteles escreveram sobre a lógica, que o fizeram apenas como exercício e passatempo e não acredita que se tenham aplicado a falar seriamente de um assunto tão vazio. Plutarco observa a mesma coisa a respeito da metafísica. Epicuro acrescenta a retórica, a gramática, a poesia, as matemáticas e as outras ciências em geral, excetuada a física. Sócrates igualmente as desprezava todas, afora as que tratam dos costumes e da conduta na vida. O que quer que lhe perguntassem, achava sempre meio de orientar o interlocutor para a vida presente e passada, que ele examinava e julgava, considerando qualquer outro ensinamento subordinado a este, e acessório:

"Parum mihi placeant eæ litteræ quæ ad virtutem doctoribus nihil profuerunt"

"Gosto pouco das letras que nunca tornaram virtuoso quem as pratica" [Salústio]

Em sua maioria as ciências foram desdenhadas por esses grandes pensadores, os quais, contudo, não julgaram fora de propósito nelas exercitar o espírito, embora não pensassem em tirar delas algum proveito sério.

Alguns vêem em Platão um dogmático, outros acham-no cético. Há quem o classifique de certa maneira em certos casos, e de outra em outros. O personagem principal de seus diálogos, Sócrates, suscita sempre várias questões, provoca o debate mas nunca lhe põe fim e nem conclui. Sua ciência, pelo que ele próprio confessa, consiste unicamente em apresentar objeções. Homero, seu precursor, foi o ponto de partida de todas as seitas filosóficas sem distinção, mostrando assim quão pouco lhe importava a maneira de ver de cada um. Dizem que Platão deu origem a dez escolas diferentes; a meu ver, ao lado da sua, não há doutrinas mais indecisas e menos categóricas. Sócrates observava que as parteiras, adotando o ofício de ajudar a procriar, renunciavam elas próprias a engendrar; e o mesmo lhe ocorria. Tendo os deuses feito dele um homem sábio, por amor à humanidade e ao pensamento, desfizera-se da faculdade de engendrar, contentando-se com assistir os que obedecem a essa lei da natureza e com ajudá-los no parto, auxiliando-os a tirar a criança, examinando-a, batizando-a, criando-a, fortalecendo-a, circuncidando-a, pondo seus próprios meios à disposição de outrem.

Em sua maioria, os filósofos desta terceira categoria – e os antigos já o haviam realçado quanto aos escritos de Anaxágoras, Demócrito, Parmênides, Xenófanes e outros investigam mais do que julgam, emprestam voluntariamente a seu estilo a forma dubitativa, mesmo quando o entremeiam de afirmações. O mesmo se verifica em Sêneca e Plutarco, que falam de uma só coisa, ora em um sentido, ora em outro. Os que procuram conciliar os jurisconsultos precisam, antes de tudo, pôr cada um de acordo consigo mesmo.

A preferência que dá Platão, de caso pensado, ao diálogo, parece-me provir do fato de que, pelo diálogo, pondo suas idéias na boca de várias pessoas, pode mais comodamente expô-las em toda a sua diversidade, com todas as sutilezas que comportam.

Tomemos a nós mesmos como exemplo. As decisões da justiça exprimem-se em uma linguagem afirmativa e decisiva ao mais alto grau. Em particular as que nossos tribunais tornam públicas, são eminentemente de natureza a alimentar no povo o

respeito que deve a essa magistratura em razão da capacidade dos que a constituem. Ora, a beleza desses atos não resulta tanto da decisão que contêm (decisões, toma-as diariamente qualquer juiz) quanto dos debates e da apreciação dos argumentos contraditórios que a ciência do direito permite se apresentem.

Assim ocorre também com as mais acaloradas críticas dos filósofos às suas opiniões recíprocas, as mais diversas e contraditórias, nas quais cada qual mais se enreda, seja propositadamente a fim de demonstrar a que ponto o espírito humano vacila, seja por ignorância quando pela sua sutileza a questão foge a seu entendimento.

É o que exprime esta frase encontrada em seus discursos: 'em assunto tão escorregadio evitemos julgar'. Eurípides diz, por sua vez: "a compreensão das obras de Deus, em seus diversos aspectos, é causa de muitos transtornos".

É a mesma idéia que Empédocles, como que tomado de um furor inspirado pelos deuses e forçado a aceitar a verdade, reproduz amiúde em suas obras:

***"Cogitationes mortalium timidae,
Et incertae adinventiones nostrae,
Et providentiae"***

**"Não, não sentimos nada, não vemos nada; tudo se nos
esconde; não há nada cuja existência possamos afirmar"**

E eis o que se escreve no Livro da Sabedoria: "os pensamentos dos mortais são tímidos, sua providência e sua imaginação incertas".

Não há como achar estranho que essa gente, embora desesperando de atingir o objetivo, não tenha renunciado ao prazer de visá-lo. O estudo é em si coisa agradável. Tão agradável que, entre os prazeres proibidos pelos estóicos, figura o que provém dos exercícios do espírito. Querem-no moderado, e saber demasiado é para eles intemperança.

Demócrito, tendo comido figos que sabiam a mel, pôs-se imediatamente a procurar, na memória, de que provinha tão inesperada doçura. A fim de verificá-lo, já se levantava para ir examinar o lugar onde os frutos haviam sido colhidos, quando sua criada, que percebera o motivo da inquietação, lhe disse rindo que não se preocupasse mais, pois fora ela que os colocara em um recipiente em que havia mel. Ele se irritou por lhe sonegarem a oportunidade de pesquisar e de exercitar sua curiosidade: "não é um prazer que me dás", observou, "mas nem por isso deixarei de verificar como isso ocorreu, tal qual tivesse resultado de um efeito da natureza". E naturalmente houvera encontrado uma razão com aparência de verdadeira, a fim de explicar algo que só existia em seu espírito.

Essa anedota acerca de um grande filósofo, exemplifica bem a paixão pelo estudo, capaz de nos induzir ao desespero por termos alcançado o conhecimento das coisas que procurávamos conhecer. Plutarco cita também o exemplo de alguém que se recusava a ser esclarecido acerca de suas dúvidas, para não se privar do prazer de procurar por si próprio. Como aquele que não desejava curar-se da febre, e da sede que ela lhe dava, a fim de não perder o prazer de beber para estancá-la:

"Satius est supervacua discere, quam nihil"

"Mais vale aprender coisas inúteis do que nada aprender" [Sêneca]

Alguns alimentos não passam de prazer, não são nutritivos nem saudáveis, assim também o que nosso espírito obtém da ciência, embora sempre agradável, nem sempre é nutritivo e saudável.

Eis como a tal respeito se expressam esses filósofos: "a contemplação da natureza alimenta o nosso espírito; ela nos eleva e engrandece; faz que diante das coisas de ordem superior e celeste nos desprendamos do que é terrestre e vil. A própria investigação da grandeza que ignoramos é agradável, mesmo se não logramos senão maior respeito por ela e temor em a julgar".

A vã imagem dessa curiosidade doentia evidencia-se ainda melhor neste exemplo muito citado. Eudóxio aspirava a que, pelo menos uma vez, lhe fosse dado ver o sol de perto, a fim de se inteirar de sua estrutura, de sua grandeza e de sua beleza; pedia aos deuses que lhe concedessem esse privilégio, ainda que devesse morrer queimado. Oferecia a vida para adquirir essa ciência de que seria privado no momento mesmo em que a alcançasse; e por esse saber efêmero renunciava a tudo o que já sabia e podia ainda vir a saber.

Duvida que Epicuro, Platão e Pitágoras tenham acreditado seriamente em suas teorias dos átomos, das idéias e dos números; eram demasiado sábios e prudentes para crerem em coisas tão pouco assentadas e tão discutíveis. O que na realidade pode assegurar-se é que, dada a obscuridade das coisas do mundo, cada um desses grandes homens procurou encontrar uma imagem luminosa delas. Seus espíritos acharam explicações que tinham pelo menos uma certa verossimilhança e que, embora não averiguadamente verdadeiras, podiam ser sustentadas contra as idéias contrárias:

"Unicuique ista pro ingenio finguntur, non ex scientiæ vi"

"Esses sistemas são ficções do gênio de cada filósofo e não o resultado de suas descobertas" [Sêneca]

Um antigo, a quem censuravam que se jactasse de ser filósofo quando não levava em conta a filosofia em seus juízos, respondeu "que, nisso precisamente, ela consistia".

Quiseram os filósofos tudo examinar, tudo comparar, e assim encontraram uma ocupação suscetível de alimentar a curiosidade natural que há em nós. Alguns princípios se estabeleceram como evidentes, em benefício e proveito do sossego coletivo, como os das religiões; por isso não aprofundaram demasiado as doutrinas geralmente aceitas, a fim de não engendrar a rebeldia contra as leis e o acatamento dos costumes.

Platão em particular mostra-se muito franco. Quando exprime suas idéias próprias nada afirma. Quando escreve na qualidade de legislador, o seu estilo torna-se preciso e autoritário, propugnando ousadamente as idéias mais extraordinárias que considera útil inculcar no povo e nas quais seria ridículo que acreditasse, sabendo muito bem a que ponto somos inclinados a aceitar as coisas mais absurdas e inadmissíveis. Eis por que em suas leis preocupa-se em recomendar que se recitem em público poesias cujos argumentos sejam úteis, pois sendo fácil despertar no espírito humano fantasmas e fantasias, mais vale se lhes ofereçam

mentiras proveitosas do que inúteis e perniciosas. Assim se exprime abertamente em sua República: "para ser útil aos homens é necessário às vezes enganá-los". Certas seitas, como se pode verificar, apegaram-se sobretudo à verdade; outras, à utilidade. Estas tiveram mais êxito. A miséria de nossa condição faz que aquilo que se nos apresenta como mais verdadeiro nem sempre é o que nos fora mais útil. Assim se observa com as seitas mais ousadas, as de Epicuro, Pirro, e da Academia após as últimas modificações por que passou, as quais se viram forçadas a dobrar-se ante as leis civis.

Os filósofos também se ocuparam de outras questões, que ventilaram em todos os sentidos, cada qual a seu modo, bem ou mal. Como empreenderam falar até das coisas mais recônditas, acharam-se amiúde impelidos a conjecturas sem consistência, não raro extravagantes, que eles próprios não consideravam de valor ou tão-somente úteis ao exercício do estudo:

***"Non tam id sensisse, quod dicerent,
Quam exercere ingenia materiae difficultate videntur voluisse"***

***"Dir-se-ia que escreveram menos por convicção do que
para exercitar o espírito com a dificuldade do assunto"***

Se não admitirmos que assim tenha sido, como explicar então essa tão grande variedade de opiniões, por vezes frívolas, constantemente modificadas, que emitiriam espíritos tão eminentes e admiráveis?

Haverá coisa mais vã do que tentar adivinhar Deus por meio de analogias com o nosso próprio ser? Do que O julgar, e ao mundo, pelas nossas capacidades e as nossas leis? Do que usar a expensas d'Ele a escassa inteligência que Se dignou conceder-nos? E em não podendo a nossa vista atingi-Lo na plenitude de Sua glória, forçamo-Lo a descer e O associamos à nossa corrupção e às nossas misérias!

De todas as opiniões humanas formuladas pelos antigos acerca da religião, parece-me mais verossímil e judiciosa a que faz de Deus uma força que não podemos compreender, dando origem a todas as coisas e as conservando, essencialmente boa, absolutamente perfeita, recebendo e aceitando graciosamente as homenagens que Lhe prestam os homens, sob qualquer forma, nome ou maneira:

***"Jupiter omnipotens rerum, regúmque, Deumque,
Progenitor, genitrixque"***

"Todo-Poderoso Júpiter, pai e mãe do mundo dos deuses e dos reis" [Valério Sorano]

Essas homenagens são sempre bem vistas no céu. Todos os povos se beneficiaram com a prática religiosa, e os homens perversos e as ações ímpias receberam sempre o castigo que mereceram. Os historiadores pagãos reconhecem dignidade, ordem, justiça (com que se beneficiaram e instruíram os povos) nos milagres e oráculos de suas divindades fabulosas. O Criador, em sua infinita misericórdia, dignou-se por vezes fomentar, mediante benefícios temporais, as boas disposições que, com a ajuda da razão, Lhe demonstravam através de falsos ídolos sob os quais O representavam; e não somente falsos mas também injuriosos.

De todos os cultos que São Paulo viu em Atenas, o que se Lhe afigurou mais desculpável foi o que dedicavam a uma "divindade escondida e desconhecida".

De todos os filósofos, Pitágoras foi o que teve mais vivo o sentimento da verdade, ao considerar que essa causa primeira, esse ser-princípio-de-tudo-o-que-é, não se pode exprimir e submeter-se a qualquer regra ou definição; que é talvez o que a nossa imaginação, em seu mais extremado esforço, concebe como perfeição, cada qual ampliando a idéia segundo sua capacidade. Numa quis orientar nesse mesmo sentido a religião de seu povo, torná-lo devoto de uma crença puramente espiritual, sem objetivo determinado, estranha a tudo o que é material. Mas o projeto era impraticável, o espírito humano não podendo satisfazer-se com a vagueza desse infinito abstrato. Ele precisa adaptá-lo a algo preciso, a seu alcance. A majestade divina consentiu em se deixar circunscrever de certo modo dentro de limites naturais: seus sacramentos sobrenaturais e celestiais manifestam-se em condições acessíveis a nós; nossa adoração exprime-se por meio de cerimônias e palavras compreensíveis ao homem, porque é o homem quem crê e reza. Deixo de lado todos os demais argumentos a favor desta tese: a simples vista do nosso crucifixo, a reprodução desse suplício que desperta a piedade, os ornatos e a pompa do culto em nossas igrejas, as vozes que tão exatamente traduzem nossa devoção, a emoção de nossos sentidos, incutem na alma das multidões uma paixão religiosa real.

Se tivesse tido que escolher entre as divindades que naqueles tempos de cegueira universal a necessidade criou, parece-me que houvera seguido os que adoravam o sol.

***"la lumiere commune,
L'oeil du monde : et si Dieu au chef porte des yeux,
Les rayons du Soleil sont ses yeux radieux,
Qui donnent vie à tous, nous maintiennent et gardent,
Et les faits des humains en ce monde regardent:
Ce beau, ce grand soleil, qui nous faict les saisons,
Selon qu'il entre ou sort de ses douze maisons:
Qui remplit l'univers de ses vertus cognues:
Qui d'un traict de ses yeux nous dissipe les nuës:
L'esprit, l'ame du monde, ardant et flamboyant,
En la course d'un jour tout le Ciel tournoyant,
Plein d'immense grandeur, rond, vagabond et ferme:
Lequel tient dessous luy tout le monde pour terme:
En repos sans repos, oysif, Et sans sejour,
Fils aîné de nature, et le pere du jour"***

"Luz de todos, olho do mundo. Se Deus tem olhos, os raios do sol são esses olhos radiosos que a todos dão vida, crescimento e proteção, e contemplam no mundo os feitos dos homens. Esse belo e grande sol que faz as estações segundo entra ou sai de suas doze casas; que enche o universo com suas virtudes; um só de seus olhares dissipa as nuvens. Espírito, alma do mundo ardente e flamejante, percorrendo o inteiro céu em um só dia, enorme e redondo, vagabundo e reto, mantendo em sua dependência o mundo todo, sempre em repouso e sempre em ação. Filho mais velho da natureza, e pai do dia" [Ronsard]

Além de sua grandeza e beleza é, dentre as peças que entram na estrutura do mundo, a que se encontra mais longe de nós e portanto a que menos conhecemos. Por isso eram desculpáveis os que admiravam e veneravam o sol.

Tales, o primeiro a estudar o assunto, achava que Deus é um espírito que tirou da água todas as coisas. Para Anaximandro os deuses nascem e morrem em certas épocas e constituem mundos cujo número é infinito. Anaxímenes pensa que Deus é ar, existe em quantidade incomensurável e está sempre em movimento. Anaxágoras foi o primeiro a afirmar que a maneira pela qual alguma coisa existe e se conduz decorre da força e da razão de um espírito que não podemos conceber. Alcmeon classifica entre as divindades o sol, a lua, os astros, e a alma. Pitágoras atribui a qualidade divina a um espírito que existe naturalmente em todas as coisas e do qual nascem nossas almas. Parmênides vê Deus em um círculo que envolve o céu e sustenta o mundo pela intensidade de sua luz. Empédocles coloca ao nível dos deuses os quatro elementos: o ar, a água, o fogo e a terra de que são feitas todas as coisas. Protágoras declara não poder dizer se existem ou não, nem o que são. Demócrito define como deuses ora as próprias imagens que os representam, ora os dons da natureza que elas simbolizam, bem como nosso saber e nossa inteligência. Platão tem a respeito diversas maneiras de ver. No Timeu, é de opinião que não se pode dizer quem criou o mundo. Nas Leis, que não adianta indagar o que seja Deus. Em outros trechos de suas obras diviniza o mundo, o céu, os astros, a terra, as almas; reconhece ademais, como deuses, tudo o que as antigas instituições admitiram como divindades. Por intermédio de Xenofonte, deparamos com semelhante hesitação na doutrina de Sócrates: ora acha que não se deve investigar a essência de Deus, ou diz que o sol é Deus, ou que o é a alma; ora é único, ora há mais de um. Segundo Espeusipo, sobrinho de Platão, Deus é uma força animada que governa todas as coisas. Aristóteles, em dado momento, diviniza o espírito; em outro, o mundo; alhures, a esse mundo dá um senhor, ou diviniza o calor do céu. Xenócrates enumera oito deuses: os cinco planetas conhecidos em seu tempo, um sexto constituído pelo conjunto das estrelas fixas, sendo cada uma delas fração da divindade; e mais o sol e a lua. Heraclides Pôntico, hesitando entre várias opiniões, chega a considerar Deus um ser desprovido de sentimentos e passando de uma forma a outra. Afinal faz deuses a terra e o céu. As idéias de Teofrastes refletem idêntica indecisão: ora, a seu ver, é o bom senso que dirige o mundo; ora é o céu; ora são as estrelas. Estráton pensa que a natureza tem o poder de engendrar, fazer crescer, aniquilar, sem ter ela própria uma forma definida nem a faculdade de sentir. Zenão acha que o mundo resulta de uma lei natural que ordena o bem, proíbe o mal e tem poder de produzir movimento e vida; e com isso derruba de seus pedestais os deuses que está habituado a ver: Júpiter, Juno, Vesta. Para Diógenes, de Apolônia, é o ar o criador de todas as coisas. Xenófanes representa Deus sob a forma de uma bola vidente e inteligível, mas não respirando e nada tendo em comum com a natureza humana. Aríston é de parecer que Deus escapa à nossa inteligência; ele O representa desprovido de sentidos, não sabe se tem poder criador e ignora tudo d'Ele. Cleantes vê n'Ele a razão, ou o próprio mundo, ou a alma da natureza, ou, ainda, o calor supremamente vivificante que tudo envolve. Perseu, que aprendeu as lições de Zenão, diz que chamaram deuses aos homens que foram particularmente úteis à humanidade e através deles às coisas inventadas ou descobertas. Crisipo faz um amálgama confuso das opiniões precedentes, e obtém assim um milhar de deuses de todos os tipos, entre os quais os homens que se immortalizaram. Diágoras e Teodoro os representam resplendentes, translúcidos, permeáveis ao ar, habitando entre os dois mundos do céu e da terra, onde, inacessíveis, estão ao abrigo de tudo. Teriam rostos como os nossos e também membros de que, no entanto, não se serviriam:

***"Ego Deum genus esse semper duxi,
Et dicam caelium,
Sed eos non curare opinor, quid agat humanum genus"***

"Quanto a mim, sempre pensei que existisse uma raça de deuses.
Explico-me: uma raça celeste, indiferente aos atos dos homens" [Ênio]

Depois disso, ide confiar na filosofia! Vangloriai-vos de terdes encontrado a fava no bolo, descoberto a verdade nessa barafunda de concepções contraditórias! A confusão das idéias humanas fez que os múltiplos costumes e crenças opostos aos meus, mais me instruissem do que me contrariassem. Não me envaidecem tanto quanto me humilham e não são causa, ademais, de que tudo aquilo que não vem expressamente de Deus, eu o considere como sem fundamento. As instituições deste mundo tanto quanto as escolas estão em contradição entre si, daí poderemos deduzir que o acaso não é mais diverso e variável do que a razão, nem mais cego e imponderável.

As coisas que mais ignoramos são as mais adequadas à divinização; por isso fazer de nós mesmos deuses, ultrapassa a fragilidade, por grande que seja, de nossa inteligência. Neste ponto, teria seguido de preferência os que adoravam a serpente, o cão, o boi, pois a natureza desses animais nos é menos conhecida do que a nossa e por conseguinte é mais lógico que pensemos o que quisermos dos animais e lhes outorguemos faculdades extraordinárias. Porém ter feito deuses de seres como nós, com as imperfeições que conhecemos; ter-lhes atribuído nossos desejos, cóleras e vinganças; tê-los feito casar, procriar e constituir família; amar, ter ciúmes, carne e ossos, e idêntica organização física; sujeitá-los às febres, ao prazer, à morte; dar-lhes sepultura como a nós mesmos,

***"Quae procul usque adeo divino ab numine distant,
Inque Deum numero quae sint indigna videri".***

"Coisas indignas dos deuses e que nada têm em comum com sua natureza" [Lucrécio]

”Formæ, ætates, vestitus, ornatus noti sunt:

Genera, conjugia, cognationes, omniâque traducta ad similitudinem imbecillitatis humanæ:

Nam et perturbatis animis inducuntur : accipimus enim

Deorum cupiditates, ægritudines, iracundias”

”Dar as características desses deuses, sua idade, os ornatos de suas vestes, sua genealogia, enumerar seus casamentos, suas alianças; ombreá-los com a tolice humana; torná-los acessíveis às mesmas paixões, tristezas e cóleras” [Cícero]

; é prova de incrível imaginação, da mesma forma que haver divinizado, não somente a fé, a virtude, a honra, a concórdia, a liberdade, a vitória, a piedade, mas também a volúpia, a fraude, a morte, a inveja, a velhice, a miséria, o medo, as febres, o azar e outras enfermidades de nossa existência frágil e decrepita.

”Quid juvat hoc, templis nostros inducere mores?

O curvæ in terris animæ Et coelestium inanes!”

”Para que introduzir em nossos templos a corrupção dos costumes, ó almas presas à terra e vazias de pensamentos celestiais?” [Cícero]

Os egípcios, com uma prudência cínica, proibiam, sob pena de enforcamento, que alguém dissesse que Serápis e Ísis tivessem sido homens outrora, o que ninguém ignorava. As imagens desses deuses representavam-nos com um dedo nos lábios, o que, segundo Varro, lembrava a seus sacerdotes essa misteriosa determinação que lhes prescrevia se calassem acerca dessa origem mortal, como medida necessária à veneração de que deviam ser objeto. Se era tão vivo nos homens o desejo de se igualarem a Deus, diz Cícero, melhor houveram feito apropriando-se das qualidades divinas e forçando-as a descer à terra do que enviando aos céus sua corrupção e sua miséria. Na realidade, impelidos sempre pela vaidade, fizeram ambas as coisas.

Não posso acreditar que os filósofos falem seriamente quando discutem a preeminência dos deuses entre si, e se esforçam por realçar suas alianças, suas funções, seu poder. Quando Platão nos descreve pormenorizadamente o vergel de Plutão, as vantagens e castigos corporais que nos aguardam ainda após a ruína e aniquilamento do corpo, bem como a relação que existe entre o que nos reserva o outro mundo e a nossa vida neste;

”Secreti celant calles, et myrtea circùm

Sylva tegit, curæ non ipsa in morte relinquunt”

”Lá no fundo de um bosque de mirtos a que conduzem atalhos perdidos, escondem-se as vítimas do amor; a própria morte não os libertou de suas preocupações” [Virgílio]

; quando Maomé promete aos seus um paraíso coberto de tapetes, bordado de ouro e pedras preciosas, povoado por cortesãs da mais requintada beleza, com vinhos e acepipes deliciosos, vejo logo que se divertem ambos. Colocam-se ao nível de nossa estupidez para nos engabelar e nos seduzir com idéias e esperanças adequadas a nossos apetites de pobres mortais que somos! Alguns, entre nós cristãos, laboraram em erro semelhante, prometendo, após a ressurreição, uma nova vida terrestre e física, acompanhada de todos os prazeres e comodidades deste mundo. Podemos nós acreditar que Platão, cujas concepções foram tão elevadas, que se aproximou da divindade a ponto de ser tachado de divino, haja pensado que o homem, essa misérrima criatura, tivesse em si algo desse poder que não compreendemos? E tenha imaginado, dado o pouco de que somos capazes e dada a nossa fraqueza, que pudéssemos participar da beatitude eterna ou ser punidos com castigos infundáveis?

Cumprir responder-lhe com a razão humana: se os prazeres que nos prometes na outra vida são os que gozamos nesta, nada têm eles em comum com o infinito. Ainda que nossos cinco sentidos recebessem plena satisfação, que nossa alma experimentasse todo o contentamento que pode desejar e esperar – e bem sabemos o de que é capaz – tudo isso não seria nada. Se alguma coisa sobrar de nós, nada terá de divino. Se não passar do que temos nas condições presentes, não valerá a pena. Tudo o que nos é motivo de satisfação antes da morte, é mortal como nós. Se no outro mundo, encontrando parentes, filhos, amigos, isso nos puder comover e ser agradável, não teremos deixado de ser sensíveis às satisfações terrestres de duração limitada. Não podemos conceber dignamente a grandeza das altas e divinas promessas que nos foram feitas, a nós cristãos, se delas temos uma concepção qualquer. Para as imaginarmos como são, é-nos imprescindível imaginá-las inimagináveis, inexperimentais, incompreensíveis e essencialmente diferentes daquelas de que tivemos uma miserável experiência. O olho não pode conceber a felicidade que Deus destina a seus eleitos. Se, para nos tornarmos dignos dela corrigimos e transformamos nosso ser, como supõe Platão, por meio de purificações que imagina, a mudança operada deve ser tão radical e total que, do ponto de vista físico, cessaremos de ser nós mesmos:

”Hector erat tunc cum bello certabat, at ille

Tractus ab Æmonio non erat Hector equo”

”Heitor era bem Heitor, enquanto vivia e lutava; mas seu cadáver arrastado pelos cavalos de Aquiles não era mais Heitor” [Ovídio]

; e será outra coisa, que não nós, que receberá tais recompensas:

”Quod mutatur, dissolvitur, interit ergo:

Trajiciuntur enim partes atque ordine migrant”

”O que muda, dissolve-se e portanto perece; na realidade, desintegradas as partes, não há mais corpo” [Lucrecio]

Acreditamos, por exemplo, que, segundo a metempsicose de Pitágoras, o leão para o qual passou a alma de César tenha as suas paixões e seja ele próprio? Se isso ocorresse, teriam razão os que, sustentando essa idéia contra as doutrinas de Platão, a respeito, objetam que poderia então ocorrer um filho cavalgar sua mãe transformada em égua – e outros absurdos semelhantes. Poderíamos admitir que, embora a passagem se efetuasse de certos animais a outros da mesma espécie, não fossem estes

diferentes daqueles? Das cinzas de uma fênix nasce, dizem, um verme, o qual se transforma em outra fênix. Quem dirá que esta não é diferente da outra? Os bichos que fabricam a seda, vemo-los morrerem e secarem e de seus corpos nascer uma borboleta, a qual dá nascimento a um verme que fora ridículo julgar ser o mesmo que deu origem à borboleta. O que deixou de ser uma vez, não é mais.

***”Nec si materiam nostram collegerit cetas
Post obitum, rursúmque redegerit, ut sita nunc est,
Atque iterum nobis fuerint data lumina vitæ,
Pertineat quidquam tamen ad nos id quodque factum,
Interrupta semel cùm sit repentia nostra”***

”Ainda que o tempo juntasse a matéria de nosso corpo depois de desfeito e o reconstituísse tal qual é, e lhe devolvesse a vida, já não seríamos nós, por isso que houve interrupção no curso da existência” [Lucrécio]

E quando, ahures, diz Platão que a parte espiritual do homem é que deverá gozar as recompensas da outra vida, a asserção parece igualmente pouco plausível:

***”Scilicet avolsis radicibus ut nequit ullam
Displicere ipse oculus rem seorsum corpore toto”***

”O olho arrancado de sua órbita e separado do corpo não pode mais ver um objeto” [Lucrécio]

Com efeito, não será mais então o homem, não seremos mais nós, porquanto somos constituídos de duas peças principais e essenciais cuja separação determina a morte e a ruína de nosso ser:

***”Inter enim jacta est vitæ pausa, vagéque
Deerrarunt passim motus ab sensibus omnes”***

”Desde que se interrompe a vida, nossos sentidos perdem sua possibilidade de ação” [Lucrécio]

Dizemos que o homem sofre quando os vermes lhe roem os membros que proviam à sua existência?

***”Et nihil hoc ad nos, qui coitu conjugióque
Corporis atque animæ consistimus uniter apti”***

”Isso não nos perturba porque somos um todo formado pela união da alma e do corpo” [Lucrécio]

Mais ainda: em que hão de basear-se os deuses para, com justiça, reconhecer e recompensar no homem, depois da morte, os atos bons e virtuosos, se eles próprios os prepararam e os provocaram nele? E por que se ofenderiam com os atos viciosos e os puniriam se eles próprios assim criaram esse homem quando, em o querendo, poderiam impedi-lo de pecar? Estas objeções, Epicuro não as oporia a Platão, com aparência de razão humana, se já não se tivesse posto a coberto declarando que: é impossível dizer algo certo acerca da natureza imortal, tomando como ponto de partida a natureza mortal.

Em tudo a nossa razão se confunde, e mais ainda quando se mete a divisar as coisas divinas. Quem mais do que nós, cristãos, pode melhor convencer-se disso, embora lhe tenhamos dado, para se conduzir, princípios certos e infalíveis? Apesar de lhe iluminar os passos com a tocha sagrada da verdade que prova a Deus comunicar-nos, não a vemos diariamente, por pouco que se desvie da senda habitual, afastar-se do que determina a Igreja, sem a qual ela perde a direção, e se entrava, girando e flutuando ao léu nesse vasto mar perturbado e instável das opiniões humanas? Desde que abandone o caminho por todos seguidos, vai-se dividindo e dissolvendo por mil atalhos diversos.

O homem não pode ser senão o que é, e sua imaginação só pode exercitar-se dentro dos limites a seu alcance. E diz Plutarco: tem maior presunção quem, não sendo senão homem, fala e devaneia acerca de deuses e semideuses do que quem, ignorando música, julga os que cantam; ou, ainda, quem nunca tendo estado em campos de batalha, discute armas e guerra, imaginando, porque possui algumas noções do assunto, estar apto para compreender os resultados de uma arte que desconhece.

A meu ver a antiguidade pensou glorificar a divindade, colocando-a ao nível do homem, revestindo-a de faculdades humanas, atribuindo-lhe os nossos caprichos e provendo-a das necessidades que comprovam nossa fraqueza. Assim, ofereceram aos deuses manjares para que comessem, bailados e farsas para que se divertissem, vestimentas para que se cobrissem; casas para que morassem, e incenso e música, e guirlandas, e, a fim de melhor acomodá-los às nossas viciosas paixões, invocaram-lhes a justiça imolando vítimas humanas, procurando fazer que se regozijassem com a ruína e a dissipação das coisas que eles criaram e lhes devem a existência. Assim, Tibério Semprônio mandou queimar em homenagem a Vulcano os ricos despojos de armas que tomara ao inimigo; Paulo Emílio sacrificou as da Macedônia a Marte e a Minerva; Alexandre, o Grande, alcançando o mar Negro, jogou nas águas inúmeros vasos de ouro de grandes dimensões como homenagem a Tétis, imolando também em seus altares não somente quantidade de animais mas também de homens, numa verdadeira carnificina, como é dos costumes de muitos povos, inclusive do nosso. Talvez não haja mesmo nenhum que tenha ignorado nossa prática:

***”Sulmone creatos
Quattuor hic juvenes totidem, quos educat Ufens,
Viventes rapit, inferias quos immolet umbris”***

”Arrebata quatro jovens guerreiros, filhos de Sulmone, e quatro outros crescidos à margem do Ufens para os imolar aos manes de Pales” [Virgílio]

Os getas consideravam-se imortais e morrer era, para eles, ir ao encontro de seu deus Zálmoxis. De cinco em cinco anos despachavam-lhe um dos seus, a fim de que se certificasse das coisas necessárias à vida. Esse deputado era sorteado e sua partida assim se efetuava: depois de aqueles a quem cabia proceder à cerimônia lhe comunicarem verbalmente a resolução, três dentre eles mantinham as lanças voltadas para o sorteado, enquanto os outros o jogavam de encontro a elas com violência. Se morresse imediatamente, era sinal de que o deus estava favoravelmente disposto; se escapasse, o mensageiro não servia. Despachavam então outro, procedendo-se de igual modo.

Améstris, mãe [na verdade, esposa] de Xerxes, já em idade avançada, mandou enterrar vivos catorze jovens das principais famílias persas a fim de render graças a algum deus subterrâneo, segundo os costumes do país.

Hoje ainda, os ídolos de Tenochtitlán constroem-se cimentando com sangue de crianças os materiais que entram em sua composição, e tais deuses não aceitam sacrifícios que não sejam dessas criaturas sem mancha. Justiça sedenta de sangue inocente!

”Tantum religio potuit suadere malorum”

”Quantos crimes cometeu a superstição” [Lucrécio]

Os cartagineses imolavam seus próprios filhos a Saturno. Os que não tinham filhos, compravam-nos. E os pais eram obrigados a assistir alegremente ao holocausto. Estranha idéia a de querer obter as graças dos deuses por meio do sofrimento, como os lacedemônios que, para serem agradáveis a Diana, martirizavam os jovens, açoitando-os em honra da deusa, por vezes até a morte. Era um sentimento bárbaro esse de querer agradecer ao arquiteto em lhe destruindo a obra, bem como esse de, para poupar aos culpados o merecido castigo, atingir os inocentes, como se verificou no porto de Áulide com essa infeliz Ifigênia, imolada a fim de resgatar com a morte as ofensas feitas aos deuses pelos exércitos gregos:

”Et casta inceste nubendi tempore in ipso

Hostia concideret mactatu moesta parentis”

”Casta e infortunada vítima que no próprio momento de seu himeneu foi imolada pela mão criminosa de seu pai” [Lucrécio]

E os dois Décios, pai e filho, de tão belas e generosas almas, precipitaram-se no seio do inimigo para conquistar os favores dos deuses em benefício de Roma:

”Quae fuit tanta Deorum iniquitas, ut placari populo Romano

Non possent, nisi tales viri occidissent”

”Que injustiça a dos deuses, em só consentirem em ser favoráveis aos romanos à custa do sangue de homens de tal têmpera!” [Cícero]

Acrescentemos que não cabe ao criminoso fazer-se açoitado, quanto e como lhe convenha; cumpre ao juiz ordená-lo, levando em conta no castigo somente a pena que prescreveu e não ponderando a que o culpado se impôs voluntariamente. A justiça divina pressupõe nisso total dissidência, não só ante sua decisão como ante nossa desgraça.

Ridícula é a idéia que teve Polícrates, tirano de Samos, que, para acabar com sua permanente felicidade, e compensá-la, jogou ao mar a mais preciosa de suas jóias, pensando com esse transtorno livremente aceito satisfazer as vicissitudes do destino! E este, ridicularizando-o, devolveu-lha no ventre de um peixe. Que utilidade podia ter, para os coribantes, rasgarem-se as carnes e se esquartejarem? E, hoje em dia, de que serve a certos maometanos mutilarem o rosto, o pênis ou o estômago pensando render homenagem ao seu profeta? A ofensa está na intenção e não no peito, nos olhos, nas partes genitais, nos ombros ou na garganta:

”Tantum est perturbatae mentis Et sedibus suis pulsae furor,

Ut sic dii placentur, quemadmodum ne homines quidem saeviant”

”Tal a perturbação de seu espírito que, fora de si, em seu delírio, pensam apaziguar os deuses ultrapassando todas as crueldades dos homens” [Santo Agostinho]

Cumpre resguardar o nosso físico, não apenas por nós mesmos, mas por Deus e para os outros homens. Não temos o direito de comprometer-lo conscientemente, como, por exemplo, nos matando sob qualquer pretexto. Parece-me grande traição profanar e degradar as funções do corpo, em si mesmas inconscientes e dependentes da alma, a fim de evitar que esta as dirija com toda a solicitude que a razão determina:

”Ubi iratos Deos timent, qui sic propitios habere merentur.

In regiae libidinis voluptatem castrati sunt quidam;

Sed nemo sibi, ne vir esset, jubente Domino, manus intulit”

”Com o que pensam que se irritam os deuses, aqueles que os tentam assim apaziguar?... Homens foram castrados para atenderem ao prazer dos reis, mas nunca um escravo se mutilou a si próprio em obediência a seu dono” [Santo Agostinho]

Assim foi que os antigos introduziram em sua religião várias práticas condenáveis:

”Saepius olim

Religio peperit scelerosa atque impia facta”

”Outrora a religião, as mais das vezes, inspirava o crime e a impiedade” [Lucrécio]

Nada do que está em nós pode atribuir-se ou assimilar-se, de qualquer maneira, à natureza divina, sem a manchar ou lhe imprimir a marca de nossa imperfeição. Como essa beleza, esse poder, essa bondade infinita, poderíamos, sem experimentar um prejuízo extremo, sem diminuição de sua divina grandeza, aceitar uma semelhança qualquer com a coisa abjeta que nós somos?

”Infirnum Dei fortius est hominibus:

Et stultum Dei sapientius est hominibus”

”Deus fraco é mais forte do que o homem no esplendor de sua força; sua loucura é mais sábia do que nossa sabedoria” [São Paulo]

Estilpon, o filósofo, a quem perguntaram se os deuses se regozijavam com nossas homenagens e nossos sacrifícios, respondeu: “Sois indiscretos; retiremo-nos alhures para falar desse assunto”. No entanto estabelecemos limites a essa natureza divina, restringimos-lhe o poder emprestando-lhe nossa maneira de raciocinar (nossos devaneios, nossos sonhos, como diz a filosofia; “o próprio louco e o perverso têm sua razão, mas é uma razão especial”); queremos submetê-la às concepções de nosso espírito tão frívolo e tão frágil, ela que criou a nós e o que sabemos. Porque nada se faz de nada, Deus não teria podido criar o mundo

do nada! Ter-nos-ia Ele entregue as chaves de Seu poder e Se teria comprometido a não ultrapassar nossa ciência? Admitamos, ó homem, que tenhas conseguido assenhorear-te de alguns vestígios do que Ele fez; imaginas que Ele haja dado tudo o que pode dar, empregado todas as formas possíveis, esgotado todas as idéias? Só enxergas a ordem e a regra que reinam no porão em que te alojas, se é que as enxergas. Mas a jurisdição de Sua divindade estende-se muito além, ao infinito, ao lado do qual o espaço que abarcas nada representa:

***”Omnia cùm coelo terráque marique,
Nil sunt ad summam summã totius omnem”***

”O céu, a terra e o mar juntos, nada são ao lado da universalidade do grande Todo” [Lucrécio]

A lei que invocas diz respeito apenas à esfera em que vives; não conheces a lei universal. Ocupa-te com o que te concerne e não com Deus, que não é teu confrade, nem teu concidadão, nem teu companheiro. Se Ele Se comunicou um pouco contigo, não foi para abaixar-Se até a tua pequenez, nem para que Lhe controles o poder; o corpo humano não pode voar, assim essa comunicação não se estende ao que não compreendes. O sol cumpre sem parar a sua tarefa habitual; não se confundem os limites do mar e da terra; a água é mole e não oferece resistência; um muro são será, sem perfuração, penetrado por um corpo sólido; o homem não pode conservar a vida nas chamas; ele não pode estar ao mesmo tempo presente no céu, na terra e em mil lugares diversos; mas essas leis, foi para ti somente que Deus as fez, somente a ti elas obrigam. Ele próprio forneceu aos cristãos a prova de que nenhuma o detém quando Ele o quer. E em verdade, todo-poderoso que é, por que teria renunciado a esse privilégio? Em nada alcança a tua razão maior verossimilhança nem fundamento mais sólido do que quando te convences da pluralidade dos mundos:

***”Terrámque et solem, lunam, mare, cætera quæ sunt,
Non esse unica, sed numero magis innumerali”***

”A terra, o sol, a lua, o mar e tudo o que existe, não são únicos em seu gênero; são em número infinito” [Lucrécio]

Os mais famosos espíritos do passado assim pensaram e também alguns do presente. Levou-os a tal convicção a razão humana, por isso que em nosso universo nada se encontra isolado e único.

***”Cum in summa res nulla sit una,
Unica quæ gignatur, et unica soláque crescat”***

”Não há na natureza um só ser que não tenha seu semelhante, que nasça e cresça isolado” [Lucrécio]

Todas as espécies existem em número mais ou menos variado, o que nos induz a crer que não seja este mundo a única obra isolada de Deus, nem que a matéria de que se serviu para criá-lo se haja esgotado,

***”Quare etiam atque etiam tales fateare necesse est,
Esse alios alibi congressus materiã,
Qualis hic est avido complexu quem tenet æther”***

”Devemos portanto concordar em que há alhures outros conjuntos de matérias, análogos a este que o éter abraça” [Lucrécio]

, principalmente se essa obra traz em si a vida, como é de se acreditar pelos seus movimentos, o que Platão assegura e muitos dos nossos o confirmam; ou não o ousam negar. Não parece tampouco inverossímil a concepção antiga de que o céu, as estrelas e as demais partes do universo se constituam de um corpo e de uma alma mortais, quanto aos elementos que os compõem, mas imortais pela vontade do Criador. Ora, se há vários mundos, como pensavam Demócrito, Epicuro e quase todos os filósofos, poderemos saber se os princípios e regras que presidem ao nosso são os mesmos nos outros? Talvez sejam diferentes seu aspecto e sua conformação. Epicuro admite-os semelhantes mas também diversos. Neste nosso mundo percebemos uma infinidade de variedades por causa da distância que nos separa delas. No pedaço de terra recém-descoberto por nossos pais não há trigo nem vinho, nem nenhum dos nossos animais. Tudo é diferente. E vede, no passado, em quantos países não se conheciam Baco e Ceres. A acreditar-se em Plínio e Heródoto, existem, em certas regiões, homens que quase não se assemelham a nós. Em outras participam, pela sua conformação bastarda, do ser humano e do animal. Haveria regiões onde os homens nascem sem cabeça, com os olhos e a boca no peito; outras onde cada indivíduo reúne em si ambos os sexos; outras onde andam de quatro; outras onde têm um só olho na testa e cuja cabeça se assemelha à do cão; outras onde a parte inferior dos seres que vivem dentro da água se parece com a de um peixe; outras onde os homens têm a cabeça tão dura e a pele da fronte tão resistente que o ferro não fere; outras onde eles não têm barba; outras onde o fogo é desconhecido; e há ainda regiões onde o esperma do indivíduo é preto; e, outras mais, onde o homem se transforma naturalmente em lobo ou em mula e volta a ser homem. Se tais asserções são exatas e se, como diz Plutarco, em alguns lugares da Índia há homens sem boca que se alimentam respirando certos perfumes, quantos erros se deparariam em nossas descrições da espécie humana? Se não se trata de zombaria, tais homens não devem provavelmente ser dotados de razão, nem capazes de viver em sociedade. Em todo caso as regras de nossa organização interior não lhes seriam em sua maioria aplicáveis. Ademais, quantas coisas conhecemos que se chocam com essas belas regras que nós mesmos traçamos e atribuímos à natureza! E desejaríamos submeter-lhes o próprio Criador! Quantas coisas se consideram milagrosas e antinaturais, segundo a origem e o grau de ignorância de quem as julga! E em quantas outras descobrimos propriedades maravilhosas acima de tudo o que podemos esperar da natureza! Pois ‘agir de acordo com a natureza’ não é senão ‘agir segundo nossa inteligência’, dentro dos limites que ela pode alcançar. O que os ultrapassa, achamo-lo monstruoso e contrário à normalidade. Dessa maneira, tudo seria monstruoso e anormal para os mais instruídos e hábeis, pois a eles principalmente deu a razão humana a convicção de que ela própria carece de fundamentos, não apenas para garantir que a neve é branca, quando Anaxágoras a diz preta, mas ainda para afirmar se alguma coisa existe ou se não existe nada; se há ciência ou se tudo é ignorância, o que Metrodoro, de Quió,

asseverava não ser da alçada do homem julgar; e até se vivemos, incapaz de nos tirar dessa dúvida que não sem aparência de razão, exprimia Eurípides: "A vida que vivemos é a vida, ou é, esta, aquilo a que chamamos morte?" Efetivamente, por que pretendemos ser, quando isso dura um instante, um relâmpago numa noite eterna, uma simples e curta interrupção em nossa condição natural e perpétua, porquanto a morte ocupa tudo o que precede e segue esse instante e até boa parte dele? Outros afirmam que o movimento não existe, que tudo é imóvel, como o pretendem os discípulos de Melisso. Se há um só mundo, dizem, nem o movimento de rotação, nem o de translação, de que o imaginamos dotado, teriam qualquer utilidade, como o prova Platão. Outros pensam que não há geração nem corrupção na natureza. Na opinião de Protágoras só a dúvida existe; acerca de tudo podemos discutir, inclusive acerca da afirmação de que tudo é discutível. Nausífanos diz que as coisas que parecem ser nem são nem não são; que só a incerteza é certa; Parmênides, que nada deve existir, à exceção de um Ser único; Zenão, que nem sequer um Ser único existe e que não há nada. Se houvesse um Ser único, observa, estaria em outro e não em si mesmo; se estivesse em outro, já seriam dois e se estivesse em si mesmo seriam igualmente dois: o continente e o conteúdo. A conclusão de todos esses conceitos é que a natureza não passa de uma sombra confusa e vã.

Sempre se me afigurou que, da parte de um cristão, dizer: "Deus pode morrer; Deus pode desdizer-Se; Deus não pode fazer isto ou aquilo", é maneira de falar absolutamente indiscreta e irreverente. Acho errado envolver assim o poder divino em termos que empregamos; e o que desse modo queremos exprimir cumpriria expressá-lo mais respeitosa e religiosamente.

Nossa linguagem tem seus defeitos e suas insuficiências, como todas as coisas. Em sua maioria, as desordens deste mundo têm sua origem nas sutilezas dos gramáticos. Nossos processos nascem somente de discussões engendradas pela interpretação das leis; as guerras, quase sempre, decorrem de nossa incapacidade em exprimir claramente as convenções e tratados concluídos pelos príncipes. Quantas querelas, e querelas importantes, têm resultado da dúvida na interpretação da sílaba 'Hoc' [trata-se da controvérsia entre católicos, luteranos e calvinistas acerca das palavras: Hoc est corpus meum]. Tomemos uma frase cuja construção e clareza a lógica demonstra: 'faz bom tempo'; se dizeis a verdade, o tempo é bom. Trata-se de uma forma precisa da linguagem. No entanto pode induzir-nos em erro, pois se, com efeito, prosseguindo em nossa demonstração, afirmardes 'estou mentindo' e disserdes a verdade, mentireis. Em uma e outra frase, a construção, a lógica, a força conclusiva são idênticas e eis que estais em dificuldades, porquanto apresentam ambas deduções contrárias. Isso põe os filósofos da escola de Pirro na impossibilidade de empregar nossa maneira de falar para exprimirem a dúvida que, em tudo, constitui sua regra. Precisariam de outra língua; a nossa, inteiramente formada de afirmações, opõe-se à sua doutrina, de sorte que quando dizem: 'duvido' poderíamos objetar que incorrem em contradição, pois afirmam que sabem que duvidam. Assim, para evitar semelhante objeção, tiveram de tomar de empréstimo à medicina uma comparação sem a qual não explicariam seu pensamento. Ao dizerem 'eu ignoro', ou 'eu duvido', acrescentam que ambas as proposições desaparecem com o resto da frase, assim como o ruibarbo expele os humores e com estes a si mesmo.

Tal estado de espírito enuncia-se interrogativamente de maneira mais segura, dizendo-se 'Que sei eu?' E é minha divisa. E a acompanhamento de uma balança.

Vede como, nas atuais discussões acerca de nossa religião, se prevalecem desse modo de falar irreverente e que eu condeno. Se insistis junto ao adversário, dirão sem hesitar que "não está no poder de Deus fazer com que Seu corpo se encontre ao mesmo tempo no céu, na terra e em outros lugares! Do que tirou proveito aquele autor antigo que tanto apreciava a zombaria [Plínio]: "que consolo para o homem ver que Deus não pode tudo: mesmo que quisesse não poderia matar-Se, o que é sem dúvida nosso maior privilégio; não pode fazer com que os mortais sejam imortais nem que os mortos não sejam mortos; nem tampouco que quem haja vivido não tenha vivido; que quem tenha sido homenageado não o tenha sido; Sua intervenção no passado restringe-se ao esquecimento". E continua demonstrando esse parentesco de Deus com os homens mediante argumentos antes divertidos do que sérios: "Não pode fazer com que dez mais dez não sejam vinte". Assim fala esse autor que um cristão tem por dever não imitar. Mas o homem em seu orgulho compraz-se nessa linguagem, a fim de reduzir Deus à medida humana:

"Cras vel atra

Nube polum pater occupato,

Vel sole puro, non tamen irritum

Quodcumque retro est efficiet, neque

Diffinget infectumque reddet

Quod fugiens semel hora vexit"

"Que amanhã o pai dos deuses cubra o céu de nuvens ou faça brilhar o sol no ar puro, não fará jamais que o que foi não tenha sido nem destruirá o que a hora passada levou em suas asas" [Horácio]

Quando dizemos que a infinidade dos séculos, passados e futuros, representa apenas um instante para Deus; que Sua bondade, Sua sabedoria, Seu poder estão em Sua própria essência, fala a nossa boca, mas a nossa inteligência não entende.

Em nossa presunção, queremos submeter a divindade à nossa apreciação. Daí os devaneios, os erros espalhados pelo mundo, o qual coloca e pesa em sua balança coisas a serem pesadas com pesos de que não dispõe:

"Mirum quo procedat improbitas cordis humani,

Parvulo aliquo invitata successu"

"É espantoso verificar ate onde vai a arrogância humana após o mais insignificante êxito" [Plínio]

Com que dureza de desprezo os estóicos criticam Epicuro por afirmar que só Deus é um Ser verdadeiramente bom e feliz e que o sábio só tem a aparência desses atributos! Com que temeridade submetem Deus ao destino! Oxalá não se encontre entre os cristãos alguém capaz de fazer o mesmo! De seu lado, Tales, Platão, Pitágoras escravizam-No à necessidade. Essa pretensão de querer mostrar-nos o que é Deus levou um de nossos grandes doutores a atribuir-Lhe um corpo, o que é causa de Lhe atribuímos igualmente os acontecimentos importantes de nossa vida. Quando estes nos parecem de certa gravidade, imaginamos

que assim também os encare e lhes dê maior atenção do que quando nos interessam menos:

”Magna dii curant, parva negligunt”

”Os deuses preocupam-se com as grandes coisas e negligenciam as pequenas” [Cícero]

Mas continuai e vereis onde vos conduz tal raciocínio:

”Nec in regnis quidem reges omnia minima curant”

”Os próprios reis não descem aos pormenores ínfimos de sua administração” [Cícero]

, como se a esse rei custasse mais derrubar um império do que uma folha de árvore, como se a providência se exercesse diferentemente segundo determine a sorte de uma batalha ou o salto de uma pulga. Entretanto, ela governa todas as coisas da mesma maneira com idêntica ordem; nosso interesse não influi em nada, nem nossos movimentos e sentimentos.

”Deus ita artifex magnus in magnis,

Ut minor non sit in parvis”

”Deus, perfeito artesão nas grandes coisas, não o é menos nas pequenas” [Santo Agostinho]

Nosso orgulho volta-nos sempre para essa assimilação que constitui uma blasfêmia. Como nossas ocupações nos são pesado fardo, Estráton liberta os deuses de quaisquer deveres, como o faz com seus sacerdotes. A seu ver a natureza é que tudo produz e lhe assegura a conservação; os diversos elementos do mundo mantêm-se em virtude de seus próprios movimentos e o homem não tem a temer o juízo divino

”Quod beatum æternúmque sit,

Id nec habere negotiū quicquam, nec exhibere alteri”

”Porque um ser feliz e eterno não tem sofrimentos nem os provoca” [Cícero]

Querendo a natureza que haja uma relação constante entre as coisas da mesma ordem, a um dado número de mortais corresponde um dado número de imortais, às coisas que destroem e matam opõem-se as que conservam e vivificam. Como as almas dos deuses, sem língua, olhos ou ouvidos entendem-se entre si e julgam nossos pensamentos, as almas dos homens, quando liberadas pelo sonho ou algum encantamento e desprendidas do corpo, adivinham, prognosticam e vêem o que seriam incapazes de perceber ligadas à matéria.

Tornando-se loucos, diz São Paulo, em se acreditando sábios, os homens transformam a glória de Deus, que é incorruptível, na imagem do homem que não é senão corrupção.

Observe-se o charlatanismo das deificações da antiguidade: após a pompa de esplêndidas exéquias, no momento em que o fogo, atingindo o alto da pirâmide, se comunicava ao leito sobre o qual jazia o defunto, soltavam uma águia que simbolizava em seu vôo a alma do morto subindo ao paraíso. Representando essa cena, cunharam-se várias medalhas, em particular uma de uma mulher chamada Faustina, em que a águia se apresenta transportando sobre as asas as almas divinizadas. É triste ver como nos esforçamos por nos enganar a nós mesmos com nossas macaquices e invenções:

”Quod finxere timent”

”Temem o que eles próprios inventaram” [Lucano]

, como a criança que se apavora diante da cara do camarada que ela própria pintou:

”Quasi quicquam infelicius sit homine, cui sua figmenta dominantur?”

”Que haverá mais infeliz do que o homem escravizado pelas suas quimeras?” [Plínio]

Há uma diferença grande entre honrar quem nos criou e render homenagens ao que criamos. Augusto teve maior número de templos que Júpiter, os quais foram igualmente visitados e reputados pelos seus milagres. Os feaces, a fim de demonstrarem sua gratidão pelos favores recebidos de Agesilau, foram dizer-lhe que o haviam colocado entre os deuses: ”se vosso povo”, observou-lhes Agesilau, ”tem o poder de fazer deuses à vontade, fazei um deles com um de vós a fim de que eu o veja. Depois, quando tiver visto como ele é, saberei se vos devo agradecer”.

Como o homem é insensato! Incapaz de forjar o mais microscópico animal, faz deuses às dúzias! Ouçamos Trismegisto elogiar a humana invenção: ”Entre as coisas admiráveis”, diz, ”uma há que a todas sobreexcede, que o homem tenha podido descobrir a natureza divina e imaginar em que consiste”. Eis a respeito alguns dos argumentos em voga nas escolas de filosofia:

”Nosse cui Divos et cæli numina soli,

Aut soli nescire datum”

”Às quais é dado – e somente a elas – conhecer os deuses e as

forças celestiais, ou saber que é impossível conhecê-los” [Lucano]

”Se Deus existe, é um ser animado; se é um ser animado, tem sentidos; se tem sentidos, está sujeito à corrupção. Se não tem corpo, não tem alma e então nada pode: se tem um corpo é perecível”.

Em verdade trata-se de argumento peremptório, resistente a qualquer objeção! Somos incapazes de ter feito o mundo, há pois alguma natureza superior que o fez. Seria tola arrogância considerarmo-nos a criatura mais perfeita do universo; há pois algo melhor: Deus. Quando vedes uma rica e luxuosa residência, ainda que não saibais a quem pertence, não dizeis que foi construída pelos ratos; não devemos também acreditar que esse divino edifício, o palácio dos céus, é a residência de alguém maior do que nós? Quem se encontra no degrau superior não é em verdade o mais digno? Por isso nos achamos aqui embaixo. Nada, desprovido de alma e razão, fora capaz de criar um ser provido de razão e suscetível de dar vida; o mundo produz-nos, logo tem alma e razão. Cada fração de nós mesmos é menor do que nós mesmos; somos uma fração do mundo, logo o mundo é dotado de sabedoria e razão e em grau superior ao nosso. É uma bela coisa ter um bom governo; o mundo deste ponto de vista comprova pois a excelência do princípio que preside a nossos destinos. Os astros não nos prejudicam, a bondade se encontra portanto entre as suas qualidades. Nós temos necessidade de alimentos, os deuses estão no mesmo caso: nutrem-se com os vapores da atmosfera. Os bens deste mundo não são bens aos olhos de Deus, aos nossos não devem ser tampouco. Quem

ofende alguém e quem é ofendido por outrem mostram igualmente suas imperfeições; não há pois como temer Deus. Deus é bom naturalmente, o homem por sua vontade, logo com maior mérito. A sabedoria divina só se distingue da sabedoria humana por ser eterna, mas a duração nada acrescenta à sabedoria; estamos portanto em pé de igualdade. Temos a vida, a razão, a liberdade; apreciamos a bondade, a caridade, a justiça; logo essas qualidades pertencem a Deus. Em suma, é o homem que admite ou rejeita a existência de Deus, que imagina as condições de sua existência sobre as quais molda as suas próprias; que padrão e que modelo! Amplia as qualidades humanas, dá-lhes elevação e grandeza quanto queiras, enche-te de orgulho, pobre homem, incha-te quanto puderes:

”Non si te ruperis, inquit”

”Não, ainda que arrebentes..”. [Horácio]

***”Profecto non Deum, quem cogitare non possunt,
Sed semet ipsos pro illo cogitantes, non illum, sed seipsos,
Non illi, sed sibi comparant”***

”Os homens, acreditando pensar em Deus, de quem não têm idéia, pensam em si mesmos; a si próprios e não a Ele se comparam” [Santo Agostinho]

No que diz respeito à natureza, os efeitos só em parte dependem das causas; no caso presente, a divindade não depende dela; está demasiado alta, demasiado longe de nós, demasiado superior ao que podemos imaginar, para que nossas conclusões a atinjam e atuem sobre ela. Não será por nós mesmos que conseguiremos esclarecer um tal problema, nosso caminho é por demais rasteiro. Não estamos mais perto do céu sobre o monte Cenis do que se estivéssemos no fundo do mar; se quereis compreendê-lo consultai vosso astrolábio. Os filósofos pagãos chegam até a representar Deus em contato com a mulher. Paulina, esposa de Saturnino e senhora romana de grande reputação, imaginando dormir com o deus Serápis achou-se, em virtude da convivência de um sacerdote, nos braços de certo admirador.

Varro, o mais espirituoso e sábio dos autores latinos, escreveu em suas obras de teologia que o servidor do templo de Hércules jogou com o deus, nos dados (uma das mãos por ele e outra pela divindade) uma ceia e uma cortesã. Se ganhasse, as oferendas dos fiéis pagariam a despesa, e se perdesse ele arcaria com elas. Perdeu e pagou a mulher. Esta, que se chamava Laurentina, encontrou-se nos braços do deus, o qual lhe disse que lhe pagaria o que merecia quem primeiro ela avistasse no dia seguinte. Quem ela encontrou foi Terêncio, um jovem muito rico, que a recolheu e mais tarde fez dela sua herdeira. Por sua vez, pensando agradar ao deus, ela legou seus bens ao povo romano, o que lhe valeu honras divinas.

Platão descendia dos deuses por dupla filiação, ambas remontando a Netuno. Não bastou isso: considerava-se certo em Atenas que Ariston, marido da bela Perictione, querendo ter relações com ela, não o conseguiu; e em sonho ouviu de Apolo a advertência de a respeitar e deixar intacta até que desse à luz. E assim teria vindo Platão ao mundo. Quantas histórias semelhantes contam-nos as religiões antigas, de pobres humanos enganados pelos deuses! E quantos maridos se apresentam vítimas de ultrajes análogos a fim de dar aos filhos uma origem divina!

Entre os maometanos a crença popular admite o nascimento de crianças sem pai, concebidas em espírito, e às quais por intervenção divina as virgens dão à luz. Apelidam-nas ‘merlins’, palavra que tem em sua língua esse sentido.

Observemos que todos os seres se consideram a si próprios como os mais dignos de apreço: o leão, a águia, o delfim nada colocam acima de sua espécie, e todos julgam as qualidades alheias pelas suas próprias. As qualidades que possuímos, podemos julgá-las mais ou menos estimáveis, eis tudo. Fora desta possibilidade, dado que não podemos imaginar o que não existe e não podemos atribuir à divindade, não há como ir além. Daí estas conclusões dos antigos: De todas as formas a mais bela é a do homem; Deus deve portanto ter essa forma. Ninguém pode ser feliz, sem ser virtuoso; nem ser virtuoso sem ser dotado de razão; esta só pode localizar-se em cérebro organizado como o do homem, logo Deus deve ter um cérebro semelhante ao nosso;

***”Ita est informatum anticipatum mentibus nostris, ut homini,
Cum de Deo cogitet, forma occurrat humana”***

”É hábito e preconceito de nosso espírito o que faz que não possamos pensar em Deus sem o representar sob forma humana” [Cícero]

A isso objetava prazenteiramente Xenófanos que se os animais criam deuses, como é provável, devem eles também concebê-los à sua feição, julgando-se, como nos julgamos, as obras-primas da criação. Pois, por que um pato não diria: tudo isso é feito para mim: a terra serve-me para andar, o sol para me iluminar, as estrelas para orientar o meu destino; tiro partido dos ventos, e também das águas; nada existe que os céus considerem mais favoravelmente do que eu, sou o favorito da natureza? Não trata de mim o homem? É meu servidor: dá-me casa, semeia para mim, e se me come não come igualmente seu semelhante? E não como eu os vermes que o matam e o comem por sua vez? Um grou tem o direito de dizer o mesmo, e mais ainda, por que tem a liberdade de voar.

***”Tam blanda conciliatrix,
Et tam sui est lena ipsa natura”***

”A natureza amiga é a natureza que induz os seres a se amarem a si mesmos” [Cícero]

E assim cremos que para nós se fez o destino, que para nós o mundo existe, para nós brilha o sol, ribomba o trovão. O Criador e as criaturas, tudo se nos oferece. Somos o objetivo de todas as coisas.

Anote-se o que em dois mil anos a filosofia registrou acerca das coisas divinas. Somente para o homem agiram e falaram os deuses, não se lhes atribui nenhum outro ofício, nenhuma outra missão. Ei-los participando de nossas guerras:

***”Domitósque Herculea manu
Telluris juvenes, unde periculum***

***Fulgens contremuit domus
Saturni veteris”***

”Os filhos da terra abalaram o augusto palácio do velho Saturno e caíram enfim sob os golpes de Hércules” [Horácio]

Ei-los tomando parte em nossas desavenças e correspondendo assim ao que fizemos mais de uma vez, intrometendo-nos nas suas:

***”Neptunus muros magnóque emota tridenti
Fundamenta quatit, totámque a sedibus urbem
Eruit : hic Juno Scæas scævissima portas
Prima tenet”***

”Netuno com seu temível tridente abala os muros de Tróia e revolve a fundo essa soberba cidade; por sua vez a impiedosa Juno apodera-se das portas Scées” [Virgílio]

Os cáunios, desejosos de manter a supremacia de seus deuses, pegam em armas no dia que lhes é consagrado e vão batendo o ar com suas espadas, expulsando assim os deuses estrangeiros. O poder dos deuses é-lhes outorgado de acordo com as nossas necessidades; há os que curam os cavalos, outros os homens; uns curam a peste, outros a tinha, outros a tosse, outros a sarna, etc...

”Adeo minimis etiam rebus prava religio inserit Deos”

”Pois a superstição introduz os deuses nas coisas mais insignificantes” [Tito Lívio]

Um faz que as uvas cresçam, outros os alhos. Um protege a luxúria, outro o comércio. Cada ofício tem seu deus; cada divindade tem sua província: o Oriente uma, o Ocidente outra.

***”Hic illius arma
Hic currus fuit”***

”Lá estão as armas de Juno, lá seu carro” [Virgílio]

”O Sancte Apollo, qui umbilicum certum terrarum obtines!”

”Ó Santo Apolo, tu que habitas o centro do mundo” [Tito Lívio]

***”Pallada Cecropidæ, Minoïa Creta Dianam,
Vulcanum tellus Hipsipylæa colit
Junonem Sparte, Pelopeïadésque Micenæ,
Pinigerum Fauni Mænalis ora caput
Mars Latio venerandus”***

”A cidade de Cécrope adora Palas; a ilha de Creta, Diana; Lemnos, Vulcano; Esparta e Micena, Juno; Pã é deus de Mênalo e Marte é venerado no Lácio!” [Ovídio]

Uns possuem apenas uma aldeia, uma família; outros vivem sós, outros ainda em companhia, seja porque o queiram, seja por obrigação.

”Junctaque sunt magno templa nepotis avo”

”O templo do neto une-se ao do divino avô” [Ovídio]

Há deuses tão miseráveis e tão ínfimos (pois o seu número eleva-se a trinta e seis mil) que é preciso juntar cinco ou seis para que consigam produzir uma espiga de trigo e cada qual toma o nome de sua função na obra comum. Três para uma porta, encarregados cada qual da bandeira, da dobradiça e do caixilho. Quatro para uma criança, atentos às fraldas, ao que bebe, ao que come, ao seio da ama.

***”Quos, quoniam cæli nondum dignamur honore,
Quas dedimus certe terras habitare sinamus”***

”Há os autênticos e os que o não são, e muitos que não se consideraram dignos das honras do céu, concordamos em que habitem as terras que lhes cedemos” [Ovídio]

Há os que são poetas, médicos e os que não têm profissão; alguns participam a um tempo da natureza humana e da natureza divina; uns intercedem por nós, são nossos intermediários junto às divindades; alguns têm direito a cultos de segunda ordem, outros acumulam títulos e honrarias, uns são bons e outros maus; há-os velhos e alquebrados e mesmo mortais. E Crisipo pensava que no último cataclismo que provocaria o fim do mundo todos morreriam com exceção de Júpiter. Enfim, o homem forja mil relações, por vezes divertidas, entre os deuses e ele. Dão-lhes até berço idêntico ao seu:

”Jovis incunabula Creten”

”Creta, berço de Júpiter” [Ovídio]

O grande pontífice Cévola, e Varro, grande teólogo de sua época, assim o explicam: ”é necessário que muitas verdades sejam ignoradas do povo e que este acredite em muitas assertivas falsas”:

***”Cum veritatem, qua liberetur, inquirat:
Credatur ei expedire, quod fallitur”***

”Como procura a verdade apenas para se libertar, podemos ter a certeza de que é de seu interesse ser enganado” [Santo Agostinho]

O olho do homem só apreende as coisas sob as formas de que tem noção. Testemunha-o o salto desse pobre Fáeton por ter querido, simples mortal, tomar as rédeas dos cavalos de seu pai. Nosso espírito comove-se, perturba-se e se expõe a queda semelhante quando sua temeridade o induz a enfrentar análogas impossibilidades. Perguntai à filosofia de que se constitui o sol. Ela vos responderá que é formado de ferro, pedra ou tal ou qual matéria familiar. Perguntai a Zenão em que consiste a natureza,

e ele dirá: "é um fogo, espécie de artesão com a faculdade de engendrar e agindo segundo leis invariáveis". Arquimedes, esse mestre nessa ciência que se julga a primeira a conhecer a verdade, afirmará: "O sol é um deus de ferro em fusão". Bela definição em verdade, resultante dessas proclamadas conclusões irrefutáveis a que conduzem as demonstrações da geometria, ciência cuja necessidade e utilidade não são entretanto tão incontestáveis, porquanto Sócrates considerava que bastava dela entender o suficiente para medir a terra que compramos e vendemos, e Polieno, doutor famoso, a desdenhou finalmente como falsa e de aparência ilusória, desde que provou os frutos do jardim de Epicuro. A propósito, Sócrates, falando de Anaxágoras que a antiguidade considerava mais entendido do que ninguém nas coisas do céu, diz que o cérebro deste se alterou como acontece com os que perscrutam exageradamente as questões que ultrapassam sua competência. Fazendo do sol uma pedra em fusão, esquecia que uma pedra não se torna luminosa e que se consome. Considerando que sol e fogo são uma só coisa, esquecia que o fogo não preteja os que o contemplam, que o podemos fixar e que mata plantas e ervas. Na opinião de Sócrates, e também na minha, o julgamento mais sábio que se possa ter acerca do céu, é não julgar.

Platão, referindo-se aos demônios, no Timeu, diz: "tratar do assunto é empresa que sobreexcede nossa capacidade; devemos a esse respeito reportar-nos aos antigos que pretendem descender dos deuses. Não é razoável recusar crer no que nos dizem, eles que são filhos dos deuses, ainda que não assentem em sólidos alicerces suas afirmações, porquanto o que nos asseguram são tradições de família".

Vejamos se conhecemos mais acerca das coisas da natureza de que nos ocupamos.

Quanto às que confessamos não poder atingir é ridículo forjar-lhes um corpo, e lhes dar formas de nossa inteira invenção, como se verifica no que concerne aos movimentos dos planetas. Nosso espírito não podendo determinar nem conceber como se efetuam esses movimentos, imaginamos pesadas molas de dados modelos:

***"Temo aureus, aurea summæ
Curvatura rotæ, radiorum argenteus ordo"***

"De ouro era o timão, de ouro também as rodas, com raios de prata" [Ovídio]

Dir-se-ia que tivemos cocheiros, carpinteiros e pintores que andaram pelos céus instalando máquinas de movimentos diversos e engrenagens, e entrosando os corpos celestes de várias cores em atenção ao seu uso! Como quer Platão e diz Varro

***"Mundus domus est maxima rerum,
Quam quinque altitonæ fragmine zonæ
Cingunt, per quam limbus pictus bis sex signis,
Stellimicantibus, altus in obliquo æthere, lunæ
Bigas acceptat"***

"O mundo é um edifício imenso, cercado de cinco zonas, atravessado obliquamente por uma franja guarnecida de doze radiosas constelações, a que têm acesso o carro da lua e seus dois corcéis"

Sonhos tudo isso, e fantasias! Por que não há de a natureza abrir-nos um dia o seu seio para que vejamos a nu o que produz e regula seus movimentos? Quantos erros e abusos acharíamos em nossa ciência raquítica! Duvido que observássemos uma só dessas asserções justificada e não adquiríssemos a convicção de que o que mais ignoramos é a nossa ignorância.

Não terá sido no próprio Platão que li esta frase divina: a natureza é um poema enigmático? Uma pintura velada e tenebrosa iluminada de enganadoras claridades que servem de pontos de apoio a nossas hipóteses:

***"Latent ista omnia crassis occultata
Et circumfusa tenebris:
Ut nulla acies humani ingenii tanta sit,
Quæ penetrare in cælum, terram intrare possit"***

"Todas essas coisas se envolvem em espessas trevas, e não há espírito bastante agudo para penetrar os céus ou as profundezas da terra" [Cícero]

E é verdade: a filosofia não passa de uma poesia feita com sofismas. Pois de onde tiraram sua autoridade, senão dos poetas, os que a ela se dedicaram na antiguidade? Os primeiros filósofos foram poetas e filosofaram como versificavam. Platão é poeta por vezes; Tímon intitula-o ironicamente: "grande inventor de milagres". Todas as ciências que tratam de questões que sobreexcedem a inteligência do homem vestem-se de licenças poéticas.

As mulheres usam dentes de marfim quando perdem os dentes naturais; modificam a tez com ingredientes estranhos à pele; condicionam a grossura das pernas com tecidos e feltros, e arredondam suas formas com algodão; sabidamente se embelezam com artifícios. Assim faz a ciência (diz-se mesmo que a do direito admite ficções que constituem o fundamento daquilo que a justiça estabelece como verdade); ela nos oferece, pedindo-nos que as suponhamos verdadeiras, coisas que ela própria declara inventadas. Esses epiciclos, esses círculos excêntricos e concêntricos de que se vale a astronomia para explicar o movimento das estrelas, não os propõe ela senão como o que de melhor pôde encontrar. Do mesmo modo age a filosofia, apresentando-nos, não o que é ou crê ser, mas o que imagina como solução mais elegante e adequada às aparências. Platão, tratando das condições de nosso corpo e do dos animais, assim se exprime: "afirmaríamos que o que dissemos é exato se um oráculo o houvesse confirmado. Limitamo-nos a assegurar que foi o que achamos mais verossímil para asseverar".

Não é apenas o céu que a filosofia provê de cordas, máquinas e engrenagens. Vejamos o que diz de nós mesmos e de nossa estrutura. Não há em todo o sistema planetário, e nos outros corpos celestes, maiores trepidações, ascensões, recuos e êxtases do que inventaram os filósofos para o nosso misérrimo corpo humano. Nisso merece ele a denominação que lhe deram de pequeno mundo, a tal ponto empregam para o construir peças das mais variegadas formas. Para explicar os movimentos que observam no homem, suas diversas funções e faculdades, em inúmeras partículas fragmentaram a alma! Localizaram-na em múltiplos órgãos! Estabeleceram divisões sem conta – e subdivisões – em nosso pobre ser, além daquelas que são naturais e

normalmente perceptíveis, sobrecarregando-as de usos e ocupações! Fazem dela uma espécie de república imaginária. Deram-se a liberdade absoluta de desmontá-lo, classificá-lo, remontá-lo, apresentá-lo sob tal ou qual aspecto, segundo sua fantasia, e não chegaram ainda a uma certeza qualquer. Nem mesmo a simples hipóteses em que não se deparem algo manco ou dissonante, por enorme que seja a máquina construída e a despeito dos mil remendos inadequados e fantasistas que lhe aplicam. E não há desculpa para isso. Quando os pintores pintam o céu, a terra, os mares, as montanhas, as ilhas remotas, toleramos que nos apresentem vagos esboços. É isso admissível quanto ao que não conhecemos. Mas se pintam do natural, ou se o que copiam nos é familiar, exigimos deles exata e perfeita reprodução das linhas e das cores; em caso contrário não damos importância à obra.

Comprezo-me a idéia da jovem de Mileto que, vendo o filósofo Tales continuamente ocupado a contemplar a abóbada celeste, colocou alguma coisa em seu caminho para que tropeçasse, advertindo-o assim de que antes de se divertir em pensar no que ocorre nas nuvens devia preocupar-se com o que acontece a seus pés. Com razão aconselhava-o a examinar-se, ele próprio em vez do céu, pois, assim como diz Demócrito (segundo Cícero):

”Quod est ante pedes, nemo spectat: caeli scrutantur plagas”

”Investigamos os céus e não olhamos para os nossos pés”

Somos feitos de tal maneira que o conhecimento do que se situa ao nosso alcance está na realidade tão longe e confuso quanto os próprios astros. Essa mesma censura que se endereçava a Tales por não ver o que ocorria diante de seus olhos, Sócrates (no dizer de Platão) a dirigia a todos os que se interessavam pela filosofia, pois todo filósofo ignora o que faz seu vizinho e até o que ele próprio faz, não sabe o que são ambos, se homens ou animais.

Os que hoje acham frágeis os argumentos de Sebond, os que nada ignoram, governam o mundo, tudo sabem:

”Quae mare compescant cauae, quid temperet annum,

Stellae sponte sua, jussuue vagentur et errent:

Quid premat obscurum Lunae, quid proferat orbem,

Quid velit et possit rerum concordia discors”

”O que manda no mar, o que regula as estações; se os astros obedecem a um movimento espontâneo ou a uma lei estranha; por que a lua cresce e diminui regularmente; enfim como a harmonia do universo resulta da discórdia de seus elementos” [Horácio]

, terão algum dia prestado atenção, em seus livros, às dificuldades que apresenta o conhecimento de nosso ser? Vemos que nossos dedos se mexem, que nossos pés andam, que certas partes de nosso corpo se movimentam sozinhas, enquanto outras só o fazem quando o desejamos; que certas emoções nos levam a corar, outras a empalidecer; que as idéias que surgem em nós atuam ora sobre o baço ora sobre o cérebro; algumas provocam o riso, outras as lágrimas; outras ainda nos imobilizam de medo ou de espanto; por vezes pensar em alguma coisa causa enjôo, ou nos excita sexualmente; mas nunca ninguém soube como essas impressões do espírito podem produzir tamanho efeito em um corpo sólido, nem qual a natureza das relações que estabelecem um funcionamento harmônico dos nossos órgãos:

”Omnia incerta ratione, et in naturae majestate abdita”

”Todas essas coisas são impenetráveis à inteligência humana e permanecem escondidas na majestade da natureza”

, escreve Plínio; e Santo Agostinho diz por seu lado:

”Modus, quo corporibus adherent spiritus, omnino mirus est,

Nec comprehendí ab homine potest: et hoc ipse homo est”

”O laço pelo qual o espírito adere ao corpo... é admirável e não o pode compreender o homem. Essa união é o próprio homem”

E embora não o explicando, ninguém o põe em dúvida, porque a opinião dos homens a respeito resulta do que acreditavam os antigos, crenças a que damos crédito como se se integrassem na religião e nas leis. Aceitamos de bom grado o que comumente é por todos admitido. Acolhemos essa verdade com seu aparato de argumentos e provas, como algo sólido, inabalável, inexaminável. Cada qual fortalece e consolida a crença aceita com seus próprios argumentos, com a sua própria inteligência, instrumento dócil, maleável e acomodatório. E, assim, enche-se o mundo de mentiras e estultícias.

O que faz que duvidemos de poucas coisas, está em que jamais pomos à prova as impressões comuns a todos; nunca as examinamos em seus pontos fracos. Não indagamos se um princípio é certo, e sim de que jeito foi formulado. Não há pois como estranhar se tenha estendido às artes e às escolas essa tirania de nossas crenças e esse constrangimento de nossa liberdade. Aristóteles é o deus da ciência escolástica; é sacrilégio discutir-lhe os conceitos, como o era em Esparta discutir os de Licurgo. Consideramos sua doutrina fundamental, e no entanto talvez seja tão falsa quanto outras. Não sei por que não aceitaria igualmente as idéias de Platão, ou os átomos de Epicuro, o cheio e o vazio de Leucipo e Demócrito, a água de Tales, a natureza com sua infinidade de formas de Anaximandro, o ar de Diógenes, os números e a simetria de Pitágoras, o infinito de Parmênides, a unidade de Museu, a água e o fogo de Apolodoro, as partes similares de Anaxágoras, a repulsa e a afinidade de Empédocles, o fogo de Heráclito, ou qualquer outra teoria entre essas inumeráveis teorias e afirmações que emite nossa bela inteligência humana, com sua segurança e clarividência habituais. Como admitir a opinião de Aristóteles no que concerne aos princípios que se encontram na origem da natureza, e assentam em três elementos principais: a matéria, a forma e a carência? Haverá algo mais desprovido de sentido do que a idéia de que tudo vem do nada? Que é carência, senão um elemento negativo? E como fazer dele a origem e a causa do que existe? Eis, no entanto, uma assertiva que não se ousaria combater a não ser como exercício de lógica. Se o discutem, porém, não o fazem para esclarecer dúvidas e sim para defender o chefe da escola contra seus contraditores de outras seitas. Manter-lhe a autoridade, eis o objetivo.

É fácil construir à vontade sobre alicerces preestabelecidos, pois segundo a lei e a disposição dos princípios o resto do

edifício ergue-se sem incidir em contradição alguma. Com esse processo nossa razão marcha com segurança e nós discorremos sem necessidade de investigações mais aprofundadas; de antemão nossos mestres prepararam o terreno em nosso espírito para a prova do que bem entendem, como os geômetras que provam suas hipóteses pré-admitidas. Com a anuência e a aprovação que lhes outorgamos, conduzem-nos para a direita ou para a esquerda segundo seu capricho. Quem é acreditado naquilo que pressupõe, é nosso senhor e deus; com tal fundamento amplo e cômodo, pode se quiser elevar-nos às nuvens. Na prática e na transmissão do saber, aceitamos como moeda corrente esta frase de Pitágoras: "todo especialista deve ser acatado no que respeita à sua arte". Assim o dialético refere-se ao dramático quanto ao significado das palavras, o retórico toma de empréstimo ao dialético seus argumentos e a arte de os apresentar, o poeta emprega o ritmo do músico, o geômetra vale-se dos cálculos do matemático, o metafísico utiliza as conjeturas do físico, porque todas as ciências assentam seus princípios em hipóteses, o que por todos os lados amarra o raciocínio do homem. Se tentamos derrubar essa barreira que constitui um erro capital, objetam-nos logo com este aforismo: "Não se discute com quem nega os princípios".

Ora, não pode haver entre os homens senão os princípios que Deus lhes revelou; fora dessa revelação o princípio, o meio e o fim de todas as coisas não passam de sonho e fumaça. Aos que, para combater, se apóiam em hipóteses, cumpre opor como axioma as teses contrárias àquelas acerca das quais se discute. Todas as que o homem é capaz de imaginar podem emitir-se; têm todas igual autoridade, se entre elas a razão não estabelece uma diferença. É preciso, pois, examiná-las e compará-las; e antes de tudo as que se apresentam como regras gerais e pesam mais. Querer chegar a uma certeza absoluta é, até certo ponto, prova de loucura e de extrema incerteza. Não há gente mais louca e menos filósofa do que os filodoxos de Platão. Que o fogo seja quente, a neve fria, e nada duro ou mole, não o contradizemos, mas que no-la provem!

A tais propósitos contam que os antigos respondiam: quem duvida do calor, jogue-se ao fogo; quem nega o frio da neve, coloque-a sobre o peito. Essas respostas não eram dignas de filósofos. Se nos tivessem deixado em nosso estado natural, aceitando em tudo a aparência das coisas, sem outras necessidades que não as determinadas pelas condições de nossa existência, teriam razões para assim se exprimir, mas foram eles mesmos que nos ensinaram a nos erigirmos em juizes do mundo e nos enfiaram na cabeça a pretensão de que 'a razão tem o direito de controle sobre tudo o que existe, tanto sob a abóbada celeste como fora dela, que tem o direito de tudo abarcar, porquanto tudo sabe e tudo pode'.

Semelhantes respostas seriam aceitáveis entre os canibais, que têm a felicidade de gozar uma vida longa, tranqüila, sossegada, sem aplicar os preceitos de Aristóteles, nem conhecer o nome da física. E seriam mais eficazes do que quaisquer outras imaginadas pela filosofia e sugeridas pela razão; estariam também ao alcance dos animais, como tudo o que decorre pura e simplesmente da lei da natureza; mas eles não as aceitam. Para serem conseqüentes com suas atitudes habituais, não me podem dizer: 'Isso é verdadeiro, porque assim o vê e o sentes'; é necessário que me demonstrem que o que eu creio sentir eu o sinto efetivamente; e se o sinto efetivamente, porque o sinto, e como, etc..., é preciso que digam o nome, a origem, os fundamentos e a finalidade do calor e do frio, o que faz com que este atue sobre o outro e inversamente; sem o que não seriam filósofos, não admitindo estes nada, nem nada aprovando senão pela razão, pedra de toque (em verdade cheia de erros e fraquezas) a que tudo submetem.

Por que meios poderíamos melhor aquilatar a razão do que por ela mesma? Se não podemos acreditar nela quando fala de si, não será capaz de apreciar o que não está em si. Se pode conhecer alguma coisa, deve ser pelo menos o que é e onde se aloja, visto que está em nosso espírito, de que faz parte ou é efeito. Não se trata aqui da razão por excelência, a única verdadeira e que tão mal batizamos; pois essa reside no seio de Deus. Daí emana quando apraz a Deus mostrar-nos alguns de seus raios, como Palas saiu da cabeça de Júpiter a fim de se mostrar visível ao mundo.

Vejamos portanto o que a razão humana nos ensina acerca de si mesma e da alma, do espírito. Não acerca da alma em geral que todos os filósofos outorgam aos corpos celestes e primeiros corpos participantes; nem acerca do que Tales atribui às coisas inanimadas, e às quais foi levado a atribuir uma alma observando o comportamento do ímã; mas acerca da que está em nós e que devemos conhecer melhor:

***"Ignoratur enim quæ sit natura animæ,
Nata sit, an contrà nascentibus insinuetur,
Et simul intereat nobiscum morte dirempta,
An tenebras orci visat, vastásque lacunas,
An pecudes alias divinitus insinuet se"***

"Não se conhece a natureza da alma: nasce ela com o corpo, ou, ao contrário, neste se introduz no momento do nascimento? Morre com ele, vai visitar abismos sombrios, ou passa, por ordem de Deus, ao corpo de animais?" [Lucrécio]

Crates e Dicearco afirmavam que a alma não existia, e que os movimentos e atos corporais obedeciam a um movimento natural; Platão assegurava que era uma substância dotada de movimento próprio; Tales, uma natureza sem repouso; Asclepíades, o exercício dos sentidos; Hesíodo e Anaximandro, uma substância composta de terra e água; Parmênides, de terra e fogo; Empédocles, de sangue

"Sanguineam vomit ille animam"

"Vomitou sua alma de sangue" [Virgílio]

; Possidônio, Cleantes e Galeno, um calor, ou substância de compleição quente,

"Igneus est ollis vigor, et coelestis origo"

"As almas têm a força do fogo e uma origem celeste" [Virgílio]

; Hipócrates, um espírito espalhado pelo corpo; Varro, o ar penetrando pela boca, aquecendo os pulmões, purificando o coração e se expandindo pelos membros; Zenão, a quinta-essência dos quatro elementos; Heraclides Pôntico, a luz; Xenócrates e os egípcios, um coeficiente variável; os caldeus, uma propriedade sem forma determinada:

***”Habitum quendam vitalem corporis esse,
Harmoniam Græci quam dicunt”***

”Um certo hábito vital do corpo, a que os gregos chamam harmonia” [Lucrécio]

; e não olvidemos a opinião de Aristóteles para o qual a alma é o que faz naturalmente mover-se o corpo. Denomina-a enteléquia, mas não se estende a respeito de sua origem, de sua essência, nem de sua natureza e sim, apenas, de seus efeitos. Lactâncio, Sêneca e os principais filósofos dogmáticos confessam que é coisa para eles incompreensível. E agora, depois desta enumeração de opiniões,

***”Harum sententiarum quæ vera sit,
Deus aliquis viderit”***

”Qual a verdadeira? Só um deus pode saber”

, diz Cícero. ”Reconheço por experiência própria”, diz São Bernardo, ”a que ponto Deus escapa a meu entendimento, pois não posso sequer compreender as partes de que se compõe o meu próprio ser”. Heráclito, que admitia que tudo fosse almas e demônios, nos seres, declarava entretanto não poder ir bastante longe no conhecimento da alma e compreendê-la, porquanto sua essência é impenetrável.

Onde se aloja? A resposta não provoca menores divergências e discussões. Hipócrates e Hierófilo colocam-na no cerebelo; Demócrito e Aristóteles, em todo o corpo,

***”Ut bona sæpe valetudo cum dicitur esse
Corporis, Et non est tamen hæc pars ulla valentis”***

”Como quando dizem que a saúde está no corpo e todavia não constitui um membro do corpo são” [Lucrécio]

; Epicuro, no estômago:

***”Hic exultat enim pavor ac metus, hæc loca circùm
Lætitia mulcent”***

”Pois aí sentimos palpitar o medo, o terror, aí experimentamos as doces sensações da alegria” [Lucrécio]

; os estóicos, em volta e dentro do coração; Erasítrato, unida à membrana do crânio; Empédocles, como Moisés, no sangue, o que levou este último a proibir que comessem o dos animais, porquanto lhes comeriam a alma; Galeno pensa que cada parte do corpo tem sua alma; Estráton aloja-a entre as sobrancelhas. ”A que se assemelha a alma e onde reside? Eis o que não convém procurar entender”, diz Cícero. Cito suas próprias palavras, a fim de não alterar a linguagem da eloquência, tanto mais quanto pouco benefício se tira com frustrá-lo de suas idéias que são raras, sem muita originalidade e assaz conhecidas. As razões que nos dá Crisipo, e outros filósofos de sua escola, para colocar a alma no coração merecem menção. É, diz, porque quando queremos afirmar alguma coisa pomos a mão acima do estômago, e quando pronunciamos a palavra ego (eu, em grego) abaixamos o maxilar inferior na mesma direção. A observação denuncia certa falta de seriedade em tão grande personagem. As outras considerações que expressa são também de reduzido valor e nenhuma prova que a alma se localize, para os gregos, nessa parte do corpo. Daí concluir-se que não há inteligência humana, por brilhante que seja, que por vezes não cochile. Mais ainda: eis os estóicos, pais da humana prudência. Não afirmam eles que a alma do homem que se debate contra a morte, pena e se esgota longamente para sair do corpo, como um rato que não consegue escapar da ratoeira? Há entre eles quem pense que o mundo foi feito para prover de corpo os espíritos que em razão de seus erros perderam a pureza recebida ao serem criados, tendo sido a primeira criação exclusivamente incorpórea. E, segundo sua espiritualidade, se encarnam tais corpos em condições mais ou menos penosas ou fáceis. Assim o espírito, que por causa da magnitude de suas culpas se encarnou no sol, devia ter uma quantidade absurda de pecados.

As conseqüências resultantes afinal de nossa investigação comportam algo inesperado. Ocorre-nos o que, no dizer de Plutarco, se verifica quando nos reportamos às remotas origens da história: descobrimos que os mapas mostram as terras conhecidas confinando com pantanais, florestas imensas, desertos e lugares inabitáveis; assim também os que se ocupam dessas altas indagações e querem ver mais longe, são vítimas de sua curiosidade e sua presunção, e se expõem aos mais grosseiros e pueris devaneios. O fim e o começo dessa ciência participam igualmente da tolice. Vede Platão, elevando-se e pairando nas suas nebulosas concepções poéticas; vede o jargão que põe na boca dos deuses; em que pensava, quando definiu o homem como um bípede sem penas, fornecendo oportunidade a seus adversários de motejá-lo prazenteiramente? Pois, arrancando as penas de um capão, passeavam-no dizendo; ”eis um homem de Platão”.

E os epicuristas! Que simplicidade de sua parte em andarem a proclamar que o mundo provinha dos átomos, e a apresentar estes como corpos ponderáveis e sujeitos a um movimento natural perpendicular! Essa hipótese fez que seus adversários objetassem que em semelhantes condições os ditos átomos não poderiam juntar-se nem se agrupar, porquanto sua queda obedecia a linhas verticais e retas, sempre paralelas. Essa objeção forçou-os a acrescentar à sua descrição a possibilidade, para os átomos, de um movimento oblíquo, fortuito, e a dotá-los de caudas curvas como garras que lhes permitiam se agarrassem e se amarrassem uns aos outros. O que não impediu que seus contraditores os embaraçassem ainda, indagando como, ”se os átomos, por efeito do acaso, produziram tantas coisas de formas diversas, nunca ocorreu que construíssem uma casa ou fizessem um sapato? E, ainda, por que não admitir que as letras gregas espalhadas ao acaso, em número infinito, chegassem a formar o texto da *Ilíada*?”

Tudo o que é capaz de razão, diz Zenão, é melhor do que o que não o é; nada há melhor do que o mundo, logo o mundo é capaz de razão. Cota, empregando a mesma argumentação, faz o mundo matemático; e também músico e tocador de órgão, aplicando-lhe este outro raciocínio, igualmente de Zenão: ”o todo é mais do que a parte; somos capazes de sabedoria e parte do mundo, logo o mundo é sábio”. Encontram-se portanto nas críticas que os filósofos dirigem uns aos outros, discutindo acerca de suas divergências, inúmeros exemplos de raciocínios semelhantes, não apenas falsos, mas ineptos, indefensáveis e denunciadores da ignorância e da temeridade de seus autores.

Quem, com competência, andasse a compulsar todas as asneiras que emanam da sabedoria humana, assombraria os outros. Eu mesmo, apresentando algumas, a título de amostra, faço obra mais útil do que dissertando a respeito. Podemos julgar por elas em que estima devemos ter o homem, seu bom senso e sua razão, desde que, mesmo nos personagens que tão alto elevaram a inteligência humana, se encontram defeitos tão visíveis e grosseiros.

Quanto a mim, prefiro crer que esses filósofos só se ocuparam de ciência ocasionalmente, como divertimento. Usaram a razão como instrumento frívolo e vão, avançando toda espécie de idéias estranhas, ora com seriedade, ora com ironia. Esse mesmo Platão, que define o homem como definiria uma galinha, diz, depois de Sócrates, em outro trecho de sua obra, que, em verdade, não sabe o que seja o homem, "uma das peças do mundo mais difíceis de conhecer". Tais opiniões variáveis e instáveis constituem uma confissão tácita, mas evidente, de sua vontade de não sair da indecisão. Esforçam-se os filósofos para que seu modo de ver nem sempre apareça com nitidez; escondem-no sob as folhagens que lhes oferecem a fábula e a poesia, ou sob outra máscara qualquer, pois nossa imperfeição faz que a carne crua nem sempre convenha a nosso estômago e se deva deixá-la alterar-se, corromper-se. Assim agem; obscurecem por vezes suas opiniões e seus juízos, falsificam-nos para colocá-los ao alcance de todos. Não querem pronunciar-se francamente acerca da ignorância e da fragilidade da razão humana para não fazer medo às crianças, mas as revelam suficientemente sob a aparência de sua ciência confusa e contraditória.

Quando eu estava na Itália, aconselhei a alguém que não sabia italiano que se ativesse, se desejava ser compreendido sem pretender empregar uma linguagem correta, às palavras latinas, francesas, espanholas ou gasconhas que, para lhe exprimir o pensamento, lhe viessem aos lábios, acrescentando-lhes simplesmente uma terminação italiana. Assim se encontrariam por certo com algum dos idiomas do país, o toscano, o romano, o veneziano, o piemontês, ou o napolitano. Direi o mesmo da filosofia. Tem tantas formas diferentes e tanto falou, que abarcou todos os nossos sonhos e devaneios. A fantasia humana nada mais pode conceber que não se deprende nela:

***"Nihil tam absurde dici potest,
Quod non dicatur ab aliquo philosophorum"***

"Nada se dirá, por mais absurdo, que não tenha sido dito por algum filósofo" [Cícero]

Isso me proporciona maior liberdade ainda para divagar publicamente, tanto mais quanto, embora emanando de mim só, e sem que ninguém mos tenha sugerido, meus propósitos terão sempre alguma relação com outros já mantidos e não faltará quem diga um dia: eis de onde os tirou.

Minhas idéias são o que as fez a natureza. Para formá-las procurei não seguir nenhuma regra; e no entanto, por fracas que sejam, quando as quis exprimir e publicar nas melhores condições possíveis, achei de meu dever apoiá-las em raciocínios e exemplos, e maravilhei-me com perceber a que ponto se amoldam a inúmeros raciocínios filosóficos. A que doutrina se ligam? Só o soube depois de as expor e julgar do resultado: pertenço a uma nova espécie, sou um filósofo que se tornou filósofo por acaso e sem premeditação.

Mas voltemos à alma. E provável que, colocando a razão no cérebro, a cólera no coração, a cobiça no fígado, Platão tenha antes interpretado os movimentos da alma do que indicado uma divisão e uma distinção a exemplo do corpo. A mais verossímil dessas opiniões todas é a de que a alma é uma só; que tem, por si, a faculdade de raciocinar, recordar, compreender, julgar, desejar, e que todas as demais operações ela as exerce por intermédio das diferentes partes do corpo, como o piloto dirige seu navio segundo sua experiência, ora retesando ou relaxando uma corda, ora erguendo uma vela ou se servindo do remo. É igualmente provável que a alma se aloje no cérebro; isso decorre do fato de que os ferimentos e acidentes que afetam esse órgão repercutem de imediato nas faculdades da alma. É natural admitir-se que do cérebro ela se expanda pelo corpo, assim como o sol projeta sua luz e sua fecundidade fora do céu e as derrama sobre o mundo:

***"Medium non deserit unquam
Coeli Phoebus iter: radiis tamen omnia lustrat"***

"O sol, em seu curso, não se afasta jamais do meio do céu e no entanto tudo ilumina com seus raios" [Horácio]

***"Cetera pars animæ per totum dissita corpus
Paret, Et ad numen mentis moménque movetur"***

"A outra parte da alma, espalhada pelo corpo, está submetida e obedece às ordens superiores da inteligência" [Lucrécio]

Houve quem afirmasse haver uma alma original, princípio de todas as outras, algo como um grande corpo de que se extraem as almas particulares e ao qual estas retomam para se fundirem nesse meio continuamente constituído:

***"Deum namque ire per omnes
Terrasque tractúsque maris coelumque profundum:
Hinc pecudes, armenta, viros, genus omne ferarum,
Quemque sibi tenues nascentem arcessere vitas,
Scilicet huc reddi deinde, ac resoluta referrí
Omnia : nec mortí esse locum"***

"Deus circula através das terras e mares e profundezas dos céus; outorga aos homens, animais domésticos, feras, ao nascerem, o sopro que os anima; a partir de então nenhum pode perecer e todos devem prestar contas de seu ser ao grande todo de que emanam" [Virgílio]

Outros asseveraram que elas ali se juntavam tão-somente; outros que eram produtos da substância divina: outros, que provêm dos anjos e são constituídas pelo fogo e a água; uns, que desde sempre existiram; outros, que são criadas quando necessário; outros, que vêm da lua e para lá voltam. Em geral os antigos acreditavam que eram engendradas de pai a filho, como

tudo o que se encontra na natureza. Em apoio dessa hipótese invocavam a semelhança dos pais com os filhos:

”Instillata patris virtus tibi:

Fortes creantur fortibus et bonis”

”A virtude de teu pai a ti se transmitiu com a vida... os fortes engendram os fortes” [Horácio]

; e também que os pais transmitem aos filhos, não somente certos caracteres do corpo, como ainda algo de seu temperamento, de seu espírito:

”Denique cur acrum violentia triste leonum

Seminium sequitur, dolus vulpibus, Et fuga cervis

A patribus datur, Et patrius pavor incitat artus,

Si non certa suo quia semine seminioque,

Vis animi pariter crescit cum corpore toto?”

”Por que o leão transmite a ferocidade à sua raça? Por que a malícia é hereditária nas raposas? O medo, nos veados? .. senão porque a alma tem seu próprio germe e se desenvolve junto com o corpo?” [Lucrécio]

Davam ainda como razão basear-se a justiça divina, para punir os filhos, nos erros dos pais; os vícios destes, por contágio, manchariam a alma daqueles, atuando os desregramentos de uns sobre os outros.

Acrescentavam que se as almas tivessem outra origem que não essa natural, se fossem outra coisa fora do corpo com o qual se engendram, recordariam sua condição primeira, dadas as faculdades de discorrer, raciocinar e lembrar de que são dotadas:

”Si in corpus nascentibus insinuat,

Cur superante actam aetatem meminisse nequimus,

Nec vestigia gestarum rerum ulla tenemus?”

”Se a alma se insinua no corpo quando do nascimento deste, por que não nos lembramos do passado? Por que não conservamos nenhum vestígio de nossos atos anteriores?” [Lucrécio]

Admitir essa hipótese é supor que nossas almas já possuem toda sua ciência quando ainda em sua simplicidade e pureza naturais; mas se assim é, estão livres de não se aprisionarem em um corpo, pois para que a reencarnação, se antes de entrar em seu novo corpo já seriam como o serão ao saírem? E, fora preciso ainda que se lembrassem, durante a sua nova vida, do que conheceram na existência anterior, porquanto aprender não é, no dizer de Platão, senão murmurar o que soubemos. Ora, todos sabem, por experiência própria, que uma tal assertiva é falsa. Em primeiro lugar porque, precisamente, não nos lembramos do que aprendemos e que, se a memória cumprisse sua tarefa, nos sugeriria alguma coisa mais do que o que sabemos de início. Em segundo lugar, a ciência que a alma possuiria, seria a ciência perfeita, de sorte que, graças à sua divina inteligência, conheceria todas as coisas na sua realidade. Ora, acontece que se num ponto ou noutro lhe ensinam a mentira ou o vício, ela os retém, não tendo nenhuma reminiscência a opor-lhes porque a imagem e a concepção da verdade nunca entraram nela.

Não se poderia dizer que sua prisão no corpo abafa suas qualidades inatas, a ponto de as extinguir; seria antes de tudo contrário a essa outra crença que lhe empresta um poder considerável e tão admirável ação sobre o homem, nesta vida, que disso fizeram uma divindade eterna desde sempre e para sempre:

”Nam si tantopere est animi mutata potestas,

Omnis ut actarum exciderit retinentia rerum,

Non ut opinor ea ab letho jam longior errat”

”E se a mudança é tão grande que a alma não guarde lembrança do que fez, seu estado, parece-me, difere bem pouco da morte” [Lucrécio]

Por outro lado, no caso que nos interessa, são os efeitos produzidos em nós, e não alhures, pela ação da alma que se devem ponderar. Todas as suas demais perfeições são supérfluas e inúteis; pelo seu estado presente é que se deve reconhecer sua imortalidade, não sendo ela responsável senão pela vida do homem ao qual se une. Seria injusto, depois de tirar-lhe os meios de ação, e desarmá-la, julgá-la e condená-la a um castigo de duração exagerada, perpétua, pelo tempo que permanece fechada em sua prisão, fraca e enferma, constantemente sob o efeito do constrangimento que lhe impuseram. Determinar-lhe a sorte em vista de tão curto tempo, por vezes uma hora ou duas, e no máximo um século, um instante enfim comparado com a eternidade, e por causa desse momento dela dispor para sempre, seria estabelecer uma desproporção entre a causa e o efeito, tão iníqua quanto lhe atribuir uma recompensa eterna pelos méritos de tão curta existência.

Atentando para essa desproporção, quer Platão que o que nos aguarda após a morte tenha uma duração de cem anos, em relação com a vida humana. Numerosos doutores nossos estabeleceram igualmente limites a tais provações.

Em suma, a crença geral era de que a alma nasce e vive nas mesmas condições que o homem. Era opinião de Epicuro e Demócrito, e a mais facilmente aceita, que a alma nasce com o corpo no momento adequado, suas forças, juntamente com as forças físicas do indivíduo; que constatamos sua fraqueza durante a infância e vemos seu vigor e sua maturidade se ampliarem com o tempo, e seu enfraquecimento sobrevir na velhice. E enfim sua decrepitude:

”Gigni pariter cum corpore, et unà

Crescere sentimus, paritèrque senescere mentem”

”Sentimos que nasce com o corpo, cresce e envelhece com ele” [Lucrécio]

Percebiam-na capaz de diferentes paixões, e de agitações penosas, causadoras de lassidão e sofrimento, suscetível de alterações e mutações, de alegrias e langores e de enfermidades como o pé ou o estômago:

”Mentem sanari, corpus ut aegrum

Cernimus, et flecti medicina posse videmus”

”Vemos que o espírito pode ser tratado pela medicina e curar-se como um corpo enfermo” [Lucrécio]

Viam-na igualmente perturbada e excitada pelo vinho; agitada pela febre, adormecida sob a ação de alguns medicamentos, despertada por outros:

***”Corpoream naturam animi esse necesse est,
Corporeis quoniam telis ictúque laborat”***

”Cumpre que a alma seja corporal, pois é sensível às sensações do corpo” [Lucrécio]

Viam-se todas as suas faculdades abaladas pela simples mordida de um cão doente; e por grande que seja a resolução de sua razão, sua inteligência, sua virtude, sua energia, nada a isenta de semelhantes acidentes. A saliva de um cãozinho mau sobre a mão de Sócrates pode atingir-lhe a sabedoria e as idéias, e as aniquilar sem deixar vestígios:

***”Vis animai
Conturbatur, et divisa seorsum
Disjectatur eodem illo distracta veneno”***

”A alma é perturbada, alterada, abalada e partida pela ação desse veneno” [Lucrécio]

, o qual não encontra maior resistência em um filósofo do que em uma criança de quatro anos, e fora capaz de transmitir a raiva a toda a filosofia se esta se personificasse em alguém. E assim Catão, que triunfou da própria morte e da má sorte, não houvera suportado a vista de um espelho ou da água e se acabrunharia de pavor se pelo contágio fosse atingido por essa doença a que chamam hidrofobia:

***”Vis morbi distracta per artus
Turbat agens animam, spumantes æquore salso
Ventorum ut validis fervere viribus undæ”***

”O mal, em se expandindo pelos membros, ataca a alma com violência, como o vento subleva as ondas espumantes do mar” [Lucrécio]

Por certo a filosofia armou o homem contra o sofrimento resultante de qualquer acidente e proveu-o de paciência. E se o mal sobreexcede suas forças, fornece-lhe o meio de escapar e se tornar insensível. Mas são meios, esses, que só estão ao alcance de uma alma forte, segura de si, capaz de raciocínio e decisão; são inúteis no caso de um filósofo cuja alma se aflija, se perturbe e se perca, como ocorre em diversas circunstâncias, por ocasião de uma paixão violenta por exemplo, de algum ferimento em certas partes de nosso ser, de exalações estomacais provocadoras de vertigens ou tonturas:

***”Morbis in corporis avius errat
Sæpe animus, dementit enim, delirâque fatur,
Interdúmque gravi Lethargo fertur in altum
Æternumque soporem, oculis nutúque cadenti”***

”Muitas vezes nas doenças do corpo a alma delira e se expande em discursos sem nexos; outras vezes, uma pesada letargia mergulha-a em um sono profundo e definitivo. Os olhos cerraram-se, a cabeça pende” [Lucrécio]

Em meu entender, os filósofos não se detiveram muito neste ponto como não o fizeram tampouco em outros de importância. Para nos consolar de estarmos destinados a morrer têm sempre nos lábios este dilema: ”ou a alma é mortal ou é imortal; se é mortal estará isenta de sofrimento; se é imortal continuará pelo caminho da perfeição”. Não encaram nunca o outro caso: ”que acontecerá se for sempre piorando?” E deixam aos poetas o cuidado de nos entreter acerca das penas futuras. Com isso vão sustentando facilmente seus sistemas. São omissões que não raro observei em seus diálogos. Mas vejamos a primeira dessas proposições: a alma é mortal.

A alma perde em certas circunstâncias o uso da constância e da resolução que os estóicos consideram seus soberanos bens. Cumpre à nossa sabedoria dar-se então por vencida. A esse propósito, a vaidade, inerente à razão humana, levava a considerar não admissíveis a mistura e a coexistência de duas condições antagônicas, como a do mortal com a do imortal:

***”Quippe etenim mortale æterno jungere, et una
Consentire putare, et fungi mutua posse,
Desipere est. Quid enim diversius esse putandum est,
Aut magis inter se disjunctum discrepâtansque,
Quam mortale quod est, immortalî atque perenni
Junctum in concilio sævas tolerare procellas?”***

”É loucura unir o mortal ao imortal, imaginá-los de acordo, em um todo harmônico. Que haverá, com efeito, mais distinto, mais contrário do que essas duas substâncias, uma perecível, a outra indestrutível, que pretendeis reunir para as expor juntas aos mais terríveis desastres?” [Lucrécio]

Com maior convicção observavam que na hora da morte acabam o corpo e a alma:

”Simul ævo fessa fatiscit”

”Ela sucumbe com ele sob o peso dos anos” [Lucrécio]

, do que, segundo Zenão, temos uma idéia no sono, que é uma debilitação e uma queda da alma como a do corpo. Se em alguns a alma conserva sua força e seu vigor no declínio da vida, isso se explica, dizem, pela diversidade das doenças. Se, como se vê, certos homens conservam intacto até o fim de seus dias algum de seus sentidos, é porque o enfraquecimento não se generaliza sempre: partes do organismo permanecem perfeitas:

***”Non alio pacto quam si pes cum dolet ægri,
In nullo caput interea sit fortè dolore”***

”Assim como os pés podem adoecer sem que a cabeça sofra” [Lucrécio]

Nosso julgamento encara a verdade como o morcego contempla o esplendor do sol, diz Aristóteles. Nada temos melhor do que essa cegueira para penetrar tão esplendente luz; pois a opinião contrária, que defende a imortalidade da alma e que foi, segundo Cícero e os livros, ventilada pela primeira vez por Ferecides, de Siro, contemporâneo de Tulo (e que outros atribuem a Tales, e outros, a outros), sempre constitui objeto de reservas e de dúvidas. Os mais intransigentes dogmáticos vêem-se neste ponto forçados a colocar-se sob a proteção da Academia. Ninguém sabe o que pensava Aristóteles a respeito, nem em geral os filósofos antigos, os quais não dão idéia muito precisa do assunto:

”Rem gratissimam promittentium magis quàm probantium”

”Promessa, evidentemente agradável, de um bem cuja certeza não se prova” [Sêneca]

Ele dissimula seu pensamento sob uma nuvem de palavras, cujo sentido é obscuro e pouco inteligível, deixando a seus partidários discutir seu juízo tanto quanto a própria matéria.

Duas coisas militavam em favor dessa opinião. Uma era que sem a imortalidade da alma não haveria mais sobre que assentar as vãs esperanças de glória que são um estimulante admirável neste mundo. Outra, que se tratava de uma crença salutar, como diz Platão, pois os vícios que escapam ao conhecimento da justiça humana, não se sonegam assim à justiça divina, a qual os pune mesmo depois da morte do culpado.

O homem cuida muito de prolongar sua existência. Tudo dispõe para tanto: a conservação do corpo na sepultura; a de seu nome na glória. Preocupado com o que poderia ocorrer, fez tudo o que lhe veio à mente para se reconstruir e consolidar sua presença na terra.

Não podendo a alma, em razão de sua fraqueza, encontrar a calma, busca por toda parte consolo, esperança, apoio. Prende-se a circunstâncias estranhas a si mesma, e não as abandona. Por insignificantes ou fantasistas que sejam, nelas se aloja e repousa de preferência. É de espantar que os partidários mais convencidos dessa idéia tão justa e clara da imortalidade da alma tenham sido tão incapazes de prová-la com o simples auxílio da razão humana:

”Somnia sunt non docentis, sed optantis”

”São sonhos de um homem que deseja mas não acha” [Cícero]

Pode o homem deduzir, portanto, que deve ao acaso a verdade que por si mesmo descobre, pois mesmo nos momentos em que a tem nas mãos carece de meios para apreendê-la e conservá-la. Tudo o que produzem nossa razão sozinha e nossa inteligência, tanto o verdadeiro como o falso, está sujeito à incerteza e à discussão. É para nos punir de nosso orgulho e fazer-nos sentir nossa miséria e nossa impotência que Deus suscitou a confusão da torre de Babel. Tudo o que empreendemos sem que Sua graça nos ilumine não passa de vaidade e loucura. A própria essência da verdade, uniforme entretanto e constante, nós a corrompemos e ela degenera em virtude de nossa fraqueza, quando a sorte no-la oferece. Qualquer que seja o caminho seguido, Deus o leva à confusão, cuja imagem viva temos no castigo que infligiu a Nemrod, aniquilando sua vã tentativa de construir a pirâmide:

”Perdam sapientiam sapientium, et prudentiam prudentium reprobabo”

”Confundirei a sabedoria dos sábios e reprovarei a prudência dos prudentes” [São Paulo]

Que significa a diversidade das línguas que falavam os operários e fez abortar a empresa, senão o infinito e perpétuo conflito de opiniões e raciocínios, inseparável da vã ciência humana? O que de resto não deixa de ser útil, pois quem nos deteria se possuíssemos um átomo de ciência! É grande satisfação para mim ver um santo assim se exprimir:

”Ipsa utilitatis occultatio, aut humilitatis exercitatio est, aut elationis attritio”

”As trevas em que se envolve a verdade, são um exercício para a humildade e um freio para o orgulho” [Santo Agostinho]

A que grau de insolência e presunção atingem nossa cegueira e nosso orgulho!

Prossigamos. Nada mais justo e razoável do que recebermos só de Deus e por Sua graça unicamente a possibilidade de conhecer a verdade, pois é de Sua liberalidade que auferimos o que a imortalidade nos oferece de feliz: a beatitude eterna.

Confessemos humildemente que somente Deus no-la revelou, e a fé no-la ensina. A natureza e a razão nada têm a ver com isso. E quem, entregue às suas próprias forças, empreenda sondar-se por dentro e por fora, sem levar em conta a revelação divina, e estude o homem sem o embelezar, nada verá, em si, de certo, de provável, impelindo a outra coisa que não à morte, como fim último. Quanto mais damos, devemos e devolvemos a Deus, tanto mais nos conduzimos como verdadeiros cristãos.

O que o filósofo estoíco afirma provir-lhe de um sentimento fortuito nascido em seu espírito, melhor fora que lhe viesse de Deus:

***”Cum de animorum æternitate disserimus,
Non leve momentum apud nos habet consensus hominum,
Aut timentium inferos, aut colentium. Utor hac publica persuasione”***

”Quando tratamos da imortalidade da alma, procuramos principalmente apoio junto aos homens que temem os deuses infernais ou os veneram; eu me aproveito dessa crença geralmente aceita” [Sêneca]

A fraqueza dos argumentos humanos a esse respeito revela-se pelas circunstâncias fabulosas que se acrescentaram a essa opinião a fim de se determinar em que condições somos chamados a gozar a imortalidade. Deixemos de lado os estoícos

***”Usuram nobis largiuntur; tanquam cornicibus;
Diu mansuros aiunt animos, semper negant”***

”Que dizem que nossas almas vivem como corvos: muito, mas não eternamente” [Cícero]

; e lhe dão uma vida mais longa que a do corpo, mas não ilimitada. A idéia mais geralmente aceita, e que em muitos lugares chegou até nossos dias, é a de Pitágoras, ao que se diz. Não porque a invenção lhe caiba, mas porque sua aprovação lhe deu grande peso e crédito. Eis a idéia: “As almas, quando nos deixam, passam de um corpo a outro; do corpo de um leão ao de um

cavalo; deste ao de um rei; e andam assim de uma residência para outra sem cessar”. Pitágoras dizia mesmo, a propósito, lembrar-se de ter sido Etáldo, mais tarde Euforbo, Hermotimo em seguida, e enfim Pirro, conservando na memória o que lhe ocorrera em cento e seis anos. Outros acrescentavam que por vezes essas almas subiam ao céu para tornar a descer mais tarde:

***”O pater, anne aliquas ad coelum hinc ire putandum est
Sublimes animas, iterumque ad tarda reverti
Corpora ? quæ lucis miseris tam dira cupido?”***

”Ó meu pai, será verdade que há almas que voltam do céu à terra e revestem uma forma corpórea? Quem inspira a esses infelizes tão grande desejo da vida?” [Virgílio]

Orígenes considera que vão e vêm eternamente, passando de uma condição boa a uma condição má. Varro declara que, após uma evolução de quatrocentos e quarenta anos, elas tornam a unir-se a seu primeiro corpo. Crisipo afirma que assim ocorre após um lapso de tempo determinado, cuja duração é desconhecida.

Platão (que diz ter recebido de Píndaro e dos poetas antigos essa crença), do fato de a alma estar sujeita a inúmeras migrações, e de não receber no outro mundo senão tristezas e recompensas temporais, como na sua vida aqui, conclui que ela adquire um conhecimento particular das coisas do céu, dos infernos e da terra, por onde passou e repassou e de que conservou reminiscências.

E explica assim a evolução: “se a alma viveu no bem, alcança o astro que lhe está assinado; se viveu no mal, passa para um corpo de mulher; se neste estado não se corrige, passa para um animal de costumes em relação com os seus vícios; e só vê o fim de suas penas quando volta a seu estado primitivo, depois de se haver desembaraçado das qualidades grosseiras e estúpidas que nela existiam em germe”. Não me furtarei ao prazer de transcrever esta divertida objeção que apresentavam os epicuristas a uma tal transmigração das almas: “que aconteceria se o número de mortes excedesse o número de nascimentos?” “As almas desalojadas de sua residência iriam atropelar-se para se acharem em primeiro lugar diante dos novos invólucros”. E mais: “Em que empregariam o tempo as que fossem obrigadas a aguardar vagas? Por outro lado, se nascem mais animais do que morrem, em que situação se achariam os que não se proovessem de almas? Alguns por certo morreriam antes de nascer”.

***”Denique connubia ad veneris, partúsque ferarum,
Esse animas præsto deridiculum esse videtur,
Et spectare immortales mortalia membra
Innumero numero, certaréque præproperanter
Inter se, quæ prima potissimáque insinuetur”***

”É ridículo supor que as almas já se encontram prontas e à espera no momento preciso da cópula dos animais ou de seu nascimento e que, substâncias imortais, se atoplem em torno de um corpo mortal, disputando entre si o direito de ser a primeira” [Lucrécio]

Outros filósofos se apoderam da alma na hora da morte para insuflá-las nas serpentes, nos vermes e em outros bichinhos que se reproduzem quando o corpo entra em decomposição e até quando já se acha reduzido a cinzas; outros a dividem em duas partes, uma mortal e outra imortal; outros ainda admitem sua imortalidade, embora a julguem incapaz de saber e conhecimento. E há os que pensam, inclusive entre os cristãos, que as almas dos condenados se encarnam em demônios. Por analogia, Plutarco imagina que as almas que se salvam se transformam em deuses. Há poucos assuntos acerca dos quais esse autor se pronuncie com tanta precisão, pois, em geral, se exprime de modo ambíguo: “é necessário observar”, diz, “e crer efetivamente, no que concerne às almas dos indivíduos virtuosos, que, como é natural e conveniente à justiça divina, essas almas transmigram para os santos; as dos santos para os semideuses e as dos semideuses, depois de depuradas e purificadas por sacrifícios expiatórios sem mais a obrigação de pagar tributo ao sofrimento e à morte, tornam-se, não por ordenação civil mas por efeito da razão, deuses inteiros e perfeitos, o que constitui, para elas, um fim glorioso e feliz”. Quem quiser ver Plutarco, um dos autores mais prudentes e sensatos, fazer-se campeão dessa tese e contar milagres, poderá reportar-se a seus escritos sobre a lua e o demônio de Sócrates. Aí verá, de maneira evidente, como os mistérios da filosofia apresentam fantasias análogas às da poesia. A inteligência humana perde-se ao querer tudo sondar e controlar a fundo. É o que nos acontece. Acabrunhados pelo trabalho executado durante uma longa existência, voltamos à infância. Tais são os belos ensinamentos, impregnados de certeza, que a ciência humana nos fornece acerca de nossa alma!

No que diz respeito à parte material de nosso ser, não é menos temerária a ciência em suas conjeturas. Escolhamos um ou dois exemplos apenas, pois em tudo colher nos perderíamos nesse oceano tão vasto e turvo dos erros cometidos pelos médicos. Vejamos se, pelo menos, reina harmonia acerca da maneira pela qual os homens se reproduzem, pois quanto à sua criação inicial a coisa remonta tão longe na antiguidade que não há como estranhar não possa o espírito humano pronunciar-se. O físico Arquélau (ou Archelau), de quem Sócrates foi discípulo e favorito, segundo Aristóteles, pensava que os homens e os animais eram engendrados por um barro leitoso produzido pela ação do fogo interno da terra; Pitágoras pensa que o sêmen, de que provimos, é a espuma do que há de melhor em nosso sangue; Platão diz que se trata de um escorrimento da coluna vertebral e dá como prova sentir-se nesse ponto a fadiga da tarefa fecundadora; Alcmeón acha que é uma parte da substância de que se constitui o cérebro, e o comprova pelo enfraquecimento da vista nos que abusam da cópula; Demócrito considera que seja uma substância extraída de tudo o que entra na composição do corpo; Epicuro, que essa substância se extrai da alma e do corpo; Aristóteles, que é uma secreção proveniente do sangue e a última a expandir-se pelos membros; outros vêem nessa secreção sangue cozido e justificam sua opinião com o fato de por vezes aparecerem gotas de sangue no pênis quando há por demais esforço em suas funções, e é a hipótese mais plausível, se algo pode ser plausível nessa infinidade confusa de opiniões.

E quantas idéias diferentes acerca da maneira por que atua esse sêmen! Aristóteles e Demócrito acham que a mulher não segrega esperma, mas tão-somente um suor resultante do calor que desenvolve nela o prazer, suor que não teria aliás nenhum

papel na fecundação. Ao contrário, Galeno e seus discípulos pensam que essa fecundação só se efetua quando o que provém do homem se mistura ao que vem da mulher.

Finalmente, qual o tempo da gestação? Nesta questão os médicos, os filósofos, os juristas e os teólogos voltam-se para a mulher. No que me concerne, posso apoiar os que sustentam durar a gravidez onze meses.

Assim, em tais divergências assenta o mundo! Eis assuntos a cujo respeito qualquer mulherzinha daria um palpite e no entanto são objeto de contestações infundáveis!

Basta isso para mostrar que o homem sabe tão pouco de seu corpo quanto de sua alma. Submetemo-lo a seu próprio julgamento, para ver onde o conduziria sua razão. Parece-me que provamos suficientemente a que ponto entende pouco de si mesmo.

E quem não entende de si, de que há de entender?

”Quasi vero mensuram ullius rei possit agere, qui sui nesciat”

”Como se quem ignora a própria medida pudesse sequer medir alguma coisa” [Plínio]

Na verdade, Protágoras mostrava-se fantasista ao escolher o homem para medida de todas as coisas, o homem que jamais conheceu sua própria medida. Por outro lado sua dignidade não permite que outorgue tal vantagem a outra criatura. Como está em contradição permanente consigo mesmo, e suas apreciações se destroem mutuamente, propô-lo como medida não pode passar de brincadeira, porquanto nos levaria necessariamente a concluir pela incapacidade do compasso e de quem o manuseia. Tales, achando que o conhecimento do homem pelo homem é muito difícil, mostra ser-lhe impossível o conhecimento de qualquer outra coisa.

Dei-me ao trabalho de, contra meus hábitos, estender-me a esse respeito por vossa causa [Margarida de Valois], mas vós não deveis deixar de defender as proposições de Sebond com a argumentação habitual e que se encontram nas instruções que cotidianamente recebeis. Isso exercitará vosso espírito e vos parecerá um objeto interessante de estudo. Quanto ao método de discussão que venho empregando, cumpre só recorrer a ele em última instância; é em caso de desespero que largamos nossas próprias armas para usar as do adversário; é golpe secreto que cabe utilizar raramente e com discrição. Perder-se para levar alguém à perdição é coisa temerária, não se deve querer morrer a fim de assegurar uma vingança, como fez Gobrias: em luta corpo a corpo com um nobre persa, ao ver Dario acorrer de espada em punho, gritou-lhe que desfechasse o golpe embora os matasse a ambos. Vi considerarem iníquos duelos cujas condições e armas empregadas levavam necessariamente a um resultado fatal e à morte de ambos os adversários. Os portugueses haviam aprisionado vários turcos no mar das Índias. Estes, ansiosos por se libertarem resolveram incendiar os navios, destruindo com o mesmo seus senhores e eles próprios, e o fizeram com dois pregos esfregando-os um no outro até que a faísca atingisse um barril de pólvora.

Alcançamos assim os limites da ciência. Como a virtude, ela falha nesses pontos extremos. Ficai no caminho habitual, não vos convém tanta sutileza e finura. Lembrai-vos a propósito do provérbio das Toscana:

”Chi troppo s’assottiglia, si scavezza”

”Quem sutiliza demasiado, pulveriza-se” [Petarca]

Aconselho-vos moderação e reserva nas opiniões que emitis, e nos raciocínios tanto quanto nos costumes; evitai a novidade e a originalidade; tudo o que é extravagante, irrita-me. Vós que, pela autoridade de vossa condição social e, mais ainda, pelas vantagens que vos outorgam vossas qualidades pessoais, podeis mandar em quem vos compraz, fora preferível que houvésseis confiado a tarefa por mim cumprida a alguém que fizesse da literatura sua ocupação normal. Ele vos teria, muito melhor do que eu, informado e documentado a respeito. Contudo já se me afigura suficiente, para o vosso fim, o que se fez.

Epicuro dizia, das leis, que mesmo as piores nos são tão necessárias que sem elas os homens se devorariam entre si. E Platão confirma que sem leis viveríamos como bichos. Nosso espírito é um instrumento descontrolado, perigoso e temerário; é difícil usá-lo com ordem e medida. Não vemos em nossa época, os que são superiores aos outros, ou possuem alguma vivacidade excepcional, desmandarem-se em licenças nas suas opiniões e em seus atos? Só por milagre se encontra alguém moderado e sociável. É justo oporem-se ao espírito humano as barreiras mais estreitas possíveis; nos estudos a que ele se entrega como no resto, cumpre regular-lhe o passo. É preciso delimitar-lhe com arte o terreno da caça. Freiam-no, amarram-no, com a religião, as leis, os costumes, a ciência, os preceitos, os castigos, e as recompensas passageiras e eternas; escapa, assim mesmo, a todos os obstáculos pela facilidade que tem de se mover e iludir. É um corpo sem consistência que não podemos segurar, reter; um corpo de múltiplas formas mal definidas e que não apresenta por onde se pegar.

Há por certo bem poucas almas, tão disciplinadas e fortes, e nobres, em cuja conduta possamos confiar e que, entregues a seu próprio juízo, sejam capazes de navegar com prudência, sem temeridades, fora das idéias comumente aceitas; é mais garantido tutelá-las. É o espírito perigosa adaga, mesmo para quem o possui, se dele não se utiliza com oportunidade e prudência; não há animal que melhor justifique a necessidade de tapa-olhos, para que veja por onde caminha e não saia da trilha que os usos e as leis traçaram. Por isso, o que quer que se alegue, será sempre preferível seguir a estrada batida a lançar-se nessas discussões que acarretam graves licenças. Se, no entanto, algum desses novos doutores empreendesse brilhar a expensas de vossa salvação e da dele, para vos desfazerdes dessa perigosa peste que hoje tudo contagia na Corte, os argumentos que vos apresento poderão servir de paliativo, impedindo que o veneno vos atinja, a vós e aos vossos.

A liberdade e a ousadia de que se valiam os antigos nas obras do espírito fizeram que, naturalmente, várias seitas se constituíssem na filosofia e em todos os ramos da ciência humana, cada qual se outorgando o direito de julgar e escolher. Mas agora que todos seguem igual caminho,

***”Qui certis quibusdam destinatisque sententiis addicti et consecrati sunt,
Ut etiam, quæ non probant, cogantur defendere”***

***”Presos a certos dogmas de que não podem livrar-se, todos são obrigados
a defender-lhes as conseqüências, ainda que os não aprovem” [Cícero]***

; agora que as questões relativas às artes [o ensino, em particular da filosofia] são reguladas por ordenações, a ponto de se submeterem as escolas todas a um só orientador, e que tais instituições estão sujeitas a determinada disciplina, não se olha mais o que vale e pesa a moeda, mas tão-somente se está em circulação. Não se discute se é falsa ou não, mas apenas se a aceitam. E assim ocorre com tudo. O ensino da medicina não se discute mais do que o da geometria; nem tampouco se discutem as mágicas dos prestidigitadores, o comércio com as almas dos mortos, as práticas da astrologia, e até essa ridícula procura da pedra filosofal; tudo se admite hoje sem oposição. Basta-nos saber que Marte se localiza no triângulo formado pelas linhas da mão, Vênus, no polegar e Mercúrio, no mindinho: se a linha do destino se prolonga até a protuberância do indicador, é sinal de crueldade; se pára no pai-de-todos e a linha da cabeça faz com a da vida um ângulo à mesma altura, é sinal de morte violenta; se na mulher essa linha da cabeça não cruza a linha da vida, tem-se um indício de sua inclinação para os prazeres da carne. Com uma tal ciência, tomo-vos como testemunha, um homem não pode deixar de adquirir reputação e ser favoravelmente recebido na sociedade.

Dizia Teofrasto que o saber do homem guiado pelos sentidos podia até certo ponto discernir as causas das coisas; mas que se remontasse às causas primeiras e essenciais devia parar, em virtude de sua fraqueza e das dificuldades com que depararia. É mais agradável a opinião intermediária segundo a qual nosso saber pode levar-nos ao conhecimento de certas coisas, mas nossa perspicácia tem limites além dos quais é-lhe temerário aventurar-se. É uma maneira de ver plausível e proposta por gente sensata. Mas não é fácil assinar limites a nosso espírito; ele é curioso e ávido, e considera não dever deter-se a cinquenta passos em lugar de mil, porquanto a experiência lhe mostrou que se um se malogra outro vence; que o que era desconhecido em dado século, conhecido se tornou no século seguinte; que as artes e as ciências não se moldam de uma só vez, mas se constituem aos poucos e tomam forma em sendo sem cessar manuseadas e polidas; assim o filhote do urso se forma em sendo sem cessar lambido pela ursa. Não deixo de sondar e verificar o que minha capacidade não consegue descobrir; e, em amassando essa matéria nova, virando-a e aquecendo-a, dou a quem vem depois certa facilidade em tirar dela partido, fazendo-a mais flexível e manuseável:

”Ut hymettia sole

***Cera remollescit, tractatáque pollice multas
Vertitur in facies, ipsoque fit utilis usu”***

***”Assim a cera do Himeto que amolece ao sol e, amassada pelo polegar,
toma mil formas e torna-se mais manuseável pelo uso” [Ovídio]***

O mesmo fará o segundo para o terceiro, e disso resulta que não devo desesperar de minha incapacidade, a qual é somente minha.

O homem é capaz de tudo e de nada. Se confessa, como Teofrasto, sua ignorância das causas primeiras e dos princípios, que renuncie à ciência, pois, em lhe faltando a base, seu raciocínio ruirá por terra. Discutir e investigar não têm outro objetivo senão os princípios; se não os atinge, tudo redundará em incerteza:

***”Non potest aliud alio magis minusve comprehendí,
Quoniam omnium rerum una est definitio comprehendendi”***

***”Uma coisa não pode ser mais compreendida do que outra,
porque a compreensão é uma só para todas” [Cícero]***

Se a alma tivesse conhecimento de alguma coisa, é provável que seria primeiramente dela mesma; se conhecesse algo exterior a ela, seria antes de tudo seu corpo, seu estojo; e, no entanto, até agora os deuses da medicina ainda lhe discutem a anatomia:

”Mulciber in Trojam, pro Troja stabat Apollo”

”Se Vulcano era contra Tróia, Tróia tinha a seu favor Apolo” [Ovídio]

Até quando deveremos esperar que se ponham de acordo! Estamos mais próximos de nós que a brancura da neve ou o peso da pedra; se o homem não se conhece a si mesmo, como pode conhecer sua força e por que se encontra na terra? É por acaso que temos alguma noção da verdade, e como é igualmente por acaso que o erro penetra nossa alma, não somos capazes de distinguir o certo do errado, nem escolher entre um e outro.

Eram os acadêmicos mais prudentes em seu juízo acerca de nossa ignorância. Achavam demasiado categórico dizer ‘que não é mais provável ser a neve branca do que preta’, nem que não tivéssemos mais certeza do movimento de uma pedra que atiramos do que da oitava esfera. Para obviar a essa dificuldade, que não pode realmente alojar-se em nossa imaginação, embora estabelecessem que éramos absolutamente incapazes de saber o que quer que seja, e que a verdade se enterra nos mais profundos abismos, onde a vista humana não penetra, reconheciam que algumas coisas podem apresentar maior aparência de verdade do que outras; por isso admitiam que houvesse preferência, mas não solução. Os pirrônicos eram mais ousados em sua opinião e ao mesmo tempo pareciam mais próximos da verdade; pois que significa essa propensão dos acadêmicos a preferir uma proposição a outra, senão que há aparência maior de verdade numa mais do que na outra? Ora, se nosso espírito é capaz de perceber a forma, os traços, a estatura da verdade, pode vê-la inteira tanto quanto pela metade, em embrião e imperfeita. Essa aparência de verdade, que nos induz a tomar antes pela direita do que pela esquerda, ampliemo-la; essa onça de probabilidade que já fez inclinar a balança, multipliquemo-la por cem ou mil, e a balança desequilibrar-se-á definitivamente e nossa escolha se fará porque a verdade há de aparecer em seu todo.

Mas como podem admitir a verossimilhança se ignoram o que seja a verdade? Como saber se uma coisa se assemelha a outra cuja essência desconhecemos? Ou podemos emitir um juízo preciso ou não o podemos absolutamente. Se falta a base de nossas faculdades intelectuais e suscetíveis de sentir, se elas não assentam em nada, se flutuam ao sabor dos ventos, nosso juízo não nos conduzirá a coisa alguma, quaisquer que sejam o objeto e as aparências. O mais certo e seguro seria que nosso entendimento

se mantivesse sereno e inflexível:

“Inter visa, vera, aut falsa, ad animi assensum, nihil interest”

“Entre as aparências verdadeiras ou falsas, nada determina o assentimento da alma” [Cícero]

Que as coisas não se alojam em nós com sua forma e sua essência, impondo-se por si mesmas e com sua autoridade, bem o sabemos; pois se assim fosse tudo produziria em todos a mesma impressão; o vinho teria o mesmo gosto na boca de um doente e de um homem são, quem tivesse os dedos adormecidos pelo frio acharia o ferro que maneja tão duro quanto quem não os tivesse. As coisas exteriores a nós alojam-se pois em nós como nos compraz recebê-las. Por outro lado, se o que recebemos o aceitássemos sem o alterar; se os meios de que dispõe a humanidade fossem suficientes para apreendermos a verdade sem recorrer a elementos estranhos; em sendo esses meios conhecidos de todos, a verdade transmitir-se-ia de mão em mão, de uns a outros, e aconteceria que, em tão grande número, uma coisa houvesse ao menos em que, por consenso universal, todos acreditassem. Ora, o fato de não haver proposição que não seja discutida e controvertida ou não o possa ser, mostra muito bem que, abandonado a si mesmo, nosso julgamento não apreende claramente o que apreende, porquanto o meu julgamento não consegue que o de meu vizinho o aceite, o que prova nitidamente que o concebo por outros meios que não os decorrentes de uma força de concepção de que a natureza nos houvesse a todos dotado igualmente.

Deixemos de lado essa infinita confusão de opiniões, encontrada entre os próprios filósofos, e essa perpétua e universal discussão acerca do conhecimento que temos das coisas, pois é evidente que os homens, os mais sábios e sinceros, e os mais capazes, não estão de acordo acerca de nada, nem mesmo em que o céu se encontra acima de nossas cabeças, porquanto os que duvidam de tudo duvidam disto também. E os que negam possamos compreender o que quer que seja, negam que compreendamos estar o céu nessa posição. E essas duas opiniões, consistindo uma em duvidar e outra em negar, são as mais fortes.

Além dessa inumerável diversidade de opiniões, é fácil verificar, pela confusão em que nos joga e a incerteza que todos sentem, que nosso julgamento não tem fundamento sólido. Quantas vezes julgamos diversamente as coisas? Quantas vezes mudamos de idéias? O que hoje admito e creio, admito e creio na medida do possível; todas as nossas faculdades, todos os nossos órgãos se apossam dessa opinião e por ela respondem quanto podem; não poderia aceitar outra verdade nem a conservar com maior convicção; a ela dei-me por inteiro. Mas não me aconteceu, e não uma vez porém cem ou mil, e diariamente, ter aceito do mesmo modo alguma coisa que posteriormente considere falsa? Que ao menos nos tornemos sensatos a expensas nossas! Se tantas vezes fui traído por meu julgamento, se essa pedra de toque é em geral defeituosa, se a balança está mal regulada, que garantia a mais posso ter desta vez? Não será tolice deixar-me enganar por semelhante guia? E no entanto, ainda que o destino nos leve a mudar quinhentas vezes de idéia, a última, a atual será a verdadeira, a infalível. Por esta sacrificaremos nossos bens, a honra, a vida, a salvação:

“Posterior res illa reperta,

Perdit, Et immutat sensus ad pristina quæque”

“A última nos desgosta da primeira e a desacredita em nosso espírito” [Lucrécio]

O que quer que nos preguem, o que quer que aprendamos, é sempre preciso lembrar que o homem o dá e o homem o recebe; a mão de um mortal oferece e a mão de um mortal aceita. Só as coisas que vêm do céu têm direito de persuasão e a indispensável autoridade; só elas trazem a marca da verdade, mas nossos olhos não as distinguem se não as obtemos por nossos próprios meios. Essa santa e grande imagem não elegeria domicílio em tão miserável barraca, se Deus por especial favor não a houvesse preparado para isso, não a houvesse transformado e fortificado com Sua graça. Nossa condição, tão sujeita a desfalecimento, deveria inspirar-nos mais moderação e discrição em nossas variações; deveríamos lembrar que, quaisquer que sejam as impressões de nossa inteligência, muitas vezes são coisas falsas e que as percebemos com esses mesmos instrumentos que amiúde se enganam. E não há como estranhar que se enganem, pois as menores ocorrências os falseiam e embotam. É certo que nossa compreensão, nosso julgamento e as faculdades de nossa alma sofrem de conformidade com o corpo e suas contínuas alterações. Não temos o espírito mais atilado, a memória mais viva, o raciocínio mais rápido, quando a saúde é boa? A alegria não nos predispõe a aceitar as impressões de maneira diferente da tristeza? Crede que os versos de Catulo ou de Safo agradem a um velho avarento e rabugento tanto quanto a um jovem vigoroso e entusiasta?

Cleômenes, filho de Anaxandridas, estava doente. Seus amigos censuravam-lhe a disposição de espírito e as idéias novas, que não lhe eram habituais. “Naturalmente”, respondeu-lhes, “pois não estou como quando me sinto bem; e, estando diferente, diferentes são minhas opiniões e idéias”.

A gente da chicana, no tribunal, diz comumente, falando de um criminoso que se apresenta a um juiz bem-humorado: ‘que aproveite a sorte’. É certo que as sentenças são por vezes mais severas e rigorosas e por vezes menos duras, atendendo a circunstâncias atenuantes. E não há dúvida de que o julgamento de quem as profere e sofre da gota, ou anda ciumento, ou acaba de ser roubado, se ressentido da disposição de espírito do juiz. O Areópago, venerável senado, julgava à noite de medo que a presença das partes influenciasse a justiça. O próprio estado da atmosfera e a serenidade do céu fazem que varie o nosso julgamento, o que constata este verso grego, citado por Cícero:

“Tales sunt hominum mentes, quali pater ipse

Juppiter, auctifera lustravit lampade terras”

“O estado de espírito dos homens, de dor ou de alegria, varia cada dia que Júpiter lhes dá”

Não são apenas as febres, a bebida, os acidentes graves que nos abalam o juízo; as coisas mais insignificantes o perturbam; e não se deve estranhar, embora não o percebamos, que, se a febre contínua nos enfraquece a alma, altera-a também a febre intermitente, guardadas as proporções; se a apoplexia apaga totalmente a luz de nossa inteligência, um defluxo incontestavelmente a transforma. Por conseguinte, mal se depara uma hora na vida em que nosso juízo é normal. A tal ponto está nosso corpo sujeito a constantes mudanças, e é movido por tantas molas, que na opinião dos médicos muito dificilmente

ocorre não haver nenhuma em mau estado.

E, para cúmulo, a menos que esteja no apogeu e já sem cura, não é fácil descobrir essa doença que oblitera nosso julgamento, tanto mais quanto a razão, sempre tão falha e manca, se acomoda à mentira como à verdade; o que faz que seja difícil saber quando se desregula e quando podemos confiar nela. Dou esse nome de razão a essa aparência de juízo que cada um forja em si mesmo e que a respeito de um mesmo assunto pode levar a cem apreciações diversas e contraditórias, instrumento feito de chumbo e cera, que se estica e dobra e se ajeita a todas as circunstâncias, a todos os compromissos, e que um pouco de habilidade basta para levar a amoldar-se a quaisquer moldes. Por melhor que seja sua intenção, se não se examinar de perto, o que pouca gente faz, um juiz pode ser solicitado pela benevolência (para com um amigo ou parente) tanto quanto pela idéia de vingança. Sem ir tão longe, uma simples tendência instintiva o impele a uma predileção, ao escolher, sem razão, entre dois objetos idênticos; um imperceptível impulso qualquer pode atuar sobre seu julgamento e o predispor favorável ou desfavoravelmente a dada causa, forçando a balança a pender para um lado ou outro.

Eu que me analiso, a fundo, e tenho os olhos sempre voltados para mim mesmo, como quem não tem muito que fazer alhures,

***”Quis sub arcto
Rex gelidae metuatur orae,
Quid Tyridatem terreat, unice
Securus”***

***”Que não me preocupo em absoluto com saber que rei tudo
abalou algures ou com que se alarma Tiridates” [Horácio]***

, mal ousou dizer as falhas e fraquezas que percebo em mim. Tenho o pé tão pouco seguro, fraqueja tão facilmente, titubeia tão sem motivo, e minha vista é tão desregulada, que em jejum me sinto melhor do que depois de comer; se estou satisfeito com minha saúde, se faz bom tempo, eis-me um homem amável; se um calo me dói, fico aborrecido, desagradável, inabordável; um cavalo cujo andar não varia parece-me ora duro ora suave; o mesmo caminho parece-me curto por vezes e por vezes longo; segundo a hora, a forma de um objeto ser-me-á agradável ou não; quero e não quero empreender alguma coisa e o que me apetece agora, contraria-me depois. Mil agitações inoportunas e acidentais verificam-se em mim; ou sou tomado de melancolia ou de cólera; em outro momento é a tristeza que me envolve, mas logo a seguir a alegria vence. Quando pego um livro, certos trechos que considero excelentes me impressionam e encantam; de outras feitas folheio esse mesmo livro e procuro em vão algo que me deleite, tudo se me afigura informe.

Nos meus próprios escritos nem sempre redescubro o meu pensamento, não sei mais o que desejei exprimir e não raro me esforço por corrigi-lo, modificá-lo, pois o significado primeiro, por certo mais interessante, me escapa. Não faço senão ir e vir. Meu julgamento não segue uma linha reta, flutua ao léu:

***”Velut minuta magno
Deprensa navis in mari vesaniente vento”***

”Como um frágil barco surpreendido em alto mar por um vento furioso” [Catulo]

Muitas vezes, o que faço de bom grado como exercício defendendo uma tese contrária à minha opinião, absorvo-me a tal ponto na tarefa, que não mais percebo as razões de minha verdadeira idéia e a abandono. Empurro-me, por assim dizer, para o lado de minhas tendências. E deixo-me levar por elas.

Todos poderiam dizer o mesmo, se se estudassem como eu. Os que falam em público sabem muito bem que a emoção os induz a acreditarem no que afirmam. Quando estamos com raiva, aplicamo-nos melhor na defesa de nossa idéia; encarnamo-la em nós, abraçamo-la com veemência e a consideramos mais justa do que quando estamos calmos e de sangue frio. Expomos uma questão a um advogado; sentimo-lo hesitante e sem convicção: é-lhe indiferente defender esta ou aquela causa. Se o pagamos bem para se colocar do nosso lado, começa a interessar-se. E se sua vontade se aquece, eis que se aquecem ao mesmo tempo sua razão e seu saber e a verdade aparente deixa de lhe inspirar a menor dúvida. Persuade-se de que assim é, e o crê. Não sei mesmo se o ardor que nasce do despeito e da obstinação que experimentamos ante a opinião e a violência do magistrado, a excitação causada pela ameaça do perigo, ou ainda o desejo de ganhar prestígio, não terão levado certo personagem (que poderia apontar) a subir à fogueira para sustentar sua opinião, pela qual, em liberdade e no meio de seus amigos, não se expusera a queimar um dedo.

Os abalos e golpes que atingem nossa alma por causa das paixões do corpo, atuam fortemente sobre ela. Maiores ainda são os que lhe provêm de suas próprias paixões, as quais tanto a instigam que quase poderíamos afirmar que, sem elas, permaneceria inerte, como um navio em pleno mar quando o vento o não assiste. Quem, a exemplo dos peripatéticos, defendesse essa tese, não nos traria prejuízos, pois é sabido que em sua maioria as belas ações da alma procedem de nossas paixões e precisam de seu impulso. Não sustentamos que a valentia se manifesta melhor sob a influência da cólera?

”Semper Ajax fortis, fortissimus tamen in furore”

”Ajax foi sempre bravo, e mais bravo ainda em seu furor” [Cícero]

Não é quando nos zangamos que melhor perseguimos o malfeitor ou inimigo? E há quem pense que os advogados provoquem a cólera dos juízes tão-somente para obter ganho de causa. O desejo imoderado das grandes coisas, meta de Temístocles e de Demóstenes, foi o que induziu os filósofos a trabalhar, viajar por países longínquos, e é o que nos conduz à honra, ao saber, à saúde, a tudo o que é útil. A covardia da alma, que faz que suportemos o tédio e o desprazer, dá à nossa consciência a possibilidade de se arrepender, de se resignar ante os flagelos que Deus nos envia para nos punir e ante os que resultam de uma administração corrupta. A compaixão predispõe à clemência; a prudência de que nos valemos para atender à nossa conservação e nos dirigir, é despertada em nós pelo temor. E quantas belas ações se devem à ambição! Quantas à alta opinião que temos de

nós mesmos! Em suma, não há virtude mais ou menos elevada e admirável sem alguma agitação desordenada da alma. Não seria essa uma das razões pelas quais os epicuristas isentaram Deus de quaisquer cuidados com os nossos negócios humanos? Tanto mais quanto os efeitos de sua bondade não podem exercer-se sobre nós sem que perturbem o repouso de nossa alma com a movimentação de nossas paixões, as quais são como picadas estimulantes que a incitam aos atos virtuosos. Ou terão esses filósofos pensado de outro modo e considerado as paixões como tempestades que, uma vez desencadeadas, desviam orgulhosamente a alma de sua quietude?

***”Ut maris tranquillitas intelligitur,
Nulla, ne minima quidem, aura fluctus commovente:
Sic animi quietus et placatus status cernitur,
Quum perturbatio nulla est, qua moveri queat”***

”Assim como entendemos por mar calmo a ausência do menor vento sobre suas ondas, também consideramos que a alma está serena quando nenhuma paixão a comove” [Cícero]

Que diferenças de sentido e razão apresentam nossas paixões em sua diversidade e quantas idéias dessemelhantes disso resultam? Que segurança nos oferece uma coisa tão instável, tão imóvel, sobre a qual a confusão reina, que só se movimenta por imposição alheia? Se nosso julgamento depende até da enfermidade, e das perturbações que experimentamos; se é preciso que seja presa da loucura para receber a impressão das coisas, como poderemos confiar nele?

Parece-me demasiado temerário assegurar a filosofia que os homens não produzem suas maiores obras, as que mais os aproximam da divindade, senão quando fora de si, e furiosos. Assim nos aperfeiçoamos pela privação da razão, ou seu embotamento! Os caminhos naturais que levam ao gabinete dos deuses são pois a loucura e o sono! Linda constatação! É pela desordem das paixões que nos tornamos virtuosos, pelo seu aniquilamento na loucura ou no sono que nos transformamos em profetas e adivinhos! Nunca estive tão inclinado a acreditá-lo. Cedendo à inspiração irresistível da verdade santa, o espírito filosófico vê-se forçado a reconhecer, contra o que sustentava, que a tranqüilidade, a calma, a saúde que se esforça por dar à alma, não constituem para ela seu melhor estado. Acordados, estamos mais adormecidos do que se dormíssemos; nossa sabedoria é menos sábia do que a loucura; nossos sonhos valem mais do que nossos raciocínios; o pior lugar que podemos ocupar está em nós mesmos. Mas não pensa a filosofia, por outro lado, que podemos imaginar que a voz que torna o espírito, quando separado do corpo, tão lúcido, grande, perfeito, enquanto mergulha nas trevas quando encarnado, não é a voz que parte do espírito do homem terreno ignorante e privado de luz? Logo, como confiar nela?

Como sou mole por temperamento, e pesado, não tenho grande experiência dessas violentas agitações que se apoderam subitamente de nossa alma, sem lhe dar a possibilidade de se reconhecer. Mas essa paixão que dizem ser provocada pela ociosidade e atinge os jovens, embora se desenvolvendo lentamente, dá bem a idéia, aos que procuraram opor-se a seu progresso, do alcance da mudança e alteração que experimenta o julgamento. Esforcei-me outrora por contê-la e combatê-la em mim, pois não me comprazo nesse vício, e só cedo quando me arrasta. Sentia essa paixão nascer e desenvolver-se, desabrochar-se em mim e me possuir. O efeito produzia-se à maneira da embriaguez: o aspecto das coisas mudava; e via as dificuldades do empreendimento se acertarem e se tornarem fáceis de vencer; minha razão e minha consciência cederam. Em seguida, extinto o fogo, de imediato, com a rapidez do relâmpago, minha alma revelava outros objetivos, modificava-se, meu julgamento mudava; as dificuldades em voltar atrás pareciam aumentar e tornar-se invencíveis; as mesmas coisas tinham outro gosto e aspecto, diferentes daqueles que sob a influência do desejo antes apresentavam. Qual desses estados é mais verdadeiro? Pirro declara não o saber.

Nunca estamos inteiramente isentos de enfermidades. O fogo da febre alterna com o frio dos tremores; dos efeitos de uma ardente paixão, caímos nos de outra excessivamente fria. Quanto mais nos lançamos à frente tanto mais recuamos a seguir:

***”Qualis ubi alterno procurrens gurgite pontus,
Nunc ruit ad terras scopulisque superjacit undam,
Spumeus, extramamque sinu perfundit arenam:
Nunc rapidus retro atque aestu revoluta resorbens
Saxa fugit, littúsque vado labente relinquit”***

”Assim o mar, em seu duplo movimento, ora se precipita em direção da costa, cobre o rochedo de espuma e se expande ao longe pelas praias; ora recua carregando os seixos que trouxera, e foge, deixando a praia descoberta” [Virgílio]

Conhecendo a instabilidade de meu julgamento, reagi e, excepcionalmente, cheguei a uma certa continuidade de opinião, conservando mais ou menos intactas as que a princípio tivera. Pois, qualquer que seja a aparência de verdade que pode ter a novidade, não mudo de medo de perder na troca. Incapaz de escolher por mim mesmo, confio na escolha de outrem e atendo-me às condições em que Deus me colocou, sem o que não poderia impedir-me de variar amiúde. Assim é que, com a graça de Deus, conservei inteiras, sem inquietações nem casos de consciência, as antigas crenças de nossa religião, a despeito de tantas seitas e divisões observadas em nosso século. As obras antigas, refiro-me às boas obras, sérias e de conteúdo, atraem-me e influem grandemente em mim. A que tenho à mão é sempre a que me interessa mais; acho que cada uma por sua vez está com a verdade, mesmo quando as teses são antagônicas. Essa facilidade que possuem os bons autores de tornar verossímil o que apresentam – e não há nada que não se esforcem por pintar com cores suscetíveis de ludibriar uma simplicidade igual à minha – mostra de maneira evidente a fraqueza de suas provas. O céu e as estrelas foram durante três mil anos considerados em movimento. Todos acreditaram, até que Cleantes de Samos ou, segundo Teofrasto, Nicetas de Siracusa, se lembrou de sustentar que a terra é que girava em torno de seu eixo, seguindo o círculo oblíquo do zodíaco; e em nosso tempo Copérnico demonstrou tão bem esse princípio, que dele se vale em seus cálculos astronômicos. Que concluir, senão que não

temos que nos preocupar com saber qual dos sistemas é o verdadeiro? Quem sabe se daqui a mil anos outro sistema não os destruirá a ambos?

***”Sic volvenda aetas commutat tempora rerum,
Quod fuit in pretio, fit nullo denique honore,
Porro aliud succedit, Et è contemptibus exit,
Inque dies magis appetitur, florétque repertum
Laudibus, Et miro est mortales inter honore”***

”Assim, o tempo modifica o valor das coisas; o objeto apreciado cai em descrédito, enquanto o desprezado passa a ser apreciado; desejam-no dia a dia mais, é admirado e ocupa o primeiro lugar na opinião dos homens” [Lucrécio]

Temos, portanto, quando se apresenta uma nova doutrina, razões de sobra para desconfiar e lembrar que antes prevalecia a doutrina oposta. Assim como esta foi derrubada pela recente, no futuro uma terceira substituirá provavelmente a segunda. Antes que os princípios de Aristóteles tenham tido crédito, outros existiram que também davam satisfação à razão humana. Que carta de recomendação trazem os últimos? Que privilégio especial lhes garante que as nossas invenções os preservarão eternamente? Não estão mais a salvo de serem rejeitados quanto os outros. Quando me atiram um argumento novo, ponho-me a pensar que o que não pude resolver, outro resolverá e que dar fé a todas as aparências de que não nos podemos defender é grande simplicidade. Isso levaria o comum dos mortais – e nós todos o somos – a ver sua fé girar de todos os lados como um cata-vento, porquanto a alma maleável e plástica receberia impressões sucessivas, apagando sempre a última os vestígios das precedentes. Quem se considera sem argumentos diante das doutrinas novas, deve responder, como é de uso, que vai consultar seus conselheiros ou reportar-se aos mais sábios dentre os que o educaram.

Há quanto tempo existe a medicina! Afirma-se, entretanto, que um inovador chamado Paracelso modifica e destrói as regras antigas e sustenta que até hoje só serviram para matar. Creio que provará facilmente suas afirmações, mas confiar-lhe minha vida para que ateste a superioridade de seus métodos seria grande estupidez. Não se deve confiar em todos, diz a máxima, porque todos são capazes de dizer qualquer coisa que lhes passe pela cabeça. Um homem assim predisposto a inovar e reformar dentro do terreno da física, dizia-me, não faz muito, que os antigos se haviam enganado acerca da natureza e dos efeitos dos ventos, o que me provaria se o quisesse escutar. Depois de ouvi-lo pacientemente desenvolver argumentos muito plausíveis, indaguei: “Como então os que navegavam aplicando os princípios de Teofrasto conseguiam ir para o Ocidente quando os ventos sopravam em direção do Oriente? Iam de lado ou recuando? – Efeitos do acaso, respondeu. O que é indiscutível é que laboravam em erro. – Pois então, repliquei, prefiro os efeitos ao raciocínio”. Ora, são coisas não raro antagônicas. Afirmaram-me que em geometria (ciência que pretende ter alcançado o mais alto grau de exatidão) há demonstrações incontestáveis que contradizem tudo o que a experiência declara verdadeiro. Assim é que Jacques Peletier me dizia, em casa, haver descoberto duas linhas que embora se dirigissem uma na direção da outra, aproximando-se sem cessar, jamais se encontrariam, nem mesmo no infinito, o que demonstrava. Em tudo empregam os pirrônicos unicamente seus argumentos e seu raciocínio para combater as aparências sob as quais se apresentam, e é maravilhoso ver até onde a sutileza de nossa razão obedece ao desejo de lutar contra a evidência; eles demonstram que não nos mexemos, não falamos, que o peso e o calor não existem; e isso com um vigor de argumentação que nos convence da veracidade das coisas mais inverossímeis.

Ptolomeu, que foi personagem de realce, determinara os limites de nosso mundo; os filósofos antigos pensavam nada ignorar a esse respeito acerca do que existia, salvo algumas ilhas longínquas que podiam ter escapado às suas investigações; e, há mil anos, fora agir como os pirrônicos pôr em dúvida o que então ensinava a cosmografia e as opiniões aceitas por todos; referir-se à existência de antípodas era heresia. E eis que neste século se descobre um continente de enorme extensão, não uma ilha, mas uma região quase igual em superfície às que conhecíamos. Os geógrafos de nosso tempo não deixam de afirmar que agora tudo é conhecido:

”Nam quod adest praesto, placet, et pollere videtur”

”Pois nos comparamos com o que temos, o que nos parece superior ao resto” [Lucrécio]

Pergunto então se, visto que Ptolomeu se enganou outrora acerca do que constituía o ponto de partida de seu raciocínio, não seria tolice acreditar hoje resolutamente nas idéias de seus sucessores, e se não é provável que esse grande corpo denominado o mundo seja bem diferente do que julgamos?

Platão sustenta que sua fisionomia se modifica de todas as maneiras: que o céu, as estrelas, o sol mudam por vezes inteiramente o movimento que os vemos realizar, tornando-se o Oriente, Ocidente. Os sacerdotes do Egito contaram a Heródoto que desde seu primeiro rei, onze mil e tantos anos atrás (e mostravam-lhe efígies e estátuas deles, executadas no tempo em que viviam) a órbita do sol variara quatro vezes; que o mar e a terra se transformam alternativa e reciprocamente; que a criação do mundo é indeterminada, o que também dizem Aristóteles e Cícero. E é também a opinião de um dos nossos sábios, o qual, apoiando-se no testemunho de Salomão e Isaías, apresenta o mundo como tendo sempre existido, sujeito à morte mas renascendo após transformações; o que responde à objeção de que Deus foi em certos momentos um criador sem criaturas, que por vezes permaneceu no ócio, deste saindo para retocar Sua obra e estando assim Ele próprio sujeito a mudanças.

Na mais famosa escola da Grécia o mundo é considerado um deus, criado por outro deus mais poderoso. Constitui-se de um corpo e de uma alma; esta ocupa o centro de onde se expande para a periferia em obediência às mesmas leis que regulam os acordes musicais; esse mundo tem os apanágios da divindade, é feliz, grande, sábio, eterno; nele se encontram outros deuses: a terra, o mar, os astros, os quais se mantêm em perpétua e harmônica agitação, espécie de dança divina, ora se encontrando, ora se afastando, escondendo-se e se exibindo, mudando a ordem em que perambulam, ora uns à frente dos outros, ora atrás. Heráclito considerava o mundo um braseiro incandescente, destinado a inflamar-se e consumir-se um dia, para renascer novamente.

Quanto aos homens, diz Apuleio, são mortais como indivíduos e imortais como espécie. Alexandre enviou à sua mãe a narrativa de um sacerdote egípcio, tirada dos monumentos, que testemunhava a antiguidade da nação, a qual se perde no infinito, e relatava a origem autêntica e o desenvolvimento de outros países. Cícero e Diodoro dizem que em seu tempo os caldeus tinham documentos que remontavam a quatrocentos e tantos mil anos. Aristóteles, Plínio e outros, que Zoroastro vivera seis mil anos antes de Platão. Este último afirma que os habitantes de Saís possuem arquivos de oito mil anos e que a construção de Atenas ocorreu mil anos antes da de Saís. Epicuro acha que o que observamos na terra existe igualmente e em idênticas condições em muitos outros mundos. E uma tal assertiva ele a houvera feito com mais segurança ainda se lhe tivesse sido dado conhecer o novo mundo das Índias Ocidentais, tão semelhante ao nosso de hoje e de outrora.

Em verdade, considerando o que sabemos de diversas práticas em curso nesta terra, fiquei muitas vezes maravilhado com ver que em tempos e lugares remotos se encontrem, em número tão grande, opiniões populares e costumes e crenças selvagens tão semelhantes, embora não pareçam ter origem no estado atual de nossa inteligência. O espírito humano realiza realmente grandes milagres, mas essa correlação tem ainda algo mais estranho pela similitude de certos nomes e de mil outras coisas; pois neste mundo novo, vêem-se povos que nunca ouviram falar de nós, e entre os quais se pratica a circuncisão. Alguns há cujo governo cabe às mulheres, e entre eles observam-se o jejum e a quaresma, bem como a castidade. Descobriram-se outros que possuíam a cruz como símbolo; outros honram os mortos; outros, ainda, usam a cruz de Santo André como proteção contra as alucinações noturnas e a colocam sobre os leitos das crianças para que as proteja contra feitiços; em certa nação no interior das terras, encontrou-se uma grande cruz de madeira e que era adorada como deus das chuvas. Observaram-se práticas penitenciárias exatamente iguais às nossas, o uso de mitras, o celibato eclesiástico, a arte da adivinhação pelo exame das vísceras dos animais sacrificados, a abstinência em matéria de carnes, e peixes, o emprego pelos sacerdotes de uma língua especial. Observou-se também a existência da idéia de um primeiro deus expulso por seu irmão mais moço, bem como a que os homens foram criados no gozo de todas as comodidades imaginárias, de que depois se viram privados em virtude do pecado; a de que foram expulsos do território que ocupavam, tendo piorado as suas condições; a de que outrora foram submergidos por uma inundação provocada pelas águas do céu e só algumas famílias escaparam subindo ao alto das montanhas e refugiando-se em cavernas com animais de diversas espécies, tapando as entradas para se salvarem. Quando perceberam que as chuvas tinham cessado, fizeram os cães saírem, os quais voltaram limpos e molhados, deduzindo eles que as águas não haviam baixado ainda. Pouco depois soltaram outros que voltaram enlameados; saíram então eles próprios a fim de repovoar o mundo que encontraram cheio de serpentes unicamente.

Entre alguns povos existe a crença no juízo final; por isso, sentiam-se profundamente ofendidos quando os espanhóis, escavando os cemitérios, a fim de arrecadar tesouros, dispersavam os ossos dos túmulos, pois esses ossos, espalhados ao acaso, dificilmente se juntariam e se reconstituíam.

O comércio aí se pratica por meio de trocas e existem feiras e mercados com tal objetivo. Anões e indivíduos disformes são empregados no divertimento dos príncipes. A caça com falcões ou pássaros análogos é praticada. Há impostos abusivos. A arte da jardinagem decorativa é conhecida. E conhecidas são as danças, as peloticas, a música instrumental, os brasões, os jogos de bola, de dados e de azar, a que se entregam apaixonadamente, a ponto de jogarem a própria liberdade. A prática da medicina compreende exclusivamente atos de magia e encantamento. A escritura compõe-se de hieróglifos. Encontra-se a crença em um Deus que desceu à terra e viveu na castidade, jejuando e fazendo penitência, pregando a lei natural e a observância do culto, e que desapareceu sem ser atingido pela morte que a todos atinge. Acreditam em gigantes. Usam bebidas suscetíveis de provocar a embriaguez e bebem até o estado de inconsciência. Dispõem de ornatos religiosos com imagens de caveiras e ossos, de água benta, de mantos e fazem aspersões. Mulheres e servidores disputam a honra de morrer com o marido ou senhor. O primogênito herda tudo o que possui o pai; os outros nada percebem e devem obedecer. É costume que os que se designam para o desempenho de tais ou quais cargos mudem de nome. Aspergem as crianças recém-nascidas com um pouco de cal, dizendo: vens do pó, ao pó voltarás. Praticam a arte dos augúrios.

Esses vagos simulacros de nossa religião, que se observam em certos exemplos, bem demonstram sua dignidade e divindade. Não somente penetrou as nações infiéis de nosso hemisfério que a imitaram em parte, mas ainda os bárbaros, como por inspiração sobrenatural que a leva a espalhar-se pelo mundo inteiro. Encontra-se até a noção de purgatório, mas sob outra forma: o que entregamos ao fogo, aí se entrega ao gelo e esses povos imaginam que as almas são punidas e purificadas com o sofrimento do frio. Isso me recorda outra divergência nas idéias, assaz divertida: enquanto certas tribos apreciam a circuncisão como os maometanos e judeus, outras, ao contrário, com a ajuda de cordões fixados à pele, esticam o prepúcio até que cubra a extremidade do pênis como se temessem o contato do ar. Outra divergência se nota nos festejos e homenagens aos reis. Em tais circunstâncias, enfeitamo-nos com nossas vestimentas mais nobres. Pois em alguns países, a fim de evidenciarem a superioridade do soberano e sua própria submissão, seus súditos apresentam-se vestidos de miseráveis trapos, e ao entrar no palácio cobrem suas roupas com um manto rasgado, ressaltando assim a personalidade do senhor, resplendente entre os demais. Mas continuemos.

Se a natureza encerra, como o faz com todas as coisas, dentro de suas regras naturais, as crenças, os juízos, as opiniões dos homens; se suas evoluções são determinadas, se têm seu momento, se nascem e morrem como os repolhos; se o céu os agita e varre à vontade, que autoridade segura e permanente lhes atribuiremos? A experiência prova-nos que a nossa organização decorre do ar, do clima, do lugar de nascimento; que não somente a nossa tez, a nossa estatura, a nossa compleição, nossos meios físicos disso dependem mas ainda as faculdades de nossa alma;

***”Et plaga coeli non solum ad robur corporum,
Sed etiam animorum facit, dit Vegece”***

”O clima não contribui apenas para o vigor do corpo, porém igualmente para o do espírito”

, diz Vegécio, e por isso escolheu a deusa que fundou Atenas um clima em que os homens se tornam mais sábios, como o ensinaram a Sólon os sacerdotes egípcios:

***”Athenis tenue coelum: ex quo etiam acutiores putantur Attici:
Crassum Thebis: itaque pingues Thebani, et valentes”***

”O ar de Atenas é leve, o que dá aos atenienses mais finura; o de Tebas é pesado, por isso têm os seus habitantes mais vigoroso o espírito” [Cícero]

Por conseguinte, assim como os animais apresentam diferenças desde o nascimento, os homens nascem mais ou menos belicosos, justos, temperantes, dóceis; aqui amam o vinho, alhures o roubo e a libertinagem; aqui propendem para a superstição; alhures para a incredulidade; aqui apreciam a liberdade, alhures a servidão; são sábios ou artistas, grosseiros ou espirituosos, obedientes ou rebeldes, bons ou maus segundo a influência do lugar onde vivem. Se os transplantam, suas tendências modificam-se como ocorre com as árvores. Por esse motivo Ciro não autorizou os persas a abandonarem seu país duro e montanhoso a fim de emigrar para outro suave e plano, dizendo que as terras fecundas e fáceis engendram homens sem energia, espíritos estéreis. Quando vemos sob alguma influência celeste florescer uma determinada arte, uma crença substituir-se a outra, tal século produzir tais temperamentos e predispor a humanidade a tomar tal ou qual partido, o espírito humano mostrar-se ora vigoroso, ora estiolado, como se observa com as terras de cultura, onde as prerrogativas de que nos jactamos? Se um sábio pode ter desilusões, cem homens e nações inteiras o podem também, e, em verdade, a meu ver, o gênero humano inteiro se engana há séculos acerca disto ou daquilo. Que certeza podemos alimentar de que por vezes cesse de se enganar e que no século atual não esteja laborando em erro?

Entre outros testemunhos da fraqueza de nosso espírito um não deve ser omitido: mesmo quanto ao que deseja, o homem não sabe escolher. Não é apenas quando estamos de posse de alguma coisa que não sabemos o que nos satisfaz; é também quando nossa imaginação trabalha sozinha e que nos basta desejar. Deixemo-la cortar e costurar à vontade, não chegará sequer a designar o que ambiciona:

***”Quid enim ratione timemus
Aut cupimus? quid tam dextro pede concipis, ut te
Conatus non pœniteat, votique peracti?”***

”Sabe a razão o que deve temer ou desejar? Quando, jamais, concebeu algo de que não se arrependesse mais tarde, mesmo se os fatos atendem ao que esperava?” [Juvenal]

Isso fazia Sócrates pedir somente aos deuses o que eles sabiam ser-lhe útil. E a prece dos lacedemônios, pública ou privada, visava simplesmente obter o bom e o belo que bem entendessem os deuses.

***”Conjugium petimus partumque uxoris, at illi
Notum qui pueri, qualisque futura sit uxor”***

”Pedimos uma esposa e queremos filhos; mas só Deus sabe como devem ser esses filhos e essa esposa” [Juvenal]

Nas suas súplicas, diz o cristão a Deus: “seja feita a vossa vontade”, e assim evita a desventura que os poetas atribuem a Midas. Este pedira aos deuses que tudo o que tocasse se transformasse em ouro. Deus quis, e seu vinho virou ouro, e seu pão foi de ouro, até as penas de seu leito e sua camisa, e suas vestes, e ele se acabrunhou com a satisfação dada a seu desejo; pois o presente era insuportável. Foi-lhe necessário suplicar novamente a fim de que cessassem os efeitos de sua solicitação atendida:

***”Attonitus novitate mali, divesque misereque,
Effugere optat opes, et quæ modo voverat, odit”***

”Espantado com mal tão inesperado, rico e indigente a um tempo; quisera fugir às suas riquezas e se horrorizava com o objeto de suas súplicas” [Ovídio]

Eu mesmo, na mocidade, pedi ao destino, entre outros favores, a Ordem de São Miguel; era então a mais insigne condecoração da nobreza francesa e muito raramente concedida. Deu-ma o destino, mas em condições divertidas; em vez de fazer com que me elevasse para obtê-la, trouxe-a a mim e mesmo mais baixo.

Cléobis e Bíton, Trofônio e Agamedes, tendo pedido, os primeiros a sua deusa e os outros a seu deus, uma recompensa digna de sua devoção, receberam como presente a morte. Eis como o que pensam as potências divinas de nossa felicidade, difere muito do que imaginamos! Deus poderia outorgar-nos riqueza, honrarias, vida e até saúde, e isso nos ser por vezes prejudicial, pois o que nos agrada nem sempre nos é salutar. Se em vez de nos curar, envia-nos a morte ou uma agravação de nossos males: “tua ‘vara e teu bastão consolaram-me” [Salmos, XXII, 5], assim o faz porque é o que em sua sabedoria lhe dita sua providência, a qual sabe exatamente o que nos falta. E nós não o podemos saber. E o devemos ter em muito boa conta, vindo de mão tão sábia e bondosa:

***”Si consilium vis,
Permittes ipsis expendere numinibus, quid
Conveniat nobis, rebûsque sit utile nostris:
Charior est illis homo quàm sibi”***

”Se queres um bom conselho, deixa aos deuses o cuidado do que te convém e te é útil; querem mais ao homem do que este a si mesmo” [Juvenal]

Pedir-lhes honrarias, cargos, é pedir-lhes que nos joguem na batalha ou em uma partida de dados ou em qualquer outra coisa cujo resultado desconhecemos e seja duvidoso.

Não há assunto que provoque controvérsias mais violentas entre os filósofos do que o soberano bem. Em que consiste? Varro afirma que duzentas e oitenta e oito seitas nasceram dessa questão.

***”Qui autem de summo bono dissentit,
De tota philosophiæ ratione disputat”***

”Ora, desde que não concordemos acerca do soberano bem,
nossas opiniões divergirão a respeito de toda a filosofia” [Cícero]

***”Tres mihi convivæ prope dissentire videntur,
Poscentes vario multum diversa palato:
Quid dem ? quid non dem ? renvis tu quod jubet alter,
Quod petis, id sanè est invisum acidumque duobus”***

”Parece-me ver três convivas de gostos diferentes; que lhes dar? Que não lhes dar? Privas
um do que ele aprecia e o que ofereces aos dois outros lhes desagradam” [Horácio]

Eis a resposta que a natureza deveria dar a suas discussões. Uns acham que nosso bem soberano está na virtude; outros na volúpia; outros que ele consiste em deixar que a natureza opere; outros o encontram na ciência; outros na ausência de sofrimento; outros em não se deixar levar pelas aparências. A esta última maneira de ver; liga-se aquela do tempo de Pitágoras:

***”Nil admirari prope res est una, Numaci,
Solâque quæ possit facere et servare beatum”***

”Nada admirar, Numácio, é quase o único meio de assegurar a felicidade” [Horácio]

, objetivo visado pela seita de Pirro. Aristóteles qualifica de magnitude nada admirar; e Arcesilau dizia que o bem consiste em ter um julgamento reto e inflexível, junto a tudo o que contribui para assim o manter. E que o vício e o mal resultam das concessões e aplicações que lhes determinamos. É verdade que, apresentando essas proposições como isentas de dúvida, Arcesilau fugia ao procedimento habitual dos pirrônicos. Quando estes dizem que o soberano bem é a ataraxia, isto é, a calma perfeita, a imobilidade do julgamento, não o querem afirmar de maneira absoluta. O mesmo estado de espírito que os impele a evitar um precipício, preservar-se do frio da noite, leva-os a emitir essa idéia e rechaçar outra; a afirmação carece para eles de consequência.

Como eu desejaria que, enquanto vivo, alguém, Justo Lípsio, por exemplo, o homem mais sábio que possuímos, culto, judicioso, primo-irmão, desse ponto de vista, de meu Tournebus, tivesse vontade, saúde e lazeres para coligir e classificar, por categorias, com toda a sinceridade, as opiniões dos filósofos antigos acerca de nosso ser e nossos costumes, bem como as controvérsias de que foram objeto, o crédito de que gozaram. E também como seus autores aplicaram tão memoráveis e edificantes preceitos em sua vida. Seria uma obra bela e útil!

A que confusão chegaríamos se buscássemos em nós mesmos uma orientação para a nossa conduta! O que a razão aconselha, e com aparência de verdade, é que cada qual observe as leis de seu país. É a opinião de Sócrates, inspirada, diz ele, pela divindade. E que quer esta dizer com isso, senão que nosso dever se subordina ao acaso? Se o homem conhecesse a justiça e o certo, se tivesse em mira tipos reais, se os pudesse representar em sua essência, não os faria consistir na obediência a tais ou quais costumes; não seria na fantasia dos persas ou indianos que se consubstanciariam. Nada mais do que as leis está sujeito a variações contínuas. Desde que nasci, vi mudarem três ou quatro vezes as dos ingleses, e não somente quanto à política interna, que se admite não ser fixa, mas também com referência ao ponto mais importante de todos: a religião. Sinto-me envergonhado e despeitado, porquanto nossa religião já teve ligações com esse país e em minha família ainda sobram vestígios de antigo parentesco com esse povo.

Em nossa província, aqui mesmo, vi atos que constituíam crimes passíveis de pena de morte tornarem-se legais. E atualmente, obedientes a um partido, estamos expostos, segundo os azares da guerra, a nos tornarmos um dia criminosos de lesa-humanidade e divindade. Pois se o partido adverso triunfasse, as idéias contrárias prevaleceriam e nossa justiça passaria a ser injusta.

Não podia aquele deus da antiguidade mais claramente mostrar a que ponto o homem ignora o ser divino, e ensinar-lhe que sua religião era produto da imaginação, útil apenas à consolidação da sociedade, quando declarava aos que o consultavam ‘que o verdadeiro culto consiste em que cada qual obedeça aos usos e costumes locais’. Quanto devemos ser gratos à bondade de nosso soberano Criador por nos haver esclarecido acerca da tolice de nossa fé em tais cultos e por ter feito que nossa crença assente hoje no alicerce de Sua palavra sagrada!

Neste ponto capital a filosofia diz-nos que sigamos as ‘leis de nosso país’, isto é, esse mar agitado das opiniões de um povo ou de um príncipe que pintam a justiça com tão variegadas cores e a transformam segundo suas paixões. Meu juízo não tem flexibilidade bastante para aceitar tal solução. Em que consiste esse bem que amanhã já o não será e que a simples travessia de um rio modifica? Que verdade será essa que é uma aquém e outra além das montanhas? São divertidos os que, a fim de outorgar maior autenticidade às leis, dizem que as há imutáveis, perpétuas, a que chamam leis naturais, as quais seriam inatas no homem e em número de três, segundo uns, e de quatro segundo outros; e outros afumam que existem mais, e outros menos, sinal revelador de ser a dúvida permitida, aqui como alhures. Infortunados! Pois não posso qualificar senão como infortúnio o fato de, nesse número infinito de leis, não haver ao menos uma porventura que o consenso geral aceite como universal. São tão desgraçados, que dessas três ou quatro leis escolhidas nenhuma só há que não seja controvertida e negada, e não apenas por um povo mas por muitos. Ora, a aceitação de todos seria a única característica a invocar-se como prova da existência de leis naturais, pois o que a natureza nos tivesse realmente ordenado, nós o observaríamos de comum acordo, porque qualquer povo, qualquer homem mesmo, se sentiria constrangido e violentado por quem agisse em sentido contrário.

Protágoras e Aríston consideravam como origem da justiça das leis a autoridade e a opinião do legislador; fora daí, o bem e a honestidade não são mais qualidades, mas vãs denominações de coisas indiferentes. Trasímaco, em Platão, julga não haver outro direito que não o vantajoso para o superior. Nada mais heterogêneo no mundo do que os costumes e as leis. Tal coisa, que se recomenda alhures, é aqui abominável. Como, por exemplo na Lacedemônia, a esperteza do roubo. Os casamentos entre

parentes próximos são terminantemente proibidos entre nós; entre outros povos são recomendáveis:

***"Gentes esse feruntur,
In quibus et nato genitrix, et nata parenti
Lungitur, et pietas geminato crescit amore"***

"Dizem que há povos em que a mãe se une ao filho, e o pai à filha, crescendo o amor em virtude do parentesco" [Ovídio]

Matar os filhos, matar o pai, emprestar as mulheres, comerciar com objetos roubados, poder entregar-se a toda espécie de prazeres, tudo em suma, por absurdo que seja, ou pareça, é permitido em alguma nação.

É possível que haja leis naturais como ocorre com certos animais, mas nós as perdemos, porque nossa bela razão humana em tudo se mete para dominar e comandar, perturbando e confundindo a fisionomia das coisas a seu talante, segundo sua vaidade e sua inconstância:

***"Nihil itaque amplius nostrum est:
Quod nostrum dico, artis est"***

"Nada sobra que seja nosso; o que chamo nosso é produto artificial" [Cícero]

As coisas apresentam-se em condições e sob aspectos diversos, o que constitui a primeira causa da diversidade de opiniões. Um povo encara determinada coisa por um de seus aspectos, o qual fixa suas idéias, outro a vê de modo diferente e por este se guia.

Nada me parece mais horrível à imaginação do que um filho comer o pai. Os povos entre os quais esse costume existia outrora encaravam-no entretanto como prova de devoção e afeição, pois visavam dar aos seus progenitores a mais digna e honrosa sepultura, alojando por assim dizer na medula dos próprios ossos o que restava do corpo de seus pais, reavivando-o, regenerando-o através da transmutação da carne morta em carne viva pela digestão. É fácil imaginar que crueldade pareceria, e que abominação, a esses homens supersticiosos enterrar os despojos dos parentes na terra, onde iriam apodrecer e transformar-se em alimento para os vermes.

Licurgo considerava que no furto, a vivacidade, a ligeireza, a ousadia, a habilidade que se empregam em surripiar alguma coisa ao vizinho, são úteis à coletividade, porquanto obrigam o indivíduo a cuidar do que é seu. Achava que do ponto de vista da disciplina militar (principal ciência e virtude essencial que desejava inculcar em seu povo) havia maior vantagem em desenvolver essas tendências para o ataque e a defesa do que o inconveniente resultante da desordem e injustiça de se apropriar do bem alheio.

Dionísio, o Tirano, ofereceu a Platão uma toga como a usavam na Pérsia, longa, bordada de ouro e prata, e perfumada; Platão recusou-a dizendo que tendo nascido homem não lhe convinha vestir-se à moda das mulheres. Essa mesma toga aceitou-a Aristipo, observando que "nenhum adorno pode corromper quem está resolvido a conservar a castidade". Seus amigos censuravam-no por não se haver sequer magoado com o fato de o tirano lhe ter cuspidos no rosto: "os pescadores", respondeu-lhes, "resignam-se, a fim de pegar um simples lambari, a molhar-se dos pés à cabeça". Diógenes limpava uns repolhos quando, ao ver passar esse mesmo filósofo, gritou: "se para viveres te contentasses com repolhos, não adularias o tirano". Ao que o outro retorquiu: "se soubesses viver entre os homens, não limparias repolhos".

Eis como a razão dá às coisas as mais diversas aparências: é uma marmita que se pega ora por uma asa, ora por outra.

***"Bellum ô terra hospita portas,
Bello armantur equi, bellum hæc armenta minantur:
Sed tamen iidem olim curru succedere sueti
Quadrupedes, et fræna jugo concordia ferre,
Spes est pacis"***

"Ó terra que me hospedas, pressagias a guerra; teus corcéis estão armados para o combate e o combate que nos fazem temer; no entanto, esses nobres animais andavam outrora atrelados aos arados e marchavam fraternalmente sob a canga. Toda esperança de paz ainda não está perdida, pois" [Virgílio]

Censuravam a Sólon o fato de verter lágrimas impotentes e inúteis sobre o cadáver do filho. "E justamente por isso que as verto, por serem impotentes e inúteis". A mulher de Sócrates assim se desesperava: "que injustiça cometem esses malvados juizes que o condenam!" – "Preferirias", replicou o filósofo, "que isso fosse justo?"

Usamos furar o lóbulo das orelhas, o que os gregos consideravam sinal de escravidão. Escondemo-nos para possuir nossas mulheres; os indianos possuem-nas em público. Os citas imolavam os estrangeiros em seus templos; alhures os templos são asilos.

***"Inde furor vulgi, quod numina vicinorum
Odit quisque locus, cum solos credat habendos
Esse Deos quos ipse colit"***

"Cada país odeia as divindades dos países vizinhos, porque cada um considera seus deuses os únicos verdadeiros. Daí o furor cego das multidões" [Juvenal]

Ouvi falar de um juiz que, quando encontrava entre Bartole e Baldus [jurisconsultos rivais do século XIV] algum conflito árduo de resolver e algum assunto que apresentasse dificuldades, escrevia à margem do livro: "questão para o amigo", o que significava que a verdade era tão confusa e controversa que em semelhante causa lhe seria fácil favorecer qualquer das partes. Com algum espírito e um pouco de ciência, pudera escrever sua frase em tudo. Em todos os processos, advogados e juizes de nosso tempo acham meios para chegar ao resultado que bem entendem. Em ciência tão extensa, dependente de opiniões que fazem lei, e nas quais o arbítrio desempenha papel importante, uma extrema confusão deve naturalmente verificar-se nas sentenças. Por isso não há processo, por claro que seja, a cujo respeito as opiniões não variem. O que julga um tribunal é por

outro reformado. Acontece até que o mesmo tribunal, julgando de novo, julgue diferentemente da primeira vez. Esses fatos se observam comumente, em virtude do abuso, tão prejudicial à dignidade da autoridade e ao prestígio da justiça, de não se conformarem com o julgamento e de apelarem para todas as jurisdições a fim de se pronunciarem elas sobre a mesma causa.

Quanto à liberdade de que usam os filósofos em se referindo ao vício e à virtude, é ponto a cujo respeito não convém estender-se e que deu margem a opiniões que, em atenção aos espíritos fracos, é melhor calar. Arcesilau dizia que em matéria de impudicícia o mal independe do culpado e da maneira por que é cometido:

***"Et obscenas voluptates, si natura requirit,
Non genere, aut loco, aut ordine, sed forma, ætate,
Figura metiendas Epicurus putat"***

"Quanto aos prazeres obscenos, Epicuro pensa que, se a natureza os solicita, não há como olhar a raça, a origem, ou a condição social, e sim tão-somente a beleza, a idade, o aspecto" [Cícero]

"Ne amores quidem sanctos a sapiente alienos esse arbitrantur"

"Os amores elevados não se proíbem ao sábio" [Cícero]

"Queramus ad quam usque ætatem juvenes amandi sint"

"Vejamos até que idade devemos amar os jovens" [Sêneca]

Estas duas últimas proposições emanam dos estóicos e mostram, como aliás a censura dirigida contra Platão por Dicearco, a que ponto a filosofia mais esclarecida tolerava exageradas licenças ao que comumente se praticava.

A autoridade das leis provém de existirem e terem passado para os costumes; é perigoso fazê-las retomarem à sua origem. Como os rios que se avolumam com o rolar das águas, elas adquirem importância e consideração em se aplicando. Remontai-lhe o curso até a nascente e vereis um insignificante filete de água. Investigai os motivos que no início deram impulso a essa torrente de leis e costumes, hoje considerável e cheio de dignidade, temor e veneração. Vós os achareis tão frágeis, tão pequenos, que não é estranho que esses filósofos que tudo perscrutam, que tudo submetem ao exame da razão, nada admitindo sem autoridade, os julguem tão diferentemente do resto do mundo. Tomam por modelo a imagem primeira da natureza e não há como nos espantarmos de que, na maioria de suas opiniões, se desviem do caminho comum. Poucos, entre eles, por exemplo, teriam aprovado as condições restritivas de nossos casamentos; queriam, em geral, que as mulheres fossem de todos, sem obrigações para com ninguém e recusavam-se a observar aquilo a que chamamos conveniências. Crisipo dizia que, mesmo sem calças, um filósofo faria em público uma dúzia de piruetas, por uma dúzia de azeitonas. E nem tivera procurado convencer Clístenes de não dar sua filha Agarista a Hipóclides que vira 'plantando uma bananeira' em cima da mesa.

Metrocles, um tanto indiscretamente, dera um peido quando dissertava, cercado de seus discípulos. Envergonhado, fechou-se em casa, até que Crates, indo visitá-lo, juntou o exemplo às consolações e raciocínios e o livrou de seus escrúpulos, levando-o ainda a aderir à seita dos estóicos, seita mais franca que a dos peripatéticos, a qual era mais requintada e que Metrocles seguira até então.

Denominamos honestidade fazer às escondidas o que não fazemos a descoberto. Esses filósofos a isso chamavam tolice, e vício ao calar acerca do que a natureza, os costumes e os desejos proclamam. Se lhes parecia loucura celebrar os mistérios de Vênus fora do santuário reservado de seu templo, e expô-los às vistas de todos, era porque tais jogos, sem cortinas, perdem seu sabor; e a vergonha é fardo por demais pesado. Velá-los, e moderar-se na sua prática, emprestam-lhes maior valor. Achavam os filósofos que a volúpia se enobrecia de não se prostituir nas ruas, de não se depreciar aos olhos de todos, de não ser espezinhada, o que ocorreria com a supressão dos locais especiais que lhe são reservados. Daí dizerem alguns que suprimir os bordéis públicos era não somente expandir a impudicícia, mas ainda incitar os vagabundos e os ociosos com o chamariz das dificuldades:

***"Moechus es Aufidiæ qui vir Corvine fuisti,
Rivalis fuerat qui tuus, ille vir est.
Cur aliena placet tibi, quæ tua non placet uxor?
Nunquid securus non potes arrigere?"***

"Outrora marido de Aufídia, eis-te hoje, Corvino, seu amante, hoje que ela é a mulher daquele que antes foi teu rival. Ela te desagradava quando era tua, por que te agrada agora depois que pertence a outro? És tu impotente quando nada tens a temer" [Marcial]

Mil exemplos demonstram que assim é, que as dificuldades excitam nossos desejos:

***"Nullus in urbe fuit tota, qui tangere vellet
Uxorem gratis Cæciliane tuam,
Dum licuit: sed nunc positis custodibus, ingens
Turba futurorum est. Ingeniosus homo es"***

"Não houve, Ceciliano, quem quisesse tua mulher gratuitamente, quando era livre; agora que tu a vigias e guardas, os adoradores são legião. És realmente um homem hábil" [Marcial]

Perguntaram o que fazia a um filósofo surpreendido no momento da cópula. "Planto um homem", respondeu friamente, tão pouco envergonhado como se plantara alhos.

Um de nossos maiores autores religiosos sustenta, em termos mui dignos e comedidos, e de meu agrado, que a prática desse ato exige tanto que nos escondamos e tenhamos pejo, que não pode acreditar se realizasse na licença dos cínicos. Pensa que se restringia então a movimentos lascivos destinados a dar satisfação à impudência dessa escola. E que para chegar ao fim, que a vergonha impede e inibe, deviam procurar não ser vistos. Não se aprofundara por certo na devassidão deles.

Diógenes, masturbando-se em público, lamentava perante a turba de que não pudesse dar gozo ao ventre, em o roçando. A quem lhe perguntava por que comia na rua e não buscava lugar mais apropriado, respondia: "é porque tenho fome na rua".

As mulheres filiadas a essa seita entregavam-se aos filósofos em qualquer lugar, e à discricão. Hipárquia só foi admitida na companhia de Crates sob a condição de seguir em tudo os usos e costumes da seita. Davam a maior importância à virtude e só se conduziam pela moral; entretanto, em todos os seus atos obedeciam ao sábio que escolhiam como chefe de escola e cuja opinião era soberana e mais acatada do que as leis. E não conheciam outros limites a seus prazeres senão os da moderação e da liberdade alheia.

No fato de o vinho parecer amargo aos doentes e agradável aos sãos; de o remo parecer torto mergulhado na água e reto aos que o vêem fora dela; de muitas coisas assim se mostrarem sob aparências antagônicas, Heráclito e Protágoras apontavam a prova de que cada qual traz em si a causa das aparências. Assim o vinho encerra um princípio amargo, que o torna amargo aos doentes, o remo um princípio torto em relação com quem o vê na água, etc. O que equivale a dizer que tudo está em todas as coisas e por conseguinte nada em nenhuma, pois não há nada onde há tudo.

Essa opinião recorda-me o que ocorre em nós. Não há sentido real ou aparente, amargo ou doce, reto ou sinuoso, que o espírito humano não descubra nos escritos que examina de perto. De quantas falsidades ou mentiras uma frase clara, pura e perfeita quanto possível, é ponto de partida! Qual a heresia que nela não achou um testemunho suficiente para que se exibisse e se sustentasse? Por isso os autores de tais erros não querem nunca renunciar às provas, tiradas da interpretação dada aos textos e que podem favorecê-los. Um alto personagem, desejando justificar a pesquisa a que se entregava, da pedra filosofal, citava-me ultimamente cinco ou seis trechos da Bíblia, nos quais se baseara a princípio a fim de tranquilizar a consciência (pois é eclesiástico). E, em verdade, o que encontrara não era somente original, mas se aplicava muito bem à defesa dessa bela ciência.

É dessa maneira que as fábulas dos adivinhos ganham crédito. Não há adivinho, de alguma autoridade, que, em lhe folheando a obra e examinando a fundo as palavras, não se faça dizer o que se queira, como às sibilas. Há tantas maneiras de interpretar, que é difícil, qualquer que seja o assunto, um espírito engenhoso não descobrir o que lhe convenha. Por isso mesmo o estilo equívoco e obscuro se usou desde sempre, e freqüentemente. Que um autor consiga interessar a posteridade, o que pode acontecer ou em razão de seu valor real ou da predileção de que goze no momento do assunto tratado; que por estupidez ou esperteza seja seu estilo confuso e rebuscado; que possa sossegar: numerosos espíritos, agitando-o e peneirando-o, tirarão dele inúmeras idéias, ou idênticas às próprias, ou algo semelhantes, ou absolutamente contrárias, e todas o honrarão. Alcançará assim o êxito por intermédio de seus discípulos, como os professores se enriquecem com o dinheiro do Landit [presentes que os alunos davam aos mestres por ocasião da feira de Landit].

Foi o que valorizou muitas coisas sem valor e pôs em evidência alguns escritos que se interpretaram à vontade, de mil e uma maneiras.

Será admissível que Homero tenha dito tudo o que lhe fizeram dizer? Que voluntariamente se tenha prestado a tão numerosas e diversas interpretações, que os teólogos, os legisladores, os guerreiros, os filósofos, e outros que se ocupam das ciências, por diversos e opostos que sejam seus temas, nele se apoiem, a ele se refiram?

Para todos é ele o grande mestre em tudo, ofícios, obras, ciências, o conselheiro de todos os empreendimentos. Quem atenta para oráculos e predições, encontra o que quer. Um amigo meu, mui sábio personagem, nele descobriu indicações realmente admiráveis em prol de nossa religião. Tão maravilhosa é a coisa que ele não pode deixar de acreditar que foi intencional da parte de Homero, o qual lhe é de resto tão familiar quanto qualquer autor de nosso século. Mas é possível que o que encontra em Homero favorável a nosso culto, muitos, na antiguidade, o encontraram favorável à sua religião.

Vede como estudam e aprofundam Platão, cada qual se vangloriando de o ter a seu lado e o interpretando a seu modo. Passeiam-no por todas as opiniões do século e obrigam-no a tomar partido. Forçam-no mesmo à contradição segundo as idéias em voga. Fazem-no reprovar os costumes aceitos em sua época, se já não o são agora, e isso com tanto maior autoridade e nitidez quanto mais autoritário e direto o espírito do intérprete.

Dos mesmos fatos que haviam levado Heráclito a emitir esta opinião: "todas as coisas têm em si as aparências que apresentam", Demócrito tirava conclusões opostas: "as coisas nada têm do que nelas encontramos". E do fato de ser o mel doce para uns e amargo para outros, deduzia não ser ele nem doce nem amargo. Os pirrônicos teriam dito não saberem se é doce ou amargo, se não é doce nem amargo, ou se é doce e amargo, pois chegam sempre à conclusão de que o ponto litigioso se presta a dúvidas.

Os cirenaicos sustentavam que não percebemos nenhuma sensação exterior, que só as sensações internas nos são perceptíveis. Assim a dor e a volúpia. Não admitiam o som ou a cor, mas tão-somente as sensações que nos causam e de que provém o julgamento do homem. Protágoras considerava que a verdade é para cada um o que lhe parece. Os epicuristas localizavam o julgamento nos sentidos pelos quais adquirimos o conhecimento das coisas e sentimos as sensações que provocam. Platão queria que esse julgamento, que nos permite discernir a verdade, e a própria verdade, proviessem não dos sentidos e idéias preconcebidos, mas do espírito e da reflexão.

Esta dissertação induziu-me a considerar os sentidos como a grande causa e a prova, a um tempo, de nossa ignorância. Tudo o que se conhece, conhece-se pela faculdade de conhecer do indivíduo. Isso é incontestável, porque sendo o julgamento um ato de quem julga, é natural que empregue, em julgar, seus melhores meios e sua vontade; que não seja forçado a reportar-se a outrem, como ocorreria se o conhecimento das coisas se impusesse pela sua natureza própria. Ora, esse conhecimento chegamos pelos sentidos, que são nossos mestres:

***"Via qua munita fidei
Proxima fert humanum in pectus, templaque mentis"***

"São as vias pelas quais a evidência penetra no santuário do espírito humano".

Por eles se inicia a ciência e com eles se afirma. Afinal, seríamos ignorantes como uma pedra, se não conhecêssemos a existência do som, do odor, da luz, do sabor, da medida, do peso, da moleza, da dureza, do amargor, da cor, do tato, da largura, da profundidade, o que constitui a base e o princípio de toda ciência. Tanto assim que, para alguns ciência é sensação.

Quem puder me levar a contradizer os sentidos ter-me-á em suas mãos, pois são o começo e o fim dos conhecimentos humanos:

***”Invenies primis ab sensibus esse creatam
Notitiam veri, neque sensus posse refelli.
Quid majore fide porro quàm sensus haberi
Debet?”***

”Vereis que a noção do verdadeiro nos vem dos sentidos; seu testemunho é irrefutável, pois que guia merecerá mais do que eles a nossa confiança?” [Lucrécio]

Por menos que lhe atribuam, será sempre necessário confessar que tudo o que sabemos vem deles ou por seu intermédio. Diz Cícero que Crisipo, tendo tentado diminuir a força e as faculdades de seus sentidos, encontrou em si mesmo tais argumentos contrários à sua tese, e tão veementes, que não pôde atingir seu objetivo. O que levou Carnéades a dizer, na polêmica que então mantinha contra ele, e na qual se vangloriava de usar as próprias armas do adversário: “Infeliz, tua força mesma te perdeu!” Nada mais absurdo, a meu ver, nada mais excessivo que afirmar que o fogo não aquece, a luz não ilumina, o ferro não pesa, nem é duro, coisas cujo conhecimento nos vem dos sentidos; ou que nenhuma crença pode comparar-se ao que se ensina.

Uma primeira observação farei a respeito dos sentidos: a de que não me parece seja o homem provido de todos os que existem na natureza. Vejo animais que vivem muito bem sem enxergar nem ouvir; quem nos diz que a nós não faltam também um, dois, três e até vários sentidos? Pois se algum nos falta não há como percebê-lo. É privilégio dos sentidos constituírem o limite máximo de nossa perspicácia; nada, fora deles, nos pode ajudar a descobri-los. Nem um sentido pode revelar outro.

***”An poterunt oculos aures reprehendere, an aures
Tactus, an hunc porro tactum sapor arguet oris,
An confutabunt nares, oculive revincent?”***

”Pode o ouvido retificar a vista, ou o tato, o ouvido? Pode o paladar suprir o tato? E o olfato ou a vista corrigir os erros dos demais?” [Lucrécio]

São em verdade os limites mais recuados de nossas faculdades:

***”Seorsum cuique potestas
Divisa est, sua vis cuique est”***

”Cada qual tem seu poder, cada qual sua própria força” [Lucrécio]

É impossível fazer com que um homem naturalmente cego deseje ver e lamente a ausência do sentido de que carece. Portanto não devemos vangloriar-nos da satisfação de nossa alma com os que temos, pois ela não pode sentir sua imperfeição, se a tem. É impossível, pelo raciocínio, a analogia ou a similitude, fazer que a imaginação de um cego adquira a menor noção do que venham a ser a luz, a cor, a vista. Nada nele pode induzi-lo a uma idéia do sentido que lhe falta. Quando um cego de nascença afirma que desejaria ver, não o faz por compreender o que exprime; di-lo, aponta efeitos e conseqüências, mas ignora, em verdade, o que seja, não o concebe, nem muito nem pouco.

Conheço um fidalgo de boa estirpe, cego de nascença ou pelo menos cego desde quando não sabia ainda o que fosse a vista. Tem tão pouca consciência do que lhe falta que emprega como nós locuções que servem para exprimir o que vemos, mas as aplica de maneira muito particular, muito sua. Apresentaram-lhe uma criança de que era padrinho. Tomando-a nos braços, exclamou: “Meu Deus, que linda criança! Bela de se ver! Como seu rosto esplende de alegria!” Dirá como nós: “deste cômodo tem-se uma bela vista; lindo sol!” Mais ainda: como a caça, o tiro de arcabuz, o jogo da bola, são exercícios que praticamos, ele os aprecia e no assunto se compraz apaixonadamente, embora deles participe somente pelo ouvido. Gritam-lhe, quando estão em terreno plano sobre o qual pode andar à vontade: “Olha a lebre!” E em seguida: “ei-la morta”. E ele se mostra tão orgulhoso da coisa quanto os outros. No jogo de bola, toma-a com a mão esquerda e lança-a com a raqueta em qualquer direção. Com o arcabuz atira ao acaso e acredita quando lhe afirmam que atirou alto demais ou ao lado do alvo.

Como saber se o gênero humano não comete tolices análogas, em virtude de alguma carência de sentido, cuja falta faz que em sua maioria as coisas não se mostrem tal qual são? Quem sabe se não provêm disso as dificuldades que sentimos em entender certas obras da natureza? Quem sabe se certas coisas executadas pelos animais e que ultrapassam nossas possibilidades não são resultantes de dadas faculdades? Quem pode dizer se por isso não têm uma vida mais plena e satisfatória do que a nossa? A maçã excita a maior parte de nossos sentidos: é vermelha, lisa, tem perfume, é doce. Talvez tenha outras virtudes, como secar e restringir, que nossos sentidos não percebem. Não é provável que as propriedades a que chamamos ocultas e que observamos em muitas coisas, como no ímã a de atrair o ferro, devem corresponder a faculdades de sentidos naturais cuja incapacidade de perceber nos induz à ignorância de sua essência? É provavelmente em conseqüência de algum sentido específico que os galos distinguem a hora, pela manhã e à noite, e cantam. E que as galinhas temem o gavião, antes de qualquer experiência e não receiam nem o ganso nem o pavão de estatura muito maior; e que os frangos sabem da hostilidade do gato e não desconfiam do cão, tremendo ante o miado harmonioso e não ante o latido áspero; e as formigas, as abelhas e os ratos escolhem sempre o melhor queijo sem antes o provar; e o veado, o elefante, a serpente conhecem ervas que curam.

Não há sentidos que não sejam de grande importância; e os conhecimentos que devemos a cada um deles são em número infinito. Se a inteligência dos sons, da harmonia e da voz viessem a faltar-nos, haveria incrível confusão em todo o resto de nossa ciência, pois, além do que se prende aos efeitos de cada sentido, tiramos inúmeros argumentos, conseqüências e conclusões da comparação de um com outro. Imagine um entendido o gênero humano desprovido, desde sempre, do sentido da vista, e pesquise a que ponto a confusão conduziria tal lacuna. Quanta treva e cegueira em nossa alma! Julgar-se-á por aí quanto importa ao conhecimento da verdade a privação de um ou mais sentidos. Concebemos a verdade sob um aspecto para o qual contribuem nossos cinco sentidos. Talvez para que seja a verdadeira, e que tenhamos a certeza de

apreender integralmente, careçamos de oito ou dez.

As seitas filosóficas que contestam a ciência humana sublinham, em particular, a incerteza e a fraqueza de nossos sentidos, porquanto todo conhecimento nos alcança por seu intermédio. Se falham em seus relatórios, se se corrompem, ou alteram o que nos comunicam, se a luz que por eles se introduz em nossa alma se obscurece em caminho, não temos mais em que confiar. Dessa extrema dificuldade surgiu este aforismo: 'Toda coisa encerra em si tudo o que nela achamos; e nela não há nada do que pensamos encontrar'. E mais este, dos epicuristas: 'O sol não é maior do que a nossa vista o considera; as aparências, que nos impelem a ver maior o corpo mais próximo e menor o mais longínquo, são todas verdadeiras'; ou como diz Lucrécio: "se contudo não convimos em que nossos olhos nos iludem, não imputemos nossos erros ao espírito". E, o que é mais ousado: "nossos sentidos não se enganam, estamos na sua dependência e é preciso buscar alhures as razões suscetíveis de explicar as diferenças e contradições que constatamos; inventar mesmo uma mentira ou um devaneio de nosso espírito, de preferência a acusar os sentidos" [Lucrécio].

Timágoras jurava que por mais que piscasse ou esfregasse o olho nunca via em dobro a luz da vela e que essa ilusão provém de um erro da imaginação e não de um defeito do órgão. De todos os absurdos, o mais absurdo, para os epicuristas, consistia em negar o poder e os efeitos dos sentidos:

***"Proinde quod in quoque est his visum tempore, verum est.
Et si non potuit ratio dissolvere causam,
Cur ea quæ fuerint juxtim quadrata, procul sint
Visa rotunda: tamen præstat rationis egentem
Reddere mendosè causas utriusque figuræ,
Quam manibus manifesta suis emittere quoquam,
Et violare fidem primam, et convellere tota
Fundamenta, quibus nixatur vita salúsque.
Non modo enim ratio ruat omnis, vita quoque ipsa
Concidat extemplo, nisi credere sensibus ausis,
Præcipitè que locos vitare, et cætera quæ sint
In genere hoc fugienda"***

"As indicações dos sentidos são sempre verdadeiras. Se a razão não pode explicar por que o que vê quadrado, de perto, vê comprido de longe, é melhor ainda, sem solução verdadeira para esse duplo fenômeno, dar uma falsa, de preferência a deixar escapar a evidência, a mentir à fé primeira e destruir os fundamentos da credibilidade em que assentam nossa conservação e nossa vida, pois os interesses da razão não são aqui os únicos em jogo. A própria vida só se conserva com o apoio dos sentidos; é em vista de seu testemunho que evitamos os precipícios e outras coisas nocivas" [Lucrécio]

Este conselho desesperado e tão pouco filosófico não significa senão que a ciência só pode existir na medida em que lhe emprestamos a ajuda de uma razão desarrazoada, maluca, obstinada; e que, para satisfação da vaidade do homem, mais vale ainda isso ou servir-se de qualquer fantasia, do que confessar a sua estupidez; o que não honra demasiado a humanidade.

O homem não pode impedir que os sentidos não sejam os soberanos mestres dos conhecimentos que possui; mas estes não oferecem certeza e sempre podem induzi-lo em erro. É preciso insistir nesse ponto. Na falta do que deveria dar-lhe força, ele o supre com a obstinação, a temeridade, a impudência. Se os epicuristas estão certos, isto é, 'se a ciência não existe visto que as aparências comunicadas pelos sentidos são falsas', e se o que dizem os estóicos é igualmente verdadeiro, 'que as aparências transmitidas pelos sentidos são tão falsas que não podem criar nenhuma ciência', somos levados a concluir que não há ciência.

Quanto ao erro e à incerteza das operações dos sentidos, não faltam exemplos à mão, tão abundantes são essas falhas e ilusões. Em virtude do eco no vale, o som da trombeta parece vir de frente quando na realidade vem de trás.

***"Extantesque procul medio de gurgite montes
Iidem apparent longè diversi licet.
Et fugere ad puppim colles campique videntur
Quos agimus propter navim.
Ubi in medio nobis equus acer obhæsit
Flumine, equi corpus transversum ferre videtur
Vis, et in adversum flumen contrudere raptim"***

"As montanhas que se erguem acima do mar parecem-nos de longe uma só massa, embora em verdade sejam distantes umas das outras. As colinas e campos que margeamos, parecem fugir em direção à popa do navio em que navegamos. Se o cavalo pára no meio de um riacho, parece que caminha obliquamente, correnteza acima, como impelido por estranha força" [Lucrécio]

Se manuseio uma bala de arcabuz com os dedos entrelaçados, é preciso violentar-me para admitir que não sejam duas.

Que os sentidos dominam muitas vezes a razão e nos impõem sensações que ela sabe serem falsas é coisa que se vê comumente. Deixo de lado o tato, que tem funções mais imediatas, vivas e substanciais e que, pela dor que pode provocar, desmente as resoluções estóicas e força a gritar quem está com cólicas, embora proclame este o dogma de que a cólica, como qualquer outra doença ou dor, é indiferente e não tem o poder de diminuir em nada a felicidade que a virtude outorga ao sábio. Mas não há coração, por mais efeminado que seja, que o som de nossos tambores e trombetas não entusiasme; nem o há tão duro que a música não desperte e amoleça; nem alma tão ríspida que não se sinta comovida na sombria imensidade de nossas igrejas, com seus ornatos e cerimônias; ou que, ouvindo os órgãos, não se eleve misticamente; mesmo os que entram nesses

edifícios com desdém, impressionam-se e experimentam uma espécie de temor supersticioso que lhes abala a opinião.

Quanto a mim, não me considero bastante forte para permanecer insensível aos versos de Horácio ou Catulo, recitados com inteligência por jovens e belos lábios. A voz, dizia Zenão, é a flor da beleza.

De uma feita quiseram persuadir-me de que um homem que todos conhecemos me impressionara com seus versos somente por causa da voz. Diziam que não eram tão bons como pareciam e meus olhos julgariam diferentemente de meus ouvidos, tanto a dicção valoriza as obras. Não andou portanto errado Filóxeno quando, ao ouvir alguém ler de maneira incorreta os seus escritos, se pôs a sapatear e a espezinhar os tijolos do importuno, dizendo: "Quebro o que te pertence como quebras o que é meu". Por que razão as pessoas que ordenam a própria morte viram a cabeça para não ver o golpe? E os que, doentes, desejam e pedem que os sangrem ou cauterizem não podem suportar a vista dos preparativos do cirurgião, se a vista não influi na dor? Não provam esses exemplos o domínio dos sentidos sobre a razão? Embora não ignoremos que a cabeleira do pajem ou do laçao é falsa, que o rosado vem da Espanha, a palidez brilhante se deve a produtos exóticos, nossa vista, contra toda razão, compraz-se na contemplação do objeto.

***"Auferimur cultu, gemmis, auróque teguntur
Crimina, pars minima est ipsa puella sui.
Sæpe ubi sit quod ames inter tam multa requiras:
Decipit hac oculos Aegide, dives amor"***

"Somos seduzidos pelo adorno; o ouro e a pedraria escondem os defeitos; a jovem mesma é a menor parte do que nela nos apraz. Não raro temos dificuldade em achar o que amamos sob tantos ornatos; é sob essa égide opulenta que o amor engana os olhos" [Ovídio]

E que poder emprestam os poetas aos sentidos quando nos mostram Narciso enamorado de seu reflexo!

***"Cunctaque miratur, quibus est mirabilis ipse,
Se cupit imprudens, Et qui probat, ipse probatur.
Dúmque petit, petitur: pariterque accendit et ardet"***

"Admira tudo o que é admirável. Insensato! Deseja-se a si próprio; é a si mesmo que aprecia e aspira; queima-se com a paixão que ele próprio acende" [Ovídio]

Por isso, mostram-nos também Pigmalião com o espírito perturbado pela impressão que lhe causa a vista de sua estátua de marfim, a que ama e da qual se torna escravo como se ela fosse animada:

***"Oscula dat reddique putat, sequiturque tenétque,
Et credit tactis digitos insidere membris,
Et metuit pressos veniat ne livor in artus".***

Ponha-se um filósofo em uma gaiola de arame fino e pendure-se no alto das torres de Notre-Dame. Verá de maneira evidente que não pode cair e apesar disso, a menos de estar familiarizado com o ofício de pedreiro, não evitará o medo, transido de pavor pela vista da altura. Já nos é difícil sentirmo-nos à vontade à beira dos terraços de nossos campanários, mesmo quando de pedra; e certas pessoas não o suportam sequer em pensamento. Jogue-se entre as torres da catedral uma tábua suficientemente larga para passarmos; não haverá sabedoria filosófica, por mais admirável que seja, capaz de nos infundir a coragem de andar em cima dela como o fariamos se a tábua assentasse no chão. Não raro senti nas montanhas dos Pirineus, e embora não me assuste facilmente, que não podia suportar a vista desses abismos imensos sem que me tremessem as pernas e as coxas, apesar da distância bastante em que me encontrava da beirada e de saber que uma queda só fora possível se voluntariamente me expusesse ao perigo. Observei também que uma árvore ou um rochedo, ainda que pequenos, servindo como ponto de repouso para a vista, me tranqüilizavam, como se, em caso de queda, nos pudessem ser úteis. Mas os precipícios sem obstáculos, não os podemos olhar com segurança: somos tomados de vertigem, como diz Tito Lívio. E eis uma evidente impostura dos olhos. Foi o que levou esse belo filósofo a vazar os próprios olhos [Demócrito, ao que parece] a fim de se isentar das impressões desregradas que provocavam, impedindo-o de filosofar livremente.

Mas, desse modo, também deveria ter tapado os ouvidos com algodão, pois são, no dizer de Teofrasto, os nossos órgãos mais perigosos, suscetíveis, pela violência das impressões, de confundir e alterar nossas idéias. E deveria afinal privar-se igualmente de todos os outros sentidos, isto é, do próprio ser, da vida, pois todos exercem influência em nossa razão:

***"Fit etiam sæpe specie quadam, sæpe vocum gravitate et cantibus,
Ut pellantur animi vehementius: sæpe etiam cura et timore"***

"Acontece não raro que tal ou qual espetáculo, voz, canto impressionam vivamente nosso espírito; muitas vezes também a dor e o medo produzem os mesmos efeitos" [Cícero]

Pretendem os médicos que certas pessoas se agitam até à loucura sob a ação de certos sons. Conheci quem não pudesse ouvir os cães roerem um osso embaixo da mesa sem perder a paciência. Poucas pessoas não são incomodadas pelo ruído agudo e penetrante da lima trabalhando o ferro. Assim também, o ruído dos maxilares mastigando ou o falar anasalado irritam até à cólera e ao ódio. E para que serviria o tocador de flauta que acompanhava Graco em Roma, atenuando ou ampliando a voz do tribuno, se os sons não tivessem a propriedade de comover e influir no espírito dos ouvintes? Em verdade, não há como nos vangloriarmos tanto de nossa faculdade de julgamento, se um simples sopro a atinge e modifica!

Se os sentidos nos induzem em erro, enganam-se também por seu turno. Nossa alma tem por vezes seu revide. Mentem eles uns aos outros. O que vemos e ouvimos sob o domínio da cólera, não nos aparece como é realmente:

"Et solem geminum, Et duplices se ostendere Thebas"

"Vêem-se então dois sóis e duas Tebas"

, diz Virgílio. O objeto de nossa afeição parece-nos mais belo do que na realidade é:

***”Multimodis igitur pravas turpésque videmus
Esse in delitiis, summóque in honore vigere”***

”Muitas vezes vemos a deformidade e a feiúra receberem homenagens” [Lucrécio]

E mais feio é o objeto de nossa animosidade. A um homem aborrecido e aflito, a claridade do dia se afigura tenebrosa. Nossos sentidos não somente se alteram mas ainda se estupidificam totalmente, sob o efeito das paixões. Quantas coisas olhamos sem ver se nosso espírito se acha ocupado alhures!

***”In rebus quoque apertis noscere possis,
Si non advertas animum proinde esse, quasi omni
Tempore semotæ fuerint, longéque remotæ”***

”As coisas, mesmo as mais expostas à vista, se nelas não aplicamos o espírito, são como perdidas na noite dos tempos” [Lucrécio]

Dir-se-ia que a alma se esconde dentro de nós e se diverte em abusar dos sentidos. Assim, o homem é, por dentro e por fora, fraqueza e mentira.

Os que compararam nossa vida a um sonho foram mais judiciosos talvez do que pensavam. Em nossos sonhos nossa alma vive, age, exerce todas as suas faculdades, tal qual quando está acordada. Admitamos que o faça de um modo menos eficiente e visível, a diferença ainda não será tão grande quanto entre um dia de sol e a noite, mas apenas como entre esta e o crepúsculo. Se ela dorme durante o nosso sono, cochila mais ou menos quando estamos acordados. Em um e outro caso, permanecemos nas trevas mais profundas. Durante o sono, não vemos com nitidez, mas acordados não é tampouco perfeita a claridade. O sono profundo apaga por vezes os nossos sonhos; despertos, nunca o estamos bastante para nos livrarmos de todos os devaneios que são sonhos de gente acordada e piores do que os verdadeiros. Recebendo nossa razão e nossa alma as idéias e os sentimentos que nascem em nós enquanto dormimos, e prestando-se a eles, como o faz com o que concebemos de dia, como duvidar de que, em pensando e agindo, sonhamos? E estar acordado seja uma forma particular do sono?

Se os sentidos são os juizes aos quais nos devemos reportar em primeiro lugar, não são apenas os nossos que devemos consultar. Nesse ponto os dos animais têm os mesmos direitos que os nossos, senão maiores. Pois é certo que alguns têm o ouvido mais sensível, outros a vista, outros o olfato, outros o tato ou o paladar. Demócrito dizia que as faculdades pelas quais experimentamos as sensações são mais perfeitas nos deuses e nos animais. Há em verdade enorme diferença entre os efeitos dos sentidos nestes últimos e em nós. Nossa saliva, por exemplo, que limpa e seca as nossas chagas, mata as serpentes.

***”Tantáque in his rebus distantia differitáque est,
Ut quod aliis cibus est, aliis fuat acre venenum.
Sæpe etenim serpens, hominis contacta saliva,
Disperit, ac sese mandendo conficit ipsa”***

”Entre tais efeitos é tão grande a diferença, que o que é alimento para uns é veneno mortal para os outros. Assim a serpente, em contato com a saliva humana, definha e se devora a si própria” [Lucrécio]

Que qualidades daremos então à saliva, as que concebemos ou as que a serpente concebe? Quem nos dirá de sua essência?

Plínio afirma que há nas Índias certas lebres marinhas que constituem um veneno para nós, e reciprocamente. Basta que a toquemos para que pereçam. Qual desses efeitos devemos classificar como veneno? Em quem acreditar? No peixe ou no homem? O homem é envenenado por um certo ar que não ataca o boi; tal outro que não nos prejudica, não o suporta este. Qual dos dois é realmente pestilencial? As pessoas que sofrem de icterícia tudo vêem sob um aspecto amarelado.

”Lurida præterea fiunt quæcunque tuentur Arquati”

”Tudo parece amarelo a quem tem icterícia”

, diz Lucrécio. Os que são atingidos pelo que os médicos denominam hiposfagma, que consiste em um derrame de sangue sob a pele [equimose ocular], vêem tudo vermelho. Essas disposições que modificam o que vemos, terão iguais efeitos nos animais? Pois entre eles os há com olhos amarelados ou vermelhos e é possível que não vejam as coisas com as cores que vemos. Quem estará com a verdade? E não se diga que a essência das coisas só aos homens importa. Nada o prova. A dureza, a brancura, a profundidade, o azedume, interessam-lhes tanto quanto a nós mesmos. A natureza outorgou-lhes o uso, como a nós. Quando calcamos o olho, vemos os objetos mais compridos e largos; muitos animais têm o olho assim feito; esse comprimento que atribuímos aos corpos no caso em apreço talvez seja o verdadeiro. Se comprimimos o olho, apertando-o por baixo, vemos as coisas duplicadas.

***”Bina lucernarum florentia lumina flammis,
Et duplices hominum facies, Et corpora bina”***

”As lâmpadas têm dupla luz, os homens duplo corpo e rosto” [Lucrécio]

Se temos os ouvidos tapados ou semi-obstruídos, percebemos diferentemente os sons; os animais que possuem orelhas peludas, ou apenas um pequeno orifício, não devem pois ouvir como ouvimos. Vemos nos teatros e festas vidros de cor interpostos entre nós e as tochas e tudo o que existe nesses lugares assim iluminados parece verde, amarelo, ou violeta:

***”Et vulgo faciunt id lutea russaque vela,
Et ferriginea, cùm magnis intenta theatris
Per malos volgata trabisque trementia pendent:
Namque ibi concessum caveai subter, et omnem
Scenai speciem, patrum matrumque deorumque
Inficiunt, coguntque suo volitare colore”***

"Assim ocorre com esses véus amarelos, vermelhos e cinzentos pendurados em nossos teatros e flutuando no ar. Seu brilho móvel reflete-se nos espectadores e no palco; os senadores, as mulheres, as estátuas dos deuses, tudo se tinge à luz cambiante" [Lucrécio]

É provável que os olhos dos animais vejam as coisas de acordo com sua cor.

Para julgar as operações de nossos sentidos fora necessário portanto que estivéssemos de acordo com os animais e também entre nós. Ora esse acordo não existe. Disputamos sempre acerca do que um ouve ou sente, e é diferente do que o outro ouve ou sente; da mesma forma estamos divididos a respeito da diversidade das imagens que nossos sentidos nos comunicam. Em condições normais, uma criança ouve, vê e sente de maneira diversa de um homem de trinta anos, e este diferentemente de um sexagenário. Em uns os sentidos estão mais embotados, em outros mais agudos. Percebemos as coisas segundo as nossas condições ou o que elas nos parecem ser. E o que nos parece é tão discutível, incerto, que temos o direito de declarar que vemos a neve branca, mas não o podemos assegurar. Com tão limitada certeza no ponto de partida, toda ciência reduz-se a nada. E precisaremos demonstrar que nossos sentidos se contradizem? Uma pintura que se diria em relevo à vista, parece plana ao tato. O almíscar agrada ao olfato e ofende o paladar. Há ervas e unguentos que convêm a certas partes do corpo e irritam outras. O mel é bom de gosto e feio de se ver. Esses anéis em forma de pena que se usam em braços – 'penas sem fim' – e cuja largura o olho não sabe discernir, porquanto parecem engrossar de um lado e afinar de outro, mesmo se as enrolamos no dedo, ao tato se afiguram regulares em todas as suas partes.

Houve outrora quem, a fim de alcançar maior volúpia, se servisse de espelhos deformantes que ampliam os objetos neles refletidos. Qual de seus sentidos lhe dava maior satisfação? A vista, exagerando-os, ou o tato, diminuindo-os? São nossos sentidos que comunicam às coisas essas diversas condições, e terão elas uma só? O pão que comemos é unicamente pão, e, no entanto, segundo o uso que dele fazemos, torna-se osso, sangue, carne, pêlo, unhas:

***"Ut cibus in membra atque artus cùm diditur omnes
Disperit, atque aliam naturam sufficit ex se"***

"Os alimentos, infiltrando-se pelo corpo todo, perecem e mudam de natureza" [Lucrécio]

O suco que as raízes das árvores absorveram transforma-se em tronco, folhas e frutos. O ar é um só; entretanto a trombeta o traduz em mil sons diversos. São, indago, os nossos sentidos que mudam de maneira análoga as condições diversas das coisas ou são estas assim? Diante desta dúvida, como julgaremos sua verdadeira natureza? Há mais: se em caso de doença, devaneio ou sono, as coisas nos aparecem diferentes do que quando estamos com saúde, em plena posse de nós mesmos, é provável que em nosso estado normal as vejamos de conformidade com as nossas condições. Não as encaramos então de uma maneira igualmente particular? Por que o moderado não as veria sob um aspecto específico, como ocorre a quem o não é? Quem tem o estômago perturbado acha insosso o vinho; o são acha-o saboroso; o sedento, excelente.

Acomodando-se as coisas às nossas condições, como estas se transformam. Não conhecemos a verdade a seu respeito, pois sempre as temos alteradas ou falsificadas pelos sentidos. Quando o compasso, a régua, o esquadro são falseados, todas as medidas o são também, e os edifícios com tais instrumentos construídos são forçosamente defeituosos e pouco sólidos. Da mesma forma a insuficiência de nossos sentidos torna insuficiente tudo o que produzem:

***"Denique ut in fabrica, si prava est regula prima,
Normaque si fallax rectis regionibus exit,
Et libella aliqua si ex parte claudicat hilum,
Omnia mendosè fieri, atque obstipa necessum est,
Prava, cubantia, prona, supina, atque absona tecta,
Jam ruere ut quædam videantur velle, ruântque
Prodita judiciis fallacibus omnia primis.
Hic igitur ratio tibi rerum prava necesse est,
Falsaque sit falsis quæcumque à sensibus orta est"***

"Se na construção de um edifício, a régua usada foi falseada, se o esquadro desvia da perpendicular, se o nível falha, ocorre necessariamente ser todo o edifício viciado, fora de equilíbrio, sem graça, nem boas proporções. Uma parte pode ameaçar cair, e cair mesmo, por ter sido mal dirigida. Assim, se não pudermos confiar inteiramente nos sentidos, todos os julgamentos serão ilusórios" [Lucrécio]

Mas a quem caberá julgar as diferenças? Dizemos que quando se trata de controvérsias religiosas seria necessário um juiz neutro, isento de preconceito ou preferência, o que não se encontra entre os cristãos. O mesmo fato repete-se aqui. Se o juiz é um ancião, não pode imparcialmente julgar o que sente a mocidade, estando ele próprio interessado no debate. Se é um jovem, idêntico é o caso; como idêntico o será se o juiz for doente, ou são, se estiver acordado ou cochilando. Fora preciso alguém que nunca tivesse estado em nenhum desses casos para que se pronunciasse sem prevenção por uma ou outra das diversas opiniões em presença. Ora, um juiz desse tipo não existe.

Para aquilatar das aparências das coisas, precisaríamos de um instrumento aferidor; para controlar esse instrumento necessitaríamos de experiências e mais um instrumento para comprová-las. E eis-nos em um impasse. Se os sentidos não podem decidir serem imperfeitos, é preciso que a razão decida. Mas nenhuma razão se aceitaria sem que outra lhe demonstrasse a validade; e eis-nos de volta ao ponto de partida.

Nossa imaginação não se exerce diretamente sobre as coisas que estão fora de nós; é levada a elas pelos sentidos; estes não se ocupam do que lhes é estranho, mas somente do que é objeto de suas impressões. E como a imaginação e a aparência que concebemos das coisas não vêm destas, mas sim dos nossos sentidos, e estas sensações são variáveis, ocorre que quem julga pelas aparências julga por outra coisa que não o próprio objeto.

Diremos que as impressões dos sentidos fornecem à alma uma imagem fiel dos objetos. Mas como podem a alma e os sentidos assegurar-se da exatidão da semelhança? Não estão eles próprios em relação com os objetos? Quem não conhece Sócrates e lhe vê o retrato não pode dizer se é parecido. E mesmo quem quisesse julgar pelas aparências não o poderia fazer por todas. Elas se neutralizam, em verdade, pelas contradições e diferenças que apresentam, como no-lo mostra a experiência. Será pois somente por algumas, a serem escolhidas, que seu julgamento se exercerá. Mas, quando houver escolhido uma, será necessário escolher outra para verificar a primeira; uma terceira em seguida para controlar a segunda e assim por diante, indefinidamente.

Em suma, nós mesmos e os objetos não temos existência constante. Nós, nosso julgamento, e todas as coisas mortais, seguimos uma corrente que nos leva sem cessar de volta ao ponto inicial. De sorte que nada de certo se pode estabelecer entre nós mesmos e o que se situa fora de nós, estando tanto o juiz como o julgado em perpétua transformação e movimento.

Nada conhecermos de nosso ser, porque tudo o que participa da natureza humana está sempre nascendo ou morrendo, em condições que só dão de nós uma aparência mal definida e obscura; e se procuramos saber o que somos na realidade, é como se quiséssemos segurar a água; quanto mais apertamos o que é fluido, tanto mais deixamos escapar o que pegamos. Por isso, pelo fato de toda coisa estar sujeita à transformação, a razão nada pode apreender na sua busca do que realmente subsiste, pois tudo, ou nasce para a existência e não está inteiramente formado, ou começa a morrer antes de nascer.

Platão dizia que os corpos nunca têm existência; nascem somente. Considerava que Homero, fazendo do Oceano o pai dos deuses e de Tétis a mãe, quisera mostrar que tudo está sujeito a vicissitudes, transformações e variações perpétuas, opinião essa de todos os filósofos anteriores a Platão, com exceção de Parmênides que negava o movimento dos corpos, caro ao Mestre; Pitágoras achava que toda matéria é móvel e sujeita a mudanças; os estóicos, que o tempo presente não existe e que, o que assim designamos, não passa do ponto de junção do passado com o futuro. Heráclito dizia que nunca um homem atravessou duas vezes o mesmo rio; Epicarmo, que quem pediu um dia dinheiro emprestado não se torna devedor, e quem foi à noite convidado para a refeição da manhã seguinte, e se apresenta, chega sem ser convidado, porquanto não são mais os mesmos, e sim outros; que toda substância perecível não se encontra duas vezes no mesmo estado, porque, por mudanças repentinas e inapreensíveis, ora se evapora, ora se condensa; vem e vai; de sorte que o que começa a nascer não se torna jamais um ser perfeito. Pode-se mesmo dizer que seu nascimento não termina e nem pára em um fim; desde sua concepção, vai-se transformando e passando de um estado a outro. O germe humano, por exemplo, torna-se inicialmente, no ventre da mãe, um fruto informe; em seguida uma criança nitidamente constituída; depois, ao ser parido, uma criança de peito, que se transforma em menino, e sucessivamente em adolescente, homem, homem maduro e ancião decrépito, de maneira que a idade e a geração seguinte desfazem e estragam a geração que precede:

***"Mutat enim mundi naturam totius aetas,
Ex alióque alius status excipere omnia debet,
Nec manet ulla sui similis res, omnia migrant,
Omnia commutat natura et vertere cogit"***

"O tempo muda a face do mundo; uma ordem de coisas substitui outra, necessariamente.

Nada é estável, tudo se transforma e a natureza está em contínua metamorfose" [Lucrécio]

E nós, tolos que somos, tememos uma forma particular da morte quando já conhecemos tantas outras; pois, como ressalta Heráclito, não somente a morte do fogo engendra o ar e a do ar engendra a água, como o podemos ver de maneira mais evidente pelo que se verifica em nós, mas também a flor da idade morre ao chegar a velhice, a infância ao surgir a adolescência, etc. Hoje assinala a morte de ontem, amanhã assinalará a de hoje. Nada é imutável. Admitamos com efeito que sejamos e permaneçamos o que somos; como se explicaria que nos alegremos ou nos entristecemos com a mesma coisa segundo o momento? Como explicar que gostemos de coisas contrárias, que as detestemos, e as louvemos? Se demonstramos sentimentos diferentes diante de uma mesma coisa, é porque nosso pensamento se modifica, pois não é verossímil que sem mudança em nós variem os sentimentos. O que a mudança afeta já não é mais o mesmo. Cessando de ser idêntico a si mesmo, cessa pura e simplesmente de existir, torna-se outro. Portanto, os sentidos mentem e se enganam acerca da natureza das coisas, quando tomam a aparência pela realidade, e não sabem o que seja esta.

Que há então que seja realmente tal qual o vemos? Somente o que é eterno, isto é, o que nunca teve começo e não terá fim; o que não muda sob o efeito do tempo, pois o tempo é móvel e surge como uma sombra arrastando consigo a matéria fluida, instável, sempre em transformação. Ao tempo se aplicam estas palavras: 'Antes ou depois', 'foi ou será', as quais já mostram à evidência que não se trata de uma coisa que é, porque seria tolice dizer que é algo que ainda não é ou já não é mais. A idéia que temos de tempo exprime-se nestas palavras: 'Presente, instante, agora', as quais parecem constituir-lhe a base. Mas que a razão se detenha nela e de imediato o conjunto rui; desde o primeiro instante a razão o destrói, repartindo-o em passado e futuro e recusando-se a aceitar qualquer outra divisão. O mesmo se dá com a natureza que se mede; nada há nela tampouco que permaneça, subsista. Tudo o de que se compõe foi ou está nascendo ou morrendo. Eis por que seria pecado dizer que só Deus é, foi e será, porque são termos que implicam mudanças, transformações, vicissitudes próprias ao que não dura e cuja existência não é contínua. Daí dever-se concluir que 'só Deus é', não segundo uma medida qualquer do tempo, mas segundo a eternidade imutável e fixa, que não é função do tempo e não está sujeita a variações. Nada O precedeu, nada se lhe seguirá, e nada é mais novo e recente; Ele é realmente, agora e sempre, o que para Ele são a mesma coisa. Nada a não ser Ele existe verdadeiramente, de que se possa dizer 'foi e será', porquanto Ele não teve começo e não terá fim".

A essa conclusão tão religiosa de um pagão, acrescentarei apenas para terminar tão longa e aborrecida digressão sobre assunto em verdade inesgotável, isto que disse outro filósofo pagão e que apresenta afinidade com o que se transcreveu: "Vil e abjeta coisa o homem, se não se eleva acima da humanidade!" Eis uma reflexão inspirada em bom sentimento e no desejo de

ser útil, e no entanto absurda. É com efeito impossível e contrário à natureza, um punhado maior do que o punho, uma braçada maior do que o braço, um passo maior do que a perna. Não pode tampouco ocorrer que o homem se eleve acima de si mesmo e da humanidade, porque só pode ver com seus olhos e apreender com seus próprios meios. Elevar-se-á, se Deus lhe quiser dar a mão. Elevar-se-á sob a condição de abandonar seus meios de ação, de renunciar a eles e de se deixar erguer e elevar-se unicamente pelos meios que lhe vêm do céu. É nossa fé cristã, e não a virtude estóica dos filósofos, que pode operar essa divina e milagrosa metamorfose.

Capítulo XIII

Como julgar a morte de outros

Quando julgamos do ânimo que alguém demonstra no momento da morte – por certo o mais importante da vida humana – devemos levar em conta que raramente pensamos ter chegado a nossa hora. Poucas pessoas morrem convencidas de que estejam nos últimos instantes, e nada há a cujo respeito a esperança nos iluda tanto. Não cessa de nos soprar aos ouvidos: “outros estiveram bem pior, e não morreram; a coisa não é tão desesperada como pensam; ademais, Deus fez outros milagres”. Disso se deduz que damos excessiva importância a nós mesmos; é como se tudo sofresse, de algum modo, com o nosso desaparecimento, e se apiedasse de nós, pois nossa visão perturbada faz-nos ver as coisas diferentes do que realmente são. Parece-nos que elas se afastam de nós, quando nossos olhos é que fraquejam. Assim, para os que viajam por mar, as montanhas, os campos, as cidades, o céu e a terra também se afiguram em movimento:

“Provehimur portu, terraeque urbesque recedunt:”

“Saímos do porto; a terra e o mar parecem afastar-se” [Virgílio]

Quem jamais viu a velhice não louvar o passado, não criticar o presente, imputando ao mundo e aos costumes de sua época sua miséria e sua tristeza?

“Jamque caput quassans, grandis suspirat arator.

Et cum tempora temporibus praesentia confert

Praeteritis, laudat fortunas saepe parentis,

Et crepat antiquum genus ut pietate repletum”

“Sacudindo a cabeça calva, o velho lavrador suspira; compara o presente ao passado,

louva a felicidade de seu pai e fala sem cessar da moral dos tempos antigos” [Lucrécio]

Tudo vemos em relação a nós mesmos, daí damos à nossa morte grande importância, pensarmos que não pode ocorrer facilmente e sem solene consulta aos astros:

“Tot circa unum caput tumultuantes dens,”

“Quantos deuses incomodados com a vida de um só homem!” [Sêneca]

E assim fazemos porque nos estimamos demasiado: “Pois tanta ciência se perderia e tão grande prejuízo não seria objeto de particular atenção do destino? O desaparecimento de tão bela alma, e tão exemplar, não valerá mais do que o da mais inútil? Esta vida que tantas outras sustenta, pela qual tantos se interessam, com tantas funções e cargos, deverá ser deitada fora como qualquer outra insignificante?” Nenhum de nós imagina suficientemente que não passa de uma unidade. Daí estas palavras que César dirigiu ao piloto de seu barco e mais inchadas de vaidade que o mar grosso:

“Italiam si coelo auctore recusas,

Me pete: sola tibi causa est haec justa timoris,

Vectorem non nosce tuum; perrumpe procellas,

Tutela secure mea”

“Se o céu se recusa a conduzir-te às costas da Itália, segue sob meus auspícios. Se tens medo

é porque ignoras quem conduzes; com o meu apoio, enfrenta sem receio a tempestade” [Lucano]

Estas outras decorrem da mesma idéia:

“Credat jam digna pericula Caesar

Fatis esse suis; tantusne evertere, dixit,

Me superis labor est, parva quern puppe sedentem,

Tam magno petiere mari;”

“César julga enfim o perigo à altura de sua coragem: terão os deuses necessidade de tão grande

esforço para me destruir? Jogam o furor do mar contra a minha frágil embarcação” [Lucano]

Assim também a loucura de um povo a exigir que durante um ano inteiro o sol se enlute por causa de sua morte:

“Ille etiam extincto miseratus Caesare Romam,

Cum caput obscura nitidum ferrugine textit:”

“Participou igualmente da desgraça de Roma e cobriu-se com um véu de luto” [Virgílio]

E mil outros exemplos poderiam invocar-se da ilusão do mundo a pensar que seus interesses perturbem os céus:

“Non tanta caelo societas nobiscum est, ut nostro

Fato mortalis sit ille quoque siderum fulgor”

“A aliança entre nós e o céu não é de tal ordem que os

astros devam extinguir-se com nossa morte” [Plínio]

Não estamos certos ao julgar a resolução e o ânimo de alguém quando este não tem a certeza de se achar em perigo de morte, embora se ache. Em sua maioria, os homens assumem suas atitudes e escolhem suas palavras a fim de alcançar uma

reputação de que ainda venham a aproveitar-se em vida. Quantos vi morrer, cuja atitude não pôde ser preparada e se deveu tão-somente ao acaso! E entre os que, na antiguidade, se mataram, cumpre distinguir os que tiveram morte imediata dos que a tiveram lenta. Certo cruel imperador romano, falando de suas vítimas, dizia que queria fazer com que sentissem a morte; e acerca de uma delas, que se suicidara, observava: "essa me escapou!" Quisera que sofressem com a morte, através dos tormentos que esta provoca.

***"Vidimus et toto quamvis in corpore caeso
Nil anima lethale datum, moremque nefandae,
Durum saevitix, pereuntis parcere morti"***

"Vimo-lo vivo em um corpo mortificado, cuja agonia prolongavam com requintes de crueldade" [Lucano]

Em verdade não é assim tão difícil resolver matar-se, quando a gente goza saúde e nada tem a temer; é fácil mostrar-se valente antes do momento fatal, a ponto que Heliogábalo, o mais efeminado dos homens, projetara matar-se, em meio à sua luxúria, em condições faustosas. Para que essa morte não lhe desmentisse a vida, mandara construir uma suntuosa torre, incrustada, embaixo e na frente, de ouro e pedras preciosas, a fim de se precipitar do alto dela. E mandara confeccionar cordéis de metal precioso e seda purpurina para se enforcar, bem como uma espada de ouro para se traspasar, e guardava veneno em vasos de esmeralda e topázio para se envenenar, pois não sabia que gênero de morte escolheria. São os 'corajosos por necessidade', a quem se refere Lucano:

"Impiger... ad letum et fortis virtute coacta"

"Resoluto e valente em face a morte por uma coragem exagerada" [Lucano]

A despeito de tantas precauções, é provável que houvesse recuado na hora da decisão, tal o luxo do aparato. Mas, mesmo entre os que, mais resolutos, levaram a cabo sua resolução, cumpre verificar se a morte se deu mediante golpe que não permitisse sentir-lhe os efeitos ou se quiseram que a vida abandonasse aos poucos seu corpo e sua alma, o que lhes teria dado tempo de se arrependerem ou provarem, em perseverando, sua firmeza de ânimo e sua obstinação na intenção primeira.

Durante as guerras civis de César, tendo Lúcio Domício, aprisionado nos Abruzos, se envenenado, arrependeu-se em seguida. Ocorre também que alguém, decidido a morrer, não o tenha conseguido de chofre e se ferisse novamente duas e mais vezes, sem resultado, em virtude da revolta da carne que impede o braço de golpear profundamente.

Enquanto se instruía o processo de Plauto Silvano, Urgulânia, sua avó, passou-lhe um punhal com o qual ele não conseguiu matar-se. Mandou então que seus servidores lhe cortassem as veias. Albulica, no tempo de Tibério, querendo suicidar-se, golpeou-se com insuficiente vigor, o que deu tempo a seus inimigos de a socorrerem e a fazerem morrer a seu bel-prazer. Foi também o que aconteceu a Demóstenes, depois de sua derrota na Sicília. E C. Fímbria, falhando por falta de energia, pediu ao criado que o acabasse. Ao contrário, Ostório, embora não podendo usar o braço, desdenhou a ajuda do laçao, senão para manter o punhal reto e firmemente; e jogou-se sobre a arma traspassando a garganta. Na verdade, trata-se de uma coisa que se deve engolir sem mastigar, a não ser que se tenha garganta de ferro. Entretanto, Adriano mandou o médico marcar com um círculo no peito o lugar que devia ser golpeado por quem ele encarregasse de o matar. Eis por que César, quando lhe perguntaram qual o gênero de morte mais desejável; respondeu: "a menos premeditada e mais rápida". E se César ousou dizê-lo, não é covardia minha acreditá-lo. "Uma morte rápida", observa Plínio, "é a grande felicidade da vida". Aborrece entretanto a alguns reconhecê-lo.

Ninguém pode assegurar que estava resolvido a morrer, se evita encarar a morte e não a pode ver chegar de olhos abertos. Os condenados que lhe correm ao encontro, a fim de apressá-la, não o fazem por espírito de resolução, mas porque desejam abreviar o tempo em que deverão contemplá-la. Morrer não os atemoriza, o que temem é a passagem da vida à morte:

"Emodi nolo, sed me esse mortem nihil astigmia"

"Não quero morrer, mas é-me indiferente estar morto" [Cícero]

A esse grau de resolução já verifiquei que posso chegar, como quem, de olhos fechados, atira-se ao perigo ou ao mar.

A meu ver, nada é mais belo, na vida de Sócrates, do que ter permanecido durante trinta dias, depois de condenado, examinando serenamente a morte futura, sem emoção, sem revelar nenhuma alteração de humor, agindo e conversando, antes com calma do que com excitação sob o peso de um tal pensamento.

Pompônio Ático, a quem Cícero escreveu cartas que nos ficaram dele, achando-se enfermo, chamou Agripa, seu genro, e dois ou três amigos, e lhes disse que, não conseguindo curar-se e aumentando-lhe o sofrimento os remédios que tomava para prolongar a vida, estava resolvido a pôr fim a ambos, vida e sofrimento, e pedia a todos que o aprovassem ou, pelo menos, que não tentassem impedi-lo de levar a cabo a resolução. E tendo escolhido a morte pela fome para alcançar seu objetivo, sua abstinência, como por acaso, elimina a doença. Em querendo morrer, recupera a saúde. Seus médicos e amigos congratulam-se então com ele pelo feliz resultado; mas se enganam, pois não muda de decisão: "pois que lhe cumpriria um dia dar esse passo", diz, "não queria, no ponto a que chegara, ter de recomeçar de outra feita". Com lazer suficiente meditar na morte, e não somente não renunciava a ela mas se obstinava e, satisfeito com o início, resolvia bravamente continuar. Provar a morte e saboreá-la é muito mais do que a não recuar.

A história do filósofo Cleantes se parece muito com a precedente. Estava com as gengivas inchadas e gangrenadas. Aconselham-lhe os médicos um jejum absoluto. Observando-o durante dois dias, sente-se tão melhor que o declaram curado e o autorizam a voltar à vida normal. Mas ele, achando já certa doçura no estado de fraqueza a que chegara, resolve não recuar e, perseverando, acaba por morrer de fome.

Um jovem romano, Túlio Marcelino, preocupado com avançar a hora do destino, a fim de se desfazer de uma doença que o fazia sofrer mais do que queria suportar, mas que os médicos prometiam curar, embora com alguma demora, convocou seus amigos para deliberarem juntos. Uns, relata Sêneca, davam-lhe o conselho que, por covardia, teriam eles próprios seguido;

outros, para o adularem, o que acreditavam lhe fosse mais agradável. Um, afinal, da escola dos estóicos, disse-lhe: "Não te aborreas, como se se tratasse de assunto importante. Viver não é grande coisa; teus lacaios e teus animais vivem; o que importa é morrer honrosamente, sabiamente e com coragem. Imagina só há quanto tempo fazes a mesma coisa: comer, beber, dormir; dormir, comer, beber; não saímos do círculo. Não somente os acidentados penosos e dolorosos nos incitam a sair da vida, mas também a saciedade de viver". Marcelino precisava de alguém para o ajudar a cumprir seu desígnio, e não para lhe dar conselhos. Acabava de encontrá-lo. Os servidores receavam meter-se no caso; nosso filósofo demonstrou-lhes que os criados só se comprometem quando há dúvida quanto à vontade de morrer do senhor e que seria tão má ação impedi-lo de se matar quanto o matar, tanto mais que

"Invitum qui servat, idem facit occidenti"

"Salvar um homem contra sua vontade é como matá-lo" [Horácio]

Avisou em seguida Marcelino de que, assim como se distribuem os restos do banquete aos que o servem, era conveniente, ao fim da vida, deixar alguma coisa aos que, no curso de sua existência, lhe haviam prestado seu concurso. Marcelino, tão liberal quanto corajoso, mandou repartir uma certa soma entre seus servidores e os consolou da tristeza que manifestavam. Para passar da vida à morte, não recorreu nem ao ferro, nem à efusão de sangue, pois estava decidido a retirar-se da vida e não evadir-se. Não queria fugir da morte, mas sim enfrentá-la. A fim de ter a possibilidade de desafiá-la, renunciou a todo e qualquer alimento, descansando no terceiro dia em um banho morno; e, enfraquecendo sempre mais, morreu lentamente, não sem experimentar, disse, uma espécie de volúpia. Os que por fraqueza têm uma síncope, afirmam também não sentir dor nenhuma, mas antes certo bem-estar, como quando adormecem e repousam.

Catão parece ter tido como destino ser em tudo um modelo de virtude. Permitiu-lhe a sorte que, estando com a mão machucada, somente se ferisse ao golpear-se, o que lhe deu a possibilidade de lutar com a morte até a agarrar. As circunstâncias que teriam podido enfraquecer-lhe o ânimo, antes o fortaleceram. Se me fosse dado representá-lo na atitude que considero mais honrosa, mostrá-lo-ia ensangüentado e arrancando as entranhas, e não de espada na mão como fizeram os escultores de sua época. O segundo ato de sua morte revela sem dúvida alguma coragem bem maior que o primeiro.

Capítulo XIV

O que nossa própria mente impede

É uma idéia interessante imaginar uma mente precisamente equilibrada entre dois desejos equivalentes: pois, indubitavelmente, nunca pode decidir-se por um, posto que a escolha e a preferência manifestariam uma desigualdade de estima; assim optamos entre a garrafa e o presunto, com igual apetite para beber e comer, caso contrário é certo que não haveria remédio senão morrer de sede e fome. Para contornar essa inconveniência os Estóicos, quando são compelidos a eleger de onde na alma procedem duas coisas indiferentes e o que isso nos traz além de um grande número de escolhas bastante sutis uma em relação a outra, todas equivalentes, e não havendo qualquer razão para nos inclinar a uma determinada preferência, eles respondem que esse movimento da alma é extraordinário e irregular, penetrando em nós por meio de um impulso externo, acidental e fortuito. Mais propriamente parece, dizem eles, que nada se nos apresenta sem manifestar alguma diferença, por sutil que seja; e que, pela visão ou pelo toque, sempre há alguma alternativa, porquanto imperceptível, que nos tenta e nos atrai; assim, quem poderá pressupor algo igualmente resistente em toda extensão, totalmente impossível de romper; pois onde você terá de começar a quebrar? E o que deveria quebrá-lo completamente não está na natureza. Quem também, até agora, pudesse reunir as proposições geométricas que, pela certeza das suas demonstrações, concluem que o conteúdo é maior que o continente, que o centro pode ser tão grande quanto a circunferência, e aquela de encontrar duas linhas que se aproximam incessantemente uma da outra sem contudo jamais se encontrarem, e a pedra filosofal, e a quadratura do círculo, onde a razão e a consequência são contraditórias, poderia, talvez, achar algum argumento para secundar esta ousada declaração de Plínio:

"Solum certum nihil esse certi,

Et homine nihil miserius aut superbius"

"Só há certeza que não há nada certo, e que nada é mais miserável ou mais orgulhoso que o homem"

Capítulo XV

Os nossos desejos são estimulados pela dificuldade

Não há nenhum fundamento que não tenha o seu contrário, dizem os filósofos mais sábios. Eu estava agora mesmo ruminando sobre uma excelente declaração dos antigos alegando desprezo pela vida: "Nenhum bem pode lograr prazer, a menos que seja com a perda daquilo que preparamos antecipadamente".

"In aequo est dolor amissae rei, et timor amittendae"

"A tristeza de perder uma coisa e o medo de perdê-la são equivalentes" [Sêneca].

, querendo com isto dizer que o gozo da vida não pode ser verdadeiramente agradável se temos receio de perdê-la. Contudo poderíamos dizer, pelo contrário, que acariciamos e abraçamos esse bem mais seriamente, e com tão maior afeto, quando o vemos menos assegurado e tememos que nos seja arrebatado: pois isso é evidente, como o fogo arde com maior fúria quando vem o frio misturar-se a ele, e nossa vontade é mais obstinada sendo antagonizada:

"Si nunquam Danaen habuisset ahenea turris,

Non esses, Danae, de Jove facta parens"

"Se uma torre de bronze não a tivesse segurado, Danae, Jove não iria torná-la mãe" [Ovídio]

, e que não há nada tão naturalmente contrário ao nosso gosto quanto a saciedade originada da facilidade; nem algo que tanto nos estimule quanto a escassez e a dificuldade:

“Omnium rerum voluptas ipso, quo debet fugare, periculo crescit”

“O prazer de todas as coisas cresce pelo mesmo perigo que deveria intimidá-las” [Sêneca].

“Galla, nega; satiatur amor, nisi gaudia torquent”

“Galla, recuse-me; o amor fica saturado pelas alegrias que não são acompanhadas de dificuldade” [Marcial].

Para manter vivo o amor, Licurgo ordenou num decreto que as pessoas casadas da Lacedemônia nunca deveriam desfrutar de uma outra em segredo; e seria tão grande vergonha levá-las juntas para a cama quanto comprometer-se com outras. A dificuldade dos encontros, o risco de ser surpreendido, a vergonha pela manhã,

***“Et languor, et silentium,
Et latere petitus imo Spiritus”***

“E langor, e silêncio, e suspiros, vindos do âmago do coração” [Horácio]

; é isso que dá um sabor picante ao molho. Quão mais arrojado e agradável é o jogo que brota da linguagem mais decente e modesta dos trabalhos sobre o amor? O próprio prazer busca erguer-se da dor e é muito mais doce quando sofre e tem a pele enrugada. A cortesã Flora disse que nunca se deita com Pompeu, mas que ela o fez carregar as marcas dos seus dentes [Plutarco].

***“Quod petiere, premunt arcte, faciuntque dolorem
Corporis, et dentes inlidunt saepe labellis...
Et stimuli subsunt, qui instigant laedere ad ipsum,
Quodcunque est, rabies unde illae germina surgunt”***

“O que procuraram eles usam intimamente, e causa dor; sobre os lábios cravam os dentes, e cada beijo recua: ansiando por latente estímulo um lugar para machucar” [Lucrécio]

E assim em tudo: a dificuldade dá a todas as coisas a sua estimação; o povo da fronteira de Ancona faz os seus juramentos mais prontamente a São James, o da Galícia a Nossa Senhora de Loreto; em Liège fazem um extraordinário tumulto sobre os banhos de Lucca, e na Toscânia sobre aqueles de Aspa: poucos Romanos são vistos na escola de esgrima de Roma, que está cheia de franceses. Também o grande Catão, tanto quanto nós, enjouou da esposa enquanto ainda era dele e a cobiçou quando possuía por outro. Eu ficaria satisfeito de expulsar do estábulo um cavalo velho, assim ele não seria coagido quando cheirasse uma égua: a facilidade em breve o saciaria, como é da sua natureza, mas para as éguas estranhas, e à primeira que ultrapassasse os limites do seu pasto ele novamente cairia em seus relinchos inoportunos e na excitação furiosa de antes. Nosso apetite menospreza e ignora o que possui para correr atrás daquilo que não tem:

“Transvolat in medio posita, et fugientia captat”

“Ele despreza a que está próxima à sua mão e corre atrás daquela que dele foge” [Horácio]

Proibir-nos alguma coisa é induzir nossa mente naquela direção:

***“Nisi to servare puellam
Incipis, incipiet desinere esse mea”***

“A menos que você comece a vigiar sua amante, logo ela passará a ser minha” [Ovídio]

Conceder-nos isso inteiramente é desenvolver em nós o desprezo. Desejo e abundância incidem na mesma inconveniência:

“Tibi quod superest, mihi quod desit, dolet”

“Suas superfluidades o aborrecem e o que eu quero me aborrece” [Terêncio]

Desejo e fruição afligem-nos igualmente. A severidade dos amantes é problemática, mas para dizer a verdade, assim ainda mais facilita, visto que o descontentamento e a raiva emanam do nosso apreço pela coisa desejada, aquece e impulsiona o amor, mas a saciedade gera a aversão; é uma paixão cega, entediante, sombria, estúpida e indolente:

“Si qua volet regnare diu, contemnat amantem”

“Ela que reteria por muito tempo o seu poder, deve usar o mau amante” [Ovídio]

***“Contemnite, amantes:
Sic hodie veniet, si qua negavit heri”***

“Despreze sua amante; hoje ela vai fazer o que ontem negou” [Propércio]

Por que Popéia excogitou de usar máscaras, não para esconder a beleza do seu rosto, mas para acentuá-la aos seus amantes? Por que elas ocultavam, até mesmo abaixo dos calcanhares, aquelas belezas que todos desejam exibir e cada um deseja ver? Por que elas cobrem com tantos obstáculos, um sobre o outro, aquelas partes onde nossos desejos e os seus próprios têm principal assento? E para que servem esses grandes baluartes de *merinaques* com que nossas senhoras fortalecem seus quadris, senão cativar a nossa concupiscência e nos instigar a removê-los para longe de nós?

“Et fugit ad salices, et se cupit ante videri”

“Ela corre ao salgueiro, mas antes deseja ser vista” [Virgílio]

“Interdum tunica duxit aperta moram”

“Os paramentos ocultos às vezes reprimem o amor” [Propércio]

Qual a utilidade do artifício dessa modéstia de virgem, essa frieza sepulcral, esse semblante severo, essa confissão de ignorar coisas que sabem melhor do que nós que nelas as instruímos, a não ser aumentar em nós o desejo de conquistar, controlar e esmagar sob os pés com prazer todas essas formalidades e todos esses obstáculos? Pois aí não há somente prazer, mas, além disso, exaltação, conquistando e debochando daquela doce suavidade e daquela modéstia infantil para reduzir uma fria e matronal gravidade à mercê de nossos desejos ardentes: é uma glória, dizem eles, triunfar sobre a modéstia, a castidade e a

temperança; e quem dissuade as senhoras dessas qualidades, trai a elas e a si mesmo. Vamos acreditar que seus corações tremem de medo, que o próprio som de nossas palavras ofende a pureza dos seus ouvidos, que nos odeiam por falar assim e só se rendem à nossa importunidade por uma força compulsiva. A beleza, todo-poderosa como é, não tem a capacidade de se fazer apreciada sem a mediação desses escassos artifícios. Veja na Itália, onde estão à venda as melhores e mais finas belezas, como é necessário recorrer a meios extrínsecos e outras artimanhas para se tornar encantadora, e ainda assim, a bem da verdade, tudo o que se pode fazer, sendo venal e público, é permanecer fraco e lânguido. Mesmo assim a própria virtude, de dois efeitos similares, não obstante olhamos com respeito como o mais justo e mais merecedor, em que a maioria dos perigos e dificuldades estão plantados diante de nós.

É um efeito da Divina Providência estar a Santa Igreja sujeita a aflições, como observamos, com tantas tormentas e dificuldades, por sua resistência em despertar as almas piedosas e removê-las daquela letargia sonolenta em que se encontram imersas, por tão prolongada placidez. Se devêssemos pôr a perder aqueles que são contados no número dos que foram desencaminhados, no balanço contra o benefício que alcançamos sendo novamente colocados a respirar, e tendo nosso zelo e energia reavivados por causa dessa oposição, não sei se a utilidade não haveria de sobrepujar o prejuízo.

Pensamos amarrar o nó nupcial de nossos casamentos mais rápido e firme tendo tomado todas as precauções para dissolvê-lo, mas o vínculo da vontade e da afeição é um tanto mais frouxo e folgado e quanto mais forte o constrangimento, mais ele se fecha; pelo contrário, o que manteve os matrimônios em Roma por tanto tempo honrados e invioláveis era a liberdade de cada um rompê-lo se assim o desejasse; eles mantinham melhor suas esposas porque podiam separar-se delas se quisessem; e, na plena liberdade do divórcio se passaram mais de quinhentos anos antes que alguém dele fizesse uso.

“Quod licet, ingratum est; quod non licet, acrius urit”

“O que você pode fazer, é desagradável; o que é proibido, abre o apetite” [Ovídio]

Podemos aqui introduzir a opinião de um antigo nessa questão, “... que os suplícios antes aguçam que embotam o gume dos vícios: que eles não desenvolvem o cuidado de fazer bem, sendo um trabalho de razão e disciplina, mas apenas uma precaução para se acautelar do mal”:

“Latius excisae pestis contagia serpunt”

“Sendo lancetado o foco da pestilência, mais ainda se espalha a infecção” [Rutilio]

Não sei se isso é verdade; mas sei por experiência que o governo civil nunca foi por tais meios reformado; a ordem e as regras de costumes dependem de alguns outros expedientes. A história Grega menciona os Argipianos, vizinhos da Cítia que andavam sem bastão ou clava para agredir; onde não somente ninguém tentava atacá-los, mas quem fosse para lá estaria seguro, devido à sua virtude e santidade de vida, e ninguém é tão corajoso para deitar as mãos sobre eles; e têm instrumentos criados para resolver as controvérsias que surgem entre os homens de outros países. Há uma certa nação onde mantêm cercas de jardins e campos feitas apenas com um fio de algodão; e, assim circundados, são mais firmes e seguros do que com nossas cercas vivas e fossos.

“Furem signata sollicitant...”

Aperta effractarius praeterit”

“As coisas seladas convidam o ladrão: o arrombador ignora as portas abertas” [Sêneca]

Possivelmente a facilidade de entrar em minha casa, entre outras coisas, foi um meio para preservá-la da violência de nossas guerras civis: a defesa estimula o ataque e o desafio provoca um inimigo. Eu debilitei os soldados designados privando-os de explorar o perigo e todas as formas de glória militar que de praxe servem como pretexto e subterfúgio: tudo que é corajoso e honorável acabou-se, num período em que a justiça está inoperante. Interpreto a conquista da minha casa como um ato covarde e ignóbil; ela nunca está fechada a qualquer um que bate; meu portão não tem outro guarda além do zelador, e ele tem hábitos antigos e cerimoniais que não servem tanto para defesa quanto para proporcionar mais graça e decoro; não disponho de outro guarda ou sentinela além das estrelas. Um cavaleiro bancaria o tolo fazendo uma exibição de defesa se não está realmente em condições de se proteger. Ele deixa um dos flancos desassistido, é assim em todos os lugares; nossos antepassados não pensaram em guarnecer os limites das construções. Os meios de assaltar (eu quero dizer sem exército ou artilharia) e pegar nossas casas de surpresa aumenta a cada dia, suplantando os expedientes para vigiá-las; a sagacidade dos homens geralmente é voltada nesse sentido; na invasão cada um está interessado: nas defesas, ninguém senão os ricos. A minha era resistente para a época em que foi construída; nada acrescentei daquela natureza, e haveria de recear que sua força pudesse se voltar contra mim; pelo que devemos considerar o tempo de paz que seria requerido para sua demolição. Nunca há risco de se poder recuperá-la, e seria muito difícil de manter; pois em dissensões intestinas, seu homem pode ser do partido que você teme; e onde a religião é pretexto, até mesmo as relações mais próximas de um homem ficam incertas, com alguma aparência de probidade. O erário público não irá sustentar nossas guarnições domésticas; seria exaurido: nós mesmos não temos meios de fazê-lo sem nossa ruína, ou, o que é mais inconveniente e injurioso, sem arruinar o povo. A situação da minha perda dificilmente seria pior. Quanto ao resto, aí você perde tudo; até mesmo seus amigos estarão mais prontos a acusar o seu desejo de vigilância e sua imprudência, sua ignorância e indiferença por seus próprios interesses, do que a apiedar-se de você. Tantas mansões fortificadas foram destruídas ao passo que a minha permanece, o que me permite supor que só se perderam por serem protegidas; isso dá ao inimigo um convite e um pretexto racional; toda defesa mostra uma face da guerra.

Deixarei que entrem aqui em nome de Deus; mas não os convidarei; é o retiro que escolhi para afastar-me da guerra. Empenho-me em retirar este canto da tormenta pública assim como também faço com outro canto da minha alma. Nossa guerra pode se revestir das formas que quiser, pode se multiplicar e se diversificar em novos partidos; de minha parte, não me perturbo. Entre tantas casas guarnecidas na França, somente eu entre os de minha categoria, até onde tenho conhecimento, confiou puramente no Céu para sua proteção, e nunca promovi blindagens, façanhas ou enforcamentos. Não hei de temer nem me

salvar pela metade. Se um completo reconhecimento alcança o favor Divino, no final ele ficará comigo: se não, ainda continuarei por muito tempo fazendo a minha permanência singular e digna de ser registrada. Como? Por que há trinta anos vivo assim.

Capítulo XVI

Sobre a glória

Há um nome e uma coisa: o nome é um som que denota e significa a coisa; o nome não é parte alguma da coisa, nem da substância; é uma peça estranha unida à coisa e alheia a ela. Deus, que é toda plenitude nEle mesmo e perfeição em toda extensão, não pode aumentar ou acrescentar qualquer coisa a Si mesmo; mas o Seu nome pode ser aumentado e expandido através da oração e da exaltação que atribuímos aos Seus trabalhos exteriores: tal louvor, observando que não podemos a Ele incorporar, visto que Ele não pode de forma alguma ascender ao bem, atribuímos ao Seu nome, que é uma parte externa dEle e está mais próximo de nós. Assim é que somente a Deus concernem a glória e a honra; e não há nada tão distante da razão quanto buscarmos algo daquilo em nós mesmos; pois, sendo indigentes e interiormente necessitados, estando imperfeitos em nossa essência e tendo ininterrupta necessidade de aprimoramento, é para isto que deveríamos voltar todo o nosso empenho. Somos todos ociosos e vazios; não é com vento e sons que iremos nos preencher; requeremos uma substância mais sólida para nos consertar. A um homem morrendo de fome seria muito mais natural procurar proporcionar uma refeição decente do que um vestuário bem alegre: buscamos aquilo de que temos maior necessidade. Vemos algo assim em nossas orações ordinárias:

“Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus”

“Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens”

Desejamos beleza, saúde, sabedoria, virtude e qualidades essenciais equivalentes: os ornamentos exteriores devem ser buscados depois de nos provermos das coisas necessárias.

A teologia trata deste assunto com mais amplitude e pertinência, não sou muito versado nisto.

Crisipo e Diógenes foram os mais precoces e tenazes defensores do desprezo pela glória; afirmavam que, entre todos os prazeres, nenhum havia mais perigoso ou mais esquivo quanto aqueles que dependem da aprovação de outros. E, na verdade, a experiência nos torna sensíveis das traições muito perniciosas que há nisso. Não há nada que tanto envenene os príncipes quanto a lisonja, nem qualquer coisa por meio da qual os homens perversos obtenham mais facilmente crédito e favor deles; nem alcoviteirice tão hábil e tão usualmente capaz de corromper a castidade das mulheres quanto adúl-las e entretê-las com seus próprios louvores. O primeiro feitiço de que as Sereias se utilizaram para fascinar Ulisses é dessa natureza:

***“Deca vers nous, deca, o tres-louable Ulysse,
Et le plus grand honneur don’t la Grece fleurisse”***

***“Venha mais perto de nós, ó admirável Ulisses, venha mais
perto; tu, maior ornamento e orgulho da Grécia” [Homero]***

Os filósofos disseram que toda a glória do mundo não compensava que um homem de intelecto erguesse um dedo para obtê-la:

“Gloria quantalibet quid erit, si gloria tantum est?”

“O que é a glória, por mais admirável que possa ser, se não passa de glória?” [Juvenal]

Digo apenas isto: ela freqüentemente traz consigo diversas comodidades que podem ser legitimamente desejadas; conquista nossa boa vontade, e nos torna menos sujeitos e expostos a insultos e ofensas dos outros, e assim por diante. Foi também uma das principais doutrinas de Epicuro; pois era um preceito da sua seita: “A dissimulação de tua vida, que proíbe aos homens se embarçarem nos negócios e cargos públicos, também necessariamente pressupõe um desprezo à glória que é a aprovação do mundo a essas ações que produzimos publicamente” [Plutarco]. Com isso ele nos propõe escondermos a nós mesmos e não ter nenhuma outra preocupação conosco, o que não nos fará conhecidos para outros, e muito menos nos trará honras e glória; e assim aconselha Idomeneu a não regular de qualquer modo as suas ações pela reputação ou opinião comum, exceto para evitar as outras inconveniências acidentais que o desprezo dos homens poderiam lhe trazer.

Estes discursos são, na minha opinião, muito verdadeiros e racionais; mas nós somos, não sei como, duplicatas de nós mesmos, o que nos faz acreditar no que não acreditamos e não poderemos nos desembaraçar daquilo que condenamos. Vejamos as últimas e agonizantes palavras de Epicuro; elas são fundamentais e dignas de tal filósofo, e ainda carregam alguns vestígios da recomendação do seu nome e daquele humor que ele havia vituperado através dos seus preceitos. Eis aqui uma carta que ele ditou um pouco antes do seu último suspiro:

“Epicuro para Heimaco; saúde

***“Escrevo isto enquanto estou passando o feliz e último dia de minha vida,
aflito com tais dores em minha bexiga e intestino que nada pode ser pior, mas, ao
mesmo tempo, fui recompensado pelo prazer que a recordação das minhas
doutrinas e invenções trouxeram à minha alma. Agora, com o mesmo afeto que
tens exibido desde a tua infância em relação a mim e ao que a minha filosofia
requer, tome sob tua responsabilidade a proteção do filho de Metrodoro”.***

Esta é a carta. E o que me faz interpretar com que prazer ele diz ter a sua alma voltada para as suas invenções tem alguma referência com a reputação que ele esperava granjear depois da morte; é a maneira do seu testamento, pelo qual ele ordena que seus herdeiros Aminômaco e Timócrates devem, todo mês de janeiro, custear as despesas pela celebração do seu aniversário como Heimaco deveria dispor; e também as despesas que deviam ser feitas a cada vigésima lua para entretenimento dos filósofos amigos, que haveriam de se reunir em honra da memória dele e de Metrodoro [Cícero].

Carnéades encabeçava opinião contrária, assegurando que a glória seria desejável por si mesma, ainda se abraçamos nossos resultados póstumos para nós mesmos, não tendo deles qualquer conhecimento ou prazer. Essa opinião tem sido mais universalmente seguida, pois geralmente é muito adequada às nossas inclinações. Aristóteles a ela concede o primeiro lugar entre os bens externos; e evita, como vícios extremados, sua busca imoderada ou dela esquivar-se. Acredito que se tivéssemos os livros que Cícero escreveu sobre este assunto, neles haveríamos de encontrar bonitas histórias; porque ele era tão possuído por essa paixão que, se tivesse ousado, penso que poderia de boa vontade ter caído nos mesmos excessos de outros, que a própria virtude não seria cobiçada, mas de qualquer forma pela honra que a ela sempre assiste:

***“Paulum sepultae distat inertiae
Celata virtus”***

“A virtude oculta pouco difere da indolência apática” [Horácio]

, uma opinião tão falsa que fico contrariado que pudesse alguma vez penetrar no entendimento de um homem distinguido com o epíteto de filósofo.

Fosse isso verdade os homens não precisariam ser virtuosos senão em público; e não mais deveríamos nos preocupar em manter as atividades da alma, que é o verdadeiro assento da virtude, em ordem e regular, para que elas chegassem ao conhecimento de outros. Então nada mais há nisso, senão fazer o mal com astúcia e circunspeção? “Se tu soubesses”, diz Carnéades, “de uma serpente que espreita num lugar onde, sem suspeitar, vai sentar-se uma pessoa de cuja morte tens expectativa de vantagem, serás perverso se não o advertires do perigo; e ainda mais porque a ação não será conhecida por ninguém mais além de ti”. Se não assumimos em nós mesmos as regras de bom procedimento, se conosco a impunidade passa por justiça, a quantas espécies de maldade nos abandonaremos a cada dia? Não acho que restabelecendo o tesouro que C. Plócio havia confiado à sua exclusiva discrição e fidelidade, Sexto Peduceu tenha feito uma coisa tão recomendável – que eu mesmo fiz com freqüência – quanto haveria de considerar uma execrável baixeza fazer de outra forma; e penso ser de utilidade em nossos dias recordar o exemplo de P. Sextílio Rufus, a quem Cícero acusa de se haver apossado de uma herança em oposição à sua consciência e não somente contra a lei, mas até mesmo pelas determinações do seu próprio código; e M. Crasso e Hortênsio que, em razão de sua autoridade e poder, chamaram um estrangeiro para compartilhar a sucessão de um testamento forjado, pois assim iriam nele garantir sua própria participação e satisfazer-se em não ter nada a ver com a falsificação, além de rejeitarem a primazia de perfazer a sua parte: bastante seguro, se pudessem amortilhar acusações, testemunhas e o conhecimento das leis:

***“Meminerint Deum se habere testem, id est
(Ut ego arbitrator) mentem suam”***

“Deixe-os pensar que têm Deus por testemunha, isto é
(como eu o interpreto), suas próprias consciências” [Cícero]

A virtude uma coisa muito frívola e leviana se derivada da sua recomendação de glória; e é em vão que nos empenhamos em dar a ela uma posição por si mesma e separá-la da fortuna: o que é mais accidental que a reputação?

***“Profecto fortuna in omni re dominatur: ea res cunctas ex
Libidine magis, quàm ex vero, celebrat, obscuratque”***

“A sorte rege sobre todas as coisas; ela avança e deprime as coisas
mais por vontade própria do que por direito ou justiça” [Salústio]

Assim, a disposição em que as ações podem ser vistas e conhecidas é meramente um trabalho da fortuna; é a oportunidade que nos leva à glória, de acordo com sua própria temeridade. Freqüentemente a vi seguir antes do mérito e ainda mais freqüentemente ultrapassá-lo. Quem primeiro comparou a glória a uma sombra fez melhor do que quem dela estava acautelado; ambas as coisas são preeminentemente glórias vãs: como uma sombra que por vezes se estende antes do corpo, outras vezes o excede infinitamente em comprimento. Há os que instruem os cavalheiros a só empregar o seu valor para a obtenção de honras:

“Quasi non sit honestum, quod nobilitatum non sit”

“Porquanto não é uma virtude, a menos que seja célebre” [Cícero]

, pelo que pretendem eles ensinar que nunca se arrisquem se não são vistos, e observar bem se há testemunhas presentes que possam levar notícias seu do valor, considerando que se apresentam mil ocasiões de bom procedimento cujo conhecimento não pode ser tomado? Quantas atitudes de bravura individual não são enterradas no ajuntamento de uma batalha? Quem tomar para si o encargo de observar o comportamento de outros em tal confusão não se ocupa muito de si mesmo, e o testemunho que dará das atitudes dos companheiros será uma evidência contra ele:

***“Vera et sapiens animi magnitudo, honestum illud, quod
Maxime naturam sequitur, in factis positum, non in gloria, iudicat”***

“Os verdadeiros e magnânimos sábios julgam a coragem que a maioria segue
com maior naturalidade consiste mais em atitudes do que em glória” [Cícero]

Toda a glória que pretendo derivar de minha existência é que vivi tranqüilamente; em quietude, não conforme Metrodoro, Arcesilau ou Aristipo, mas de acordo comigo mesmo. Posto que a filosofia não pôde encontrar qualquer caminho para a tranqüilidade que fosse bom para todos, deixemos cada um buscá-lo em particular.

Ao que deviam César e Alexandre a infinita grandeza do seu renome senão à fortuna? Quantos homens foram por ela aniquilados no início do seu progresso, de quem não temos nenhum conhecimento, os quais tão corajosamente se apresentaram ao seu empreendimento, se a casualidade adversa não os tivesse cortado nas primeiras arremetidas dos seus braços? Entre tantos e tão grandes perigos, não me recordo de ter lido em qualquer lugar que César fosse alguma vez ferido; milhares caíram em situações de menor perigo do que as enfrentadas por ele. Um infinito número de atos de bravura deve ser executado sem testemunha e perdido, em vista daqueles que se pode narrar. Um homem não está sempre além da discórdia, ou no comando

de um exército, à vista do seu general, assim como em um cadafalso; um homem é freqüentemente surpreendido entre a salvaguarda e o fosso; ele deve arriscar sua vida contra um galinheiro; ele precisa desalojar quatro mosqueteiros malvados de um celeiro; ele tem de espicaçar sozinho o seu destacamento, e faz apenas alguns esforços, conforme as circunstâncias se apresentam. E quem tiver inclinação de investigar, quero crer, verá que a experiência é verdadeira, que as ocasiões de menor brilho são sempre as mais perigosas; e que nas guerras de nosso próprio tempo há mais homens corajosos perdidos em ocasiões de pequena monta, e mais na disputa de um pequeno forte desprezível do que em posições de maior importância, e onde o seu valor poderia ter sido mais honradamente empregado.

Quem pensa que sua morte é alcançada por um propósito ruim, se não tomba em alguma ocasião notável, em vez de tornar sua morte ilustre obstinadamente obscurece sua vida, agonizando enquanto muitas oportunidades de se aventurar deslizam de suas mãos; todo justo é bastante ilustre, a consciência de cada homem é um trompete suficiente para ele.

“Gloria nostra est testimonium conscientiae nostrae”

“Pois nossa alegria é isso: o testemunho da nossa consciência” [Coríntios]

Quem é somente uma boa pessoa que os homens podem reconhecer, e pode ser mais estimado quando for conhecido; ele não fará o bem senão numa situação em que sua virtude venha a ser reconhecida pelos homens: é alguém de quem não se pode esperar muito préstimo:

***“Credo ch ‘el reste di quel verno, cose
Facesse degne di tener ne conto;
Ma fur fin’ a quel tempo si nascose,
Che non a colpa mia s’ hor ‘non le conto
Perche Orlando a far l’opre virtuose
Piu ch’a narrar le poi sempre era pronto;
Ne mai fu alcun’ de’suoi fatti espresso,
Se non quando ebbe i testimonii appresso”***

“O restante do inverno, creio, fora despendido em ações dignas de relato, mas eram executadas tão secretamente que não posso ser acusado por não contá-las, pois Orlando estava mais inclinado a realizar grandes coisas do que ostentá-las, de forma que nenhuma das suas façanhas era conhecida, senão aquelas que tiveram testemunhas” [Ariosto]

Um homem tem de ir para a guerra por conta da obrigação, e espera a recompensa que jamais negligencia as atitudes valentes e meritórias, por mais reservadas que sejam, ou até mesmo o pensamento virtuoso – a satisfação que uma consciência bem-intencionada recebe em si mesma por fazer o bem. O homem deve ser valoroso para si mesmo, e é em consideração da vantagem que ele tem a sua bravura estabelecida num lugar firme e seguro contra as agressões da fortuna:

***“Virtus, repulsaa nescia sordidix
Intaminatis fulget honoribus
Nec sumit, aut ponit secures
Arbitrio popularis aura”***

“A virtude, repudiando toda rejeição abjeta, brilha na honra imaculada, não leva nem deixa a dignidade à mera determinação do populacho” [Horácio]

Não é para exibição externa que a alma interpreta o seu papel, mas para nosso próprio interior, onde nenhum olho senão o nosso pode perscrutar; lá ela nos protege do medo da morte, da dor e da própria vergonha: lá ela nos fortalece em defesa contra a perda de nossos filhos, amigos e riquezas: e quando a oportunidade se apresentar, ela nos seduz para os perigos da guerra:

“Non emolumento aliquo, sed ipsius honestatis decore”

“Não por qualquer lucro, mas para a própria honra da honestidade” [Cícero]

Esse lucro é de muito maior vantagem e mais digno de ser almejado e esperado do que honras e glórias, que não outorgam nenhum outro juízo favorável de nós.

Uma dúzia de homens de uma nação inteira deve ser convocada para opinar sobre um acre de terra; e para o julgamento de nossas inclinações e atitudes, que é a mais difícil e mais importante das matérias, recorreremos à voz e determinação do vulgo, a matriz da ignorância, da injustiça e da inconstância. É razoável que a vida de um homem sábio deva depender do julgamento dos tolos?

***“An quidquam stultius, quam, quos singulos contemnas,
Eos aliquid putare esse universes?”***

“Pode alguma coisa ser mais estúpida do que pensar que aquilo que você menospreza isoladamente pode ser generalizado para qualquer outra coisa?” [Cícero]

Aquele que vence um obstáculo em seu negócio para agradá-lo terá o suficiente para fazer e jamais vai fazer; é um alvo que nunca pode ser visado ou atingido:

“Nil tam inaestimabile est, quam animi multitudinis”

“Nada é tão pouco compreendido quanto as mentes da multidão” [Tito Lívio]

Demétrio falou amavelmente da voz do povo: dava tanta importância ao que vinha de cima dele quanto ao que vinha de baixo. Ele [segundo Cícero] diz mais:

***“Ego hoc judico, si quando turpe non sit, tamen non esse
Non turpe, quum id a multitudine laudatur”***

“Sou de opinião que embora uma coisa não seja torpe em si mesma, ela não pode deixar de se tornar assim quando encomiada pela multidão” [Cícero]

Nenhuma arte ou atividade da inteligência poderia conduzir nossos passos para seguir um guia tão divagante e irregular; nessa tempestuosa confusão do ruído de relatos e opiniões vulgares que nos dirigem, nenhuma chance há de que alguma coisa de mérito possa ser elegida. Não vamos propor a nós mesmos assim flutuar e hesitar sem finalidade; sigamos constantemente atrás da razão; deixemos que a aprovação pública nos siga até lá, se quiser; e como isso depende absolutamente da fortuna, não temos nenhuma razão imediata para esperar por isso através de qualquer outro caminho diferente. Embora não siga o jeito certo porque é certo, devo contudo seguir aquilo que, no fim das contas, constatou-se experimentalmente que no geral é mais feliz e de maior utilidade:

***“Dedit hoc providentia hominibus munus,
Ut honesta magis juventur”***

“Esse presente Providência foi dado ao homem: que as coisas honestas devem ser as mais agradáveis” [Quintiliano]

Numa grande tempestade, o velho marinheiro assim falou para Netuno: “Ó senhor, podeis salvar-me se quiseres, e se preferires, podeis destruir-me; entretanto, segurarei meu leme com firmeza” [Sêneca]. Observei em meu tempo mil homens servis, degenerados e ambíguos, que ninguém duvidava fossem mais experimentados do que eu, e se perderam onde eu me salvei:

“Risi successus posse carere dolos”

“Eu ri por ver a astúcia fracassar” [Ovídio]

Paulo Aemílio, conduzindo a gloriosa expedição da Macedônia, acima de todas as coisas incumbiu o povo Romano de não comentar as suas ações enquanto estivesse ausente. Oh, a licença de juízos é uma grande perturbação para os grandes empreendimentos! posto que nem toda pessoa tem a firmeza de Fábio contra as línguas medíocres, adversas e injuriosas que sofreram bastante sob sua autoridade para ser dissecadas pelas vãs fantasias do homem, que não cumprem tão bem a sua obrigação com uma reputação favorável e o aplauso popular.

Há não sei que doçura natural em ouvir alguém louvando a si mesmo; mas nós também somos muito propensos a tal comportamento:

***“Laudari metuum, neque enim mihi cornea fibra est
Sed recti finemque extremumque esse recuso
Euge tuum, et belle”***

“Eu devia recear ser elogiado, pois meu coração não é feito de chifre; mas nego que ‘excelente – admiravelmente realizado’ sejam os termos e o objetivo final da virtude” [Pérsio]

Não me preocupa tanto o que eu seja na opinião de outros quanto o que sou em minha própria; seria esplêndido comigo mesmo e não pedindo de empréstimo. Os estranhos nada mais observam que eventos e aparências externas; todo mundo pode estabelecer uma boa idéia sobre o assunto, enquanto por dentro estão trêmulos e aterrorizados: eles não podem ver meu coração; vêem apenas o meu semblante. A pessoa está certa em invectivar a hipocrisia que há na guerra; pois o que é mais fácil para um velho soldado do que mudar de perigo por algum tempo e imitar o valente quando não tem mais coração que uma galinha?

Há tantas maneiras para um homem evitar aventurar-se pessoalmente que enganamos o mundo mil vezes antes de chegarmos a nos defrontar com um perigo real: e mesmo então, achando-se na inevitável necessidade de fazer alguma coisa, podemos naquele momento tripudiar para ocultar nossas apreensões, enfrentando o negócio, enquanto o coração bate lá dentro; e daqueles que tiveram o anel Platônico (que tornava invisível quem o utilizasse voltado para a palma da mão), muitos amiúde se escondiam quando mais deviam aparecer, e se arrependiam de ser alçados a tão honrosos postos onde mais necessitavam valer-se da coragem.

***“Falsus honor juvat, et mendax infamia terret
Quem nisi mendosum et mendacem?”***

“A falsa honraria agrada e a calúnia amedronta o culpado e o doente?” [Horácio]

Assim vemos como são espantosamente incertos e duvidosos todos os juízos fundamentados nas aparências externas; e que não há nenhum testemunho tão certo quanto o que cada um dá de si mesmo. E quantos jovens soldados são parceiros de nossa glória? aquele que ficou firme numa trincheira aberta, que faz mais de cinquenta pobres sapadores abrirem caminho para ele e cobrirem-no com seus próprios corpos a cinco pences de pagamento por dia, exauridos diante dele?

***“Non quicquid turbida Roma
Elevet, accedas; examenque improbum in illa
Castiges trutina: nec to quaesiveris extra”***

“Nada faça: se a turbulenta Roma menosprezar alguma coisa, aquiesça; não corrija um falso equilíbrio por aquela balança; nem busque qualquer coisa além de ti mesmo” [Pérsio]

À dispersão e espalhamento de nossos nomes em muitas bocas nós chamamos ‘fazê-los importantes’; seremos mais bem recebidos e essa mudança incrementa a vantagem em tudo aquilo que nesse escopo pode ser desculpável. Mas o excesso dessa doença vai tão longe que muitos anseiam por renome, seja lá o que isso for. Trogo Pompeu diz de Heróstrato, e Tito Lívio de Mânlio Capitolino, que eles mais ambicionavam uma grande reputação do que serem bons. Isso é muito comum; somos mais apreensivos de que os homens falem de nós do que como eles falam; e para nós é o bastante ouvir nossos nomes mencionados com freqüência, seja isso da maneira que for. Deveria parecer que ser conhecido é ter a vida de um homem e sua duração de alguma forma pelos outros preservada. Eu, de minha parte, sustento que não sou assim, senão comigo mesmo; quanto àquela

minha outra vida que jaz no conhecimento de meus amigos, considero-a em si mesma despida e sem afetação; sei muito bem que sou sensato sem disso obter proveito nem prazer, senão pela futilidade de uma fantástica opinião; e quando estiver morto, serei ainda muito menos consciente disso; e sobretudo deverei perder em absoluto o hábito desses reais benefícios que por vezes segui acidentalmente.

Não mais terei de controlar de que forma me assegurar da reputação, nem deixar que ela venha a mim ou se afaste; sequer esperar que meu nome seja por ela promovido, pois, em primeiro lugar, não tenho nenhum renome que me seja próprio o suficiente; em segundo, tenho algo que é comum a todos da minha estirpe e, na realidade, também a outros: há duas famílias (em Paris e Montpellier) cujo sobrenome é Montaigne, outra na Britânia, e uma De La Montaigne em Xantungue. Assim, bastaria a transposição de uma única sílaba para emaranhar nossos negócios, que eu compartilhe de sua glória e eles possivelmente participem do meu descrédito; e, além disso, meus antepassados foram antigamente cognominados *Eyquem* – [Eyquem era o patronímico] – um nome no qual uma bem conhecida família da Inglaterra está atualmente interessada. Quanto ao meu outro nome, toda pessoa pode ostentá-lo se quiser; e talvez assim eu possa dignificar o portador em meu próprio lugar. Além disso, embora tenha uma particular distinção por mim mesmo, como se pode ser distinto quando não mais se existe? Pode-se apontá-lo para beneficiar a futilidade?

***“Non levior cippus nunc imprimit ossa?
Laudat posteritas! Nunc non e manibus illis,
Nunc non a tumulo fortunataque favilla,
Nascentur violae?”***

“A tumba aberta os meus ossos com menor peso? Os confrades elogiam? Não pelos meus manes, não pela tumba, não das cinzas que germinarão em violetas” [Pérsio]

, mas disso falei em outro lugar. Quanto ao restante, numa grande batalha onde dez mil homens são mutilados ou mortos, não há quinze de que se tome conhecimento; deve haver alguma grandeza muito eminente, ou alguma conseqüência de grande importância que a fortuna lhes haja acrescentado; isso distingue uma ação individual, não de um só arcabuzeiro, mas de um grande capitão, para matar um homem, ou dois, ou dez: expor-se o homem corajosamente ao extremo perigo de morte, é realmente alguma coisa em cada um de nós, porque lá arriscamos tudo; mas porque, no que concerne ao mundo, eles são coisas tão ordinárias e tantos são vistos diariamente, e há tão mais necessidade de muitos da mesma espécie para produzir qualquer efeito notável que deles não podemos esperar nenhum renome particular:

***“Casus multis hic cognitus, ac jam
Tritus, et a medio fortunae ductus acervo”***

“O desastre é conhecido por muitos, agora muito trivial;
é retirado do meio da pilha da Fortuna” [Juvenal]

De tantos milhares de homens valorosos mortos de espada na mão através da França nestes quinze séculos, nem cem chegaram ao nosso conhecimento.

A memória, não só dos comandantes, mas de batalhas e vitórias, está enterrada e perdida; as fortunas de mais da metade do mundo, pelo anseio de reputação, não os move do seu lugar e desaparece sem conseqüência. Se estivesse ciente dos eventos desconhecidos, haveria de pensar que com grande facilidade se sobrepujam esses que são reputados, em qualquer tipo de exemplo. Não é de estranhar que mesmo entre os Gregos e Romanos, com tantos escritores e testemunhos, tão raras façanhas e poucas proezas nobres tenham chegado ao nosso conhecimento:

“Ad nos vix tenuis famx perlabitur aura”

“Um rumor obscuro dificilmente chegará mais perto” [Virgílio]

Será muito se daqui a cem anos geralmente recordarem que em nosso tempo houve guerras civis na França. Ao entrar em batalha os Lacedemônios sacrificavam às Musas com o intuito de que suas ações pudessem ser meritórias e bem descritas, vendo como um favor divino e nada comum que atos de valentia fossem testemunhados e lhes pudessem dar vida e memória. Temos a expectativa que toda bala de mosquete que recebemos e todo perigo que corremos tenha uma testemunha pronta para documentar? e, além disso, cem registros podem relacionar aqueles cujos comentários não durarão mais de três dias, e nunca serão trazidos ao conhecimento de ninguém. Não dispomos da milésima parte dos antigos escritos; é a fortuna que lhes dá uma vida mais curta ou mais longa, de acordo com sua predileção; e é admissível duvidar se esses que temos não são os piores, desde que não vimos o restante. Os homens não escrevem histórias sobre coisas de tão pouca monta: o homem deve ter sido comandante na conquista de um reino ou de um império; deve ter ganhado cinquenta e duas batalhas disputadas, e sempre em menor número, como fez César: houve dez mil companheiros destemidos e muitos grandes capitães que valentemente perderam suas vidas a serviço dele, e cujos nomes não duraram mais do que as vidas de suas esposas e filhos:

“Quos fama obscura recondit”

“Quem uma reputação obscura esconde” [Virgílio]

Mesmo aqueles a quem vemos comportarem-se bem, não mais são citados três meses ou três anos depois que daqui partiram, como se nunca tivessem existido. Quem considerar com justiça – e mantendo as devidas proporções – o tipo de homem e a natureza das ações cuja glória se sustenta nos registros de história, concluirá que há escassas ações e pouquíssimas pessoas de nosso tempo que podem pretender algum direito a ela. Quanta gente de mérito sabemos ter sobrevivido à própria reputação, que têm visto e suportado a honra e a glória justamente adquiridas em sua juventude serem aniquiladas em sua própria presença? E por três anos dessa vida fantástica e imaginária temos de partir e desperdiçar nossa vida essencial e verdadeira, e nos ocupar de uma morte perpétua! Os sábios propõem a si mesmos uma finalidade mais nobre e mais justa a um empreendimento tão importante:

“Recte facti, fecisse merces est: officii fructus, ipsum officium est”

“A recompensa por uma coisa bem feita é tê-la realizado; o fruto de um bom trabalho é o próprio resultado” [Sêneca]

É possivelmente desculpável num pintor ou outro artesão, ou num retórico ou gramático, empenhar-se em cultivar um renome através do seu trabalho; mas neles as ações virtuosas são muito nobres para ensinar qualquer outra recompensa além do seu próprio valor, e especialmente buscá-lo na vaidade dos julgamentos humanos.

Se essa falsa opinião, não obstante, for de tanta utilidade para o público quanto manter os homens em seu dever; se assim as pessoas são levadas à virtude; se os príncipes são compelidos a ver o mundo abençoar a memória de Trajano e abominar a de Nero; se ficam comovidos ao ver o nome daquela grande besta – outrora tão terrível e temido – tão livremente amaldiçoado e insultado por todo garoto de escola, deixemos que por todos os meios cresça e seja tanto quanto possível nutrido e acariciado entre nós; e Platão, voltando todo o seu empenho para tornar os cidadãos virtuosos, também os aconselha a não menosprezar a boa reputação e a estima das pessoas; e diz que elas por uma certa inspiração Divina incidem – e que até mesmo os próprios perversos muitas vezes podem – tanto através da palavra quanto da opinião, com justiça distinguir o mau do virtuoso. Essa pessoa e seu tutor são ambos maravilhosos e corajosos artífices para adicionar operações e revelações divinas onde a força humana é insuficiente:

“Ut tragici poetae confugiunt ad deum, cum explicare Argumenti exitum non possunt:”

“Como os poetas trágicos, apelam para algum deus quando não conseguem explicar o tema do seu argumento” [Cícero]

É talvez por isso que Timão, acercando-se dele, chamou-o de grande forjador de milagres. Observando que os homens, em vista da sua insuficiência, não podiam pagá-lo bem o bastante com moeda corrente, deixa que a simulação seja acrescentada. É um caminho que foi trilhado por todos os legisladores: e não há governo em que não haja uma mistura qualquer um futilidade cerimonial ou de falsa opinião, que serve como guia para manter as pessoas no cumprimento de suas obrigações. É por isso que a maioria deles tem suas origens em princípios fabulosos, e ainda enriquecidos com mistérios sobrenaturais; foi isso que deu credibilidade a religiões espúrias e fez que fossem toleradas por homens de entendimento; por isso Numa e Sertório, para persuadirem seus homens de uma melhor opinião deles, alimentaram-nos com essa ridícula presunção: um, que a ninfa Egéria, o outro que sua corça branca, lhes traziam dos deuses todas as suas deliberações. A mesma autoridade que Numa atribuiu às suas leis, sob título de patronato dessa deusa, Zoroastro, legislador dos Bactrianos e Persas, atribuiu às suas em nome do Deus Oromaze: Trimegisto, legislador dos Egípcios, sob o de Mercúrio; Xamolxis, legislador dos Citas, sob o de Vesta; Charondas, legislador dos Calcidianos, sob o de Saturno; Minos, legislador dos Candiotas, sob o de Júpiter; Licurgo, legislador dos Lacedemônios, sob o de Apolo; Drácon e Sólon, legisladores dos Atenienses, sob o nome de Minerva. E todo governo tem um deus em sua origem; os outros com falsidade, mas Moisés verdadeiramente, estabelecendo-se sobre os judeus à sua partida do Egito. A religião dos Beduínos, como Sire de Joinville entre outras coisas informa, prescreve uma convicção de que a alma daqueles que entre eles morriam pelo seu príncipe, penetra em outro corpo mais feliz, mais bonito e mais robusto que o anterior; por meio de tal artifício eles arriscam muito suas vidas com a maior boa vontade:

“In ferrum mens prona viris, animaeque capaces Mortis, et ignavum est rediturae parcere vitae”

“As mentes dos homens são propensas à espada, e suas almas capazes de suportar a morte; isso é fundamental para desobrigar uma vida que será renovada” [Lucano]

Essa é uma convicção muito confortável, contudo enganosa. Toda nação tem muitos exemplos próprios; mas este tema requereria um tratado por si só. Para acrescentar uma palavra mais ao meu discurso anterior, aconselharia às damas não mais recorrerem àquela honra que é somente o seu dever:

“Ut enim consuetudo loquitur, id solum dicitur honestum, Quod est populari fama gloriosum;”

“Como o costume coloca, só é chamado honesto quem é glorioso pela aclamação pública” [Cícero]

; o dever é sua meta, sua honra apenas um invólucro externo. Nem recomendaria que dessem essa desculpa como pagamento da sua contradição: porque pressuponho que suas intenções, seus desejo e sua vontade são coisas que não concernem à sua honra, posto que sem aquilo em nada se parece; é muito melhor regulado que os efeitos:

“Quis quia non liceat, non facit, illa facit:”

“Aquele que só recusa, consente porque é proibido” [Ovídio]

A ofensa, a Deus e à consciência, seria antes preferível desejar do que fazer; e, além disso, são atitudes em si mesmas tão particulares e secretas que seriam facilmente mantidas bem fora do conhecimento de outros; em que consistiria a honra se não tivessem nenhum outro respeito pelo seu dever e o afeto que dedicam à castidade por si mesma. Toda mulher honrada antes escolherá perder sua honra do que ferir sua consciência.

Capítulo XVII

Sobre a presunção

Há outro tipo de glória que é ter uma opinião muito boa de nosso próprio valor. É uma afeição irrefletida com a qual nos lisonjeamos, que nos representa a nós mesmos diversamente daquilo que na verdade somos: como a paixão amorosa, que empresta graça e beleza ao objeto e por isso faz que sejamos cativados, com um julgamento pervertido e corrupto, considerando

a coisa amada diferente e mais perfeita do que é.

Não obstante, por receio de falhar neste aspecto, não direi que o homem não deve se conhecer corretamente, ou pensar de si mesmo menos do que ele é; o julgamento deve em todas as coisas preservar os seus direitos; é com toda a razão do mundo que ele deve discernir em si mesmo, bem como nos outros, a verdade estabelecida diante dele; se for César, deixe-o imaginar-se corajosamente o maior de todos os capitães. Nada mais somos além de cerimônia: as formalidades nos transportam e abandonamos a substância das coisas: agarramos pelos ramos deixando o tronco e o corpo; ensinamos às senhoras para se ruborizarem quando ouvem apenas o nome daquilo que elas não têm medo de fazer; ousamos não chamar nossos órgãos pelos seus nomes corretos, conquanto não tenhamos nenhum pejo de empregá-los em todos os tipos de deboche: a cerimônia proíbe que expressemos com palavras coisas de que são legais e naturais, e nós a obedecemos: a razão nos proíbe de fazer coisas ilegais e perversas, e ninguém a obedece. Aqui me encontro acorrentado pelas regras da cerimônia; como elas não permitem que um homem fale nem bem nem mal de si mesmo, nós a deixaremos lá por algum tempo.

Aqueles a quem a fortuna (chame-se boa ou má) produziu, passam suas vidas com algum grau de notoriedade e podem através de suas atividades públicas manifestar o que são; mas aqueles que só as empregam com a multidão, e de quem ninguém dirá uma palavra a menos que eles se pronunciem, serão escusados se tiverem a ousadia de falar de si mesmos como lhes é conveniente ser conhecidos; pelo exemplo de Lucílio:

***“Ille velut fidis arcana sodalibus olim
Credebat libris, neque si male cesserat, usquam
Decurrens alio, neque si bene: quo fit, ut omnis,
Votiva pateat veluri descripta tabella
Vita senis;”***

“Ele outrora confiou seus pensamentos secretos aos seus livros, assim como aos amigos provados, e para o bem e para o mal, não de dirigiu a outro lugar: por isso transmitiu que a vida do homem velho é por todos vista como numa tábua votiva” [Horácio]

; ele se comprometeu a sempre passar para o papel suas ações e pensamentos, e retratou a si mesmo como achava que era:

“Nec id Rutilio et Scauro citra fidem; aut obtreptioni fuit”

“Nem foi isso considerado uma violação de fé boa ou uma comparação injuriosa a Rutilio ou Escauro” [Tácio]

Lembro-me de em minha infância ter observado que não sei qual tipo de porte e conduta me pareciam propensos ao orgulho e arrogância. A propósito disso, direi que não é irracional supor que temos qualidades e inclinações, tanto próprias quanto em nós incorporadas, as quais não dispomos de meios para sentir e reconhecer; que tais inclinações naturais preservam no corpo uma certa tendência, sem nosso conhecimento ou aquiescência. Foi devido a uma afetação compatível com sua beleza que Alexandre conduzia a cabeça de lado, e fazia Alcibíades balbuciar; Júlio César coçava a cabeça com um dedo, que é um costume do homem pleno de pensamentos problemáticos; e Cícero, segundo me recordo, tinha o hábito franzir o nariz, sinal de um homem dado a escarnecer; movimentos tais como esses podem nos ocorrer imperceptivelmente. Há outros artifícios com os quais não me intrometo, como saudações e despedidas pelos quais o homem adquire, quase sempre injustamente, a reputação de ser humilde e cortês: a pessoa pode ser desprovida de humildade e amor-próprio. Eu sou bastante pródigo com meu chapéu, especialmente no verão, e nunca sou assim saudado senão em retribuição por pessoas de qualquer categoria, a menos que estejam a meu serviço. Eu deveria dizer num requerimento a alguns príncipes que conheço, que tornassem mais frugal aquela cerimônia e deviam conceder tal cortesia onde ela é mais devida; por ser assim conferida a todos indiscreta e indiferentemente, é desperdiçada sem propósito; se é sem respeito pelas pessoas ela perde o seu efeito.

Entre os comportamentos irregulares, não vamos esquecer aquela arrogância do Imperador Constantino, que em público sempre mantinha a cabeça vertical e rígida, sem dobrar ou virar para qualquer lado, nem tanto para ver aqueles que o saudavam de um lado, plantando o corpo numa postura imóvel e inflexível, quanto para sujeitar-se ao movimento da sua carruagem, não ousando cuspir, assoar o nariz ou esfregar o rosto diante das pessoas. Não sei se os gestos que em mim foram observados eram dessa primeira qualidade e se eu realmente tive qualquer predisposição oculta a esse vício, como bem poderia ser; não posso ser responsabilizado pelos movimentos do corpo, mas, quanto aos movimentos da alma, devo aqui manifestar o que penso a respeito.

Essa glória consiste em duas partes; a primeira em estabelecer um valor muito grande sobre nós mesmos; a outra em atribuir um valor bem pequeno aos demais. Quanto à primeira, parece que tais considerações devem, antes de mais nada, ter alguma força: sinto que me importanei por um defeito da alma que me desagrade, por ser injusto e ainda mais tão problemático; tento corrigir-me, mas não consigo erradicá-lo; isto é, eu minimizo o justo valor de coisas que possuo e sobrevalorizo as coisas porque são estranhas, ausentes e nada minhas; essa disposição se espalha muito longe. A prerrogativa da autoridade faz os maridos verem suas próprias esposas com um desdém malicioso, e muitos pais a seus filhos; assim eu, entre dois méritos equivalentes, deveria sempre me inclinar contra o meu próprio; não tanto porque o ciúme do meu progresso e aprimoramento dificulte o meu julgamento e impede que me satisfaça, quanto a posse por si mesma gera um desprezo daquilo que confina e controla. Governos, costumes e idiomas estrangeiros insinuam-se em minha estima; estou consciente que o Latim me fascina pela fineza de sua dignidade em avaliar a sua dívida, como faz com as crianças e o tipo comum de pessoas: a administração doméstica, a casa, o cavalo de meu vizinho, conquanto em nada melhores que os meus, estimo acima dos meus porque não são meus. Além disso, sou muito ignorante de meus próprios negócios e fico chocado com a segurança que cada pessoa tem de si mesma; considerando que dificilmente haverá qualquer coisa que esteja seguro de saber, ou que ouse me responsabilizar pelo que possa fazer: não disponho de meios próprios para fazer qualquer coisa prontamente e em condições, e quanto a isso só me informo pelo resultado; duvido tanto da força de outros quanto de minha própria. De onde decorre que se me acontece fazer

qualquer coisa recomendável, atribuo isso menos à minha indústria que à fortuna, visto que tudo projeto com medo e por casualidade. Também sustento que, em geral, todas as opiniões da antiguidade eram defendidas por homens peculiares; de boa vontade abraço e adiro àquela maioria que nos desdenha e subestima, aqueles que mais nos empurram para a ruína; a filosofia nunca me parece um jogo tão honesto de jogar como quando cai sobre nossa vaidade e presunção; quando deixa mais expostas nossas irresoluções, fraquezas e ignorância. Vejo com respeito a opinião excessivamente positiva que o homem tem de ser a mãe nutriz de todos os mais falsos juízos, públicos e particulares. Essas pessoas que cavalgam montadas no epiciclo de Mercúrio, que vêm tão longe através dos céus, são para mim piores que um saca-molas que vem puxar os meus dentes; pois em meu estudo, cujo tema é o homem, encontro tão grande variedade de juízos num tão profundo labirinto de dificuldades umas sobre as outras, tão grande diversidade e tanta incerteza, mesmo na própria escola de sabedoria; você mesmo pode avaliar, observando essas pessoas não conseguirem resolver com seu próprio conhecimento e condição o que está continuamente diante dos seus olhos e dentro deles, vendo que não sabem alterar aquilo que os estimula nem como nos descrever os mecanismos que os governam e manipulam, como posso dar-lhes crédito acerca das vazantes e enchentes do Nilo? A ambição do conhecimento foi dada ao homem como um açoitado, dizem as Sagradas Escrituras.

Mas voltando ao que me concerne, penso que seria muito difícil qualquer outro homem ter uma opinião pior de si mesmo; não para qualquer outro ter uma opinião pior de mim do que eu mesmo: vejo-me como um homem do tipo comum; salvo isso, não tenho nenhuma impressão melhor de mim mesmo; culpado dos piores e mais populares defeitos, mas não os repudiando ou escusando; e não me estimo acima de outros porque reconheço meu próprio valor. Se houver no caso alguma vaidade, é em mim superficialmente infundida pela deslealdade de minha compleição, e não tem nenhuma consistência que meu juízo possa discernir: eu fui salpicado, mas não tingido.

Em verdade, quanto aos efeitos da mente, não fazem parte de mim e é com esse desejo que me satisfaço; a aprovação dos outros não me faz pensar o melhor de mim. Meu julgamento é sensível e sutil, especialmente sobre as coisas que me interessam. Sempre me repudio e sinto-me flutuar e oscilar por causa da minha debilidade. Não tenho nada exclusivamente próprio para satisfazer o meu julgamento. Minha visão é habitualmente bem clara e normal, mas, em funcionamento, é propensa a se deslumbrar; como encontro manifestamente na poesia: eu a amo infinitamente e sou capaz de oferecer um juízo tolerável sobre os trabalhos de outros homens; mas, com sinceridade, quando a isso me aplico, divirto-me e não sou capaz de me conter. Um homem pode bancar o tolo em tudo o mais, a não ser na poesia;

“Mediocribus esse poetis

Non dii, non homines, non concessere columnae”

“Nem os homens, nem os deuses, nem os pilares (sobre os quais os poetas ofereceram os seus escritos) permitem a mediocridade nos poetas” [Horácio]

Queira Deus que essa frase seja escrita em cima das portas de todas as nossas gráficas, para vetar a entrada de tantos poetastros!

“Verum

Nihil securius est malo poetae”

“Na verdade, nada é mais confiante que um mau poeta” [Marcial]

Por que não temos tais pessoas [como aquelas que citamos]? Dionísio (o pai) tanto se valorizou com nada além da sua poesia; nos jogos olímpicos, com bigas ultrapassando todas as outras em magnificência, ele enviou também poetas e músicos para que apresentassem os seus versos, com barracas e pavilhões regimento dourados e ornados com tapeçarias. Quando seus versos foram recitados, a excelência da elocução a princípio chamou a atenção das pessoas; mas, quando depois vieram a equilibrar a torpeza da composição, começaram com desdém e continuaram exasperando os seus julgamentos; agora agindo com fúria, invadiram e reduziram a pedaços todos os seus pavilhões: e nem mesmo suas bigas nada fizeram a propósito na competição; quando o navio que retornava o seu pessoal errou em dirigir-se à Sicília, foi arrastado pela tempestade e destruído ao largo de Tarento, certamente acreditaram que era pela cólera dos deuses, enraivecidos como estavam contra um Poema tão vil; e até mesmo os marinheiros que escaparam da destruição corroboraram a opinião das pessoas; também o oráculo que predisse a morte dele parecia subscrever: “Dionísio deve estar próximo do seu fim quando lograr exceler aqueles que eram melhores do que ele”, o qual ele interpretou quanto aos Cartagineses que o ultrapassaram em poder e, havendo guerra entre eles, freqüentemente declinou da vitória, não incorrendo no sentido daquela predição; mas ele a traduziu enganosamente, pois o deus indicou o período do predomínio que por generosidade e injustiça ele obteve de Atenas sobre os poetas trágicos, melhores do que ele, tendo causado seu próprio destino ao chamar os Leneianos para agir em emulação; logo depois da vitória ele morreu, em certa medida pela excessiva alegria que atribuiu ao sucesso. [Deodoro Sículo – A peça, entretanto, foi chamada de “Resgate de Hector”. Era onde haviam atuado aqueles denominados Leneianos; constituíam um dos quatro festivais Dionisíacos].

O que considero tolerável de meu, não é tão rigoroso e por si mesmo, mas em comparação a outras coisas piores, as quais vejo que são bastante bem recebidas. Eu invejo a felicidade desses que podem contentar e congratular a si mesmos pelo que fazem; é uma coisa fácil ser assim agradado, porque o homem extrai tal prazer dele próprio, especialmente se é constante em sua presunção. Conheço um poeta contra quem o sábio e o ignorante, no estrangeiro e em casa, exclamam céus e terras, mas ele tem apenas uma noção muito escassa disso; e ainda, apesar de tudo, ele nunca tem o mínimo conceito depreciativo de si mesmo; está sempre debruçado sobre alguma peça nova, sempre excogitando uma nova invenção e ainda persiste em sua opinião, tanto mais por obstinação quanto somente a ele interessa mantê-la. Estão os meus trabalhos tão longe de agradar-me que freqüentemente quando os reviso, eles me repugnam:

***“Cum relego, scripsisse pudet; quia plurima cerno,
Me quoque, qui feci, iudice, digna lini”***

“Quando releio, ruborizo-me pelo que escrevi; vejo sempre uma passagem após outra que eu, o autor, sendo judicioso, devia reconsiderar e apagar” [Ovídio]

Tenho sempre uma idéia em minha alma e uma espécie de imagem distorcida que se apresenta a mim como num sonho com uma forma melhor do que aquela que empreguei; mas não posso capturá-la nem ajustá-la ao meu propósito; e mesmo aquela idéia é sempre de um tipo inferior.

Conseqüentemente concluo que as produções dessas grandes e ricas almas dos tempos antigos estão muito além do mais extremo alcance da minha imaginação ou do meu anseio; seus escritos não somente me satisfazem e preenchem, mas me surpreendem e arrebatam com admiração; eu julgo a sua beleza; percebo-as, senão da melhor forma, pelo menos até onde me é possível aspirar.

Devo um sacrifício às Graças por tudo o que empreendo, como diz Plutarco, para cativar o favoritismo delas:

**“*Si quid enim placet,
Si quid dulce horninum sensibus influit,
Debentur lepidis omnia Gratiis*”**

“Se alguma coisa agrada no que escrevo, se infunde deleite nas mentes dos homens, tudo é devido às encantadoras Graças”. [Os versos são provavelmente de algum poeta moderno]

Elas me abandonam completamente; tudo que escrevo é grosseiro; polidez e beleza são necessárias: não posso adaptar as coisas para qualquer proveito; minha manipulação nada acrescenta ao tema; por que razão devo ter isso forçado, muito copioso e sem um brilho próprio. Se me atiro a assuntos que são populares e alegres é para seguir minha própria inclinação, que não afeta uma sabedoria grave e cerimoniosa como faz todo mundo; e para fazer-me mais vivaz, mas não no meu estilo mais arrojado, que antes os prefere ver graves e severos; se ao menos posso dar o nome de estilo a um modo de falar informe e irregular, um jargão popular, um procedimento sem definição, divisão, conclusão, perplexo como aquele de Amafânio e Rabírio [Cícero] – eu não posso agradar nem encantar, nem mesmo coçando meus leitores: a melhor história no mundo é espoliada pela minha manipulação e fica maçante; não posso falar senão com uma seriedade áspera e sou completamente desprovido daquela facilidade que observo em muitos dos meus conhecidos de entreter os primeiros a chegar e manter uma companhia inteira sem respiração, ou ocupar os ouvidos de um príncipe com todos os gêneros de discurso sem fatigá-los: eles jamais carecem de assunto por causa da sua faculdade e graça de agarrar as primeiras coisas assim que elas começam e acomodá-las à disposição e capacidade daqueles com quem têm que lidar. Os príncipes não afetam discursos muito sólidos, nem eu contar histórias. A primeira e mais fácil razão, que geralmente são mais bem recebidos, não sei como empregar: sou um mau orador do tipo mais comum. Sou capaz de tudo para dizer o máximo do que sei.

Cícero tem a opinião de que o exórdio é a parte mais difícil nos tratados de filosofia; se isso é verdade, sou esperto por agarrar-me à conclusão. E ainda estamos por saber como o vento toca todas as notas, e as mais agudas é que são tocadas mais raramente. Há pelo menos tanta perfeição em elevar uma coisa vazia quanto em apoiar uma coisa pesada.

Um homem deve às vezes controlar as coisas superficialmente, e às vezes empurrá-las à vontade. Sei muito bem que a maioria dos homens se conserva nessa condição mais baixa de não conceber as coisas de outra forma senão por esse clamor externo; mas igualmente sei que os maiores mestres – Xenófanos e Platão entre eles – com freqüência são vistos inclinando-se para essa maneira baixa e popular de falar e tratar das coisas, mas justificando-as com as graças que nunca lhes faltaram.

Adicionalmente, minha linguagem nada tem em si que seja fácil e polida; é tosca, livre e irregular, e como tal agrada, se não ao meu julgamento, a todos os eventos de minha inclinação; mas percebo muito bem que por vezes dou-me muita rédea e que pelo empenho de evitar o artifício e a afetação, caio em outra inconveniência:

**“*Brevis esse laboro,
Obscurus fio*”**

[Esforçando-me para ser breve, fico obscuro] [Horácio]

Platão diz que o longo e o curto não são qualidades inerentes, que ambos afastam ou dão valor à linguagem. Se tentasse seguir outro estilo mais moderado, coeso e regular, nunca haveria de atingi-lo; entretanto, os harmoniosos períodos curtos de Salústio melhor se adaptam ao meu temperamento, contudo acho César muito mais imponente e mais difícil de imitar; e conquanto minha inclinação me incitasse a preferir imitar o estilo de escrever de Sêneca, não obstante ainda estimo mais o de Plutarco. Ao agir e falar sigo simplesmente meu próprio modo natural; de onde possivelmente resulta que sou melhor falando do que escrevendo. Movimento e ação animam as palavras, especialmente aquelas que atacam a esmo e vivamente (como eu faço) e encolerizam. O comportamento, o semblante, a voz, o traje e o lugar nelas produzirão alguma coisa que não pareceria nada melhor que tagarelice. Em Tácito Messala reclama do pequeno tamanho de alguns artigos de vestuário de sua época e da moda dos assentos de onde os oradores declamavam, que constituía uma desvantagem para a sua eloqüência.

Minha língua francesa está corrompida, tanto pela pronúncia quanto pelo barbarismo do meu país. Nunca vi um homem nativo de qualquer província deste lado do reino que não falasse no tom anasalado do seu lugar de nascimento, e isso não era ofensivo a ouvidos que fossem genuinamente franceses. E não é que ainda seja tão perfeito o meu Perigordino: porque não posso pronunciar-lo melhor que o holandês, nem fazê-lo com muito cuidado. É um idioma (como de resto todas à minha volta, de Poitou, Xantungue, Angoumousin, Limousin, Auvergne), uma língua deficiente, arrastada e vil. Realmente há acima de nós, na direção das montanhas, uma espécie de Gasconês popular com o qual simpatizo fortemente: franco, breve e significativo; na verdade uma linguagem mais varonil e militar que qualquer outra com a qual tenha me familiarizado, tão potente, vigorosa e pertinente quanto o francês é gracioso, claro e luxuriante.

Sobre o Latim, que me foi dado como língua materna, em virtude da falta de prática tenho perdido o hábito de falar e, a bem da verdade, também de escrever, nele [no Latim], alcancei antigamente uma particular reputação, de onde você pode ver

como sou desatencioso nesse aspecto.

A beleza é algo de grande recomendação na correspondência entre os homens; é o primeiro meio para um adquirir o favor e a amizade de outro, e nenhum homem é tão bárbaro e rabugento que não perceba em alguma medida a sua atração. O corpo tem uma grande participação em nosso ser; lá tem um lugar eminente, então sua estrutura e composição devem receber uma correta consideração. Aqueles que andam a desunir e separar uma da outra as nossas duas partes principais são dignos de censura; devemos, pelo contrário, reuni-las e os rejuntá-las. Devemos dirigir a alma para que não se retire e se entretenha isoladamente, não menospreze e abandone o corpo (nem pode ela fazer isso senão por alguma ridícula simulação), mas a ele se una intimamente, abrace, aprecie, auxilie, governe e aconselhe; traga-o de volta ao verdadeiro caminho quando ele divaga; em suma, sejam marido e esposa um do outro, de forma que seus efeitos possam não parecer tão diversos e contrários, mas uniformes e concordantes. Os cristãos têm uma regra peculiar relativa a esse vínculo, porque sabem que a justiça Divina aceita essa sociedade e conjuntura de corpo e alma, até mesmo para tornar o corpo capaz de recompensas eternas; Deus tem um olho voltado para os costumes de cada homem e deseja que eles recebam completo castigo ou recompensa, de acordo com seus méritos e deméritos. A seita dos Peripatéticos, a mais sociável delas todas, igualmente atribuía à sabedoria o exclusivo cuidado de prover o bem dessas duas partes associadas: e as outras seitas, não se dedicando suficientemente à consideração dessa mistura, mostram-se divididas quanto a ela, uma para o corpo e outra para a alma, com erro equivalente, e assim perderam a visão do seu objeto, que é o Homem, e do seu guia, que eles geralmente admitem ser a Natureza. A primeira distinção que sempre esteve entre homens e a primeira consideração que lhes deu alguma preeminência sobre os outros, é provável que fosse a vantagem da beleza:

***“Agros divisere atque dedere
Pro facie cujusque, et viribus ingenioque;
Nam facies multum valuit, viresque vigebant”***

**“Eles distribuíram e conferiram terras a cada homem de acordo com sua beleza,
força e entendimento, pois a beleza era muito estimada e a força favorecida” [Lucrecio]**

Sou algo mais baixo que a estatura mediana, um defeito que não apenas beira a deformidade, mas, sobretudo carrega consigo muita inconveniência, especialmente para aqueles que são oficiais e comandantes; pois é desejável a autoridade que uma presença graciosa e uma aparência majestosa produzem. C. Mário não recrutava de boa vontade nenhum soldado que tivesse menos de seis pés de altura. O cortesão tem realmente razão em desejar uma estatura moderada nos cavalheiros que está convocando, em lugar de qualquer outra, e rejeitar toda estranheza que poderia fazer com que fossem apontados. Mas se eu fosse escolher se esse médio devia estar antes bem abaixo do que acima do padrão comum, não teria sido um soldado. Os homens pequenos, diz Aristóteles, são bonitos mas não vistosos; a grandeza de alma é detectada num corpo grande, e assim a beleza reside numa estatura visível: os Etíopes e Hindus, segundo ele, ao escolher seus reis e magistrados, levavam em consideração a beleza e a estatura dessas pessoas. Eles tinham razão; pois isso desenvolve respeito naqueles que o seguem, e para o inimigo é aterrorizante ver um líder de brava e considerável estatura marchando no comando de um batalhão:

***“Ipse inter primos praestanti corpore Turnus
Vertitur arma, tenens, et toto vertice supra est”***

“Na primeira fileira marcha Turnus, brandindo sua arma, por uma cabeça mais alto que todo o resto” [Virgílio]

Nosso sagrado e divino rei, meticuloso em todas as circunstâncias e observado com a maior religiosidade e reverência, não descuidava da recomendação corporal,

“Speciosus forma prae filiis hominum”

“Ele é mais formoso que o filho do homem” [Salmos]

E Platão, junto com a temperança e a fortaleza, requer beleza nos preservadores da sua república. Ele ficaria vexado por um homem precisar imiscuir-se entre seus criados para indagar onde está *Monsieur*, e que você devia retribuir apenas o cumprimento feito por seu barbeiro ou seu secretário; como aconteceu ao infeliz Filopêmen que, chegando em primeiro lugar entre os da sua companhia numa hospedaria onde era esperado, a anfitriã, que não o reconheceu, recebeu-o como um camarada pouco apresentável e empregou-o para ajudar um pouco suas servas a tirar água, na calorosa expectativa da vinda de Filopêmen; os cavalheiros de sua comitiva chegaram logo depois e se surpreenderam ao vê-lo ocupar-se dessa apazível atividade porque ele não falhou em obedecer a ordem da proprietária que lhe perguntou o que ele estava fazendo lá: “Eu estou”, ele disse, “pagando a penalidade pela minha feiúra”. Outras formas de beleza pertencem a mulheres; a estatura é a única beleza dos homens. Onde há uma estatura desprezível, nem a grandeza e a rotundidade da testa, nem a brancura e a doçura dos olhos, nem a proporção moderada do nariz, nem a pequenez das orelhas e da boca, nem a uniformidade e brancura dos dentes, nem a forte densidade de uma barba marrom brilhante como uma castanha, nem o cabelo encaracolado, nem uma cabeça bem proporcionada, nem a aparência jovem, nem um rosto de aspecto agradável, nem um corpo desprovido de qualquer odor ofensivo, nem a correta proporção dos membros, podem fazer um homem bonito. Sou, quanto ao resto, forte e bem acabado; minha face não é inchada, mas cheia, e minha aparência entre o jovial e o melancólico, moderadamente sanguíneo e ardente,

“Unde rigent setis mihi crura, et pectora villis;”

“Daí minhas pernas e peito terem cabelos eriçados” [Marcial]

, minha saúde é vigorosa e vivaz, mesmo para uma idade bem avançada, e raramente sou incomodado pela enfermidade. Assim eu fui, porque já não faço qualquer conta de mim, agora que estou engrenado nas avenidas da velhice, tendo passado dos quarenta:

***“Minutatim vires et robur adultum
Frangit, et in partem pejorem liquitur aetas;”***

“Paulatinamente o tempo quebra nossa força e aumenta nossa fraqueza” [Lucrécio]

, o que haverá adiante desta fase será apenas um meio-ser, não mais eu: diariamente escapo e fujo para longe de mim mesmo

“Singula de nobis anni praedantur euntes”

“Dos anos que passam, cada um rouba algo de mim” [Horácio]

Agilidade e atitude eu nunca tive, e ainda fui o filho de um pai muito esperto e ativo que assim continuou sendo mesmo numa extrema velhice. Poucos homens tenho conhecido em tais condições, equivalentes a ele em todos os exercícios físicos, bem como raramente encontrei qualquer um que não me superasse, a não ser na corrida, no que fui satisfatório. Para música ou canto, tenho uma voz muito imprópria; quanto a tocar qualquer tipo de instrumento, eles jamais poderiam ensinar-me alguma coisa. Na dança, tênis ou luta, nunca poderia alcançar mais que um nível medíocre; quanto a natação, esgrima, salto e acrobacia, a nível nenhum. Minhas mãos são tão desajeitadas que nem mesmo eu consigo ler o que escrevi, de forma que prefiro escrever novamente a dar-me ao trabalho de compreender o que escrevi. Não leio muito melhor que escrevo, e sinto que aborreço meus ouvintes; por outro lado, não sou um mau escriturário. Não posso dobrar uma carta decentemente, nem conseguiria fazer uma pena de escrever, ou esculpir uma mesa que valesse um alfinete, nem selar um cavalo, nem conduzir o vôo de um falcão, nem os cães na caçada, nem atrair um falcão, nem falar a um cavalo. Em resumo, minhas qualidades corporais são muito condizentes àquelas da minha alma: não há nada vivaz, somente um vigor pleno e seguro; sou bastante paciente quanto a trabalho e sofrimento, mas é só quando trabalho voluntariamente, e apenas até onde meu próprio desejo incita-me a fazê-lo:

“Molliter austerum studio fallente laborem”

“Estudo suave, trabalho severo” [Horácio]

, caso contrário, se não sou estimulado por um pouco de prazer ou não disponho de outro guia além de minha própria inclinação pura e livre, não sou bom para coisa alguma: porque sou de tal ânimo que, excluída a vida e a saúde, não há nada pelo que hei de roer as minhas unhas ou vá comprar ao preço de aflição e constrangimento:

“Tanti mihi non sit opaci

Omnis arena Tagi, quodque in mare volvitur aurum”

“Eu não compraria areia tão cara do rico Tagus, nem todo o ouro que repousa no mar” [Juvenal]

Sendo extremamente ocioso, extremamente dedicado às minhas próprias inclinações pela natureza e pela arte, vou de boa vontade emprestar a um homem tanto meu sangue quanto minhas dores. Tenho uma alma livre e completamente independente, acostumada a guiar-se do seu próprio jeito; jamais tendo até agora mestre ou governador que a mim se impusesse: caminho tão longe quanto posso e no ritmo que mais me apraz; é isso que me torna impróprio para servir a outros e faz de mim um inútil a ninguém além de mim. Nem haveria qualquer necessidade de forçar minha disposição lerda e preguiçosa; ter a fortuna de nascer como eu seria razão para se estar satisfeito (uma razão, não obstante, que mil outros meus conhecidos teriam antes usado como plataforma pela qual ascender em perseguição de fortuna mais alta, para distúrbio e inquietação), e com tanta inteligência quanto necessito, nada mais busquei e também nada mais adquiri:

“Non agimur tumidis velis Aquilone secundo,

Non tamen adversis aetatem ducimus Austris

Viribus, ingenio, specie, virtute, loco, re,

Extremi primorum, extremis usque priores”

“O vento do norte não agita nossas velas; nem o vento sul interfere em nosso curso com borrascas. Em força, talento, posição, virtude, honra e riqueza; estamos atrás do primeiro, mas adiante do derradeiro” [Horácio]

Somente tive necessidade do que era suficiente para contentar-me: o que não obstante é um controle da alma, para conduzir-se corretamente, é também difícil em todos os tipos de situação, e que de hábito vemos mais facilmente encontrado no desejo que na abundância: visto que, possivelmente, como de acordo com o desenrolar de nossas outras paixões, o desejo de riquezas é aguçado mais pelo seu uso do que pela necessidade delas: e a virtude da moderação é mais rara que a da paciência; nunca tive qualquer coisa a desejar, senão a felicidade para desfrutar a propriedade que Deus, em Sua generosidade, colocou em minhas mãos. Nunca encontrei dificuldade de qualquer natureza e pouco tive a fazer em qualquer coisa além da administração dos meus próprios negócios: ou, se tive, foi numa condição de fazer aquilo pelo meu próprio lazer e segundo meu próprio método; comprometido pela confiança em mim depositada, o que não me importuna e é conforme o meu temperamento; pois os bons cavaleiros em troca farão trabalhar um velho pangaré entorpecido e sem fôlego.

Desde a minha infância fui treinado de uma forma livre e gentil, isenta de qualquer sujeição rigorosa. Tudo isso colaborou para dar-me uma compleição delicada e incapaz de solicitude, no mesmo grau em que gosto de ter minhas perdas e as desordens de que me aflijo escondidas de mim. Por conta dos meus gastos, registrei o que me custa para alimentar e manter a negligência;

“Haec nempe supersunt,

Quae dominum fallunt, quae prosunt furibus”

“Aquele excesso que, desconhecido pelo dono, beneficia os ladrões” [Horácio]

Adoro não saber o que tenho, assim posso ser menos sensível às minhas perdas; rogo àqueles que me servem, onde afeição e integridade estão ausentes, iludir-me com algo de aparência decente. Pois o desejo de constância é suficiente para suportar o choque dos acidentes adversos aos quais estamos sujeitos; da paciência para aplicar-me à administração dos meus negócios, tolero seriamente tanto quanto consigo, deixando tudo ser completamente levado pela fortuna “tomar todas as coisas pelo pior e resolver ostentar aquele pior com moderação e paciência”; essa é a única coisa que almejo e à qual aplico toda a minha meditação. Estando em perigo, não considero tanto como fugirei dele, dada a sua pequena importância, ou se escapo disso ou não: eu devia ser deixado morto no lugar, que importa? Não podendo controlar os eventos, governo a mim mesmo e sobreponho-

me a eles, se eles não se impuserem a mim. Não tenho nenhuma grande perícia para evadir-me, escapar da fortuna ou forçá-la, e por prudência oriento e inclino as coisas de acordo com minhas próprias tendências. Tenho ainda menos paciência para submeter-me ao cuidado problemático e doloroso que isso requer; e a condição para mim mais intranquã é ficar suspenso nas ocasiões de urgência e ser agitado entre o medo e a esperança.

A deliberação, mesmo sobre as coisas mais triviais, é muito incômoda para mim; acho a minha mente antes disposta a suportar as várias acrobacias e sacudidas das incertezas e trocas de idéias do que instalar-se em repouso e consentir em tudo o que acontecer depois dos dados serem lançados. Poucas paixões interrompem meu sono, mas ao menos as deliberações o farão. Como nas estradas, prefiro evitar essas inclinadas e escorregadias e colocar-me numa pista batida, por mais suja ou escura que seja, de onde eu não possa despencar ladeira abaixo, e ali busco a minha segurança: aceito os infortúnios que são puramente isso, que não me atormentam e incomodam com a incerteza do seu maior desenvolvimento; que ao primeiro empurrão me lancem diretamente na pior situação que poderia esperar

“Dubia plus torquent mala”

“Os males duvidosos mais nos infestam” [Sêneca]

Nos eventos comporto-me como um homem; na conduta, como uma criança. O medo de cair me perturba mais que a própria queda. Não vale a pena. O homem cobiçoso lida pior com sua paixão do que o pobre, o homem ciumento pior que o corno; e muitas vezes o homem perde mais por defender o seu vinhedo do que se o abandonasse. O passeio mais baixo é o mais seguro; é o assento da constância; lá você não tem necessidade de ninguém senão de si mesmo; lá está fundado e completamente erguido em seu próprio alicerce. Este não é o exemplo de um cavaleiro muito bem conhecido, com certo ar de filosofia? Ele se casou, sendo de idade bastante avançada, depois de haver desperdiçado a sua juventude na camaradagem, um grande falador e grande escarneador, trazendo à lembrança muitas vítimas de adultério que lhe deram ocasião de falar e ridicularizar a outros. Para impedi-los de pagar com sua própria moeda, ele se casou com a mulher de um lugar onde qualquer um compra o que quiser com seu dinheiro: “Bom-dia, prostituta”; “Até amanhã, corno”; e não havia nenhuma possibilidade de que pudesse mais geral e abertamente divertir aqueles que vinham testemunhar esse seu desígnio, pelo qual ele abandonou o tagarelar secreto dos motejadores e ficou cego a essa repreensão em todos os pontos.

Quanto à ambição (que é vizinha ou talvez filha da presunção), a fortuna, para adiantar-me, deve ter vindo e me levado pela mão; para aborrecer-me com uma esperança incerta e me submeter a todas as dificuldades que acompanham esses que se esforçam para granjear crédito no início do seu progresso, eu nunca poderia ter feito isso:

“Spem pretio non emo”

“Não comprarei a esperança com dinheiro vivo” (ou) “Eu não compro esperança por um preço” [Terêncio]

Eu me dedico ao que vejo e ao que tenho em minha mão, e realmente não me afasto da costa,

“Alter remus aquas, alter tibi radat arenas:”

“Um remo mergulhado no mar, o outro limpando as areias” [Propércio]

, e além disso, um homem raramente chega a tais avanços senão arriscando primeiro o que tem de próprio dele; sou de opinião que se um homem tem o suficiente para manter-se na condição em que nasceu e foi criado, é uma grande loucura aventurar-se na incerteza de melhorar tal situação. Aquele a quem a fortuna negou-se a impelir e se decide por uma forma de vida quieta e comportada, será escusado se arriscar o que tem, porque, aconteça o que acontecer, a necessidade o coloca em conflito consigo mesmo:

“Capienda rebus in malis praecepta via est:”

“Um curso será tomado nos maus casos” (ou) “Um caso desesperado requer um curso desesperado” [Sêneca]

; e eu desculpo antes um irmão jovem o bastante para se expor do que os amigos que o deixaram à mercê da fortuna; aquele a quem é confiada a honra da família não pode ser necessitado senão por suas próprias faltas. Encontrei um caminho muito mais curto e mais fácil através do conselho dos bons amigos que tive em meus dias de juventude para livrar-me de qualquer ambição e me acomodar:

“Cui sit conditio dulcis sine pulvere palmae:”

“Que situação pode comparar aquele que ganhou a palma sem o pó do percurso?” [Horácio]

, julgando bastante corretamente de minha própria força, que não seria capaz de qualquer negócio grande; e trazendo à lembrança a declaração do recém-falecido Chanceler Olivier, de que os franceses eram como macacos que se atropelavam de ramo em ramo em cima uma árvore, nunca paravam até atingir o galho mais alto e de lá exibiam suas nádegas

“Turpe est, quod nequeas, capiti committere pondus,

Et pressum inflexo mox dare terga genu”

“É uma vergonha carregar a cabeça de forma que não

possa se agüentar, e os joelhos dobram” [Propércio]

Eu devia considerar as melhores qualidades que tenho inúteis nestes tempos; a simplicidade dos meus modos teria sido chamada de fraqueza e negligência; minha fé e consciência, escrupulosidade e superstição; minha liberdade e independência seriam reputadas importunas, imprudentes e estouvadas. A má sorte é boa para alguma coisa. É bom nascer numa época muito depravada; pois assim, em comparação de outros, você será reputado um virtuoso bem desprezível; aquele que em nossos dias não é senão um parricida e uma pessoa sacrílega é um homem honesto e honrado:

“Nunc, si depositum non inficiatur amicus,

Si reddat veterem cum tota aerugine follem,

Prodigiosa fides, et Tuscis digna libellis,

Quaeque coronata lustrari debeat agna:”

“Agora, se um amigo não renega sua confiança, mas devolve o velho tesouro com toda a sua ferrugem; é uma fé prodigiosa, digna de ser arrolada dentre os anais da Toscana, e a tal integridade exemplar deveria ser sacrificado um cordeiro engrinaldado” [Juvenal]

, e nunca era momento ou lugar em que os príncipes poderiam propor a si mesmos maiores ou mais seguras recompensas para a virtude e a justiça. O primeiro que fará disso o seu negócio para obter por esse caminho favoritismo e estima, estou muito enganado se não ultrapassar os seus competidores através de sua melhor posição: força e violência podem fazer alguma coisa, mas nem sempre tudo. Nós vemos os mercadores, os juizes de paz e os artesãos seguirem lado a lado com o melhor da pequena nobreza em valor e conhecimento militar: executam ações honrosas, tanto em compromissos públicos quanto em disputas particulares; eles lutam em duelos, eles defendem as cidades em nossas presentes guerras; um príncipe extingue sua recomendação especial e renome nesta multidão; deixa-o brilhar intensamente em humanidade, verdade, lealdade, temperança e especialmente injustiça; sinais raros, desconhecidos e exilados; é por nenhum outro meio senão pela exclusiva benevolência das pessoas que ele pode fazer o seu negócio; e nenhuma outra qualidade pode como essa atrair sua boa vontade, como sendo de maior utilidade a eles:

“Nil est tam populare, quam bonitas”

“Nada é tão popular quanto as maneiras agradáveis (bondade)” [Cícero]

Por este padrão eu seria grande e raro, da mesma forma que agora me acho insignificante e vulgar pelo padrão de algumas eras passadas, nas quais, se nenhuma outra qualidade melhor concorresse, era ordinário e comum ver um homem moderado em suas vinganças, gentil em se ressentir das injúrias, zeloso de sua palavra, nem ambíguo nem submisso, nem adaptável em sua fé à vontade de outros ou com o passar do tempo: eu preferiria ver todos os negócios caminharem para a destruição e a ruína do que deturpar a minha fé para assegurá-los. Sobre essa nova virtude de fingimento e dissimulação que desfruta agora de tão grande crédito, eu a odeio mortalmente; e de todos os vícios encontrados nenhum tanto evidencia baixeza e maldade de espírito. É um capricho covarde e servil para ocultar e disfarçar a personalidade de um homem debaixo de uma viseira, e não ousar exibir o que ele na realidade é; por esses meios nossos servos são treinados até a deslealdade; sendo expostos afirmam o que não é verdade, não têm nenhum escrúpulo de mentir. Um coração generoso não deve desmentir seus próprios pensamentos; verá a si mesmo dentro dele: tudo que há é bom, ou pelo menos humano. Aristóteles reputa nisso o ofício de magnanimidade aberta e declaradamente para amar e odiar; para julgar e falar com toda a liberdade, não para avaliar a aprovação ou antipatia dos outros em comparação com a verdade.

Apolônio disse que mentir era para escravos, e falar a verdade para homens livres: é a parte principal e fundamental da virtude; devemos amar isto por si mesmo. Aquele que fala a verdade porque o obrigam a fazê-lo, e porque lhe serve, e que não tem nenhum medo de mentir quando nada significa para ninguém, não é suficientemente verdadeiro. Minha alma naturalmente abomina a mentira e detesta muito pensar nisso. Tenho uma vergonha interior e um remorso aguçado, se por vezes me escapa uma mentira: como eventualmente acontece, fico surpreso pelas oportunidades que não me permitem nenhuma premeditação.

Um homem não deve sempre contar tudo, pois isso seria loucura: mas o que um homem diz deveria ser o que ele pensa, caso contrário é desonestidade. Não sei que vantagem os homens pretendem com a eterna falsidade e ocultação, senão jamais serem acreditados quando dizem a verdade; podem passar uma vez ou duas pelos homens, mas professar a dissimulação do seu pensamento e vangloriar-se, como fazem alguns de nossos príncipes, que queimariam suas camisas se soubessem suas verdadeiras intenções – que foi uma declaração do antigo Metélio da Macedônia; e que quem não sabe ocultar não sabe reger, é advertir a todos que tenham alguma coisa a ver com eles que tudo o que dizem nada mais é além de mentira e falsidade:

“Quo quis versutior et callidior est, hoc invisior et suspectior, detracto opinione probitatis:”

“Porquanto qualquer um é mais sutil e esperto, portanto é ele odiado e suspeito, sendo removida a opinião da sua integridade” [Cícero]

É de grande simplicidade simular alguma veemência no semblante ou expressão verbal para um homem que se impôs a resolução de sempre ser por fora outra coisa diferente do que ele é por dentro, como fez Tibério; e não posso conceber que participação podem ter tais pessoas na conversação com os homens, vendo que nada produzem que seja recebido como verdadeiro: quem é desleal à verdade também é mesmo à falsidade.

Aqueles de nosso tempo que consideram no estabelecimento dos deveres de um príncipe somente o bem dos negócios deles, e preferem que para o cuidado da sua fé e consciência poderiam ter algo que dizer a um príncipe cuja sorte nos negócios os havia colocado em tal posição que seriam capazes de se estabelecer para sempre quebrando apenas uma vez a sua palavra: mas não será bem assim; eles amiúde compram no mesmo mercado; eles concluem mais de uma paz e entram em mais de um tratado em suas vidas. O proveito seduz à primeira brecha na fé, e quase sempre se apresenta, como em todos os outros atos perversos, sacrilégios, assassinatos, rebeliões, traições, como obter algum tipo de vantagem; mas este primeiro ganho tem infinitas conseqüências perniciosas, descartando esse príncipe de toda concordância e negociação, por este exemplo de infidelidade. Quando ainda em minha infância Solimão, da raça otomana – uma raça não muito propensa a manter suas palavras ou acordos – fez seu exército aportar em Otranto, sendo informado que Mercurino de Gratinare e os habitantes de Castro estavam detidos como prisioneiros depois de haverem rendido o lugar, contrariando os termos de sua capitulação, enviou ordens para pô-los em liberdade, dizendo ter em mãos outros grandes empreendimentos nessa região; entretanto a deslealdade mostrou um espetáculo de utilidade presente, que para o futuro há de lhe trazer a má reputação de desconfiança infinitamente prejudicial.

Agora, de minha parte, antes admito que sou importuno e indiscreto do que adulator e dissimulado. Confesso que pode haver alguma mistura de orgulho e obstinação em manter-me tão franco e direto como faço, sem qualquer consideração pelos

outros; e parece que também sou um pouco livre demais onde deveria ser menos, e que me encolerizo pelo antagonismo a respeito; também pode ser que castigo a mim mesmo por seguir a propensão da minha natureza pela necessidade de arte; usando a mesma liberdade, falo e desconcerto os grandes personagens que trago comigo de minha própria casa: estou consciente do quanto isso se desvia para a incivilidade e a indiscrição; contudo, além de ter sido criado assim, não tenho uma inteligência flexível o bastante para fugir de uma pergunta súbita e escapar por meio de algum subterfúgio, nem dissimular uma verdade, nem memória suficiente para guardar tão fingido pretexto; nem, verdadeiramente, segurança o bastante para mantê-lo, e assim banco o valente sem fraqueza. É por isso que me abandono à sinceridade, sempre dizendo o que penso, por compleição e desígnio, deixando as conseqüências à fortuna. Aristipo tinha por hábito dizer que o principal benefício que havia extraído da filosofia era falar livre e abertamente com todos.

A memória é uma faculdade de maravilhosa utilidade, sem a qual o julgamento muito dificilmente poderia cumprir o seu mister: eu, de minha parte, não tenho nenhuma. O que alguém queira me propor, deverá fazê-lo peça por peça, pois sou incapaz de responder uma questão integrada por vários tópicos. Não posso receber uma incumbência verbal sem um caderno de anotações. E quando tenho algo de importância para falar, se for longo, sou reduzido à miserável necessidade de ficar decorando cada palavra do que vou dizer; caso contrário não teria método nem segurança e ficaria interiormente temeroso de que minha memória me pregasse uma peça escorregadia. Mas deste modo não é menos difícil para mim que do outro; preciso de três horas para decorar três versos. Além disso, num trabalho que é do próprio homem, a liberdade e autoridade de alterar a ordem, de mudar uma palavra, variando incessantemente o assunto, torna mais difícil apegar-se à memória do autor. Quanto mais eu desconfio, pior é: melhor me serve a casualidade; mas tenho de solicitá-la negligentemente; pois se a pressiono, fico confuso, e depois que isso começa a cambalear uma vez e quanto mais examino, mais perplexo vou ficando; ela me serve na sua própria hora, não na minha.

E o mesmo defeito que encontro em minha memória vejo também em várias outras partes. Eu evito o comando, a obrigação, o constrangimento; aquilo que posso de outra maneira mais natural e facilmente fazer, se o impuser a mim por uma prescrição expressa e rígida, não sou capaz de fazer. Até mesmo os membros do meu corpo, que tem uma jurisdição mais particular de si mesmos, às vezes se recusam a obedecer-me se lhes ordeno um serviço necessário a determinada hora. Essa designação tirânica e compulsiva os confunde; eles encolhem por medo ou rancor e caem num transe. Estando uma vez num lugar onde era visto como bárbara descortesia não brindar com aqueles com quem se bebe, tive entretanto toda a liberdade que me permitiam e tentei gracejar com um camarada a respeito das senhoras presentes, de acordo com o costume do país; mas havia zombaria demais, uma pressão e elaboração para forçar-me contrariamente ao meu costume e inclinação; então minha garganta paralisou de modo que não podia engolir uma gota, e fiquei impedido tanto de beber quanto de comer; vi-me engasgado e minha sede extinta pela quantidade de bebida que em minha imaginação havia engolido. Tal efeito é mais manifesto naqueles que têm imaginação mais veemente e poderosa: todavia é natural, e não há ninguém que não o tenha sentido em certa medida. Propuseram a um excelente arqueiro – condenado à morte – salvar sua vida se exibisse uma prova notável da sua arte, mas ele se recusou a tentar temendo que, para não muito grande satisfação de sua vontade, deveria disparar errando o alvo, e que em vez de salvar sua vida haveria de perder também a reputação de ser um bom atirador. Um homem que pensa em qualquer outra coisa não falhará em tomar seguidamente o mesmo número de passos e medidas, mesmo de uma polegada, no lugar por onde ele caminha; mas se ele fez disso o seu ofício de medir e contar, verá que o que fez por natureza e acidente não poderá fazer tão exatamente de propósito.

Minha biblioteca, que é a mais refinada entre as aldeias deste tipo, é situada num canto de minha casa; se qualquer coisa vem à minha cabeça e tenho disposição para pesquisar ou escrever, para que não me esqueça daquilo enquanto vou para outro lado da mansão, sou forçado a consigná-lo à lembrança de alguma outra coisa. Se me atrevo a falar sem nunca digressionar nem um pouco do meu objetivo, infalivelmente fico perdido; é por essa razão que, em discurso, conservo-me estritamente conciso. Sou obrigado a chamar os homens que me servem pelos nomes dos seus ofícios ou de suas terras de origem; pois é muito difícil para mim lembrar nomes. Realmente posso dizer que tem três sílabas, que tem um som áspero, que começa ou termina com tal letra; mas isso é tudo; e se tiver de viver muito tempo, não duvido que venha a esquecer meu próprio nome, como aconteceu a alguns outros. Messala Corvino ficou dois anos sem qualquer traço de memória, o que também é dito de Georgius Trapezuntius. Em meu próprio interesse, freqüentemente medito que tipo de vida seria a deles e se, sem essa faculdade, eu haveria de deixar-me tolerar com facilidade de qualquer maneira; e inquirindo estreitamente nisso, temo que tal privação, se absoluta, destrói todas as outras funções da alma:

“Plenus rimarum sum, hac atque iliac perfluo”

“Estou cheio de aberturas e vazo em todas as direções” [Terêncio]

Ocorreu-me mais de uma vez esquecer a senha que três horas antes havia dado ou recebido, e esquecer onde tinha deixado minha bolsa; por mais que agrade a Cícero dizer, eu mesmo me ajudo a perder aquilo que tenho mais particular cuidado em trancar com segurança:

“Memoria certe non modo Philosophiam sed omnis Vitae usum, omnesque artes, una maxime continet”

“É certo que a memória contém não só filosofia, mas todas as artes e tudo aquilo que concerne ao ritual da vida” [Cícero]

A memória é o receptáculo e o escrínio da ciência: e por isso a minha é tão traiçoeira; se souber pouco, não posso reclamar muito. Em geral, sei os nomes das artes e do que elas tratam; mas nada mais. Eu folheio os livros; não os estudo. O que retenho já não reconheço como outro; é apenas o meu julgamento que exerceu sua vantagem, os discursos e imaginações nos quais foi instruído: o autor, o lugar, as palavras e outras circunstâncias, esqueço imediatamente; e sou tão excelente para esquecer que

não esqueço menos de meus próprios escritos e composições do que do resto. Estou com muita freqüência citando a mim mesmo, e não estou atento disso. A quem devesse indagar-me de onde tirei os versos e exemplos que amontoei juntos aqui, ficaria confuso para responder, ainda que não tenha emprestado senão de autores famosos e conhecidos, não importando se eram ricos e se, além disso, não os obtive a não ser de ricas e honoráveis mãos, onde com razão há um consentimento de autoridade. Não será nenhuma grande maravilha se meu livro tiver a mesma sorte de tantos outros, se minha memória apagar o que escrevi bem como o que li, e aquilo que eu dou, assim como o que recebo.

Além da falta de memória, tenho outros defeitos que em muito contribuem para a minha ignorância; tenho uma inteligência lenta e preguiçosa, a menor nuvem tolda o seu progresso, de forma que, por exemplo, nunca lhe proponho o mais fácil enigma que possa encontrar; não há a mínima sutileza ociosa que não venha me embaraçar; em jogos onde a inteligência é requerida, como xadrez, damas e assim por diante, nada mais compreendo que os movimentos comuns. Tenho uma apreensão lenta e aturdida, mas o que apreende uma vez, apreende bem, retendo-o durante bom tempo. Minha visão é perfeita, completa, e alcança uma distância muito grande, mas logo fica cansada e aborrecida pelo trabalho; nas ocasiões em que não posso ler por muito tempo, sou forçado a ter alguém que leia para mim. O jovem Plínio pode informar (ainda que não tenha experimentado por si mesmo) o quão importante é tal impedimento para aqueles que se dedicam a este ofício.

Não há nenhuma alma tão miserável e vulgar em que não se veja brilhar alguma faculdade específica; nenhuma alma tão enterrada na indolência e na ignorância, senão ela irá investir contra um ou outro extremo; e como ela transita de um homem cego e adormecido a todos os outros, o encontrará vivaz, claro e excelente em algum aspecto particular, vamos indagar de nossos mestres: mas as almas bonitas são aquelas universais, francas e prontas para todas as coisas; se não instruídas, pelo menos capazes de fazê-lo; o que digo para acusar a mim mesmo; pois se é por fraqueza ou negligência (e negligenciar o que jaz a nossos pés o que temos em nossas mãos, e que mais intimamente concernem à utilidade da vida, está longe da minha doutrina) não há no mundo alma tão desajeitada quanto a minha, e tão ignorante de muitas coisas comuns que um homem não pode desconhecer sem envergonhar-se. Devo dar alguns exemplos.

Eu nasci e me criei no interior, entre os agricultores; tive os negócios e o cultivo em minhas próprias mãos desde que meus antepassados eram senhores da propriedade de que agora desfruto, para mim deixada em sucessão; e ainda não posso fazer um balanço, nem contar minhas fichas: desconheço a maior parte do nosso dinheiro atual, nem sei a diferença entre um cereal e outro, se estão em desenvolvimento ou no celeiro, se não são muito visíveis, e dificilmente posso distinguir entre o repolho e a alface em meu jardim. Também não entendo os nomes dos principais instrumentos agrícolas, nem os mais triviais elementos de agricultura que mesmo as crianças sabem: muito menos as artes mecânicas, o tráfico, o comércio, a variedade e a natureza das frutas, dos vinhos e provisões, nem como fazer um falcão voar, nem tratar de um cavalo ou de um cachorro. E, desde que tenho de expor minha completa vergonha, não mais de um mês atrás, fui apanhado em minha ignorância quanto ao emprego de levedura para fazer pão, ou a que era destinada a manter o vinho no tonel. Os anciãos de Atenas conjecturaram ter alguma aptidão para a matemática quando viram engenhosamente um feixe de gravetos num matagal. Falando sério, de mim eles tirariam uma conclusão bastante diferente, dê-me pois toda a provisão e utensílios de cozinha e eu ainda passaria fome.

Por tais características de minha confissão os homens podem imaginar outras em meu prejuízo: mas tudo o que admito ser, é realmente como sou, tenho a minha finalidade; nem darei ao papel qualquer escusa por cometer coisas frívolas e perversas como essas: a maldade do objeto a ele me compele. Eles podem, se lhes agradar, acusar meu projeto, mas não meu progresso: assim é que sem ninguém precisar dizer-me, vejo suficientemente de quão pouco peso e valor é tudo isto e a loucura do meu projeto: é o bastante que meu julgamento não se contradiga, para o que são estes ensaios.

***“Nasutus sis usque licet, sis denique nasus,
Quantum noluerit ferre rogatus Atlas;
Et possis ipsum to deridere Latinum,
Non potes in nugas dicere plura mess,
Ipse ego quam dixi: quid dentem dente juvabit
Rodere? carne opus est, si satur esse velis.
Ne perdas operam; qui se mirantur, in illos
Virus habe; nos haec novimus esse nihil”***

“Deixe seu nariz ser tão atilado quanto desejar, seja todo nariz, até mesmo um nariz tão grande que Atlas se recusará a aceitar: se questionado, que você possa superar até Latino em zombaria; contra as minhas bagatelas você não poderia dizer mais que eu próprio disse: então, qual a finalidade de combater dente por dente? Você deve ter carne, se quer estar cheio; então não desperdice seu trabalho; lance sua peçonha naqueles que se admiram; eu sempre soube que essas coisas são inúteis” [Marcial]

Não sou obrigado a não proferir absurdos, contanto que não me engane quanto a eles e como tal os reconheça: e trair-se conscientemente é comigo tão trivial que raramente faço de outra maneira, e raramente tropeço por casualidade. Não é matéria tão importante para acrescentar atitudes ridículas à temeridade do meu temperamento, desde que ordinariamente não posso ajudar a suprir aqueles que são viciosos. Eu estava presente em Barleduc na ocasião em que o Rei Francisco II, num memorial de Rene, rei da Sicília, foi presenteado com um retrato que dele haviam feito: por que de certa forma não é lícito para cada um debuxar-se com uma caneta como ele fez com pastel? Então, não omitirei essa nódoa – conquanto muito imprópria para ser publicada, o que é irresolução; um efeito muito notável e mesmo incômodo nas intermediações dos negócios do mundo; em empreendimentos duvidosos, não sei qual escolher:

“Ne si, ne no, nel cor mi suona intero”

“Meu coração não me diz sim ou não” [Petrarca]

Posso manter uma opinião, mas não escolher uma. Pela razão de que nas coisas humanas, a cuja facção que qualquer modo nos inclinamos, apresentam-se muitas aparências que disso nos certificam; e o filósofo Crisipo disse que de Zenão e Cleanthes, seus mestres, ele vai aprender somente as doutrinas; pois quanto a provas e razões, haveria de encontrar o bastante por si mesmo.

Para qualquer caminho que me volte, ainda me abasteço com princípios e probabilidades suficientes para ali me fixar; isso me faz retardar a dúvida e a liberdade de escolha até que a ocasião pressione; e então, para confessar a verdade, na maioria das vezes lanço a pena ao vento, como se diz, e me submeto à discrição da fortuna; uma inclinação muito clara e circunstanciada leva-me a isso.

***“Dum in dubio est animus, paulo momento huc atque
Illuc impellitur”***

“Quando a mente está em dúvida, em pouco tempo é impelida a um caminho” [Terêncio]

Tanto a incerteza do meu juízo é igualmente equilibrada na maioria das ocorrências quanto se pudesse ensejar atribuir a sua decisão à sorte de um dado: e observo, com grande consideração de nossa fraqueza humana, os exemplos que a própria história divina nos deixou desse costume de recorrer à fortuna e à oportunidade para determinar nossa opção entre coisas duvidosas:

“Sors cecidit super Matthiam”

“A sorte recaiu sobre Mateus” [Atos dos Apóstolos]

A razão humana é uma perigosa espada de dois gumes: veja nas mãos de Sócrates, seu mais íntimo e familiar amigo, quantos pontos diversos ela tem. Assim, sou bom para nada mais senão seguir e sujeitar-me a ser facilmente conduzido pela multidão; não tenho confiança o bastante em minha própria força para levar-me a comandar e conduzir; estou contente de encontrar o caminho batido por outros antes de mim. Se tiver de correr o perigo de uma escolha incerta, estou antes disposto a fazê-lo sob a inspiração de alguém que seja mais confiante em suas opiniões do que eu sou nas minhas, cujo terreno e fundações acho muito escorregadios e inseguros. Também não mudo facilmente, em razão de discernir a mesma fraqueza nas opiniões contrárias:

***“Ipsa consuetudo assentiendi periculosa
Esse videtur, et lubrica;”***

“O próprio hábito de aquiescer parece ser perigoso e resvaladiço” [Cícero]

, especialmente nos negócios políticos, há um vasto campo aberto a mudanças e contestação:

***“Justa pari premitur veluti cum pondere libra,
Prona, nec hac plus pane sedet, nec surgit ab illa”***

“Como num justo equilíbrio, premido por pesos iguais, nenhum desce ou levanta de qualquer lado” [Tibulo]

Por exemplo, os escritos de Maquiavel eram suficientemente sólidos para o tema, conquanto bastante fáceis de controverter; e aqueles que o fizeram deixaram equivalentes facilidades para se questionarem os seus; naquele tipo de resposta nunca houve carência de argumento e réplicas sobre réplicas, num infinito encadeamento de debates como as disputas que nossos advogados estendem em favor de longos processos:

“Caedimur et totidem plagis consumimus hostem;”

“Nós somos mortos, e com muitas perdas matamos o inimigo” (ou) “É uma luta em que exaurimos uns aos outros em virtude de mútuos ferimentos” [Horácio]

, as razões têm poucos outros fundamentos além da experiência, e a diversidade dos eventos humanos que nos apresentam com infinitos exemplos de toda espécie de formas. Diz um compreensivo personagem de nossa época: Quem quer que escreva, em contradição aos nossos almanaques, frio onde eles dizem quente, e úmido onde eles dizem seco, e ponha sempre o contrário do que eles predizem; se fosse fazer uma aposta, não deveria se preocupar de qual lado escolher, exceto onde nenhuma incerteza pudesse resultar, como a promessa de excessivo calor no Natal ou de frio extremo no solstício de verão.

Tenho a mesma opinião dessas controvérsias políticas; esteja de que lado estiver, você tem tanta possibilidade quanto seu adversário, contanto que não se afaste muito dos princípios melindrosos que são óbvios e manifestos. E, além disso, em minha opinião pessoal dos negócios públicos, não há governo tão perverso, contanto que antigo e constante, que não seja melhor do que mudança e alteração. Nossas maneiras são infinitamente corruptas e espantosamente inclinadas para o pior; de nossas leis e costumes há muitas que não obstante são bárbaras e monstruosas, por causa da dificuldade de reformá-las e o perigo de mexer com tais coisas; se eu pudesse pôr algo debaixo da roda para detê-la e mantê-la onde está, faria isso de todo coração:

***“Numquam adeo foedis, adeoque pudendis
Ut imur exemplis, ut non pejora supersint”***

“Os exemplos que empregamos não são tão vergonhosos e corrompidos, embora os piores permaneçam ocultos” [Juvenal]

A pior coisa que encontro em nossa condição é a instabilidade, o que nossas leis, assim como nossas roupas, não podem revestir de uma forma incontestável. É muito fácil acusar um governo de imperfeição, desde que todas as coisas mortais estão cheias disso: é muito fácil gerar em algumas pessoas o desprezo às antigas observâncias; jamais homem algum incumbiu-se de fazê-lo; mas para tentar estabelecer um regime melhor no lugar daquele que um homem subverteu, muitos têm soçobrado. Consulto muito pouco a prudência em minha conduta; estou disposto a deixar-me guiar pela determinação pública. Mais felizes as pessoas que fazem o que lhes mandam do que aquelas que comandam, sem se atormentar sobre os motivos; quem se sujeita docilmente a rolar segundo a revolução celestial! A obediência nunca é pura nem tranqüila naquele que argumenta e disputa.

Em resumo, voltando a mim mesmo: o único fator pelo qual tenho alguma estima em mim é que nunca pensei que qualquer homem fosse defeituoso; minha recomendação é vulgar, comum e popular; pois quem se julga sempre carente de percepção?

Seria uma proposição que em si mesma implicaria uma contradição; é uma enfermidade que nunca está onde é discernida; é forte e tenaz, senão que o primeiro raio da visão do paciente não obstante perfura e dispersa, como um feixe de luz solar faz com as névoas espessas e obscuras; acusar-se alguém neste caso seria o mesmo que desculpar, e condenando, perdoar.

Nunca houve faxineiro ou menina mais tola que não pensassem dispor de sagacidade o bastante para empreender os seus negócios. Facilmente confessamos atribuir a outros uma superioridade em coragem, força, experiência, atividade e beleza, mas a primazia do juízo a ninguém concedemos; e as razões que simplesmente procedem das conclusões naturais de outros, imaginamos, se apenas tivéssemos voltado nossos pensamentos naquele caminho, também haveríamos de descobrir como eles. O conhecimento, estilo e elementos tais que observamos nos trabalhos de outros, logo estamos atentos se superam os nossos: mas para os simples produtos da compreensão, cada um pensa que poderia ter descoberto o equivalente em si mesmo, e é escassamente consciente da relevância e dificuldade senão (e então com muita bulha) numa extrema e incomparável distância. E quem fosse capaz de discernir claramente a altura de outro juízo, poderia também elevar o seu próprio ao mesmo patamar. De forma que este é um tipo de exercício do qual um homem só pode esperar ralo elogio; um gênero de composição de baixa reputação. E, além disso, para quem você escreve? O instruído, a quem compete a autoridade de julgar livros, desconhece outro valor senão o da erudição e não permite nenhum outro método de entendimento além da arte e da ciência: se você confundiu um dos Cipiões com outro, que resta de valor em tudo o que tem a dizer? Quem ignora Aristóteles, de acordo com sua regra, é de algum modo ignorante de si mesmo; as almas vulgares não podem distinguir a graça e a força de um estilo elevado e delicado. Agora essas duas espécies de homem arrebatam o mundo. O terceiro tipo em cujas mãos você cai, de almas que são harmoniosas e seguras de si mesmas, é muito rara e merecidamente não tem renome ou posição entre nós; e é tanto perder tempo aspirar a ela quanto empenhar-se em agradá-la. Geralmente se diz que a parcela mais justa que Natureza em seu beneplácito nos concedeu é aquele da compreensão, desde que não há ninguém que não esteja contente com sua quota: isto não é razão? quem pudesse ver além disso veria além da sua visão. Penso que minhas opiniões são sadias e sensatas; mas quem não pensa o mesmo de si próprio? Uma das melhores provas de que disponho é a pequena estima que tenho por mim mesmo; para os que não têm tanta segurança e estariam facilmente sujeitos a se enganarem pelo peculiar afeto que a mim dedico, bem como os que colocam quase tudo em mim mesmo e não me deixam terminar. Tudo aquilo que outros distribuem entre um infinito número de amigos e conhecidos, para sua glória e grandeza, eu consagro ao repouso, meu e de minha própria mente; tudo que dali escapa não está corretamente por minha orientação:

“Mihi nempe valere et vivere doctus”

“Viver e fazer bem para mim mesmo” [Lucrécio]

Agora considero minhas opiniões muito corajosas e constantes em condenar minha própria imperfeição. E, para dizer a verdade, é um assunto sobre o qual exercito meu julgamento tanto quanto em qualquer outro. Os olhos do mundo estão sempre em oposição; eu volto a minha visão para dentro, lá me firmo e me ocupo. Não tenho outro negócio senão eu mesmo; estou eternamente meditando comigo mesmo, considerando e provando a mim mesmo. Os pensamentos dos outros homens estão sempre divagando para fora, e eles não desejam ver apenas isso; vão ainda adiante:

“Nemo in sese tentat descendere;”

“Ninguém pensa em descer sobre si mesmo” [Pérsio]

De minha parte, eu circulo em mim mesmo. Essa capacidade de investigar a verdade em mim mesmo, seja lá qual for, e este capricho livre a respeito de não sujeitar facilmente a minha convicção, devo principalmente a mim; pois o maior e mais forte dos conceitos gerais que defendo é que, como um homem pode dizer, nasceram comigo; são naturais e completamente meus. Eu os apresentei simples e modestos, com uma produção forte e corajosa, mas um pouco desordenada e imperfeita; desde então os tenho verificado e fortalecido com a autoridade de outros e os sábios exemplos dos antigos, em quem encontrei o mesmo bom senso: eles me determinaram mais rapidamente a uma fruição e posse mais manifesta daquilo que antes havia abraçado. A reputação que toda pessoa pretende para a vivacidade e a prontidão da inteligência, eu busco na regularidade; a glória que eles pretendem para alguma atitude singular e surpreendente, ou alguma excelência em particular, eu reivindico da ordem, concordância e tranqüilidade de opiniões e costumes:

***“Omnino si quidquam est decorum, nihil est profecto magis,
Quam aequabilitas universae vitae, tum singularum actionum,
Quam conservare non possis, si, aliorum naturam imitans,
Omittas tuam”***

“Se alguma coisa é completamente decorosa, certamente nada pode ser mais assim do que uma equabilidade semelhante na vida toda e em cada ação específica; é provável que possivelmente não observes se, imitando a natureza de outros homens, deixas de lado parte de ti mesmo” [Cícero]

Aqui, então, você vê em que grau eu me acho culpado desta primeira parte do que mencionei ser o vício da presunção. Quanto ao segundo, que consiste em não ter uma estima suficiente pelos outros, não sei se posso ou não tão bem me escusar; mas venha o que vier, estou resolvido a dizer a verdade. E se, possivelmente, a ininterrupta freqüentação que tive com os humores dos antigos e as idéias dessas grandes almas de eras passadas retira-me a apreciação de outros e de mim mesmo, ou que, na verdade, a época em que vivemos não produz senão coisas muito indiferentes, ainda assim não vejo nada merecedor de qualquer grande admiração. Realmente, não tenho uma intimidade tão grande com muitos homens como se requer para deles fazer um julgamento correto; e aqueles a quem minha condição torna mais próximos são, na maioria, homens que pouco têm cuidado da cultura da alma, senão aquela imagem da honra como a soma de todas as bênçãos, e valor como altura de toda a perfeição.

O que percebo estar bem em outros, muito prontamente estimo e recomendo: não, amiúde digo mais em seu elogio do que realmente penso que eles merecem, e tomo tão longe a liberdade de mentir porque não posso inventar um falso motivo: meu testemunho nunca está ausente para os amigos que imagino dignos de elogio, e onde um pé é devido estou disposto a dar um pé e meio; mas atribuir-lhes qualidades que eles não têm, não posso fazê-lo, nem defender abertamente suas imperfeições. Não, eu concedo francamente mesmo para meus inimigos o devido testemunho de sua honra; minha afeição muda, não meu julgamento, e jamais confundo minha animosidade com outras circunstâncias que são estranhas a ela; sou tão ciumento da liberdade do meu julgamento que dificilmente posso compartilhá-lo com outra paixão de qualquer natureza. Mentindo faço maior dano a mim do que àquele a quem minto. Esse costume recomendável e generoso é observado na nação Persa, onde diziam aos seus inimigos mortais e àqueles com quem estavam em guerra implacável, de quanta honra e justiça suas virtudes eram merecedoras. Conheço muitos homens que têm diversos aspectos favoráveis; num a inteligência, noutro a coragem, noutro a maneiras, noutro a consciência, noutro a linguagem: uma ciência, outra, outra; mas geralmente a um grande homem, dotado de todas essas valentes características juntas, ou de qualquer delas em tal nível de excelência que deveríamos admirá-lo ou compará-lo com aquela dignidade de tempos passados, minha sorte nunca me trouxe a familiaridade com um; e o maior que já encontrei (refiro-me aos dotes naturais da alma) foi Etienne De la Boetie; a sua era realmente uma alma completa, e tinha um bonito aspecto em todos os sentidos: uma alma da velha estampa, que logrou produzir grandes resultados que para sua fortuna foram bastante elogiados, depois de muito haver acrescentado àqueles vastos dotes naturais através do estudo e da erudição.

Como isso ocorre eu não sei, mas ainda é certo que seja assim; há muita vaidade e fraqueza de juízo nesses que professam as maiores habilidades, que sobre os homens de qualquer outro tipo adotam a vocação da erudição e o ofício de pedantes; porque deles mais é requerido e esperado e neles os defeitos comuns são desculpáveis ou porque a opinião que têm de seu próprio conhecimento os torna mais ousados para se expor mais abertamente, por onde se perdem e se traem. Como um artífice manifesta mais o seu desejo de habilidade sobre o tema opulento que tem em mãos, se ele degrada o trabalho pela manipulação incorreta e contrária às regras estabelecidas, do que num objeto de menor valor; e os homens ficam mais insatisfeitos quanto à desproporção numa estátua de ouro que numa de gesso; agem assim quando aprimoram coisas que em si mesmas e no seu lugar seriam boas; porque delas fazem uso sem discrição e respeito pelas suas recordações às expensas da sua interpretação pessoal, e se fazendo ridículos pela glorificação de Cícero, Galeno, Ulpiano, St. Jerome e semelhantes. De boa vontade novamente abordo o discurso da futilidade da nossa educação, cuja finalidade não é nos tornar bons e sábios, mas instruídos, e isso ela obteve. Ela não nos ensinou a seguir e abraçar a virtude e a prudência, mas imprimiu em nós sua procedência e etimologia; nós podemos recusar a Virtude se não sabemos amá-la; se não sabemos o que é a prudência real e efetivamente, e por experiência, contudo a temos por jargão e afeição: não estamos satisfeitos em conhecer a origem, família e alianças de nossos vizinhos; desejamos, além disso, tê-los como amigos e estabelecer correspondência e entendimento com eles; mas essa educação nos ensinou definições, divisões e partições de probidade, assim como os tantos sobrenomes e ramificações de uma genealogia, sem qualquer cuidado adicional de estabelecer entre ela e nós qualquer familiaridade ou intimidade. Ela não selecionou para nossa instrução inicial os livros que contêm as opiniões mais sadias e mais verdadeiras, mas aqueles que melhor transmitem o Grego e o Latim, e através das suas palavras requintadas instilou em nossa fantasia os mais fúteis caprichos da antiguidade.

Uma boa educação altera o bom senso e as maneiras; como aconteceu a Pólemon, um jovem grego lascivo e debochado que indo por casualidade ouvir uma dissertação de Xenócrates, não somente observou a eloquência e a erudição do leitor e extraiu não apenas um notável conhecimento do tema em pauta, mas um proveito mais sólido e mais evidente que foram a súbita mudança e a reforma de sua vida pregressa. Quem porventura encontrou efeito similar em nossa disciplina?

“Faciasne, quod olim

Mutatus Polemon? ponas insignia morbi

Fasciolas, cubital, focalia; potus ut ille

Dicitur ex collo furtim carpsisse coronas,

Postquam est impransi correptus voce magistri?”

“Desejas fazer o que o convertido Pólemon fez na velhice? você colocará de lado as alegrias de suas desordens, suas jarreteiras, capuchinhos, cachecóis, que os fados dizem ter arrancado secretamente as guirlandas do pescoço quando ouviu o falar daquele mestre de temperança?” [Horácio]

Essa me parece ser a condição menos desprezível do homem, que por sua modéstia e simplicidade está sentada no degrau inferior e nos convida a uma conduta mais metódica. No geral, acho os costumes e o linguajar rudes dos camponeses mais adequados às regras e prescrições da verdadeira filosofia do que os dos nossos próprios filósofos:

“Plus sapit vulgus, quia tantum, quantum opus est, sapit”

“O vulgo é tanto mais sábio porque só conhece o que é necessário saber” [Lactantius]

O homem mais notável, como eu avalio pela aparência externa (pois para julgá-lo de acordo com meu próprio método, tenho de penetrar um tanto mais profundamente), considerando os soldados e a conduta militar, foi o Duque de Guise, que morreu em Órleans, e o recém-falecido Marechal Strozzi; quanto aos homens de grande habilidade e nenhuma virtude comum, Olivier e De l’Hospital, Chanceleres da França. Em minha opinião, também a poesia floresceu nesta nossa época; temos abundância de muito bons artistas na profissão: D’Aurat, Beza, Buchanan, L’Hospital, Montdore, Turnebus; quanto aos poetas franceses, acredito que alçaram sua arte ao mais elevado patamar ao qual poderiam almejar; e nesse campo em que Ronsard e Du Bellay excelsam, acho-os pouco abaixo da antiga perfeição. Adrian Turnebus soube mais, e o que soube foi melhor do que qualquer homem de sua época ou por longo tempo antes dele. As vidas do último Duque de Alva e do nosso Condestável de Montmorency

foram ambas grandes e nobres e tiveram muitas raras similaridades de fortuna; mas a beleza e a glória da morte do último, à vista de Paris e do rei a cujo serviço estava contra seus parentes mais próximos, à testa de um exército vitorioso por sua conduta e por um ataque súbito em tão extrema velhice, parece-me digno de ser registrado entre os mais notáveis eventos de nosso tempo. Também a constante benevolência, a delicadeza de maneiras e a simplicidade conscienciosa de Monsieur de la Noue, em tão grande injustiça das facções armadas (a verdadeira escola da traição, desumanidade e rapina), em que ele sempre manteve a reputação de grande e experiente capitão.

Tive enorme prazer de divulgar em diversos lugares as esperanças que alimento em minha filha adotiva, Marie de Gournay le Jars [ela foi adotada por Montaigne em 1588], por certo mais bem amada por mim do que paternalmente, envolvida em meu retiro e solidão como uma das melhores partes do meu próprio ser: não tenho consideração maior por qualquer coisa neste mundo além dela. E se um homem pode pressagiar de sua juventude, aquela alma será um dia capaz de coisas muito notáveis; entre outros detalhes, pela perfeição daquela amizade sagrada, da qual ainda não lemos que qualquer sexo pudesse atingir; a sinceridade e a diligência de suas maneiras já são suficientes para tanto, e sua afeição por mim mais que superabundante; desta maneira, em resumo, não há nada mais a ser desejado, exceto que a apreensão que ela tem do meu fim (agora aos cinquenta e cinco anos) pudesse não afligi-la tanto. O julgamento que ela fez dos meus primeiros Ensaio, sendo mulher e ainda tão jovem, em nossa época e sozinha em sua própria região; e a insigne veemência com a qual ela me amou e desejou conhecer-me somente pela estima que tinha por mim, antes mesmo de ver meu rosto alguma vez, é um incidente digno de muita consideração.

Outras virtudes tiveram pouco ou nenhum crédito nestes tempos; mas o valor tornou-se popular através de nossas guerras civis; nisso temos almas de bravura quase perfeita e em tão grande número que é impossível fazer uma escolha.

Isso tudo é o que de incomum e extraordinária grandeza tem até agora chegado ao meu conhecimento.

Capítulo XVIII

Do hábito de mentir

Bem, alguém a mim dirá, esse desígnio de fazer do caráter do homem objeto dos seus escritos seria realmente escusável quanto a homens extraordinários e famosos, que por sua reputação tivessem inspirado em outros a curiosidade de se informar completamente a seu respeito. Isso é muito verdadeiro; eu confesso e sei muito bem que um mecânico dificilmente irá erguer os olhos do seu trabalho e olhar para um homem comum, considerando que qualquer um há de abandonar seu negócio e sua loja para fitar uma pessoa eminente quando ela entra na cidade. Isso é inconveniente a qualquer outro tipo de caráter pessoal, exceto aquele dotado de qualidades merecedoras de imitação, cuja vida e opinião possam servir de exemplo: César e Xenófanes tiveram um fundamento justo e sólido sobre o qual assentar suas narrativas, a grandeza do seu próprio desempenho; e seria desejável que tivéssemos os diários de Alexandre o Grande, os comentários que Augusto, Catão, Sila, Bruto e outros deixaram de suas proezas: de tais personagens os homens adoram e contemplam mesmo as estátuas, sejam de cobre ou de mármore. Tal protesto é bem verdadeiro; mas isso muito pouco me interessa:

***“Non recito cuiquam, nisi amicis, idque coactus;
Non ubivis, coramve quibuslibet, in medio qui
Scripta foro recitant, sunt multi, quique lavantes”***

“Repito meus poemas exclusivamente a meus amigos, e quando compelido a fazê-lo; não diante de qualquer um e em todo lugar; no mercado ao ar livre e nos banhos há uma profusão de declamadores” [Horácio]

Não faço aqui o molde de uma estátua para ser exibida na grande praça central de uma cidade, numa igreja ou qualquer lugar público:

***“Non equidem hoc studeo, bullatis ut mihi nugis,
Pagina turgescat
Secreti loquimur:”***

“Eu estudo não para fazer as minhas páginas se encherem de trivialidades vazias; você e eu falamos reservadamente” [Pérsio]

; é para algum canto de biblioteca, ou entreter um vizinho, um parente, um amigo que tenho a idéia de renovar o conhecimento e familiaridade comigo nesta imagem de mim mesmo. Outros foram encorajados a falar de si mesmos, porque julgaram o tema valioso e merecedor; eu, pelo contrário, sou mais audaz, em razão do assunto ser tão pobre e estéril que não posso ser suspeito de ostentação. Avalio as ações de outros com liberdade; dou pouco de meu próprio para julgar porque nada são: não acho tanta coisa boa em mim que não possa mencionar sem enrubescer.

Que satisfação não seria para mim ouvir alguém assim relatar as maneiras, expressões, semblantes, as palavras comuns e eventualidades dos meus antepassados? como haveria de ouvi-lo atentamente! De fato, seria de má índole menosprezá-lo tanto quanto os retratos de nossos amigos e predecessores, o estilo de suas roupas e armas. Eu preservo seus escritos, selos e uma espada singular que eles usavam, e não deixo fora do meu armário o longo bastão que meu pai levava em sua mão,

***“Paterna vestis, et annulus, tanto charior est posteris,
Quanto erga parentes major affectus”***

“As vestes e o anel de um pai são tanto mais queridos para sua posteridade quanto há maior afeição em relação aos antepassados” [Santo Agostinho]

Se, não obstante, minha posteridade tiver outra idéia, serei neles vingado; porque então não poderão cuidar menos de mim do que eu deles. Todo o negócio que tenho nisso é com o público, de quem peço emprestados os utensílios de escrever, que

estão mais fáceis e à mão; e em retribuição devo, possivelmente, impedir que uma libra de manteiga derreta ao sol do mercado [Montaigne especula com alguma seriedade sobre a possibilidade do seu trabalho ser usado como papel de embrulho]:

*“Ne toga cordyllis, ne penula desit olivis;
Et laxas scombris saepe dabo tunicas;”*

“Não deixe que os atuns nem as azeitonas careçam de embalagem;
eu providerei capas avulsas para as cavalas” [Marcial]

Se entretanto ninguém há de ler-me, desperdicei tempo entretendo a mim mesmo por tantas horas ociosas com pensamentos tão úteis e agradáveis? Ao moldar esta imagem de mim mesmo, freqüentemente fui constrangido a me moderar e compor numa postura verdadeiramente tão correta quanto a cópia que foi obtida, e de certa forma constituiu-se por si mesma; pintando-me para outros eu me represento num colorido melhor que minha compleição natural.

Não fiz mais o meu livro do que o meu livro me fez: é um livro consubstancial com o autor, de um peculiar desígnio, uma parcela da minha vida, e cujo negócio não é projetado para outros, como são todos os outros livros. Perdi meu tempo prestando tão ininterrupta e contínua conta de mim mesmo? Porque quem se inspeciona somente às vezes e superficialmente não faz tão estrito exame de si mesmo, nem penetra tão profundamente quanto aquele que faz disso seu objeto, seu estudo e seu ofício; almeja um registro duradouro com toda fidelidade e com toda a sua força: os mais deliciosos prazeres se digerem interiormente, evitando deixar qualquer rastro, e não só escapam à visão do povo, mas de qualquer outra pessoa. Com que freqüência deve isso funcionar para desviar-me dos pensamentos desagradáveis? e tudo aquilo que é frívolo deve assim ser reputado. A natureza nos brindou com uma extensa faculdade de nos entretermos sozinhos; freqüentemente somos chamados a isso para nos ensinar o que devemos a nós mesmos, em parte à sociedade, mas sobretudo e especialmente a nós mesmos. Que eu possa habituar minha imaginação até mesmo para meditar sobre algum método e com alguma finalidade impedir que me perca e perambule ao acaso, não é senão dar ao corpo e à crônica todos os pequenos pensamentos que a eles se apresentam. Dou ouvidos às minhas extravagâncias porque estou a registrá-las. Resulta amiúde que, estando descontente por alguma atitude que a razão e a civilidade não me permitem abertamente reprovar, aqui vomito em mim mesmo, não sem o intento da instrução pública: e também destas chicotadas poéticas,

*“Zon zur l’oeil, ion sur le groin,
Zon zur le dos du Sagoin,”*

“Um tapa no olho dele, um tapa no focinho dele, um tapa no traseiro de Sagoin” [Marot]

, divulgam-se melhor no papel do que na carne. O que ouço dos livros um pouco mais atentamente que o ordinário, desde que espreito se posso furtar alguma coisa que possa adornar ou dar apoio ao meu? Não investiguei para fazer um livro, mas tenho estudos de algum tipo porque já havia feito isso antes; se pesquisar é arranhar e beliscar ora um autor, ora outro, ou pela cabeça ou pelo pé, não com qualquer propósito de formar opiniões sobre eles, mas assistir, secundar e fortalecer aqueles que já abracei. Mas acreditaremos no relatório que alguém faz de si mesmo numa época tão corrompida? considerando que há tão poucos, seja como for, em quem podemos confiar ao falar de outros, onde há menos interesse em mentir.

A primeira coisa feita na corrupção das maneiras é banir a verdade; pois, como diz Píndaro, ser verdadeiro é o começo de uma grande virtude, e a primeira condição que Platão requer no governador da sua República. Nestes dias a verdade não consiste naquilo que realmente é, mas no que cada homem persuade outro a acreditar; como geralmente damos o nome de dinheiro não apenas a legítimas peças da liga, mas também às falsas, elas passarão. Nossa nação foi por muito tempo exprobrada com esse vício; Salviano de Marselha, que viveu na época do Imperador Valentiniano, diz que a mentira e o perjúrio num francês não eram vícios, mas um modo de falar. Aquele que intensifica esse testemunho poderia dizer que neles é agora uma virtude; os homens talham e modelam a si mesmos como num exercício de nobreza; pois a dissimulação é uma das qualidades mais notáveis desta época. Tenho diversas vezes considerado de onde teria surgido esse costume que tão religiosamente observamos, de ficar extremamente ofendido com a repreensão de um vício que nos é tão familiar quanto qualquer outro, e que deveria ser o mais elevado insulto que se pode colocar em palavras censurar-nos uma mentira. Ao examinar, descubro que é natural a maioria defender os defeitos com que a maior parte de nós está manchada. Parece como se ressentindo-se e sendo induzidos à acusação, nós de alguma forma nos eximimos da falta; posto que o tenhamos levado a efeito, passamos a condená-lo nas aparências externas. Pode ou não essa repreensão também parecer implicar covardia e debilidade de coração? pode haver sinal mais manifesto do que um homem retirar o que disse – não: mentir contra o próprio conhecimento de um homem? Mentir é um vício fundamental; o vício que um dos antigos pinta com as cores mais odiosas quando diz que “é manifestar um desprezo por Deus, e sobretudo medo dos homens”. Não é possível mais integralmente representar o horror, a baixeza e irregularidade disso; pois o que pode um homem imaginar de mais odioso e desprezível do que ser um covarde para os homens e destemido contra o seu Criador? Nossa inteligência não é de nenhum modo comunicável de um para outro senão por uma palavra específica: trai o convívio público quem a imita. É o único modo pelo qual comunicamos nossos pensamentos e desejos; é o intérprete da alma e, se nos enganamos, já não sabemos nem temos vínculo adicional de um para outro; se isso nos falha, quebra-se toda a nossa harmonia, dissolvem-se todos os laços de autoridade. Certas nações recentemente descobertas na Índia (não preciso lhes dar nomes, observando que não têm mais nenhum; desde que, por estupendo e inaudito exemplo, a devastação daquela conquista estendeu-se à absoluta abolição dos nomes e do antigo conhecimento de tais lugares) ofereciam sangue humano aos seus deuses, mas apenas quando extraído da língua e das orelhas, para expiar o pecado da mentira, tanto ouvida quanto pronunciada. Aquele bom camarada da Grécia [Plutarco] disse que as crianças são distraídas com brinquedos; os homens, com palavras.

Sobre nossas diversas aplicações da mentira, as leis da honra em tais casos e a alteração que elas receberam, protelo para outros tempos afirmar que as conheço; entretanto descobrirei, se puder, em que momento o costume começou a ocupar-se

de pesar e medir tão exatamente as palavras e de fazer a nossa dignidade por elas se interessar; pois é fácil avaliar que não ocorria antigamente entre os Gregos e os Romanos. E com freqüência pareceu-me estranho vê-los insultarem e mentirem uns aos outros sem qualquer disputa. Suas leis de submissão guiaram para outro curso diverso do nosso. César às vezes é chamado de ladrão e às vezes de bêbado por seus opositores. Vemos a liberdade de injuriar que eles praticavam uns sobre os outros, quero dizer os maiores comandantes de guerra de ambas as nações, onde palavras são vingadas apenas com palavras e não prosseguem adiante.

Capítulo XIX

Sobre a liberdade de consciência

É habitual vermos que as boas intenções, se continuadas sem moderação, empurram os homens para resultados muito viciosos. Na rixa que neste momento envolve a França numa guerra civil, a melhor e mais sadia causa é sem dúvida a que sustentam a antiga religião e o governo do reino. Não obstante, entre os bons homens daquele partido (porque não falo desses que têm somente a veleidade de executar suas próprias vinganças particulares, satisfazer sua avareza ou conciliar o favoritismo dos príncipes, mas dos que se engajam na disputa por verdadeiro zelo religioso e um desejo sagrado de manter a paz e o governo do seu país), destes, eu digo, vemos muitos a quem a paixão transporta além dos limites da razão, às vezes inspirados por deliberações iníquas e violentas e, além disso, precipitação. É certo que naqueles primeiros tempos, quando nossa religião começou a conquistar autoridade com as leis, o zelo armado contra todos os tipos de livros pagãos, pelos quais os eruditos sofriam uma perda excessivamente grande, foi uma desordem que suponho ter prejudicado mais as letras que todas as labaredas dos bárbaros. De Cornélio Tácito há um excelente decálogo; enquanto o Imperador Tácito – seu parente – por ordem expressa, abasteceu com ele todas as bibliotecas do mundo, não obstante uma cópia integral não pôde escapar ao exame curioso daqueles que o desejavam revogar por apenas cinco ou seis cláusulas inúteis, contrárias à nossa convicção.

Eles também com facilidade ludibriaram prestando louvores impróprios a todos os imperadores que foram produzidos para nós, e condenaram universalmente todas as ações daqueles que eram seus adversários, como é evidentemente manifesto no Imperador Juliano, cognominado *O Apóstata*, [o caráter do Imperador Juliano foi censurado quando Montaigne estava em Roma, em 1581, pelo Mestre do Palácio Sagrado, o qual, todavia, como Montaigne relata em seu diário, submeteu à sua consciência para alterar o que julgasse de mau gosto. Montaigne não o fez, e este capítulo supriu Voltaire com a maior parte dos elogios que ele concedeu ao Imperador – Leclerc] que era, na verdade, um homem muito grande e fora do comum, um homem em cuja filosofia de alma estava impressos os melhores caracteres, pelos quais ele professou governar todas as suas ações; além do mais, não há nenhuma espécie de virtude da qual ele não tenha deixado para trás exemplos muito notáveis: sobre a castidade (de que em toda a sua vida deu provas manifestas), lemos dele o mesmo que foi dito de Alexandre e Cipião, que estando na flor da idade (porque foram mortos pelos Partos por volta dos trinta), de um grande número de cativos muito bonitos, não levantaram os olhos sequer para um. Quanto a sua justiça, ele assumiu pessoalmente a tortura de ouvir os partidos, e embora externasse curiosidade indagando a que religião pertenciam, não obstante, a antipatia que tinha pela nossa nunca ofereceu qualquer contrapeso ao equilíbrio.

Ele próprio instituiu diversas leis justas e revogou grande parte das taxas e subsídios arrecadados pelos seus predecessores. Temos dois bons historiadores que foram testemunhas oculares de suas ações: um deles, Marcelino, em vários pontos de sua história reprova categoricamente um édito por meio do qual ele interditava a todos os gramáticos e retóricos Cristãos manter escola ou ensinar; e segundo ele, seria de desejar que tal ato fosse enterrado em silêncio: é provável que tivesse feito alguma coisa mais severa contra nós, ele, que era tão afeiçoado ao nosso partido, não haveria de ignorá-lo em silêncio. Ele era realmente incisivo contra nós, mas ainda assim, não um inimigo cruel; pois nosso próprio pessoal dele conta esta história: um dia, caminhando sobre a cidade de Calcedônia, Maris, o bispo do lugar, foi tão impertinente a ponto de lhe dizer que ele era ímpio e um inimigo de Cristo, ao que, diz o povo, ele nada acrescentou senão replicar, “Vá, pobre infeliz, e lamente a perda dos teus olhos”; o bispo novamente respondeu, “agradeço que Jesus Cristo tenha toldado a minha visão, que eu não possa ver teu semblante descarado”, nisso afetando, dizem eles, uma paciência filosófica. Mas essa atitude por ele ostentada não é em nada comparável com a crueldade que se diz ter exercido contra nós. “Ele era”, diz Eutrópio, minha outra testemunha, “um inimigo do Cristianismo, mas sem deitar sua mão em sangue”. E, voltando à sua justiça, não há nada de que ele possa ser acusado, excluindo-se a severidade praticada no princípio do seu reinado contra os que haviam seguido o partido de Constantino, seu predecessor. Quanto à sobriedade, ele conduziu sempre uma vida de soldado; observou a dieta e a rotina, como alguém preparado e acostumando-se às agruras da guerra. Sua vigilância era tal que ele dividia a noite em três ou quatro partes, das quais a menor dedicava ao sono; o restante era consumido averiguando pessoalmente o estado do seu exército e sentinelas ou no estudo; pois entre outras qualidades raras, era muito primoroso em todo tipo de ciência. É dito que Alexandre *o Grande*, estando na cama e temeroso que o sono pudesse desviar seus pensamentos dos estudos, tinha sempre uma bacia presa ao lado da cama e sobre ela segurava uma esfera de cobre numa das mãos, a fim de que, começando a adormecer, seus dedos deixassem cair a bola e o ruído desta na bacia pudesse despertá-lo. Mas o outro tinha sua alma tão determinada que cogitou fazer, e era tão pouco perturbado pelas emanções em virtude da sua singular abstinência, que não houve nenhuma necessidade de qualquer invenção. Sobre a experiência militar, ele era excelente em todas as qualidades de um grande capitão, como era verossímil que fosse, sendo quase toda a sua vida um ininterrupto exercício de guerra, e na maioria das vezes aqui na França, contra os Francos e os Germanos: dificilmente lemos sobre qualquer homem que já tenha enfrentado mais perigos ou dado mais freqüentes provas do seu valor pessoal.

Sua morte tem algo em paralelo com a de Epaminondas, porque ele fora alvejado por uma seta e tentou arrancá-la, e assim

teria feito, mas ela, sendo muito afiada, cortou e incapacitou sua mão. Ele convocou incessantemente aqueles que deviam levá-lo novamente ao calor da batalha, encorajou seus soldados que muito bravamente disputaram a peleja sem ele até que o cair da noite separasse os exércitos. Através de sua filosofia ele se manteve por toda a vida compelido a um peculiar desprezo de todas as coisas humanas. Tinha também uma firme convicção na imortalidade da alma.

Quanto à religião ele estava inteiramente enganado e foi cognominado *O Apóstata* por ter renunciado à nossa: não obstante, parece-me uma opinião mais provável que ele nunca a tenha abraçado completamente, mas haja dissimulado em obediência às leis até alcançar o trono do império. Ele era em si mesmo tão supersticioso que as pessoas de seu próprio tempo dele escarneciam; do mesmo ponto de vista diziam os que zombavam que por ocasião da vitória sobre os Partos ele havia aniquilado a raça de bois do mundo para suprir seus sacrifícios. Além disso, ele era inebriado pela arte da adivinhação e autorizou todos os tipos de predição. As portas da morte ele disse, entre outras coisas, que era favorecido pelos deuses e lhes agradeceu; nisso eles não o desapontaram, tendo muito tempo antes anunciado a hora e o lugar do seu fim, não através de uma morte efeminada ou mesquinha, mais vistosamente lenta e delicada que a do povo; nem por uma morte lânguida, prolongada e dolorosa; e quem o havia julgado merecedor de morrer depois daquela maneira nobre, no andamento de suas vitórias, na flor de sua glória? Ele teve uma visão de Marcos Bruto, que primeiro o ameaçou na Gália e depois apareceu a ele na Pérsia, logo antes de sua morte. Estas palavras que alguns pronunciam quando se sentem feridos: “Tu estás dominado, Nazareno”; ou como outros, “Contente a ti mesmo, Nazareno”; dificilmente teriam sido omitidas e seriam acreditadas por minha testemunha, a qual, estando presente no exército, registrou até o menor movimento e as palavras finais dele; não mais que certos outros milagres são relatados sobre ele.

Voltando ao meu assunto, diz Marcelino que ele nutriu longamente o paganismo em seu coração; conquanto todo o seu exército fosse de cristãos, ele nada receava. Mas no fim, vendo-se forte o bastante para ousar se exhibir, ordenou que os templos dos deuses fossem inaugurados e deu o máximo de si para encorajar a idolatria. O que foi a melhor consequência, pois tendo encontrado a desunião das pessoas em Constantinopla, e estando também os preladados da igreja divididos entre eles, depois de tê-los convocado todos diante dele, preveniu-os seriamente para aquietar essas dissensões civis, e que toda pessoa podia, livremente e sem medo, seguir sua própria religião. O que ele mais laboriosamente buscou, na expectativa que essa liberdade aumentasse os cismas e facções de suas divisões, impedindo as pessoas de se reunir, e, por conseguinte se fortalecessem contra ele pelo seu unânime conhecimento e concordância; pela crueldade experimentada por alguns cristãos, concluiu não haver besta no mundo que mais devia ser temida pelo homem que o próprio homem; estas são praticamente as suas palavras.

No que é muito merecedor de consideração, o Imperador Juliano empregou a mesma fórmula de liberdade de consciência para inflamar as dissensões civis que nossos reis empregam para extinguir. De forma que se pode por um lado dizer que entregar as rédeas às pessoas para cada um hospedar sua própria opinião é espalhar e semear a divisão e, por assim dizer, dar uma mão para incrementá-la, não havendo impedimento legal ou restrição para impedir ou paralisar essa carreira; mas, por outro lado, pode-se também dizer que dar às pessoas as rédeas para cada um hospedar sua própria opinião é mitigá-los e abrandá-los através da facilidade e da tolerância, e entorpecê-los no ponto em que o estímulo mais se faz aguçado pela singularidade, novidade e dificuldade: penso que melhor para a reputação de devoção de nossos reis é que não sendo capazes de fazer o que pretendiam, montaram um espetáculo para expor o que podiam fazer.

Capítulo XX

Que nós nada provamos de puro

A fragilidade de nossa condição é tal que as coisas não podem, em sua simplicidade e pureza natural, ingressar em nosso uso; os elementos que desfrutamos são modificados, assim é com os metais: o ouro deve ser aviltado com alguma outra substância para adequar-se ao nosso proveito. Não há virtude tão simples, como no fim da vida fizeram Aristo, Pirro e também os Estóicos; nem os divertimentos dos Cirenaicos e dos Aristípicos existem sem alguma útil mistura. Dos prazeres e bens que apreciamos, não há nenhum isento de alguma mistura de imperfeição e inconveniência:

*“Medio de fonte leporum,
Surgit amari aliquid, quod in ipsis fioribus angat”*

“Da própria fonte de nosso prazer eleva-se algo amargo, que até mesmo as flores destrói” [Lucrécio]

Nosso prazer mais extremo tem em si algum tipo de gemido e queixa; você não diria que está morrendo de dor? Não, quando moldarmos a imagem disso em sua completa excelência, nós a preencheremos com epítetos dolorosos e doentios, qualidades, langor, suavidade, fragilidade, fraqueza, ‘morbidez’: um vasto testemunho de sua consangüinidade e consubstancialidade. A alegria mais profunda tem em si mais de severidade do que de júbilo. A mais elevada e completa satisfação oferece mais de momentoso que de alegre:

“Ipsa felicitas, se nisi temperat, premit”

“Até mesmo a felicidade, a menos que se modere, oprime” [Sêneca].

O prazer nos mastiga e tritura; de acordo com o antigo verso grego, dizendo que os deuses nos vendem todos os bens que nos dão; quer dizer, eles não nos dão nada puro e perfeito, e que nada compramos senão ao custo de algum mal.

O labor e o prazer, muito distintos em sua natureza, não obstante se associam, não sei através de qual conjunção natural. Sócrates diz que algum deus tentou misturar e confundir dor e prazer numa só massa, mas não podendo fazê-lo, contentou-se em pelo menos juntá-los pelo rabo. Metrodoro disse que há na tristeza alguma mescla de prazer. Ignoro se ele não pretendia outra coisa qualquer com aquela declaração; de minha parte, sou de opinião que há propósito, consentimento e desvanecimento em um homem entregar-se à melancolia.

Digo que além da ambição, que também pode ter um lance no negócio, há uma sombra de deleite e delicadeza sorrindo e nos adulando do próprio regaço da melancolia. Não há determinadas constituições que se alimentam disso?

“Est quaedam flere voluptas;”

“Lastimar é certo tipo de prazer” [Ovídio]

; e em Sêneca um tal Atalus diz que a memória dos amigos perdidos nos é grata como a amargura do vinho, quando muito velho, é para o paladar:

***“Minister vetuli, puer, Falerni
Inger’ mi calices amariores”***

“Garoto, quando você servir o velho Falerniano, despeje o mais amargo na minha taça” [Catulo]

; e como as maçãs, que têm uma doce acidez.

A natureza explora essa nossa confusão: os pintores asseguram que as mesmas caretas e movimentos do rosto que servem para lamentar também servem para rir; é verdade, e ainda antes que um ou outro termine. Observe a maneira do pintor manipular e você ficará em dúvida para qual dos dois tende o desenho; e o extremo do riso afinal traz lágrimas:

“Nullum sine auctoramento malum est”

“Não há mal sem sua compensação” [Sêneca]

Quando imagino homem afluente de todas as conveniências desejáveis (vamos supor o caso em que todos seus membros foram sempre acometidos pelo prazer da procriação, em sua altura mais excessiva) sinto-o derretendo sob o do peso do seu deleite, e vejo-o totalmente incapaz de suportar um prazer tão puro, tão ininterrupto e tão universal. Realmente, ele está fugindo e ainda está ali, e naturalmente tem pressa de escapar, como de um lugar onde não pode ficar firme e onde tem medo de submergir. Quando me confesso religiosamente a mim mesmo, acho que minha melhor virtude tem em si alguma tintura de vício; e tenho medo que Platão, em sua mais pura virtude (eu, que sou tão sincero e leal amante da virtude daquela índole como de qualquer outra que seja), se tivesse escutado e colocado sua orelha bem perto dele mesmo, sem dúvida alguma teria ouvido algumas notas dissonantes da amálgama humana, embora débeis e apenas a ele perceptíveis.

O homem é inteiramente e por toda parte apenas remendo e heterogeneidade. Mesmo suas próprias leis e justiça não podem subsistir sem alguma mistura de injustiça; tanto que Platão diz: eles empreendem cortar a cabeça da hidra que aspira purgar a lei de todas as inconveniências:

***“Omne magnum exemplum habet aliquid ex iniquo,
Quod contra singulos utilitate publicis rependitur,”***

“Todo grande exemplo tem em si alguma mistura de injustiça para compensar a injustiça feita a homens particulares pela utilidade pública” [Tácito]

É igualmente verdade que em vista da utilidade da vida e dos serviços de comércio público podem ocorrer alguns excessos na pureza e perspicácia de nossas idéias; aquela luz penetrante tem em si muito de sutileza e curiosidade: devemos ser um pouco entorpecidos e embotados para nos tornar mais obedientes ao exemplo e à prática; um pequeno véu confunde o que melhor nos proporciona esta obscura vida terrestre. Então almas comuns e menos especulativas são encontradas por serem mais apropriadas e mais bem sucedidas na administração dos negócios, conquanto as opiniões elevadas e esdrúxulas da filosofia são impróprias para os negócios. Essa acentuada vivacidade de alma e a volubilidade flexível e inquieta que a ela assistem perturbam as nossas transações.

Vamos administrar os empreendimentos humanos mais superficial e toscamente, abandonando à fortuna uma grande parte; não é necessário examinar os negócios com tanta sutileza e profundidade: um homem se perde na consideração de muitos esplendores contrários, tantas formas variadas:

***“Volutantibus res inter se pugnantes,
Obtorpuerunt ... animi”***

“Eles ainda consideravam as coisas muito indiferentes em si mesmas, ficavam surpresos e não sabiam fazer” [Tito Lívio]

É o que os antigos dizem de Simonides, que em razão do que sua imaginação a ele sugeriu quanto à pergunta que o Rei Hiero lhe havia feito – [o que era Deus – *apud* Cícero] – (responder que ele tinha tido muitos dias para pensar), após diversas considerações agudas e sutis e ainda duvidando que eram prováveis, ele desesperou totalmente da verdade. Quem mergulha em sua inquirição compreende todas as circunstâncias e conseqüências que impedem uma escolha: uma pequena máquina bem controlada é suficiente para execuções, sejam de menor ou maior peso. O melhor administrador é aquele que pior se dá conta de ser assim; enquanto os grandes faladores, na sua maior parte, nada fazem além de pretender; conheço um homem desse tipo, um dos mais excelentes discursadores sobre todas as variedades de boa agricultura, que deixou cem mil libras de sua renda anual deslizarem miseravelmente das mãos; sei de outro que fala, que aconselha melhor do que qualquer homem de sua deliberação, e não há no mundo mais correta exibição de alma e entendimento do que ele tem; não obstante, quando vem à sua presença, seus criados o acham totalmente diferente; não fazem qualquer menção aos infortúnios dele.

Capítulo XXI

Contra a ociosidade

O Imperador Vespasiano, estando enfermo da doença de que morreu, não fez dela motivo para negligenciar a magnificência do império, e até mesmo da cama despachava continuamente muitos negócios de graves conseqüências, sendo reprovado pelo médico como coisa prejudicial à sua saúde; “Um imperador”, disse ele, “deve morrer de pé”. Uma boa declaração, em minha

opinião, e digna de um grande príncipe. Desde então o Imperador Adriano empregou as mesmas palavras; os reis deveriam freqüentemente pensar nelas para fazê-los compreender que o grande ofício a eles conferiu o comando de muitos homens, não um emprego de facilidades; e que nada pode com tanta justiça repugnar um súdito e torná-lo relutante de se expor à labuta e ao perigo a serviço do seu príncipe do que vê-lo, enquanto isso, dedicado à sua comodidade e diversões frívolas, sendo tão solícito de sua preservação quanto negligente do seu povo.

Quem quer que afirme ser melhor para um príncipe sustentar suas guerras através de outros do que pessoalmente, a fortuna o abastecerá com bastantes exemplos daqueles cujos tenentes levaram grandes empreendimentos a um resultado feliz e também de outros cuja presença trouxe mais prejuízo que benefício: mas nenhum príncipe virtuoso e valoroso pode com paciência tolerar tais conselhos desonrosos. Sob pretexto de salvar sua cabeça, como a estátua de um santo, para felicidade do seu reino, eles o degradam e o declaram incapaz do seu ofício, o qual é absolutamente militar: sei de um [provavelmente Henrique IV] que antes preferia ser batido do que dormir preocupado com outras lutas; e que nunca ouviu sem ciúme falar de qualquer coisa valente mesmo de seus próprios oficiais em sua ausência. E Solimão I disse, com muito boas razões em minha opinião, que as vitórias obtidas sem o mestre nunca eram completas. Muitos mais tem dito que o mestre deveria antes ruborizar-se de vergonha a pretender qualquer participação na glória, depois de não ter em nada contribuído ao trabalho, senão por sua voz e raciocínio; e nem assim muitos destes, considerando que em tal trabalho a direção e o comando que merecem renome são determinados apenas no local, no ardor da batalha. Nenhum piloto desempenha o seu papel ficando imóvel. Os príncipes da família otomana, os maiores chefes no mundo em sucesso militar, abraçam calorosamente esta opinião; Bajazet II, com o filho que dele se desviou, passando o seu tempo com as ciências e outras ocupações reservadas, deu grande impulso ao seu império; e Amurat III, agora reinante, conquanto siga o seu exemplo, começa a achar o mesmo. Não era isso que Eduardo III, Rei da Inglaterra dizia do nosso Carlos V: “Nunca houve rei que tão raramente vestisse a sua armadura, e ainda assim nunca houve rei que me desse tanto que fazer”. Ele teve razão para tal pensamento estranho, mais como resultado das circunstâncias do que da razão. E tanto que os deixou procurar algum outro para com eles se juntar; reconhecendo os Reis de Castela e Portugal entre os mais belicosos e magnânimos conquistadores, porque à distância de doze centenas de léguas do seu aprazível domicílio, pela conduta dos seus capitães, tornaram-se ambos senhores da Índia; os quais sabemos que teriam tido a mesma coragem para ir pessoalmente desfrutá-lo.

Ainda mais adiante o Imperador Juliano disse que o filósofo e o homem valente não devem recuperar o fôlego; quer dizer, não se permitir quaisquer necessidades corporais além do que não podemos recusar; mantendo o corpo e a alma ainda no intento e ocupada com coisas honoráveis, grandes e virtuosas. Ele ficava envergonhado se qualquer pessoa o visse cuspir ou suar em público (o que por alguns é dito também dos jovens Lacedemônios, e que Xenófanes diz dos Persas), tanto mais por conceber que aquele adestramento, a ininterrupta labuta e a sobriedade haveriam de secar todas essas superfluidades. O que diz Sêneca não será impróprio neste lugar: que os antigos Romanos mantinham seus jovens sempre de pé, e lhes ensinavam que sentando nada iriam aprender.

É um desejo generoso ansiar por uma morte proveitosa e viril, mas tal propósito não reside tanto em nossa resolução quanto em nossa boa fortuna; em batalha, milhares tem essa proposição: conquistar ou morrer, e fracassam entre um e outro, com o ferimento e a prisão atravessando os seus desígnios e compelindo-os a viver contra a sua vontade. Há doenças que subvertem até mesmo nossos desejos e nosso entendimento. A fortuna não deve secundar a vaidade das legiões Romanas, determinadas por juramento a vencer ou morrer:

***“Victor, Marce Fabi, revertar ex acie: si fallo, Jovem patrem,
Gradivumque Martem aliosque iratos invoco deos”***

***“Eu voltarei da refrega como conquistador, Marcos Fábio: e se falhar,
invoco o Pai Jove, Marte Gradivo e os outros deuses irados” [Tito Lívio]***

Os portugueses contam que, num certo momento de sua conquista da Índia, reuniram soldados que haviam condenado por horríveis abominações, para lutarem sem nenhuma outra disposição senão causar sua própria morte ou permanecer vitoriosos; e tiveram suas cabeças e barbas raspadas em sinal deste voto. Para nós é muito relevante aventurar-se e obstinar-se: parece como se os ataques evitassem aqueles que a eles se apresentam com muita ênfase, e não incidem de boa vontade sobre aqueles que os buscam com demasiada disposição, assim frustrando-os em seus desígnios. Todavia houve quem, depois de ter tentado todos os caminhos e não sendo capaz com todo o seu empenho de obter o benefício de morrer pela mão do inimigo, foi constrangido a tomar a boa resolução de trazer a honra da vitória para casa ou desperdiçar sua vida, matando-se no calor da batalha. Disso há outros exemplos; este é mais um: Filisto, general da armada do jovem Dionísio contra os Siracusanos, ofereceu-lhes batalha que foi violentamente disputada, sendo ambas as forças equivalentes: neste combate, primeiro ele levou a melhor, pelo seu próprio valor: mas os Siracusanos o atraíram sobre seu galeão e o cercaram; depois de ter feito grandes coisas por si mesmo para libertar-se e sem esperança de nenhuma assistência, com sua própria mão tirou a vida que tão liberal e futilmente havia exposto ao inimigo.

Mulá Moloch, rei de Fez que recentemente venceu Sebastião, rei de Portugal, numa batalha deveras famosa pela morte de três reis e pela transmissão daquele grande reino para a coroa de Castela, estava extremamente enfermo quando os portugueses invadiram os seus domínios de forma hostil e daquele dia em diante piorou cada vez mais, tornando ainda mais próximo e previsível o seu fim; contudo nenhum homem jamais empregou melhor sua própria suficiência com mais vigor e bravura do que ele fez nessa ocasião. Ele estava muito fraco para submeter-se à pompa e cerimônia de entrar em seu acampamento, cujas regras de etiqueta eram deveras magníficas, então resignou aquela distinção a seu irmão; mas tudo isto era no gabinete de um general que ele havia demitido; do que restava de maior utilidade e necessidade ele fez a maior parte, tudo exata e gloriosamente

executado por sua própria pessoa; seu corpo jazendo em um sofá, mas seu julgamento e coragem firmes e verticais até o último suspiro, e de alguma forma além disso. Ele poderia ter destruído o inimigo imprudentemente avançado nos seus domínios sem dar um golpe; e constituiu uma contingência muito infeliz que pelo desejo de um pouco de vida ou de alguém para substituí-lo na condução dessa guerra e dos negócios de um estado perturbado ele fosse compelido a buscar uma vitória duvidosa e sangrenta, não dispondo de outro caminho melhor e mais seguro em suas mãos. Não obstante, administrou maravilhosamente o agravamento de sua doença consumindo o inimigo, arrastando-o para longe da ajuda da marinha e dos portos que estava usando na costa da África, até o último dia de sua vida, que intencionalmente reservou para essa grande batalha. Ele organizou os batalhões em forma de círculo, envolvendo o exército português por todos os lados, apertando o cerco e aproximando-se, não só impedindo-o de combater (pois era muito impetuoso, em razão do valor do jovem rei invasor), considerando que tiveram todos os meios para apresentar uma frente, mas preveniu sua fuga depois da derrota, bloqueando todas as possíveis passagens defendidas pelo inimigo, que foi constringido a se juntar novamente:

“Coacerveturque non solum caede, sed etiam fuga,”

“Amontoados não apenas na carnificina, mas na fuga”

; e lá foram mortos aos montes, um depois do outro, deixando ao conquistador uma vitória muito sangrenta e total. Morrendo, apressou-se em se fazer conduzir de lugar em lugar onde era mais necessário, e passando ao longo das tropas, encorajou os capitães e soldados um a um; mas como um ângulo do seu principal batalhão estava rompido, não conseguiu conservar-se montado no cavalo com a espada na mão; ele fez o máximo para atravessar e chegar ao grosso da batalha, sendo o tempo todo retido, alguns agarrando suas rédeas, outros seu manto, outros os seus estribos. Este último esforço subjugou completamente o pouco de vida que lhe restava; os soldados o puseram novamente em sua cama; mas voltando a si, aparentemente começou a definhar, todas as outras faculdades falhando, mas advertiu o seu pessoal a esconder sua morte o tempo suficiente para que transmitisse as ordens, que seus soldados não poderiam ser desencorajados com as notícias; então expirou com o dedo na boca, o sinal convencional para manter silêncio. Quem já viveu tanto e tão longe na morte? quem morreu tão ereto, ou mais como um homem?

O grau mais extremo para tratar a morte com valentia, e o mais natural, é olhar para ela não apenas sem espanto, mas sem preocupação, até mesmo prosseguindo no curso de vida habitual como fez Catão, que se distraiu nos estudos e foi dormir, tendo uma morte sangrenta e violenta em sua alma e nas mãos a arma com que resolveu se expedir.

Capítulo XXII

Sobre os despachos

Nunca tive a menor habilidade nesse exercício que é próprio dos homens da minha categoria: ser bem compacto e breve; mas curvo-me a isso; muito nos abala continuar alongando. Estava neste momento lendo sobre o Rei Ciro, o melhor para trazer notícias de todos os recantos do império, que era de muito vasta extensão, fazendo que se tentasse chegar tão longe quanto um cavalo podia percorrer sem descanso em um dia, e àquela distância designou homens cuja obrigação era ter cavalos sempre de prontidão, para montaria daqueles que foram despachados; e, dizem alguns, este método de postagem rápida é equivalente ao do vôo dos grous.

Diz César que Lúcio Vibúlio Rufus, tendo grande pressa de transmitir informações a Pompeu, montou noite e dia, levando ainda cavalos descansados para maior diligência e velocidade; e ele mesmo, como Suetônio reporta, viajava cem milhas por dia numa carruagem alugada; mas era um mensageiro arrebatado, pois onde os rios interrompiam o seu caminho ele os atravessava a nado, sem alterar o trajeto para procurar ponte ou vau. Tibério Nero, indo visitar seu irmão Druso que estava doente na Alemanha, viajou duzentas milhas em vinte e quatro horas, levando três cavalos treinados. Na guerra dos Romanos contra o Rei Antíoco, T. Semprônio Graco:

“Per dispositos equos prope incredibili celeritate ab

Amhissa tertio die Pellam pervenit”

“Por revezamentos de cavalos previamente organizados ele, com uma velocidade quase incrível, foi em três dias de Anfissa a Pela” [Tito Lívio]

E parece tratar-se de postos estabelecidos, e não cavalos deixados de propósito para essa ocasião.

A invenção de Cecina para trazer notícias à família era muito mais rápida, porque levou consigo andorinhas de casa, as quais retornavam para seus ninhos quando ele mandava quaisquer notícias: fixava nelas uma marca colorida representando o seu significado, de acordo com o que ele e seu pessoal haviam previamente combinado.

No teatro de Roma os chefes de família carregavam pombos no peito, nos quais amarravam cartas quando tinham a idéia de enviar qualquer ordem às pessoas em sua casa; os pombos foram treinados para voltarem com a resposta. D. Bruto empregou o mesmo dispositivo quando sitiou Modena, e outros fizeram a mesma coisa em outros lugares.

No Peru foram montados postos com homens que levavam sobre os ombros, num tipo de padiola confeccionada com aquele propósito; eles corriam com enorme agilidade e, em velocidade máxima, o primeiro mensageiro transferia sua carga ao segundo, sem fazer qualquer parada.

Entendo que na Valáquia os mensageiros do grande *Signior* executam viagens maravilhosas em razão da liberdade que têm de desmontar a primeira pessoa que encontram na estrada, dando-lhe seus próprios cavalos cansados; e para preservá-los do cansaço, cingem-nos com uma cinta larga diretamente sobre o meio do corpo; mas nunca pude encontrar qualquer vantagem em tal artifício.

Capítulo XXIII

Sobre os expedientes nefastos empregados com um bom propósito

Há uma extraordinária relação e concordância neste regime universal dos trabalhos da natureza, que muito bem faz parecer que não é acidental nem levado a cabo por artistas precipitados. As doenças e condições de nossos corpos são, de certa forma, manifestadas nos estados e governos: reinos e repúblicas são fundados, florescem e com a idade se deterioram, assim como nós. Estamos sujeitos a uma repleção de humores, inúteis e perigosos: aqueles que são bons (pois até mesmo os médicos deles têm medo, e observando que em nós nada há de estável, dizem que uma perfeição de saúde muito animada e vigorosa deve ser enfraquecida pela ciência a fim de que nossa natureza, incapaz de repousar em determinada condição e não tendo aonde ir para curar-se, faça uma retirada muito súbita e desordenada; e então prescrevem que para se qualificarem daquela saúde superabundante os praticantes de luta Romana devem purgar e sangrar) ou então uma fatura de maus humores que são a causa ordinária das doenças. Com muita freqüência os Estados adoecem pela mesma espécie de repleção, e geralmente são aplicados diversos tipos de purgação.

Por vezes uma grande multidão de famílias é expulsa para desobstruir o país, procurando novos domicílios num lugar e invadindo outros. Dessa maneira nossos ancestrais Francos vieram da parte mais remota da Alemanha para aprisionar os Gauleses e coagir os primeiros habitantes; foi assim aquele infinito dilúvio de homens quem invadiu a Itália sob a direção de Breno e outros; assim os Godos e Vândalos, e também o povo que agora ocupa a Grécia, deixando seu país nativo para se estabelecer em outro lugar onde poderia ter mais espaço; e há provavelmente apenas dois ou três cantos do mundo que não tenham sentido o efeito de tais transferências. Os Romanos estabeleceram suas colônias por esse método: percebendo sua cidade crescer imensamente populosa, a aliviaram das pessoas mais desnecessárias e as enviaram para que habitassem e cultivassem as terras por eles conquistadas; também por vezes sustentaram guerras deliberadas com alguns dos seus inimigos não apenas para manter seus próprios homens em ação, de medo que a ociosidade, mãe da corrupção, haveria de trazer sobre eles alguma inconveniência pior:

*“Et patimur longae pacis mala; saevior armis
Luxuria incumbit”*

“E nós sofremos os males de uma prolongada paz;
a luxúria é mais perniciosa que a guerra” [Juvenal]

, mas também para servir de sangria à sua República, dissipando um pouco o ardor muito veemente da sua juventude, podando e limpando os ramos dos troncos de tão exuberante floresta; foi com esta finalidade que mantiveram uma guerra tão longa com Cartago.

No tratado de Bretigny, Eduardo III, rei da Inglaterra, na paz geral que então firmou com nosso rei sobre a controvérsia quanto ao Ducado da Britânia, não compreendeu que ele deveria ter um lugar onde desembarcar seus soldados, e que o vasto número de ingleses que havia trazido para aqui servi-lo na expedição poderia não retornar para a Inglaterra. E foi também por esta razão que nosso Rei Filipe aceitou enviar seu filho João numa expedição ao estrangeiro, quando poderia levar um grande número de jovens homens ardorosos que então estavam a seu serviço.

Em nossos dias há muitos que falam de tal relação, ensejando que essa emoção calorosa agora presente entre nós poderia descarregar-se em alguma guerra de vizinhos, de medo que nem todos os mórbidos humores que agora reinam neste nosso corpo prudente possam mais adiante se difundir, podendo ainda manter a febre nas alturas e afinal causando nossa total ruína; e, a bem da verdade, um conflito no estrangeiro é muito mais tolerável que uma guerra civil; mas não creio que Deus vai favorecer tão injusto desígnio quanto ofender e disputar com outros para nossa própria vantagem:

*“Nil mihi tam valde placeat, Rhamnusia virgo,
Quod temere invitis suscipiatur heris”*

“A virgem de Ramnúsia nada me deixou de tão agradável que
não seja injustamente tomado dos proprietários relutantes” [Catulo]

É ainda a fraqueza da nossa condição a freqüentemente nos induzir à necessidade de fazer uso de meios perversos visando um bom resultado.

Licurgo, o mais perfeito e virtuoso legislador que jamais houve, inventou uma prática muito injusta de fazer o hilotas, que eram seus escravos, beberem à força, a fim de que os Espartanos, vendo-os tão perdidos e submersos no vinho, viessem a detestar os excessos desse vício. E eram ainda mais culpados os antigos que deram liberdade para que os criminosos, condenados a qualquer forma de execução, fossem retalhados vivos pelos médicos, os quais poderiam fazer uma verdadeira descoberta de nossas partes internas e construir sua ciência com maior precisão; pois, se tivermos de colidir com excessos, é mais desculpável fazê-lo pela saúde da alma que a do corpo; como os Romanos ensinaram ao povo a bravura e a desprezar a morte e os perigos através desses violentos espetáculos de gladiadores e esgrimistas que, tendo de lutar até o último, cortavam, mutilavam e matavam uns aos outros na sua presença:

*“Quid vesani aliud sibi vult ars impia ludi,
Quid mortes juvenum, quid sanguine pasta voluptas?”*

“Que outra finalidade a si mesma propõe a ímpia arte dos gladiadores, que
matança de homens jovens, que diversão alimentada com sangue?” [Prudêncio]

e esse costume prosseguiu no tempo do Imperador Teodósio:

*“Arripe dilatam tua, dux, in tempora famam,
Quodque patris superest, successor laudis habeto*

Nullus in urbe cadat, cujus sit poena voluptas....

Jam solis contenta feris, infamis arena

Nulla cruentatis homicidia ludat in armis”

“Príncipe, leve as honras proteladas por teu reino e suceda teus pais; daqui em diante não deixes que ninguém em Roma seja morto por esporte. Deixe que as bestas manchem de sangue a arena infame, e mais nenhum homicídio seja lá cometido” [Prudêncio]

Era, na verdade, um exemplo maravilhoso e de grande valia para instrução das pessoas, ver diariamente diante dos olhos cem, duzentos; não, mil pares de homens armados uns contra o outros, cortando-se aos pedaços com tão grande persistência de bravura que nunca foram ouvidos proferir uma única sílaba de fraqueza ou comiseração; nunca foram vistos virar suas costas, tampouco dar um passo covarde para evadir-se inesperadamente, mas antes expor seus pescoços às espadas dos adversários e apresentar-se para receber o golpe; e muitos deles, quando feridos de morte, perguntavam aos espectadores se eles estavam satisfeitos com seu comportamento, antes que fossem deixados para morrer na arena. Não era suficiente que lutassem e morressem corajosamente, mas também alegremente; tanto que eram vaiados e amaldiçoados se exibissem qualquer hesitação quanto a receber sua morte. As próprias garotas os instigavam:

“Consurgit ad ictus,

Et, quoties victor ferrum jugulo inserit, illa

Delicias ait esse suas, pectusque jacentis

Virgo modesta jubet converso pollice rumpi”

“A modesta virgem fica tão deleitada com o esporte que aplaude e impreca, e quando o vencedor banha sua espada no sangue da garganta do companheiro, ela diz que é seu prazer, e com polegar virado ordena que ele rasgue o seio da vítima prostrada” [Prudêncio]

Os primeiros Romanos só condenavam os criminosos a esse castigo: mas depois usaram também os inocentes escravos trabalhadores e até mesmo homens livres, que se vendiam para tal propósito; não, além desses, também os senadores e fidalgos de Roma, e até as mulheres:

“Nunc caput in mortem vendunt, et funus arena,

Atque hostem sibi quisque parat, cum bella quiescunt”

“Eles se vendem para morte e para o circo e, desde que as guerras cessaram, cada um faz de si mesmo um inimigo” [Manílio]

“Hos inter fremitus novosque lusus....

Stat sexus rudis insciusque ferri,

Et pugnas capit improbus viriles;”

“Entre esses novos e tumultuados esportes, o sexo frágil, inábil com as armas, obscenamente engajado em lutas varonis” [Estátio]

, o que eu haveria de achar incrível e bizarro se não estivéssemos acostumados a ver diariamente em nossas próprias guerras muitos milhares de homens de outras nações, por dinheiro apostar seu sangue e suas vida em querelas onde não têm nenhuma espécie de interesse.

Capítulo XXIV

Sobre a grandeza de Roma

Direi apenas uma palavra ou duas sobre este infinito argumento para mostrar a simplicidade daqueles que equiparam a lamentável grandeza destes tempos com os de Roma. No sétimo livro das Epístolas Familiares de Cícero (o qual deixou os gramáticos desconcertados por aquele sobrenome de família que lhes agrada, pois em verdade não é muito adequado; em lugar de “Familiares” eles teriam empregado “ad Familiares” podendo juntar algo que os justifique por assim privá-los daquilo que diz Suetônio na *Vida de César*, onde havia um volume de cartas dos seus “ad Familiares”) há uma dirigida a César, então em Gaulês, em que Cícero repete estas palavras que estavam no final de outra carta que César lhe havia escrito: “No que concerne a Marcos Furius, que você a mim recomendou, eu o farei rei da Gália, e se você puder adiantar-me qualquer outro dos seus amigos, mande-o a mim”. Não era nenhuma novidade que um simples cidadão de Roma, como César era então, dispusesse de reinos, porque ele afastou o Rei Deiotaro para dar a cidade de Pérgamo a um cavaleiro chamado Mitridates; e inscreveu no registro de sua *Vida* diversas cidades por ele vendidas; e diz Suetônio que ele uma vez obteve do Rei Ptolomeu três milhões e seiscentas mil coroas, que eram suficientes para vender-lhe seu próprio reino:

“Tot Galatae, tot Pontus, tot Lydia, nummis”

“Tanto para a Galácia, tanto para Ponto, tanto para a Lídia” [Cláudio]

Marco Antônio afirmava que a grandeza do povo de Roma não era vista tanto pelo que eles tomaram, mas pelo que deram; e, realmente, algum tempo antes de Antônio eles haviam destronado um entre os restantes com tão maravilhosa autoridade que em toda a história Romana nada observei que melhor represente a altura do seu poder. Antíoco se apossou de todo o Egito e estava, além disso, pronto para conquistar Chipre e outros apêndices daquele império: ao evoluir em suas vitórias, C. Popílio veio ao Senado e quando na primeira audiência recusaram sua proteção até que primeiro lesse suas cartas, que depois o rei haveria de ler e considerar, Popílio deu uma volta sobre ele (Antíoco) com seu bastão dizendo: “Antes de te abalares deste círculo, dê-me uma resposta que eu possa levar ao Senado”. Antíoco, surpreso pela grosseria de tão positivo comando, depois de uma pequena pausa respondeu, “eu obedecerei a ordem do Senado”. Então Popílio o saudou como amigo do povo Romano.

Renunciar à reivindicação de tão grande monarquia e à trajetória de uma fortuna tão bem sucedida em decorrência de três linhas escritas! Ele verdadeiramente teve razão, como fez depois, para enviar a palavra do Senado através dos seus embaixadores, ele que havia recebido suas ordens com tanto respeito quanto se tivessem vindo dos deuses imortais.

Todos os reinos que Augusto conquistou pelo direito de guerra ele restabeleceu àqueles que os haviam perdido ou presenteou-os a estrangeiros. Tácito, falando de Cogidunus (rei da Inglaterra) em referência a isso, nos fornece um maravilhoso detalhe, exemplificando aquele infinito poder: os Romanos, diz ele, tinham por toda a antiguidade se habituado a deixar os reis que haviam subjogado na posse dos reinos, sob a sua autoridade:

“Ut haberent instrumentis servitutis et reges”

“Eles que podiam ter até mesmo os reis como escravos” [Tito Lívio]

É provável que Solimão, que vimos fazer presente da Hungria e de outros principados, tivesse naquilo mais respeito a esta consideração do que costumava alegar, isto é, ele ficou satisfeito e sobrecarregado demais com tantas monarquias e tantos domínios que sua própria intrepidez e a dos seus antepassados haviam conquistado.

Capítulo XXV

Não fingir estar doente

Há em Marcial um epigrama, e um dos muito bons – porque nele há de todos os tipos – onde ele conta prazerosamente a história de Caélio, que para evitar fazer homenagens a alguns grandes de Roma, levantou-se e esperando para recebê-los fora da casa, simulou um ataque de gota; e para dar melhor aparência de autenticidade, ungiu suas pernas e as manteve envoltas por grandes bandagens, imitando perfeitamente os gestos e feições de uma pessoa gotosa; até que por fim, a Fortuna teve a gentileza de fazê-lo realmente uma:

“Quantum curs potest et ars doloris

Desiit fingere Caelius podagram”

“Como é grande o poder de simular a dor: Caélio deixou de fingir ter gota; ele tem mesmo” [Marcial]

Penso ter lido uma história assim nalgum lugar em Apiano, de alguém que para escapar das proscricções dos triúviro de Roma e garantir melhor esconder-se daqueles que o procuravam, ocultou-se sob um disfarce e ainda adicionou esta invenção: fingir não ter senão um olho; mas quando veio a gozar de um pouco mais de liberdade e removeu o gesso por muito tempo aplicado sobre o olho, descobriu que realmente tinha perdido toda a visão dele, e em definitivo. É possível que a atividade da visão tenha ficado entorpecida por tanto tempo sem exercício, e que a capacidade ótica tenha sido completamente removida daquele olho: porque evidentemente percebemos que o olho que mantemos fechado envia alguma parte da sua virtude ao companheiro, de forma que este dilatará e crescerá mais; e assim a inação, com o aquecimento das ligaduras e gessos, podem muito bem trazer algo do humor gotoso no dissimulador de Marcial.

Lendo em Froissart o juramento de uma tropa de jovens cavalheiros ingleses, de manter seus olhos esquerdos tapados até que tivessem chegado à França e executado alguma façanha notável sobre nós, fui freqüentemente divertido por este pensamento: que poderia ter-lhes sucedido o mesmo que a esses outros e então haveriam de voltar com apenas um olho para suas amantes, por cujo amor tinham feito esse voto ridículo.

As mães têm razão de exprobrar seus filhos quando estes simulam cegueira, estrabismo, coxeadura ou qualquer outro defeito pessoal; pois, sendo seus corpos ainda tão delicados, podem estar sujeitos a adquirir alguma tendência doentia; a fortuna, não sei como, por vezes parece se deliciar em nos tomar por nossa palavra; e ouvi muitos exemplos relativos a pessoas que realmente ficaram doentes por somente fingirem sê-lo. Sempre costumei, seja a pé ou a cavalo, levar um bastão em minha mão, e até mesmo afetar fazê-lo com um ar elegante; muitos têm ameaçado que essa extravagância irá um dia transformar-se em necessidade: nesse caso, seria o primeiro de minha família ter gota.

Mas deixe-me alongar um pouco este capítulo acrescentando outro incidente relacionado à cegueira. Plínio fala sobre alguém que, sonhando que estava cego, pela manhã na verdade encontrou-se sem nada da precedente debilidade em seus olhos. Neste caso a força de imaginação poderia colaborar, como já mencionei em outro lugar, e Plínio parece ser da mesma opinião; mas é mais provável que os movimentos interiores sentidos pelo corpo – cuja origem os médicos, se lhes aprouver, podem descobrir – arrebatarem a sua visão: era o ensejo do sonho dele.

Deixe-me adicionar outra história, não muito imprópria para este tema, que Sêneca relata em uma das suas epístolas: “Você sabe”, ele diz, escrevendo a Lucílio, “que Harpaste, a boba da minha esposa, está dependente de mim como um encargo hereditário, porque naturalmente tenho aversão a esses monstros; se eu tiver a idéia de rir de um tolo, não preciso procurar longe: posso rir de mim mesmo. Essa boba perdeu sua visão repentinamente: eu lhe falo algo estranho, mas é uma coisa muito verdadeira que ela não sabe que é cega, mas importuna eternamente seu guardião para que a leve para fora de casa, porque ela diz que o interior é escuro. O que rimos nela, eu lhe peço que acredite, acontece a cada um de nós: ninguém se reconhece como ávido ou avarento; e, novamente, a cega chama por um guia, enquanto nós vagueamos por nosso próprio acordo. Eu não sou ambicioso, nós dizemos; mas de outra forma um homem não pode viver em Roma; eu não sou esbanjador, mas a cidade requer um grande desembolso; e não é culpa minha se sou colérico – se contudo ainda não estabeleci qualquer rumo de vida apropriado: é a falta de juventude. Não vamos procurar a doença em nós mesmos; ela está em nós, plantada em nossos intestinos; e o mero fato de que não nos apercebemos de estar doentes torna a cura mais difícil. Se em tempo não começarmos a cuidar de nós mesmos, quando seremos precavidos para as tantas feridas e males de que possivelmente abundamos? E ainda temos o mais doce e encantador paliativo na filosofia; pois de todo o resto estamos cientes de nada desfrutar até a cura: ela agrada e remedia imediatamente”. Isto é o que Sêneca diz, e isso me desviou do meu assunto, mas há vantagem na mudança.

Capítulo XXVI

Sobre os polegares

Tácito relata que entre certos reis bárbaros havia um costume, quando estabeleciam um compromisso resoluto, de unir intimamente as mãos direitas um do outro e entrelaçar os respectivos polegares; e quando, em virtude de esforço, pareciam estar no fim, eles os picavam levemente com algum instrumento afiado e se chupavam mutuamente.

Dizem os médicos que os polegares são os principais dedos das mãos e que sua etimologia Latina é derivada de *“pollere”*. Os Gregos os chamavam *‘Avtixeiρ’*, como quem quisesse dizer ‘outra mão’. E parece que os Latinos também às vezes o tomavam neste sentido, pela mão inteira:

***“Sed nec vocibus excitata blandis,
Molli pollicis nec rogata, surgit”***

“Não ser estimulado através de palavras suaves ou pelo dedo polegar” [Marcial]

Havia em Roma um significado favorável em inclinar e virar os polegares para baixo:

“Fautor utroque tuum laudabit pollice ludum:”

“Teu protetor aplaudirá teu divertimento com ambos os polegares” [Horácio]

e desfavorável em elevá-los e empurrá-los para fora:

***“Converso pollice vulgi,
Quemlibet occidunt populariter”***

“A população, com polegares invertidos, mata todos que venham diante dela” [Juvenal]

Todos os Romanos dispensados da guerra tinham seus polegares mutilados, não tendo mais força suficiente para empunhar suas armas. Augusto confiscou as propriedades de um fidalgo romano que maliciosamente amputou os polegares de seus dois filhos jovens para dispensá-los dos exércitos; e, antes dele o Senado, no tempo da guerra Itálica, havia condenado Caio Vátieno à prisão perpétua e confiscado todos os seus bens por ter cortado propositadamente o polegar da sua mão esquerda para isentar-se daquela expedição.

Houve outros, esqueci quem, que tendo vencido uma batalha naval, cortaram os polegares de todos os inimigos derrotados, deixando-os incapazes de lutar e de manipular os remos. Os atenienses também mandaram cortar os polegares dos Æginatânios, privando-os da superioridade na arte da navegação.

Na Lacedemônia os pedagogos castigavam os estudantes mordendo seus polegares.

Capítulo XXVII

A covardia é a mãe da crueldade

Ouvi freqüentemente dizer que a covardia é mãe de crueldade; e por experiência percebi que a malícia feroz e a animosidade desumana são usualmente acompanhadas pela fragilidade feminina. Vi que as pessoas mais cruéis, em ocasiões frívolas, eram capazes de chorar. Alexandre, o tirano de Feres, não se atrevia a assistir as tragédias no teatro, de medo que os cidadãos pudessem vê-lo a lamentar os infortúnios de Hécuba e Andrômaco, ele que impietosamente fez tantas pessoas serem assassinadas todos os dias. Não é a perversidade de espírito que nos faz tão flexíveis em todas as extremidades? A bravura, cujo resultado é somente exercitado contra a resistência

“Nec nisi bellantis gaudet cervice juvenci”

“Nem a um touro agrada matar, a menos que ele resista” [Cláudio]

, cessa quando vê o inimigo à sua mercê; mas é pusilanimidade dizer que também se estava no jogo, não tendo ousado intrometer-se no primeiro ato de perigo e tomando parte no segundo, de carnificina e massacre. Nas vitórias os assassinatos geralmente são executados por velhacos e parasitas de um exército, que causa muitas crueldades desconhecidas nas guerras domésticas; essa canalha que faz guerra mergulhando os cotovelos em sangue, rasgando um corpo que jaz prostrado a seus pés, não tendo senso algum de qualquer outro valor:

***“Et lupus, et turpes instant morientibus ursi,
Et quaecunque minor nobilitate fera est:”***

“Os lobos e os ursos imundos, e todas as bestas mais abjetas, caem sobre os que morrem” [Ovídio]

, como os cachorros covardes que em casa rasgam e laceram as peles de animais selvagens e deles não ousam aproximar-se em campo aberto. O que nestes tempos torna nossas querelas tão mortais; e que, considerando como nossos pais tiveram certa tendência para a vingança, e agora começamos com os últimos dos nossos, e que no primeiro encontro nada deve ser dito senão: mate? O que é isto além de covardia? Toda pessoa é consciente de haver mais bravura e altivez em subjugar o inimigo do que em cortar sua garganta; mais em fazê-lo render-se do que eliminando-o com a espada: além disso o apetite pela vingança será melhor satisfeito e contentado porque seu único propósito é fazer-se sentir: e esta é a razão por que não nos desavimos com um animal ou uma pedra quando eles nos ferem, porque eles não são capazes de se conscientizar de nossa vingança; e matar um homem é poupá-lo da injúria e da afronta que planejamos. E como Bias clamou para um mau camarada: “sei que cedo ou tarde terás tua recompensa, mas receio que não testemunharei isso” [Plutarco], e apiedou-se dos Orcomenianos, cuja penitência de Licisco pela traição cometida contra eles chegou numa época quando ninguém permanecia vivo entre aqueles que se haviam envolvido na ofensa, e a quem o prazer desse castigo deveria afetar: então da vingança será obtida a piedade, quando aquele que é executado for privado dos meios de sofrer: pois como o vingador poderá desfrutar o prazer da sua vingança sem que a pessoa em quem ele executa a vingança também assista, se aflija e se arrependa. “Ele irá

arrepende-se disto”, nós dizemos, e porque lhe damos um tiro de pistola na cabeça, imaginamos que ele se arrependerá? Pelo contrário, se apenas observarmos, veremos que ele nos faz caretas enquanto cai, e assim está longe da penitência, que ele nada faz além de lamentar-nos; e nós lhe concedemos a condição de vida mais complacente que é a morte indolor: e logo depois somos nós a nos esconder, mudar e fugir dos oficiais de justiça que nos procuram enquanto ele ainda repousa. Matar é bom para frustrar uma ofensa por vir, não para vingar uma que já passou; mais um ato de temor do que de bravura; antes de precaução que de coragem; de defesa do que de iniciativa. É manifesto que por isso perdemos a verdadeira finalidade da vingança e também o cuidado de nossa reputação; nós temos medo, se ele viver nos fará outra injúria tão grande quanto a primeira; não é pela animosidade dele, mas pelo cuidado de ti mesmo que pretendes desembaraçar-te dele. No reino de Narsinga esse expediente nos seria inútil; onde não há somente soldados, mas também negociantes, as diferenças acabam pela espada. O rei nunca nega campo a qualquer um desejoso de combater; e quando são pessoas de qualidade; ele considera, recompensando o vencedor com uma corrente de ouro – pois qualquer um que agrada pode lutar novamente com ele, de forma que, retirando-se de um combate, engajou-se em muitos outros.

Se cogitarmos através da virtude sermos sempre mestres de nossos inimigos e triunfar sobre eles à vontade, deveríamos lamentar que eles escapem de nós como fazem, morrendo: mas temos a idéia de conquistar, mais com segurança do que com honra e, em nossa disputa, mais buscamos o fim que a glória. Asnio Pólio que, sendo um homem de mérito, era menos escusável, cometeu erro semelhante quando, escrevendo uma calúnia contra Planco, impediu sua publicação até que estivesse morto; que é morder o polegar de um homem cego, cercar um surdo, ferir um homem que não tem nenhuma sensibilidade, em lugar de correr o risco do ressentimento dele. Ele também disse que só era para os fantasmas lutarem com o morto. Daquele que fica para ver morrer o autor cujos escritos pretende questionar, o que dizer senão que é débil em sua agressividade? Isso foi dito a Aristóteles de quem alguém havia falado mal: “Deixe-o fazer mais” ele disse; “e deixe-me também chicoteá-lo, contanto que eu não esteja lá”.

Nossos pais contentavam-se em desforrar o insulto com a mentira, a mentira com uma bofetada, e assim por diante; eram valorosos o bastante para não temer seus adversários, vivendo e desafiando o que nós trememos de medo tão logo vemos aos nossos pés. E que isto é assim, não faz entender nossa nobre prática destes dias, de igualmente processar pela morte aquele que nos ofendeu e aquele a quem ofendemos? Foi também uma forma de covardia que introduziu o costume de ter segundos, terceiros e quartos em nossos duelos: antigamente eram duelos; agora são escaramuças, rencontres, batalhas. A solidão era sem dúvida terrível para esses que primeiro inventaram tal prática:

Quum in se cuique minimum fiducia esset”

, pois é natural que no perigo qualquer companhia nos console. Os terceiros foram chamados exclusivamente para prevenir as desordens e o jogo sujo de antigamente, bem como testemunhar a sorte do combate; mas agora passaram a trazer testemunhas pessoalmente envolvidas; quem for convidado não pode elegantemente portar-se como um espectador independente, temendo ser suspeitado de alguma carência de afeição ou de coragem. Além da injustiça e indignidade de tal atitude, de engajar outra força e valor que não os seus próprios na proteção de sua honra, concebo nisso uma desvantagem para um homem valente e que confia absolutamente em si, para arrastar sua fortuna com aquela de um segundo; cada pessoa se aventura suficientemente sem arriscar outros, e tem o bastante para se assegurar do seu próprio valor na defesa de sua vida, sem incumbir de uma coisa tão cara as mãos de um terceiro homem. Pois, se não for antes concordado expressamente o contrário, trata-se de uma reunião combinada de todos os quatro, e se seu segundo for morto, você ainda tem dois com quem negociar, com boas razões; e de dizer que é jogo sujo, como realmente é, bem armado atacar um homem que não tem mais que o cabo de uma espada quebrada em sua mão, ou, ileso e intacto, golpear um homem que está desesperadamente ferido: mas se são essas as vantagens que você tem na luta, pode delas fazer uso sem repreensão. A disparidade e a desigualdade são pesadas e consideradas apenas pela condição dos combatentes quando começam; quanto ao resto, você tem de se aventurar: se entretanto enfrentou sozinho três inimigos simultaneamente, sendo mortos seus dois companheiros, você não erra mais do que eu faria, se devesse entrar numa batalha, em com idêntica vantagem perseguir um homem a quem deveria ver comprometido com um de nossos próprios homens. A natureza da sociedade admitirá isso da mesma forma que onde há tropa contra tropa, como onde nosso Duque de Órleans desafiou Henrique, rei da Inglaterra, cem contra cem; trezentos contra outros tantos, como os Argianos contra os Lacedemônios; três para três, como os Horatii contra os Curiatii; a multidão em qualquer lado não é considerada senão como um único homem: o perigo encontra-se confuso e misturado onde quer que haja companhia.

Neste discurso tenho um interesse doméstico pois meu irmão, o *Seigneur* de Mattecoulom, foi em Roma inquirido por um cavalheiro com quem ele não tinha nenhuma grande intimidade – o qual era um desafiador acusado por outro – para ser o seu segundo; nesse duelo ele se encontrou muito melhor emparelhado com um cavalheiro seu conhecido. (De bom grado darei uma explicação dessas regras de honra que tão freqüentemente chocam e desconcertam as pessoas de bom senso). Depois de ter despachado o seu homem, vendo os dois principais ainda em pé e ilesos, apressou-se em desembaraçar seu amigo. O que poderia fazer de menos? deveria ter ficado imóvel, e se a oportunidade assim tivesse ordenado, pareceria que ele tinha vindo até ali para amparar o morto diante dos seus olhos? o que ele até agora fizera em nada ajudou a solucionar o negócio; a disputa era ainda indecisa. A cortesia que você pode (e certamente deve) exibir ao inimigo quando o reduziu a uma condição desfavorável e obteve uma grande superioridade sobre ele, não vejo como poderia fazê-lo onde o interesse de outro está envolvido, onde você foi chamado apenas como assistente e a disputa em nada lhe concerne: não poderia ser justo nem cortês, visto que a casualidade ali o colocou para secundar. E ele foi então poupado das prisões da Itália pelo solene e célere pedido de nosso rei. Nação indiscreta! não satisfeitos de tornar nossos vícios e loucuras conhecidos pelo mundo apenas através de relatos, temos de penetrar em países estrangeiros e lá exibir a todos o quão tolos somos. Ponha três Franceses nos desertos de Líbia: eles não

viverão juntos um mês sem peleja; de forma que se atribuiria a essa peregrinação o propósito de uma coisa projetada para dar aos estrangeiros o prazer das nossas tragédias e, para a maior parte deles, motivo para rir e rejubilar-se de nossas misérias. Entramos na Itália para aprender a esgrima e exercitamos a ciência às custas de nossas vidas antes de a apreendermos; e ainda, pelas regras da disciplina, devíamos pôr a teoria antes da prática. Não nos revelamos senão como aprendizes:

***“Primitiae juvenum miserae, bellique futuri
Dura rudimenta”***

“Miseráveis as primitivas tentativas da juventude, e difíceis os fundamentos para abordar a guerra” [Virgílio]

Sei que a esgrima é uma arte muito útil para seu objetivo (num duelo entre dois príncipes, primos germânicos, na Espanha, diz Tito Lívio que o mais velho, por sua habilidade e destreza com os braços, superou facilmente a força maior e mais desajeitada do mais jovem), e cujo conhecimento, como sei por experiência, inspirou em alguns uma bravura acima da sua medida natural; mas isso não é propriamente meritório, porque se sustenta na atitude e é fundado em algo além de si mesmo. A honra do combate consiste no ciúme da coragem, não da habilidade; conheci outrora um amigo, afamado como grande mestre neste exercício, que em suas disputas escolhia armas tais que poderiam privá-lo da primazia da qual dependiam completamente sua fortuna e segurança, que poderiam não atribuir sua vitória tanto à habilidade na esgrima quanto ao heroísmo. Quando eu era jovem, os cavaleiros evitavam a reputação de bons esgrimistas como prejudicial, e aprendiam a esgrima com toda privacidade imaginável e como um intercâmbio de sutilezas, aviltante para o verdadeiro e natural valor:

***“Non schivar non parar, non ritirarsi,
Voglion costor, ne qui destrezza ha parte;
Non danno i colpi or finti, or pieni, or scarsi!
Toglie l'ira a il furor l'uso de l'arte.
Odi le spade orribilmente utarsi
A mezzo il ferro; il pie d'orma non parte,
Sempre a il pie fermo, a la man sempre in moto;
Ne scende taglio in van, ne punta a voto”***

***“Eles não se encolhem, nem buscam a vantagem do chão,
Eles não atravessam, nem saltam de um lado para outro,
Seus golpes não são falsos nem dissimulados:
Em luta, sua raiva não os deixaria empregar nenhuma arte
Suas espadas se encontram com terrível estrépito,
Seus pés são rápidos, não se agitam ou levantam,
Eles movem suas mãos, seus pés permanecem firmes.
Não assumem atacar nem repelir, ou golpear em vão”***

[Tasso, tradução de Fairfax]

Alvos, contendias e barreiras, o estratagema das lutas bélicas, eram os exercícios de nossos antepassados: este outro é um exercício um tanto menos nobre, atinente apenas a um propósito privado; ele nos ensina a destruir uns aos outros ao arripio da lei e da justiça, e que de qualquer forma produz sempre efeitos muito perversos. É muito mais meritório e conveniente nos exercitarmos em coisas que fortalecem do que naquelas voltadas a debilitar nosso governo, cuidar da segurança pública e da glória comum. O cônsul Públio Rutílio foi o primeiro a ensinar os soldados a controlarem suas armas com habilidade, e uniu a arte ao valor, não para promover a querela privada, mas para a guerra e as disputas do povo de Roma; uma defesa popular e civil. A exemplo de César, ordenando a seus homens que atirassem principalmente no rosto dos soldados de Pompeu na batalha de Farsália, mil outros chefes têm também porfiado em inventar novos tipos de arma e novas maneiras de atacar e defender, de acordo com o que requer a ocasião.

Mas como Filopêmen desaprovou a luta romana, na qual exceu, porque os preparativos nela empregados diferiam daqueles pertinentes à disciplina militar à qual ele entendia que apenas homens de honra deviam aplicar-se completamente; assim me parece que essa atenção dedicada à constituição de nossos membros, essas contorções e movimentos ensinados aos jovens rapazes nessa nova escola, não são apenas inúteis, mas bastante contrários e prejudiciais à prática da luta em batalha; e geralmente nosso povo também emprega armas particulares, peculiarmente projetadas para duelo; e eu vi, quando foi censurado, um fidalgo que desafiou para uma luta com florete e punhal aparecer no local com um traje de soldado, e que o outro deveria levar seu capote em vez da sua adaga. É digno de consideração que Laches (em Platão), falando da aprendizagem de esgrimir à nossa maneira, diz que nunca conheceu qualquer grande soldado saído daquela escola, especialmente os mestres dela; realmente, como para eles, nossa experiência conta muito. Quanto ao resto, podemos pelo menos concluir que são qualidades sem nenhuma relação ou correspondência; e na educação das crianças do seu governo, Platão interdita as artes do pugilismo, introduzida por Amico e Epeio, e da luta romana, por Anteu e Cécio, porque eles não têm outro objetivo senão preparar a juventude para o serviço militar e em nada contribui para isso. Mas percebo que divaguei um pouco do meu tema.

O Imperador Maurício, sendo através de sonhos e diversos prognósticos advertido que Focas, um soldado obscuro, haveria de assassiná-lo, interrogou de seu genro Filipe quem era esse Focas, qual era sua natureza, qualidades e maneiras; e tão logo Filipe, entre outras coisas, lhe dissesse que o sujeito era tímido e covarde, o imperador imediatamente concluiu que tratar-se de um assassino cruel.

O que torna os tiranos tão sanguinários? É somente a inquietação pela própria segurança, cujos corações pusilâmines não podem contar com outros meios para se afiançar senão exterminando aqueles que os possam ferir, assim como muitas mulheres, por medo de um arranhão:

“Cuncta ferit, dum cuncta timer”

“Ele ataca tudo que o atemoriza” [Cláudio]

As primeiras crueldades são executadas por si mesmas, emanadas do receio de uma vingança justa, e depois produzem um encadeamento de novas brutalidades para obliterar umas às outras. Filipe, rei da Macedônia – que tanto teve a ver com as agitações do povo de Roma –, horrorizado pelos diversos assassinatos cometidos por sua ordem e duvidando ser capaz de se manter protegido de tantas famílias, várias vezes mortalmente injuriadas e ofendidas por ele, resolveu seqüestrar todos os filhos daqueles cuja morte havia causado, despachando-os dia após dia, e assim decretando sua própria tranqüilidade.

Quando bem colocado, um tema distinto nunca é impertinente; então eu, que mais considero o peso e a utilidade daquilo que entrego do que sua ordem e conexão, não preciso ter receio de inserir neste lugar uma excelente história, embora seja pouco a propósito; pois quando são ricas em sua própria beleza nativa e podem justificar-se, a mínima ponta de cabelo servirá para trazê-las ao meu raciocínio.

Entre outros condenados por Filipe havia um tal Heródico, príncipe da Tessália; depois ele teve, além disso, dois genros seus cuja morte provocou, cada um deixando para trás um filho muito jovem. Teoxena e Archo eram suas duas viúvas. Teoxena, conquanto altamente cortejada, não pôde ser persuadida a se casar de novo: Archo casou-se com Poris, o maior homem entre os Ænianos, e com ele teve muitos filhos aos quais, ao morrer, deixou numa idade muito delicada.

Teoxena foi movida por uma indulgência maternal para com seus sobrinhos, que ela poderia ter sob seus próprios olhos e debaixo da própria proteção casando-se com Poris: logo a seguir vem a proclamação de um édito do rei. Essa mãe de espírito valente, suspeitando da crueldade de Filipe e atemorizada pela insolência dos soldados com aquelas crianças jovens e encantadoras, foi corajosa o bastante para declarar que preferia matá-las com as próprias mãos a entregá-las. Poris, assustado por esse protesto, prometeu-lhe que as raptaria e transportaria a Atenas e lá as confiaria à custódia de alguns amigos fiéis. Eles então aproveitaram a oportunidade de um banquete anual que era celebrado em Ænia em honra de Æneas, e para lá se dirigiram. Tendo durante o dia comparecido às cerimônias públicas e banquete, à noite seguiram secretamente para uma embarcação deixada pronta esse propósito, escapar através do mar. O vento patenteou-se contrário e pela manhã achavam-se à vista da terra de onde foram lançados durante a noite, sendo procurados pelos guardas do porto; Poris, que percebeu o perigo, empenhou tudo o que pôde para compelir os marinheiros a fazerem o máximo e escaparem dos perseguidores. Mas Teoxena, frenética de afeição e vingança em conseqüência de sua resolução anterior, preparara armas e veneno, e expondo-os diante delas disse “Vamos, meus filhos; agora a morte é o único meio para sua defesa e liberdade, e dará oportunidade dos deuses exercitarem sua justiça sagrada: estas espadas afiadas e estas taças cheias abrirão o seu caminho até eles; coragem, nada de medo! E tu, meu filho, que és o primogênito, tomes esta lâmina em tuas mãos e que possas morrer da maneira mais corajosa”. Tendo as crianças a seu lado tão poderosa conselheira e no outro o inimigo às suas gargantas, correram todas avidamente para o que estava mais próximo às suas mãos; e, semimortas, foram lançadas ao mar. Teoxena, orgulhosa de ter assim provido gloriosamente a segurança das crianças, apertou seus braços com grande afeto em torno do pescoço do marido. “Vamos, meu amigo”, disse ela, “sigamos esses meninos e desfrutemos do mesmo sepulcro deles”; e, assim abraçados, lançaram-se precipitadamente no mar; de forma que o navio foi levado de volta ao porto sem os proprietários.

Os tiranos, para ao mesmo tempo matar e fazer sentir seu ódio, empregaram sua capacidade para inventar as mais prolongadas torturas. Eles terão os inimigos despachados, mas não tão rápido que não possam ter o lazer de experimentar sua vingança. E nisso eles estão rigorosamente desorientados: pois se os tormentos infligidos forem violentos, serão curtos; se prolongados, não serão tão dolorosos como eles desejam; e assim se corrompem na escolha da maior crueldade. Disso temos mil exemplos na antiguidade e não sei se nós, inopinadamente, não retemos alguns traços dessa barbaridade.

Tudo aquilo que excede a simples morte me parece absoluta crueldade. Nossa justiça não pode esperar que aquele a quem o medo de morrer decapitado ou enforcado não pode conter seria mais intimidado por imaginar um débil fogo, as tenazes ou a roda. E não sei se enquanto isso não os lançamos em desespero; pois em que condição pode estar a alma de um homem, esperando vinte e quatro horas no mesmo lugar para ser esmagado em uma roda, ou conforme o antigo costume, pregado numa cruz? Josefo relata que na época da guerra que os Romanos fizeram na Judéia, aconteceu-lhe passar por onde haviam três dias antes crucificado certos judeus e entre eles reconheceu três dos seus próprios amigos; ele diz que obteve o benefício de retirá-los; dois deles morreram, mas o terceiro ainda viveu um bom tempo depois.

Calcôndilas, escritor de bom crédito, deixou em seus registros eventos que aconteceram na sua época e perto dela; conta como mais imoderados tormentos que o Imperador Maomé praticava muito freqüentemente, de cortar os homens pelo meio através do diafragma com um golpe de cimitarra, de onde se segue que (por assim dizer) sofriam duas mortes simultaneamente; diz ele que ambas as partes, de um lado e de outro, foram vistas mexer-se e se contorcer muito tempo depois, em grande sofrimento. Não penso que havia qualquer grande agonia neste movimento; os tormentos mais terríveis de olhar nem sempre são os piores de suportar; e considero mais horrendo e cruel o que outros historiadores relatam ter sido por ele [Maomé] praticado sobre os senhores do Epiro, onde foram condenados a ser esfolados vivos gradativamente e de forma tão maliciosa que quinze dias depois ainda continuavam naquela penúria.

E estes dois outros: Creso, logrando capturar um cavaleiro, o favorito do seu irmão Pantaleão, fez que o levassem para uma loja de pisoeiro onde foi esfolado e cardado com as agulhas e pentes relacionadas àquele comércio, até que ele morreu. George Sechel, principal líder dos camponeses da Polônia que tantas injúrias cometeu sob o título da Cruzada, sendo derrotado em batalha e levado a Vayvode da Transilvânia, foi deixado nu por três dias na roda e exposto a todos os tipos de tormento que alguém poderia inventar contra ele: durante esse tempo muitos outros prisioneiros foram mantidos em absoluto jejum; no final, subsistindo, fizeram seu amado irmão Lucat, o único por quem ele implorou, assumindo a culpa de todas as más ações, beber o sangue dele, e ainda que vinte dos seus favoritos capitães dele se alimentassem, rasgando sua carne em pedaços com os

dentes e engolindo os bocados. Assim que ele expirou os restos do seu corpo e o intestino foram fervidos, e seus outros seguidores obrigados a comer.

Capítulo XXVIII

Todas as coisas têm o seu tempo

Comparar o Censor Catão com o jovem Catão, que se suicidou, é como confrontar duas naturezas exemplares, que muito se assemelham uma à outra. O primeiro adquiriu sua reputação por diversos meios e exceu nas façanhas militares a utilidade de suas ocupações públicas; mas a virtude do mais jovem, além de ser blasfêmia comparar a qualquer outro em vitalidade, era muito mais pura e sem mácula. Pois quem poderia perdoar o Censor da inveja e ambição, depois de ter ousado atacar a honra de Cipião, um homem dotado de bondade e de todas as outras excelentes qualidades infinitamente além dele ou de qualquer outro do seu tempo?

O que sobre ele relataram, entre outras coisas que na mais extrema velhice pôs-se a aprender a língua grega com tão ganancioso apetite, como se desejasse extinguir uma sede prolongada, não me parece fazer muito por sua honra; é isso o que corretamente denominamos 'entrar na segunda infância'. Todas as coisas têm sua estação, mesmo as boas, e posso dizer o meu *Paternoster* fora de hora; assim como acusaram T. Quinto Flaminio que, sendo general de um exército, foi visto rezar isoladamente no momento de uma batalha que venceu.

“Imponit finem sapiens et rebus honestis”

“O homem sábio limita até mesmo as coisas honestas” [Juvenal]

Eudemônidas, vendo Xenócrates quando muito velho ainda com os mesmos intentos em suas conferências escolásticas, disse: “Quando este homem será sábio, se ainda está aprendendo?” E Filopêmen, para aqueles que exaltavam o Rei Ptolomeu por seu costume de exercitar-se diariamente nas armas: “Não é recomendável para um rei da idade dele exercitar-se nessas coisas; agora ele deve realmente empregá-las”. Os jovens são aptos para os preparativos, os velhos para desfrutá-los, dizem os sábios: e o maior vício que em nós observam é que nossos desejos incessantemente crescem jovens de novo; estamos sempre recomeçando a viver.

Nossos estudos e desejos deveriam ser algum dia sensíveis à idade; contudo, temos um pé na sepultura e nossos apetites e perseguições ainda pululam novamente a cada dia dentro de nós:

“Tu secunda marmora

Locas sub ipsum funus, et, sepulcri

Immemor, struis domos”

“Em oposição ao tempo da morte você corta o mármore

para usar e, esquecido da tumba, erige casas” [Horácio]

O mais longo dos meus projetos não vai além da extensão de um ano; não penso agora em nada senão terminar; liberto-me de todas as novas esperanças e empreendimentos; faço minha última despedida de todo lugar de onde parto e diariamente me desaproprio do que possuo.

“Olim jam nec perit quicquam mihi, nec acquiritur ...

Plus superest viatici quam viae”

“Daqui em diante nada perderei, nem esperarei obter: tenho mais recursos para custear

minha viagem do que caminho para seguir” (ou) “Até agora nada de mim foi ganho ou perdido;

mais resta a pagar do caminho do que há propriamente caminho a percorrer” [Sêneca]

(O sentido parece ser até onde ele havia conhecido suas despesas, ainda que para o futuro fosse provável ter mais do que requeria).

“Vixi, et, quem dederat cursum fortuna, peregi”

“Eu vivi e terminei a carreira com a Fortuna colocada antes de mim” [Virgílio]

Esse é realmente o único conforto que encontro em minha velhice, a qual me mortifica com vários cuidados e desejos com que minha vida esteve transtornada; a apreensão de como o mundo vai, a preocupação com riquezas, grandeza, conhecimento, saúde, de mim mesmo. Há homens que estão aprendendo a falar quando deveriam aprender a ficar para sempre calados. Um homem sempre pode estudar, mas nem sempre deve ir para a escola; que coisa contemptível é um velho Abecedário! [Sêneca].

“Diversos diversa juvant; non omnibus annis

Omnia conveniunt”

“Diversas coisas deleitam muitos homens; nem todas as coisas são para todas as idades” [Pseudo Galo]

Se tivermos de estudar, vamos estudar o que é satisfatório à nossa presente condição, e poderemos responder como fez aquele a quem perguntaram qual a finalidade de aprender em sua idade decrépita: “porque eu posso partir melhor”, ele disse, “e com maior facilidade”. Tal estudo era o que o jovem Catão, sentindo o seu fim aproximar-se e que iria encontrar no Discurso de Platão sobre a Eternidade da Alma: não, como iremos acreditar, ele que estava não muito antes abastecido com todos os gêneros de provisão para tal partida; por segurança, uma vontade estabelecida e instruída, ele teve mais do que Platão em todos os seus escritos; neste aspecto seu conhecimento e coragem estavam acima da filosofia; ele se aplicou a esse estudo, não para obsequiar sua morte, mas como um homem cujo sono jamais foi transtornado pela importância de tal ponderação; ele também, sem escolha ou mudança, prosseguiu em seus estudos com as outras atividades costumeiras de sua vida. A noite em que lhe negaram a Pretoria ele desperdiçou no jogo; aquela em morreu, passou lendo. A perda ou de um cargo qualquer ou da vida, era tudo uma coisa só para ele.

Capítulo XXIX

Sobre a virtude

Por experiência conclui que muita coisa boa pode ser dita entre os vãos e as emoções da alma ou um hábito resoluto e constante; e percebo muito bem que não há nada que não possamos fazer, não, nem mesmo para ultrapassar a própria Divindade, diz uma certa pessoa, visto que é mais como tornar o homem impassível pelo seu próprio estudo e indústria do que assim ficar por sua condição natural; e até mesmo ser capaz de associar a imbecilidade de homem à fragilidade de um Deus – como resolução e segurança; mas é aos trancos e barrancos; e nas vidas desses heróis de tempos idos há por vezes impulsos miraculosos que parecem exceder infinitamente nossa força natural; mas são realmente apenas impulsos: é difícil acreditar que essas qualidades tão elevadas num homem poderiam tingir e embeber a alma tão completamente que eles haveriam de ficar ordinários e, por assim dizer, naturais em si mesmos. Ocorre acidentalmente até mesmo a nós, que não somos senão partos abortivos de homens, às vezes elevar nossas almas – quando despertados pelos discursos ou exemplos de outros – muito além da sua extensão normal; é uma espécie de paixão que os empurra e agita a algum tipo de arrebatamento de si mesmos: mas, uma vez superada essa perturbação, vemos que eles insensivelmente dão sinais de relaxamento, se não para o nível mais baixo, pelo menos para algo menor que antes; de tal maneira que em toda ocasião trivial, a perda de um pássaro ou a quebra de um copo, nós sofremos por sermos pouco menos comovidos que as pessoas comuns. Sou de opinião que excluídas a ordem, a moderação e a constância, todas as coisas feitas por um homem serão em geral muito imperfeitas e defeituosas. Portanto, dizem os Sábios, para fazer o correto juízo de um homem você deve inquirir especialmente sobre suas atividades comuns, surpreendê-lo em seus hábitos cotidianos. Pirro, que ergueu tão agradável conhecimento sobre a ignorância, empenhou-se – como, na verdade fizeram todos os demais filósofos – em porfiar para que sua vida correspondesse à sua doutrina. E porque sustentou que a imbecilidade do juízo humano seria tão extrema quanto era incapaz de qualquer escolha ou inclinação, e estaria perpetuamente oscilante e suspensa, considerando e recebendo todas as coisas indiferentemente, depois disseram que ele sempre se consolou com a mesma conduta e compostura: se tivesse começado um discurso, ele sempre terminava o que tinha de dizer, embora seu interlocutor tivesse ido embora; se caminhasse, nunca parava diante de qualquer impedimento no seu caminho, salvo precipícios, colisão com veículos e outros incidentes tais, pelo cuidado dos seus amigos: posto que temer ou evitar qualquer coisa seria colidir com suas próprias proposições, as quais privavam os próprios sentidos de toda escolha e certeza. Por vezes ele sofria cortes e escoriações com tão grande constância como nunca pudesse ser visto retrair-se. É algo para trazer a alma a estas reflexões; é mais para unir os resultados, e ainda não impossível; mas associá-los com tanta perseverança e constância quanto fazê-los habituais, é certamente, sobre tentativas tão distantes da prática geral, quase incrível de ser realizado. Sucedeu então que, seguindo um dia para casa repreendendo rispidamente sua irmã e sendo censurado por transgredir suas próprias regras de indiferença, ele disse: “O quê! devo também ser mordido por uma mulher para que sirva de testemunho às minhas regras?” Noutra ocasião, sendo visto defender-se de um cachorro, disse: “É muito difícil despir o homem totalmente; devemos nos empenhar e nos forçar para resistir e encontrar as coisas, em primeiro lugar pelos efeitos, mas ao menos através da razão e do argumento”.

Aproximadamente sete ou oito anos atrás um fazendeiro que ainda vive a umas duas léguas de minha casa, sendo por muito tempo atormentado com ciúmes da esposa, voltava um dia do trabalho para casa quando ela lhe dá as boas-vindas com os insultos costumeiros; apoderou-se dele tão grande fúria que, com a foice ainda nas mãos, cortou completamente todas aquelas partes causadoras de ciúme e lançou-as no rosto dela. E dizem que um jovem fidalgo de nossa nação, vivaz e amoroso, tendo pela perseverança afinal amolecido o coração de uma formosa amante, enfureceu-se tanto no ponto de fruição, vendo-se incapaz de levar a cabo, que

*“Nec viriliter
Iners senile penis extulit caput”*

(Os tradutores dos séculos XIX e XX deixaram estes versos de Tibulo sem explicação)

, e assim que chegou em casa ele se privou do membro rebelde e o enviou à amante, uma vítima sangrenta e cruel para expiação da sua ofensa. Se isso tivesse terminado numa consideração madura e levando em conta a religião, como fizeram os padres de Cibele, o que deveríamos dizer de tão elevada atitude?

Poucos dias atrás em Bergerac, rio Dordogne acima, a cinco léguas de minha casa, uma mulher passou a noite sendo agredida e abusada pelo marido, um sujeito colérico e maldisposto resolvido a escapar do seu mau hábito ao custo da vida dela; e tendo ela logo cedo pela manhã levantado e ido visitar a vizinha, como era seu costume fazer, e deixando escapar algumas palavras de recomendação sobre os seus negócios, pegou uma de suas irmãs pela mão e a levou à ponte; lá chegando e tendo dela se despedido – gracejando, por assim dizer – sem de qualquer forma alterar seu semblante, lançou-se precipitadamente do topo no rio, onde submergiu. O mais extraordinário nisso é que tal resolução levou uma noite inteira para se formar na cabeça dela. É outra coisa bem diferente com as mulheres da Índia, pois vigorando lá o costume dos homens terem muitas esposas e da mais amada matar-se por ocasião do falecimento do marido, cada uma delas faz disso o propósito de toda a sua vida: obter esse privilégio e conquistar essa vantagem sobre suas companheiras; e os bons ofícios que fazem aos maridos visam nenhuma outra recompensa senão tornar-se preferidas e acompanhá-lo na morte:

*“Ubi mortifero jacta est fax ultima lecto,
Uxorum fuis stat pia turba comis
Et certamen habent lethi, quae viva sequatur
Conjugium: pudor est non licuisse mori.
Ardent victrices, et flammae pectora praebent,
Imponuntque suis ora perusta viris”*

“Quando lançam a tocha na pira funerária, as esposas piedosas de cabelos desordenados erguem-se em volta esforçando-se para ver qual, ainda viva, acompanhará o cônjuge; e ficam vexadas aquelas que não podem morrer; as preferidas expõem os seios às chamas e colocam seus lábios chamuscados nos dos maridos” [Propércio]

Um certo autor de nossos tempos relata que viu nas nações do Oriente esse costume na prática, e que não são apenas as esposas que se enterram com os maridos, mas até mesmo os escravos de que ele desfrutou buscam terminar dessa maneira: Estando morto o marido, a viúva pode querer (mas poucas querem) demandar uma prorrogação de dois ou três meses para pôr em ordem os seus negócios. Chegando o dia ela monta a cavalo, tão bem vestida quanto no seu casamento, e com um semblante alegre diz que vai dormir com o cônjuge, levando um espelho na mão esquerda e uma seta na outra. Sendo conduzida com pompa, acompanhada pela família, amigos e uma enorme multidão em grande alegria, ela afinal é trazida para o lugar público designado para tais exibições: este é um grande espaço no meio do qual há uma cova cheia de madeira e junto a esta há um monte de quatro ou cinco passos de altura para o qual ela é trazida e servida com uma refeição magnífica; assim que termina ela passa a dançar e cantar, e ordena, quando julga conveniente, que acendam o fogo. Feito isso ela desce e tomando pela mãos os parentes mais próximos do marido, encaminham-se para o rio próximo, onde ela tira totalmente a roupa e, nua, tendo distribuído suas roupas e jóias aos amigos, mergulha na água, como se fosse para lavar seus pecados; dali saindo ela se embrulha num manto de linho amarelo de cinco e vinte varas de comprimento [uma vara corresponde a 110 centímetros] e novamente dá as mãos aos parentes do marido; então retornam ao monte onde ela faz uma peroração ao povo e lhes recomenda seus filhos, se tiver algum. Entre a cova e o monte geralmente há uma cortina estendida para esconder o forno ardente da sua visão, e que alguns deles proibem, para manifestar maior coragem. Tendo acabado o que ela tem a dizer, uma mulher lhe apresenta um recipiente de óleo para ungi a cabeça e todo o corpo; quando termina ela o lança no fogo, e um momento depois ela mesma se precipita. As pessoas imediatamente lançam um bom número de achas e toras sobre ela, pois se demorar a morrer ela pode converter toda a sua alegria em tristeza e lamentação. Se as pessoas são de condição mais baixa, o corpo do defunto é levado para o local da inumação e ali é colocado sentado; a viúva ajoelha-se diante dele, abraçando o corpo morto; eles continuam ainda nessa postura enquanto as pessoas constroem uma parede em torno deles; tão logo a parede alcança a altura dos ombros da mulher, um dos seus parentes vem por trás e, agarrando a cabeça dela, torce o seu pescoço; assim que esteja morta a parede é levantada e encerrada, e lá eles permanecem sepultados.

Havia, nesse mesmo país, algo similar com seus gimnosofistas: para não constranger os outros nem mesmo pela impetuosidade de um súbito humor, mas pela profissão expressa das suas ordens, era costume, assim que atingissem certa idade ou se vissem ameaçados por qualquer doença, mandar que para eles fosse erguida uma pira funerária, e no topo desta uma cama imponente onde, depois de ter festejado alegremente com os amigos e conhecidos, eles os colocavam com tão grande resolução que, sendo o fogo aplicado, nunca foram vistos mexer qualquer mão ou pé; desta maneira um deles, depois chamado pelo nome de Calanus; expirou na presença de todo o exército de Alexandre o Grande. E ele não era reputado santo nem feliz entre aqueles que assim não se destruíam, despedindo sua alma purgada e purificada pelo fogo, depois de haver consumido tudo o que era terrestre e mortal. Essa constante premeditação de toda uma vida é que constitui a maravilha.

Entre nossas outras controvérsias, que de *'Fatum'* também rastejam; e para amarrar as coisas por vir e até mesmo nossas próprias vontades a uma certa e inevitável necessidade, ainda estamos neste argumento dos tempos passados: “Posto que Deus prevê que todas as coisas assim resultarão, como indubitavelmente Ele faz, necessariamente deve seguir-se que elas têm de resultar assim”: ao qual nossos mestres respondem: “aqueles que vêem qualquer coisa passar, como nós fazemos, e como o próprio Deus também faz (pois todas as coisas são presentes para ele, Ele antes vê do que prevê), é não compelir um evento: quer dizer, nós vemos porque as coisas resultam, mas as coisas não resultam porque nós vemos: os eventos causam o conhecimento, mas conhecimento não causa os eventos. O que vemos acontecer, acontece; mas poderia ter ocorrido de outra forma: e Deus, no catálogo das causas de eventos que Ele tem em Sua presciência, também constam aqueles a quem chamamos acidentais e voluntários, dependentes da liberdade. Ele concedeu nossa livre vontade e sabe que nos extraviamos porque faríamos assim”.

Vi alguns chefes muito importantes encorajarem seus soldados com essa necessidade fatal; pois se nosso tempo é limitado a uma determinada hora, nem os inimigos atirando nem nossa própria ousadia, nem nossa fuga ou covardia podem encurtar ou prolongar nossas vidas. Isto é dito facilmente, mas veremos quem será tão facilmente persuadido; e se é de forma que uma fé intensa e vívida traz junto com ela as ações da mesma natureza, certamente essa fé de que tanto nos vangloriamos é muito leviana nesta nossa época, a menos que o desprezo que tem pelo trabalho faça do desdém sua companhia. Assim é que para este mesmo propósito *Sire* de Joinville, uma testemunha crível como qualquer outra, conta-nos que os Beduínos – uma das nações entre os Sarracenos com quem o rei São Luís teve de se haver na Terra Santa – em sua religião acreditam tão firmemente que o número dos dias de cada homem foi por toda a eternidade anteposto e fixado através de um decreto inevitável que foram nus para as guerras, salvo por uma espada turca e com seus corpos cobertos por um pano feito de linho branco: e a maior imprecação que podiam inventar quando estavam bravos era ter sempre em suas bocas: “Amaldiçoado sejas tu, que se arma de medo da morte”. Este é um testemunho de fé muito além do nosso. E deste gênero é também aquele que dois frades de Florença nos transmitiram dos dias de nossos pais. Estando engajados em alguma controvérsia escolástica, concordaram ambos entrar no fogo à vista de todas as pessoas, cada um para constatação do seu argumento, as coisas já estavam todas preparadas e o negócio no ponto exato de execução quando foi suspenso por um inesperado incidente [7 de abril de 1498 – Savonarola expede o desafio. Depois de muitas demoras pelas demandas e contra-demandas de cada lado quanto aos pormenores do fogo, acharam ambos os partidos que tinham coisa mais importante para negociar em outra freguesia – e ambos mal escaparam de ser assassinados pelas mãos dos espectadores desapontados].

Um jovem senhor Turco, tendo executado pessoalmente uma notável façanha à vista de ambos os exércitos, de Amurat e

de Huniades, prontos para entrar em batalha, sendo questionado por Amurat, ainda muito jovem e sem experiência (pois estava a braços com sua primeira expedição) o que o havia inspirado com tanta valentia e coragem, respondeu que para o valor seu principal instrutor era uma lebre. Disse ele: “Estando um dia a caçar, encontrei uma lebre sentada, e embora tivesse um casal de excelentes galgos comigo, considere que seria mais seguro fazer uso do meu arco; porque ela se sentou muito graciosa. Então deixei que as minhas setas voassem, atirei as quarenta que tinha em minha aljava, não apenas sem feri-la, mas sem ao menos chegar perto dela. Afinal incitei meus cachorros até ela, mas percebi que para nenhum propósito havia atirado: entendi que ela fora apanhada pelo seu destino; e que nenhum dardo ou espada pode ferir sem a permissão do destino, a quem não podemos antecipar nem prorrogar”. Esta história pode servir, incidentalmente, para nos deixar ver como nossa razão é flexível a toda sorte de símbolos.

Uma personagem de muitos anos, renome, dignidade e instrução ostentou-me que tinha sido induzida a certa mudança muito importante em sua fé através de uma incitação estranha e caprichosa, e por outro lado tão inadequada, que eu pensei ser muito mais forte, tomando o caminho contrário: ele chamou a isso de milagre, e assim também o vejo, mas num sentido diferente. Os historiadores Turcos dizem que a persuasão neles impressa por sua raça quanto à prescrição fatal e inalterável dos seus dias, manifestamente contribui para lhes dar maior segurança nos perigos. Conheço um grande príncipe que faz disso uso muito afortunado, se é que ele realmente acredita nisso ou dá essa desculpa para se arriscar tão admiravelmente: esperemos que a Fortuna tão cedo não se canse do seu favoritismo por ele.

Não ocorre em minha memória um efeito de resolução mais admirável do que os dois que conspiraram para a morte do Príncipe de Orange. [O primeiro era Jehan de Jaureguy, que feriu o Príncipe em 18 de março de 1582; o segundo, por quem o Príncipe foi morto em 10 de julho de 1584, era Baltasar Gerard].

É admirável que o segundo o tenha realizado: poderia sempre ser instigado em um assalto, onde seu companheiro, que havia feito o melhor, fora tão mal sucedido; e depois com o mesmo método, e com as mesmas armas, ir atacar um senhor, prevenido por tão recente lição de deslealdade, poderoso em seguidores e força corporal, em seu próprio castelo, entre seus guardas e numa cidade completamente a ele devotada. Ele seguramente empregou um braço muito resoluto e uma coragem inflamada por uma paixão furiosa. Um camponês está mais seguro de ser atacado em casa; mas pela razão da emoção e da força das mãos serem mais necessária do que uma pistola, o golpe é mais sujeito a ser desferido do que impedido. Que esse homem não correu para uma morte certa, não tenho grande dúvida; pois todas as expectativas visariam sobretudo lisonjeá-lo, não podendo encontrar lugar para qualquer compreensão sóbria, e a conduta em sua façanha manifesta suficientemente que ele não tinha nenhum desejo disso, não mais do que a coragem. Os motivos de persuasão tão poderosa podem ser diversos, posto que nossa imaginação faz o que quer, com eles e conosco. A execução que foi perpetrada próximo de Órleans [o assassinato do Duque de Guise por Poltrot] não foi nada disso; nela houve mais oportunidade que vitalidade; a ferida não era mortal, se a fortuna não a tivesse tornado assim, e tentar atirar a cavalo, e a uma grande distância, em alguém cujo corpo estava em movimento no seu cavalo, era antes a tentativa de um homem que havia perdido o seu golpe e fracassou em se salvar. Aparentemente foi isso o que sucedeu; porque ele estava tão surpreso e estupefato com a idéia de tão elevada execução que perdeu totalmente o juízo para encontrar o seu caminho de fuga e governar sua língua. O que mais precisava ter feito além de correr atrás dos amigos pelo rio? É o que eu mesmo fiz em perigos menores, e que julgo de muito pouco risco, quão largo possa ser o rio, contanto que seu cavalo tenha um passo adequado e que você veja do outro lado um ponto fácil de alcançar, conforme a corrente. O outro [Baltasar Gerard], quando pronunciaram sua terrível sentença, disse: “eu estava preparado para isso antecipadamente, e desejo espantá-los com a minha paciência”.

Os Assassinos, uma nação que limita com a Fenícia, [ou no Egito, Síria, e Pérsia. A palavra ‘assassino’ deriva de Hassan-ben-Saba, um de seus primeiros líderes; eles existiram durante alguns séculos; classificam-se entre as sociedades secretas da Idade Média] são entre os maometanos reputados como pessoas de muito grande devoção e pureza de maneiras. Eles asseguram que o modo mais direto para alcançar o Paraíso é matar alguns fiéis de uma religião contrária; é por essa razão que foram freqüentemente vistos, não sendo mais de um ou dois e sem armadura, acometendo inimigos poderosos, ao custo de uma morte certa e sem qualquer consideração de seu próprio perigo. Assim foi nosso Raymond, Conde de Trípoli, assassinado (a palavra é derivada do seu nome) no coração da sua cidade [em 1151], durante nossos empreendimentos na Guerra Santa; e igualmente Conrad, Marquês de Monteferrat: por sua execução os assassinos ostentaram grande orgulho e glória em praticar tão valente façanha.

Capítulo XXX

Sobre uma criança monstruosa

Esta história se contará por si mesma, porque deixarei que os médicos discurssem. Dois dias atrás vi uma criança levada por dois homens e uma enfermeira – disseram ser o pai, o tio e a tia dela – dispostos a ganhar dinheiro exibindo-a, em razão de tratar-se de uma criatura muito estranha. Ela era, de modo geral, de uma forma comum, e podia erguer-se sobre os próprios pés; podia andar e tagarelar igual a muitas outras crianças da mesma idade; nunca tinha tomado qualquer outra nutrição além dos peitos da enfermeira, tanto que, na minha presença, tentaram pôr algo em sua boca: ela só mastigou um pouco e cuspiu fora novamente sem engolir; seu choro parecia realmente um tanto estranho e particular, e tinha por volta de quatorze meses. Abaixo do peito ela era ligada a outra criança, mas sem cabeça; aquela tinha a espinha voltada para trás e sem movimento, o resto era normal; entretanto tinha um braço mais curto que o outro: fora quebrado acidentalmente por ocasião do nascimento; elas estavam unidas peito a peito, como se a criança menor buscasse lançar seus braços em torno do pescoço da maior. O local de junção por onde eram ligadas tinha uma espessura não maior que quatro dedos, ou por aí, de forma que se você empurrasse

para cima a criança imperfeita poderia ver o umbigo da outra embaixo dela, e a união estava entre os mamilos e o umbigo.

Toda a barriga da criança imperfeita podia ser vista, exceto o umbigo, de forma que tudo aquilo que não estava unido na imperfeita, como braços, nádegas, coxas e pernas, oscilavam penduradas da outra e alcançavam a metade da perna. A enfermeira nos contou, além disso, que ambos os corpos urinavam e que os membros da outra eram cálidos, sensíveis e com a mesma capacidade de prensão, salvo que eram menores e mais curtos. Esse corpo duplo e diversos membros relacionados a uma só cabeça poderia ser interpretado como um prognóstico favorável ao rei [Henrique III], de manter as várias partes de nosso estado sob suas leis unificadoras; mas a fim de que o evento não prove outra coisa, é melhor deixar isso de lado, pois as coisas já passadas não carecem de nenhuma adivinhação,

***“Ut quum facts sunt, tum ad conjecturam
Aliqui interpretatione revocentur;”***

“Assim quando eles sucedem, podem então através de
algumas interpretações ser lembrados de conjeturar” [Cícero]

, como é dito de Epimênides, ele que sempre profetizou em ordem inversa.

Vi há pouco um pastor em Médoc, com cerca de trinta anos de idade, que não tem nem sinal de qualquer parte genital; ele tem três buracos por onde incessantemente evacua seus líquidos; ele é barbudo, tem desejos e busca o contato com as mulheres. Esses a quem chamamos monstros não são assim para Deus, que vê na imensidão do Seu trabalho as infinitas formas que Ele nesse sentido compreendeu; e é de se acreditar que essa figura que nos surpreende tem alguma relação com outra figura da mesma classe, desconhecida pelo homem. De toda a Sua sabedoria nada procede que não seja bom, regular e universal; mas nós não discernimos as disposições e relações:

***“Quod crebro videt, non miratur, etiamsi,
Cur fiat, nescit. Quod ante non vidit, id,
Si evenerit, ostentum esse censeat”***

“Ele não admira o que observa com freqüência, conquanto ignore como acontece.
Quando sucede uma coisa que ele nunca viu antes, pensa que é um prodígio” [Cícero]

Dizemos ser contrário à natureza tudo que resulta diverso do costume; mas nada, seja o que for, é contrário a ela. Deixemos então essa razão natural e universal expelir o erro e o assombro que novidade traz consigo.

Capítulo XXXI

Sobre a raiva

Plutarco é admirável do começo ao fim, mas especialmente onde avalia as atitudes humanas. Que coisas boas ele diz ao comparar Licurgo e Numa abordando nossa grande loucura em relegar as crianças ao cuidado e governo dos seus pais? A maioria dos nossos governos civis, como diz Aristóteles: “À maneira dos Cíclopes, abandona a cada um o encargo dos filhos e esposas, de acordo com sua própria tola e imprudente concepção; os governos dos Lacedemônios e dos Cretenses são praticamente os únicos a consignar às leis a educação das crianças. Quem não vê nisso um estado em tudo dependente da sua criação e instrução? e são ainda deixadas à mercê dos pais, para serem tão tolas e maldispostas quanto eles podem, privadas de conduta e discrição”.

Entre outras coisas pelas quais tenho freqüentemente passado ao longo de nossas ruas, tive uma boa idéia para levantar uma farsa e vingar os pobres meninos a quem vi espancados, lançados ao chão e miseravelmente agredidos por algum pai ou mãe, quando em sua fúria e violência demente. Você os verá saírem com fogo e ódio brilhando em seus olhos:

***“Rabie jecur incendente, feruntur,
Praecipites; ut saxa jugis abrupta, quibus mons
Subtrahitur, clivoque latus pendente recedit;”***

“Eles são apressadamente carregados pela fúria ardente, como grandes pedras arrancadas
das montanhas cujas bordas íngremes são deixadas nuas e desprotegidas” [Juvenal]

(e de acordo com Hipócrates, as enfermidades mais perigosas são as que desfiguram as feições), rugindo com uma voz terrível, habitualmente contra aqueles que chegaram há pouco da ama-seca, então as aleijam e estragam com golpes, e nossa justiça ainda não toma nenhum conhecimento disso, como se essas mutilações e deslocamentos não fossem praticados em membros da nossa comunidade:

***“Gratum est, quod patria; civem populoque dedisti,
Si facis, ut patrix sit idoneus, utilis agris,
Utilis et bellorum et pacis rebus agendis”***

“É bom para tua nação e teu povo quando dás um cidadão, contanto que o prepares para
servir o teu país; útil para cultivar a terra, útil nos negócios da guerra e da paz” [Juvenal]

Nenhuma paixão tanto desvia o homem do seu correto juízo quanto a ira. Ninguém questionaria punir com a morte o juiz que condenasse um criminoso por conta de sua própria cólera; por que, então, se haveria de permitir que os pais e pedagogos chicoteassem e castigassem as crianças em sua raiva? Então não mais se trata de correção e sim vingança. Para a criança, a punição é tão somente um paliativo; e nós suportaríamos um médico que fosse hostil e enfurecido contra o paciente?

Nós mesmos, para bem fazer, nunca deveríamos pôr a mão em nossos criados nas vezes em que nossa raiva prevalece. Quando o pulso bate e sentimos a emoção em nós mesmos, vamos protelar o negócio; as coisas parecerão realmente outras quando estivermos tranqüilos e esfriarmos. É a paixão que então comanda, é a paixão que fala, e não nós. As faltas vistas

através da paixão nos parecem muito maiores do que realmente são, como ocorre com os corpos quando observados através de uma névoa. Quem tem fome serve-se de carne; mas qual a utilidade do castigo para quem dele não tem fome nem sede? E, além disso, quando infligidas com peso e discrição as punições são muito melhor recebidas e com maiores benefícios por aquele que padece; de outro modo este não pensará ser justamente condenado por um homem transportado por raiva e fúria e alegará a excessiva paixão do mestre, o semblante inflamado, as pragas invulgares, a emoção e súbita impetuosidade, para sua própria justificação:

***“Ora tument ira, nigrescunt sanguine venae,
Lumina Gorgoneo saevius igne micant”***

“As faces incham, as veias ficam negras com a raiva, e seus olhos brilham como o fogo Gorgoniano” [Ovidio]

Suetônio informa que sendo Caio Rabírio condenado por César, o elemento que predominou sobre a maioria das pessoas (a quem ele atraía) para determinar a causa em seu favor, foi a veemente animosidade que César havia manifestado naquela sentença.

Dizer é uma coisa diferente de fazer; devemos considerar o sermão e o pastor separadamente. Esses homens prestaram-se a uma censurável atividade que em nossa época foi tentada para abalar a verdade de nossa Igreja em vista dos vícios de seus ministros; ela extrai o seu testemunho em outro lugar; é um modo tolo de argumentação e lançaria todas as coisas em confusão.

Um homem cuja moral é boa pode ter falsas opiniões, e um homem mau pode orar de verdade, embora não acredite nisso. É sem dúvida uma excelente harmonia quando fazer e dizer caminham juntos; e não contradirei quem afirma que quando as ações se seguem, não são de maior autoridade e eficácia, como disse Eudâmides ouvindo um filósofo tratar de assuntos militares: “Essas coisas são ditas com elegância, mas aquele que as transmite não será acreditado, pois seus ouvidos jamais se habituaram ao som do trompete”. E Cleómenes, ouvindo um orador declamar sobre o heroísmo, explodiu numa gargalhada, deixando o outro bravo; então ele lhe disse: “devo proceder como se fosse uma andorinha falando desse assunto; mas se fosse uma águia, haveria de ouvi-lo de boa vontade”. Parece-me distinguir, nos escritos dos antigos, que eles dizem aquilo que pensam, atacam muito mais expressivamente do que apenas aparentam. Ouça Cícero falar do amor à liberdade; ouça Bruto falar disso: as meras palavras escritas desse homem soam como se ele as comprasse ao preço da sua vida. Deixe Cícero, o pai de eloquência, tratar do desprezo pela morte; deixe Sêneca fazer o mesmo: o primeiro se arrasta languidamente até você perceber que ele o faria resolver-se sobre uma coisa da qual ele mesmo não está resolvido; ele não o inspira com coragem, porque não tem nenhuma; o outro o anima e inflama. Jamais li um autor, mesmo entre aqueles que tratam da virtude e das ações, de quem não me pergunte curiosamente que tipo de homem ele seria; pois o Éfori de Esparta, vendo um companheiro dissoluto propor um conselho saudável às pessoas, ordenou-lhe que ficasse quieto e implorou por um homem virtuoso, para atribuir a ele a astúcia de propor aquilo.

As obras de Plutarco, se bem entendidas, evidenciam suficientemente o seu autor, de forma que julgo conhecê-lo até mesmo em sua alma; e ainda poderia desejar que tivéssemos um relato mais completo de sua vida. Estou divagando para longe do meu assunto por conta da dívida que tenho com Áulo Gélíio, por nos haver deixado por escrito esta história dos seus costumes, o que me devolve ao tema da raiva. Um escravo seu, sujeito malvado e indisposto – que todavia teve os preceitos da filosofia freqüentemente tocando seus ouvidos –, tendo por alguma ofensa sido despojado por ordem de Plutarco, ainda estava sendo chicoteado; a princípio resmungou que não havia razão, que ele não tinha feito nada para merecer aquilo; afinal recaiu na sinceridade para xingar e clamar contra o seu mestre, ele o acusou de não ser nenhum filósofo, como havia ostentado: que ele sempre o ouvira dizer que era indecente ficar zangado, mais, tinha até escrito um livro com tal propósito; e que o fato de ser tão cruelmente agredido, na mais plena raiva, trazia completa falsidade a todos os seus escritos; ao que Plutarco calma e friamente respondeu: “Como, rufião; por que motivo julgas que estou bravo agora? Meu rosto, minha cor ou minha voz de alguma forma demonstram que estou comovido? Não acho que meus olhos parecem ferozes, que meu semblante pareça preocupado ou que minha voz seja terrível: estou vermelho, espumando, dos meus lábios escapa qualquer palavra de que deveria arrepender-me? Estou sobressaltado? Tremo de fúria? Pois esses, eu te digo, são os verdadeiros sinais da raiva”. E a seguir, voltando-se para o camarada que o estava chicoteando, disse: “Ocupa-te do teu trabalho enquanto este cavalheiro e eu disputamos”. Essa é a história dele.

Arquitas Tarentino, voltando de uma guerra em que havia sido capitão-geral, encontrou todas as coisas de sua casa em muito grande desordem e suas terras totalmente abandonadas, pela má agricultura do seu curador, e chamando-o à sua presença disse: “Saia daqui; se não estivesse com raiva eu lhe daria uma boa sova”. Também Platão, estando muito ofendido com um dos seus escravos, deu ordem a Espeusipo para castigá-lo, escusando-se de fazê-lo porque estava com raiva. E Carilo, um Lacedemônio, disse a um hilota que a ele se dirigiu insolentemente: “Pelos deuses; se não estivesse zangado eu faria que fosses morto imediatamente”.

É uma paixão que satisfaz e exalta a si mesma. Com que freqüência, sendo movida por um falso motivo, se a pessoa ofensora faz uma boa defesa e nos apresenta uma desculpa razoável, ficamos bravos mesmo contra a própria verdade e a inocência? Como prova disso, lembro-me de um maravilhoso exemplo da antiguidade. Piso, em tudo o mais um homem de virtude muito destacada, sendo incitado contra um dos seus soldados, posto que retornou sozinho de uma pilhagem e não pôde explicar onde tinha deixado um camarada, tomou como certo que ele o havia assassinado e condenou-o à morte. Logo que o soldado subiu ao local de enforcamento, eis chegando o seu companheiro divagante, e todo o exército sumamente feliz; depois de muitos abraços entre os dois camaradas, o carrasco levou ambos à presença de Piso, todos acreditando que tal presente seria realmente um grande prazer para ele; mas provou-se bem diferente; envergonhado e ofendido, a fúria dele, conquanto não houvesse esfriado, redobrou; e por uma sutileza que sua paixão repentinamente lhe sugeriu, fez dos três criminosos por terem encontrado um inocente e mandou que fossem todos despachados: o primeiro soldado, porque sua sentença fora passada; o segundo, que

se havia extraviado, porque era a causa da morte do companheiro; e o carrasco, por não ter obedecido a ordem que lhe fora determinada. No que se relaciona às mulheres irritáveis e obstinadas, pode-se nisso perceber que a raiva coloca o silêncio e a frieza em oposição à sua fúria, e o que o homem desdenha para nutrir a sua raiva. O orador Célio era por natureza admiravelmente colérico; mas para alguém que jantasse em sua companhia, um homem de conversação doce e suave, e mesmo quem não pudesse comover, aprovava e consentia em tudo que ele dizia; impaciente que sem alento o seu mau humor assim se desperdiçasse, ele dizia: “Pelo amor dos deuses, contradiga-me em alguma coisa para que possamos ser dois”. As mulheres, de certa forma, só ficam zangadas para que outros também possam ficar bravos, numa imitação das regras do amor. Fócion, a alguém que interrompeu sua dissertação com palavras verdadeiramente injuriosas e ignominiosas, não fez mais que devolver o silêncio e dar-lhe inteiro lazer e liberdade para desabafar a melancolia, o que ele fez adequadamente; passada a tempestade, sem ao menos mencionar essa perturbação, prosseguiu no discurso anterior, do ponto onde fora interrompido. Nenhuma resposta pode irritar tanto um homem como tal menosprezo.

Do homem mais colérico na França (a raiva é sempre uma imperfeição, mas antes desculpável num soldado, em cujo ofício por vezes não pode ser evitada) digo freqüentemente que ele é o homem mais paciente que conheço e o mais discreto em reprimir as paixões que nele ascendem com tão grande fúria e violência,

***“Magno veluti cum flamma sonore
Virgea suggeritur costis undantis ahem,
Exsultantque aatu latices, furit intus aquae vis.
Fumidus atque alte spumis exuberat amnis,
Nec jam se capit unda; volat vapor ater ad auras;”***

“Quando com alto ruído de crepitação, um fogo é aplicado às varas ao lado do caldeirão fervente, pelo calor o caldo dança em domos brincações; dentro a água se enfurece e eleva o fluido esfumaçado num transbordamento de espuma. Agora nem a onda pode se conter; a fumaça negra espalha-se pelo ar” [Virgílio]

De minha parte, não sei de nenhuma paixão que tenha logrado com tanta violência tentar encobrir e ocultar; eu não fixaria um prego tão alto à sabedoria; e não considero um homem que o faça, tanto quanto lhe custa não fazer nada pior.

Outro gabou-se a mim da regularidade e gentileza de suas maneiras, que na verdade são muito singulares; a quem respondi que era realmente alguma coisa, especialmente em pessoas de tão eminentes qualidades quanto ele, em quem todos mantinham os olhos, sempre se apresentando bem disposto para o mundo; mas que a coisa principal era fazer a provisão para dentro e para si mesmo; que em minha opinião ele não era muito bom para dispor o seu negócio exteriormente de forma conveniente, e irritar-se consigo mesmo, o que eu tinha receio que ele fazia, vestindo e conservando essa máscara e aparência externa.

O homem incorpora a raiva escondendo-a, como Diógenes contou a Demóstenes que, por medo de ser visto em uma taverna, afastou-se dela o mais que pôde: “Quanto mais você se distancia, mais dela se aproxima”. Prefiro aconselhar que um homem dê uma bofetada em seu criado um tanto intempestivamente do que arruinar sua fantasia de apresentar sempre esse semblante sério e composto; e devo antes detectar minhas paixões do que incomodar-me sobre elas à minhas próprias expensas; elas crescem menos forjando-se e manifestando-se; e é muito melhor que seu escopo seja ferir outros de fora do que voltar-se para nosso próprio interior:

***“Omnia vitia in aperto leviora sunt: et tunc perniciosissima,
Quum simulata sanitate subsident”***

“Todos os vícios são menos perigosos quando abertos e visíveis, e tão mais perniciosos quando espreitam sob a dissimulação de uma boa índole” [Sêneca]

Exorto todos aqueles de minha família que têm poder para ficar zangados a administrar sua raiva e não esbanjá-la em qualquer ocasião, pois isso em primeiro lugar diminui a sua importância e impede o resultado: a precipitação e a repreensão incessantes colidem com o hábito, e faz que sejam menosprezadas; o que você reclama com um criado por um furto não é sentido, porque é o que ele cem vezes o viu empregar contra ele mesmo por ter lavado mal um copo ou deixado um tamborete fora do lugar. Em segundo lugar, que eles não se zanguem sem propósito, mas tenham certeza que sua repreensão alcance quem os ofendeu; pois, ordinariamente, xingam e gritam antes de chegar à presença deles e prosseguem na repreensão algum tempo depois que ele se foram:

“Et secum petulans amentia certat:”

“E a loucura petulante disputa consigo mesma” [Claudian]

, eles atacam suas sombras e dirigem a tempestade para um lugar onde ninguém é castigado ou incomodado, senão pelo clamor de sua voz. Igualmente condeno esses que xingam nas disputas e blasonam sem um adversário: tais fanfarronices devem ser reservadas para se descarregar sobre os indivíduos ofensores:

***“Mugitus veluti cum prima in praelia taurus
Terrificos ciet, atque irasci in cornua tentat,
Arboris obnixus trunco, ventospue lacessit
Ictibus, et sparsa ad pugnum proludit arena”***

“Assim como um touro, quando acompanha a luta, vocifera terrivelmente e afia seus chifres contra o tronco de uma árvore; com golpes ele agride o ar e ensaia o combate espalhando areia” [Virgílio]

Quando estou zangado, minha raiva é muito aguda mas também muito breve, e tão privada quanto posso conseguir; eu realmente me perco em prontidão e violência, mas não em preocupação; de forma que dispenso todos os tipos de palavras injuriosas, ditas ao acaso e sem escolha, e jamais considero pertinente dardejear minha linguagem onde acredito que há de ferir profundamente, porque geralmente não faço uso de nenhuma outra arma além da minha língua.

Meus servos têm melhor intercâmbio comigo nas grandes ocasiões do que nas pequenas; as menores me pegam de surpresa; e o infortúnio é que, quando você está uma vez na beira do precipício, não importa quem lhe deu o empurrão: você sempre vai para o fundo; a queda incita, estimula e urge em si mesma. Nas grandes ocasiões isso me satisfaz, posto que eles são tão corretos quanto se possa esperar de uma razoável indignação, e então eu me exalto ludibriando as suas expectativas; contra esses eu me fortaleço e me preparo; eles transtornam a minha cabeça e ameaçam me transportar para muito longe, se eu fosse acompanhá-los. Facilmente me reprimo de entrar numa dessas paixões, e sou bastante enérgico quando, para repelir sua violência, espero que a causa nunca seja tão grande; mas se eventualmente uma paixão me predispõe e acomete, arrebatando-me o controle, que a causa nunca seja tão pequena. Assim regateio com esses que podem argumentar comigo; quando você me vê fazer o primeiro movimento, deixe-me só, certo ou errado: eu farei o mesmo por você. A tempestade só germina por uma concorrência de raivas que facilmente saltam de um para outro, mas não nascem juntas. Deixe cada um seguir seu próprio caminho e estaremos sempre em paz.: um conselho proveitoso, mas de execução trabalhosa. Por vezes também resulta de que me revesti de uma aparência encolerizada, para melhor administrar minha casa, sem qualquer emoção verdadeira. Como a idade torna meus caprichos mais mordazes, estudo-os para me opor a eles, e se puder, pretendo ordená-los para que no futuro possa ser tanto menos mal-humorado e difícil de agradar, como tenho mais desculpa e inclinação para ser assim, embora seja antes estimado entre aqueles que têm a maior paciência.

Apenas mais para concluir este argumento: diz Aristóteles que a raiva às vezes serve de braço à virtude e ao heroísmo. Isso é provável; não obstante, seus contraditores amavelmente respondem que aquele é um braço de uso moderno, porque nós movimentamos todos os outros braços, e eles nos movem; nossas mãos não os guiam, são eles que guiam nossas mãos; eles nos seguram, nós não os seguramos.

Capítulo XXXII

Defesa de Sêneca e Plutarco

A familiaridade que tenho com esses dois autores e a ajuda que eles outorgaram à minha geração e para o meu livro, completamente compilado do que deles emprestei, obrigam-me a defender a sua reverência.

Quanto a Sêneca, entre um milhão desses pequenos panfletos que a religião dita 'reformada' dispersam no estrangeiro em defesa de sua causa (e às vezes procedem de tão boas mãos que é de lamentar não fosse a sua caneta empregada num assunto melhor), vi um antigamente que, para estabelecer um paralelo forçado descoberto entre o governo de nosso pobre rei Carlos IX recém-falecido e o de Nero, compara o recém-falecido Cardeal de Lorraine com Sêneca; suas fortunas, tendo ambos sido primeiros-ministros nos governos dos seus príncipes, bem como suas maneiras, condições e comportamento têm estado realmente muito próximos.

O que, em minha opinião, faz ao dito cardeal muito grande honra; entretanto, sou desses que têm muito elevada estima por sua inteligência, eloquência e zelo, pela religião e a serviço do seu rei, e a boa sorte de ter vivido numa época em que era tão recente, tão raro e também tão necessário para o bem público ter um clérigo de tão alto nascimento e dignidade, tão suficiente e capaz no lugar que ele ocupava; contudo, para confessar toda a verdade, não acho que sua capacidade fosse tão similar, nem qualquer de suas virtudes tão pura, integral ou firme quanto as de Sêneca.

O livro de que agora falo para persuadi-lo dá uma descrição muito injuriosa de Sêneca, posto que emprestou suas aproximações do historiador Dion, em cuja palavra não creio, pois acima de tudo ele é incompatível: depois de ter chamado Sêneca de realmente muito sábio e também de inimigo mortal dos vícios de Nero, em outro lugar faz dele um avaro, usurário, ambicioso, efeminado, voluptuoso e um falso pretendente à filosofia; sua virtude aparece tão vívida e vigorosa nos seus escritos e sua vindicação de quaisquer destas imputações é tão clara, a partir da sua riqueza e do modo extraordinariamente dispendioso de viver, que não posso acreditar em nenhum testemunho contrário. Além disso, em tais particulares é muito mais razoável crer nos historiadores Romanos do que nos Gregos e estrangeiros. Entretanto, Tácito e o restante falam muito honrosamente da vida e da morte dele; apresentam-no como uma pessoa muito excelente e virtuosa em todas as coisas; e não alegarei nenhuma outra censura contra o relato de Dion senão isto, o qual não posso evitar, ou seja, que ele tem tão fraco discernimento dos negócios Romanos que ousa sustentar a causa de Júlio César contra Pompeu e o de Antônio contra Cícero.

Deixemos agora vir Plutarco: Jean Bodin é um bom autor de nossa época e escritor de muito maior juízo que a chusma de escrevinhadores da idade dele, que merece ser lido e considerado. Nele encontro, todavia, um pouco de ousadia nessa passagem do seu Método de história onde ele não apenas acusa Plutarco de ignorância (no que eu o teria deixado sozinho: pois isso está além da minha crítica), mas ainda que ele "amiúde escreve coisas incríveis e absolutamente fabulosas": estas são as próprias palavras dele.

Se ele tivesse dito simplesmente que tinha resgatado coisas diversas do que elas realmente são, não haveria motivo de grande reprovação; pois o que não vimos, somos compelidos a receber de outras mãos e tomar em confiança, e eu vejo que ele por vezes de propósito relata a mesma história de forma diferente; como o julgamento dos três melhores capitães que já existiram, dado por Haníbal; um modo na Vida de Flâmio e outro em Pirro. Mas incriminá-lo de haver anotado coisas incríveis e impossíveis à vista é acusar o autor mais judicioso do mundo de carecer de juízo. Este é um exemplo: "como", ele diz, "quando relata que um menino Lacedemônio teve os intestinos rasgados por um filhote de raposa que ele havia furtado, e ainda o conservou oculto debaixo do casaco até cair morto, em lugar de revelar o seu roubo". Em primeiro lugar, acho este exemplo mal selecionado, visto como é muito difícil limitar o poder das faculdades da alma, considerando que temos maior autoridade para limitar e conhecer a força dos órgãos do corpo; então, se fosse ele, teria escolhido um exemplo desta segunda espécie; há alguns destes menos críveis: entre outros, aquele relato de Pirro que "todo ferido como estava, golpeou um dos seus inimigos –

que estava armado da cabeça aos pés – com tão formidável golpe de sua espada que o fendeu do elmo até as nádegas, de forma que o corpo foi dividido em duas partes”. Neste exemplo não vejo nenhum grande milagre, nem admito a desculpa com que ele defende Plutarco, tendo acrescentado estas palavras: “como foi dito”, para sustar nossa convicção; pois a menos que as coisas sejam recebidas através da autoridade e reverência pela antiguidade ou pela religião, elas jamais seriam admitidas por si, ou nos ordenado a crer nas coisas incríveis por si mesmas; e que as palavras “como foi dito” não foram colocadas nesse lugar tal efeito, é fácil observar, porque em outro lugar ele nos dá conta, sobre este mesmo tema, da paciência dos filhos dos Lacedemônios, exemplos que ocorreram no tempo dele, mais improváveis de prevalecer sobre nossa fé; como antes dele Cícero também testemunhou, tendo, segundo ele diz, estado no local: que mesmo naquela época constataram haver crianças que, para provar sua perseverança, eram levadas diante do altar de Diana, onde seriam chicoteadas até o sangue correr por todas as partes dos seus corpos, não apenas sem gritar, mas dar ao menos um gemido, e algumas delas ali perderam suas vidas voluntariamente: e também Plutarco relata, entre cem outros testemunhos, que num sacrifício, um carvão em brasa de um turíbulo foi introduzido na manga de um menino Lacedemônio; ele teve o braço completamente queimado, até o cheiro da carne grelhando foi percebido por todos os presentes. Não havia nada, de acordo com os seus costumes, que mais estivesse relacionado à reputação, nem algo que mais inculpasse e desgraçasse do que ser surpreendido roubando. Estou tão plenamente satisfeito pela grandeza desse povo que essa história não parece incrível só mim, mas também a Bodin; mas não acho isso tão incomum quanto estranho. A história Espartana está repleta de mil exemplos mais raros e cruéis; e é, realmente, todo o milagre a esse respeito.

Concernente a roubo, Marcelino relata que em sua época nenhum tipo de tormento poderia constranger os Egípcios, quando levados a essa prática, embora algumas pessoas tanto se habituaram a ela quanto a dizer os seus nomes. Um camponês espanhol, sendo levado ao suplício como cúmplice pelo assassinato do Pretor Lúcio Piso, exclamou em pleno tormento “que seus amigos não deveriam abandoná-lo, mas certificar-se de toda segurança, e que nenhuma dor tinha o poder de lhe arrancar uma palavra de confissão”, e foi tudo que puderam dele tirar no primeiro dia. No dia seguinte, quando o estavam conduzindo pela segunda vez para outra sessão, desvencilhando-se com violência das mãos dos guardas ele arremeteu a cabeça furiosamente contra uma parede, esmagando seu cérebro.

Epicharis, estando cansada e aborrecida pela crueldade dos satélites de Nero e sofrido o seu furor, suas agressões e suas torturas durante um dia inteiro, nem uma sílaba confessou por sua conspiração; sendo no dia seguinte trazida novamente ao suplício com os membros quase rasgados em pedaços, amarrou o laço do seu roupão num dos braços de sua cadeira com um nó corrediço e, deslizando repentinamente a cabeça por ele, enforcou-se com o peso do seu próprio corpo. Tendo coragem para morrer daquela maneira, não é de presumir que ela tenha emprestado sua vida de propósito na tentativa de resistência do dia anterior para escarnecer do tirano e encorajar outros a semelhante empreendimento? E quem indagar de nossos cavaleiros as experiências que tiveram em nossas guerras civis, encontrará feitos de paciência e obstinada resolução nesta nossa miserável era, e até mesmo entre essa população mais efeminada que os Egípcios, exemplos dignos de se equiparar àqueles que há pouco relacionamos da virtude Espartana.

Sei de simples camponeses entre nós que suportaram suas solas dos pés serem tostadas numa grelha, as pontas dos dedos esmagadas com a coronha de uma pistola e os olhos sangrentos esmagados para fora das cabeças por meio de uma corda torcida sobre suas sobranceiras, antes de concordarem com um resgate. Vi um deles deixado num fosso totalmente nu para morrer, com o pescoço inchado e enegrecido pelo cabresto com que o haviam arrastado durante toda a noite amarrado ao rabo de um cavalo, seu corpo ferido em cem lugares por golpes de punhais que lhe foram dados, não para matar, mas para amedrontar e afligir; ele tinha suportado tudo isso sempre silencioso e insensível, resolvido, como me contou, antes morrer mil mortes (como na verdade, em matéria de sofrimento, ele havia mesmo suportado) do que comprometer-se a qualquer coisa; e ele era ainda um dos fazendeiros mais ricos de todo o país. Quantos não foram vistos sofrer pacientemente serem queimados e assados em vista de opiniões tomadas em confiança de outros, e por eles mesmos sequer compreendidas? Conheci centenas e centenas de mulheres (pois a Gascônia tem certa prerrogativa para a obstinação) a quem você mais facilmente poderia fazer engolir fogo do que abandonar uma convicção concebida sob o efeito da cólera. Elas ficam ainda mais exasperadas com golpes e constrangimentos. E temos a história da mulher que, desafiando toda correção, ameaças e bastonadas, não deixou de chamar o marido de valete piolhento; que sendo mergulhada na água até as orelhas, ainda ergueu as mãos sobre a cabeça e fez o sinal de rachar piolho, simulando um conto do qual, na verdade, vemos diariamente imagens manifestas na obstinação de mulheres. A teimosia é irmã da constância, pelo menos em vitalidade e estabilidade.

Não podemos julgar o que é e o que não é possível de acordo com o que é crível e incrível à nossa apreensão; como já disse em outro lugar, é uma grande falha, e ainda uma de que a maioria dos homens é inculpada, aos quais, não obstante, não me refiro com qualquer reflexão em Bodin, para tornar difícil crer no que outros poderiam ou não fazer por si mesmos. Cada pessoa supõe ter nela impresso o soberano selo da natureza humana, que todos os outros têm de seguir as suas regras e que todos os procedimentos divergentes dos seus são fingidos e falsos. Apresenta ele quaisquer outras atitudes ou faculdades? a primeira coisa que ele chama para a consulta do seu julgamento é seu próprio exemplo; e como todos os assuntos o acompanham, devem necessariamente fazer de todo o mundo nada além de loucura perigosa e intolerável! De minha parte, considero alguns homens infinitamente adiante de mim, especialmente entre os antigos; entretanto, ainda sou capaz de discernir claramente a minha inabilidade para me aproximar a mil passos deles; não me abstenho de mantê-los sob observação para avaliar o quão elevados são, e dos quais percebo algumas sementes em mim, como também tenho da extrema maldade de algumas outras mentes, pelo que não fico espantado e nem tampouco incrédulo. Percebo muito bem as voltas que essas grandes almas requerem para elevar-se a tais alturas e admiro a sua grandeza; julgo esses vôos os mais ousados que eu poderia ter a felicidade de imitar; entretanto, ainda quando quero voar, meu julgamento vai prontamente junto deles. Outro exemplo introduzindo “coisas incríveis e completamente fabulosas”, entregue por Plutarco, é que “Agesilau foi penalizado pelo Éforo por ter monopolizado os corações

e o afeto dos cidadãos exclusivamente para si”. E aqui não vejo que sinal de falsidade poderá ser encontrado: Plutarco fala com clareza de coisas que devem necessariamente ser mais bem conhecidas por ele do que por nós; e não era nenhuma novidade ver na Grécia homens castigados e banidos por tal coisa, por ser muito aceitável às pessoas, evidenciam o Ostracismo e o Petalismo [o ostracismo de Atenas era o banimento por dez anos; o petalismo de Siracusa era o banimento por cinco anos].

Ainda há nesse lugar outra acusação deitada sobre Plutarco que não posso digerir bem, onde Bodin afirma que ele confrontou francamente Romanos com Romanos, e os Gregos entre eles, mas não Romanos com Gregos; as testemunhas, ele diz, Demóstenes e Cícero, Catão e Aristides, Sila e Lisandro, Marcelo e Pelópidas, Pompeu e Agesilau, assegurando que ele favoreceu os Gregos dando-lhes parceiros tão desproporcionais. Isso é realmente atacar o que em Plutarco é mais excelente e mais deve ser recomendado; pois em seu confronto (que é a parte mais admirável de todos os seus trabalhos e com que, em minha opinião, ele mais se satisfaz) a fidelidade e sinceridade dos seus juízos equilibram sua profundidade e peso; ele é um filósofo que nos ensina a virtude. Vejamos se não podemos defendê-lo dessa acusação de falsidade e tergiversação. Tudo aquilo que imagino poder dar azo a tal censura é o intenso e esplendoroso brilho dos nomes Romanos que temos em nossas mentes; não me parece provável que Demóstenes pudesse rivalizar a reputação de cônsul, procônsul e proctor daquela grande República; mas se um homem considera a verdade da coisa, e os homens em si mesmos, como Plutarco essencialmente aponta, equilibrará antes seus costumes, sua natureza e deveres do que sua fortuna; ao contrário de Bodin, penso que Cícero e o velho Catão estão distantes dos homens com quem são comparados. Para o propósito dele, devo logo escolher o exemplo do jovem Catão comparado com Fócion, pois neste par teria mais provavelmente havido uma disparidade, com preponderância do romano. Quanto a Marcelo, Sila e Pompeu, discirno muito bem que suas façanhas de guerra foram maiores e mais cheias de pompa e glória que as dos Gregos a quem Plutarco os compara; mas as proezas mais virtuosas e corajosas ocorrem antes numa guerra do que em qualquer outro lugar, e nem sempre são as mais renomadas. Vejo freqüentemente os nomes de capitães obscurecidos pelo esplendor de outros nomes de menor importância; atestam-no Labieno, Ventídio, Telesino e vários outros. E para ficar nisso eu devia protestar ao lado dos Gregos; não poderia dizer que Camilo era muito menos comparável a Temístocles, Gracchi a Agis, Cleómenes e Numa a Licurgo? Mas é loucura julgar, num relance, coisas que têm tantos aspectos. Quando Plutarco os compara, não o faz, apesar disso, tentando equipará-los; quem pôde com mais determinação e sinceridade observar criticamente as suas distinções? Ele compara as vitórias, os feitos de armas, a força dos exércitos administrados por Pompeu e os triunfos dele com os de Agesilau? “Não acredito”, diz ele, “que o próprio Xenófanés, se estivesse vivo agora, lhe permitiria escrever tudo que o agrada em benefício de Agesilau, ousando trazê-los em comparação”.

Ele fala de confrontar Lisandro e Sila. “Não há”, diz ele, “nenhuma comparação, seja no número de vitórias ou no perigo das batalhas, pois Lisandro venceu apenas duas batalhas navais”. Isso não é para descrédito dos Romanos; pois sendo apenas de maneira simples mencionados com os Gregos, não poderiam ter-lhes causado nenhuma injúria; de qualquer modo, a disparidade que pode haver entre eles e Plutarco não os opõe absolutamente uns aos outros: a rigor não há qualquer preferência; ele só compara os quadros e circunstâncias um após outro, dando a cada um deles um julgamento particular e isolado. Portanto, se alguém pudesse acusá-lo de parcialidade, ele devia escolher alguns desses juízos específicos ou dizer, em geral, que estava enganado ao comparar tal grego a tal romano, quando havia outros mais adequados e semelhantes para confrontar.

Capítulo XXXIII

A história de Espurina

A filosofia pensa que não empregou mal o seu talento quando concedeu a soberania de alma e a autoridade para restringir nossos apetites argumentativos. Entre os quais, aquele que julga nada haver de mais violento que as emanações do amor; tem também a convicção que eles arrebatarem corpo e alma, possuindo o homem inteiro, de forma que até mesmo sua saúde depende deles, e por vezes a medicina é estrangida a alcovitar por eles; mas também se pode, por outro lado, dizer que a constituição do corpo traz abatimento e fraqueza, pois tais desejos estão sujeitos à saciedade e são capazes de remédios materiais.

Muitos, sendo determinados a libertar suas almas dos ininterruptos alarmes desse apetite, empregam a incisão e a amputação dos membros rebeldes; outros subjugarão sua força e ardor pela freqüente aplicação de coisas frias, como neve ou vinagre. Tinham esse propósito as aniagens de nossos antepassados, cujo pano era tecido com crina de cavalo e do qual alguns deles fizeram camisas, outros cintos, para torturá-los e endireitá-los. Não faz muito tempo um príncipe me contou que em sua juventude, num festival solene na corte do Rei Francisco I, onde todos compareceram finamente vestidos, ele precisou usar a camisa de crina do pai, que ainda era conservada em casa; mas, por maior que fosse a sua devoção, não teve paciência de usar aquilo até a noite e depois ficou doente por muito tempo; além disso acrescentou que não pensava existir qualquer jovem ardoroso tão feroz que o uso dessa receita não mortificasse, e ainda que talvez nunca tenha suportado violência maior; pois a experiência nos mostra que tais emoções freqüentemente são sentidas debaixo de roupas rudes e desleixadas, e que nem sempre uma camisa de crina purifica quem a veste.

Xenócrates procedia com o maior rigor em seus afazeres; pois seus discípulos, para testar a continência dele, introduziram Lais (uma linda e famosa cortesã) na cama dele, praticamente nua, salvo por suas armas da beleza, da sedução temerária e dos filtros, supondo que, apesar da razão e das regras filosóficas do mestre, sua carne incontrolável começaria a se rebelar: ele preferiu que seus membros fossem queimados a consentir nessa rebelião. Considerando que as paixões completamente residentes na alma, tais como a ambição, a avareza, e o resto, encontram na razão muito mais que fazer, porque lá não podem ser auxiliadas senão por seus próprios meios; nem são esses apetites capazes de saciedade, mas crescem mais agudos e aumentam através da fruição.

O exclusivo exemplo de Júlio César pode bastar para nos demonstrar a disparidade desses apetites, pois nunca houve homem mais dedicado do que ele às delícias do amor: isso é confirmado pelo peculiar cuidado que dedicava a si mesmo, num grau tão elevado que lançava mão dos meios mais lascivos para alcançar aquele fim, como ter arrancados todos os pelos do corpo e esfregar perfumes por toda parte com a mais extrema precisão. E ele era um homem bonito por si mesmo, de uma compleição agradável, alto e vivaz, de rosto cheio, olhos castanhos rápidos, se podemos acreditar em Suetônio; pois suas estátuas que vemos em Roma não correspondem exatamente a essa descrição. Além de suas esposas – que ele trocou quatro vezes – e sem considerar os seus namoricos juvenis com Nicomedes, rei da Bitúnia, ele teve a virgindade da famosa Cleópatra, rainha de Egito, confirma o pequeno Cesário que era mantido por ela. Ele também fez amor com Eunoe, rainha da Mauritânia, e em Roma, com Postúmia, esposa de Sérvio Sulpício; com Lolia, esposa de Gabínio; com Tertula, esposa de Crasso; e até mesmo com Mútia, esposa do grande Pompeu: por essa razão os historiadores Romanos dizem que ela foi repudiada pelo marido, o que Plutarco confessa ser mais que ele sabia; e ambos os Cúrios, pai e filho; depois o reprochado Pompeu, quando se casou com a filha de César, que ele tinha tornado genro do homem que o havia corneado, e alguém a quem ele costumava chamar de *Ægisto*. Além dessas todas ele entreteve Servília, irmã de Catão e mãe de Marcos Bruto, de onde, todos acreditam, procede a grande afeição que dedicava a Bruto, visto este ter nascido num momento que tornava verossímil que fosse filho dele. De forma que pareço estar certo em considerá-lo um homem extremamente dado ao deboche e de constituição muito amorosa. Mas a outra paixão da ambição, pela qual ele ficou cativado com infinita dureza, surgiu nele ao combater a anterior, que ele foi amavelmente compelido a entregar.

E aqui vem à lembrança Maomé, que conquistou Constantinopla e finalmente exterminou o nome Grego; não sei até onde esses dois estavam tão uniformemente equilibrados; eram soldados igualmente devassos e infatigáveis: mas onde eles se encontram em suas vidas e empurram um ao outro, a paixão pela disputa sempre traz o melhor de ambos; entretanto nunca era impróprio à sua têmpera natural recuperar uma absoluta soberania sobre o outro até alcançarem uma velhice extrema e ficarem incapazes de sofrer as fadigas da guerra. O que está relacionado como um exemplo contrário de Ladislau, rei de Nápoles, é muito notável: sendo um grande capitão, valoroso e ambicioso, ele se propôs como principal finalidade sua ambição, a execução do seu prazer e a fruição de uma rara e esplêndida beleza. Sua morte marcou todo o resto: por ter assediado opressiva e fastidiosamente a cidade de Florença, reduziu-a a tão intensa angústia que seus habitantes foram compelidos a ceder a capitulação; ele ficou satisfeito em deixá-los sós, contanto que lhe entregassem uma bonita empregada sobre a qual ouvira em sua cidade; eles foram forçados a entregá-la, promovendo uma injúria privada para evitar a ruína pública. Ela era filha de um famoso médico da época e que, achando-se envolvido em tão iníqua necessidade, decidiu fazer uma tentativa dispendiosa. Como todos estavam ajudando a enfeitar sua filha e adorná-la com jóias e atavios tornando-a mais desejável para este novo amante, ele também a presenteou com um lenço ricamente trabalhado e requintadamente perfumado, um implemento que nunca antes havia entrado nessa região e de que ela fez uso em sua primeira abordagem. Esse lenço, envenenado com o maior artifício, quando esfregado entre a pele esfolada e os poros abertos de um e de outro, infundiram o veneno de modo muito rápido e imediatamente converteu o seu calor corporal num suor frio; eles logo morreram, um nos braços do outro.

Mas voltemos a César. Seus prazeres nunca o fizeram roubar sequer um minuto de uma hora, nem deixar passar as ocasiões que poderiam de qualquer forma contribuir para o seu progresso. Essa paixão era nele tão soberana que sobrepujava todo o resto, e com absoluta autoridade tanto possuía sua alma quanto o guiava em seus desejos. Na verdade isso me incomoda quando, sobre tudo o mais, considero a grandeza desse homem e a maravilhosa gama de recursos de que era dotado; instruído em todos os gêneros de conhecimento e em tal medida que praticamente não há ciência alguma sobre a qual não tenha escrito; tão excelso orador que muitos preferiam a sua eloquência à de Cícero e ainda, eu concebo, não se julgava inferior a Cícero naquele particular, pois seus dois anti-Catões foram escritos para contrabalançar a elocução que aquele havia despendido no seu Catão. Quanto ao resto, houve espírito sempre tão vigilante, tão ativo e tão perseverante no trabalho quanto o seu? e, indubitavelmente, ele foi ornamentado com muitas sementes de raras virtudes, vigorosas, naturais e não assumidas; ele era singularmente sóbrio; em sua dieta era delicado até onde podia, conforme Ópius relata: tendo um dia na mesa colocada diante dele azeite medicinal em vez do óleo comum em algum molho, ele comeu com entusiasmo, visto que não poderia remover o ar de anfitrião do seu semblante.

Noutra ocasião ele mandou que seu padeiro fosse chicoteado por servi-lo com um pão melhor do que o tipo ordinário. O próprio Catão costumava dizer que ele foi o primeiro homem sóbrio que jamais se ocupou de arruinar o seu país. E como o mesmo Catão menciona, certo dia ele estava bêbado e aconteceu irem ambos ao Senado no momento em que César era suspeito na questão da conspiração de Catilina; alguém chegou trazendo uma carta lacrada para ele. Catão supôs tratar-se de algo de que os conspiradores o avisavam previamente, exigindo-lhe que a entregasse em suas mãos, o que César foi constrangido a fazer para evitar maiores suspeitas. Por casualidade, era uma carta de amor que Servília, irmã de Catão, havia escrito para ele; Catão, tendo lido a carta, devolveu-a a ele dizendo, “Ei-la, bêbado”. Isso, eu afirmo, era antes uma palavra de raiva e menosprezo do que uma expressa repreensão por aquele vício, como nós freqüentemente taxamos esses que nos enfurecem com as primeiras palavras injuriosas que nos chegam às bocas, conquanto indevidas àqueles com quem estamos ofendidos; de onde se pode acrescentar que o vício de que Catão o censurava era notavelmente similar àquele que havia surpreendido César; pois Baco e Vênus, conforme o provérbio, concordam de muito boa vontade; mas para mim Vênus é muito mais animada, escoltada pela sobriedade. São infinitos os exemplos de sua clemência e suavidade para com os que o haviam ofendido; quero dizer, além daqueles ocorridos durante o período das guerras civis, os quais, como bem claramente transparece dos seus escritos, ele executou para bajular seus inimigos e deixá-los menos temerosos de sua futura vitória e dominação. Mas devo também dizer que se esses exemplos não forem provas suficientes da sua natural doçura, pelo menos manifestam admirável confiança e grandeza de coragem nesse personagem. Ele ficou conhecido por dispersar freqüentemente exércitos inteiros, depois de tê-los

vencido, pois seus inimigos, destituídos de resgate ou concedendo tanto quanto os que se ligam por juramento, se não o beneficiavam, pelo menos que não mais erguessem armas contra ele; três ou quatro vezes foram trazidos alguns dos principais prisioneiros de Pompeu, e ele amiúde lhes concedia liberdade. Pompeu declarou inimigos todos aqueles que não o acompanharam à guerra; ele proclamou amigos todos aqueles que ainda não ocupavam cargos e de fato não levantaram armas contra ele. De tais capitães ele evitava perder o controle para o outro lado; além disso enviou suas armas, seus cavalos e a equipagem: as cidades que havia tomado pela força ele deixou em completa liberdade para seguir o lado que lhes aprouvesse, não impondo nenhuma outra guarnição senão a recordação de sua bondade e clemência. No dia da sua grande batalha de Farsália ele deu ordens rígidas e expressas para que, sem extrema necessidade, ninguém pusesse as mãos nos cidadãos de Roma. Estes foram, em minha opinião, procedimentos muito perigosos, e não é para admirar se em nossa guerra civil aqueles que como ele lutam contra os antigos estamentos do seu país, não sigam o exemplo dele; são meios extraordinários e que competem apenas à fortuna de César e sua admirável previsão na condução dos negócios. Quando considero a incomparável grandeza da sua alma, escuso a vitória de que não se pudesse desembaraçar, mesmo numa causa tão injusta e perversa.

Voltando à clemência dele: temos muitos exemplos notáveis da época do seu governo, quando, todas as coisas submetidas ao seu poder, não teve mais nenhuma declaração escrita contra ele que não fosse rispidamente retaliada: ainda não se absteve de empregar sua influência para em seguida fazer-se cônsul. Caio Calvo, que havia composto diversos epigramas injuriosos contra ele, empregou muitos dos seus amigos para intermediar uma reconciliação com ele; depois disso César persuadiu-se voluntariamente a lhe escrever primeiro. E nosso bom Catulo, que tão grosseiras invectivas compôs sob o pseudônimo de Mamurra, vindo oferecer-lhe suas desculpas, ele o fez sentar-se no mesmo dia à sua mesa. Sabendo de alguns que falavam mal dele, César nada mais fez além de um único discurso público declarando estar ciente disso. Ele era ainda menos temido do que odiado por seus inimigos; sendo descobertas algumas das cabalas e conspirações perpetradas contra a sua vida, ele se satisfaz em publicar através de proclamações que as conhecia, sem processar os conspiradores posteriormente.

Sobre o respeito que dedicava aos amigos: Caio Ópio, que o acompanhava em uma viagem, ficou doente; César deixou para ele o único alojamento de que dispunha e deitava-se todas as noites ao ar livre, num chão duro. No que concerne à sua justiça, ele condenou seu servo bem-amado à morte por mentir à esposa de um nobre romano, embora disso não houvesse nenhuma queixa. Jamais existiu homem mais moderado na vitória, nem mais resoluto na fortuna adversa. Mas todas essas boas inclinações foram abafadas e deterioradas pela ambição furiosa que o transportou e desencaminhou, tanto que alguém poderia facilmente enganar-se ao sustentar que tal paixão era o leme de todas as suas ações; de um homem liberal ele tornou-se um ladrão público para prover sua generosidade e profusão, e o fez proferir esta declaração vil e injusta: “Que se as piores e mais dissolutas pessoas do mundo tivessem sido fiéis servindo-o em seu progresso, ele as apreciaria e preferiria com o máximo do seu poder, tanto quanto o melhor dos homens”. Ele intoxicou-se com tão exaltada vaidade, como ousando ostentar na presença dos seus concidadãos que ele havia feito a grande comunidade Romana de um nome sem forma e sem corpo; e dizer que suas resoluções para o futuro deveriam representar leis; e também receber sentado o corpo do Senado que vinha a ele; deixar-se adorar e ter honras divinas a ele tributadas em sua própria presença. Para concluir, este único vício, em minha opinião, corrompeu nele a natureza mais rica e bonita que já houve e fez o seu nome abominável para todos os homens bons; ele ergueria sua glória sobre as ruínas do seu país e pela subversão da maior e mais florescente república que o mundo jamais verá.

Podem existir, pelo contrário, muitos exemplos produzidos por grandes homens cujos prazeres levaram a negligenciar a condução dos seus negócios, como Marco Antônio e outros; mas onde o amor e a ambição devem estar em idêntico equilíbrio e empurrar com forças iguais, não tenho dúvida alguma que a última ganharia o prêmio.

Voltando ao meu tema: é demasiado reprimir nossos apetites pelo argumento da razão, ou, através da violência, conter nossos membros no cumprimento dos seus deveres; senão para chicotear-se pelo interesse de nosso vizinho, e não apenas pelo prazer que sentimos em ser agradáveis a outros e nos despir da paixão encantadora que nos incita, cortejando e amando cada um, mas também para conceber um ódio contra as graças que produzem tal resultado e condenar nossa beleza porque inflama outros; disto, eu confesso, encontrei escassos exemplos. Mas este é um deles. Espurina, um jovem da Toscana:

*“Qualis gemma micat, fulvum quae dividit aurum,
Aut collo decus, aut cupiti: vel quale per artem
Inclusum buxo aut Oricia terebintho
Lucet ebur,”*

“Como uma gema engastada reluz sobre o amarelo do ouro, ou um ornamento no pescoço ou na cabeça,
ou como o marfim tem brilho, reservado pela arte em madeira de buxo ou no ébano de Oriciano” [Virgílio]

, sendo dotado de uma beleza singular e tão excessiva que os olhos mais puros simplesmente não podem ver seus raios; não satisfeito em deixar sem alívio as flamas e a febre que acendeu em todos os lugares, acolheu um despeito furioso contra ele mesmo e essa grande natureza de dotes tão liberalmente conferida sobre ele, como se um homem fosse responsável a si próprio pelas falhas de outros; e intencionalmente cortou e desfigurou, com muitas feridas e cicatrizes, a perfeita simetria e a proporção que natureza havia tão curiosamente imprimido em sua face. Para dar minha opinião livre, mais admiro que dignifico tais ações: esses excessos são inimigos das minhas regras.

O propósito era bom e consciencioso, mas certamente um tanto imperfeito quanto à prudência. Que sua deformidade servisse para depois tornar outros culpados pelo pecado do ódio ou desprezo; ou de invejar a glória de tão rara recomendação; ou de calúnia, interpretando neste temperamento uma ambição furiosa! Há qualquer maneira da qual o vício não possa, se desejar, extrair ocasião para se exercitar, de uma forma ou de outra? Teria sido mais justo, e também mais nobre, fazer dessas dádivas de Deus um motivo de regularidade e virtude exemplares.

Aqueles que se retiram dos ofícios comuns, daquele infinito número de regras incômodas que acorrentam um homem de

estrita honestidade na vida civil, são em minha opinião muito circunspectos: uma impetuosidade peculiar os obriga de qualquer maneira a impor sobre eles mesmos assim proceder. É alguma espécie de morte para evitar a dor de viver bem. Eles podem ter outra recompensa; mas a retribuição pela dificuldade eu imagino que eles nunca podem receber; nem pela inquietação de que não pode haver qualquer coisa maior ou melhor do que manter-se ereto entre as ondas do mundo, executando todas as partes do nosso dever verdadeira e exatamente. É possivelmente mais fácil conservar-se longe do sexo do que uma pessoa manter corretamente e em todos os pontos a sociedade de uma esposa; e um homem pode com menor dificuldade adaptar-se à total abstinência do que à conveniente dispersão de abundância.

O costume, conduzido de acordo com razão, tem em si mais de dificuldade do que de abstinência; a moderação é uma virtude que dá mais trabalho que sofrimento; o viver bem de Cipião tem mil estilos, mas o de Diógenes apenas um; isto excede tanto as vidas ordinárias em inocência quanto aquelas mais aperfeiçoadas as superam em força e utilidade.

Capítulo XXXIV

Observação sobre os meios para conduzir uma guerra de acordo com Júlio César

Contam que muitos grandes líderes tiveram determinados livros em particular estima, como Alexandre o Grande, Homero; Cipião Africano, Xenófanes; Marcos Bruto, Políbio; Carlos V, Filipe de Comines; e dizem que, em nosso tempo, até agora Maquiavel é alhures considerado; mas o recém-falecido Marechal Strozzi, que havia tomado César como modelo, fez sem dúvida a melhor escolha, vendo que ele realmente deveria ser o breviário de todo soldado, constituindo o verdadeiro e soberano padrão da arte militar. Além disso, Deus sabe com que graça e beleza ele ornou tão rico tema, com tão pura, delicada e perfeita expressão que não há no mundo nenhuma obra comparável à sua, abordando aquele assunto, em minha opinião.

Registrarei abaixo algumas passagens raras e particulares sobre as guerras dele que permanecem em minha memória.

Seu exército, estando um pouco consternado pelos rumores espalhados sobre as grandes forças de que o rei Juba estava conduzindo contra ele, em vez de mitigar a apreensão dos soldados que haviam recebido tais notícias e minimizar as forças do inimigo, depois de tê-los conclamado à coragem e reassegurado sua união, tomou um caminho bastante contrário ao que estamos acostumados a fazer, dizendo-lhes que não precisavam mais se incomodar perguntando pelas forças do inimigo, pois disso ele estava certamente informado, e então lhes deu um número que em muito excedia a realidade e o relatório circulante no seu exército; seguindo o conselho de Ciro em Xenófanes, visto que não é de tão grande importância a decepção de deparar com um inimigo mais fraco que esperamos do que na verdade encontrá-lo muito forte, depois de ter feito acreditar que era débil.

Sempre era seu hábito treinar os soldados a simplesmente obedecer, sem lhes atribuir autoridade ou falar sobre os desígnios dos seus capitães, aos quais nunca comunicava nada além do ponto de execução; e ficava deliciado se lograssem descobrir qualquer coisa do que ele pretendia: imediatamente mudava as ordens deles para ludibriá-los; e para tal propósito, quando já havia especificado seus alojamentos num lugar, freqüentemente passava adiante e alongava o dia de marcha, especialmente se o tempo estivesse chuvoso e ameaçador. Os suíços, no princípio das suas guerras na Gália, enviaram-lhe a exigência de passagem livre pelos territórios Romanos; não obstante resolvido a impedi-los pela força, ele falou amavelmente com os mensageiros e solicitou um intervalo para pronunciar uma resposta, empregando aquele tempo para chamar e agrupar o seu exército. Essas pessoas tolas não sabiam quão bom camarada ele fora em seu tempo: porque freqüentemente repetia que o maior talento de um capitão é saber fazer uso das oportunidades, e a sua diligência nas façanhas é, na verdade, desconhecida e inacreditável.

Se não fosse muito consciencioso para tirar vantagem de um inimigo sob o pretexto de um pacto de acordo, nisso ele era tão humilde que não requeria de um soldado nenhuma outra virtude além da coragem, e raramente castigava quaisquer outras faltas senão motim e desobediência. Depois das vitórias ele costumeiramente relaxava e lhes concedia todos os tipos de licença, dispensando-os durante algum tempo das regras da disciplina militar, mas por outro lado dizia ter soldados tão bem treinados que mesmo empoados e perfumados correriam furiosamente à luta. Na verdade ele adorava tê-los armado magnificamente, fazê-los trajar armaduras gravadas, douradas e adamasquinadas, com a finalidade de que o cuidado de salvá-las os pudesse engajar na mais obstinada defesa.

Falando com eles, chamava-os de camaradas-soldados, nome que ainda usamos; o qual seu sucessor (Augusto) modificou, supondo que ele somente o havia feito por necessidade, apenas para bajular aqueles que o acompanhavam como voluntários:

“Rheni mihi Caesar in undis

Dux erat; hic socius; facinus quos inquinat, aequat:”

“Nas águas do Reno, César era meu general; aqui em Roma ele

é meu camarada. O crime nivela aqueles a quem polui” [Lucano]

, mas tal comportamento era muito baixo e inadequado à dignidade de um imperador e general de um exército, então inventou o costume de chamá-los apenas de soldados. A essa cortesia César misturava grande severidade para mantê-los atemorizados; tendo os soldados da nona legião se rebelado perto de Placentia, ele ignominiosamente os dispersou; entretanto, Pompeu ainda estava em movimento e não os recebeu novamente para perdoá-los senão depois de muitas súplicas; ele os aquietou mais através de autoridade e coragem do que por maneiras suaves.

No lugar onde fala disso, a passagem superior do Reno para a Alemanha, diz ele que achando indigno para a honra do povo Romano ver seu exército flutuar sobre vasilhas, mandou construir uma ponte que eles poderiam atravessar com os pés secos. Foi quando construiu aquela maravilhosa ponte da qual nos dá tão particularizada descrição; porque em parte alguma de tão boa vontade discorre sobre suas ações para nos patentear a sutileza das suas invenções em tal gênero de trabalhos manuais.

Também observei que ele atribuiu grande valor às suas exortações aos soldados antes da luta; pois onde podia demonstrar que estava surpreso ou reduzido à necessidade de lutar, sempre o fazia; ele não tinha prazer maior do que arengar o seu

exército. Antes da grande batalha de Tournay, diz ele: “César, tendo distribuído ordens para todos, corria agora aonde a fortuna o levava para encorajar seus soldados, e encontrando-se com a décima legião, não teve tempo para dizer-lhes mais nada senão que eles deveriam lembrar-se do seu costumeiro valor; não se deixar surpreender, mas sustentar corajosamente o embate do adversário; e vendo que o inimigo já havia se aproximado à distância do arremesso de um dardo, fez o sinal para a batalha; e indo repentinamente daí a outro lugar, para encorajar outros, verificou que já estavam comprometidos”. Eis o que ele nos conta daquele lugar. Em diversas ocasiões sua língua fez realmente um notável serviço, e sua eloquência militar era, em seu próprio tempo, tão altamente reputada que muitos soldados dos seus exércitos anotavam os discursos conforme ele os pronunciava, significando que havia volumes dessas compilações existindo muito tempo depois dele. Falando ele tinha uma graça tão particular que seu íntimo, Augusto entre outros, ouvindo a recitação dessas orações, podiam até mesmo distinguir as frases e palavras que não eram dele.

Na primeira vez que partiu de Roma com algum comando público ele chegou em oito dias ao rio Rone, tendo consigo na carruagem um ou dois secretários diante dele que escreviam continuamente e carregavam sua espada atrás dele. E certamente, posto que o homem nada mais podia fazer senão continuar, ele com dificuldade conseguiu atingir aquela presteza com que, tendo estado vitorioso em todos os lugares na Gália, deixou-a seguindo Pompeu a Brundúcio e em dezoito dias contados subjugou toda a Itália; voltou de Brundúcio a Roma; de Roma penetrou no próprio coração da Espanha onde sobrepoujou extremas dificuldades na guerra contra Afrânio e Petreio, e no prolongado assédio de Marselha; daí voltou à Macedônia, desbaratou o exército Romano em Farsália; dali passou à perseguição de Pompeu no Egito (que ele também conquistou); do Egito penetrou na Síria e nos territórios de Ponto, onde enfrentou Farnaces; dali foi para a África onde bateu Cipião e Juba; e novamente retornou à Itália onde derrotou os filhos de Pompeu:

“Ocyor et coeli fiammis, et tigride foeta”

“Mais rápido que o raio, ou a tigresa carrega os filhotes” [Lucano]

“Ac veluti montis saxum de, vertice praeceps

Cum ruit avulsis vento, seu turbidus imber

Proluit, aut annis solvit sublapsa vetustas,

Fertur in abruptum magno mons improbus actu,

Exultatque solo, silvas, armenta, virosque,

Involvens secum”

“Como uma pedra arrancada do topo da montanha pelo vento ou chuvas torrenciais, ou desprendida pelo tempo, cai com força compacta e poderosa, ressaltando aqui e ali, em seu curso varrendo da terra bosques, rebanhos e homens” [Virgílio]

Falando do assédio de Avarico ele diz que era seu hábito estar dia e noite com os sapadores. Em todos os empreendimentos de conseqüência ele sempre fez questão de inspecionar pessoalmente e jamais levou seu exército a acampamentos antes de ter visto o lugar primeiro, e, se podemos crer em Suetônio, quando decidiu atravessar o canal para a Inglaterra, foi o primeiro homem a sondar a passagem. Ele tinha o costume de dizer que valorizava mais uma vitória obtida pela deliberação do que pela força; na guerra contra Petreio e Afrânio, a sorte o presenteou com uma oportunidade manifesta de vantagem, que ele rejeitou, dizendo esperar, com um pouco mais de tempo, mas perigo menor, subverter seus inimigos.

Ele também executou um papel notável ordenando que todo o seu exército atravessasse a nado pelo rio, sem qualquer espécie de carência:

“Rapuitque ruens in praelia miles,

Quod fugiens timuisset, iter; mox uda receptis

Membra fovent armis, gelidosque a gurgite, cursu

Restituunt artus”

“Para lutar os soldados se apressam num caminho o qual teriam medo de tomar para fugir: então, com suas armadura eles cobrem os membros molhados e correndo recuperam o calor das juntas entorpecidas” [Lucano]

Considero-o um pouco mais brando e ponderado em seus empreendimentos do que Alexandre, porque este homem parece buscar e intempestivamente incorrer em perigos como uma torrente impetuosa que ataca e arremete contra tudo que encontra, sem escolha ou discrição;

“Sic tauriformis volvitur Aufidus;

Qui regna Dauni perfluit Appuli,

Dum saevit, horrendamque cultis

Diluvium meditatatur agris;”

“Assim o Áfidus bifurcado que flui pelo reino do Apuliano Dauno, ao se enfurecer, ameaça a terra cultivada com um medonho dilúvio” [Horácio]

, e, realmente, ele era um general na flor e no primeiro ardor de sua juventude, considerando que César aderiu ao negócio numa idade mais madura e bem avançada; a isto pode-se acrescentar que Alexandre era de uma constituição mais sanguínea, quente e colérica, e também se inflamava com o vinho, do qual César era relativamente abstêmio.

Mas salvo onde a ocasião necessariamente exigiu, jamais arriscou qualquer homem mais do que a si mesmo: tanto assim que, de minha parte, parece-me haver interpretado em muitas das suas façanhas uma determinada resolução de não aproveitá-las para evitar a humilhação de ser superado. Na grande batalha de Tournay ele arremeteu até o corpo principal das tropas inimigas sem o seu escudo, exatamente quando via a vanguarda do seu próprio exército começando a ceder, o que também

sucedeu em diversas outras vezes. Ouvindo que sua gente fora sitiada, ele atravessou o exército inimigo disfarçado para encorajar os soldados com sua presença. Tendo cruzado até Dirráquio com forças insuficientes e vendo o restante dos seus exércitos – que ele havia deixado sob a condução de Antônio – seguindo-o lentamente, ele tratou de repassar o mar sozinho sob uma grande tempestade e reservadamente logrou ir buscar o resto das suas forças, estando os portos do outro lado capturados por Pompeu e todo o restante do mar em sua posse. E quanto ao que executou através das mãos, há muitas proezas cujo perigo excede todas as regras da guerra; pois como pôde com tão poucos meios dedicar-se a subjugar o reino do Egito e depois atacar as forças conjuntas de Cipião e Juba, dez vezes maiores que as suas próprias? Essa pessoa tinha, não sei dizer porque, uma confiança mais que humana em sua fortuna; e ele costumava afirmar que os homens devem embarcar, e não deliberar, sobre os altos empreendimentos.

Depois da batalha de Farsália, quando já havia despachado o seu exército para a Ásia antes dele e estava transpondo o estreito do Helesponto numa única embarcação, encontrou Lúcio Cássio no mar com dez grandes vasos de guerra; César não somente teve a coragem de prosseguir em seu percurso, mas ainda velejar até Cássio e conclamá-lo a render-se, o que ele realmente fez.

Tendo levado a cabo aquele furioso assédio de Alexia, em cuja guarnição havia oitenta mil homens, todos os Gauleses pegaram em armas para levantar o assédio, tendo equipado um exército em movimento de cento e nove mil cavalos e de duzentos e quarenta mil homens a pé, cuja coragem e veemente confiança era de que ele não arriscaria uma tentativa, mas determinado entre duas dificuldades tão grandes – as quais, não obstante, ele superou; e, depois de ter vencido uma grande batalha contra aqueles de fora, logo reduziu os de dentro à sua mercê.

O mesmo aconteceu a Lúculo no assédio de Tigranocerta contra o Rei Tigranes, mas as condições do inimigo não eram as mesmas, considerando a efeminação daqueles com quem Lúculo teve de negociar. Descreverei a seguir dois eventos raros e extraordinários relativos a esse assédio de Alexia; um, que os Gauleses tenham reunido suas forças para enfrentar César depois de terem dado uma baixa geral a todas as suas tropas e resolvido em seu conselho de guerra dispersar uma boa parte dessa grande multidão, que não poderia cair em desordem. Este exemplo de temeridade é muito original; mas, para fazer isso direito, levanta-se o argumento que o corpo de um exército deve ser de uma grandeza moderada e restrito a certos limites, tanto com respeito ao óbice logístico de abastecê-lo quanto à dificuldade de governá-lo e mantê-lo em ordem. Pelo menos é muito fácil evidenciar através do exemplo que exércitos de números monstruosos raramente fazem qualquer coisa a propósito. De acordo com a declaração de Ciro em Xenófanis, “não é o número de homens, mas o número de bons homens que dão a primazia”: o restante serve mais para atrapalhar do que auxiliar. Bajazet fundamentou principalmente sua resolução de dar combate a Tamerlão, ao contrário da opinião de todos os seus capitães, em que o número incontável de homens do seu inimigo deu-lhe esperanças seguras de confusão. Scanderbeg, juiz muito bom e especialista em tal matéria, dizia usualmente que dez ou doze mil homens lutadores e de confiança eram suficientes para um bom líder afiançar sua direção em toda espécie de situação militar. Outra coisa aqui desejo registrar, parecendo ser contrária tanto aos costumes quanto às regras da guerra, relacionada a Vercingetorix, feito general de todas as tropas Gaulesas revoltadas, o qual deveria ter permanecido em Alexia: pois quem tem o comando de um país inteiro nunca deve se confinar exceto num caso de extrema necessidade em que o único lugar que ele abandonou está sob inquietação e sua única esperança jaz na defesa daquela cidade; caso contrário ele deve sempre persistir em liberdade, pois em geral pode dispor dos meios para prover todas as partes do seu governo.

Vamos voltar a César. Ele se tornou, com o passar do tempo, mais lento e mais ponderado, como testemunha seu amigo Ópio, concebendo que não devia levemente arriscar a glória de tantas vitórias, das quais o sopro da fortuna poderia privá-lo. É o que dizem os Italianos quando censuram a precipitação e a temeridade dos jovens chamando-os *'d'onore de Bisognosi'*, “carentes de dignidade”, e que estando em tão grande desejo e necessidade de reputação, têm razão para buscá-la seja qual for o preço, o que não devem fazer se já adquiriram alguma. Pode haver razoavelmente um pouco de moderação, um pouco de saciedade nesta ânsia e apetite de glória, bem como em outras coisas: e há muitas pessoas que o praticam. Ele estava muito distante dos escrúpulos religiosos dos antigos Romanos, que nunca prevaleceriam em suas guerras senão através do valor puro e simples; e ainda era mais consciencioso do que nós haveríamos de ser nestes dias, não aprovando todas as espécies de expediente para obter uma vitória. Na guerra contra Ariovisto, quando estava a parlamentar com ele, houve certa comoção entre os cavaleiros causada pela transgressão do cavalo ligeiro de Ariovisto; César, entretanto, não viu grande vantagem no inimigo; pois não faria nenhum uso dele para que não fosse reprochado por um procedimento traiçoeiro.

Em batalha ele sempre costumava usar vestes suntuosas e de cores brilhantes, para ser mais facilmente notado e melhor observado.

Quando próximo de um inimigo ele sempre liderava com mão mais rígida e mais firme sobre os soldados. Quando os antigos Gregos queriam acusar alguém de extrema insuficiência, recitavam um provérbio comum: que ele não podia ler nem nadar; César era da mesma opinião, que nadar era de grande utilidade na guerra e ele mesmo praticava; pois quando tinha de empregar diligência, ele geralmente nadava nos rios em seu caminho; porque amava marchar a pé, assim como Alexandre o Grande.

Estando no Egito compelido a salvar-se e entrando num pequeno barco, tantas pessoas saltaram para dentro com ele que havia perigo de afundar; César preferiu antes confiar-se ao mar e nadou uns duzentos passos até a frota segurando na mão esquerda as suas anotações e puxando o escudo preso nos dentes, os quais não poderiam cair nas mãos do inimigo; nessa época ele estava numa idade bem avançada.

Jamais houve um general tão acreditado entre os seus soldados: no início das guerras civis, cada um dos seus centuriões se ofereceu para encontrar um homem de armas à sua própria custa, e os soldados da infantaria para servi-lo sem remuneração; aqueles que dispunham de maiores facilidades, além disso, empenhavam-se em cobrir as despesas dos mais necessitados. O

recém-falecido Almirante Chastillon [Gaspard de Coligny, assassinado no massacre de São Bartolomeu, a 24 de agosto de 1572] mostrou-nos exemplo equivalente em nossas guerras civis; pois os Franceses do seu exército forneceram dinheiro do próprio bolso para pagar os estrangeiros que lutavam com ele. Apenas escassamente foram encontrados exemplos de tão ardente e pronta afeição entre os soldados dos tempos antigos, que se limitavam estritamente às suas leis de guerra: a paixão tem o mais absoluto comando sobre a nossa razão; e aconteceu ainda na guerra contra Haníbal que a exemplo das pessoas na cidade de Roma, os soldados e capitães recusaram o pagamento do seu soldo do exército, e no acampamento de Marcelo os que receberam qualquer remuneração foram marcados a ferro com o nome de *Mercenariis* [mercenários]. O pior disso ocorreu perto de Dirráquio: seus soldados vieram e se ofereceram para ser castigados e punidos, de forma que não havia maior necessidade de confortá-los do que de reprová-los. Uma única de suas coortes resistiu por mais de quatro horas a quatro das legiões de Pompeu, até que fossem quase todos mortos por setas, de forma que cento e trinta mil hastes foram achadas nas trincheiras.

Um soldado chamado Scaeva, comandante de uma das passagens, conservou invicta a sua posição depois de ter perdido um olho, com um ombro e uma coxa perfurados e seu escudo atingido em duzentos e trinta pontos. Aconteceu que muitos dos seus soldados, sendo aprisionados, escolhiam antes morrer do que prometer unir-se ao adversário. Grânio Petrônio foi capturado na África por Cipião: tendo este executado os demais, enviou-lhe a garantia de poupar sua vida porque ele era um homem de qualidade e questor; Petrônio mandou de volta sua resposta: que os soldados de César eram habituados a dar a outros as suas vidas, e não recebê-las; e imediatamente suicidou-se com suas próprias mãos.

Da sua fidelidade há entre eles inúmeros exemplos; como os realizados por aqueles que ficaram sitiados em Salona, uma cidade que estava a favor de César contra Pompeu; estes não devem, pela raridade de um acidente que lá ocorreu, ser esquecidos. Marco Otávio os manteve rigorosamente sitiados; lá dentro eles foram reduzido à mais extrema carência de todas as coisas, de forma que para atender a necessidade dos homens, a maioria morta ou ferida, tiveram de alforriar todos os escravos e foram obrigados a cortar os cabelos de todas as mulheres e com eles fazer cordas para suas máquinas de guerra, além de uma fenomenal escassez de alimentos, e ainda assim continuavam resolvidos a nunca se render. Depois de ter sustentado o assédio por tão extenso período, Otávio ficou mais negligente e menos atento ao seu empreendimento; os sitiados escolheram a hora do almoço de um dia e, colocando primeiro as mulheres e crianças nos muros para criar uma falsa impressão, atacaram repentinamente os sitiadores com tal fúria que, tendo derrotado o primeiro, o segundo e terceiro corpo, e depois o quarto e o restante, e batido todos para fora de suas trincheiras, procuraram por eles até mesmo em seus navios, e o próprio Otávio ficou satisfeito em fugir para Dirráquio, onde Pompeu estava posicionado. No momento não me recorde de haver encontrado qualquer outro exemplo onde os sitiados tenham alguma vez infligido aos sitiadores tão completa derrota e conquistado o campo, nem de uma surtida que tenha alcançado o resultado de uma vitória genuína e total.

Capítulo XXXV

Sobre três boas mulheres

Elas não são às dúzias, como todos sabem, e especialmente nos deveres do casamento, pois isso é um intercâmbio tão cheio de circunstâncias agradáveis que é difícil uma mulher suportar tais restrições por muito tempo; os homens, embora sua condição seja algo melhor sob aquela limitação, têm ainda bastante que fazer. O verdadeiro toque e teste de um matrimônio feliz diz respeito ao tempo de associação, se foi constantemente suave, leal e agradável. Em nossa época as mulheres geralmente reservam a proclamação dos seus bons ofícios e sua veemente afeição pelos maridos até que os perderam, ou pelo menos, até condescender os testemunhos de boa sua vontade; um testemunho muito lento e intempestivo. Por isto eles antes manifestam que nunca as amaram até a morte: suas vidas nada mais são além de dificuldades; suas mortes plenas de amor e cortesia. Como os pais escondem seu afeto dos filhos, as mulheres, igualmente, escondem o seu dos maridos para conservar um modesto respeito. Esse mistério não é para o meu paladar; é muito a propósito que eles se arranham e arrancam seus cabelos. Eu sussurro no ouvido de uma camareira ou secretária: “Como eles eram, como eles viviam juntos?” E tenho sempre em minha cabeça aquela boa declaração que diz:

“Jactantius moerent, quae minus dolent”

“Eles fazem o a maior barulho pelo que menos importa”

(ou) “Eles lamentam mais ostensivamente o que menos os aflige” [Tácito]

O seu choramingar é ofensivo aos vivos e inútil aos mortos. Deveríamos de boa vontade deixar que rissem de nós depois que estivermos mortos, contanto que riam conosco enquanto estamos vivos. Não é suficiente para fazer um homem reviver de puro despeito que ela, que cuspiu em minha face quando eu estava vivo, venha beijar meus pés quando não mais estou? Se há qualquer dignidade no lamento de um marido, isto só cabe àquelas que sorriam com eles quando ainda os tinham; deixe as que lamentaram durante suas vidas rirem de suas mortes, tanto por fora quanto por dentro.

Assim, nunca leve em conta esses olhos chorosos e aquela voz lamentável; considere o comportamento dela, a aparência dela, a gordura das bochechas dela debaixo de todos esses véus formais; é lá que ela fala claramente o francês. Há poucos que não repararam nisso, e a saúde é uma qualidade que não pode mentir. Esse semblante cerimonioso e engomado não olha tanto para trás quanto para a frente, e pretende antes obter um marido novo do que lamentar o velho. Quando era menino, uma senhora muito bonita e virtuosa, que vive ainda, viúva de um príncipe, usou em seu vestido um pouco mais de ornamentos do que nossas leis de vivuvez permitiam; sendo por isso repreendida, respondeu que era porque ela resolveu não ter mais nenhum caso de amor, e nunca se casaria novamente.

Tenho aqui, de modo algum divergindo de nossos costumes, selecionado três mulheres que também expressaram a extrema bondade do seu afeto sobre os maridos mortos; contudo, são exemplos de outra categoria daquela agora em uso, e tão austeras

que dificilmente poderão ser imitadas. O jovem Plínio tinha perto de sua casa na Itália um vizinho que era excessivamente atormentado por certas úlceras nas suas partes íntimas. A esposa dele, vendo-o doente por tanto tempo, pediu-lhe que a deixasse ver e sem pressa avaliar a condição da sua enfermidade, e que livremente lhe contaria o que ela pensou. Tendo obtido permissão e examinado o negócio com curiosidade, achou impossível que ele pudesse um dia sarar, e que toda expectativa resumia-se em permanecer doente por um longo período, retardando-se numa vida dolorosa e miserável; então, como remédio mais seguro e soberano, resolutamente o aconselhou que se matasse. Mas achando-o um pouco melindroso e oposto a tão bárbara experiência, disse-lhe: “Não pense, meu amigo, que os tormentos que vejo-te suportar não são menos sensíveis a mim do que a ti mesmo, e que para resgatar-me deles não faria uso do mesmo remédio que para ti prescrevi. Eu te acompanharei na cura como fiz na doença; nada de medo, mas creia que teremos prazer nesta jornada livrando-nos de tantas misérias, e partiremos juntos alegremente”. Tendo pronunciado essas palavras e despertado a coragem do marido, a mulher decidiu que eles deviam jogar-se apressadamente no mar de uma janela acima deles, e que para manter até o último momento a lealdade e o veemente afeto com os quais o havia abraçado durante toda a vida, ela também teria de morrer por suas próprias mãos; mas para que não essas não viessem a falhar e se deixassem dissuadir pelo medo, ela rapidamente amarrou-se a ele pela cintura e assim abandonou a própria vida para obter o repouso do marido. Essa era uma mulher de baixa condição; e entre aquela classe de gente, não é novidade nenhuma ver alguns exemplos de rara virtude:

***“Extrema per illos
Justitia excedens terris vestigia fecit”***

“Quando ela deixou a terra, a justiça deu os últimos passos entre eles” [Virgílio]

As duas outras eram nobres e ricas, classe onde raramente se hospedam exemplos de virtude.

Arria, esposa de Caecina Paetus, uma pessoa diplomática, era mãe de outra Arria, esposa de Trasea Paetus, alguém cuja virtude fora muito renomada no tempo de Nero, e através desse genro, avó de Fânia: pois a semelhança dos nomes destes homens e mulheres, e suas fortunas, conduziram a vários enganos. O marido Caecina Paetus, daquela primeira Arria, foi levado prisioneiro por alguns agentes do Imperador Cláudio depois derrota de Escriboniano, cujo partido ele havia abraçado na guerra; ela implorou àqueles que iriam conduzi-los a Roma que os levassem em seu navio, onde ela lhes daria muito menos despesas e aborrecimentos que de outra forma muitas pessoas teriam de fazer para cuidar do marido, e que ela só se encarregaria de servi-lo em sua câmara, cozinhar para ele e todos os outros encargos. Eles recusaram, ao que ela se pôs num barco de pesca por ela contratado naquele mesmo lugar e daquela forma o seguiu de Esclovônia. Quando ela chegou a Roma, Júnia, viúva de Escriboniano e de fortuna similar à sua, um dia abordou-a na presença do Imperador; ela a repeliu grosseiramente com estas palavras: “Eu te digo, ou dareis ouvido a qualquer coisa do que disseste! a ti, no colo de quem Escriboniano foi morto, e contudo ainda vives!” Estas palavras, com vários outros sinais, deram a entender aos seus amigos que ela sem dúvida se despacharia, impaciente para apoiar o marido em seu infortúnio. E Trasea, seu genro, pedindo-lhe que não se desperdiçasse, disse a ela: “O quê! se eu tiver a mesma sorte de Caecina, deveria sua filha, minha esposa, fazer o mesmo?” “Deveria?” ela respondeu, “sim, sim, deveria: se ela tivesse vivido tanto tempo e em tão bom entendimento contigo como eu fiz com meu marido”. Estas respostas os deixaram mais cautelosos com ela, e de olho mais atento aos seus procedimentos. Um dia, tendo dito àqueles que a vigiavam: “É muito a propósito que vocês passem por toda essa angústia para me frustrar; vocês podem realmente fazer-me morrer de uma morte aflitiva, mas impedir-me de morrer não está em seu poder”; e num súbito frenesi lançou-se da cadeira onde estava sentada e bateu a cabeça com toda a força contra a parede, o que a pôs estendida no chão num estado de desmaio, e muito ferida; depois que a trouxeram com grande dificuldade novamente à consciência ela disse: “Eu lhes falei que se me recusassem algum modo fácil de morrer eu haveria de descobrir outro, mesmo que de modo doloroso”. A conclusão de virtude tão admirável era esta: o marido dela, Paetus, não tendo resolução bastante em si próprio para despachar-se e estando sujeito à crueldade do imperador, um dia, entre outros, depois de haver empregado todas as razões e exortações que julgava mais propensas a persuadi-lo, ela arrebatou a adaga que o marido usava de lado e segurando-a prontamente em sua mão, concluiu suas advertências: “Faça assim, Paetus”, ela disse, e no mesmo momento deu-se uma punhalada mortal no peito; a seguir, retirando a arma da ferida, apresentou-a ao marido, encerrando sua vida com esta declaração nobre, generosa e imortal: “Paete, non dolet” [Paetus, não é doloroso], não tendo tempo para pronunciar nada mais além dessas três palavras inesquecíveis.

***“Casta suo gladium cum traderet Arria Paeto,
Quern de visceribus traxerat ipsa suis
Si qua fides, vulnus quod feci non dolet, inquit,
Sed quod to facies, id mihi, Paete, dolet”***

“Quando a casta Arria deu a Paetus a espada ensangüentada que havia retirado do peito ela disse: ‘Se você crê em mim, Paetus, o ferimento que fiz não irá doer, mas aquele que tu farás irá ferir-me’” [Marcial]

A ação foi muito mais nobre em si mesma, e foi com um sentido de coragem que o poeta a expressou: porque ela estava longe de se intimidar com o pensamento da ferida do marido e de sua própria morte, da qual tinha sido promotora e conselheira: mas tendo executado este empreendimento elevado e corajoso somente para conveniência do marido, teve até mesmo em seu último suspiro de vida nenhuma outra preocupação senão ele, desapossá-lo do medo de morrer com ela. Paetus então golpeou-se no coração com a mesma arma, envergonhado, eu suponho, por necessitar de tão caro e precioso exemplo.

Pompéia Paulina, uma senhora Romana jovem e muito nobre, tinha se casado com Sêneca em sua extrema velhice. Nero, exemplar aluno do mestre, mandou-lhe seus guardas para anunciar a sentença de morte que era cumprida desta forma: quando os imperadores Romanos dessa época condenavam qualquer homem de qualidade, enviavam-lhe através dos seus oficiais a opção de que tipo de morte ele desejava, e o executava dentro de tal ou qual tempo, limitado de acordo com o grau da sua

indignação, para um adiamento mais curto ou mais longo, que eles poderiam melhor empregar para dispor dos seus negócios, e às vezes privando-os dos meios de fazê-lo pela brevidade do tempo; e se o condenado parecesse pouco disposto a submeter-se à ordem, tinham os agentes as mãos prontas para executá-lo cortando as veias dos braços e das pernas ou compelindo-o pela força a beber um gole de veneno. Mas as pessoas de honra não suportariam essa necessidade, fazendo uso dos seus próprios médicos e cirurgiões com esse objetivo. Sêneca, com um semblante calmo e sereno, ouviu sua sentença e pediu papel para escrever seu testamento; quando o capitão recusou, ele se voltou para seus amigos dizendo-lhes: “Como não posso deixar qualquer outro reconhecimento da obrigação que devo a vocês, deixo pelo menos a melhor coisa que possuo, isto é, a imagem da minha vida e maneiras é o que eu peço que mantenham em minha memória, pois assim fazendo podem adquirir a glória de ter amigos sinceros e verdadeiros”. E depois disso, enquanto apaziguava a tristeza que viu neles com palavras suaves, levantava agora a sua voz para reprová-los: “É isso o que resta de todos os nossos valentes preceitos filosóficos? O que sobrou de todas as providências por tantos anos conjuradas contra os acidentes da fortuna? A crueldade de Nero nos é desconhecida? O que poderíamos esperar de quem assassinou a mãe e o irmão, senão que ele haveria de matar aquele que o educou?” Depois de ter pronunciado essas palavras genéricas ele se virou para a esposa e envolveu-a rapidamente nos braços; como o coração e a força dela falhavam, ela estava a ponto de sucumbir de aflição; ele implorou que ela, por ele, suportasse esse acidente com um pouco mais de paciência, dizendo-lhe que agora era a hora de mostrar, não através de argumentos e discursos, mas resultados, os frutos que ele havia colhido em seus estudos, e que ele realmente abraçava a morte, não apenas sem aflição, mas além disso com alegria. “Portanto, minha bem amada”, ele disse, “não desonre isto com tuas lágrimas, visto que pode não parecer que tu amas mais a ti mesma que à minha reputação. Aflixe-te moderadamente e te confortes pelo conhecimento que tiveste de mim e das minhas ações, conduzindo-te o resto de tua vida da mesma forma virtuosa como até aqui tens feito”. Paulina, tendo recuperado um pouco o seu espírito e aquecido a magnanimidade da sua coragem com o mais generoso afeto, respondeu: “Não, Sêneca, eu não sou mulher para vê-lo sofrer sozinho em tal necessidade: não o deixarei supor que os exemplos virtuosos de sua vida não me ensinaram como morrer; e quando eu poderia melhor ou mais convenientemente fazê-lo, ou mais conforme meu próprio desejo, do que com você? então fique seguro de que irei acompanhá-lo”. Então Sêneca, tomando esta nobre e generosa resolução da esposa em bons termos e também desejoso de livrar-se do medo de deixá-la exposta à crueldade dos seus inimigos depois de sua morte, disse: “Paulina, eu tenho te instruído naquilo que serviria para viveres feliz; mas tu mais anseias, eu vejo, a honra de morrer: na verdade, não invejarei isto de ti; a constância e a resolução em nosso fim comum são as mesmas, mas a beleza e a glória de tua parte são muito maiores”. Dito isto os cirurgiões ao mesmo tempo abriram as veias dos braços de ambos, mas como os de Sêneca estavam mais enrugados, tanto pela idade quanto pela abstinência, e seu sangue fluíu muito lentamente, ele mandou-lhe além disso abrirem as veias das suas coxas; e para que os tormentos que ele suportava não pudessem trespassar o coração da esposa e também livrar-se da aflição de vê-la em condição tão triste, depois de despedir-se muito afetuosamente dela, pediu que ela fosse levada para sua câmara, o que fizeram adequadamente. Mas sendo todas aquelas incisões contudo insuficientes para fazê-lo morrer, solicitou que Statius Anneus, seu médico, lhe desse um trago de veneno, que não teve efeito muito melhor; pois devido à fraqueza e frieza dos seus membros, não pôde chegar ao seu coração. Portanto foram forçados a acrescentar um banho muito quente e então, sentindo a aproximação do fim, ele ainda teve fôlego e continuou com excelentes discursos sobre o tema da sua presente condição, que os secretários anotavam assim que ouviam de sua boca, e suas últimas palavras foram de elevada dignidade e estimadas entre os homens muito tempo depois, e é uma grande perda que não tenham chegado ao nosso tempo. Então, sentindo as últimas pontadas da morte, com a água sangrenta do banho ele lavou sua cabeça dizendo: “Esta água eu dedico a Júpiter, o libertador”. Nero, sendo informado de tudo isso e temendo que a morte de Paulina – que era um das senhoras bem-nascidas de Roma e contra quem ele não tinha nenhuma descortesia em particular – haveria de voltar-se para sua censura, enviou ordens a toda pressa para atarem as suas feridas, o que os criados fizeram sem o conhecimento dela, que já estava semimorta e totalmente insensível. Assim, entretanto ela viveu, em oposição ao seu próprio desígnio e mesmo honradamente, condizente com sua própria virtude, sua aparência pálida manifestando desde então o quanto de vida havia escorrido das suas veias. Estas minhas três histórias são verdadeiras; considero-as tão trágicas e interessantes quanto quaisquer dessas que elaboramos com nossos próprios recursos mentais para divertir as pessoas comuns; e gostaria de saber se eles são dedicados a tais relações, para não selecionar dez mil histórias muito boas que são encontradas em livros que os salvariam do aborrecimento da invenção e seriam mais úteis e divertidas; e aquele que delas compilasse um corpo coeso e interligado não precisaria adicionar nada de si mesmo, senão a conexão, por assim dizer a solda de outro metal; e pode através disso significar a encarnação de grandes eventos muitos verdadeiros de todos os tipos, dispondo-os e diversificando-os de acordo com o que a beleza do trabalho requeresse, praticamente da mesma maneira como Ovídio compôs as suas Metamorfoses de um infinito número de fábulas variadas.

No último casal é além do mais digno de consideração que Paulina ofereceu sacrificar voluntariamente sua vida pelo amor do marido, e que seu marido tinha anteriormente indulgido em também morrer pelo amor dela. Nós podemos pensar que não há um contrapeso justo nesta troca; mas, de acordo com o seu humor estóico, imagino que ele pensou ter feito tanto quanto ela, prolongando a sua vida por causa dela, como se tivesse morrido por ela. Em uma de suas cartas a Lucílio, segundo depois deixou claro, sendo atacado por uma febre em Roma, ele pegou a carruagem para ir a uma casa que possuía no interior, contrariando a opinião da esposa desejosa de ficar; ele havia lhe dito que a presente febre não era uma febre do corpo, mas do lugar, e segue assim: “Ela me deixou ir, dando-me estrito encargo de minha saúde. Agora eu, sabendo que a vida dela está envolvida com a minha, começo a fazer mais por mim mesmo, se eu posso preservá-la. E perco o privilégio que minha idade concedeu, de ser mais constante e resoluta em muitas coisas, quando vem ao pensamento deste velho camarada que há uma jovem menina interessada em sua saúde. E desde que não posso persuadi-la a amar-me mais valentemente, ela me faz mais solicitamente amar a mim mesmo: porque devemos permitir alguma coisa às afeições honestas, e, às vezes, embora as oportunidades nos importunem

contrariamente, temos de nos ligar de volta à vida, ainda que seja com tormento: temos de prender o jejum da alma em nossos dentes, visto que a regra de viver, entre bons homens, não é tão prolongada como lhes agrada, senão tanto quanto devem ser. Aquele que não ama tanto a esposa nem o amigo quanto prolongar sua vida para eles, morrerá obstinadamente, é muito delicado e muito efeminado: a alma deve impor-se em si mesma quando a utilidade de nossos amigos assim o requer; nós às vezes temos de nos emprestar a nossos amigos, e quando devemos morrer por nós mesmos temos de romper aquela resolução por eles. É um testemunho de grandeza de caráter voltar a viver em consideração a outro, como fizeram muitas pessoas excelentes: e é um sinal singular de boa natureza preservar a velhice (da qual a maior conveniência é a indiferença sobre sua duração, e um uso mais robusto e desdenhoso de vida), quando um homem percebe que este ofício é agradável, conveniente e útil para alguma pessoa por quem ele é muito amado. E através disto o homem colhe uma recompensa muito deliciosa; pois o que pode ser mais encantador do que ser tão querido à sua esposa, quanto por sua causa ele se tornará mais querido a si mesmo? Assim temos a minha Paulina não apenas sobrecarregada com seus medos, mas pelos meus próprios; não foi suficiente considerar o quão resolutamente eu poderia morrer, mas também considerar como irresolutamente ela suportaria a minha morte. Sou obrigado a viver, e às vezes viver em magnanimidade”.

Estas são suas próprias palavras, tão excelentes quanto são em todos os lugares.

Capítulo XXXVI

Sobre os mais excelentes homens

Se me pedissem para escolher entre todos os homens que chegaram ao meu conhecimento, haveria de responder que parece-me encontrar três mais excelentes que todos os demais.

Um deles é Homero: não que Aristóteles e Varro, por exemplo, não sejam possivelmente tão instruídos quanto ele; nem que talvez Virgílio a ele não se equiparasse em sua própria arte, que deixo de determinar pelo tanto que conheço de ambos. Eu, de minha parte, que de acordo com meu parco talento não creio que as próprias Musas poderiam ir além do Romano, entendo que apenas um deles pode dizer isto:

***“Tale facit carmen docta testudine, quale
Cynthius impositis temperat articulis:”***

“Ele toca versos eruditos no seu alaúde como Apolo Cintiano modula com seus dedos impostos” [Propércio], e ainda nesta avaliação não devemos esquecer que é principalmente de Homero que Virgílio deriva a sua excelência, que é seu guia e professor; e aquele toque da Ilíada o abasteceu do corpo e matéria de que compôs sua excelsa e divina Aeneida. Não penso sobre isso, mas é a mistura de diversas outras circunstâncias que fazem dele um poeta admirável para mim, como se estivesse sempre acima da condição humana. Na verdade, desejo freqüentemente saber se pelo que ele produziu e por sua autoridade, dando renome universal a tantas deidades, não foi ele mesmo divinizado. Sendo cego e pobre, vivendo antes das ciências que eram restritas a certas regras e observações, bem se familiarizou com elas, e todas essas desde então têm levantado e estabelecido governos, empreendido guerras; para escrever sobre religião ou filosofia, seja qual for a seita, ou sobre as artes, fez uso de si mesmo como o mais perfeito instrutor no conhecimento de todas as coisas, e dos seus livros como um tesouro de todos os tipos de conhecimento:

***“Qui, quid sit pulcrum, quid turpe, quid utile, quid non,
Planius ac melius Chrysippo et Crantore dicit:”***

Quem melhor e mais claramente que Crisipo e Crantor nos conta o que é bom, o que é mau, o que é útil e o que não é?” [Horácio]

, e como diz este outro:

***“A quo, ceu fonte perenni,
Vatum Pieriis ora rigantur aquis”***

“Como numa perene primavera, os lábios dos poetas são umedecidos pelas águas do Pieriano” [Ovídio]

, e este outro:

***“Adde Heliconiadum comites, quorum unus Homerus
Sceptra potitus;”***

“Acrescente os companheiros das Musas, cujo cetro somente Homero obteve” [Lucrécio]

, e outro:

***“Cujusque ex ore profusos
Omnis posteritas latices in carmina duxit,
Annemque in tenues ausa est deducere rivos.
Unius foecunda bonis”***

“De cuja boca toda posteridade retirou copiosa torrente de versos e fez os corajosos transformarem o rio poderoso em pequenos regatos, férteis na propriedade de um homem” [Manílio]

É contrário à ordem da natureza que ele tenha a produção mais excelente que pode talvez existir; pois a origem ordinária das coisas é imperfeita; elas prosperam e crescem juntando forças, conquanto tenha feito a infância da poesia e várias outras ciências amadurecer, aperfeiçoar-se e consumir-se desde o princípio. E por isso ele pode ser considerado o primeiro e o último dos poetas, conforme o eminente testemunho que a antiguidade nos deixou: “que antes dele ninguém havia que o pudesse imitar, assim como desde então não houve ninguém que pudesse imitá-lo”. Suas palavras, de acordo com Aristóteles, são as

únicas que têm movimento e ação, as únicas palavras significativas. Alexandre o Grande, tendo encontrado um rico armário entre os espólios de Dario, ordenou que este deveria ser reservado para abrigar o seu Homero dizendo: “que ele era o melhor e o mais fiel conselheiro que tivera em seus assuntos militares”. Foi pela mesma razão que Cleómenes, filho de Anaxandridas, disse que ele era o poeta dos Lacedemônios, pois era um excelente mestre na disciplina de guerra. Este singular e particular elogio também foi a ele atribuído no julgamento de Plutarco, porque ele é o único autor no mundo que nunca saturou nem repugnou seus leitores, sempre apresentando outras coisas e sempre florescendo em alguma nova graça. O temerário Alcibiades, perguntando a um pretense estudante por um livro de Homero, deu-lhe uma bofetada porque ele não tinha nenhum, o que julgou tão escandaloso quanto nós acharíamos de um dos nossos padres sem um Breviário. Um dia Xenófanes reclamou que Hiero, tirano de Siracusa, era tão pobre que não tinha possibilidade de manter dois criados. “O quê!” ele replicou, “Homero, que era muito mais pobre do que tu és, mantinha mais de dez mil, embora esteja morto. O que Panétio deixou de mencionar quando chamou Platão de ‘Homero dos filósofos’? Além do mais, qual glória pode ser comparada a isso? Nada é tão freqüente nas bocas dos homens quanto seu nome e suas obras, nada tão bem conhecido e recebido quanto Tróia, Helena e a guerra por ela, quando talvez nunca tenha havido qualquer coisa assim. Nossas crianças ainda são chamadas por nomes que ele inventou há três mil anos; quem não conhece Heitor e Aquiles? Não apenas algumas famílias em particular, mas a maioria das nações também busca suas origens nas criações dele. Maomé, o segundo daquele nome, imperador dos Turcos, escreve ao nosso Papa Pio II: ‘estou surpreso’, diz ele, ‘que os Italianos se hajam insurgido contra mim, visto que temos descendência comum dos Troianos, e interessa-nos a todos vingar o sangue de Heitor nos Gregos que eles encorajam contra mim’. Não é uma nobre farsa onde reis, repúblicas e imperadores têm por tantas eras interpretado seus papéis, e para a qual o imenso universo serve de teatro? Sete cidades Gregas disputam o seu nascimento, pois mesmo em sua obscuridade tanta honra ele proporcionou! Esmirna, Rodes, Colofão, Salamis, Quios, Argos, Atenas”.

O outro é o Alexandre o Grande. Seja quem for que considere a época na qual ele iniciou seus empreendimentos, os escassos meios através dos quais realizou tão glorioso desígnio, a autoridade obtida na mera juventude sobre os maiores e mais experientes capitães do mundo, de quem foi seguidor, a extraordinária fortuna de possibilidades benéficas que abraçou e o favoreceram em tantos perigos, para não falar da impetuosidade, do heroísmo,

***“Impellens quicquid sibi summa petenti
Obstaret, gaudensque viam fecisse ruins;”***

“Derrotando todos que buscavam resistir, e satisfeito de forçar o seu caminho através da ruína” [Lucano]

; aquela grandeza, ter aos trinta e três anos percorrido vitorioso toda a terra habitada, e na metade de uma vida alcançar o extremo do que a natureza humana pode oferecer; de forma que você não pode imaginar apenas a sua duração e a continuidade do crescimento dele em valor e fortuna até uma devida maturidade etária, mas deve sobretudo imaginar algo mais que o homem: ter instituído tantas famílias reais brotando dos seus soldados e deixando o mundo, à sua morte, dividido entre quatro sucessores, simples capitães do seu exército cuja posteridade por tanto tempo prosseguiu e conservou aquelas vastas posses; de tantas virtudes excelentes ele foi mestre, como justiça, temperança, liberalidade, veracidade em sua palavra, amor pelo seu povo e humanidade sobre aqueles que superou; pois em suas maneiras, de um modo geral, ele na verdade parece incapaz de qualquer forma de censura, embora algumas de suas ações, particulares e extraordinárias, possam ser reprovadas. Mas é impossível dar cabo de coisas tão grandes quanto ele realizou dentro das regras estritas da justiça; assim ele será julgado na totalidade pelos objetivos principais das suas atitudes. A destruição de Tebas e Persépolis, o assassinato de Menandro e do médico de Eféstion, a massacre de tantos prisioneiros Persas numa única ocasião, de uma tropa de soldados Hindus (não sem prejuízo de sua palavra) e dos Cossianos, ainda mais tantas crianças, realmente são investidas que não podem ser satisfatoriamente escusadas. Pois quanto a Clito, a falta estava mais que redimida; a mesma ação, tanto quanto qualquer outra de todas que manifestaram a bondade da sua natureza, uma natureza excelentemente voltada para a bondade; e era engenhosamente dito que ele obtinha suas virtudes da Natureza e seus vícios da Fortuna. Quanto a ser escassamente dado a vangloriar-se, um pouco impaciente para ouvir intrigas e sobre aqueles manjedouros, braços e pedaços que fez espalharem pela Índia, todas essas pequenas vaidades, parece-me que podem muito bem ser permitidas à sua juventude e à prodigiosa prosperidade da sua fortuna. E quem além disso desejar considerar suas muitas virtudes militares, sua diligência, previsão, paciência, disciplina, sutileza, magnanimidade, resolução e boa sorte, em que (embora não tenhamos a autoridade de Haníbal para nos assegurar) ele era o primeiro dos homens, sua beleza admirável e a simetria da sua pessoa, é mesmo um milagre o porte majestoso e a aparência terrível dele, numa face tão jovem, corada e radiante:

***“Qualis, ubi Oceani perfusus Lucifer unda,
Quem Venus ante alios astrorum diligit ignes,
Extulit os sacrum coelo, tenebrasque resolvit;”***

“Assim quando se banha nas ondas do Oceano, Lúçifer, a quem Vênus ama acima das outras estrelas, exibe seu semblante sagrado ao céu e dispersa a escuridão” [Virgílio]

, a excelência do seu conhecimento e capacidade; a duração e a grandeza da sua glória; puro, honesto, sem mancha ou inveja; por longo tempo depois de sua morte houve uma convicção religiosa de que mesmo suas medalhas traziam boa sorte a todos que as carregavam; e que mais reis e príncipes tenham descrito suas ações do que outros historiadores escreveram sobre as ações de qualquer outro rei ou príncipe que jamais existiu; e que mesmo nestes dias em que os maometanos menosprezam todas as outras histórias, admitem e reverenciam apenas as dele, por um privilégio especial: quem, eu digo, quiser considerar seriamente estes pormenores há de confessar que, todas estas coisas reunidas, tive razão para preferi-lo antes do próprio César, somente quem poderia deixar-me duvidoso em minha escolha: e não se pode negar que houvesse mais dele próprio em suas proezas, e mais de fortuna naquelas de Alexandre. Eles foram iguais em muitas coisas e possivelmente

César teve qualidades um pouco maiores: eram duas labaredas, ou duas torrentes, assolando o mundo por métodos diversos;

*“Ac velut immissi diversis partibus ignes
Arentem in silvam, et virgulta sonantia lauro
Aut ubi decursu rapido de montibus altis
Dant sonitum spumosi amnes, et in aequora currunt,
Quisque suum populatus iter:”*

“E como o fogo aplicado em várias partes de uma madeira seca e crepitantes arbustos de loureiro, ou como a queda impetuosa das montanhas íngremes verte torrentes que espumam até o oceano, cada um limpando um curso destrutivo” [Virgílio]

, mas conquanto a ambição de César tenha sido mais moderada, seria ainda tão infeliz, tendo a ruína do seu país e um prejuízo universal para o mundo como seu abominável objetivo; todas as coisas investigadas e postas na balança, devo necessariamente inclinar-me para o lado de Alexandre.

O terceiro e em minha opinião o mais excelente é Epaminondas. Em glória ele sequer se aproxima dos outros dois (a qual, quanto ao nosso tema, é apenas uma parte substancial da coisa): de valor e resolução, não é daquele tipo empurrado pela ambição, mas cuja sabedoria e razão podem medrar em uma alma regular, ele teve tudo aquilo que se poderia imaginar.

Dessa sua virtude ele tem, em minha concepção, dado tão amplas provas quanto o próprio Alexandre ou César: pois embora suas façanhas bélicas não tenham sido tão freqüentes nem tão completas, ainda foram, se apropriadamente contempladas em todas as circunstâncias, tão importantes; como lutou bravamente, e como eles carregou um testemunho de manifesto de valor e conduta militar, assim os outros fizeram. Os Gregos lhe deram a honra, sem contradição, de pronunciá-lo o maior homem da sua nação; e ser o primeiro da Grécia é facilmente ser o primeiro do mundo. Sobre o conhecimento dele, temos este antigo parecer: “Que jamais algum homem soube tanto e falou tão pouco quanto ele” [Plutarco], porque ele era da seita dos Pitagóricos; mas quando falava, nunca homem nenhum falava melhor; um excelente orador, de poderosa persuasão. Mas quanto às suas maneiras e consciência, ultrapassou infinitamente todos os homens que já empreenderam a administração dos negócios públicos; pois é neste único fator que se deve principalmente ponderar o que revela aquilo que verdadeiramente somos, e que sozinho eu contrabalanço com todo o resto reunido, ele não carece de seja lá qual filósofo for, nem mesmo do próprio Sócrates. A inocência, neste homem, é uma qualidade peculiar, soberana, constante, uniforme, incorruptível, comparada com a qual parece Alexandre sujeitar-se a qualquer outra coisa subalterna, incerta, variável, efeminada e fortuita.

A antiguidade avaliou peneirando completamente todos os outros grandes capitães e encontrou em cada um algumas qualidades particulares que ilustra seus nomes: somente neste homem há uma completa e perfeita virtude, que não lhe deixa nada a desejar, seja em ocupação pública ou privada, se na paz ou na guerra; seja para viver grande e gloriosamente, e para morrer: não sei de qualquer modelo ou fortuna humana por quem tenha tanta reverência e amor.

É verdade que observo com respeito sua obstinada pobreza, pois é demonstrada pelos seus melhores amigos como um pouco escrupulosa demais e agradável; e esta é a única característica, embora elevada em si mesma e bem merecedora de admiração, que acho tão austera quanto não desejável de imitar no grau em que ele se encontrava. Somente Cipião Æmiliano pôde atribuir a ele tão valente e magnífica finalidade, e cujo profundo e universal conhecimento poderia ser colocado numa outra escala de equilíbrio. Oh, o que a injúria do tempo fez privando-me da visão de duas das mais nobres vidas que, pela aquiescência comum de todo mundo, uma, o maior dos Gregos, e a outra o maior dos Romanos, estava tudo em Plutarco.

Que substância! Que artista! Para um homem que não era nenhum santo, mas, como dizemos entre nós, um cavalheiro, de maneiras civis e ordinárias e de moderada ambição, a vida mais rica que conheço, e plena dos mais ricos e mais desejados elementos, consideradas todas as coisas é, em minha opinião, a de Alcibíades.

Mas no que concerne a Epaminondas, para exemplo de uma bondade excessiva darei aqui algumas das suas opiniões: ele afirmou que o maior deleite que teve em toda a vida foi a satisfação dada ao pai e à mãe por sua vitória em Leuctra; em que sua deferência é grande, preferindo antes o prazer deles ao seu, tão humilde e tão cheio por uma ação gloriosa. Ele não achava lícito, mesmo para recuperar a liberdade do seu país, matar um homem sem uma razão evidente: o que o fez tão indiferente ao empenho do seu companheiro Pelópidas em socorrer Tebas. Ele também era de opinião que em batalha os homens deveriam evitar o encontro de um amigo que estivesse do lado contrário, e tratá-lo com indulgência. Sua humanidade, mesmo para com os próprios inimigos, fê-lo suspeito aos Boetianos, porque depois de ter milagrosamente forçado os Lacedemônios a abrir uma passagem que eles haviam se empenhado em defender na entrada para Morea, perto de Corinto, ele se contentou em tê-los repellido, sem persegui-los ao máximo; ele teve sua comissão de general retirada, mesmo honrosamente em tal condição, e depois tiveram a vergonhosa necessidade de restabelecê-lo em seu comando, assim manifestando o quanto dele dependiam sua segurança e sua honra; a vitória era como uma sombra que o acompanhava onde quer que ele fosse; e a prosperidade do seu país, sendo realmente dele derivada, com ele sucumbiu.

Capítulo XXXVII

Sobre as semelhanças entre as crianças e seus pais

Este feixe de tantas peças diversas é tão conclusivo que nunca levei a caneta ao papel senão quando disponho de muito tempo ocioso, e nunca em outro lugar a não ser em casa; de forma que isto foi compilado depois de diversas interrupções e intervalos, ocasiões que às vezes me mantêm em outros lugares por muitos meses. Quanto ao resto, jamais corrijo minha primeira concepção por uma segunda; talvez possa alterar uma ou outra palavra, mas apenas para variar a frase e não destruir seu significado anterior. Tenho disposição para representar o progresso dos meus humores e que todas as pessoas possam ver cada pedaço

como veio da forja. Eu poderia desejar ter começado mais cedo e tomado mais notas do curso das minhas mudanças. Um criado a quem empreguei para transcrever meus textos, supondo ganhar um prêmio furtando diversas peças de mim, possivelmente estava muito satisfeito; mas o meu conforto é que ele não ganhará mais do que eu perderei pelo roubo. Desde que comecei envelheci sete ou oito anos; mas não fiquei sem novas aquisições: tenho neste período, pela liberalidade dos anos, me familiarizado com a pedra [Montaigne refere-se aos cálculos renais]: seu comércio e sua prolongada conversação não podem passar bem sem um pouco de tal inconveniência. Eu poderia ter ficado feliz de que entre outras fraquezas da velhice que se apresentam sobretudo aos homens longevos, tenha escolhido uma que teria sido mais bem-vinda a mim, pois provavelmente não poderia ter guardado em mim uma doença à qual, mesmo em meus dias de infância, tive tão grande horror; e ela é, na verdade, de todos os acidentes da velhice, aquele do qual sempre tive muito medo. Penso freqüentemente comigo mesmo que fui bem distante e que em tão longa viagem deveria afinal colidir com alguma desvantagem; percebi, e tenho declarado amiúde, que estava na hora de partir, que a vida deveria ser podada em sua parte viva e sadia, de acordo com as regras do cirurgião nas amputações; e que a natureza faz indenizar com usura muito rígida aquele que não pagou o principal a seu devido tempo. Achava-me ainda muito longe de estar pronto no período de dezoito meses (ou por aí) em que estive nessa condição alarmante e me acostumei tanto a ela como a ficar contente por estar vivo; e achei com que me confortar e esperar: tanto os homens são escravizados às suas existências miseráveis que não há nenhuma condição tão ignóbil que eles não aceitem, contanto que possam viver! Ouça o que diz Mecenas:

***“Debilem facito manu,
Debilem pede, coxa,
Lubricos quate dentes;
Vita dum superest, bene est”***

“Mútila minha mão, pé, quadril; sacuda meus dentes soltos: enquanto há vida, é bom” [apud Sêneca]

E Tamerlão, com uma insensata humanidade, mitigou a fantástica crueldade que exercitava sobre os leprosos quando deixou todos ouvirem que pretendia resgatá-los pela morte da vida dolorosa que levavam. Pois não houve um só deles que não preferisse antes ser leproso a não ser mais coisa alguma. E Antístenes, o Estóico, estando muito doente e gritando: “Quem me livrará destes males?” Diógenes, que viera fazer uma visita, apresentou-lhe uma faca dizendo: “Isto prontamente o fará, se tu o desejas”. Ele respondeu: “Não quero dizer da minha vida, mas dos meus sofrimentos”. Aos sofrimentos que atacam só a mente eu não sou tão sensível como a maioria dos outros homens; e isto em parte por bom senso, porque o mundo vê com respeito diversas coisas tão terríveis ou as evitam às expensas da vida, o que é quase indiferente para mim: em parte, por uma compleição melancólica e insensível para os acidentes que não me abatem diretamente; e vejo tal insensibilidade como uma das melhores características da minha condição natural; mas sou muito sujeito às dores essencialmente corporais. E ainda, tendo desde muito tempo previsto, embora com uma visão débil, delicada e abrandada pela saúde duradoura e a tranqüila felicidade que a graça de Deus concedeu-me na maior parte de minha vida, imaginei-as em minha mente tão insuportáveis que, na verdade, tinha mais medo desde que encontrei um motivo: pelo que estou ainda mais fortalecido nesta convicção de que a maioria das faculdades da alma, como nós as empregamos, mais dificultam o repouso da vida do que são de qualquer forma úteis a ela.

Estou em conflito com a pior, a mais súbita, a mais dolorosa, a mais mortal e a mais irremediável de todas as doenças; já experimentei cinco ou seis colapsos muito prolongados e muito dolorosos; e ainda me exalto, ou há mesmo neste estado o que é muito bom ser suportado por um homem que tem a alma livre do medo da morte, das ameaças, decisões e conseqüências que o físico está sempre ribombando em nossos ouvidos; mas o efeito da própria dor não é tão agudo e intolerável para levar um homem de entendimento à raiva e ao desespero. Tenho pelo menos esta vantagem com minhas pedras: aquilo que não pude até agora prevalecer em mim mesmo para decidir quanto a me reconciliar e familiarizar com a morte irá aperfeiçoar-se; pois quanto mais me assedia e me importuna, tanto menor será meu receio de morrer.

Eu já havia chegado ao ponto de amar vida por causa da vida, mas minha dor dissolverá esta inteligência; e Deus conceda que no fim, se a violência dela for alguma vez maior do que eu possa suportar, não me lance em nenhum outro extremo menos cruel a cobiçar e desejar a morte!

“Summum nec metuas diem, nec optes:”

“Não desejar nem temer a morte” (ou) “Tu não deves temer nem desejar o último dia” [Marcial]

; elas são duas paixões atemorizantes; mas a primeira tem seu remédio muito à mão e mais próximo que a outra.

Quanto ao resto, sempre achei cerimonial o preceito que tão rigorosamente ordena um semblante resoluto e um comportamento desdenhoso e indiferente na tolerância das fraquezas. Porque a filosofia, que só diz respeito à vida e aos resultados, haveria de se incomodar com essas aparências externas? Vamos deixar que se preocupem os atores e mestres da retórica, que tão grande valor atribuem aos nossos gestos. Vamos permitir essa fragilidade à moléstia oral, se não é cordial nem estomacal, e habilitar as formas ordinárias de expressar aflição através de suspiros, soluços, palpitações e palidez, que a natureza colocou em nosso poder; contanto que a coragem seja destemida e a entonação não expresse desespero, deixe-a satisfazer-se.

Que matéria oprime nossas mãos se não distorcemos nossos pensamentos? Ela nos forma para nós mesmos, não para outros; para ser, não parecer; deixe-a satisfeita governando nossa compreensão, que ela assumiu o cuidado de instruir; que na fúria da cólica ela conserve a alma numa condição de se reconhecer e seguir seu caminho habitual, combatendo e suportando, não se submetendo torpemente à dor; movimentada e aquecida, não subjugada e conquistada, em contenção; capaz de discorrer e outras coisas, até um certo grau. Em tais acidentes extremos é crueldade exigir tão perfeita compostura. Não importa muito fazermos caretas, se a mente cumpre bem o seu papel: se o próprio corpo se encontra aliviado e reclama, deixe-o reclamar: se a agitação o alivia, deixe-o balançar e sacudir à vontade; se parece achar que a doença se dissipa gritando em altos brados (como alguns médicos sustentam que ajuda as mulheres em trabalho de parto), ou se isso faz desviar seus tormentos, deixe-o

rugir como lhe apeteça. Não nos deixe comandar essa voz para gracejar, senão para interrompê-la. Epicuro não somente perdoa o sábio por ter gritado em seus tormentos, mas até o aconselha a isso:

***“Pugiles etiam, quum feriunt, in jactandis caestibus
Ingemiscunt, quia profundenda voce omne corpus intenditur,
Venitque plaga vehementior”***

“Os pugilistas também, quando atacam, gemem no ato, porque com a força da voz todo o corpo é levado, e o golpe vem com maior veemência” [Cícero]

Nós temos o suficiente para fazer frente à doença sem nos aborrecer com essas regras supérfluas.

É o que digo em escusa daqueles a quem ordinariamente vemos impacientes pelas agressões dessa moléstia; pois sobre meus próprios incômodos tenho até agora passado com semblante um pouco melhor, e satisfeito por gemer sem rugir; não obstante, imponho-me qualquer grande constrangimento para manter este decoro exterior, porque não faço pouca conta de tal prerrogativa: permito tanto quanto requer a dor; mas ou minhas dores não são tão excessivas, ou tenho paciência maior que a ordinária. Eu reclamo, confesso, e fico um pouco impaciente numa condição muito dolorosa, mas não chego a um grau de desespero tal como ele:

***“Ejulatu, questu, gemitu, fremitibus
Resonando, multum flebiles voces refert:”***

“Uivando, rugindo, gemendo com mil ruídos que expressam o seu tormento numa voz funesta” (ou) “Lamentando, reclamando, gemendo, murmurando, servindo-se de sons muito lúgubres” [Versos de Átio, citados por Cícero]

Eu experimento o meu sofrimento em profundidade e sempre achei que era capaz de falar, pensar e dar uma resposta racional, como também em qualquer outro momento, mas não com tanta firmeza, estando perturbado e sustado pela dor. Quando sou visto por minhas visitas em meu maior tormento e elas então se reprimem para não me aborrecer, freqüentemente testo minha própria força e faço algum discurso, o mais distante que consigo inventar da minha presente condição. Posso fazer qualquer coisa num súbito esforço, mas não sou capaz de continuar por muito tempo. Oh, como é lamentável não ter a faculdade daquele personagem de Cícero que, sonhando estar deitado com uma moça, achou que havia descarregado a sua pedra nas folhas. Minhas dores me enfraquecem o apetite de um modo estranho. Nos intervalos desse excessivo tormento, quando meus ureteres só definham sem qualquer grande dor, sinto-me em meu estado habitual, visto como minha alma não se alarma com nada além do que é sensível e corporal, o que certamente devo aos cuidados que tive de me preparar contra tais acidentes através da meditação:

***“Laborum,
Nulla mihi nova nunc facies inopinave surgit;
Omnia praecepi, atque animo mecum ante peregi”***

“Nenhuma forma de sofrimento pode surgir nova ou inesperada; eu me antecipei a tudo e eles agiram antes sobre a minha mente” [Virgílio]

Sou, contudo, um pouco difícil de controlar para um aprendiz, e com uma súbita e aguda alteração, posso num instante cair de uma condição de vida muito despreocupada e feliz para a mais intranqüila e dolorosa que se possa imaginar. Pois além disso é realmente uma doença a ser temida em si mesma: ela comigo começa de uma maneira mais pronunciada e severa do que costuma acometer outros homens. Meus ataques chegam tão intensos que raramente fico à vontade; ainda tenho até agora mantido minha mente tão aprumada que, conquanto possa prosseguir, vejo-me numa condição muito melhor que mil outros, os quais não têm menor enfermidade além daquelas que eles mesmos criam pela carência de reflexão.

Há determinada espécie de humildade astuciosa que emana da presunção, como por exemplo ao admitimos nossa ignorância sobre muitas coisas, e é tão afável reconhecendo que há nas obras da natureza algumas qualidades e circunstâncias imperceptíveis para nós, das quais nossa compreensão não é capaz de descobrir os meios e causas; daí esperarmos obter a tão honesta e conscienciosa declaração de que as pessoas também nos acreditarão sobre aquilo que afirmamos compreender. Não precisamos nos perturbar em procurar milagres bizarros e intrincados; penso que entre as coisas que vemos ordinariamente há maravilhas tão incompreensíveis que ultrapassam todos os obstáculos dos milagres. Que coisa maravilhosa é a minúscula semente da qual somos gerados, e que deveria carregar em si mesma não apenas a impressão da forma corporal, mas até mesmo dos pensamentos e tendências de nossos pais! Como pode uma gota de matéria fluida conter aquele infinito número de formas? e como pode transportar essas semelhanças com um processo tão precário e irregular que o filho será como seu bisavô, o sobrinho tal qual seu tio? Na família Romana de Lépido houve três, não sucessivamente mas em intervalos, que nasceram com os mesmos olhos cobertos com uma cartilagem. Em Tebas havia uma raça que trazia do útero das mães a forma de uma cabeça de lança, e aquele que não nascesse assim era visto como ilegítimo. E diz Aristóteles que em certa nação onde as mulheres eram de posse comum, atribuíam os filhos aos pais por sua semelhança.

É de se crer que herdei esta fraqueza de meu pai, porque ele morreu extremamente atormentado por uma grande pedra em sua bexiga; ele nunca soube de sua doença até os sessenta e sete anos de idade e antes disso jamais havia sentido qualquer ameaça ou sintoma dela, na área renal, nos lados ou em qualquer outra parte; e até então tinha vivido num estado feliz, vigorosamente saudável, pouco sujeito a enfermidades, e continuou sete anos depois com essa doença, arrastando-o para um final de vida muito doloroso. Eu nasci aproximadamente vinte e cinco anos antes da doença o acometer, na época de sua maior florescência e na condição médica mais saudável; fui o terceiro filho dele em ordem de nascimento: onde sua propensão para essa moléstia pôde alojar-se enquanto espreitava tudo aquilo? E estando assim tão longe da enfermidade, como pôde aquela ínfima partícula dos recursos da substância de que ele me constituiu assumir tão grande efeito em sua fração? e como ficou tão

oculta, se não comecei a senti-la senão quarenta e cinco anos depois? sendo neste momento o único entre tantos irmãos e irmãs, e todos de uma mãe que jamais se afligiu com isso? Aquele que puder satisfazer-me neste ponto, eu o acreditarei em tantos outros milagres quanto lhe agrade; sempre contando que, como é de hábito, ele não me dê uma doutrina muito mais complexa e fantástica do que a própria coisa é geralmente aceita.

Devo aos médicos uma pequena escusa pela liberdade que tomo, pois através dessa mesma infusão e alusão fatal é que hospedei ódio e desprezo por suas doutrinas; a antipatia que sinto contra a sua arte é hereditária. Meu pai viveu setenta e quatro anos, meu avô sessenta e nove, meu bisavô quase oitenta anos sem nunca experimentar qualquer tipo de medicamento; e, com todos eles nada mais havia que uma dieta comum em lugar de drogas. A medicina é fundamentada em exemplos e experimentação: essa é a minha opinião. E não é uma experiência expressa e muito vantajosa. Não sei se eles podem encontrar em todos os seus registros apenas três que tenham nascido, crescido e morrido debaixo do mesmo teto, e que viveram tanto tempo seguindo a sua orientação. Eles devem aqui necessariamente confessar que, se não a razão, pelo menos a fortuna está do meu lado, e com os médicos a fortuna é um grande negócio que vai além da razão. Não os deixe ficar agora em desvantagem; não deixe que me ameacem na posição subjugada em que agora me encontro; isso seria desleal. Na verdade, tenho deles mais que o bastante através desses exemplos domésticos, tanto que eles podem descansar satisfeitos. Usualmente as coisas humanas não são tão constantes; foram duzentos anos, menos dezoito, o quanto durou essa tentativa, pois o primeiro deles nasceu no ano de 1402: é realmente uma razão muito boa para que essa experiência devesse agora começar a nos extinguir. Não os deixe então censurar-me pelas enfermidades de que agora sofro; não é o bastante que eu de minha parte tenha vivido quarenta e sete anos com boa saúde? embora devesse encerrar minha carreira: ela é do tipo mais prolongado.

Devido a algum instinto oculto e natural, meus antepassados tinham uma aversão pela medicina; pois a mera visão de drogas repugnava meu pai. O *Seigneur* de Gaviac, meu tio pelo lado paterno, era clérigo e um hipocondríaco desde o nascimento, e ainda suportou aquela vida excêntrica por sessenta e sete anos; estando uma vez atacado por uma febre furiosa, foi interpelado pelos médicos que lhe disseram claramente: se não fizesse uso de ajuda (pois assim eles chamam o que é muito freqüentemente um obstáculo), ele seria infalivelmente um homem morto. Aquele homem de bem, embora aterrorizado por essa horrível sentença, contudo respondeu: “então eu sou um homem morto”. Mas logo em seguida Deus tornou o prognóstico falso. O último dos irmãos – havia quatro deles – e por muitos anos o único, o *Sieur* de Bussaguet, foi o único da família que fez uso da medicina, motivado, eu suponho, pelo interesse dedicado às outras ciências, porque ele era conselheiro na corte do Parlamento, e foi tão mal sucedido com ela que, estando em sua aparência externa com a mais rígida constituição, morreu ainda muito tempo antes de qualquer um dos outros, salvo o *Sieur* de Saint Michel.

É possível que eu tenha deles herdado essa antipatia natural pela medicina; mas no caso não tinha havido nenhuma outra consideração; eu teria me empenhado para superar tal limitação; pois todas essas condições que brotam em nós sem motivo são viciosas; é um tipo de doença contra a qual devemos lutar. Pode ser que eu tenha desenvolvido naturalmente essa propensão; mas eu a apoiei e fortaleci através de argumentos e razões que fixaram em mim a convicção que agora tenho. Porque eu também detesto a consideração de recusar o remédio pelo gosto nauseabundo.

Eu dificilmente teria aquele temperamento que atribui à saúde um valor de compra sobre todas as mais dolorosas cauterizações e incisões que possam ser aplicadas. E, com Epicuro, entendo quais prazeres devem ser evitados, se grandes dores são a conseqüência e as dores são desejáveis, o que findará nos maiores prazeres. A saúde é uma coisa preciosa e na verdade a única merecedora de que um homem predisponha, não somente o seu tempo, suor, trabalho e bens, mas também sua vida para obter; visto que sem ela a existência é pesada e prejudicial a nós mesmos: o prazer, a sabedoria, a aprendizagem e a virtude, sem ela, definham e desvanecem; e para os mais elaborados e sólidos discursos com que a filosofia imprimiria em nós o contrário, nada mais precisamos opor além da imagem de Platão atacado por uma epilepsia ou apoplexia; e, nesta pressuposição, desafia-lo a conclamar suas ricas faculdades de alma para assisti-lo. Nem tudo conducente à saúde pode ser muito doloroso nem muito caro a mim. Mas tenho alguns outros aspectos que me tornam estranhamente suspeito a todo esse comércio. Não nego que pode haver alguma arte nisso, que entre tantas obras da Natureza não existam coisas apropriadas à conservação da saúde: isso é muito certo; sei muito bem que há elementos que umedecem e outros que secam; sei por experiência que os rabanetes são flatulentos, as folhas de sene, purgante; e diversas outras provas tais que admito, como a carne de carneiro que me alimenta e o vinho que me aquece; Sólon disse que “comer era o remédio contra a moléstia da fome”. Não desaprovo o uso que fazemos das coisas que a terra produz, nem ao menos duvido do poder e da fertilidade da Natureza, e de sua utilização para as nossas necessidades: vejo muito bem aqueles lúcios e andorinhas vivendo pelas leis dela; mas desconfio das criações de nossa mente, nosso conhecimento e arte; para favorecê-las abandonamos a Natureza e suas regras e não mantemos nenhum vínculo ou moderação. Como chamamos de justiça o empilhamento das primeiras leis que caíram em nossas mãos, mas sua prática e dispensação muito freqüentemente tola e muito injusta; e como aqueles que a acusam e ridicularizam, contudo, não responsabilizam suas nobres virtudes, mas apenas condenam o abuso e a profanação daquele título sagrado; assim em medicina eu muito honro tal nome glorioso, suas proposições, suas promessas, tão úteis para servir o gênero humano; mas as ordenações que ela empurra sobre nós, entre nós mesmos, eu não honro nem estimo.

Em primeiro lugar, a experiência me apavora; pois entre todos os meus conhecidos, não vejo pessoa alguma subitamente adoecer e prontamente ficar bem, como essas que tomam muitos remédios; sua própria saúde é alterada e pervertida pelas freqüentes prescrições. Os médicos não se satisfazem apenas em tratar o enfermo, mas além disso corrompem a sua saúde, por isso os homens temerosos devem a qualquer hora escapar da sua autoridade. Eles não podem, de uma saúde perfeita e ininterrupta, extrair o argumento de alguma importante doença para perseguir? Estive bastante doente com freqüência e sempre achei minha enfermidade bem fácil de cuidar (entretanto fiz ensaios de quase todos os tipos), e tão breve quanto qualquer outra, sem a sua ajuda e sem engolir as suas doses de gosto ruim. A saúde que tenho é plena e livre, sem outra regra ou disciplina senão meu

próprio costume e prazer. Fico bastante bem em todo lugar, porque quando estou doente não preciso de nenhuma outra conveniência além daquelas de que necessito quando estou bem. Nunca me perturbo por não ter um médico, um farmacêutico, nem qualquer outra assistência, dos quais vejo outros homens doentes mais aflitos do que pela presença da sua enfermidade. O quê! Podem os próprios doutores exibir mais felicidade e longevidade em suas próprias vidas do que nos manifestam por algum aparente resultado da sua habilidade? Não há uma nação no mundo que não tenha atravessado muitas eras sem a medicina – e essas primeiras eras implica dizer: as melhores e mais felizes – e a décima parte do mundo ainda não conhece nada disso; em muitas nações onde a ignoram os homens vivem mais e são mais saudáveis do que somos aqui, e até mesmo entre nós as pessoas comuns vivem bastante bem sem ela. Os Romanos existiam seiscentos anos antes de recebê-la; e depois de tê-la experimentado a baniram da cidade, a exemplo do censor Catão que demonstrou como era fácil passar sem ela, tendo vivido oitenta e cinco anos e conservando sua esposa viva numa extrema velhice, não sem remédios, mas sem médico: pois tudo o que constatamos ser saudável para a vida pode-se chamar de remédio. Ele manteve sua família com saúde, como diz Plutarco (se não estou equivocado), com leite de lebre; como relata Plínio, os Arcadianos curavam toda forma de doença com o [leite] de vaca; e diz Heródoto que os Líbios geralmente desfrutam de rara saúde em virtude de um antigo costume: depois que suas crianças chegam aos quatro anos de idade eles queimam e cauterizam as veias de suas cabeças e têmporas, cortando assim todo o deflúvio de reuma para o resto de suas vidas. E o povo do interior de nossas províncias não usa nada, em todos os tipos de desarranjo, além do vinho mais forte que conseguem obter, misturado com muito açafrão e condimentos, e sempre com idêntico sucesso.

E a bem da verdade, de toda essa diversidade e confusão de prescrições, que outra finalidade e resultado afinal de contas há, senão purgar a barriga? quantos milhares de simplórios fazem isso tão bem; e não sei se tais evacuações são tanto para nosso benefício como eles pretendem, e se natureza não requer a permanência dos excrementos numa certa proporção, como tem o vinho de seus sedimentos para manter-se vivo: você freqüentemente vê homens sadios, atacados por vômitos e diarreia em virtude algum acidente extrínseco, fazerem grandes evacuações de excrementos sem qualquer necessidade precedente ou nenhum benefício posterior, mas prejudicando bastante a sua constituição. Aprendi recentemente do grande Platão que dos três tipos de movimento que nos são naturais, purgar é o pior; e que nenhum homem, a menos que seja um tolo, deveria presumir qualquer coisa àquele propósito senão em caso de extrema necessidade. Os homens perturbam e irritam as doenças por antagonismos contraditórios; eles devem seguir o curso de vida que as eliminem suavemente, levando-as ao seu termo. As cólicas violentas e a competição entre as drogas e a doença são sempre para nossa perda, desde que o combate é travado dentro de nós mesmos e que a droga é um auxiliar de pouca confiança, sendo em sua própria natureza inimigo de nossa saúde e apenas com dificuldade tem acesso à nossa condição. Deixemos isso um pouco de lado; a ordem geral das coisas que assume o cuidado das pulgas e toupeiras cuidará também dos homens, se estes tiverem a mesma paciência que as pulgas e toupeiras têm, deixando tudo entregue a si mesmo. É muito sem propósito que gritamos “*Bihore*” [um termo empregado pelos carroceiros do Languedoc para acelerar seus cavalos] – é uma fórmula para nos deixar roucos, mas não para apressar a matéria. É uma ordem arrogante e desapiedada: nossos medos e nosso desespero o desagradam e interrompem em vez de atraí-lo para nosso alívio; ele deve seu curso à doença, como também à saúde; e não poderá ser corrompido em favor do prejuízo de um outro direito, pois então entraria em desordem.

Vamos, em nome de Deus, deixar de seguir isso; conduzir aqueles que seguem e os que não seguem, arrastar todos juntos com a violência dos seus remédios. Ordene uma purgação para seu cérebro: lá será muito melhor empregada do que em seu estômago.

Alguém perguntou a um Lacedemônio o que o tinha feito viver tanto; ele respondeu: “ignorar a medicina”; o Imperador Adriano continuamente exclamava que estava morrendo, que a multidão de médicos o havia matado. Um mau lutador voltou-se para o médico: “Coragem”, disse Diógenes a ele, “tu tens feito bem, pois agora tu irás enfrentar aqueles que te enfrentaram antigamente”. Mas eles têm a vantagem, de acordo com Nicodes, de o sol iluminar seus sucessos e da terra encobrir seus fracassos. E, além disso, eles têm um modo muito conveniente de fazer uso de todos os tipos de eventos: pois o que a fortuna, a natureza ou qualquer outra causa (cujo número é infinito) produz de bom e sadio em nós, é privilégio da medicina atribuir-se a si mesma; todos os sucessos felizes que sucedem ao paciente devem necessariamente dela resultar; os acidentes que me restabeleceram (e a mil outros) sem empregar remédios, os médicos usurpam para si mesmos: e sobre os acidentes desfavoráveis, eles põem a culpa no paciente ou renegam absolutamente com razões tão frívolas que nunca estão em condição de perder, como: “ele deixou a cama com suas próprias pernas” ou “ele ficou transtornado com o tagarelar de um cocheiro”:

***“Rhedarum transitus arcto
Vicorum inflexu.”***

“A passagem das rodas tornou a rua estreita” [Juvenal]

, ou “alguém deixou a janela aberta”, ou “ele deitou-se sobre o lado esquerdo”, ou “ele tinha algumas fantasias desagradáveis em sua cabeça”: em resumo, uma palavra, um sonho, ou uma visão, possivelmente lhes parece desculpa suficiente para disfarçar seus próprios erros; ou, se lhes agrada, sempre fazem uso de nosso mau desenvolvimento, e deste modo o seu negócio nunca pode falhar: o que zumbe em nosso ouvido, quando a doença está mais inflamada pelos seus remédios, e que não piorou muito senão por esses remédios; alguém cujo resfriado ordinário converteram numa dupla febre terçã, mas tinha para eles a condição de uma febre continuada. Eles não se importam muito com o dano causado, desde que se volte em seu próprio proveito. Francamente, eles têm mesmo razão de requerer uma convicção favorável dos seus pacientes; e, na verdade, deveria ser algo muito confortante engolir coisas em que é tão difícil acreditar. Disse Platão muito bem que os médicos eram os únicos homens que podiam mentir à vontade, posto que nossa saúde depende da vaidade e da falsidade das suas promessas.

Æsopo, um dos mais excelentes autores e de quem poucos homens descobrem todas as belezas, jocosamente nos representa

a autoridade tirânica dos médicos apoderando-se indevidamente de pobres criaturas, debilitadas e subjugadas pela enfermidade e pelo medo, quando nos conta que uma pessoa doente, sendo questionada por seu médico quanto ao efeito da poção que este lhe havia administrado: “Eu suei muito”, diz o homem. “Isso é bom”, diz o médico. Noutra ocasião, tendo perguntado como ele se sentia depois do remédio: “Senti muito frio e tive grandes tremores”, disse ele. “Isso é bom”, replicou o médico. Depois da terceira dose, perguntou-lhe novamente como se sentia: “Eu me acho ofegante e inchado”, disse ele, “como se tivesse uma hidropisia”. “Isso é muito bom”, disse o médico. Veio então um dos seus criados e indagou como ele se sentia: “Realmente, amigo”, disse ele, “como se estivesse bem a ponto de morrer”.

Havia no Egito a mais justa lei pela qual o médico, nos três primeiros dias, encarregava-se do seu paciente ao custo e risco do próprio paciente; mas, decorridos esses três dias, era o médico quem assumia tudo. Foi por esta razão que o seu patrono, Æsculápio, deveria ser atingido por um trovão para restabelecer Hipólito da morte para a vida:

***“Nam Pater omnipotens, aliquem indignatus ab umbris
Mortalem infernis ad lumina surgere vitae,
Ipse repertorem medicinae talis, et artis
Fulmine Phoebigenam Stygias detrusit ad undas;”***

“Então o Pai Todo-poderoso, ofendido que qualquer mortal pudesse subir das sombras infernais à luz da vida, golpeou o filho de Foebus no lago de Estígia com seu raio bifurcado” [Virgílio]

, e seus seguidores são perdoados, quem tantas almas enviam da vida para a morte? Um médico gabava a Nicocles que sua arte era de grande autoridade: “É assim, realmente”, disse Nicocles, “posto que pode matar impunemente tantas pessoas”.

Quanto ao restante, se tivesse seguido a sua deliberação teria tornado minha instrução mais sagrada e misteriosa; eles comecem bem, mas não é assim que terminam. Era um bom início para fazer dos deuses e demônios os inventores da sua ciência, e ter empregado um modo peculiar de falar e escrever, embora a filosofia deduz a loucura persuadir um homem para o seu próprio bem trilhando um caminho incompreensível:

***“Ut si quis medicus imperet, ut sumat.”
“Terrigenam, herbigradam, domiportam, sanguine cassam”***

“Descrevendo pelos epítetos um animal que se arrasta sobre o seu visco na pastagem, sem sangue ou ossos e carregando atrás sua casa, significando simplesmente um caracol” [Coste]

Era um bom preceito em seu ofício, acompanhando todas as outras artes fúteis, fantásticas e sobrenaturais, que a convicção do paciente deve ser influenciada pela boa expectativa e a garantia dos seus efeitos e processos: uma regra que eles asseguram naquele patamar, sustentando que o médico mais imperito e ignorante é mais adequado para um paciente que nele tem confiança do que o mais instruído e experiente com quem ele não está familiarizado. Não, nem mesmo a própria escolha da maioria das suas drogas é de forma alguma misteriosa e divina; o pé esquerdo de uma tartaruga, a urina de um lagarto, o esterco de um elefante, o fígado de uma toupeira, o sangue tirado debaixo da asa direita de um pombo branco; e para nós que temos as pedras (tão desdenhosamente eles exploram nossas misérias), o excremento de rato reduzido a pó, e bobagens e loucuras tais que portam antes uma feição de encanto mágico do que de qualquer ciência consistente. Omito a bizarra quantidade das suas pílulas, a destinação de certos dias e festividades do ano, a superstição de juntar seus elementos a determinadas horas, e cujo aspecto, maneiras e semblante tão austeros de que o próprio Plínio zomba tanto. Mas eles têm, como já disse, falhado em não acrescentar a esse bom começo a realização de seus encontros e consultas mais religiosa e secretamente, onde nenhuma pessoa profana possa ser admitida, não mais que nas cerimônias secretas de Æsculápio; pois em razão disso resulta que sua irresolução, a fraqueza dos seus argumentos, adivinhações e fundamentos, a veemência das suas disputas cheias de ódio, ciúme e auto-estima, venham a ser descobertos por todos; um homem deve ser espantosamente eclipsado para não perceber que corre um perigo muito grande em suas mãos.

Quem já viu um médico aprovar a prescrição de outro sem dela tirar ou acrescentar alguma coisa? pelo que eles traem suficientemente seus truques, deixando-nos evidente que mais consideram sua própria reputação – e, por conseguinte, seu lucro – do que o interesse dos pacientes. Aquele que era o homem mais sábio da sua tribo, do passado trouxe uma regra: que apenas um médico deveria encarregar-se de uma pessoa doente; pois se nada fizer de útil, a negligência de um único homem não pode trazer nenhum escândalo importante sobre a arte da medicina, pelo contrário; e grande será a glória se ele for bem sucedido; levando-se em conta que, havendo muitos, a cada momento trazem uma infâmia sobre a sua profissão, visto que mais amiúde sofrem do que estão bem. Eles deveriam estar satisfeitos com a perpétua discordância que encontramos nas convicções dos principais mestres e autores antigos dessa ciência, as quais são bem conhecidas somente por homens eruditos, sem revelar ao vulgo as controvérsias e os juízos divergentes que ainda nutrem continuamente entre eles.

Você quer exemplos das antigas disputas na medicina? Herófilo aloja a causa original de todas as doenças nos humores; Erasítrato, no sangue das artérias; Asclépiades, nos átomos invisíveis dos poros; Alcméon, na exuberância ou carência de nossa força corporal; Diócles, na desigualdade dos elementos que constituem o corpo e na qualidade do ar respiramos; Estrato, na abundância, crueza e corrupção da alimentação que consumimos; e Hipócrates, nos espíritos. Certo amigo deles – e eles sabem melhor do que eu – sobre este tema afirma: “a ciência mais importante praticada entre nós, e que é encarregada de nossa saúde e conservação, é, por azar, a mais incerta, a mais aturdida e sacudida pelas maiores mudanças”. Não há grande perigo em nosso equívoco quanto à distância do sol, ou na fração de alguma suputação astronômica; mas aqui, onde interessa a todo o nosso ser, não é sábio abandonar-se à mercê da agitação de tantos ventos contrários. Antes da guerra do Peloponeso não se falava muito dessa ciência. Hipócrates trouxe-lhe reputação; tudo o que ele estabeleceu, Crisipo subverteu; depois disso Erasítrato, neto de Aristóteles, subverteu o que Crisipo havia escrito; depois destes começaram os Empíricos, que viam a administração dessa arte de modo bastante diverso dos antigos; quando o crédito destes começou a se deteriorar um pouco, Herófilo estabeleceu outro

tipo de prática, à qual Asclepíades era contrário e a subverteu; então vieram as convicções, primeiro de Temiso, então de Musa, depois disso as de Véctio Valens (médico famoso pelo entendimento que teve com Messalina) entraram em voga; pelo tempo de Nero o império da medicina era estabelecido em Tessalus, que aboliu e condenou tudo aquilo que fora assegurado antes do seu tempo; a doutrina desse homem foi refutada por Crinas de Marselha, que primeiro trouxe todas as operações medicinais sob as Efemérides e os movimentos das estrelas, comendo pouco, dormindo e bebendo nas horas que mais apraziam a Mercúrio ou à Lua; sua autoridade foi em seguida suplantada por Charinus, médico da mesma cidade de Marselha, homem que não apenas controverteu todos os antigos métodos da medicina, mas além disso banuiu a aplicação dos banhos quentes que haviam sido de comum uso e generalizado em tantas eras; ele fez os homens tomarem banho em água fria, até mesmo no inverno, e mergulhava seus pacientes enfermos nas águas naturais das torrentes. Nenhum Romano até o tempo de Plínio jamais condescendeu praticar a medicina; aquele ofício era exercido somente pelos Gregos e estrangeiros, como é agora entre nós Franceses por esses que fanhoseiam o Latim; pois, como diz um médico muito destacado, nós não aceitamos a medicina que compreendemos com facilidade, não mais que as drogas que nós mesmos coletamos. Se as nações onde vamos buscar guáiacó, sarsaparrilha e madeira da China têm remédios, que grande valor podemos imaginar, pela mesma recomendação de estranheza, raridade e desejo de aquisição, eles atribuem ao nosso repolho e à nossa salsinha? pois quem se atreveria a trazer coisas de tão longe e procurá-las sob o risco de tão longa e perigosa viagem?

Desde essas antigas mudanças na medicina, houve infinitas outras até nossos próprios tempos; na maior parte alterações completas e universais, como por exemplo aquelas introduzidas por Paracelso, Fioravanti e Argentier; porque eles, como já tenho dito, modificaram não apenas uma receita, mas todo o contexto e as regras do corpo da medicina, acusando todas as outras de ignorância e de imposição aquilo que se praticava antes deles. Nessa medida, em que situação fica o pobre paciente, deixo você mesmo julgar.

Se tivéssemos pelo menos a garantia de que, quando eles erram, tal engano não nos traria nenhum prejuízo, conquanto não nos tenham feito nada de bom, seria uma barganha razoável nos arriscarmos a fazer de nós mesmos algo melhor, sem qualquer perigo de ficar ainda pior.

Æsopo conta uma história de alguém que havia comprado um escravo Mourisco, acreditando que sua compleição negra era uma circunstância accidental do mau uso do proprietário anterior; fazendo-o com grande cuidado passar por uma série de banhos e poções, sucedeu que o Mouro em nada corrigiu sua aparência fulva, mas perdeu completamente a saúde anterior. Não vemos com freqüência os médicos imputarem a outros a morte dos seus pacientes? Lembro-me que alguns anos atrás houve uma doença epidêmica, muito perigosa e mortal para a maioria, que assolou as cidades à nossa volta: logo depois de passar a tempestade que varreu um número infinito de homens, um dos médicos mais famosos de todo o país publicou um livro sobre aquele assunto, no qual, com melhores reflexões, confessa que a hemorragia provocada por aquela doença era a principal causa de tantos infortúnios. Além disso os autores asseguram que não há nenhum remédio que não contenha em si mesmo algo de prejudicial. E se até aqueles de melhor efeito em alguma medida nos ofendem, o que esperar desses totalmente mal aplicados? De minha própria parte, conquanto nada tenha a ver com o caso, sou de opinião que esses que detestam o gosto de remédio devem requerer um perigoso e nocivo empenho para forçar-se a tão incômoda ocasião, e com certa aversão, acreditar que é maravilhoso destemperar uma pessoa doente num momento em que ela mais tem necessidade de repouso. E além do mais, considerando as ocasiões nas quais usualmente nos atormentamos por causa de nossas doenças, elas são tão leves e brandas que eu concludo com pequena margem de erro que a dispensação das suas drogas pode fazer muito dano. Agora, se o engano de um médico é tão perigoso, estamos numa condição miserável; pois é quase impossível que ele não incida freqüentemente nesses enganos: ele tem necessidade de muitos elementos, considerações e circunstâncias para corretamente nivelar o seu intento: ele deve conhecer a compleição da pessoa doente, o temperamento dela, seus humores, inclinações, atividades; mais ainda, até mesmo seus pensamentos e reflexões; ele deve se assegurar das circunstâncias externas, da natureza do lugar, da qualidade do ar e do clima, da situação dos planetas e de suas influências: ele precisa conhecer a doença, suas causas, prognósticos, tendências e momentos críticos; nas drogas: o peso, a capacidade de funcionamento, o lugar de origem, a forma, o período de atividade e a dispensação, e ainda saber as exatas proporções em que devem misturá-las juntas, gerando uma simetria justa e perfeita, onde o erro há de ser menor; se entre tantos fatores houver apenas um desarranjado, é o bastante para nos destruir. Deus sabe como será grande a dificuldade para compreender a maioria dessas coisas: pois (por exemplo) como o médico descobrirá o verdadeiro presságio da doença, sendo toda enfermidade capaz de um número infinito de sintomas? Quanta dúvida e controvérsia há entre eles mesmos na interpretação das urinas? caso contrário, de onde procedem os ininterruptos debates que observamos sobre o reconhecimento das doenças? como poderíamos escusar os erros que eles tão amiúde cometem, tomando a raposa pela marta? Nas doenças que tive, embora fossem sempre casos de escassa complexidade, jamais encontrei três da mesma opinião: recorro a uma questão pessoal porque aprecio introduzir exemplos em que eu mesmo estou interessado.

Um cavalheiro de Paris foi recentemente operado das pedras por ordem dos médicos; sendo sua cuja bexiga seccionada adequadamente, lá não se encontrou mais pedras do que na palma de sua mão; e no mesmo lugar um bispo, que era meu amigo particular, fora seriamente pressionado pela maioria dos médicos a quem consultou, a também submeter-se à operação, sob a palavra deles: empreguei minha influência para persuadi-lo; quando ele estava inconsciente e aberto, constatou-se que ele não tinha moléstia alguma senão nos rins. Eles são menos desculpáveis por qualquer engano nesta doença, pela razão de que ela é de certa forma palpável; daí concludo ser a cirurgia muito mais correta, posto que ele vê e sente o que faz, e assim menos se deixa levar por conjeturas; considerando que os médicos não têm nenhum '*speculum matricis*' com o qual examinar nossos cérebros, pulmões e fígados.

Até mesmo as próprias promessas de medicina são em si mesmas inacreditáveis; pois, tendo de nos prevenir contra os diversos e contrários incidentes que constantemente nos afligem ao mesmo tempo, e que tenham praticamente uma relação

necessária, como o calor do fígado e o frio do estômago, eles precisarão persuadir-nos que um dos seus ingredientes aquecerá o estômago e o outro esfriará o fígado: um tem autorização para ir diretamente aos rins; mais ainda, sequer até a bexiga, sem espalhar suas ações pelo caminho e reter seu poder e virtude por todas essas voltas e meandros, sempre no lugar para cujo serviço é designado; por suas próprias propriedades ocultas ele vai secar o cérebro; isso umedecerá os pulmões.

De todo esse amontoado de coisas que são misturadas numa poção, não é uma espécie de loucura imaginar ou esperar que essas virtudes discrepantes haveriam de separar-se umas das outras dessa mistura confusa para executar tantas incumbências variadas? Eu teria muito receio de que elas se perdessem, trocassem as suas passagens e uma perturbasse a atividade da outra. E quem pode imaginar essas faculdades senão que, nessa confusão líquida, devem corromper, confundir e deteriorar umas às outras? E o perigo não será ainda maior quando a elaboração desse remédio é confiado à habilidade e fidelidade de outro, a cuja clemência novamente abandonamos nossas vidas?

Como temos parselhas e fabricantes de calções, distintos comércios para nos vestir, e são tão mais úteis, observando que cada um deles só se intromete com seu próprio negócio e tem menos para atormentar sua cabeça do que o alfaiate que tudo empreende; e como em matéria de dieta as pessoas de qualidade, para sua melhor conveniência e com a finalidade de serem mais bem servidos, têm cozinheiros para os diferentes ofícios, este para sopas e caldos, aquele para assados, em vez de um só profissional encarregar-se de todo o serviço, que não pode tão bem executar; assim também ocorre na cura de nossos males. Os Egípcios estavam certos em rejeitar esse comércio generalizado da medicina, subdividindo a profissão: para cada doença, para cada parte do corpo, seu profissional específico; pois aquela parte era tratada mais corretamente e com menor confusão, enquanto as pessoas não viam nada mais que aparências. Os nossos não estão informados de que cuidando de tudo não cuidam de coisa alguma; que a completa gestão deste microcosmo é mais do que eles podem empreender. Enquanto receavam interromper uma disenteria, para que não expusessem o paciente a uma febre, mataram um amigo meu [Estienne de la Boetie], que valia mais que todos eles.

Eles contrapesam suas próprias adivinhações com os males presentes; e como não conseguem curar o cérebro em prejuízo do estômago, injuriam ambos com suas dissensões e drogas tumultuárias.

Quanto à variedade e fraqueza da razão dessa arte, nela são mais manifestas do que em qualquer outra; os aperitivos medicinais são apropriados para um homem sujeito às pedras porque abrindo e dilatando as passagens ajudam a avançar a matéria viscosa de que de a pedra é constituída, e conduzem aquelas descendentes que começam endurecer e juntar-se nos rins; os aperitivos são perigosos para um homem sujeito às pedras porque abrindo e dilatando as passagens ajudam a própria matéria viscosa a avançar e criar o pedregulho nos rins, que por sua natural propensão tem habilidade de acumular, e não é de supor senão que o que foi carregado, lá terá de permanecer; além disso, se acontece do remédio encontrar qualquer coisa muito grande para ser carregada através de todas as passagens estreitas que deve atravessar para ser expelido, uma obstrução, seja lá o que for, sendo agitada por essas substâncias do aperitivo e lançada nessas passagens delgadas, vindo a parar, certamente ocasionará a morte mais dolorosa. Eles têm uma considerável uniformidade nas deliberações que nos dão acerca do regime de vida: é bom urinar freqüentemente; mas experimentalmente observamos que deixando-a por mais tempo na bexiga, damos tempo para dissolver o sedimento que se solidificará em uma pedra; é bom não urinar freqüentemente, pois os excrementos pesados que a urina carrega consigo não serão evacuados sem violência, como vemos por experiência que uma torrente que corre com força deixa o chão sobre o qual rola muito mais limpo do que em curso lento e indolente; assim, é bom ter freqüentes relações com mulheres, pois isso abre as passagens e ajuda a evacuar as pedras; mas também é muito ruim ter freqüentes relações com mulheres, porque isso aquece, fatiga e debilita os rins. É bom tomar freqüentes banhos de água quente, visto que isso relaxa e abranda os lugares onde as pedras e a areia se depositam; mas também é ruim porque essa aplicação de calor externo ajuda o rim a assar, endurecer e petrificar matéria tão predisposta. Para aqueles que tomam banhos é muito saudável comer pouco à noite, a fim que a água bebida na manhã seguinte possa operar melhor no estômago vazio; por outro lado, é melhor comer pouco no jantar, o que não impede a ação da água, embora não seja perfeita, e não oprimir o estômago logo em seguida com outro trabalho, mas deixar a função digestiva para a noite, quando será executada muito melhor do que durante o dia, enquanto o corpo e a alma estão em perpétua mudança e atividade. Assim, em todos os seus discursos eles iludem e gracejam à nossa custa; e não conseguem dar uma proposição contra a qual eu não possa levantar outra, contrária e de força equivalente. Não vamos concordar, então, que clamem contra aqueles que nos transtornos de suas doenças submetem-se à suave orientação do seu próprio apetite e o conselho da natureza, e consigná-los à fortuna comum.

Em minhas viagens conheci quase todos os banhos famosos da Cristandade, e desde alguns anos tenho feito uso deles: porque vejo o banho como geralmente saudável e acredito que sofremos não poucas inconveniências em nossa saúde tendo abandonando um costume que foi usualmente observado, em tempos anteriores, por quase por todas as nações, e ainda é em muitas, do banho diário; e não posso pensar senão que estamos muito pior, tendo nossos membros encrostados e nossos poros obturados de sujeira. Quanto a bebê-las, em primeiro lugar a sorte tem logrado que se tornem inaceitáveis para o meu paladar; em segundo lugar, elas são simples e naturais, pelo menos não trazendo consigo nenhum perigo, embora possam não nos fazer nenhum bem, da qual a infinita multidão de pessoas de todos os tipos e compleições que nela se refugiam levam-me a tomar uma garantia suficiente; e embora ali não tenha observado nenhum efeito extraordinário e milagroso, antes pelo contrário, tendo investigado isso mais estreitamente que o habitual, achei falsos e mal fundamentados todos os relatos de tais processos que se espalharam no estrangeiro, e aqueles que neles acreditam (as pessoas estão dispostas a ser embaidas naquilo que desejam) foram enganados; contudo eu raramente soube de qualquer efeito pior dessas beberagens, e um homem não pode honestamente negar que elas induzem um apetite melhor, ajudam a digestão e de alguma forma nos restabelecem; se não estamos atrasados demais e numa condição muito fragilizada, eu dissuadiria a todos de tomá-las. Elas não têm a virtude de alçar os homens de doenças crônicas e desesperadas, mas podem auxiliar em alguma indisposição leve ou prevenir alguma alteração

ameaçadora. Quem não traz consigo mesmo alegria para desfrutar o prazer da companhia daqueles que lá irá encontrar, dos passeios e exercícios aos quais a amenidade desses lugares nos convida, sem dúvida perderá a melhor e mais segura parte dos seus efeitos. Por isto tenho até agora escolhido visitar aqueles de condição mais agradável e onde há melhor conveniência de hospedagem, aprovisionamento e companhia, como os banhos de Bagnères na França, os de Plombières na fronteira entre Lorraine e a Alemanha, os de Baden na Suíça, os de Lucca na Toscana e especialmente os de Della Villa, que tenho freqüentado mais e nas mais variadas estações.

Cada nação tem convicções particulares concernentes aos seus costumes, regras particulares e métodos de empregá-las; em todos eles, de acordo com o que presenciei, praticamente com o mesmo resultado. Bebê-las não é recomendado em toda a Alemanha; os Alemães tomam banhos para todas as doenças e repousam chapinhando na água quase de sol a sol; na Itália, onde bebem durante nove dias, tomam banhos pelo menos por outros trinta, e geralmente bebem a água misturada com algumas outras drogas para fazê-la funcionar melhor. Aqui nos mandam caminhar para digeri-la; ali somos mantidos na cama depois de tomá-la até que seja expelida, o tempo todo são aplicados panos quentes em nossos pés e estômagos continuamente; e assim como os Alemães normalmente têm um hábito particular de empregar sangria [por meio de ventosas] e escarificação durante o banho, os Italianos têm o seu *'doccie'*, que é conduzir um fluxo dessa água quente através de canos e com ela banhar uma hora pela manhã e pouco mais à tarde, durante um mês inteiro, seja a cabeça, o estômago, ou qualquer outra parte onde o mal reside. Há outras infinitas variedades de costumes em cada país, ou, preferivelmente, não há nenhuma espécie de analogia entre um e outro. Por isto você pode observar que apenas essa estreita parte da medicina à qual me submeti, menos dependente da arte do que todas as outras, ainda tem em todos os lugares compartilhado da grande incerteza e confusão patentes na profissão.

Os poetas colocaram o que desejavam dizer com maior graça e ênfase; veja estes dois epigramas:

***“Alcon hesterno signum Jovis attigit: ille,
Quamvis marmoreus, vim patitur medici.
Ecce hodie, jussus transferri ex aeede vetusta,
Effertur, quamvis sit Deus atque lapis”***

“Ontem Alcon tocou a estátua de Jove; este, embora de mármore, sente a força do médico: hoje ordenou ser transferido do velho templo onde estava; é levado embora, embora seja um deus e uma pedra” [Ausônio]

***“Lotus nobiscum est, hilaris coenavit; et idem
Inventus mane est mortuus Andragoras.
Tam subitae mortis causam, Faustine, requiris?
In somnis medicum viderat Hermocratem:”***

“Andrágoras banhou-se conosco, ceou alegremente e pela manhã foi encontrado morto. Tu questionas, Faustino, a razão dessa morte tão súbita? Em seus sonhos ele tinha visto o médico Hermócrates” [Marcial]

O Barão de Caupene (em Chalosse) e eu temos entre nós padroado um domínio de grande extensão, no sopé de nossas montanhas, chamado Lahontan. São os habitantes desse cantão como disseram daqueles do Vale d'Angrougne: vivem de uma forma peculiar; seus hábitos, roupas e maneiras distintos das outras pessoas; são regidos e governados por certas leis e usos particulares transmitidos de pai a filho, aos quais se submetem sem outro constrangimento além da reverência ao costume. Esse pequeno estado havia continuado desde a antiguidade numa condição tão feliz que a nenhum juiz das redondezas jamais foi imposta a dificuldade de investigar suas ações; nenhum advogado foi contratado para lhes dar conselhos e nunca um estranho os chamou para reconciliar suas diferenças; nem jamais qualquer deles foi visto mendigando. Eles evitavam todas as alianças e tráfico com o mundo exterior, que poderiam corromper a pureza do seu próprio governo; até que, como eles contam, tendo um deles a mente estimulada por uma nobre ambição, teve a idéia de trazer crédito e reputação ao seu nome, fazendo de um dos seus filhos algo mais que o comum, e tendo-o colocado para aprender a escrever em uma cidade das vizinhanças, afinal fez dele um bravo tabelião de aldeia. Esse camarada, tendo assim adquirido certa distinção, começou a desdenhar seus antigos costumes e cochichar nos ouvidos das pessoas a pompa das outras partes da nação; a primeira peça que ele pregou foi aconselhar um amigo, a quem alguém havia ofendido serrando os chifres de uma de suas cabras, a fazer disso uma reclamação aos juízes reais; e assim ele foi de um a outro até perverter e desconcertar a todos. No rastro dessa corrupção, eles dizem, ocorreu outra e de piores conseqüências, através de um médico que, apaixonando-se por uma de suas filhas, teve a idéia de se casar e viver entre eles. Esse homem em primeiro lugar começou por ensinar-lhes os nomes de febres, resfriados e distúrbios; a localização do coração, fígado e intestinos, uma ciência até então completamente desconhecida para eles; e em vez de alho, com que eles tinham o hábito de curar toda sorte de doenças, por mais dolorosa ou extrema que fosse, ensinou-os a tomar misturas estranhas, conquanto tivessem apenas uma tosse ou qualquer pequeno resfriado, e começou não só a fazer comércio da saúde deles, mas também de suas vidas. Eles juram até então nunca haver percebido que o ar da noite era ofensivo para a cabeça; que beber quando tinham calor era prejudicial; que os ventos outonais eram mais insalubres que os da primavera; que, como esse uso da medicina, eles se achavam oprimidos por uma legião de doenças desacostumadas, perceberam uma decadência geral no seu antigo vigor, suas vidas encurtadas pela metade. Esta é a primeira das minhas histórias.

A outra é que estando anteriormente afligido pelas pedras, soube que o sangue de bode era por muitos levado em grande estima e visto como um maná celestial chovendo sobre estes tempos modernos pelo bem e preservação das vidas dos homens; e ouvi homens de entendimento falarem disso como uma droga admirável e de ação infalível; eu, que tenho sempre me considerado sujeito a todos os acidentes que podem suceder a outros homens, tive a idéia de guarnecer minha saúde perfeita

com esse milagre; então dei ordem para ter em casa uma cabra alimentada de acordo com a receita: porque ela deve ser aplicada no mês mais quente de todo o verão, comendo-se somente antepastos de ervas e bebendo vinho branco. Por casualidade cheguei em casa no mesmo dia em que ele seria sacrificado e alguém veio dizer-me que o cozinheiro havia encontrado duas ou três grandes bolas na pança do animal, e tagarelavam um com outro sobre o que ele tinha comido. Eu estava curioso para ver todas as suas entranhas diante de mim; então, fazendo que cortassem a membrana que as circundavam, de lá caíram três grandes caroços, leves como esponjas, de forma que pareciam ser ocos, mas quanto ao resto, duros e firmes, manchados e pintalgados em toda parte com diversas cores pálidas; um era perfeitamente esférico e do tamanho de uma bola comum; os dois outros algo menores, de uma imperfeita esfericidade, parecendo que não haviam alcançado seu pleno desenvolvimento. Inquirindo pessoas acostumadas a desventrar esses animais, descobri tratar-se de um acidente raro e incomum. Provavelmente são pedras da mesma natureza das nossas; neste caso, deve necessariamente ser uma esperança muito vã para aqueles que têm pedras obterem sua cura do sangue de uma besta que estava a ponto de morrer da mesma doença. Pois a dizer que o sangue não participa desse contágio e por isso não altera suas virtudes costumeiras, será preferível acreditar que nada é engendrado num corpo senão pela conspiração e comunicação de todas as suas partes: a massa inteira trabalha junto, embora uma parte contribua mais para o trabalho que outra, de acordo com a diversidade de operações; portanto é muito plausível que houvesse alguma qualidade petrificante em todas as partes dessa cabra. Não foi tanto por medo do futuro (e por mim mesmo) que fiquei curioso com essa experiência, mas porque ocorreu comigo, como sucede em muitas outras famílias em que as mulheres acumulam pequenas bugigangas para obsequiar as pessoas, empregando a mesma receita em cinquenta enfermidades diversas, a qual elas mesmas não tomariam, e ainda exultam quando acontece um bom resultado.

Quanto ao restante, respeito os médicos, não de acordo com o preceito da sua necessidade (pois a esta passagem poderia contrapor outra do profeta que reprova o Rei Asa por ter recorrido a um médico), mas por eles mesmos, sabendo haver muitos homens excelentes naquela profissão, e mais merecedores de afeição. Eu não os ataco; é sua arte que invecivo, e não os acuso tanto por se aproveitarem de nossa insanidade, pois a maioria dos homens faz a mesma coisa. Muitas profissões, de maior e ou menor dignidade que a sua, não têm nenhum outro fundamento ou apoio além de abusar do público. Quando estou doente eu os chamo se eles estão próximos, só para desfrutar a sua companhia, e remunero-os como fazem os demais. Permito que mandem conservar-me aquecido, porque naturalmente gosto de fazê-lo, e recomendem alhos-porros ou alface para o meu caldo; prescrevam-me vinho branco ou clarete; e assim para todas as outras coisas que são indiferentes ao meu paladar e costume. Sei muito bem que agindo assim eu nada faço por eles, porque severidade e estranheza são incidentes da própria essência da medicina. Licurgo ordenou vinho para os Espartanos doentes. Por quê? porque eles abominavam bebê-lo quando estavam bem; como um cavalheiro, vizinho meu, toma vinho como um excelente remédio para sua febre, porque ele odeia mortalmente o gosto daquilo. Quantos vejo entre aqueles do meu temperamento que menosprezam tomar seu próprio remédio, que são homens de dieta liberal e levam um tipo de vida bastante oposto ao que prescrevem a outros? O que é isso senão um modo maçante de abusar da nossa simplicidade? pois suas próprias vidas e saúde não são menos caras a eles do que as nossas são para nós, e conseqüentemente acomodariam suas práticas às suas regras, se não fizessem reconhecer o quão falsos são.

É o medo da morte e da dor, a impaciência com a doença, um violento e indiscreto desejo que uma cura se apresente, que tanto nos cegam: é a pura covardia que faz nossa convicção tão flexível e fácil de ser iludida: e a maioria dos homens ainda não acredita que tanto consentem e permitem; porque eu os ouço reclamarem assim como nós; mas afinal decidem: “o que eu deveria fazer então?” Como se a impaciência fosse por si mesma um remédio melhor que paciência. Há algum deles que tenha padecido para ser persuadido a essa miserável sujeição que não se rende igualmente a todos os tipos de impostura? quem não se submete à misericórdia daquele que tem o descaramento de prometer-lhe uma cura? Os Babilônios levavam seus doentes à praça pública; os médicos eram as pessoas: em cada uma que passava pela criatura a humanidade e civilidade obrigava a questionar a sua situação e dar algum conselho de acordo com sua própria experiência. Nós fazemos pouco melhor; não há mulher tão simplória de cujos mexericos e purgantes não fazamos uso: e conforme o meu humor, se necessitasse de um remédio, preferiria antes tomar os seus a qualquer outro, porque se não fazem nenhum bem, pelo menos não trarão nenhum prejuízo. O que Homero e Platão disseram dos Egípcios, que eram todos médicos, pode ser dito de todas as nações; não há sequer um homem em qualquer delas que não ostente alguma receita rara e que não a arriscaria sobre o seu vizinho, se ele deixasse. Eu estava outro dia acompanhado, não lembro por quem, quando alguém da minha fraternidade trouxe a informação de um novo tipo de pílula composta de cem ingredientes estranhos para nós: ele nos divertiu muito, e era uma singular consolação, pois qual pedra haveria de resistir a tão poderosa bateria? E ainda tive notícias daqueles que testaram aquilo: nem o menor átomo de pedregulho condescendeu mover-se.

Não posso levantar a minha mão do papel antes de acrescentar uma palavra relativa à garantia que eles nos dão da certeza das suas drogas, das experiências que fizeram. Na maior parte eu deveria dizer que dois terços das virtudes medicinais consistem na quintessência ou propriedade oculta da substância, da qual não podemos ter nenhuma outra instrução senão o uso e o costume; pois quintessência não é em nada diferente de uma qualidade cuja causa não podemos detectar através da nossa razão.

Em tais demonstrações, aqueles que pretendem ter obtido pela inspiração de algum demônio, fico feliz de receber (porque não me intrometo com milagres); e também as provas que são tiradas de coisas que, de alguma outra forma, freqüentemente caem em uso entre nós; como se talvez na lã que usamos para nos vestir acidentalmente descobrissem alguma oculta propriedade dessecante para curar frieiras, ou como se no rabanete que empregamos na alimentação fosse encontrada alguma função de aperitivo. Galeno relata que aconteceu de um homem ser curado de lepra bebendo vinho de um recipiente onde uma víbora por casualidade havia rastejado. Neste exemplo encontramos os meios e um guia muito provável e conducente a essa experiência, como também fazemos naqueles em que os médicos fingem ter sido orientados pelo exemplo de algumas bestas. Mas na maioria das suas outras experiências onde afirmam que foram bafejados pela fortuna, não tendo nenhum outro guia além da

oportunidade, acho inacreditável o progresso dessa informação. Suponha um homem olhando em volta de si mesmo o infinito número de coisas, plantas, animais, metais; não sei por onde ele começaria a tentativa; entretanto, sua primeira fantasia haveria de fixar-se no chifre de um alce, no que deve existir uma convicção muito fácil e flexível, ele ainda se verá mais perplexo em sua segunda operação. Há tantas moléstias e tantas circunstâncias ligadas a elas que antes de poder atingir a certeza do ponto no qual a perfeição da sua experiência deveria chegar, o sentido humano estará no fim da sua instrução: e antes que ele possa, entre essa infinidade de coisas, descobrir o que é esse chifre; entre tantas enfermidades, o que é a epilepsia; as muitas disposições de espírito em uma pessoa melancólica; as muitas fases do inverno; as muitas etnias entre os Franceses; os muitos estágios da velhice; as muitas alterações celestiais na conjunção de Vênus e Saturno; as muitas partes do corpo do homem, não, mesmo em um dedo; e não sendo em tudo isso dirigido nem por argumento, conjectura, exemplo ou inspiração divina, mas pelo mero e exclusivo mecanismo da fortuna, deve ser uma fortuna perfeitamente artificial, regular e metódica. E depois que a cura é alcançada, como ele pode se assegurar de que não foi porque a doença havia cumprido o seu período, ou resultado do acaso? ou a função de qualquer outra coisa que ele havia comido, bebido ou tocado naquele dia? ou em virtude das preces de sua avó? Além disso, sendo perfeita tal experiência, quantas vezes ela foi repetida, e esse longo rosário da sorte, e a conformidade de opiniões encadeada uma vez mais pela casualidade para deduzir determinada regra? E quando a regra é concludente, por quem é, eu lhe suplico? Entre tantos milhões de homens, há somente três que se ocuparam de registrar suas experiências: é preciso que a fortuna golpeie apenas um deles? Por que se outro, e cem outros, fizeram experiências contrárias? Nós talvez possamos lançar alguma luz sobre isso, eram todos os juízos e argumentos dos homens conhecidos por nós; mas que três testemunhas, três doutores, haveriam de sobrepujar toda a humanidade, é contra a razão: seria necessário que a natureza humana os houvesse delegado e eleito, e que eles fossem declarados nossos inspetores através de expressa procuração:

“Para Madame De Duras*.**

“Madame,

Na última ocasião em que me honrou com uma visita você me encontrou trabalhando neste capítulo, e como estas ninharias podem um dia cair em suas mãos, também vou nele testemunhar em quão grande reverência o autor tomará qualquer obséquio que lhe agrade demonstrar. Aqui você achará o mesmo ar e aparência que observou em sua conversação; e conquanto eu pudesse ter emprestado algumas roupagens melhores ou mais favoráveis que as minhas próprias, não teria feito isto: porque eu nada mais requeiro destes escritos, senão apresentar-me à sua memória como naturalmente sou. As mesmas condições e faculdades com que você foi agraciada para freqüentar e receber com muito mais honra e cortesia do que eles merecem, eu juntaria (mas sem alteração ou mudança) num único corpo sólido, que pode possivelmente continuar por alguns anos, ou alguns dias, depois que eu tenha partido; onde você pode novamente encontrá-los quando lhe agrada refrescar sua memória sem colocá-la em qualquer dificuldade maior; nem eles valem a pena. Eu desejaria que você continuasse me favorecendo com sua amizade, pelas mesmas qualidades através das quais ela foi adquirida.

“Eu não tenho tanta a ambição de que qualquer um deva amar-me e estimar-me mais morto do que vivo. O humor de Tibério é ridículo, mas ainda tão comum que era mais solícito de estender o seu renome à posteridade do que fazer-se aceitável entre os homens do seu próprio tempo. Se eu fosse um desses a quem o mundo pudesse dever encômios, distribuiria a metade disto para ter a outra em mãos; deixe que os seus elogios venham rápido e se aglomerem sobre mim, mais compactos do que longos, mais densos do que duradouros; e deixe-os cessarem, em nome de Deus, com meu próprio conhecimento deles, quando o doce som não mais puder perfurar meus ouvidos. Seria de um humor ocioso experimentar, agora que estou prestes a abandonar o comércio dos homens, oferecer-me a eles através de uma nova recomendação. Não faço conta alguma dos bens que não pude empregar no trabalho de minha vida. Assim como estou, ficarei em outro lugar além do papel: minha arte e indústria foram alguma vez orientadas para fazer de mim algo de bom; meus estudos ensinaram-me a fazer, não a escrever. Fiz deles todo o meu negócio para projetar a minha vida: foi este o meu comércio e o meu trabalho; sou menos um escritor de livros do que qualquer outra coisa. Desejei informar-me para atender minhas conveniências presentes e reais e não armazenar uma reserva para minha posteridade. Aquele que tem em si qualquer coisa de valor, deixe-o fazer isso transparecer em sua conduta, em seus discursos comuns, em seus namoros e nas suas disputas: no jogo, na cama, à mesa, na administração dos seus negócios, nas suas economias. Esses a quem vejo fazerem bons livros em calções rotos, primeiro haveriam de remendar os seus calções, se fossem governados por mim. Pergunte a um Espartano se ele é preferivelmente um bom orador ou um bom soldado: e se me fizessem a mesma pergunta, antes escolheria ser um bom cozinheiro, não tendo ninguém mais para servir-me. Meu Deus! Madame, como eu haveria de odiar a incumbência de ser um camarada habilidoso a escrever, e um asno e uma inanidade em tudo o mais! E ainda prefiro ter sido tolo aqui e ali do que ter feito tão má escolha no que empregar o meu talento. E estou tão longe da esperança de alcançar qualquer nova reputação por estas loucuras que me julgarei partir bem se por eles não perder nada daquele pouco que tive antes. Para além de onde esse quadro mudo e morto levarão o meu ser natural, não há nenhuma similaridade com a minha melhor condição, antes muito decaído do meu vigor e alegria anterior, enfraquecido e mirrado: estou no fundo do barril que começa a provar o sotavento.

“Quanto ao resto, Madame, eu não deveria ter ousado fazer-me tão seguro relativamente aos mistérios da medicina, considerando a estima em que você e tantos outros a têm, tanto que não tive encorajamento sequer dos seus próprios autores. Penso haver entre esses antigos escritores latinos apenas dois, Plínio e Celso aonde, se porventura chegarem às suas mãos, você verá que falam com muito mais severidade da sua arte do que eu faço; eu só a belisco, eles cortam a sua garganta. Plínio neles critica, entre outras coisas, o fato de ainda quando estão no fim da sua corda eles dispõem de um censurável dispositivo para se salvar, recomendando os pacientes a quem importunaram e atormentaram inutilmente com suas drogas e regimes, alguns às promessas e milagres, outros aos banhos quentes. (Não fique zangada, Madame; ele não se refere àqueles de nossa região, que estão sob a proteção de sua casa, e de todos os Gramontinos). Eles têm um terceiro meio de poupar seu próprio crédito, de livrar suas mãos de nós e afiançar-se das censuras que poderíamos lançar nos seus dentes com nosso pequeno reparo, quando por tanto tempo nos tiveram em suas mãos e não contam com o recurso de mais nenhuma solércia deixada para nos entreter, que é enviar-nos para os melhores ares de algum outro país. Isto, Madame, é o bastante; espero que você me dê licença para voltar à minha digressão, da qual tenho divagado tão longe para melhor entretê-la”.

*** [Marguerite de Grammont, viúva de Jean de Durfort, *Seigneur* de Duras, que foi morto perto de Leghorn, não deixando posteridade. Montaigne parece ter gozado de consideráveis condições de intimidade com ela, e ter-lhe oferecido alguns conselhos muito honestos e saudáveis com respeito às relações dela com Henrique IV]

Acho que foi Péricles quem, sendo perguntado como ia, respondeu: “Você pode julgar por isto”, mostrando alguns pequenos rolos de pergaminho que ele trazia amarrados sobre o pescoço e os braços, pelos quais ele certamente deduzia estar muito doente quando foi reduzido à necessidade de recorrer a tais garridismos fúteis e indolentes, e do sofrimento de estar assim equipado. Não me atrevo a prometer que um dia não seja tão tolo para submeter minha vida e minha morte à discricção e autoridade dos médicos; posso eventualmente cair em tal frenesi; não ousa ser responsável por minha futura constância: entretanto, se alguém pergunta como vou indo, também posso responder como Péricles: “Você pode julgar por isto”, e mostrar minha mão apertando seis dracmas de ópio. Será um sintoma muito evidente de uma violenta enfermidade: meu juízo estará muito desordenado; se uma vez o medo e a impaciência adquirirem tal primazia sobre mim, pode-se muito bem concluir que há uma febre terrível em minha mente.

Tenho me afligido para advogar esta causa, que compreendo indiferentemente, em certa medida auxiliado e amparado pela natural aversão às drogas e à prática da medicina que herdei dos meus antepassados, com o propósito de que ela não seja uma vulgar repulsa, estúpida e inconsiderada, mas tenha um pouco mais de disposição; e também que não me vejam tão obstinado em minha resolução contra todas as exortações e ameaças que serão oferecidas, quando minha enfermidade pressionar mais severamente, possam pensar que não é mera teimosia minha; ou tão malvados para julgar que isso constitui motivo de glória: pois seria uma estranha ambição procurar alcançar distinção através de um procedimento que meu jardineiro ou meu cavaliário podem executar tão bem quanto eu. Certamente não tenho um coração assim inflado e tempestuoso para substituir algo de prazer tão sólido quanto a saúde por um deleite etéreo e imaginário: a glória, mesmo aquela dos Quatro Filhos de Aymon, é muito cara quando comprada por um homem do meu temperamento, se lhe custassem três animados ataques de pedras. Dê-me saúde, em nome de Deus! Tal como aprecio nos médicos, eles também pode ter boas, numerosas e convincentes considerações; não odeio as opiniões contrárias à minha: estou muito longe de zangar-me ao ver discrepâncias entre o meu julgamento e o de outras pessoas, tornando-me inadequado à sociedade dos homens, sendo de outra percepção e interesse além dos meus; pelo contrário (o caminho mais habitual que a natureza segue é variado, e mais em almas do que em corpos, visto que ela é dotada de uma substância mais flexível e mais suscetível às disposições), acho muito mais raro ver que nossos humores e desígnios mudem repentinamente e venham a concordar. E nunca houve no mundo duas opiniões similares, não mais que dois fios de cabelo ou duas sementes: a qualidade mais universal é sua diversidade.

Compilado por
Roberto B. Cappelletti
Setembro, 2005